



JOSÉ DONOSO
O OBSCENO
PÁSSARO
DA NOITE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

JOSÉ DONOSO
O OBSCENO
PÁSSARO
DA NOITE

José Donoso

O OBSCENO PÁSSARO
DA NOITE

Tradução
Remy Gorga, filho



FRANCISCO ALVES

José Donoso
O OBSCENO PÁSSARO DA NOITE

Tradução de REMY GORGA, FILHO

COLEÇÃO LATINO-AMÉRICA

Coordenadores
Bella Jozef
Eliane Zagury
Flávio Moreira da Costa

LIVRARIA FRANCISCO ALVES EDITORA S.A.
1979

Copyright © 1970 e 1977 by José Donoso

Título Original: *El Obsceno Pájaro de la Noche*

Todos os direitos desta tradução reservados à
LIVRARIA FRANCISCO ALVES EDITORA S.A.

Rua Sete de Setembro, 177 — Centro
20.050 — Rio de Janeiro — RJ.

Não é permitida a venda em Portugal e países de língua portuguesa.

Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*

para
MEUS PAIS

Every man who has reached even his intellectual teens begins to suspect that life is no farce; that it is not genteel comedy even; that it flowers and fructifies on the contrary out of the profoundest tragic depths of the essential dearth in which its subject's roots are plunged. The natural inheritance of everyone who is capable of spiritual life is an unsubdued forest where the wolf howls and the obscene bird of night chatters.

HENRY JAMES SR.,
writing to his sons Henry and William.

DONA RAQUEL RUIZ chorou muitíssimo quando Madre Benita lhe contou pelo telefone que Brígida tinha amanhecido morta. Depois consolou-se um pouco e quis saber de mais detalhes:

— Amalia, aquela mulherzinha vesga que às vezes a servia, não sei se se lembra dela...

— Claro, a Amalia...

— Pois bem, como ia dizendo, a Amalia preparou-lhe a xicrinha de chá bem forte, como ela gostava de noite, e contou que a Brígida adormeceu em seguida, tranquila como sempre. Parece que antes de se deitar tinha estado cerzindo uma linda camisola de cetim creme...

— Ai, ainda bem que me disse, madre, por Deus! De pena, estava me esquecendo. Peça para embrulhá-la e que a Rita a deixe na portaria. É a camisola de noivado de minha neta Malu, a que se casou há pouco, lembra-se que lhe contei. Na lua de mel, ela a rasgou no fecho da mala. Sempre gostei de levar trabalhinhos assim para a Brígida, para que a coitada se distraísse um pouco e ainda se sentisse parte da família. Ninguém como ela para estes trabalhos delicados. Tinha uma mão...!

Dona Raquel pagou o funeral: velório na capela da Casa de Exercícios da Chimba, onde a Brígida passou seus últimos anos, com missa solene para as quarenta asiladas, as três freiras e as cinco orfãzinhas, assistida por seus filhos, noras e netas. Como se tratava da última missa que se celebraria na capela antes de ser execrada pelo Arcebispo, e demolida a Casa, rezou-a o Padre Azócar. Em seguida, sepultamento no mausoléu dos Ruiz, como ela sempre lhe havia prometido. O mausoléu, infelizmente, estava muito cheio. Mas, com alguns telefonemas, Dona Raquel decidiu que, fosse como fosse, arranjassem jeito de dar lugar à Brígida. A certeza de que Dona Raquel cumpriria sua promessa de deixá-la descansar sob aquele mármore fez com que os últimos anos da pobre velha transcorressem bem tranquilos: sua morte foi *como uma pequena chama que se apagou*, segundo a retórica antiquada mas comovedora da Madre Benita. Dentro de algum tempo, claro, seria necessário

efetuar a redução dos restos sepultados no mausoléu: tantos bebês dos tempos em que não havia remédio nem para a membrana, uma *mademoiselle* morta longe da pátria, tios solteirões cujas identidades já se tornavam confusas, para encerrar aquela miscelânea de ossos em uma caixinha que ocupasse pouco espaço.

Tudo saiu tal como Dona Raquel determinou. As asiladas ficaram toda a tarde me ajudando a decorar a capela com cortinados negros. Outras velhas, íntimas da finada, lavaram o cadáver, pentearam, meteram-lhe a dentadura na boca, vestiram-no com a mais bela roupa de baixo e, lamentando-se e choramingando enquanto deliberavam sobre a toalete final mais adequada, decidiram-se pelo vestido de jérsei cinza e o xale rosado, aquele que a Brígida guardava embrulhado em papel de seda e usava todos os domingos. Arranjamos à volta do caixão as coroas de flores enviadas pela família Ruiz. Acendemos os círios. Assim, com uma patroa como Dona Raquel, vale a pena ser criada! Que senhora tão boa! Mas quantas de nós têm a sorte da Brígida? Nenhuma. Na semana passada mesmo, olhem só a coitada da Mercedes Barroso: um rabecão da Beneficência Pública, que nem sequer era pintado de preto, veio levar a coitada da Menche, e nós mesmas, sim, parece mentira que nós mesmas, tivemos que colher uns gerânios vermelhos no pátio da entrada para adornar o caixão, e seus patrões, que por telefone viviam prometendo mundos e fundos à coitada da Menche, espere, mulher, espere, tenha paciência, no verão será melhor, não, quando a gente voltar do veraneio, porque você não gosta de praia, lembre-se como você passa mal com o ar do mar, quando a gente voltar, você vai ver, vai ficar encantada com o chalé novo e o jardim, tem um quarto ideal para você em cima da garagem... e estão vendo, os patrões da Menche nem apareceram na Casa quando ela morreu. Pobre Menche! Tão infeliz! E tão divertida para contar anedotas sujas, quantas sabia. Ninguém sabe de onde as tirava. Mas o enterro da Brígida foi diferente: teve coroas de verdade, com flores brancas e tudo, como devem ser as flores para os enterros, e até com cartões de visita. A primeira coisa que a Rita fez quando trouxeram o caixão foi passar a mão por baixo para ver se aquela parte estava bem envernizada como nos caixões de primeira de antigamente: eu a vi franzir a boca e dar sua aprovação com a cabeça. Bem acabadinho, o caixão da Brígida! Até nisso Dona Raquel cumpriu a palavra. Não nos decepcionou em nada. Nem a carruagem puxada por quatro cavalos negros

ajaezados com mantas e penachos de plumas, nem os carros reluzentes da família Ruiz alinhados ao longo da calçada, esperando pela saída do cortejo.

Mas o cortejo ainda não pode sair. No último momento, Dona Raquel se lembra que na sua cela há uma bicicleta um pouco estragada, mas com um pequeno conserto pode ficar ótima para dar de presente a seu jardineiro no dia de São Pedro e São Paulo, ande, Mudinho, vá com seu carro e traga-a para que o meu chofer a ponha no bagageiro da camioneta e assim aproveito a viagem.

— Então não pensa em vir nos ver mais, Dona Raquel?

— Vir vou ter que vir, quando Inés voltar de Roma.

— Teve notícias de Dona Inés?

— Nenhuma. Ela não gosta de escrever cartas. E agora que não tem mais o velho assunto da beatificação e que Jerónimo assinou a transferência da capelania dos Azcoitía ao Arcebispado, deve estar com o rabo entre as pernas e nem postais vai mandar. Se fica mais tempo em Roma, só por milagre encontra esta Casa em pé.

— O Padre Azócar esteve me mostrando os projetos da Cidade dos Meninos. São maravilhosos! Precisava ver os janelões! Os planos até que me consolaram um pouco... que esta tenha sido a última missa na capela.

— Histórias do Padre Azócar, Madre Benita! Não seja tão inocente! É um padrego politiqueiro, dos piores. Esta propriedade, que Jerónimo Azcoitía transferiu ao Arcebispo, é muito, mas muito, muito valiosa. Cidade dos Meninos! Aposto que depois da demolição loteiam tudo isto e vendem, e o dinheiro se evapora. Meu Deus, como o Mudinho está se demorando, madre, e a Brígida esperando que a gente a enterre! Onde terá se demorado? Claro que a Casa é muito grande, a gente se demora pelas galerias e corredores até chegar à cela onde estão guardados os meus cacarecos, e o Mudinho é magro e doente. Mas estou cansada, quero ir enterrar a Brígida, quero ir embora, tudo isto me abala muito, é uma vida toda que eu enterro, coitada da Brígida, só uns anos mais velha que eu, meu Deus, e eu, para cumprir minha promessa, cedi a ela meu nicho no mausoléu para que ela vá apodrecendo em meu lugar, aquecendo o nicho com seus despojos, para que os meus, quando desalojarem os seus, não se intumescam, não sintam medo; ceder-lhe meu nicho por enquanto foi a única maneira de cumprir minha promessa, porque até parentes a quem a gente não cumprimenta mais há anos reclamam não sei que direitos de serem

sepultados no mausoléu, mas agora não tenho medo que tirem meu lugar, ela está ali, reservando-o para mim, aquecendo-o para mim com seu corpo como quando antes mantinha minha cama pronta, e com uma boa bolsa de água quente, para me deitar cedo quando chegava cansada das correrias no inverno. Mas quando eu morrer ela terá que sair do meu nicho. Que é que posso fazer? Sim, sim, Brígida, vou contratar advogados para que tirem os direitos desses parentes, mas duvido que a gente ganhe as ações... você terá que sair. Não por culpa minha. Já não será minha responsabilidade, Brígida, quem sabe o que vão fazer com a gente depois de morta. Não pode dizer que eu não me portei bem com você, fiz todas as suas vontades, mas tenho medo, porque quando tirarem você de lá não sei o que farão com seus ossos, que aí já não interessam a mais ninguém... nem eu sei em quantos anos mais vou morrer, felizmente tenho saúde muito boa, veja bem que neste inverno não passei um só dia de cama, nem um único resfriado, Madre Benita, nada, a metade dos meus netos gripados e minhas filhas telefonando para que, por favor, vá ajudar, em suas casas até as empregadas estão doentes...

— Que sorte! Aqui, quase todas as asiladas caíram de cama. Claro, nesta Casa tão fria, e caro como está o carvão...

— Veja só. É o cúmulo! Falam tanto da Cidade dos Meninos e olhe a miséria em que as mantêm. Vou lhes mandar uma ajudinha quando for à fazenda. Não sei como foram as colheitas deste ano, mas alguma coisa mandarei para que se lembrem da coitada da Brígida. Coube a bicicleta, Genaro?

O chofer senta-se ao lado de Dona Raquel. Agora podem partir: o cocheiro encarapita-se na carruagem, a nora veste as luvas de dirigir, os cavalos negros batem as patas inquietos, lacrimejam os olhos das velhas que saem à calçada, encapuzadas, tiritantes, tossindo, para despachar o cortejo. Antes que Dona Raquel dê a ordem de partida, eu me aproximo de sua janela e lhe entrego o pacote.

— Que é isto?

Espero.

— A camisola da Malu! Meu Deus! Se este pobre homenzinho não se lembra, eu me esquecia e teria de voltar com o cortejo outra vez. Obrigado, Mudinho, não, não, espere, mande o Mudinho esperar madre, tome, para o cigarro, para seus vícios, tome. Toque a buzina, Genaro, o cortejo pode sair. Adeus, então, Madre Benita...

— Adeus, Dona Raquel...

— Adeus, Brígida...

— Adeus...

Quando o último carro desaparece ao dobrar a esquina, nos entramos, Madre Benita, eu, as velhas que se vão dispersando murmuradoras em direção aos pátios. Fecho o portão com tranca e chave. Rita fecha a anteporta de vidros estremecidos. Uma velha atrasada recolhe uma rosa branca das lajotas da portaria e, bocejando, cansada de tanta excitação, prende-a no coque antes de perder-se nos corredores para alcançar suas amigas, seu prato de sopa aguada, seu xale, sua cama.

NAS VOLTAS de uma galeria, pararam diante da porta que fechei com duas tábuas pregadas em cruz. Eu já havia afrouxado os pregos para que fosse fácil tirar as tábuas e elas subissem ao outro andar. As órfãs tiraram os pregos e as tábuas e ajudaram a Iris Mateluna a subir. Vá, barriguda, é que eu tenho medo, a escada não tem corrimão, faltam degraus, tudo range com o peso desta gorda. Sobem devagar, estudando onde pôr o pé para que não desabe tudo, procurando apoio para içar a Iris até o andar de cima. Faz dez anos que Madre Benita me mandou condenar essas portas para esquecer definitivamente essa região da Casa, não voltar a limpá-la e arrumá-la porque já não temos mais forças, Mudinho; é melhor que se estrague sem nos preocupar. Até que as cinco meninas, aborrecidas de andar por toda a Casa sem nada para fazer, descobriram que essa porta podia ser aberta para escalar até as galerias enclausuradas que circundam os pátios pelo andar de cima, vamos subir, meninas, não tenham medo, medo de quê, se é dia, vamos ver o que tem, que é que vai ter, nada, sujeira como em toda Casa, mas pelo menos tem graça porque é proibido andar por aí, dizem que isto pode desmoronar. Eliana recomenda silêncio para não serem vistos lá de baixo, embora hoje o perigo seja pouco, pois todas estão reunidas na portaria despedindo-se da Brígida. Mas era melhor não se expor, Madre Benita não anda boa, façam alguma coisa útil, meninas teimosas, recolham isto, ajudem a lavar este monte de colheres e pratos porque agora vão fazer leilão, dobrem os guardanapos, contem, vão varrer, comecem a lavar, lavem pelo menos suas roupas, vocês andam fedorentas de sujeiras, não fiquem só brincando... shshshshshsh, meninas shshshshshsh... cuidado, depois

castigam a gente...

Circundam um pátio e logo outro até chegar à porta que a Eliana empurra: um quarto com vinte catres de ferro enferrujado, alguns desarmados, outros sem pernas, sem rodinhas, remendos nos arames dos estrados, dispostos em duas fileiras contra as paredes como os catres dos internatos. Duas janelas idênticas: altas, estreitas, de parapeito amplo, vidros pintados de cor de chocolate até a altura de uma pessoa para que ninguém possa ver o que há lá fora a não ser essas grandes nuvens veladas pela tela e os barrotes. Também afrouxei os pregos com que eu mesmo havia enclausurado essas duas janelas. As órfãs já sabem abri-las e as abriram a tempo de despedir-se da carruagem da Brígida puxada por quatro cavalos empenachados, seguida por nove carros, conta Eliana, oito, Mirela, não, nove, não, oito, não, nove, e quando o cortejo desaparece os garotos do bairro voltam a invadir a rua com suas correrias atrás da bola. Boa, Ricardo! Chuta, Mito! Corre, corre à toda, Lucho, passe, agora, chuta, vamos, gol, goooooool, esganiçado gritinho da Mirela que comemora o gooooooooool dos seus amigos e aplaude e acena para eles.

Iris ficou para trás, sonolenta no fundo do dormitório, sentada em um estrado. Boceja. Folheia uma revista. As órfãs fazem caretas para os transeuntes, falam gritando com os amigos, sentam-se no parapeito, riem de uma senhora que passa, bocejam. Quando começa a escassear a luz, Iris chama Eliana.

— Que queres?

— Você prometeu que me lia esta do Pluto com o Popeye.

— Não. Me debes o pagamento de duas lidas.

— Esta noite vou ficar com o Gigante para naná. Amanhã te pago.

— Amanhã te leio, então.

Eliana volta a agarrar-se aos barrotes da janela. Começam a acender-se os lampiões da rua. Na casa da frente uma mulher abre sua sacada. Enquanto penteia o cabelo comprido e retinto, olhando a rua, liga o rádio, rat-tat-tat-tatat-tat-tatat, estridências sincopadas de guitarras elétricas e vozes fanhosas invadem o dormitório, levantam a Iris do estrado, põem-na de pé entre as duas fileiras de catres ao ouvir babalú, babalú ayé, agora, dance para nós, Gina, as orfãzinhas a encorajam, vamos, com um movimento de égua faz caracolear as longas ondas do seu cabelo, requebrando-se entre os catres, êxtase nos olhos revirados igual às artistas que

saem nas fotonovelas, já não tenho preguiça, não estou bocejando mais, quero dançar como essa artista que se chamava Gina e que vivia num convento de freiras ruins, naquela novela da Corín Tellado que a Eliana me leu. Iris para. Procura nos bolsos. Tira um batom arroxado e pinta os lábios: sua macia carne infantil transforma-se em carne crua quando pinta a boca com esse horrível lápis escuro. Agora, Gina, vamos, dance, e avança dançando entre as duas fileiras de catres, requebre bem requebrada, assim, assim, mais, mais. No parapeito, Eliana está acendendo dois círios que roubou da câmara ardente da Brígida: ela só pode ajudar, é criança, os meninos da rua não a chamam aos gritos, mas a Iris, ela não tem tetas para mostrar nem coxas a exhibir. Manda as outras órfãs para a janela do lado e ajuda a Iris a subir no parapeito.

— Olhe, Gina, o Gigante chegou.

— Grita pra ele que vou sair quando as velhas forem dormir.

— Os garotos querem que você dance.

Fica só na janela iluminada. Requebra-se. Avançando os peitos, cinge a suéter com uma longa carícia que percorre todo o corpo e acaba arregaçando a saia para mostrar as coxas grossas, de carne vibrante, enquanto com a outra mão levanta o cabelo, franzindo os lábios como se fosse beijar com louca paixão. Na rua, o grupo que se vai juntando sob o lampião aplaude. A mulher que está se penteando na sacada em frente aumenta o volume do rádio, apoiando os cotovelos no parapeito para olhar. Iris começa a andar, lentamente, no princípio, só esfregando uma coxa contra a outra, agitando-se inteira ao ritmo do babalú desenfreado depois, e girando, o cabelo revoltado, os braços estirados, as mãos abertas como se buscassem algo ou alguém, girando outra, outra vez, encurvando-se, estirando-se, joga para trás a cabeça, a cabeça e todo o cabelo derramado para a frente depois, gira toda sintonizada ao ritmo do rock, do *frug*, sei eu o que é aquilo, desde que dance, requebrando-se para mostrar as coxas e as calcinhas sujas e as tetas bamboleando-se, a língua ardente que também procura, dançar no parapeito para que a aplaudam e o pessoal da rua a festeje gritando é isto, Gina, filhinha, é isto aí, filhinha linda, mexa bem suas tetas, requebre as cadeiras, pegue fogo na Casa, com a gente junto. E o Gigante, com a enorme cabeça de cartão-pedra, vai ao meio da rua para dançar como se dançasse com a Iris, e a Iris se dobra, mexe a cintura e requebra e se agita e grita lá de cima, encerrada em sua gaiola iluminada pelos círios, suspensa em um flanco da Casa,

dançando como uma Virgem que tivesse enlouquecido em seu nicho. O Gigante vai até a calçada da frente para chamá-la: Gina, Gina, desça pra gente fazer naná, chama você, garoto, ela não me ouve porque estou fechado aqui dentro desta horrorosa cabeça de cartão-pedra.

— É pra você descer, Gina!

— Escuta, Eliana, pergunta ao Gigante que foi que me trouxe de presente hoje, senão, não desço.

— Dinheiro não, está dizendo, mas tem cinco revistas de Corín Tellado e um batom usado, mas bom, com estojo de ouro.

— Deve ser dourado, de ouro são muito caros.

— Não recebas porcarias, Iris, não seja burra. Tens que tirar grana dele pra me pagares as lidas.

— Se não lês pra mim, a Mirela me lê, não me importo.

— Mas você gosta é como eu te leio, porque vou contando a história e explicando bem, porque senão, não entendes nada. Eu tenho você aqui, Iris Mateluna, aqui, porque se eu não leio pra ti e explico bem as fotonovelas da Corín Tellado e as histórias do Pato Donald, morres de chateação nesta Casa de merda...

Agarra-se aos barrotes para olhá-lo: é ele, os olhos redondos do tamanho de dois pratos, o riso que não muda porque nunca se zanga, ele é bom, fazemos um belo naná e ele me chama de Gina, a sobancelha arqueada para segurar com as rugas da testa o ridículo chapeuzinho... é ele, quer casar-se comigo porque gosta do jeito como eu faço o naná, vai me levar ao cinema pra ver os filmes das artistas que se mexem sozinhas e falam sem que a chata da Eliana tenha que ler nada, o Gigante vai me levar a um desses edifícios altos que a gente vê no centro para que eu dance num concurso e tire o prêmio, dizem que dão pintura para o rosto à garota que dança melhor e depois eles põem retratos dela em todas as fotonovelas e a boba da Eliana e a senhora Rita e o Mudinho e a Madre Benita e as meninas e todas as velhas vão me ver retratada nas fotonovelas quando eu sair.

— Com que vais me pagar se o Gigante não te dá dinheiro hoje? Iris encolhe os ombros.

— Porque tens que me pagar antes que te cases, escuta, senão, te entrego aos polícias que levaram teu papai, pra que eles te cobrem, e se não pagas, vão te levar presa também. Com as duas revistas das que o Gigante vai te dar hoje e o batom, fico paga.

— Você pensa que sou burra? Uma revista e umas duas

pintadas, e olha lá...

— Feito. Mas me dás o estojo do batom quando se acabar.

— Feito.

MADRE BENITA permanece na portaria, por um segundo, muito quieta, as mãos juntas e os olhos fechados. Rita e eu esperamos que se mexa, que abra os olhos, e os abre e se mexe e me faz um sinal para que a siga. Já sei que tenho de segui-la encurvado e trêmulo, arrastando meu carrinho, como se fosse seu filho débil mental arrastando um brinquedo. Sei para o que quer que a siga. Temos feito tantas vezes: limpar o que a morta deixou. Que repartisse suas coisas entre as amigas, disse Dona Raquel, não, entre suas companheiras, disse, como se isto fosse um colégio de moças, não quero ver o quarto da Brígida, madre, por Deus, não quero, não quero examinar nada nem ver nada, não, lá não pode ter nada de valor, não quero ver nada, estou lhe dizendo, faça o que quiser com as coisas, Madre Benita, dê de presente, estas velhas tão pobres vão ficar felizes com qualquer lembrança da Brígida; era tão querida aqui na Casa.

Sigo-a pelos corredores arrastando a plataforma sobre quatro rodas, onde ponho escovas, baldes, panos, espanadores. No pátio da cozinha um grupo de velhas, à volta da Madre Anselma, descasca batatas em um panelão... que beleza o funeral da Brígida... o casaco de pele de Dona Raquel, estilo princesa, dizem que está na moda outra vez... o cocheiro tinha bigodes, não sei se fica bem deixarem os cocheiros das carruagens de primeira usarem bigode. Parece falta de respeito... assunto para meses, outro grupo de velhas, mais adiante, já esqueceu do funeral, já esqueceram da Brígida, estão jogando bisca sobre um caixão de açúcar. Cuidado com esse degrau, madre, é degrau, não é sombra, e saímos em outro pátio que não é o pátio onde a Brígida morava. Então é preciso continuar por outros corredores, um, outro quarto vazio, fileiras de quartos vazios, mais portas abertas ou fechadas, dá no mesmo que estejam abertas ou fechadas, outros quartos que vamos atravessando, os vidros quebrados e empoeirados, a penumbra grudada às paredes ressequidas, onde uma galinha bica o tijolo secular buscando grãos. Outro pátio. O pátio da lavanderia, onde não se lava mais, o pátio das freirinhas, onde não mora mais nenhuma freirinha, porque agora só restam três freirinhas, o pátio da palmeira, o pátio da tília,

este pátio sem nome, o pátio da Ernestina Gómez, o pátio do refeitório, que ninguém usa porque as velhas preferem comer na cozinha, pátios e claustros infinitos ligados por corredores intermináveis, quartos que nunca mais tentaremos limpar, embora até há pouco a senhora dizia sim, Mudinho, com escovas e espanadores e panos e baldes e sabão, um desses dias, quando tivermos tempo, vamos limpar tudo, porque isto está um lixo. Cuidado, madre, eu a ajudarei, façamos a volta por esses escombros, melhor por este corredor que termina em outro pátio, em um nível diferente, para cumprir funções esquecidas, aberto a quartos onde as teias de aranha abafam as ressonâncias e a galeria onde ficaram presos os ecos de mortes que não deixaram notícia, ou serão ratos e gatos e galinhas e pombas perseguindo-se entre as ruínas desta muralha que não se acabou de demolir.

Passo à frente da Madre Benita. Paro junto a um grupo de casinholas de lata, tábuas, papelão, de galhos, frágeis e acinzentadas, como se fossem construídas com as cartas manuseadas que as velhas usam em jogos antiquíssimos. A senhora tentou tantas vezes convencer as velhas a dormirem nos quartos. Há uma centena de quartos, bons, grandes, todos vazios, escolham os que quiserem, no pátio que quiserem, eu e o Mudinho os arrumaremos para que fiquem cômodos; não, madre, temos medo, são muito grandes e os tetos muito altos e as paredes muito grossas e aí pode ter morrido ou rezado muita gente e isso dá medo, são úmidos, ruins para o reumatismo, são escuros e vastos, espaço demais, e nós não estamos acostumadas a quartos com tanto espaço porque somos criadas acostumadas a morar em quatinhos pequenos cheios de objetos, nos fundos das casas de nossos patrões, não, não Madre Benita, obrigada, preferimos estas casinholas frágeis, construídas ao resguardo dos corredores porque queremos estar o mais perto possível umas das outras para sentir outra respiração na casinhola do lado e o cheiro de folhas velhas de chá e outro corpo parecido ao da gente agitando-se em outra insônia do outro lado do tabique e as tosses e os peidos e os arrotos e os pesadelos, que importa esse frio que se coa pelas ranhuras das tábuas mal ajustadas desde que estejam juntas apesar da inveja e da cobiça, apesar do medo que vai apertando nossas bocas desdentadas e franzindo nossos olhos remelentos, juntas para ir à capela ao entardecer em bandos porque dá medo ir só, agarradas umas aos farrapos das outras, pelos claustros, pelos corredores como túneis

que não acabam nunca, pelas galerias sem luz onde talvez uma traça me roça o rosto e me faz gritar porque tenho medo que me toquem na escuridão quando não sei quem me toca, juntas para espantar as sombras que se dependuram das vigas e avançam espreguiçando-se ante nossos olhos quando a penumbra começa. E aqui está a velha rabugenta que pinta as sobrancelhas com carvão. E aqui está Amalia, boa tarde, Amalia, não fique triste, espere-me aqui, quero falar com você depois que terminar de arrumar a casinhola da Brígida, não, não, obrigada, o Mudinho vai me ajudar como sempre, olhe, está abrindo o cadeado da toca da Brígida. E a Rosa Pérez, capaz de alvoroçar um pátio inteiro com suas intrigas. Boa tarde, Carmela, sim, virão buscá-la, espere, mulher, mas faz dez anos que você espera e ninguém vem, dizem que o Rafaelzinho alugou uma casa que tem um quarto vazio, este cabelinho que eu guardo aqui, olhe só, Madre Benita, é dele, do menino, de quando eu o criava, louro como barba de milho e sem água de camomila como outros, era assim antes que começasse a escurecer, pena que agora, dizem, está careca, telefonei outro dia para ele, mas a senhora nova que ele tem me disse para chamá-lo outro dia, espere, Carmela, mas Carmela espera o que todas esperam com as mãos cruzadas sobre a saia, olhando fixamente através dos grânulos de resina acumulados nos olhos, para ver se enxergam isso que avança e cresce e começa a tapar-lhe a luz um pouquinho no princípio, quase toda a luz, e depois toda, toda, toda, toda, toda, trevas de repente onde não se pode gritar porque na escuridão não se pode gritar para pedir auxílio e a gente se afunda e se perde nas trevas repentinas uma noite qualquer como anteontem à noite a Brígida. E enquanto esperam, as velhas varrem um pouco como fizeram toda a vida ou cerzem, ou lavam ou descascam batatas ou o que haja para descascar ou lavar, sempre que não se precise de muita força porque força já não têm, um dia igual ao outro, uma manhã repetindo a anterior, uma tarde arremedando as de sempre, tomando sol sentadas na calçada de um claustro, espantando moscas que se cevam em suas babas, em suas verrugas, os cotovelos cravados nos joelhos e o rosto coberto com as mãos, cansadas de esperar pelo momento em que nenhuma acredita que espera, esperando como têm esperado sempre, em outros pátios, junto a outras pilastras, atrás dos vidros de outras janelas, ou se entretêm colhendo gerânios vermelhos para enfeitar o caixão de madeira em que levaram a Mercedes Barroso, para que não se vá sem sequer

uma flor a pobre Menche, embora sejam apenas estes gerânios empoeirados, meu Deus, como era divertida quando dançava essas danças que a Iris Mateluna lhe ensinou, *frug*, rock, e as outras órfãzinhas e mesmo nós marcando o compasso com palmas para que dançassem juntas, a Iris e a Menche... pobre Menche... muito gorda, a Mercedes Barroso deve ter morrido numa noite igualzinha à que vai começar agora.

Me afasto um pouco para que a senhora entre. Aqui só cabem a penteadeira de espelho e o catre de bronze. A desarrumação dos lençóis é tão pouca que ninguém adivinharia que uma mulher agonizou neles há quarenta e oito horas. Aqui a Brígida continua viva. Este conjunto é ela ainda, mantém viva a outra Brígida enquanto seu corpo começa a apodrecer: esta ordem peculiar, estes objetos que foi gastando com suas preferências ou suas manias, esta intenção de elegância, olhe, Madre Benita, como ela colocou as palmas do Domingo de Ramos num ângulo da gravura da Anunciação, como recobriu com papel de presente de Páscoa a garrafa de Coca-Cola que usava como vaso. Retratos da família Ruiz. Santos. Suas mãos delicadíssimas foram capazes de reconstruir os bordados de umas casulas que o Padre Azócar levou porque disse que eram do século XVIII, muito valiosas para deixá-las abandonadas nesta Casa, a única coisa de valor que há aqui Madre Benita, o resto é tudo lixo, incrível que a oligarquia deste país tenha sido incapaz de não reunir aqui outra coisa que não imundície. E sobre a penteadeira a senhora apalpa com a ponta dos dedos, sem mexer os objetos, a fila perfeita formada pelo dedal, o alfineteiro, a lixa, a tesourinha, as pinças, o *polissoir*^[1] para as unhas, tudo em ordem sobre a toalha branca, fresca, engomada. A senhora e eu viemos esquartejar essa Brígida viva, Madre Benita, reparti-la, queimá-la, expulsar, eliminar a Brígida que quis perdurar na ordem de seus objetos. Apagar seus rastros para que amanhã ou depois nos mandem outra velha, que começará a odiar este lugar à sua maneira, um pouco diferente mas inconfundivelmente sua, que irá assumindo sua agonia. Substituirá a Brígida como a Brígida substituiu... não me lembro como se chamava aquela velha silenciosa, de mãos deformadas pelas verrugas, que morava nessa casinhola antes da Brígida...

A notícia de que Madre Benita já começou a limpar a toca da Brígida espalha-se pela Casa. Acodem velhas de outros pátios para bisbilhotar. Madre Benita jamais dá preferência às pedinchonas e

por isso, no princípio, elas não se aproximam muito: marombando, caladas, ou murmurando, passam e voltam a passar frente à porta, aproximando-se pouco a pouco mais e mais. Alguma se atreve a parar um segundo: sorri angelicalmente para a senhora, pisca para mim um olho e eu pisco para ela o olho do Mudinho. Passam cada vez mais lentamente frente à porta até que quase não se mexem, grudadas como moscas a uma gota de calda vão escurecendo a entrada, sussurrantes, lentas, clamorosas, até que a senhora me pede que as afugente, mande-as embora, Mudinho, mande-as embora, por Deus, deixem a gente trabalhar em paz, depois nós as chamamos. Elas afastam-se um pouco. Sentam-se pelos cantos do corredor, ao pé das pilastras, as mãos inquietas na saia, olhe o acolchoado de cetim azul da Brígida, dizem que é de pura pena, a quem irão dá-lo, eu acho que Dona Raquel vai levar essas coisas boas para sua casa, olhe o rádio, Zunilda, aposto que vão mandá-lo a um leilão porque os rádios são caros, eu gostaria de ter rádio como a Brígida, porque ela ficava na cama aos domingos, para ouvir a missa cantada da Catedral, e eu gostaria de ouvir missa na minha cama algum domingo quando fizer frio. E esse xale negro, olhe aqui, Clemencia, esse é o xale negro que eu falei a você outro dia, não sabe, o que a senhorita Malu deu a ela no aniversário e ela não usou nunca porque, não sabe, a Brígida não gostava de preto... deve estar novinho...

A senhora envolve as manchas e os odores da agonia que ninguém presenciou nos lençóis da defunta: para lavar. Eu tiro os dois forros do colchão e os levo ao corredor para deixá-los arejar. A senhora arranca o oleado que protege o colchão da ferrugem corrosiva do estrado: uma gaiola de arames, dentro se escondem animais, gordos, chatos, grandes, moles, quadrados, disformes, dezenas, centenas de pacotes, caixas de papelão amarradas com fitas, novelos de cordão ou de lã, saboneteira quebrada, um pé de sapato, garrafa, quebra-luz amassado, touca de banho framboesa, tudo aveludado, homogêneo, quietíssimo sob o pó suave que cobre tudo com seu pelo frágil, suave, que um movimento mínimo como o piscar ou respirar poderia difundir pelo quarto afogando-nos e cegando-nos e, então, os animais que repousam sob as formas momentaneamente mansas de trapos amarradinhos monte de revistas velhas, varetas de guarda-sol, caixas, tampas de caixas, pedaços de tampas de caixa, se mobilizariam para nos atacar. Mais e mais pacotes sob a cama, e olhe, Madre Benita, também debaixo

da penteadeira, entre a penteadeira e o tabique e atrás da cortina do canto, tudo escondido, justo onde a vista não alcança.

Não fique assim, com as mãos caídas. Desconhece esta Brígida que domou o pó e a inutilidade? Esta Brígida desconcertada? Ah, Madre, a senhora não sabe, mas essa velha tinha mais voltas que esta Casa: o alfineteiro, a tesourinha, o *polissoir*, a linha branca, sim, tudo ordenado à vista de qualquer um sobre a toalha branca. Muito comovedor. Agora, porém, de repente, a senhora tem que encarar a esta outra Brígida não oficial, a que não se exibia sobre a toalha engomada, rainha das asiladas com seu funeral de rainha, que desde a limpeza de seus lençóis bordados, com suas mãos perfeitas e seus olhos afáveis, mandava só em insinuar, ordenava com um queixume ou um suspiro, mudava o rumo de vidas com o movimento de um dedo, não, a senhora não a conhecia nem poderia conhecer, o olhar da Madre Benita não penetra debaixo das camas nem nos esconderijos, é preferível tolerar, servir, permanecer deste lado, ainda que isso signifique matar-se trabalhando como a senhora se matou durante anos entre estas velhas decrépitas, nesta Casa condenada, rodeada de imbecis, de doentes, de miseráveis, de abandonadas, de verdugos e vítimas que se confundem e se queixam e têm frio e fome, que a senhora se desespera por remediar, enlouquecem-na com a anarquia da velhice dona de todas as prerrogativas..., pobres velhinhas, é preciso fazer algo por elas, sim, a senhora se matou trabalhando para não conhecer o outro lado da Brígida.

Suspira ao se inclinar para tirar de debaixo do estrado um pacote quadrado feito com papel manilha, amarrado com um cordãozinho. Empurro-o com um pano e arriscamos os nossos narizes porque o quartinho se enche de penugem. A senhora começa a desembulhar o pacote: um cartão desses em que antes vinham montados os retratos de estúdio, com guirlandas em realce e a assinatura do fotógrafo gravada a ouro num canto, mas sem a fotografia. Levo o papel e o cartão para o centro do pátio para iniciar a pilha de lixo que será fogueira. As velhas chegam com a intenção de esgravatar para se apoderar do que encontrem, mas é pouco, muito pouco. Nada. Claro, isto apenas começa. E vai ser bom. Porque a Brígida era rica. Milionária, dizem. É só questão de esperar um pouco mais. As velhas continuam nos vigiando postadas em seus lugares no corredor ou passeando.

Tudo o que a senhora encontra está amarrado, empacotado,

envolto em alguma coisa, dentro de outra coisa, roupa andrajosa envolta em si mesma, objetos rachados que se quebram ao desembrulhá-los, a asa de porcelana de uma xicrinha de café, galões dourados de uma faixa de Primeira Comunhão, coisas guardadas pelo afã de guardar, empacotar, amarrar, conservar, esta população estática, reiterativa, que não comunica seu segredo à senhora, Madre Benita, porque é muito cruel para que a senhora tolere a noção de que a senhora e eu e as velhas vivas e as velhas mortas e todos nós estamos envolvidos nestes pacotes dos quais a senhora exige que signifiquem algo porque a senhora respeita os seres humanos, e se a pobre Brígida fez tantos pacotinhos, reflete Madre Benita refugiada no sentimental, foi para levantar uma bandeira dizendo quero preservar, quero salvar, quero conservar, quero sobreviver. Mas eu lhe garanto, madre, que a Brígida tinha métodos mais complexos para assegurar sua sobrevivência... pacotinhos, sim, todas as velhas fazem pacotinhos e os guardam debaixo de suas camas.

Vamos abrir os pacotes, Mudinho, podem ter alguma coisa importante, algo que... é incapaz de concluir sua frase porque teme amarrar com ela uma ideia que careça de coerência, e, em vez disso, começa a jogar o jogo de supor que desatando nós, desamarrando trapos, abrindo envelopes e caixas, vai encontrar alguma coisa que vale a pena salvar. Não, tudo para o lixo. Trapos e mais trapos. Papéis. Algodão escurecido com o sangue de uma ferida antiga. Envoltório e mais envoltório. Não está vendo, Madre Benita, que o importante é embrulhar, que o objeto embrulhado não tem importância? Vou amontoando lixo no pátio. Zumbe o enxame de velhas escarvando, brigando por uma rolha, uma perinha de bronze, os botões guardados em uma caixa de chá, uma palmilha para sapato, a tampa de uma lapiseira. Às vezes limpamos a toca de uma asilada recém-morta e entre suas coisas aparece um objeto que reconhecemos: esta argola preta de madeira para pendurar cortinas, por exemplo, é a mesma que jogamos no lixo na semana passada quando a Mercedes Barroso morreu, e ela, por sua vez, a havia resgatado sem motivo, para nada, dos despojos de outra morta, e essa de outra e de outra e de outra...

A velha desdentada que me piscou o olho experimenta a touca de banho framboesa requebrando-se ao som dos aplausos das outras. Dora desfaz os restos de uma suéter comida por traças, anovelando a lã crespa e juntando pedaço com pedaço para lavá-la

e tecer um casaquinho para a criança que vai nascer. Este pacote: este. A senhora vai ficando tensa, impaciente, tem que ser este pacote o que contém a chave para saber o que a Brígida quis dizer. Este. Quer abri-lo? Bem. Sim, Mudinho, abri-lo com respeito, porque a Brígida o embrulhou para que eu compreendesse, não, Madre Benita, não, não se engane, a Brígida fez esse pacote e os outros porque tinha medo. Foi rainha, verdugo, ditadora, juiz, mas amarrava coisas e as guardava como todas as velhas. Sei que a senhora está implorando que este pacote contenha algo mais que lixo. Tira o papel pardo e o joga fora. Aparece outro papel, mais fino, enrugado, rasga-o, deixa-o cair ao chão. Para que continua abrindo e rasgando envoltórios, este de tafetá-maçã, sob um envoltório de papel jornal — Roosevelt e Fala^[2] e o sorriso de Stalin a bordo de um navio — se já sabe que não encontrará nada? Esta ombreira de algodão cinza era o que dava maciez e volume ao pacote. Escarva, desfaz a ombreira com as unhas apressadas e deixa cair o algodão. Fica um pacotinho duro que a senhora segura entre o indicador e o polegar. Tira a capa de linho embolorado e aperta um pouco... sim, sim, Deus meu, há algo dentro, algo duro, definido, esta unidade que apalpo ansiosa. Seus dedos se entorpecem desfazendo o linho: uma bola de papel prateado. Parte-a, arrebenta-a: o papel prateado transforma-se em escamas sobre a palma estendida de sua mão que treme. Vou soprar essas escamas para que se dispersem mas a senhora consegue apertar o punho a tempo arrebatando-as ao meu sopro, e seus dedos, em um segundo, reconstituem a bola prateada. Arredonda-a, endurece-a com a ansiedade de seus lamentáveis gestos. Olha para ela. Olha para mim, convidando-me a reconhecer, eu também, a unidade do que reconstitui. Caminha até a porta. As velhas se detêm, calam: seus olhos seguem a trajetória de seu braço e, logo, o arco da bolinha brilhante ao cair. Correm para lançar-se ao montão de lixo em busca daquilo prateado que sulcou o ar. É certo que voltaremos a encontrar essa bolinha entre os despojos de outra morta.

Por que cobre o rosto com as mãos, madre? Foge correndo pelos corredores, pelas galerias, pelos pátios, pelos claustros, as velhas seguindo-a, pedindo-lhe, as caras nodosas, os olhos implorantes e remelentos, uma voz opaca porque o cachecol protege sua boca de um frio imaginário, de um contágio imaginário, outra voz áspera de tanto fumar, de tanto tomar chá fervendo para aquecer o corpo hirto de frio, mãos estendidas para tocar-lhe o hábito, para retê-la,

para prendê-la pelo avental mescla, por uma das mangas, não se vá, mãe, eu quero o catre de bronze, para mim seus óculos que às vezes me emprestava porque eu não tenho óculos e gosto de ler jornais ainda que sejam velhos, um cobertor para mim porque sinto muito frio de noite, até nas noites de verão, eu era sua amiga, ela gostava mais de mim, eu era sua vizinha da direita, eu da esquerda, eu cortava suas unhas até as unhas dos pés e também os calos porque quando eu era jovem trabalhava de manicura, gostava muito mais de mim do que da Amália, que cobrava caro para lavar sua roupa, tenazes com dedos de madeira me seguram os braços, bocas enrugadas exigem coisas que não sei o que são, eu sou viúva, a tesourinha era minha, olhe o cabelo do Rafaelzinho, Mãe Benita, que pena que o menino esteja careca agora e até gordo dizem que ficou, uma agulha que lhe emprestei no outro dia mesmo, e eu um crochê, e eu uns botões. Estas mãos ressequidas têm mais força que as minhas, dedos que crescem como galhos para me reter, seus rogos e ladainhas me amarram, para mim, para mim, Mãe Benita, eu quero, eu preciso, por que não me dá o chá que sobrou da Brígida, olhe que sou muito pobre, não, a ela não, para mim, me dê, essa tem fama de ladrona, não se descuide com as coisas, olhe que ela pode roubá-las, me dê, para mim, velhas de vozes macias como bolas de pelúcia que a necessidade ou a ambição alvoroçam, unhas quebradiças, roupa imunda que lhe cai do corpo, corpos horríveis de velhice me empurram contra este tabique de vidros quebrados, a chave, abro, saio, fecho. Faço girar a chave por fora. Tiro-a e a coloco no bolsinho do avental. Finalmente, meu Deus! Ficaram prisioneiras atrás da porta, acumulando pó. Pelos buracos dos vidros quebrados assomam seus braços, seus rostos descompostos pelas caretas... apaga-se o rumor de suas vozes implorando.

2

AS VELHAS, EM pares ou em grupos, vão abandonando a cozinha como se partissem, não para dormir, mas para reincorporar-se à escuridão. No âmbito da cozinha cheia de bancos, mesas de mármore engordurado, sobras de comida, pilhas de panelas como monumentos de fuligem e gordura nas pias entupidas, as vozes, como as brasas, vão se extinguindo à medida que passam as horas e os minutos que não passam.

As últimas a partir eram sempre as seis que se sentavam à mesa mais próxima do calor da cozinha, junto à Brígida, um grupo de íntimas que eu via sempre revoltear em torno da Iris Mateluna, oferecendo-lhe doces e revistas, entretendo-se em lhe fazer penteados extravagantes como em uma boneca. Eu me sentava um pouco mais além, na mesma mesa. Escutando o ronronar sempiterno de suas vozes, ia adormecendo até que depois de tomar o último gole de chá deixava cair a cabeça sobre os braços cruzados na mesa. Eu as ouvia comentar coisas: uma delas machucou o pé com uma pedrinha, a Brígida informava que Dona Raquel recebeu um postal de Dona Inés vindo de Roma, alguma adivinhação cem vezes repetida, ou uma história para entreter a Iris, sentada no colo da Rita, que a envolvia com a ponta de seu xale.

Naquela noite, não me lembro qual delas, repetia mais ou menos esta história:

Era uma vez, faz muitos, muitos anos, um grande senhor muito rico e muito piedoso, proprietário de grandes extensões de terra em todo o país, de montanhas no norte, bosques no sul e lavouras na costa, mas acima de tudo de ricas fazendas irrigadas na comarca limitada ao norte pelo rio Maule, perto de São Xavier, Cauquenes e Vila Alegre, onde todos o reconheciam como cacique^[3]. Por isso, quando vieram os maus tempos, anos de colheitas miseráveis, calor e seca, animais envenenados e crianças, que nasciam mortas ou com seis dedos na mão, os olhos dos camponeses se dirigiram ao cacique em busca de alguma explicação para tanta desgraça.

Este senhor tinha nove filhos varões que o ajudavam a cuidar de suas terras, e uma filha mulher, a menor, a luz de seus olhos e a

alegria de seu coração. A menina era loira e risonha como o trigo maduro, e tão prendada que sua habilidade para os trabalhos da casa chegou a lhe dar fama na região inteira. Costurava e bordava com perfeição. Fabricava velas com o sebo que a fazenda produzia e cobertores com a lã. E no verão, quando as vespas zumbiam gulosas sobre a fruta passada, o ar do arvoredor ficava azul e picante com o fogo que seus empregados acendiam sob os tachos de cobre, onde mexia amoras, abóboras, marmelos e cerejas, transformando-as em doces para regalar o gosto dos homens de sua casa. Aprendeu estas imemoriais artes femininas de uma velha de mãos deformadas pelas verrugas que, quando sua mãe morreu de parto, ficou encarregada de cuidar dela. Terminada a última refeição do dia, depois de dirigir a mesa onde o pai e os irmãos cansados sentavam-se com botas empoeiradas, ela, mimosa, beijava-os um por um antes de se retirar pelo corredor iluminado pela vela com que sua aia a guiava, para dormir no quarto que dividiam.

Talvez pelos privilégios que a ligação com a menina granjeou a sua aia, ou porque, como não encontrassem explicação para tanta desgraça, era preciso culpar alguém e os maus tempos produzem más ideias, começaram a circular rumores. O cavaleiro deve ter dito ao queijeiro ou o queijeiro ao cavaleiro ou ao hortelão ou à mulher ou à sobrinha do ferreiro. De noite, grupos de peões murmuravam acorados junto às fogueiras armadas atrás do chiqueiro, e se percebiam alguém se aproximar, calavam-se de repente. O rumor se espalhou lentamente mas se espalhou, até que dele tiveram conhecimento os peões e os pastores dos cerros mais distantes da fazenda: dizia-se, dizia-se que diziam ou que alguém tinha ouvido dizer quem sabe onde, que nas noites de lua voava pelo ar uma cabeça terrível, arrastando uma longuíssima cabeleira cor de trigo, e a cara dessa cabeça era a linda cara da filha do patrão... cantava o pavoroso tué, tué, tué dos caburés, bruxaria, malefício, por isso as desgraças incontáveis, a miséria que afogava os camponeses. Sobre as secas várzeas onde os animais agonizavam inchados pela sede, a cabeça da filha do patrão ia agitando enormes orelhas nervudas como as asas dos morcegos, seguindo uma cachorra amarela, verrugosa e esquelética como sua aia, que guiava o caburé até um lugar que os raios do astro cúmplice apontavam mais além das colinas: eram elas as culpadas de tudo, porque a menina era bruxa, e bruxa a aia, que a iniciou também nestas artes, tão imemoriais e femininas como as mais inocentes de preparar

guloseimas e tomar conta da casa. Dizem que foram os próprios peões da fazenda que começaram a murmurar, seguidos pelos peões das propriedades vizinhas, que contavam aos que viviam mais distantes e, estes, ao se dispersarem, depois da vindima ou da trilha, espalharam os rumores por toda a comarca, até que ninguém mais duvidou que a filha do cacique e sua aia mantinham toda a região enfeitiçada.

Certa noite, em um rancho, o irmão mais velho levantou-se muito cedo da cama da mulher com quem fazia amor, para voltar à casa de seu pai a uma hora decente. Ela gritou para ele da confusão de cobertas aquecidas por seu corpo:

— Aposto que sua irmã ainda não chegou em casa. As bruxas voltam quando o galo canta e começa a clarear...

Ele surrou-a até a boca sangrar, até que confessasse tudo. Depois de ouvi-la, castigou-a mais. Correu às casas da fazenda para contar a seu segundo irmão e depois a outro e a outro, e os nove irmãos, em grupos ou isolados, se resignaram a aceitar que o rumor era apenas uma mentira nefasta que manchava a todos. O terror entrava desde a intempérie dos miseráveis ao âmbito resguardado da casa dirigida pela irmã em quem era impossível ver senão uma menina inocente e feliz. Não deviam acreditar. Bastava não aceitá-lo. E deixaram de falar do assunto. Entretanto, voltavam cabisbaixos do trabalho diário, sem vender animais na feira nem se lembrar de recolher a colheita antes que caísse a chuvarada. Já não bebiam mais livre e alegremente como antes, porque os reprimia o temor de que o vinho lhes soltasse a língua frente ao pai, que não devia saber de nada.

Apesar disso, todos juntos, algumas vezes, e depois que decidiram que era mentira, sozinhos, cada um por sua conta, como se escondendo dos outros para que não fossem supor que aceitavam, pelo menos, uma pontinha da verdade naqueles rumores, os irmãos costumavam ficar, à noite, à porta do quarto da menina. Ouviam sempre a mesma coisa. Dentro, a irmã ria com a aia e contava adivinhações ou cantavam um pouco, e depois as ouviam rezar ladainhas e terços até sentir que apagavam as velas e dormiam. Jamais ouviram outra coisa e jamais deixaram de ouvir a repetição de tudo. Não acontecia nada. Era só uma ilha feminina nessa casa de homens, inacessível para eles, mas não perigosa. Quando, então, saíam para fazer as incursões de que as acusavam? Depois de algum tempo de vigilância, convencidos da falsidade dos boatos, foram

contá-los ao pai para que castigasse os culpados pela difusão de tamanha intriga. O cacique, louco de raiva e dor, interrogou a filha: os olhos da menina permaneceram tão claros, ao responder com negativas às acusações que sua inocência não conseguia compreender, que o pai se acalmou, e sentando sua mimosa nos joelhos, pediu-lhe que cantasse alguma coisa. O irmão mais moço, já sorridente, pegou a guitarra para acompanhá-la:

*Ao mar me atiraria por uma rosa
mas temo a água que é perigosa
repiquem as campanas com o badalo
senão, o coração vira chocalho.*

No quarto ao lado os irmãos decidiram que seria sábio esperar uns dias, mas que, sem dúvida, era necessário desfazer-se da aia, porque se houvesse culpa essa seria sua, ao envolver com sua presença equívoca a inocência da menina. Que importância tinha, além disso, sacrificar uma velha desconhecida se isso liquidava o assunto de forma limpa? Foram, então, dormir com o ânimo tranquilo depois de muito tempo de vigilância. À uma da madrugada um peão bateu à porta do quarto do cacique:

— Patrão, patrãozinho, lá fora estão a cachorra amarela e o caburé...

E fugiu antes que o cacique, brandindo seus arreios, aparecesse em roupa de dormir, vestindo um poncho, à porta do quarto, gritando para acordar os filhos, para acordar todo mundo, que vestissem, que corressem, que os peões encilhassem e montassem e saíssem... os dez homens deixaram para trás uma poeirada na noite galopando através dos campos, perguntando, procurando, escutando, não fossem perder o caburé e a cachorra, e esta oportunidade única para descobrir a verdade. Um uivo distante mudava o rumo do tropel para o bosque. Um grasnido, uma pedra que rolava por uma ladeira, fazia-os subir montanhas, procurando em covas que podiam servir de entrada à gruta das bruxas. Desciam ao rio porque o latido de um cachorro, que podia ser a cachorra amarela, conduzia-os até lá, mas não era, não era nunca a cachorra amarela, então o galo cantou e veio a aurora e deixou de ser a hora das bruxas e os dez homens tiveram que regressar às casas da fazenda abatidos pela derrota. Ao chegar perceberam uma agitação de folhas nas parreiras:

— Agarrem-na, agarrem-na, é a cachorra amarela que quer entrar em casa; não deve estar longe o caburé.

E os dez homens se precipitaram sobre ela para cercá-la como em uma topeadura e impedir-lhe a passagem, para apanhá-la e açoitá-la e matá-la ali mesmo, os cavalos empinados e os arreios voando, a cachorra perdida na poeira dos cascos que não conseguiram impedir que se esquivasse deles e se perdesse na luz imprecisa da alvorada. Ordenaram aos peões que a buscassem. Que a encontrassem custasse o que custasse, porque a cachorra era a aia e a aia era a bruxa. Que não se atrevessem a voltar sem a cachorra amarela. Que a matassem e trouxessem o seu couro.

O cacique, seguido pelos filhos, forçou a porta do quarto da menina. Ao entrar, gritou e abriu os braços de modo a que seu amplo poncho ocultasse imediatamente dos olhos dos outros o que só seus olhos viram. Trancou a filha no quarto ao lado. Só então permitiu que os outros entrassem: a velha jazia imóvel em seu leito, besuntada com unguentos mágicos, os olhos revirados, respirando como se dormisse, ou como se sua alma houvesse deixado o corpo. Do lado de fora, a cachorra começou a uivar e a arranhar a janela:

— Está aqui, matem-na ou mato todos vocês...

A cachorra não uivou mais. A menina chorava no quarto onde o pai a deixou fechada.

— Aia, aiazinha! Não a matem, papai, não a matem, deixem-na voltar a seu corpo. Se não a matarem, juro que confesso tudo...

— Cale-se. Você não tem nada que confessar.

Saíram ao pátio para reconhecer o couro ensanguentado. Não foi difícil agarrá-la, parecia cansada, aninhando-se trêmula sob a janela da menina: isso foi o que afirmaram os peões enquanto os dez senhores examinavam o couro da cachorra amarela. Agora não restava mais nada a não ser desfazer-se do corpo da bruxa. Não estava nem viva nem morta. Podia continuar sendo perigosa: enterrar o corpo de uma bruxa costuma envenenar léguas e léguas de boa terra de lavoura, de modo que é preciso desfazer-se dela de outra maneira, disse o cacique. Mandou que amarrassem o corpo da malfeitora a uma árvore e a açoitassem até que despertasse e todos ouvissem a confissão de seus crimes. O corpo lacerado sangrou, mas nem os olhos nem a boca da bruxa se abriram, embora não deixasse de respirar, suspensa em uma região diferente da vida e da morte. Então, como já não restava outra coisa a fazer, derrubaram a árvore a machadadas. E os nove irmãos com seus peões e os peões das

fazendas vizinhas levaram o corpo da bruxa ao Maule^[4] e o atiraram à água, amarrado ao tronco para que não afundasse.

O cacique ficou em casa. Uma hora depois de acalmada a gritaria daquela gente, partiu com a filha para a capital. Internou-a em um convento para que as freiras cuidassem dela: ninguém, nunca mais, nem mesmo seus nove irmãos que a queriam tanto, voltaram a vê-la.

Enquanto isso, pela margem do Maule, teve início uma cavalgada, para acompanhar o corpo que flutuava rio abaixo. Se o viam aproximar-se da margem, afastavam-no com varas. Quando a corrente parecia arrastá-lo para o centro do caudal, atraíam-no com ganchos. De noite, com os mesmos ganchos, seguravam o corpo da bruxa na margem enquanto desencilhavam os cavalos, acendiam o fogo, comiam qualquer coisa, e estendendo-se em cobertores e ponchos, antes de dormir, contavam histórias de bruxas e assombrações e outros monstros com cujas caras se disfarça o medo em tempos ruins. Contaram o que sabiam das bruxas, o que se murmurava há muitas gerações, que alguém disse certa vez a um avô que era preciso beijar o sexo do cabrito para poder participar das orgias das bruxas, e falaram do medo, do de antes e do de agora e do de sempre, e caía o silêncio, e para afugentar as figuras que teimavam em aparecer na noite, felicitavam-se porque, por sorte, desta vez, as bruxas não conseguiram roubar a linda filha do cacique, pois era isso o que queriam, roubá-la para costurar os nove orifícios do corpo e transformá-la em monstro, porque, para isso, para transformá-los em monstros as bruxas roubam os pobres inocentes e os guardam em suas grutas embaixo da terra, com os olhos costurados, o sexo costurado, o cu costurado, a boca, as narinas, os ouvidos, tudo costurado, deixando crescer neles o cabelo e as unhas das mãos e dos pés, imbecilizando-os, pior que animais, os pobres, sujos, piolhentos só capazes de dar pulinhos quando o cabrito e as bruxas bêbadas ordenam que dancem... o pai de alguém, certa vez, havia falado com alguém que dizia que uma vez viu um monstro desses e que o medo paralisou todo um lado de seu corpo. Uivava um cachorro. Voltava a cair o silêncio sobre as vozes assustadas. Os olhos dos peões semiadormecidos brilhavam quando as chamas da fogueira venciam as sombras das abas de seus chapéus de palha.

Montaram cedo na manhã seguinte. Soltaram as amarras do tronco e durante todo o dia, sob forte sol e pelas nuas colinas da

costa, seguiram o curso do corpo da bruxa rio abaixo. De casario em casario foi correndo a notícia de que, finalmente, levavam a bruxa, que a região ficaria livre de malefícios, que as mulheres teriam partos normais e não haveria inundações, e à medida que avançava a cavalgada uma legião de colonos foi-se unindo a ela. Antes que caísse o sol, perceberam que o mar estava próximo. O rio se alargou, assossegando-se. Apareceu uma ilhota. Bancos de areia suavizaram as ribeiras. A água, em vez de verde, era cinzenta, até que, longe, avistaram pedras negras e a linha branca das ondas da barra.

Os nove irmãos numa lancha, com ganchos e cordas, arrastaram a bruxa até a barra: as correntes a haviam desvestido e confundido andrajos e cabelos. Os peixes que mordiscaram sua carne boiavam mortos ao redor da lancha. O tropel de peões a pé e a cavalo, colonos, meninos com seus cachorros, vizinhos e curiosos subiu à colina frente ao mar. Muito tarde, o vento que soprava em seus ponchos trouxe o berro de triunfo dos nove irmãos: finalmente, tinham conseguido que o corpo da bruxa ultrapassasse a montanha de ondas vertiginosas e que o mar o tragasse. Ficou apenas um ponto que se foi dissolvendo sobre o mar dourado do poente. Lentamente a cavalgada se dispersou no caminho de regresso. Cada um voltou a seu povoado ou a seu rancho, tranquilo agora e com o medo apaziguado porque finalmente os maus tempos na região se acabariam.

Disse que naquela noite, na cozinha, as velhas, não me lembro qual delas, tanto faz, estavam contando *mais ou menos* esta fábula, porque a ouvi tantas vezes e em versões tão contraditórias, que todas se confundem. Algumas variantes afirmam que os irmãos não eram nove, mas sete ou três. Mercedes Barroso contava uma versão na qual os peões aterrorizados ante a fúria do cacique mataram uma cachorra qualquer para mostrar-lhe o couro, e que, assim, a verdadeira cachorra amarela ficara viva. Só o essencial, porém, permanece sempre imutável: o largo poncho paternal cobre uma porta e sob sua discrição esconde a personagem nobre, retirando-a do centro da história para desviar a atenção e a vingança da peonada para a velha. Esta, uma personagem sem importância, igual a todas as velhas, um pouco bruxa, um pouco alcoviteira um pouco parteira, um pouco chorona, um pouco curandeira, uma criada sem individualidade e iniciativa, substitui a moça no papel principal da fábula, expiando ela só a tremenda culpa de estar em

contato com poderes proibidos. Esta fábula, espalhada por todo o país, é originária das terras do sul do Maule, onde os Azcoitía mantêm seus feudos desde a colonização. Inés, é claro, porque, no final das contas, tem sangue Azcoitía pelo lado da mãe de sua mãe, sabe também uma versão desta história. Peta Ponce deve tê-la contado quando Inés era menina. Em sua mente horrorizada, ela separou, e certamente esqueceu, a fábula da menina-bruxa da outra face da mesma lenda: essa orgulhosa tradição familiar que os Azcoitía conservam: ter uma menina-beata que morreu em odor de santidade, enclausurada nesta Casa no começo do século passado e cujo processo de beatificação foi um fracasso tão estrondoso que até os comentaristas de rádio e jornal fazem pouco dele. Mas a fábula continua vivendo nas vozes das avós camponesas que, inverno após inverno, repetem-na, alterando-a um pouquinho de cada vez, para que os netos, aconchegados junto ao braseiro, aprendam o que é o medo.

Aqui mesmo, na cozinha da Casa, tantas vezes se contou essa história que a Iris dormiu de chateação na saia da Rita, chupando o polegar. Já está crescida para isso, não é Rita, é preciso tirar-lhe esse costume tão feio, dizem que pondo pimenta no dedo se tira, ou cocô, cocô de cachorro... não, não, deixem a coitada que isso vai passar, não veem que os primeiros meses da gravidez são os piores, andam cansadas, sonolentas, com a barriga cheia de gases, incham suas pernas, ficam vermelhas, e até varizes aparecem, olhem as pernas da Iris, gordas sempre foram, mas agora, parece que o elástico das meias vai cortar seus tornozelos.

Eu não estava dormindo. Mas não levantei a cabeça dos braços cruzados sobre a mesa ao ouvir que a Iris ia ter um filho, porque também não a teria levantado se houvessem repetido que os emplastros de batata são melhores que os emplastros de fumo para a dor de cabeça, ou que se a Clemência não fosse tão egoísta me emprestaria esse seu lavatório florido, são só queixumes que o fio de suas vozes vai enrolando mas o novelo não cresce, como uma outra versão do silêncio... não: uma náusea, Iris vomitando, as velhas apoiando-lhe a testa para que vomite sem dor, Iris choramingando, Mudinho, vem limpar o vômito, depressa, antes que a Madre Benita apareça e comece a perguntar coisas.

Neguei-me a fazer aquilo.

Olhei as seis velhas de frente. Então, fiz um gesto indicando que havia percebido a gravidez da Iris, sim, sim, não me venham com

coisas, por isso é que vocês andavam tão juntas, coladinhas à volta desta boba da Iris, fazendo-lhe as vontades e concordando com ela em tudo, por isso é que está com as tetas tão grandes, sim, eu já estava notando algo estranho, vou chamar a Madre Benita, ela dirá o que se deve fazer em um caso assim, não quero me meter em confusões, depois podem pôr a culpa em mim...

— Em você, Mudinho?

— Mas se você não passa de um pedaço de homem.

— Quem vai pôr a culpa em você...

Choravam de rir embora o Mudinho continuasse brandindo sua ameaça: foram-na inutilizando com o riso que enchia seus olhos de água, com o insulto de seus dedos retorcidos apontando para ele, até que suas zombarias pisaram e aniquilaram a ameaça, não Mudinho lindo, por favor não nos acuse, não seja mau, olhe, estamos apaixonadas por você, você é tão maravilhoso, fique aqui conosco, será melhor para você, vamos lhe fazer uns carinhos gostosos, você vai gostar porque é muito macho, e muito homem, tão homem que nem se atreve a sair à rua, e se você não ficar calado, Mudo de merda, vamos jogá-lo na rua e vamos roubar suas chaves e não vamos deixá-lo entrar nunca mais na Casa e você vai se perder nas ruas como grandes covas escuras, onde Dom Jerónimo de Azcoitia, os doutores e os polícias com seus cachorros vão persegui-lo. Sim. Foram buscá-los. Não sabe que eles os deixam sem comer vários dias para que fiquem famintos e sanguinários? Zás... basta o polícia estalar dois dedos para que os cachorros se lancem pela noite latindo. Uivam, perseguindo-me pelas ruas e a chuva, o parque cheio de bestas ladrando por avenidas intoleráveis, pela ponte, despenco pelos ferros da ponte até o rio, uivam, perseguindo-me pelas pedras escorregadias, por esses montões de lixo apodrecido, tropeço em um galho, caio, corto-me no fio de um caco de vidro que pode me envenenar, septicemia, tétano, olhem minhas mãos avermelhadas de sangue, me levanto com as mãos e os joelhos sangrentos, fugindo por debaixo das pontes, entre os ralos matagais desta lasca de pedra onde o vento traga minha voz e me deixa mudo, não posso mais, ajudem-me, imploro que me ajudem, juro que não vou delatá-las, não acreditamos, acuse-se, veado, Mudinho de merda, você é uma porcaria, lixo, lixo, corro desesperadamente para que não me alcancem porque ouço patas galopando atrás de mim, seus hálitos fétidos e suas fuças fervendo, suas garras me derrubam e quero me levantar mas não posso porque suas presas

me derrubam à margem da rua que arrasta os desperdícios da cidade... estão me despedaçando, estes animais de focinhos fosforescentes, eles me esquartejam, dentes, línguas fumegantes, olhos que espetam a noite, bestas que me despedaçam e grunhem arrancando do doutor Azula os pedaços das minhas vísceras quentes que ele está se apropriando, que chapinham no charco do meu sangue, disputando tripas e carruagens, orelhas e glândulas, cabelo, unha, rótulas, cada membro meu que já não é meu porque eu já não sou eu mas esses frangalhos sanguinolentos.

— Que houve?

Tiro as mãos do rosto. Olho-as, reconheço-as: Dora, Brígida, María Benítez, Amalia, Rosa Pérez, todas menos a Rita, que levou a Iris para dormir.

— Vai nos acusar?

Prometo que não. Fico de quatro no chão para limpar o vômito dessa filha de um presidiário que, certa manhã, na cama, degolou a mulher e ela acordou nadando no sangue da mãe: olhem só, eu limpando o vômito da Iris. Mas por que vão embora? Não estão satisfeitas com a minha submissão? Não se vão assim, não me deixem, escutem, eu posso ajudá-las, sim, posso sim, eu guardo todas as chaves das portas desta Casa, para alguma necessidade, e podem precisar, não me digam que não, não desprezem este pouquinho de poder que eu ponho à disposição de vocês... vocês não sabem que são só seis velhas e precisam ser sete, sete é um número mágico, seis não, me deixem ser a sétima bruxa, não se vão, quero ajudá-las e posso...

Não foram. Aceitaram minha ajuda e eu lhes agradei. Foi a Brígida que disse:

— Ele conhece bem a Casa. Que procure uma peça, um sótão escondido, algum lugar que ninguém saiba que existe, para criar o menino milagroso que vai nascer do ventre da Iris... Mudinho, você entende, procure onde... que ninguém saiba... que ninguém ouça... que ninguém veja...

Só quando lhes disse que havia encontrado o lugar certo, um sótão, fui aceito e me permitiram ser a sétima bruxa.

3

A CAPELANIA FUNDADA pelo pai da religiosa cuja beatificação Inés tentou promover em Roma, manteve esta Casa unida à família Azcoitía durante um século e meio. Foi, no começo, uma modesta Casa para freiras enclausuradas, que o latifundiário construiu em suas ricas propriedades da Chimba, ao norte da capital; ela alojaria sua filha pelo resto da vida e depois de sua morte o Arcebispo podia decidir que uso dar à Casa. Apesar disso, legalmente já que não na prática, o descendente mais velho do fundador, o que leva e transmite o nome de família, conserva o direito de vendê-la, transmiti-la, dividi-la, demoli-la ou doá-la se assim o desejar. Jamais nenhum Azcoitía exerceu tais direitos, reiterando, assim, de geração em geração, a lealdade da família à Igreja, além de certa indiferença por coisa tão improdutiva como uma capelania de fins do século XVIII. Por isso, ao testar ou no leito de morte, nenhum Azcoitía deixa de afirmar claramente a transmissão da propriedade desta Casa, entre seus inúmeros bens, a seu herdeiro, recordando assim, finalmente, o que em realidade nunca esqueceram: que esta capelania sepultada em arquivos, preocupação de tias beatas e primas pobretonas, vincula e aparenta há muito tempo os Azcoitía a Deus, e que eles Lhe *cedem* a Casa, em troca de que Ele lhes conserve os privilégios. Em todo caso, antes que comecem a sentir-se rondados pelo indecifrável, que não nos incomodem com questões de freirinhas e asilos e padres intrometidos e tímidas solteironas e capelanias desatualizadas no mundo contemporâneo. Que Monsenhor faça o que lhe aprouver com a famosa Casa. Felizmente estamos muito longe de precisar do dinheiro que poderia produzir a venda da propriedade. As conspirações e os pactos, os heroísmos e os sacrifícios da política desta Pátria que estamos criando nos ocupam inteiramente, nós não podemos desperdiçar atenção com coisas que não conduzem a nada. Monsenhor diz que a filha do fundador da Capelania fez milagres e merece a beatificação? Bem, que ele se preocupe com isso se lhe interessa: a ele corresponde o místico, o espiritual. A nós, a rudeza do político, do material. Que o Arcebispo não nos incomode com

consultas desnecessárias a respeito da Casa! Monsenhor sabe perfeitamente bem que tem licença para anexar todos os pátios que quiser, construir quantos pavilhões precise, levantar outro andar, ampliar claustros e prolongar galerias e derrubar paredões se o desejar fazer, contanto que não pretenda que o dinheiro para as obras saia dos nossos bolsos.

Abandonado às necessidades desordenadas de diferentes tempos, este edifício cresceu tanto e tão anarquicamente que ninguém mais se lembra dele, e talvez só à pobre Inés interesse saber qual foi o setor inicial, os pátios primitivos destinados a enclausurar a filha do fundador. A cidade atravessou o rio rumo ao norte e esta margem foi povoada. Organizaram-se becos miseráveis que foram deslocando para mais e mais longe as chácaras cujos tomates e melões abasteciam a cidade, até que os becos da Chimba, ao avançar, transformaram-se em avenidas com nomes de reivindicadores de direitos trabalhistas, e ao cercá-la e deixar para trás a Casa de Exercícios Espirituais da Encarnação da Chimba, enquistaram-na muda e cega, em um bairro muito central.

Na época da fundação da capelania ninguém pensou que poderia chegar a faltar um homem da família para herdar e transmitir seus direitos, já que os filhos varões do fundador eram, como consta das atas da época que tive o cuidado de incluir no dossiê que Inés levou a Roma, nove, que se casariam e, como todo mundo, teriam muitos filhos e netos e bisnetos. Mas os Azcoitía, desde sempre, foram gente guerreira, muito brigona, de modo que quando rebentaram as guerras da Independência eles organizaram guerrilhas tão ferozes que a comarca ao sul do Maule ficou infranqueável ao inimigo espanhol. Os Azcoitía cobriram-se de glória. Todos os patriotas falavam deles. Mas seu número diminuiu muito.

Além disso, como uma maldição, durante o século que se seguiu à Independência, a família Azcoitía produziu sobretudo fêmeas, belas, opulentas e virtuosas, que se casavam cedo e bem, aparentando os Azcoitía com toda a sociedade da época *pelos lençóis de baixo*, manejando o poder que emerge dos conciliábulos ao pé do braseiro, movendo os tênues fios que enredam os homens com seus cochichos e murmurações, com esse beijo noturno que rege o sono de seus filhos, com o sorriso de despedida que destrói ou preserva reputações e tradições, mulheres discretas, silenciosas em seu mundo de costuras e criadas e doenças e visitas e novenas, com os olhos inclinados sobre as sedas multicoloridas do bastidor enquanto

as ásperas vozes masculinas se exaltam discutindo coisas que nós não entendemos nem devemos entender porque nós só entendemos de coisas sem importância como o crivo que adorna a borda de um decote, ou se vale a pena mandar comprar luvas de pelica na França, ou se o padre de Santo Domingo é bom ou mau pregador. E enquanto o poder da família se estendia, oculto sob gerações de mulheres aparentadas mas incapazes de transmitir o nome de família ou de conservar a unidade da família, a linha masculina dos Azcoitía foi se debilitando: cada geração produzia muitas mulheres, mas um só homem, menos no caso do sacerdote Clemente de Azcoitía, irmão do pai de Dom Jerónimo. O nome de família corria perigo de extinguir-se e, com ele, prebendas, direitos, possessões, poder, sinecuras, honradas, que ao se repartir entre primos de outros sobrenomes dissolveriam a força desse único Azcoitía necessário em cada geração.

Inés e Jerónimo não tiveram filhos. O sobrenome Azcoitía desaparecerá com eles. Sabem disso. A fortuna se repartirá entre parentes que não gostam deles, instituições que não lhes interessam, legados, caridades. O Arcebispo espera esta Casa com o projeto da Cidade dos Meninos pronto. Jerónimo podia cedê-la quando quisesse, mas parecendo ter ainda uma esperança insana de que o útero imprestável de sua mulher gerasse, jamais pôde desprender-se de nada, nem sequer das coisas mais inúteis. Por isso é que quando, de repente, assinou a série de documentos transmitindo em vida a propriedade real desta Casa ao Arcebispo, enquanto Inés demora em Roma, ninguém pôde acreditar. Nem Madre Benita acredita, apesar de seu entusiasmo com o projeto. Nem eu, apesar de meu medo. Mas o Padre Azócar nos avisou que fôssemos pensando em preparar a Casa para um leilão daquilo que ele chama *todas estas sujeiras*, antecedendo a demolição que não tardará, iniciando-se logo que a Casa estiver vazia.

Esta quadra de muros, feridos pelos estuques que se foram desprendendo, tem a cor neutra do adobe. Raramente se vislumbra de fora um reflexo de luz na sua centena de janelas cegas de pó, ou cegas porque eu as fechei com tábuas pregadas e repregadas, e outras ainda mais cegas porque, por serem perigosas, eu as taipei. De tarde, no bairro desordeiro de casas modestas que nos cerca, feitas também de telha e tijolo mas pintadas de rosa, azul, lilás ou creme, vão se acendendo as luzes, troam os rádios das barbearias e padarias e os televisores nos bares repletos, enquanto nelas e na

oficina de conserto de motos e no local onde se compra e vende revistas usadas e no armazém da esquina, se tece e entretece a vida deste bairro que nos exclui.

Não fui apenas condenando todas as janelas que dão para fora, também dentro da Casa fechei setores perigosos, como o andar de cima, por exemplo, depois que a Assunção Morales se apoiou na balaustrada e tudo veio abaixo, balaustrada, madressilva e a Assunção. Agora não precisamos mais de tanto espaço, por isso temos que o ir limitando. Não é como antes, quando o Arcebispo subvencionava largamente a Casa e todos os anos a escolhia para fazer seu retiro, acompanhado de sacerdotes arrogantes, cônegos, secretários, diáconos e subdiáconos, amigos, parentes e até algum Ministro de Estado muito beato. Grupos de destacados dirigentes, congregações religiosas, colégios de senhoritas de coração puríssimo, as mais distintas corporações do país solicitavam data, com meses de antecedência, para vir encerrar-se nesta Casa e retomar contato com o Senhor. Do púlpito e no confessionário, frades de bico de ouro exortavam à penitência e ao sacrifício, à magnanimidade e ao arrependimento, inflamando vocações cuja luz, às vezes, iluminava a História. Algumas noites ouviam-se até muito tarde, atrás das portas das cem celas que formando um U abraçam o pátio das laranjeiras, prantos e lamentos: a dor dos que aliviavam suas culpas em flagelações noturnas, ficando o corpo lacerado mas a alma prístina, para entregá-la, na manhã seguinte, depois de fervorosa comunhão, a plácidos sonhos monacais no lugar mais florido da horta, sonhos que costumavam culminar em esplêndida esmola.

Hoje, claro, ninguém se lembra de vir fazer exercícios espirituais na Casa da Encarnação da Chimba. Existem colégios inundados de luz, com calefação ou refrigerados segundo a época do ano, seus janelões abertos ao panorama incomparável da cordilheira nevada, dispostos a acolher penitentes. Para que, então, arriscar-se a que sua vigília seja provocada pelos gorgolejos dos encanamentos desarranjados ou pelos ratos correndo nos forros, e não pelo exame de consciência? Até há pouco — agora não mais — costumavam recolher-se a esta Casa as alunas de algum colégio sem importância ou os membros de uma corporação qualquer, para manter seus pequenos diálogos com o Senhor e escutar mornos sermões inspirados nas ultraconhecidas injustiças sociais, não na Magnificência e na Cólera e no Amor de Deus, como nos bons

tempos.

Mas o que se há de fazer? Dizem que nada mais é como nos bons tempos. Apesar disso, esta Casa conserva-se igual, com a persistência das coisas inúteis. Agora aqui só temos três freiras onde antes uma congregação inteira velava pela comodidade dos penitentes para que suas almas voassem sem entraves materiais às regiões mais puras do êxtase. Só três freiras, e, claro, as velhas, que vão morrendo e sendo substituídas por outras velhas idênticas que também morrem quando chega a hora de dar lugar a outras velhas que o reclamam porque necessitam. E as órfãs que mandaram um dia, faz quase um ano, por umas semanas, Madre Benita, a senhora tem espaço de sobra para alojá-las por umas semanas enquanto terminam o pavilhão novo do orfanato, a senhora sabe que o acabamento demora muito e que os operários de agora se embebedam e não trabalham, e aqui andam as cinco órfãzinhas perdidas neste labirinto, famintas, tristonhas, sem que ninguém lhes determine a vida porque o Padre Azócar promete sempre que em uma semana mais, Madre Benita, duas ou três semanas mais, e ninguém se lembra delas. Eu tenho as chaves e fecho as portas. Senhoras recomendadas pelo Arcebispo ou por Inés nos alugam celas para guardar seus trastes, não têm nenhum valor, mas são coisas das quais a gente não quer se desprender e que não cabem nas casas cada vez mais pequenas em que se vive agora. Elas aparecem de vez em quando por aqui para buscar alguma coisa, ou para pagar meses atrasados, sim, nos faz falta esse dinheiro, chegamos a isso, à necessidade de alugar as celas para pagar as contas mais urgentes porque o Arcebispo manda muito pouco dinheiro. O que ele manda, de fato, são caminhões com refugos, santos quebrados que não se podem jogar no lixo porque são objetos de culto e é preciso respeitá-los, montões de revistas e jornais velhos que vão povoando muitas peças com suas notícias de urgência desbotada, transformadas em alimentos dos ratos, completando minha biblioteca de enciclopédias incompletas, de coleções encadernadas de *Zig-Zag*, *Life*, *La Esfera*, de literatura que ninguém mais lê, Gyp, Concha Espina, Hoyos e Vinent, Carrere, Villaespesa, caminhões de objetos sem nexo, relógios que não funcionam, sacos para guardar quem sabe o quê, pedaços de tapetes gastos, cortinas, poltronas sem fundos, qualquer coisa, que vão enchendo peças e mais peças que nunca acabam de se encher.

Jerónimo, jamais em toda sua vida, pisou nesta Casa. Inés, em

troca, antes de partir para Roma, vinha muito amiúde, duas, às vezes três vezes por semana, para remexer nas malas e nos trastes das quatro celas grandes das quais, como *dona* desta Casa, se apropriou. A autoridade da campainha em que mete o dedo e não o tira até que a pobre Rita, com seus joanetes incuráveis, corra a abrir-lhe a porta, indica sua preeminência. Dona Raquel que às vezes, a acompanhava, escutava-a pacientemente sem tentar dissuadi-la, enquanto a via remexer em gavetas cheias, tirando papéis e retratos e projetos e relíquias que talvez pudessem chegar a servir-lhe, indicando-me que descesse a cesta redonda de cima do armário, que afastasse o rolo de tapete do corredor para alcançar uma chapeleira de couro, onde podia estar um papel, onde podia estar um envelope, onde podia estar guardado há uns mil anos certo certificado importante ou certa fotografia, e eu descia a cesta e lhe passava a chapeleira embora soubesse que o certificado não estava ali, porque conheço o que contém cada gaveta, cada cesta, cada mala, cada baú, cada armário de suas celas melhor que ela mesma... Apesar de tudo, reunindo o que pôde, Inés partiu para Roma, muito elegante, muito sóbria, com os papéis que eu mesmo coloquei em uma plebeia bolsa de plástico para apresentar sua petição ante os purpúreos cardeais, que sacudiram a cabeça, solenes, magníficos, insinuando-lhe que tudo o que levava era imprestável, que era melhor que ficasse tranquila em sua pátria e desse uma esmola digna de sua posição social.

A falta de interesse dos Azcoitia por esta Casa é secular. Como se lhe tivessem um medo que não confessam nem a si próprios, preferem desinteressar-se dela em todos os sentidos, menos o de manter seu o direito de proprietários. Só sei de uma vez em que fizeram uso de seus direitos, naquela vez em que mandaram Dom Clemente agonizar aqui. Naquela vez também disseram que há espaço demais na Casa, mas acrescentaram: no final das contas, é um Azcoitia e tem direito de ser recebido.

Era um velhinho muito tranquilo e muito triste, quando o trouxeram. Madre Benita dava-lhe de comer, colherada por colherada, como a um bebê, e ela ou eu tirávamos sua roupa para deitá-lo. Eu o ajudava a fazer suas necessidades, porque como não avisava, tínhamos que estar atentos para que não sujasse sua roupa várias vezes ao dia. Dom Clemente sorria triste, sem dizer nada, sentado em uma poltrona junto à janela, apoiado em seu bastão, até que, pouco a pouco, como quem vai descerrando muito lentamente

uma cortina, seu sorriso foi se desvanecendo e só deixou uma dor permanente talhada em suas feições de Azcoitía. Depois fomos notando que aquela tristeza de seus olhos azuis se afogava em lágrimas e que, um bom dia, começaram a escorrer pelas faces como se seus olhos já não tivessem força para retê-las. Passava semanas inteiras sentado em sua poltrona de veludo olhando as laranjeiras do pátio, tranquilo, sem pedir alimento, sem reclamar que o limpassem, silencioso, com as lágrimas caindo-lhe pelo rosto e empapando-lhe a batina, como a baba de um bebê empapa o babador. Até que começou a queixar-se, suavemente no princípio, como um animal, como se alguma coisa doesse, nada mais, como um cachorro que a gente acaricia quando geme e lhe pergunta o que é que há, velho, o que foi, embora a gente saiba que o pobre animal não pode responder e se queixa por alguma coisa que a gente não entende, e a gente se desespera porque não sabe o que fazer para aliviar-lhe a dor e acalmar aqueles seus gemidos enlouquecedores. Depois de algum tempo, as queixas de Dom Clemente não eram mais queixas, mas gemidos, já não ficava calminho, como antes, sentado em sua poltrona olhando as laranjeiras do pátio. Começou a agitar-se em sua cela, a bater na porta e nos vidros da janela, até que seus gemidos se transformaram em latidos, então quebrou os vidros e quase derrubou a porta com seus golpes, e por isso tivemos que fechá-la a chave porque de outro modo o encontraríamos perdido por estes corredores e era muito difícil arrastá-lo até sua cela porque esperneava e gritava com o pouco de voz que pareceu encontrar outra vez, sílabas que soavam a medo, noite, cárcere, escuridão e engano, essas coisas, ou pedaços dessas coisas que gritava quando o deixávamos para que dormisse à noite e nos agarrava a roupa para que não saíssemos, levantava-se, queria seguir-nos, não nos deixava vestir seu pijama para deitá-lo, brigando conosco para que não tirássemos sua roupa nem o cobríssemos, mas também não queria ficar vestido; rasgou suas batinas, as velhas as remendavam, mas voltava a rasgá-las e não deixava que nós as vestíssemos nele. Andava quase nu em sua cela, e completamente nu depois que fechamos a porta com chave, e nu aparecia em sua janela pedindo socorro, que viessem fazer-lhe companhia, tirá-lo deste hospital terrível onde o maltratavam. Nem Madre Benita nem as velhas entravam no quarto com Dom Clemente nu, só eu, mas ele me expulsava, gentinha, fora daqui, não me toque, se me tocar, eu o mato com uma cacetada, e voltava

a aparecer nu em sua janela de vidros quebrados. As velhas e as freirinhas já não se atreviam a atravessar o pátio das laranjeiras. Decidimos que o melhor era condenar os postigos de sua cela. Conseguia, porém, quebrá-los. Até que eu, uma noite, enquanto Dom Clemente dormia, emparedei a janela com tijolos e cimento, a primeira janela da Casa que emparedei. Depois — por iniciativa minha — pinteí-a por fora da mesma cor do muro. Agora não se nota onde havia janela.

Certa tarde, Dom Clemente derrubou a porta de sua cela. Saiu a percorrer os corredores, nu, apoiado em seu bastão, e durante o terço, com todas as asiladas reunidas, apresentou-se como Deus o pôs no mundo, no presbitério, quebrando a cacetadas tudo o que encontrava, enquanto as velhas gemiam, gritavam e fugiam escandalizadas com Dom Clemente, que, nu, profanou a capela, e profanou seus olhos purificados pela velhice e a miséria e o sofrimento. Ao dar uma cacetada, o ancião caiu e feriu a cabeça. Corri a cobri-lo com uma alba. Levei-o à sua cela, onde morreu chorando de dor, mudo outra vez, alguns dias mais tarde.

Ainda há velhas que se orgulham do fato de que estão tanto tempo nesta Casa que se recordam daquela tarde terrível em que Dom Clemente de Azcoitia entrou nu na capela. Eu não acredito nelas. Talvez digam isso porque sabem que é muito fácil confundir uma velha com outra velha. Em todo caso, uma das maiores causas de seu terror, o que as impede de andar sozinhas pelos corredores quando se aproxima o anoitecer, é dizer que Dom Clemente ali aparece completamente nu e as persegue, e que elas já estão muito velhas para correr. Contam que, às vezes, usa chapéu e ligas. Ou as meias e os sapatos. Ou uma camiseta que não lhe cobre o umbigo. Nunca usa mais nada. Quando se sabe que Dom Clemente faz uma de suas aparições, um estremecimento de fervor sacode a Casa, as velhas fecham-se em suas tocas para rezar um terço interminável, ave-marias e padre-nossos e salve-rainhas, ouvi o murmúrio das velhas enlouquecidas, irracionais, repetitivas, rezando novos terços porque garantem que com seus terços conseguirão vestir a alma do pobre Dom Clemente, a quem Deus condenou a rondar pela Casa nu como castigo por haver-lhes escandalizado com a exibição de suas vergonhas e que Deus só o perdoará quando tantas, tantas velhas estejam rezando tantos, tantos terços, que Ele, em sua Misericórdia, consinta em ir-lhe devolvendo, pouco a pouco, sua indumentária, para que assim possa entrar vestido no Reino dos Céus. Enquanto

isso, tem que continuar rondando esta Casa para recordar as velhas que rezem por ele e assim Deus lhe vá devolvendo sapatos, batina, cuecas, sim, as cuecas têm mais urgência. Dizem que faz muito tempo que Dom Clemente não aparece sem meias nem camiseta. Pelo menos isso. O lógico é que as cuecas sejam a próxima peça que Deus lhe conceda. Que sejam longas, pedem as velhas. E de flanela para o inverno. O murmúrio de seus terços ao entardecer envolve a Casa com um ronroneio de insetos atarefados em tecer o tecido dessas cuecas e Dom Clemente, nu, de repente, assalta uma velha na penumbra quando ela acha que vai pensando em outra coisa.

RITA JAMAIS via sangue nas calcinhas da Iris. Ela mesma as lavava. Pobre garota sem mãe. E com o frio, as frieiras inchavam suas mãos. Mas sangue, nada.

Fechou-se com ela em um quarto para interrogá-la. Nunca ficou menstruada? Puxa, as senhoras pensam que eu sou só uma garotinha nova, mas não, sou mulher, tenho regras todos os meses e me sai muito sangue, sou a única das órfãs que tem regras, as outras sim que são garotinhas e por isso me chateio com elas... é que quando perco sangue eu mesmo lavo minhas calcinhas para não incomodar a senhora que é tão boa comigo, Dona Rita.

Rita não acreditou em uma só de suas palavras. Conhecia-a muito bem: Iris não era limpa, nem tinha considerações para com os outros. Procurou insinuar-lhe como aconteciam as coisas entre um homem e uma mulher. Mas como, se ela mesma era virgem? Não estava certa de nada. Não sabia em que pensar. Na Casa nunca entravam homens. Nem a Iris havia saído à rua desde que a trouxeram. Mas a pobre criança sabia tão pouco do que acontece com os homens, que bocejava chateada com a conversa, incapaz de prestar atenção no que a Rita lhe perguntava com todo cuidado para não lhe abrir os olhos porque era inocente, quase não a ouvia, chupando o polegar, vamos, pare com isso, não ponha o dedo no nariz nem coma as cacas, criança porcalhona, enrolando o cabelo com um dedo enquanto a Rita fazia prodígios de discrição com suas perguntas... sim, era inocente. Rita, porém, não acreditou que ela lavasse suas calcinhas quando estava com regras. Esteve-a observando: claro, nada este mês, nem no seguinte, mentira, não lavava coisa alguma. E o pior é que continuava engordando, ficando mais preguiçosa e mais sonolenta.

Rita procurou a Brígida com a aflição de seu segredo. Ela, que sabia tudo, devia saber também como eram essas coisas: teve dois bebês, claro que nascidos mortos, quem sabe a razão, Deus assim o quis. E pouco tempo depois morreu o marido. De sua cama, a Brígida escutou com muitíssimo interesse o que a Rita lhe contava, e depois de meditar meio minuto, disse que, claro, era um milagre.

Quando nascem crianças sem que um homem faça mal a uma mulher é milagre... um anjo desce do céu e pronto. Milagre. Claro que a primeira coisa a fazer era examinar a Iris para ficarem certas da gravidez. María Benítez é curandeira. Mas como vamos lhe contar o milagre, Brígida, para que toda a Casa fique sabendo antes da hora da oração e nos roubem a Iris e a criança ou a mandem embora para castigá-la, porque as pessoas de hoje são muito hereges e não creem em milagres, dizem que hoje há gente que não acredita nem na Virgem. Brígida, porém, insistiu em convocar a curandeira: que a examinasse com muito cuidado, sem lhe enfiar nada, porque a Iris é virgem, para que a criança não percebesse o que lhe estava acontecendo. María Benítez disse que sim: está esperando bebê, não vivo dizendo, estas crianças de hoje ficam grávidas só em cheirar um par de calças.

Para tapar-lhe a boca e para que não dissesse mais tolices sacrílegas, participaram-lhe que se tratava de um milagre. Ficou abismada. Que ninguém mais soubesse. Todas as velhas eram umas invejosas, que tentariam roubar-lhe a criança; em vez disso, cuidariam dela só as três, em segredo, e as três tomaram chá no quartinho da Brígida, e como a Amalia as estava servindo, também a ela contaram o milagre: somos quatro, não, cinco, confessou Rita, que havia confiado suas primeiras suspeitas a Dora, que como também sabia escrever, substituí-a na portaria e anotava os recados telefônicos do Padre Azócar e dos parentes e patrões das asiladas. Eram então cinco. Quando perceberam que a Rosa Pérez começou a rondá-las, curiosa por saber o que faziam sempre com a Iris, a Brígida, que tinha boa cabeça, opinou que para se protegerem seria melhor contar o milagre a essa bisbilhoteira, porque, caso contrário, só por puro mexerico, ia descobrir e, então, meu Deus, a Casa viria abaixo; capaz até de telefonar ao Arcebispo para delatá-las: sim, era melhor contar-lhe tudo. Desse modo, seria ela que, com mais zelo, defenderia o segredo. Porque era necessário que ninguém, absolutamente ninguém a não ser elas, seis, tivesse o privilégio de saber que a Iris estava esperando um bebezinho. Brígida, então, começou a lhes falar:

— Amalia, sirva os biscoitos que estão nessa lata. Madre Benita anda distraída com essa história da demolição da Casa e da construção da Cidade da Criança, e que lhe vão dar um posto de ecônoma-chefe, isso dizem que o Padre Azócar lhe prometeu. Não presta atenção em nada, nem nas meninas; no começo, tratou até de

lhes dar aula e tudo, e agora vocês veem como andam vestidas. Quando começarem a notar o bebê da Iris, vou dar a ela um casaco marrom que tenho guardado. Vai ficar grande nela. Se a Madre Benita me perguntar alguma coisa, respondo, mas Madre, este pobre anjo andava tiritando de frio, por isso lhe dei este casaco, que é um pouco grande, mas quando tiver um tempinho, vou arrumá-lo para que fique bem. E depois, sem que ninguém mais que nós seis saibamos, vai nascer o bebezinho. Temos que arranjar um quarto no fundo da Casa para guardá-lo escondido, que ninguém saiba que a criança nasceu, e assim irá crescer lindo e santo, sem sair, jamais em toda sua vida, desse quarto no qual o esconderemos dos males do mundo. E cuidá-la bem cuidadinha, a criança. Tão bom que é cuidar de um bebê... cobri-lo com xales para que não tenha frio... dar-lhe de comer... lavá-lo... amarrá-lo bem amarrado em suas fraldas... vesti-lo. E quando for crescendo, o mais importante de tudo é não lhe ensinar a fazer nada ele mesmo, nem sequer a falar, nem a caminhar, assim sempre vai precisar de nós para fazer qualquer coisa. Oxalá não veja nem ouça. Nós seremos suas boas mães, que vamos adivinhar qualquer sinal seu e que só nós compreenderemos e dependerá para tudo do que nós fizermos. Essa é a única maneira de criar um menino para que seja santo, criá-lo sem que jamais, nem quando crescer seja homem, saia de seu quarto, nem ninguém saiba que existe, cuidando-o sempre, sendo suas mãos e seus pés. Claro que nós iremos morrendo. Mas não importa. Sempre haverá velhas. E apesar do que dizem, asilo sempre existirá, Dona Raquel esteve me dizendo que o negócio da demolição são coisas do Padre Azcoitia, do marido de Dona Inés, que é tão boa. Quando uma de nós morrer, é preciso escolher outra e o menino irá passando de velha em velha, de mão em mão, até que ele faça sua vontade, e um dia decida que já chega de tanta morte e nos leve à Glória.

O monstro. Todo costurado, os olhos, a boca, o cu, o sexo, as narinas, os ouvidos, as mãos, as pernas. Do fundo de sua origem rural, em outra região e em outro século, quando alguma avó meio índia ameaçou a menina assustada que a Brígida viria a ser em transformá-la em monstro, para que se comportasse bem, a tentação de sê-lo, ou de fazê-lo, ficou sepultada em sua mente e surgia agora convertida em explicação e futuro do filho da Iris. Todo costurado. Obstruídos todos os orifícios de seu corpo, os braços e as mãos aprisionadas pela camisa de força para não saber usá-las, sim, elas

se enxertariam no lugar dos membros e dos órgãos e dos sentidos da criança que ia nascer: extrair-lhe os olhos e a voz e roubar-lhe as mãos e rejuvenescer seus próprios órgãos cansados mediante esta operação, viver outra vida além da já vivida, extirpar-lhe tudo para se renovar mediante esse roubo. E isso farão. Estou certo. O poder das velhas é imenso. Não é verdade que as mandem a essa Casa para que passem seus últimos dias em paz, como eles dizem. Isto é uma prisão, cheia de celas, com grades nas janelas, com um carcereiro implacável encarregado das chaves. Os patrões mandam-nas encerrar aqui quando percebem que devem muito a essas velhas e sentem pavor porque essas miseráveis, um belo dia, podem revelar seu poder e destruí-los. Os criados acumulam os privilégios da miséria. As comiserações, os logros, as esmolos, as ajudinhas, as humilhações que suportam fazem-nos poderosos. Elas conservam os instrumentos da vingança porque vão acumulando em suas ásperas e verrugosas mãos essa outra metade de seus patrões, a metade inútil, descartada, o sujo e o feio que eles, confiantes e sentimentais, lhes vão entregando com o insulto de cada anágua usada com que lhes presenteiam, cada camisa queimada pelo ferro que lhes permitem levar. Então não têm os patrões em seu poder, se lavaram sua roupa e passaram por suas mãos todos os erros e sujeiras que eles quiseram eliminar de suas vidas? Elas varreram de suas salas as migalhas caídas e lavaram os pratos e as travessas e as bandejas, comendo o que sobrou. Limparam o pó de seus salões, os retalhos de suas costuras, os papéis amassados de suas escrivatinhas e escritórios. Restabeleceram a ordem nas camas onde fizeram o amor legítimo e o ilegítimo, satisfatório ou frustrador, sem sentir nojo diante desses odores e manchas alheios. Costuraram a bainha de suas roupas, assoaram seus narizes quando criança, deitaram-nos quando chegaram bêbados e limparam seus vômitos e mijos, cerziram suas meias e lustraram seus sapatos, cortaram suas unhas e os calos, escovaram suas costas no banho, pentearam-nos, deram-lhes lavagens e purgantes e infusões para o cansaço, a cólica ou a dor. Desempenhando esses misteres, as velhas foram roubando algo integral das pessoas de seus patrões ao se colocar em seu lugar para fazer alguma coisa que eles se negavam a fazer... e sua avidez cresce à medida que se apoderam de mais coisas, e cobiçam mais humilhações e mais meias velhas presenteadas como dádivas, querem se apoderar de tudo. Por isso, a Brígida armou esta conspiração, para roubar os olhos e as mãos e as pernas da criança

que a Iris leva em seu ventre, querem entesourá-lo todo em um grande fundo comum de poder que, algum dia, quem sabe quando, quem sabe para que, utilizarão. Às vezes sinto que embora as velhas devam estar dormindo, não dormem, estão atarefadíssimas, tirando de suas gavetas e de baixo de suas camas e de seus pacotinhos, as unhas e os ranhos, as franjas e os vômitos e os panos e algodões ensanguentados com menstruações patronais que foram acumulando, e na escuridão se entretêm em reconstituir, com essas porcarias, algo como uma foto negativa, não só dos patrões a quem roubaram essas porcarias, mas do mundo inteiro: sinto a fraqueza das velhas, sua miséria, seu abandono acumulando-se e se concentrando nestes corredores e quartos vazios, porque é aqui, nesta Casa, onde vêm guardar seus talismãs, reunir suas fraquezas para formar algo que reconheço como o reverso do poder: ninguém virá aqui arrebatá-lo. E porque Jerónimo de Azcoitía sempre teve pavor, embora não confesse seu orgulho que não admite ter pavor de nada, sim, pavor das coisas feias e indignas, jamais em toda sua vida atreveu-se a vir aqui, embora a Casa lhe pertencesse até que se desfez dela. Não devia fazê-lo. Foi um erro. É preciso conservar as coisas, sempre há esperança. Deve-se arranjar isso de alguma maneira, porque, embora o senhor não saiba, sua estirpe se prolongará, e seu filho deve continuar sendo proprietário desta Casa: as velhas, nós as sete, agora que me despojaram de meu sexo e me aceitaram dentro de seu número, estamos cuidando de seu filho no útero da Iris, eu o restituirei a Dom Jerónimo para que herde esta Casa apesar dos papéis assinados, para que não a destruam jamais e eu possa permanecer refugiado aqui onde Dom Jerónimo jamais virá me buscar porque tem horror aos calos que as velhas cortaram e guardaram, aos cabelos que entupiram o esgoto do lavatório e que elas conservam embrulhados em trapos e papezinhos. Sim, Dom Jerónimo, não faça pouco delas, não são tão bobas como parecem, ou sua estupidez é uma espécie de sabedoria. Por isso guardam esses amuletos, para mantê-lo a distância. Não venha se meter aqui! Eu fui seu fiel servidor, Dom Jerónimo. E ainda que quisesse deixar de sê-lo, não posso. O senhor me marcou na orelha como a um carneiro. Eu continuo servindo-o. E ao servir a esses restos, ao ser criado de criados, ao me expor a suas zombarias e obedecer suas ordens, vou me fazendo mais poderoso que elas porque vou acumulando os restos dos restos, as humilhações dos humilhados, as zombarias dos escarnecidos. Sou a sétima velha. Eu

me encarregarei de velar pelo Azcoitía que nascerá. O vômito da Iris que limpei da lajota da cozinha, me ungiu. Eu o guardo enrolado num trapo, com meus livros e meus manuscritos, debaixo da minha cama, onde todas as velhas guardam suas coisas.

A PRIMEIRA COISA QUE tive que fazer foi conquistá-las. Enquanto não as deslumbrasse de algum modo, só seria aceito nominalmente, embora tenha-me submetido como me submeti. Deixei passar uns dias enquanto ia preparando tudo, permitindo-lhes que falassem pouco comigo e me olhassem com certa desconfiança. Até que, certa tarde, eu lhes participei que pensava ter encontrado o lugar ideal para a Iris dar à luz sem que ninguém soubesse, e onde as sete velhas do segredo podíamos criar a criança para sempre, sem que ninguém nos incomodasse.

Levei-as ao pátio onde moro, nos fundos da Casa e que serve também de cemitério de santos. As velhas se benzeram ao passar diante da capela, atravessamos o pátio das laranjeiras e nos perdemos nas muitas voltas da parte detrás da Casa, nesse amontoado de pátios e corredores menores que só eu conheço, até que chegamos ao meu.

Ao abrir a porta e ouvir suas exclamações, percebi que, só com isso, com lhes abrir a porta para o cemitério de santos quebrados, eu as havia conquistado. Entraram gritando de entusiasmo entre os São Franciscos decapitados, São Gabriel Arcanjos sem o dedo levantado, Santo Antônio de Pádua coxos e mancos, Virgens do Carmo, do Perpétuo Socorro e de Lurdes com vestes desbotadas e suas insígnias apagadas, de Meninos Jesus de Praga sem coroa nem mão amparando a bola, a elegância simulada de seus arminhos e a falsidade de suas pedrarias de gesso pintado, desbotando-se ao sol e à chuva, santos de feições desfeitas, um monstro abraçando o mundo sob uns pés que a Brígida disse que ia guardar porque eram da Imaculada Conceição, guarde-a por aí, Mudinho, vamos ver se depois a gente encontra o resto e monta tudo, anjos sem asas, santos sem identidade, fracionados, sem membros, de todos os tamanhos, fragmentos que os anos e o clima foram reduzindo, onde as pombas foram cagando, que os ratos roem, que os pássaros bicam nos olhos ou no umbigo, sim, é verdade, não se pode jogar no lixo os fragmentos de objetos de culto, é preciso respeitá-los, não se pode misturá-los na lixeira com os restos da comida e da limpeza,

não, é preciso trazê-los à Casa de Exercícios Espirituais da Encarnação da Chimba, onde cabe tudo. Madre Benita pede que eu traga o carrinho, carregue-o com os fragmentos e os arraste até meu pátio para que os anos e as chuvas acabem com eles, enquanto nos altares suas existências são substituídas por imagens quase idênticas, encomendadas ao fabricante, talvez esta versão da Bernardinha tenha olhos menos vesgos, talvez os cachos do Menino Jesus sejam de outro tom de louro, talvez a pose de São Sebastião pareça menos ambígua. Madre Benita não conhece meu pátio. Proíbe terminantemente que alguém entre aqui. Este é o pátio do Mudinho. Ele o escolheu. Ele deve saber porque o mantém. Pelo menos, para que tenha isso de seu e possa fazer o que quiser, esse pedacinho de vida privada que se deve respeitar nesse pobre homem que há tantos anos se sacrifica por nós aqui nesta Casa.

As velhas se espalharam pelo pátio soltando exclamações, acocorando-se e voltando a se levantar, sacudindo pedaços de gessos, mãos, dorsos, coroas, drapeados, cavoucando, exumando santidades obscuras que só elas são capazes de reconhecer, Santa Ágata e São Cristóvão e São Raimundo Nonato, claro que não, Dora, esse hábito é de São Francisco, não de São Domingo de Sales, não está vendo o capuz marrom, digo a elas que os São Sebastões são bastante raros, escute, Amália, ache o outro pedaço da Imaculada, vai ser difícil, se bem que aqui tem uma cabeça com estrelas e talvez tenha alguma coisa que ver, não sei, e para este São Gabriel, vou buscar o seu dedinho esticado para completá-lo, numa Virgem qualquer, ninguém vai notar, e vou armar uma Anunciação em cima da minha cômoda.

— 25 de março é dia da Encarnação...

— Que pena que não seja celebrada aqui na Casa.

— Mas o nascimento do Menino, nove meses depois que São Gabriel Arcanjo apareceu, se celebra...

— Mas a Encarnação não é o mesmo que a Anunciação...

— Não sei, vamos perguntar à Madre Benita.

— Vamos ver se encontro o dedinho do arcanjo.

Tive que bater palmas como no recreio de um colégio para lhes chamar a atenção e devolvê-las à realidade do que tínhamos que fazer, por aqui, não tropecem, eu moro aqui, este é meu quarto e esta minha cama, não há nada mais aqui a não ser esta porta falsa que conduz a um sótão, o sótão que está pronto, eu estarei sempre aqui, tomando conta da entrada. Não só me dera ao trabalho de

lavar e encerar o chão de tábuas ressequidas e em forrar as paredes com jornais velhos, como também, sabendo muito bem que coisas guarda cada senhora em cada mala e em cada gaveta de cada uma das celas, e quais são as celas das senhoras que jamais aparecem nesta Casa, esvaziei vários armários fechados há anos, arrastando tapetes e quadros, camas com cobertores e colchas, castiçais, um berço de bronze com adornos e palio, tudo um pouco estragado mas, enfim, que se vai fazer, na penumbra do sótão tudo reluzia ante os olhos das velhas.

Gostaria, também, de haver trazido a roupa de Boy que Inés guarda em um baú especial de sua segunda cela, a que ela mais visita. Não me atrevi porque Inés sabe exatamente as coisas que tem e onde estão guardadas. É maníaca, cuidadosa, meticulosa. Faz anos que não abrimos o baú que contém o enxoval completo de Boy, esse mundo negro com tachas de bronze cheio de maravilhas destinado ao Azcoitía que seu obstinado útero não quis produzir. Quando eu andava procurando coisas para esse Boy que outra vai produzir, não pude me conter, abri o mundo para vê-las outra vez e me custou muito resistir à tentação de roubar qualquer coisa que fosse, um babador bordado pela Peta Ponce, um par de sapatinhos de lã azul. Não o fiz. Talvez quando Inés voltar de Roma com o rabo entre as pernas, depois de haver sofrido o ridículo com aquele assunto da beata, já sem nenhuma ocupação nem esperança com que matar o tempo, virá mais que nunca a esta Casa, a morar no limbo de seus trastes, que arrumará e limpará e voltará a arrumar. Se perguntar quem mexeu em alguma coisa de sua cela, durante sua ausência, direi que fui eu, que fiz uma grande limpeza e pus naftalina entre a roupa, para prevenir. Então ela me dará uma gorjeta, que aceitarei como um insulto mais para somar aos muitos que fui acumulando.

Há dois meses que a vida para nós, as sete velhas, gira em torno dos preparativos para receber a criança. Estamos costurando roupinhas, fraldas finas com um lençol de linha que a Brígida nos deu, é preciso desmanchar este xale para lavar bem lavada sua lã, que é muito boa, não como as lãs de agora, que têm eletricidade, e voltar a tecer o xale, que a Dora fará, ela é primorosa nessas coisas de tricô. E vamos enfeitar o berço de bronze com esses tules um pouco remendados, o que se vai fazer, somos pobres, mas o menino terá um berço que, mesmo na penumbra, parece um berço de rei. Pena que a pobre Brígida morreu e não irá conhecê-lo. Era a mais animada. Claro que o menino vai tirá-la de sua tumba para que

suba, como nós todas, ao céu. Enfim, a vida é assim. Estes meses vão ser os mais difíceis porque a Iris não se sente nada bem, tem enxaqueca, está inchando muito, você é parteira, pois então María, deve saber o que deixa assim essa pobrezinha.

É preciso deitá-la na cama. Sente-se mal outra vez? Esta é a sua cama e este o berço para que brinquemos contigo de mãães, brinquemos que você se deitava e era a mãe. Mas se vamos brincar de mãe, então Dona Rita, por que não me trazem uma boneca, alguma coisa de trapos amarrados, como quando eu brincava com bonecas quando era pequena, brincar sem boneca não tem graça, disseram que iam me dar de presente uma boneca grande, que mexe os olhos e diz mãe, do tamanho de um bebê de verdade, mas é mentira. Espere, Iris, tenha calma, logo a gente lhe dá uma, fique calminha, durma, você não deve saber que está esperando bebê porque vai ficar com medo de estar esperando um menino milagroso e pode nos acusar e podem nos roubar o menino.

O sótão está quente com o braseiro que mantemos aceso dia e noite para que seque a cola com que o Mudinho empapelou a parede. Amalia passa fraldas. María Benítez quer ter tudo pronto a tempo para o nascimento: mexe misturas cheirosas sobre o fogo, espera que fervam, coloca outras ervas que mudam o cheiro do quarto, um pouco mais de água, filtra, deixa esfriar, verte águas coloridas em vidros. Isto serve para estancar o sangue, a gente nunca sabe como será com uma novata. E isto desinfeta. E isto é para esquentar se as enxaquecas continuarem. Não falem muito alto, deixem que continue dormindo. Olhem só como dorme. Venham ver como é linda. Olhem a cara de santa que ela tem, igualzinha àquela virgem bem colorida que a Madre Benita tem no seu gabinete. Tão novinha. Que pele bonita. Não dizem que a pele fica sempre mais bonita com a gravidez? Nem sempre, em algumas deixa a pele tão ruim que é um horror, mas nela não. Damiana, a mais moça, mal toca em sua face com o dorso da mão... uma seda. Que linda ficará com seu bebezinho, dando-lhe de mamar aqui neste quarto morno, cheiroso, soterrado! Todas andamos na ponta dos pés para não despertar a futura mãe, reverentes ante o misterioso envolto no útero, protegido por camadas sucessivas de suas entranhas e sua carne e sua pele, que são para isso.

Iris dorme na cama, com o polegar na boca, chupando, enquanto nós nos ocupamos das milenares tarefas femininas de preparar o quarto onde uma criança vai nascer, deliciando-nos com esses ritos

que despertam nossos instintos adormecidos junto ao vazio em que Brígida caiu há tão pouco tempo, e então, para essa ocasião, também solene, nossos instintos também reviveram com a magnificência dos ritos da morte, e choramos e nos lamentamos porque desde o começo dos tempos um dos papéis das velhas é o de chorona, e é bom chorar e se lamentar nos funerais, assim como é bom regozijar-se com um nascimento. Abrandam-se nossas vozes envelhecidas, esse novelo interminável de comentários, shshshshsh, mais devagarzinho, não vão acordá-la, esse rumor agora provido de um calor novo, de um rubor, como se nossas vozes houvessem ressuscitado com os ritos prévios ao nascimento, uma liturgia da qual nenhum homem pode participar.

Sim. A gravidez de Iris é um milagre. Uma vez estabelecido o fato, ninguém o discutiu: aceitamos com toda facilidade a ausência de um homem no fenômeno da gestação. Com que alegria esquecemos o ato que engendrou o menino, substituindo-o pelo milagre de uma encarnação misteriosa no ventre de uma virgem, que afasta o homem! Precisamos repelir a ideia de que um homem interveio. Temos que afastar o medo de que um pai venha reclamar o filho. Por que devemos repartir o filho com um homem, se a gente é que sofre, ele não sabe criar, é a gente que se sacrifica, o homem só teve o prazer de engendrará-lo, um prazer sujo, efêmero, que se alguma vez sentimos, deixamo-lo esquecido lá longe, abaixo do prazer de ser mãe, as que tivemos essa felicidade? Iris é casta. Nenhum homem tem direito sobre o que leva em seu ventre. Que ninguém a veja. Aqui no sótão que o Mudinho nos preparou, tão bom o Mudinho, o que teríamos feito sem ele, estamos nos realizando inteiras ao passar e dobrar fraldas para o menino, tecendo xales, muitos xales para não ter que envolver o recém-nascido num trapo qualquer quando fizer frio, é perigoso que os bebezinhos se resfriem embora digam que hoje há uns supositórios que acabam com o catarro em poucos dias, temos que comprar esses supositórios, e prendemos fazendas com laços de seda nos cortinados que caem do baldaquino de adornos de bronze, e aqui está o plástico para que o colchão não apodreça com a urina porque os colchões podres são muito fedorentos e este sótão não tem muita ventilação, é preciso fazer babadores com esta seda tão bonita, tão fina, seda azul porque vai ser menino, não, os babadores de seda não servem para nada porque, depois, não podem ser lavados a mão, sabem, e não vamos mandá-los à lavanderia cada vez que o

bebê os suje e os bebês sujam muitos babadores, vários por dia, mas, claro, a seda pode ser lavada, Amalia, como pode ser tão boba que nem isso sabe, a seda natural, a fina de verdade, a gente tem que borrifar bem borrifadinha, deixa arejar um pouco e então, depois, com o ferro não muito quente...

NÃO É POR QUE OUVISSE passos ou vozes, nem por que sentisse que me vigiavam nos corredores que me levanto para percorrer esta Casa insondável. Mas, pouco a pouco, fui pensando, e depois notei que alguém tinha começado a percorrer os pátios, os quartos vazios, os corredores, como eu. Não eram as velhas, refugiadas desde cedo em seus cubículos, nem as freirinhas, que caem esgotadas, sem forças nem para rezar, enquanto as asiladas se fecham em seus pátios.

Era você. Adivinhei desde o princípio. Não a via nem a ouvia, mas me veio a certeza de que era você, seu corpo infantil e obsceno e mal lavado, estava compartilhando o mesmo espaço que me envolvia. Por quê? A esta hora devia estar dormindo como as outras órfãs e não vagar acordada, caminhando talvez, ou parada, às vezes não muito longe de onde eu caminhava. Por que perambulava pelos corredores à noite? Só fingia, então, participar no medo das velhas pelo escuro, teias de aranhas, cucas, monstros, terremotos, assaltantes, Dom Clemente, cachorros bravos, buracos em que a gente cai, ciganos que roubam crianças, coisas negras, cuca, cuca...? Por que me seguia? Ou me perseguia? Não, não me perseguia. Era como uma presença, e essa presença tinha que ser a sua, ia invadindo o equilíbrio de meu vazio noturno, onde nada me tocava, nem sequer lembranças, nem mesmo desejos, onde nenhuma presença se oferecia à minha vulnerabilidade. Você deve ter se levantado de sua cama sem que as outras orfãzinhas percebessem para se certificar de que, todas as noites, fico rondando pela Casa até muito tarde, às vezes toda a noite, porque eu não durmo, e se pôs em meu caminho sem se mostrar no começo, só me obrigando a senti-la ocupando o espaço da noite, minha comarca, exigindo-me que a seguisse sem vê-la, como um cachorro segue a pista insinuada por um cheiro.

De dia, eu ia atravessando um pátio para ajudar a tapar o cano furado que ameaçava inundar um claustro, e via você, jogando malha com suas companheiras, ao lado da tília... antes de seguir, ficava olhando você da sombra do corredor, para ver se me dava

um indício ou me fazia um sinal. Nem sequer sei se você me via. Embora, talvez, me tenha visto, porque sabe olhar sem olhar, e saber sem entender que sabe. Não estou apaixonado por você. Você nem sequer desperta em mim uma dessas aberrantes saudades que os homens de minha idade sentem com a proximidade de uma vida jovem: você é um ser inferior, Iris Mateluna, um pedaço de existência primária que envolve um útero reprodutor tão central em você que todo o resto de seu ser é casca supérflua. Mas sua presença na Casa exigia minha atenção de forma tão peremptória que tive que deixar de ficar esperando encontrá-la por acaso, durante o dia, e comecei a inventar pretextos para encontrá-la à espera de um sinal. Não me olhava. Não me via. Estou acostumado a ser uma presença sobre a qual os olhos escorregam sem que a atenção encontre nada em que se fixar. Por que me seguia, então, se nem sequer notava minha existência com um olhar?

Até que uma tarde encontrei-a sozinha num corredor, brincando de fazer chapéus triangulares com grandes folhas de jornal. Você pôs um chapéu, sorrindo para mim com esse estúpido sorriso seu que mostra um incisivo quebrado, como se usar esse cartucho fosse a maior graça do mundo. Não me lembro mais de sua cara naquela tarde. Não posso, porém, esquecer que me feriu a ameaça do punho levantado e a expressão feroz do líder barbudo que vociferava do irrecuperável passado do chapéu de folhas de jornal.

Foi o sinal que começou o terror: o líder barbudo me perseguia com seus esbirros armados de carabinas, fedorentos, vingativos, pelos corredores, dentro da noite, com sua ameaça de crueldade e sangue. Que fizera eu para que me ameaçasse, quem era eu? Nada, ninguém, não sou nada nem ninguém. De onde o conhecia, fora das notícias dos jornais atrasados que o Arcebispo manda à Casa em caminhões para que não se percam, Madre Benita, os jornais e revistas e livros, por mais velhos que sejam, sempre servem para alguma coisa? Que exigia de mim essa figura apocalíptica que enchia a Casa? De noite, não me deixava em paz nas galerias, gritando-me insultos, covarde, bajulador, maricas, vendido, arrastando todo seu séquito revolucionário que recitava as ladainhas das tragédias do mundo por meus corredores, invadindo minha solidão, encurralando-me, convocando uma multidão alvoroçada que irrompeu em meu inundo com a intenção de despedaçá-lo.

Ao armar esse chapéu de papel, dobrando a folha de jornal

como você o fez — não negará que sabia muito bem o que estava fazendo e para que — deixou esse rosto, essa ameaça, dirigida diretamente contra mim.

Mas esta Casa é muito grande. O poder acumulado pelo sossego das velhas, que enche este vazio com a vontade de seus amuletos, é dissolvente, e as multidões foram se perdendo nesta imensidão, silenciando-se, até que ficou só o líder barbudo com seu punho levantado durante uma porção de noites, antes de voltar à sua condição de chapéu, de notícia, retornando à dimensão de papel velho e deixando em seu lugar sua presença, nítida agora, com a mão levantada junto ao muro que fica entre o pátio da palmeira e a rua. As luzes de um carro que passou lá fora relumbraram verdes nos cacos de vidro pontiagudos para impedir que alguém escale o muro e entre na Casa, ou saia. Você baixou a mão: impossível. E continuou rondando pela escuridão, segura, sem medo, obrigando-me a ir atrás, era isso o que queria, que a seguisse, que fizesse o que você fazia, que parássemos para escutar alguém que, muito tarde, voltava para casa assobiando uma canção. Sabia que fiquei espiando você atrás de uma porta sem que me visse. Você teria podido me surpreender ali, mas preferiu não fazê-lo. Melhor não me ver. Vendo-me, teria que me reconhecer e você me conhece como o Mudinho que varre e empurra o carro com trastes velhos, olhe, Madre Benita teria, então, que delatar você, olhe só o que esta menina está fazendo em vez de estar deitada dormindo, levantei-me porque ouvi um ruído e pensei que podiam ser ladrões e era ela, o que tem que andar fazendo em pé a estas horas, é preciso que a castiguem, que a vigiem... Não, convinha mais que você não me visse.

Todas as noites você me arrastava de um lado da Casa a outro, para ver os reflexos dos lampiões da rua sobre as telhas, para ouvir as buzinas, para ouvir os meninos que nas noites sufocantes de verão, brincavam nas calçadas de o que quereis, minha senhora de marre marre de si, eu queria um de vossos filhos, de marre marre de si, e que ofício dar a ele, de marre de si... seguindo-a a todas as partes, para que não se perdesse, não fosse ficar fechada para sempre num quarto secreto, não fosse desaparecer, não fosse me deixar sem a solução do enigma de nossos passeios noturnos, juntos mas sem nos ver... abrir as portas condenadas que servem o andar de cima, despregar essas tábuas em cruz, forçar para que cedam, mas não cederam a seus puxões, abra essa porta, abra, não seja

ruim, o que lhe custa abrir essa porta para que eu suba e veja o que tem lá em cima, o que se vê do outro andar, que eu jamais vi. Até que uma noite, depois de várias noites em que você chegava a essa porta e parava diante dela e depois ia embora, tentou abri-la de novo e encontrou os pregos soltos e as tábuas cederam porque eu tinha compreendido suas ordens, eu as cumprira, e abri a porta condenada para que você subisse para rondar as galerias do outro andar, e abri para você o dormitório dos vinte catres, e despeguei as janelas para que olhasse a cidade. Minha submissão acalmou-a. Encontrei o chapéu de papel jogado no barro do pátio, e queimei-o. O cheiro à barba chamuscada logo se dissipou com a brisa.

Você subia todas as noites para olhar a cidade da janela. Fez amizade com as crianças do bairro. Conversavam aos gritos, você dançava no parapeito para um grupo sempre renovado, que se reunia para aplaudi-la. Não circulava mais sem direção pela Casa. Mantendo-a lá em cima, voltada para a rua, de costas para mim, a paz dos corredores e das galerias voltou a me acolher.

Sei que a gente se humilha quando cede ante uma exigência, e portanto a paz é só momentânea: o monstro ávido volta a descobrir suas garras para exigir mais e mais e mais e mais. Eu sabia que a Iris Mateluna logo deixaria de ir à janela e, insatisfeita, exigiria outra coisa, ou a mesma coisa porém mais, mais, que recomençaria sua perseguição pelas galerias dentro da noite, procurando-me para me obrigar a dar o que iria exigir e eu não quero obedecê-la, Iris Mateluna, você não é mais que um pedaço de carne dotada de tropismos, já esqueceu de seu pai, que degolou sua mãe na cama onde os três dormiam, como vai se esquecendo de tudo, substituindo cada desejo simples por outro, luz em cima de um muro, depois janela que dá para a rua, agora... não podia dá-lo e para que você não o exigisse, fugia até me perder nas profundezas da Casa. Nunca, porém, consegui me perder, você sempre me encontrava e me obrigava a segui-la, me confundindo nos corredores que eu pensava ser o único para quem não eram labirinto, me fazendo perder o rumo nesta Casa, que é a minha Casa, que conheço como a palma de minha mão, até que, quando pensei tê-la conduzido a um beco onde a encerraria para sempre, me vi, de repente, no pátio da portaria. Como?

Escondi-me entre as touceiras de gerânios que enfeitam as pedras simuladas da gruta de Lourdes. Vi você tirar a tranca do portão. Depois a ouvi mexer no ferrolho, sem forçá-lo, só para

comprovar o que já sabia, que estava fechado a chave como todas as noites, click, click, click, mas, sobretudo, para me fazer saber sua nova exigência. Não, Iris. É demais. Apertei as chaves no bolso do meu guarda-pó. Não tinha obrigação de obedecê-la. Afinal de contas, você jamais tinha me visto segui-la. Só adivinhava, e se a sua vingança por não obedecê-la se fazia pública, bastava fingir ignorância. Você ficou esperando, fazendo que brincava com uma pedra, como no jogo da malha, me dando tempo para que abrisse o portão. Não abri. Não obedeci. E você desapareceu pelo claustro, saltando em uma perna e chutando a pedrinha. Você tinha deixado o portão da rua sem tranca. Logo que vi que você não estava mais, corri para trancar o portão, é meu dever, e o venho cumprindo noite após noite durante anos a fio. Não gosto que o portão da rua fique sem tranca de noite.

Você fez a mesma coisa várias noites. Tirava a tranca, abria e fechava o ferrolho embora soubesse perfeitamente bem que o encontraria trancado — o click, click, a mensagem era o importante — e, em seguida, se afastava rumo a seu pátio. Deixava o portão sem trancar. Eu tornava a trancá-lo logo que você desaparecia. Até que uma noite você não voltou a seu pátio. Deve ter-se escondido um momento para me enganar, e, três minutos depois, enquanto o trancava e me escondia, você voltava ao portão que agora encontrou com a tranca. Você nem sequer se incomodou em mexer no ferrolho. Para que, se me descobriu?

— Mudinho.

Iris, respondi. Você não me ouviu porque minha voz não se ouve. Não saí da gruta. Com sua artimanha, porém, tinha me obrigado a aceitar a cumplicidade. Na noite seguinte, logo que a Casa adormeceu, você se dirigiu ao portão. E o encontrou sem tranca. E sem chave. Observei-a: você não fez nenhum movimento estranho nem demonstrou surpresa. Abriu o portão e saiu para a rua.

Fiquei esperando entre as pedras de cimento desbotado. Fechar. Passar chave e trancar por dentro. Inventar rapidamente uma história que explicasse seu desaparecimento, os ciganos a raptaram, foi comida pela cuca, fugiu com o pai assassino, a escuridão da Casa devorou-a, caiu num poço, perdeu-se nos sótãos, ficou fechada em algum baú em que estava remexendo, acreditariam em qualquer coisa e só eu saberia que a deixei do lado de fora, nas mãos dos polícias, que a entregariam aos doutores para que a esquartejassem,

peça por peça, você tem um corpo jovem, há muita gente que precisa de seus órgãos e o doutor Azula está sempre ávido de glândulas e úteros, de olhos, sobretudo de olhos, porque procura uns olhos que não encontra e que Dom Jerónimo lhe exige que encontre e os entregue a ele, e assim, esquartejada, enxertada peça por peça nos corpos dos outros, repartida, você deixará de existir.

Antes, porém, que eu agisse para entregá-la aos verdugos, o portão se abriu e você entrou, com menos de dez minutos fora, cantarolando em voz bastante alta, muito alta, como se já não mais lhe interessasse o segredo porque eu, seu cúmplice, tinha a missão de protegê-la. Ao passar diante da Virgem de Lurdes, você se benzeu sem interromper a canção, negra, negra consentida, *mueve tu cintura, muévete para acá*, nem o ritmo de seu passo. Nem mesmo ia sorrindo, como se houvesse cometido uma má ação. Nada. Cantava. Bocejava. E desapareceu.

Fui fechar e trancar o portão. Você nem se preocupou em fechá-lo: encontrei-o aberto de par em par, a noite terrível transcorrendo agradavelmente lá fora.

DE VEZ EM QUANDO eu deixava a porta da rua aberta para que ela saísse. Ficava esperando sua volta, às vezes, durante horas, até o amanhecer, escondido entre as pedras de alvenaria da gruta. Mas eu já não ficava na Casa: Iris, fora, abrindo caminho pelo emaranhado de lugares que percorria, de cachorros insaciáveis, de casas e edifícios muito altos de onde a observariam, de pontes, avenidas, carros, de algazarra, ia-me arrastando para me entregar a Dom Jerónimo.

Porque, de fato, me arrastava. Como a um cachorro. Amarrado a uma corrente para que a seguisse a toda parte e a obedecesse, cego e sem vontade, amarrado para que não descesse da calçada e um carro me atropelasse, com uma coleira de pontas para dentro, dessas que se usa para amestrar os cães, quando não se pode fazer outra coisa senão obedecer, porque a coleira fere quando se resiste e as puas deixam o pescoço sangrando se eles desejam puxar a corrente e se resiste um pouco, mesmo muito pouco, até que finalmente, com o pescoço ferido, já não se é mais capaz de resistir e se obedece porque dói muito não obedecer e pretender ter vontade e desejos próprios até que, finalmente, para que meu pescoço não doa nem sangue quando ela quiser puxar a corrente e

as puas me piquem, chego a esquecer que alguma vez, no passado, longe, longe, talvez senti vontade ou tentei desobedecer quando ainda compreendia o que é desobedecer. Eu não a desobedeço, Iris é cruel e, às vezes, faz que a coleira de puas pique o meu pescoço pelo prazer de me ver sofrer, seguindo-a de longe, mas sem perdê-la de vista, embora sem deixar que ela me veja, deixando-a livre para que fale com seus amigos... alguém lhe paga uma Coca-Cola... entra no bar onde os rapazes do bairro se reúnem para jogar totó e para vender e trocar revistas velhas... ensinam-lhe danças novas e canções da moda... jogam boliche e bolinhas, e leem romances... acompanha o Gigante para ajudá-lo a distribuir volantes multicoloridos: *Lojas Martim Pescador. Facilidade de pagamento. Colchões. Camas. Cobertores. Móveis. Os preços são tão baixos que é preciso abaixar-se para vê-los.* Gina, a amiga do gigante, chamam-na no bairro. Tudo tão ingênuo, tão infantil.

E se Dom Jerónimo chegasse a saber que a Iris anda me arrastando pelas ruas? O mais provável seria que não me reconhecesse, transformado no cachorro da Iris, despojado de tudo o que é de Humberto, salvo do princípio ativo do meu olhar, que o doutor Azula não pôde extirpar. E se seus sequazes vissem isso, meus olhos na cara do cachorro da Iris? Então se apoderariam de mim, desta vez para sempre, não posso esperar mais, Humberto, estou envelhecendo, o doutor Azula com seus bisturis e seus ajudantes de máscara e roupas brancas estão prontos, ainda a meu serviço, esperando o momento de encontrá-lo, agora sim, você tem que devolver isso que guarda e é meu. Há gente escondida nos umbrais, gente sua, um homem que, de repente, ao dobrar uma esquina, se encontra comigo e finge acariciar o bigode, mas não o está acariciando, está é grudando-o com cola porque é postiço, para que eu não o reconheça, como se pudesse reconhecer, não reconheço ninguém, nem mesmo a Imperatriz, ela deve estar me vigiando das janelinhas dos carros que passam, suas presas babadas, as rugas concentradas na testa de anã, procurando-me, cada um para o seu, e a Peta Ponce, a mais perigosa, a mais implacável, a mais feroz, a mais difícil de distinguir, porque posso confundi-la com qualquer das velhas, seus passos não se ouvem, sabe desaparecer, velha lasciva que não me deixa em paz, eu rio de você porque vivo servindo a velhas que são como você, mas que não me conhecem na situação em que você me conheceu e, por isso, me deixam tranquilo dentro da Casa, sou outra das velhas, Dom

Jerónimo, sou o cachorro da Iris, deixe-me descansar, não me perturbe, eu já o servi, ser testemunha também é ser criado, o senhor sabe que os criados ficam com uma parte de seus patrões, sim, sabe, como não vai saber se eu fiquei com o seu principal quando o senhor me pagou como testemunha de sua sorte. A perfeição do casal feliz se desenrolava lá longe, remota como um panorama de montanhas altivas mas intocáveis que mantinham meus olhos acorrentados por essa admiração e essa cobiça que Jerónimo e Inés conheciam e de que precisavam. Não eram capazes de viver sem a presença de meu olhar invejoso criando sua felicidade, a dor de meus olhos que os contemplava ia fornecendo a sorte que eles consumiam. Não foi a mim — eu era dispensável — foi minha inveja que Dom Jerónimo pagou durante tantos anos. Mas eu fiquei com o olhar carregado de poder, isso é meu, não o dou, não vou permitir que o tirem de mim, por isso o escondo aqui na Casa, para que o senhor não o tire de mim, Dom Jerónimo, para que jamais volte a se aproximar da sorte, e por isso nunca mais vou sair à rua com a Iris, nem disfarçado de cachorro, mesmo que me chute e me bata para que a obedeça, não sairei, ficarei aqui onde estou, quieto como um santo de gesso entre essas pedras de alvenaria.

Gigante e Iris eram o casal feliz. Meu olhar se alimentava neles, adivinhando as minúcias dessa relação que se fez exclusiva porque a Iris adorava o seu Gigante, vai se casar comigo, contava às órfãs, olhem seu retrato aqui nesta revista do Mickey Mouse, estão vendo, aqui está ele, seguido pelo Pluto, este é ele, o Gigante, que passa por aqui muitas tardes e eu espero na sacada do andar de cima para marcar encontros, gritando, mais tarde, Gigante, quando as velhas se deitarem, espere um pouco, já vou me juntar com sua figura maravilhosa, que domina todos os que andam pela rua.

Sentavam-se na calçada para conversar. Não sei sobre o quê. Não posso imaginar sobre o que se pode falar com um ser como a Iris Mateluna, que não conhece mais que seu próprio corpo, porque o resto, seu povo, sua mãe morta, seu pai presidiário ficaram esquecidos na outra encarnação que nada tem que ver com a encarnação presente, a da amiga do Gigante, ela nem sequer se chama Iris, mas Gina, é mais moderno, Gina, Gina dance para nós uma dancinha mexendo bastante as tetas, Gina, aqui mesmo, nesta esquina, vamos, Gina, mexe bem mexido...

Devo dizer a verdade: Romualdo, no princípio, porque não é um

rapaz mau, foi afetuoso como um irmão mais velho com a Iris, como se tivesse pena dela. Contava-lhe coisas... os cavalheiros turcos donos das Lojas Martim Pescador eram bons, quando alguém fazia uma grande compra dizendo que foi o Gigante que lhe deu um dos volantes multicoloridos, os cavalheiros turcos me dão uma gorjeta, me deixam dormir na loja, põem um colchãozinho na entrada e me dão as chaves, têm muita confiança em mim, sou calmo além de Gigante, e alguns dias venho a este bairro, noutro dia a outro, mas gosto mais de vir por aqui, gostaria de morar neste bairro, quando ganhar mais vou procurar um quarto numa pensão por aqui, mas quem sabe quando será isso, claro que às vezes me escondo em um lugar que tem logo adiante nesta rua para dormir a sesta, quem vai reparar nisso, tem um carro velho, só chassi, sem rodas nem motor, eu entro no carro e durmo a sesta.

Eu o segui até o terreno baldio. A cabeçorra de cartão-pedra pintado dominando no banco dianteiro. Ele, em posição fetal, dormia no traseiro. Meti a mão pela janelinha sem vidro. Toquei suavemente nos olhos pintados do Gigante. Romualdo acordou gritando:

— Me larga...

Larguei-o.

— Que queres?

— Nada.

— Se manda, então.

Saí espavorido, tapando a boca com uma das mãos e agarrando a garganta com a outra, pelas ruas que minha voz fendeu num abismo entre as caras dessas pessoas que eram todas Dom Jerónimo, o doutor Azula, Imperatriz, a Peta, gente cruel que ia me delatar à Madre Benita, que contaria ao Padre Azócar que toda minha vida era uma invenção, o Mudinho fala, sente desejo, tem um olhar potentíssimo, sabe coisas, ouve, é um rufião, um ser perigoso, e então me tomariam as chaves, as chaves com que me fecho aqui para que ninguém me alcance nem me descubra, sim, contariam por telefone ao Arcebispo que se comunicaria com Dom Jerónimo para que viesse me buscar, porque eu não saía mais arrastado pela corrente da Iris, mas sozinho, por minha conta, como se tivesse esquecido que o doutor Azula quer me tirar os olhos, que conservará vivos e videntes num frasco especial para entregá-los a Dom Jerónimo e, então, só então, ele se esquecerá de mim e me deixará voltar ao monte de lixo a que pertenco, porque meu olhar é

a única coisa que lhe interessa, prescindiu sempre do resto, mas não de meu olhar, dolorido, nostálgico, invejoso, o resto de minha pessoa não o interessava nada, nada, nada, essa palavra delatora que me escapara ia me queimando a garganta.

Encerrado em meu pátio e enfiado em minha cama não me encontrariam. Febre, tremores, as velhas me agasalharam com pedaços de pano como a um bebê. A garganta inchada me teria impedido de falar mesmo que quisesse. Era impossível engolir com esta dor. As papilas da língua avermelhadas, o paladar sangrento, a laringe áspera, nada, nada, cubram-me, velhas, agasalhem-me bem para que não tire de febre, para não poder mexer os braços nem as mãos nem as pernas nem os pés, depressa, velhas, me costurem inteiro, não só a boca ardente, mas também e ainda mais os olhos para sepultar sua potência na profundidade das minhas pálpebras, para que não vejam, para que ele não os veja nunca mais, que meus olhos consumam seu próprio poder nas trevas, no nada, sim, costurem meus olhos, velhas, assim deixarei Dom Jerónimo impotente para sempre.

AS VELHAS me deram umas agulhas muito eficazes para me curar. A María Benítez me pincelou com azul de metileno: minha boca era uma caverna que não me atrevia a mostrar porque até as velhas se riam de meus lábios roxos e de minha língua cinzenta, outra pincelada, María, mesmo que não precise, com a boca azul, assim, não vou me atrever a sair à rua, porque pensariam que sou louco e me levariam à Casa de Orates... não podemos continuar pincelando você para sempre, Mudinho, não tem mais febre, poderia levantar se quisesse, está melhor, e olhe, olhe o sol, olhe só que lindo está este solzinho de outono...

Eu conhecia os costumes do Gigante. Era preguiçoso. Apesar de suas histórias de gorjetas fantásticas, o pagamento miserável e o trabalho faziam dele um insatisfeito. Era cansativo, além de humilhante, transitar pelas ruas com a cabeçorra ridícula, distribuindo volantes que não interessavam a ninguém salvo às crianças, dobrando-os e redobrando-os, eles os transformavam em barquinhos que faziam flutuar pelos fios de água que no inverno escorriam pelas sarjetas. Trabalhava o menos possível. No verão, o calor dentro da cabeçorra sufocava-o. Quando fazia frio tiritava sob a roupa de percal. No Ford abandonado no terreno baldio,

improvisou uma espécie de lar: panelinhas enegrecidas para esquentar o chá, revistas velhas, baralho para paciência, no para-brisa, pregada, a fotografia de um conjunto musical de cabeludos, e a cabeça do Gigante, separada do corpo, repousando no assento dianteiro. Eu rondava para olhá-la. Olhava Romualdo dormir. Não queria que dormisse e de novo toquei em seus olhos.

— Outra vez? Que merda queres?

A cabeça do Gigante. Isso é o que quero. Alugá-la, Romualdo, para usá-la e com ela sobre mim fazer parte do casal feliz. Ia me perguntar para que eu a desejava, mas parou a tempo na metade da frase para perguntar, melhor, por quanto. Mil. Um sorriso lento sob seus bigodes negros revelaram seus dentes brancos, molhados... sim, não é possível, esse negócio de ser Gigante é meu trabalho, os cavalheiros turcos são donos da cabeça, é muito fina, olhe, de cartão-pedra levezinha, toda pintada a pistola, brilhante, veja, os cavalheiros turcos me vigiam para que eu faça meu percurso bem feito e distribua os volantes, não está vendo que isto é publicidade... é deles a cabeça do Gigante, não minha, se fosse minha, ah, emprestaria a você com muito prazer, mas não é minha...

— Mil e quinhentos.

— Por quanto tempo?

— Não sei, uma hora, duas horas...

— Feito.

A pergunta “para que” queimava sua língua, mas em todo caso, por que tenho que andar me metendo no que as pessoas fazem, este valentão é bastante estranho, precisava ver a voz que tem e a boca roxa como a do urso polar do zoológico... e mil e quinhentos não fazem mal a ninguém. Quem vai reparar que não sou eu o Gigante, se as pessoas nem olham para o Gigante quando passa na rua, e além disso me promete que vai distribuir os volantes como se fosse eu.

— Feito.

Tira a cabeçorra do banco dianteiro do Ford, a máscara descomunal, vermelha, sardenta, de palhaço, fantoche, demônio, boneco, olhos saltados e risada fixa que mostra um par de dentes de coelho.

— Bem. Então vou botá-la em você.

— Bem.

— Passa os mil e quinhentos.

Entrego-os a ele. Romualdo me entrega umas calças de percal

estampado. Visto-as.

— Agora a jaqueta?

— Não, a cabeça primeiro, depois a jaqueta, para que esconda as tiras com que vou prender, bem presa, sua cabeça.

Você a coloca por cima, ritualmente, como o bispo mitrado coroando o rei, anulando com a nova investidura toda existência prévia, todas, o Mudinho, o secretário de Dom Jerónimo, o cão da Iris, Humberto Peñaloza o sensível prosador que nos entrega, nestas tênues páginas, uma visão muito sentida e artística do mundo desvanecido de antanho quando a primavera da inocência florescia em jardins de glicínias, a sétima bruxa, todos nos dissolvemos na escuridão de dentro da máscara. Não vejo. Agora, além de carecer de voz, não tenho vista, mas não, aqui há uma ranhura no pescoço do Gigante, por onde tenho que ir olhando. Ninguém vai pensar em procurar meus olhos na garganta deste fantoche de cartão-pedra.

— Não, cômoda não é, porque vou dizer que é se não é, e você é tão fraquinho. Mas está vendo que não é tão pesada como parece no começo? É que é fina, o cartão-pedra é fininho, de primeira. Tens que te acostumar a ir olhando pelo buraco, isso é o principal. O negócio é que não te estateles por aí e me amasses a cabeça, o patrão tem maus bofes e esta cabeça é muito valiosa. Tá, agora a jaqueta.

O oficiante se retira inclinado, respeitoso. A jaqueta também é estampada, mas de um estampado diferente, como se houvessem confeccionado meus trajes cerimoniais com retalhos de percal desbotado. Dou um passo hierático, dois, segurando a coroa com as mãos, mas logo percebo que não é difícil mantê-la lá em cima porque é minha própria cabeça, sim, sinto a brisa que a acaricia e minha mão que toca minha face, adeus Romualdo, falo claro e alto, vejo a cidade me rodeando tão benigna como a Casa porque ninguém poderá me descobrir sob este disfarce. Vejo tudo de minha heroica altura, maior que a de Dom Jerónimo, com meus maravilhosos olhos de cartão-pedra lá em cima, contemplando as torres de cristal de meu reino. Entro por uma rua qualquer, sem me preocupar com o nome para poder voltar sem me perder, sei que não vou me perder porque o Gigante não se perde em seu reino.

É a hora mais pálida do dia. Se não acontecer algo para salvar as coisas, tudo pode desvanecer-se ante minha estatura descomunal. A quadra compridíssima é uma só parede com portas em intervalos regulares, malvalilásrosalimão, trechos de cores diferentes em volta

de cada porta marcam as casas diferentes, plantas, um banco, o registro d'água que pinga, o tanque, a vassoura de galhos, a senhora que comprou o fogão a gás, a begônia na velha chaleira, cada porta revela um mundo diferente, e a fila de nogueiras sem folhas ao longo da calçada por onde vêm Gina e o Gigante, caminhando juntos, rindo-se e ela lhe pede uma Coca-Cola que ele compra e Gina joga volantes de cores que não se distinguem à enganosa luz desta hora, e Gina gira, entre a chuva de volantes que caem, para apanhar os papéis que ela mesma atirou pelo prazer de girar entre papéis multicoloridos. Uma mulherzinha põe um braseiro na calçada. A água que corre ao longo da sarjeta reflete a chama azul que vai acender os carvões para transformá-los em brasas. Gina lhe dá um volante.

— É circo, senhorita?

— Não, é filme.

— A senhora quem é?

— Sou Gina, a Pantera da Broadway.

As figuras embuçadas que cochicham nas esquinas e as vozes e os ruídos abafados esperam um sortilégio para aparecerem e se tornarem verdadeiras. Iris não me conduz, eu a conduzo porque conheço tudo apesar da penumbra das ruas vazias. Adiante, uma velha se acocora, encolhida como uma gárgula soprando sobre os carvões de outro braseiro... o rastro de fagulhas invade a rua, é a crepitante respiração que sai da boca desta bruxa benigna para acender os lampiões que iluminam nosso trânsito, e a magia estridente da eletricidade muda, de repente, o signo das coisas, o azul é violeta, o rosa é púrpura, o limão alaranjado e as figuras postadas nas esquinas como conspiradores... reconheço-as, a eletricidade as revela, a mim, não, continuo sendo o Gigante que conhece todo o mundo no bairro, os Quatro Azes fumando numa esquina não conspiram contra ninguém, são Aniceto, Anselmo, Andrés, Antonio, então, agora, Irma, solte seu galã, não seja sem-vergonha, não vês que a luz se acendeu, e continuamos pela calçada onde aparecem mais mulheres acendendo seus braseiros, sopram e comentam, olhem para ela, a garotinha da Casa, a que dança, dizem que se chama Gina, não é verdade, seu nome é Iris, é a amiga do Gigante, atravessemos para o outro lado da rua, e nos pegamos as mãos e durante um instante os faróis de um carro que freia conseguem transfigurar-nos, iluminados, funambulescos, maiores e mais belos que o cotidiano que as horas vão deteriorando, enquanto

que a nós, esses faróis, nesse segundo da freada, nos isolam e nos preservam, e não ouvimos os gritos indignados do motorista, que continua até se perder na realidade de outras esquinas. Conduzo Iris até o terreno baldio. Nós nos escondemos atrás do Ford.

— Vamos fazer naná.

Nada em mim titubeia. Nem minhas mãos ardorosas nem meu sexo entusiasmado, enquanto ela acaricia minha face de cartão-pedra, nem meu peso, que a esmaga, obrigando-a a contorcer-se com os olhos baixos, você é o meu amor, quero me casar com você porque é muito lindo, porque é tão gostoso o naná que você está fazendo em mim, não me deixe, quero mais naná, mais e eu lhe dou mais e mais amor porque posso lhe dar bastante amor, até esgotá-la... até a hora de nos separar, tenho que ir, Gigante, prometo que vou sair com você uma noite inteira para rir e dançar juntos, sim, Gina, e vou lhe comprar coisas lindas, quando, Gigante, me diz quando, não sei, não posso prometer nada porque não sei quando vou poder voltar a este bairro outra vez, porque se os cavalheiros turcos me descobrem, eles me tiram da boa, não sabe que tenho que percorrer todos os bairros perto das Lojas Martim Pescador, não ganho nada se andar sempre no mesmo bairro, se eu faço publicidade e é para isso que me pagam, quando, então, Gigante, não sei, não sei, está bem, espero você todas as tardes na janela do andar de cima, vou ficar procurando para ver se você vem e a gente, então, sai, você me faz um sinal, eu desço... adeus, Gigante, que bom foi esse naná, adeus, Gina, e fico esperando, escondido entre as pedras da gruta.

EU SOU O pai do filho da Iris.

Não é milagre. Tenho algo que Dom Jerónimo, com todo seu poder, jamais conseguiu ter: esta capacidade simples, animal, de gerar um filho.

Eu espiava a chegada de Romualdo. Ajeitava tudo para que Iris pudesse sair, saía eu pouco depois, trocava minha cabeça pela cabeça do Gigante e fazíamos naná. Romualdo tinha começado a comprar um relógio de pulso a prestação, pagando com o dinheiro que eu lhe dava em troca de me emprestar a cabeça do Gigante. Depois que a María Benítez examinou a Iris e disse que sim, que claro, que estava esperando, não, digo eu, estas garotas de hoje emprenham só em cheirar umas calças, nessa mesma tarde disse a Romualdo que não precisaria mais da cabeça do Gigante.

— E meu relógio?

Encolhi os ombros.

— Como vou terminar de pagá-lo?

Não respondi. Queria que ele mesmo encontrasse a solução, para que não pudesse me culpar de nada.

— Vou ter que alugar a cabeça pra outros caras.

Certo. Isto mesmo. Bravo, Romualdo, você é o intermediário perfeito. Iris já tinha meu filho na barriga. Era preciso demolir o resto inútil de sua pessoa que envolvia esse útero ocupado por meu filho. Olhei para Romualdo. Não tinha chegado muito facilmente à solução exata? Propus que ele mesmo usasse a cabeça do Gigante para fazer amor com a Gina.

— Eu não preciso de máscara nenhuma para pegar essa garota muito louca.

Perguntei se já o havia feito.

— Não.

Não acreditei. Precisava ter a certeza absoluta de que o filho da Iris era meu. Propus uma aposta. Se conseguisse seduzir a Gina sem a cabeça do Gigante eu lhe daria o dinheiro para pagar tudo o que faltava do relógio.

— Feito.

Vi tudo da janelinha de trás do Ford. Quando Romualdo começou a tirar a cabeça, a Iris gritou caburé caburé, não vá voar, bruxo, mau... e a cabeça caiu no chão. Romualdo tentou encostar Iris contra o porta-malas do Ford mas ela arranhou sua cara, gritando e chorando e fechando as pernas e mordendo as mãos de Romualdo, que queriam agarrar seus peitos, Romualdo excitado e furioso com o sangue e a luta. Vesti a cabeça enquanto brigavam. Vesti minha roupa de percal para ir salvá-la das mãos do perverso, levando-a comigo abraçada, pela rua, consolando-a, sim, esse homem é mau, é pecado meter-se com alguém que não seja o Gigante, eu sou o único bom, Gina, pegue os volantes para ir distribuindo, tome, trouxe estas revistas de presente, olhe, quer que eu leia esta novela tão linda que saiu no *Carinho*, tome uma fita de veludo azul para o cabelo e um par de meias, uma Coca-Cola, um sorvete de três cores.

Romualdo me disse que muito bem, que eu ganhara a aposta. Confessou que agora já não estava tão preocupado por causa do relógio, porque já tinha dois clientes para a cabeça, dois caras que lhe dariam não mil e quinhentos, claro, mas mil... quem sabe para que queriam a cabeça do Gigante, ele não ia se intrometer no gosto dos outros.

Como eu a deixava sair com muita frequência, Iris logo fez uma clientela formidável no bairro. Eu me escondia dentro do Ford para vê-la fazer amor comigo, gemendo de prazer, revirando os olhos, rindo, acariciando meu rosto, espojando-se no meu olhar. A fama da Iris não demorou a se espalhar por toda a cidade. De bairros distantes, vinham para fazer amor com ela. No princípio chegavam operários e colegiais, depois garotões em carros. Mais tarde, vi cavalheiros em carros dirigidos por motoristas fardados, diplomatas de fraque, generais com dragonas brilhantes, acadêmicos da língua com o peito coberto de condecorações e cordões de ouro, cônegos pançudos e calvos como bolas de gordura sovada, fazendeiros, advogados, senadores que discursavam sobre a lamentável situação do país enquanto faziam amor, artistas de cinema maquilados como putas, comentaristas de rádio que sabiam a verdade absoluta. Trocavam seus luxos pelas minhas vestimentas, seus rostos pelo meu que os revitalizava, para se refestelarem com a Iris e afundar suas mãos nessa macia carne enamorada de mim, que eu via ceder às minhas pressões e carícias da janelinha de trás do Ford. Uma vez, vi Dom Jerónimo de Azcoitia descer de sua Mercedes-Benz, falar

com Romualdo, pagar-lhe e vestir minha cabeça, Não tive medo: o útero da Iris já pertencia a meu filho. Ao contrário, tive pena dele, porque desde que o deixei, há tantos anos, tenta tudo, qualquer coisa, até as mais estapafúrdias, para recuperar sua potência, que eu conservo guardada em meus olhos. Já não é tão jovem. Seus sequazes procuram para ele oportunidades e experiências aberrantes às quais se submete desesperado. Mas é inútil. O senhor sabe que é inútil, Dom Jerónimo, até que eu o permita, e o coitado permanece fechado dentro de si mesmo sem possibilidade de se comunicar, o sexo flácido como uma manga sem braço.

Ao vê-lo e não sentir medo, soube imediatamente que tinha que correr um risco que valia a pena: autorizá-lo a, disfarçando-se de mim, fazer amor com a Iris Mateluna. Bastava que eu o olhasse enquanto fazia amor, que me colocasse por uns instantes em meu velho papel de testemunha de sua sorte e de seus triunfos.

Minha cabeça o trouxe. E quando a Iris chegou, encostando-a ao muro, rebolaram juntos, mas nada, que lhe aconteceu, meu lindo, não gosta mais de mim, não levanta mais, gosta de outra, não, não, espere, estou cansado, espere um pouco, através do percal da roupa que lhe estava justíssima chegou até mim a angústia de sua excitação, seu desespero implorando minha ajuda, invocando meu nome, desejando meu olhar. Quando senti que sua angústia explodiria, apareci na janelinha do Ford para que pudesse me ver, a mim, Humberto Peñaloza, o que o acompanhava às casas de prostituição quando Inés estava grávida e ele temia tocar nela para que nada estragasse a perfeição da criança que ia nascer, vamos, Humberto, acompanhe-me, e me mantinha lá, olhando-o gozar com qualquer puta, me dizendo olhe, como sou macho, Humberto, olhe só como eu a faço gozar, aposto que você não poderia fazê-la gozar tanto quanto eu, com minha potência descomunal, a força de meus braços, a perícia de minhas pernas e mãos, e minha língua e meus lábios, olhe, Humberto, olhe para ela, ouça como geme, você percebe que é um pobre infeliz porque não pode despertar o ardor que eu sei despertar, a dor o açoita e fere, deixe que a nostalgia quebre tudo o que permanecia em pé em você, entristeça-se porque é incapaz do que eu sou capaz... do que era capaz, Dom Jerónimo. Agora não. Hoje sim, porque eu deixo que veja meu rosto enquadrado na janelinha do carro, e a dor de meus olhos olhando-o, a dor que continua habitando minhas pupilas: por isso posso fazer a Iris Mateluna gemer de prazer.

Não sou incapaz de imaginar o tormento de indecisão que Dom Jerónimo sentiu ao me ver: deixar a Iris esperando, interrompendo seu único ato de virilidade em muitos anos, para me perseguir e finalmente se apoderar de mim; ou permanecer com a Iris, e ao gozá-la, me perder, e se perder o senhor mesmo para sempre. Foi só um segundo em que me viu, e soube que era eu, não uma alucinação. Fugi para me esconder na Casa. Não vou sair nunca mais. Para quê? Tudo está pronto e acertado, e meu plano traçado: não me custará muito convencer Dom Jerónimo que meu filho, que vai nascer do ventre da Iris Mateluna, é seu, o último Azcoitía sonhado e esperado e procurado no ventre de Iris que se negou a produzi-lo. Dom Jerónimo o reconhecerá. Dará a ele seu nome e suas terras. Será dono desta Casa. Ele a salvará da destruição, para que continue igual, um labirinto de paredões carcomidos e solitários onde eu poderei permanecer para sempre.

Que diria meu pai, meu pobre pai, professor primário, se soubesse que um neto seu, um filho meu, bisneto do maquinista de trem que, com sua fuligem de carvão, unia dois ou três povoadinhos do sul, vai ostentar o sobrenome Azcoitía? Não, não, Humberto, é preciso respeitar a ordem, não se pode enganar nem roubar, para ser cavalheiro é preciso começar por ser honrado. Não podemos ser Azcoitía. Nem sequer tocá-los. Somos Peñaloza, um sobrenome feio, vulgar, sobrenome que as comédias usam como piada grosseira, símbolo da vulgaridade irremediável que reveste o personagem ridículo, marcando-o para sempre dentro da prisão do sobrenome plebeu, a herança de meu pai. Porque tive pai, Dom Jerónimo, sim, embora o senhor não acredite, embora jamais se tenha preocupado em investigar nem me perguntar sobre esse fato inegável, eu tive pai, e tive mãe e tive uma pobre irmã, a primeira a desaparecer, engolida por um matrimônio vergonhoso mas necessário com o dono da papelaria da esquina onde eu comprava os primeiros cadernos para rabiscar versos, e ela, postais de Cleo de Merode, Pastora Império e da Bertini, perdida agora e talvez morta no povoado mais chuvoso das províncias do sul. Meu pai só se lembrava do próprio pai, o maquinista da locomotiva, além dele, só o anonimato das pessoas como nós, sem história particular de família, pertencentes à massa em que as identidades e os fatos se apagam para gerar lendas e tradições populares. Não se lembrava de nossa história, era só um Peñaloza, um professor de menininhos abusados que lhe arrebetavam os nervos. Ouço a voz de meu pai

debaixo de nosso fétido lampião de parafina. De noite, depois de haver comido qualquer guisado que tinha mais imaginação de minha mãe do que sustância, meu pai traçava planos para mim, para que, de algum modo, chegasse a pertencer a algo diferente a esse vazio de nossa triste família sem história nem tradições nem rituais nem lembranças, e a noite nostálgica se alongava na esperança de sua voz, que ansiava me legar uma maneira de proceder, e a goteira insistente que caía do teto numa bacia contradizia-o obstinadamente. Meu pai me explicava tudo. Exigia sem exigir, com a veemência de sua mão terna mas envergonhada que queria tocar a minha sem se atrever a fazê-lo sobre a toalha bordada por minha irmã, que conseguia disfarçar a ruindade mas não a manqueira da nossa mesa. Sim, papai, podemos, sim, claro, eu prometo, juro que vou ser alguém, que em vez deste rosto triste sem feições dos Peñaloza conseguirei uma máscara magnífica, um rosto grande, luminoso, sorridente, definido, que ninguém deixará de admirar. E como se compadecendo de minha inútil empresa, minha mãe levantava os olhos por um segundo, para me olhar, e logo voltava a concentrá-los na anágua de alguma ricaça do bairro que estava remendendo. Alguém. Ser alguém. Minha mãe soube, desde o primeiro instante, que eu jamais seria alguém. Talvez por isso, apesar de seus sacrifícios para apoiar nossos sonhos nos quais não acreditava, eu a esqueci completamente. Jamais me senti ligado a ela, permanecia na periferia, cuidando de nós, mas jamais se ligou ao que impelia a meu pai, a minha irmã e a mim. Ser alguém. Sim, Humberto, dizia meu pai, ser um cavalheiro. Ele tinha a dilacerante certeza de não sê-lo. De não ser nada. De carecer de rosto. De nem sequer poder fabricar uma máscara para ocultar a cupidez desse rosto que não tinha porque nasceu sem rosto e sem direito a se chamar cavalheiro, a única forma de tê-lo. Ele só tinha a dicção ridiculamente cuidada de um professorzinho de escola e a angústia de pagar suas dívidas a tempo, coisas que, depois soube, não são atributos essenciais dos cavalheiros. Dizia-lhe ali, sob o lampião, no frio cheirando a guisado e a coisas que se foram amaciando com a umidade, repetia-me, claro que ele não era um visionário nem um ingênuo, por isso percebia que eu jamais chegaria a ser um cavalheiro de verdade, como esse senhor, por exemplo, que nesta manhã apareceu no jornal assinando o tratado de limites com um país vizinho, ou como esses graves senhores que promoviam leis de censura ou de fomento industrial ou agrícola, nem como os que

efetuavam transações de minas e terras, manejando este minúsculo país onde *todos se conhecem* e onde, entretanto, ninguém, absolutamente ninguém salvo outros professorzinhos, ninguém salvo o açougueiro da outra quadra e a verdureira de logo ali, ninguém que fosse *alguém* conhecia os Peñaloza... não, não era um bobo nem um visionário que aspirava a que eu fosse um cavalheiro como eles porque tinha como certo que isso era impossível, a pessoa nasce cavalheiro, e o é por Graça Divina, e, afinal de contas, houvesse o que houvesse, eu seria sempre um Peñaloza e ele não passava de um professor primário com a roupa coberta de giz de lousa e meu avô não tinha sido mais que o maquinista de uma locomotiva que soltava muita fumaça mas devorava poucas léguas. Não. Isso não. Não aspirava a tanto. Mas quem sabe se com sacrifício e empenho eu pudesse chegar a ser algo parecido, uma imitação que conseguisse estender uma ponte qualquer, contanto que fosse honrado, para assemelhar-se a eles. Por que não? Não se falava tanto do surgimento da Classe Média em nosso país? Quem sabe se pertencendo à Classe Média — pronunciava essas palavras com uma reverência só menor à reverência com que pronunciava a palavra *cavalheiro* — pudesse chegar a ser algo semelhante? Advogado, por exemplo, tabelião ou algo assim, ou juiz. E passar à política. Era coisa sabida que muitos jovens como eu, carentes de amizades, dinheiro, parentescos e presença, jovens de origem tão desconhecida como a minha e com sobrenomes quase, quase tão ridículos como o meu, tinham-se afirmado na política para vencer a barreira e chegar a ser *alguém*, fugindo do limbo povoado pelos que carecem de feições. Meu pai não pôde fugir. Nunca sequer tentou. O mundo dos outros, dos que eram *alguém* por direito próprio, *gente conhecida*, tinha para ele proporções mágicas e ressonâncias fantásticas. Como é possível que a imaginação de meu pobre pai, fraca e enquadrada em outras coisas, fosse tão efusiva neste sentido? Como jantavam. Como eram suas casas. Que diziam e com que palavras e pronunciadas como. Aonde iam nas tardes de domingo ou de um dia qualquer. Gastava o dinheiro que minha mãe ganhava, pegando um pouco de costura, ao comprar todas as revistas e os jornais, e logo se tentava com alguma coisa caríssima, como um número de *La Esfera*. Enquanto esperávamos a comida sob o quebra-luz de franjas rasgadas — minha irmã gorda e preguiçosa suspirava lendo poemas de Villaespesa, olhando as elegantes desenhadas por Bartolozzi, as descrições de García Sanchiz de

algumas mulherzinhas invejáveis, entre ingênuas e depravadas, que recebiam suas amigas para falar de amantes em lugares misteriosos chamados *boudoirs* — meu pai virava as folhas dos jornais, lendo, absorvendo, impregnando-se, especulando em voz alta sobre esses seres de rostos indiscutíveis — definitivos porque os estava vendo reproduzidos sobre papel, porque ele, que não os conhecia pessoalmente, reconhecia-os, ouvíssemos o que nos contava sobre eles, sentíssemos o veneno da tristeza monótona que seu sonho ia injetando em nós. Lembro de seus olhinhos míopes atrás dos óculos quando nos lia as notícias, esses olhos cuja cor não lembro porque naufragou na persistência de sua nostalgia.

Muito depois, quando ele já não existia, se é que alguma vez existiu e tudo isto não é invenção minha, pude comprovar que suas obsessões eram pura fantasia, porque a gente que era *alguém*, a gente com rosto, era quase igual a nós: também eles costumam comer cebola, as cadeiras em que se sentavam eram um pouco menos feias que as nossas, o refinamento que o deslumbrava não existia mais que em um punhado de famílias um pouco viajadas. A maior parte das *pessoas conhecidas* era de camponeses ignorantes e avarentos, que usavam palavras grosseiras, suas farras nos prostíbulos eram ruidosas, batiam em suas mulheres, enganavam-nas, eram, na realidade, bastante parecidos conosco e com os outros professorzinhos e o açougueiro e a verdureira. Mas, se então alguém tivesse insinuado isso diante de meu pai, não o teria acreditado. Ele sabia outras coisas. Lia todos os jornais. Sabia muito bem as coisas tremendas que eram capazes de promover, excluindo ele e nós. Como não lhe doeria esta exclusão, como não doeria em mim, vendo quanto doía em meu pai? Porque meu pobre pai não era um arrivista, Dom Jerónimo, não permito que acredite nisso nem por um segundo. Nem sequer posso dizer que era um ambicioso que cobiçava bens materiais: jamais pensou em me propor fazer fortuna no comércio, por exemplo, para chegar a ser *alguém*. Não, meu pai era outra coisa, era um sonhador, um obsessivo, um ser desesperadamente excluído de suas próprias fantasias... Vivia em uma constante contemplação dessa barreira intransponível que nos separava da possibilidade de ser *alguém*. Sim, não vá se atrever a acreditar em outra coisa, meu pai era um desgarrado, um excluído, um triste, um dolorido. E nas carruagens que pelas tardes passavam trotando rumo ao parque, da esquina onde nos colocávamos para vê-las, ia me mostrando esses afortunados que possuíam rosto

próprio sem ter que se matar, como eu teria que me matar trabalhando, para consegui-lo: me ensinou a reconhecer esses cavalheiros bigodudos reclinados junto a damas fabulosas que, para meus olhos de menino, eram fugazes manchas debaixo de sombrinhas rosa ou limão.

Certa manhã, meu pai me levava pela mão pelo centro, porque, com umas economiazinhas acumuladas por minha incrédula mãe, que, apesar disso, costurava sem parar, ia comprar meu primeiro terno escuro, para que desde pequeno sentisse a exigência de vestir como cavalheiro. E uma camisa branca e uma gravata preta de nó feito e um par de sapatos de verniz: o terno honrado que nasce fadado ao brilho no assento e nos cotovelos. Inflamado com o ímpeto de sua nostalgia, que se apaziguaria talvez durante uns instantes, ao me comprar um disfarce de cavalheiro, eu o acompanhava feliz, como se esse terno novo fosse me abrir uma janela sobre uma paisagem impensável onde tudo era possível, sim, por que não papai, vou ser alguém, um grande advogado, um grande político, olhe as notas excelentes que tiro no colégio, ouça o que os professores dizem de meus progressos em História, Inglês, Francês e Latim, sim, estudarei, farei tudo o que o senhor quiser, prometo-lhe, encarnarei seu sonho para que não sofra mais, não suporto mais sentir essa tristeza que o senhor sente. O terno que íamos comprar tinha que ser bom, durável, folgado para que não ficasse logo pequeno demais, pouco vistoso para que as pessoas não percebessem que era meu único terno, e o mais barato possível. Parávamos para olhar as vitrinas das lojas elegantes do centro ainda que soubéssemos que não era ali, e sim pagando a prazo, em alguma lojinha de nosso bairro, onde sua assinatura seria aceita, que eu compraria meu primeiro disfarce. Mas era primavera. As mulheres vestiam roupas leves. Não custava nada olhar as vitrinas cheias de coisas luxuosas.

De repente meu pai me deu um puxão na mão. Segui a direção desse seu olhar e a ele uni o meu. Pela calçada, entre o povo alegre daquela manhã, avançava um homem alto, robusto mas gracioso, de cabelo muito loiro, de olhar arrogante encoberto por algo que eu interpretei como um elegante desdém, vestido como jamais sonhei que nenhum homem ousasse vestir: tudo era cinza, muito claro, pérola, camisa, capa, sapatos de bico fino, polainas de camurça, e umas luvas nem cinza, nem marrom, nem amarelas, nem brancas, couro cru, suavíssimo, quase vivo. Usava binóculos para corridas

pendurados ao peito, uma luva vestida, a outra empunhada. Ao passar junto a mim, entre o povo matinal, essa luva que o senhor empunhava me roçou aqui, no braço, bem aqui: estou sentindo agora, queimando-me ainda, depois de tantos anos, sob estes farrapos que também escondem a ferida de uma bala.

Então, ao olhá-lo, Dom Jerónimo, um buraco de fome se abriu em mim e por ele quis fugir de meu próprio corpo débil para me incorporar ao corpo desse homem que passava, ser parte sua embora não fosse senão sua sombra, me incorporar a ele, ou dilacerá-lo inteiro, esquartejá-lo para me apropriar de tudo o que é seu, porte, cor, segurança para olhar tudo sem medo porque não precisava de nada, não só tinha tudo como era tudo. Eu, em troca, não era nada nem ninguém, isso me ensinara a teimosa saudade de meu pai. Ele pronunciava as sílabas de seu nome: Jerónimo de Azcoitía, que consegui decifrar de seu balbuceio, olhando-o sempre, famintos os dois, enquanto parava, nos degraus do Banco, para falar com um grupo de amigos e cumprimentar, levantando a cartola cinza, às pessoas conhecidas que passavam.

Continuamos caminhando só porque não podíamos ficar parados ali, contemplando-o para sempre, que é o que ele e eu queríamos. Meu pai suspirou. Tinha passado muito perto de nós. E nós sem conhecê-lo, sem poder cumprimentá-lo, sem sequer conhecer a alguém que conhecesse alguém que o conhecesse, para que, pelo menos, mencionasse nosso nome em sua presença. Não só porque isso bastaria para me garantir uma carreira se Dom Jerónimo se dignasse a me colocar como uma rodinha numa das muitas engrenagens que manejava, agora que, finalmente voltara da Europa, e, segundo diziam, estava a ponto de se casar. Não foi só por isso que meu pai suspirou naquela manhã, Dom Jerónimo. Suspirou, também, por outra coisa, pela tristeza incurável de seu olhar dolorido que começava a doer incuravelmente em mim. Meu pai suspirou pela dor do inatingível, de uma ideia fantástica, abstrata, pela dor que causa o inalcançável, pela humilhação que se sente ao se saber incapaz de alcançá-lo, por essa dor suspirou meu pai naquela manhã, Dom Jerónimo, por essa tristeza.

— QUE HOUE, TITO. Como foi?

— Muito mal.

— Mas por quê?

— Não me deixou. Ria o tempo todo porque uma cachorra, que se meteu dentro do Ford, nos olhava da janelinha, e depois saiu e ficou farejando a perna dela e puxando minhas calças. Olhe, rasgou aqui. E Gina se dobrava de rir, a bobalhona. Depois, quando pensei que a tinha bem atracada, porque achamos que a cachorra tinha ido embora, apareceu outra vez, olhando-nos da janelinha, como quem ri, esfregando o focinho e mexendo a cabeça como se estivesse saboreando, veja só, e então comecei a rir e não pude, e a Gina também se pôs a rir e levantou as calcinhas e eu fiquei com toda a vontade...

— Puxa que sacanagem! Que azar, cara, fica pra outra. Vou conseguir uma mina boa de verdade pra você. Mas a culpa é da Gina. Essa cachorra amarela está sempre atrás dela, dizem que fez outros caras perderem a vontade. Assim não vale. Vou falar com o Romualdo. Tem que devolver o dinheiro.

— Claro. Não consegui beijar nem as tetas dela.

Gabriel é o irmão mais velho de Tito, o dono da casa de revistas e novelas de segunda mão. Conseguiu comprar duas mesas de totó onde os rapazes do bairro estão jogando. Romualdo alisa o bigode enquanto prepara uma jogada magistral. Desculpa-se, grita, comanda, deslocando mais ar com seus gestos que o resto dos companheiros. É um pouco mais velho. Pensa comprar uma moto. Alguns caras não gostam de jogar com ele porque é muito prepotente, metido a besta, comentam, não sei do que se pode orgulhar mas o Romualdo mudou muito desde que comprou relógio... é melhor ir às estantes, de onde tiramos revistas, folheamos, devolvemos, tiramos outra, mostramos a alguém que está debruçado no balcão ou sentado junto à Gina. Depois de sair da escola, passamos a tarde na loja do Gabriel, sobretudo de tarde, quando escurece cedo, a pretexto de que talvez compremos uma fotonovela, mas primeiro temos que folheá-la bem folheada para

ver se gostamos. Gina deixa o cara que lê as revistas para ela acariciar suas pernas. Tito escondeu minha cabeça e a roupa de percal atrás do balcão: sua cara é pequena como a de um pássaro, manchada de espinhas.

— Escuta, Romualdo, vais ter que devolver o dinheiro do meu irmão. A Gina não deixou ele fazer nada.

— Olhe, cara, não sei que coisas o Tito quis fazer com ela, eu mal a conheço. Alugo a cabeça do Gigante pra quem quiser, mas não sei porque alugam, isso é coisa de cada um, por isso, não me venhas com problemas.

— Não te faças de inocente aqui, escuta.

— Se teu irmão fosse bem homem, bem macho, tinha comido a Gina bem comida.

— Meu irmão é um garoto, por isso, não venhas falar mal dele... cuidadinho.

Os Quatro Azes se aproximam para ouvir.

— É, coitadinho. Não tenho culpa dessa história da cachorra amarela. O Tito me alugou a cabeça do Gigante, fiz preço porque é irmão dele, mas não tenho que saber pra que ele alugou. Não me interessa.

Tínhamos abandonado as revistas porque aqui vai haver briga, e abandonamos o totó. Os Quatro Azes gostam muito do Tito. Não vão aguentar que um tipo como o Romualdo o roube, se o Tito não passa de um garotinho e quis saber como é a coisa... claro, de algum jeito a gente tem que começar. Aniceto é o que está mais bravo.

— Cafetão de merda.

Romualdo dá um soco no olho dele. Os outros três Azes se lançam sobre ele, mas Romualdo se solta, não me venham com besteiras, a Gina é uma puta e nem Gina se chama, não tenho nada com ela, parem com isso, caras, só por me meter com bebês como vocês é que me acontece isso, vou embora, onde está minha cabeça? Levo minha cabeça e nunca mais volto a este bairro. Andrés se enfia atrás do balcão e reaparece usando minha cabeça, segurando-a com as mãos, dançando.

— Tira minha cabeça, guri de merda!

— *SUA* cabeça, *sua* cabeça, a cabeça do joia, olhem para ele... a cabeça de Dom Romualdo...

Gabriel o encara. Todos nos metemos na discussão porque isto vai melhorar, a coisa está ficando boa. Não sejas desgraçado, Romualdo, todos no bairro sabemos o que faz com a Gina e com a

cabeça do Gigante, aproveitando que a garota é meio fraca da cabeça. Vá embora, Romualdo, dizemos todos, ninguém vai sentir falta dele no bairro, desde que comprou um relógio com corrente dourada ficou besta, claro que a moto ninguém engole, vá embora, Romualdo, você é um cafetão de merda. Mas primeiro devolva o dinheiro do Tito.

— Não devolvo.

Andrés tira minha cabeça.

— Me dá minha cabeça, estou te dizendo. Depois vou embora, e a gente faz de conta que não houve nada... só tem gatuno neste bairro...

— Ah, é? Gatuno? Dom Romualdo quer sua cabeça, olha só, não vão desobedecê-lo, ele agora está muito importante, vai comprar uma moto.

— Não dizem até que está comprando um desses carros grandes, pretos, com motorista e tudo?

— Parece que ouvi falar que preferia um desses conversíveis brancos...

— Ou vermelho.

Ninguém faz caso da Iris que está chorando porque vê que Andrés jogou minha cabeça no chão. Parou o taca-taca do totó. Vamos, Gina, fique calma, não seja bobalhona, alguém que a segure, está como louca, e não vai deixar a gente falar com Dom Romualdo.

— Escuta, Anselmo, presta atenção que Dom Romualdo, porque agora que é dono da cabeça do Gigante e está comprando carro, tem que ser chamado de Dom com todo respeito, Dom Romualdo diz que, por favor, tenham a bondade de entregar *sua* cabeça de Gigante porque podem sujá-la.

— Que estranho. Eu nem sabia que era dele. Eu pensava que esse tal de Romualdo não passava de um morto de fome, um cafetão de merda, que não tinha onde cair morto.

— Como é que pôde pensar assim?

— Cuidado, Antonio, não vás fazer nada à cabeça de Dom Romualdo, que é muito fina.

— Mede, merda...

Gabriel se aproxima.

— Não venha gritar aqui, Romualdo. E você também, Gina, fique quieta, não se faça de louca. Os policiais podem vir e fechar isso aqui, não veem que sou clandestino, não pago imposto. Vamos,

Gina, fique quieta, merda, amarrem ela, caras, não deixa nem agente falar.

Iris se atira ao chão para me abraçar. O pó do chão me arde nos olhos. Andrés me pega, começa a me bater como se fosse um tambor enquanto os outros três Azes e Tito improvisam um baile tom-tom-tom-tom como se suas palmadas não me doessem tom-tom-tom levantam a Iris do chão tom-tom para que sem deixar de chorar dance com eles ao ritmo dos golpes que estão me dando na cara tom-tom-tom-tom-tom vamos Gina, mais, mais, outra volta mais e Romualdo rompe nosso grupo para atacar Andrés, que me deixa cair no chão. Iris geme, defendendo-me dos outros que querem me levantar, queremos todos nos apoderar da cabeça do Gigante porque esse brinquedinho está ficando divertido de verdade e juntos derrubamos Romualdo. Os Quatro Azes o seguram no chão, esperneia, cospe, mas logo deixa de espernear e cuspir. Não há mais necessidade de segurá-lo. Põe sua mão sobre meu nariz de gancho. Lá em cima cerca-o o círculo de nossos rostos de rapazes, divertidos, ameaçadores, a Iris com os olhos borrados de lágrimas. Gabriel diz a Romualdo:

— Degenerado.

Romualdo abre os olhos despojados de sua precisão negra. Lentamente se levanta um pouco sobre um cotovelo. Os Quatro Azes impedem, pisando nele. Fica deitado outra vez, sem me tocar agora, os olhos fechados, os músculos moles, os cabelos revoltos, a roupa em frangalhos. Só seus lábios se movem:

— A culpa é de outro sujeito, não minha...

Quer delatar o Mudinho. Quer explicar quem é, ele o iniciou nesta brincadeira que agora está terminando. Mas não sabe quem sou. Ninguém no bairro me conhece porque não saio nunca. Não sabem que estou protegido pelas paredes de cartão-pedra da cabeça do Gigante, olhando tudo.

— Que outro sujeito?

Não pôde explicar. Diz:

— Gina é uma puta.

— Ouve, Gina, Dom Romualdo está dizendo coisas feias de você...

— Quem? É o caburé... ah, está mordido porque eu não deixei ele fazer naná comigo. Deu azar, por sorte o Gigante me defendeu...

— Não é verdade que é um morto de fome?

— Nunca dá nada pra mim.

— Mete medo nele, Gina...

Iris ruge, faz caretas horripilantes abrindo os lábios e apertando os dentes e se descabelando.

— Grrrrrr, sou a Pantera da Broadway, grrrrrr, e vou te comer vi vinho, grrrrrrrr...

— Come, Gina.

— Chuta.

— Grrrrrrrr, sou a Pantera...

O grupo que formamos para presenciar o espetáculo se fechou tanto ao redor de Romualdo e Iris que nossas pernas me ocultam... faz cinco minutos que você não me vê, Iris, e já se esqueceu de mim: você é a Pantera da Broadway, a que dança nas esquinas e na janela da Casa, levada por esta nova brincadeira que apaga as anteriores e as suplanta, dançando uma dança selvagem ao redor do corpo jacente de sua vítima. Do chão, entre as canelas, vejo que você tira os sapatos, que levanta a saia para mostrar as coxas, que requebra o traseiro, aplaudimos entusiasmados, sempre aplaudimos, você pisoteia Romualdo e nós também pomos um pé em cima de seu peito quando tenta levantar-se. Andrés me procura e me encontra.

— Olha, Romualdo, olha esta coisinha tão linda que encontrei. Queres? Pega, chuta, Aniceto...

Minha cabeça voa pelo ar, Aniceto a recebe, atira-me e me agarra, Antonio, que me atira outra vez, voo, voo, minhas orelhas nodosas, batendo no ar sobre os garotos que brincam comigo como se fosse uma bola descomunal, Tito, Gabriel, a Iris apavorada berra o caburé, o caburé, o Romualdo é bruxo, ele transformou em caburé o meu Gigante e continuo voando, voando leve convertido em caburé, voando de mão em mão até que alguém me deixa cair no chão. O golpe me machuca uma orelha. Não tenho mãos para tocar nesse pedaço de cartão-pedra cinza que dói aí onde a pintura se arranhou.

— Cuidado com minha cabeça, guris de merda — digo a eles.

— A cabeça do maravilhoso...

— Não vão sujá-la, miseráveis...

— Olha, Romualdo. Vês? Está descascando aqui na orelha. É melhor tirar todo este pedacinho.

De um puxão Anselmo arranca um pedaço de orelha e o exhibe ante nossos gritos e aplausos. Iris o arrebatava. Ajoelha-se gemendo para pôr em mim de novo o pedaço de orelha mas não pode, não

gruda, e alguém lhe dá um pontapé e depois pisam nesse pedaço de minha orelha. Iris fica ajoelhada junto a mim, chorando porque já sabe o que vai acontecer, o que nós, animados com a farra, vamos fazer comigo e eu não tenho mãos para me defender nem pernas para fugir, só olhos para olhar e esta fina pele de pintura para sentir os golpes.

— Olhem, olhem só o que fizeram, a orelha, o patrão vai me matar, rasgaram de propósito, desgraçados, vão ter que pagar o conserto.

— Não tem conserto, Romualdo. Estás frito.

Vão me passando de mão em mão, me deixam cair no chão, me atiram para cima, a Iris me persegue para me salvar, deixam que ela me pegue, me tiram de suas mãos, não, não, não matem o Gigante, ele é bom, tornam a me fazer voar, machucado, dolorido, arranhado, o cartão-pedra cinza aparecendo sob o ruivo de minha pele pintada, me deixam cair no chão, me quebram o chapéu, isso pelo menos não dói. Romualdo se arrasta até os pés de um de nós, onde fiquei: Anselmo. No mesmo momento em que Romualdo vai me cobrir com seu corpo para me defender, Anselmo me empurra com o pé e me manda, rolando, até os pés de Aniceto, que pergunta:

— Que houve, vais devolver o dinheiro do Tito?

— Não.

Em resposta, Aniceto me dá um chute no meio da cara, seu pé se incrusta em minha carne dilacerada que apresa esse pé que está me desfazendo, não tenho mais rosto outra vez, minhas feições começaram a se dissolver, vão desaparecer, mal vejo com meus olhos esfrangalhados, vou ficar cego, mas não cego porque nada de mim vai ficar, Aniceto começa a andar com sua pata enfiada dentro de minha cara, me pisa por dentro, manca, os outros nos retorcemos de rir, ouve, puxa que gozação, que divertido este bobalhão do Aniceto e o bobo do Romualdo perseguindo-o de quatro pelo chão para pescar a cabeça, como se agora não fosse outra coisa que um montão de franjas de cartão-pedra, como se pudesse salvá-la, amassada, arranhada, descolorida e a boba da Iris perseguindo Romualdo, perseguindo a cabeça e Aniceto, pra que vai querer agora que não serve pra nada mais senão pro lixo, tentando tirá-la de Aniceto rasga-a ainda mais e grita de terror, olhe, ficou com o chapéu na mão, põe, Gina, fica grande pra você, dança, Gina, com o chapéu do Gigante, dança, assim, assim que eu gosto filhinha, me dá o chapéu pra eu pôr, pra mim, não, pra mim, eu quero, vamos

repartir, eu fico com uma orelha, não, não, por favor, o que vão me dizer os cavalheiros turcos, como vou pagar a cabeça do Gigante se sou pobre e por culpa de vocês vão me tirar o salário, vocês vão ter que pagar a cabeça, olhem, um pedaço de olho, guris desgraçados, vou chamar os polícias para prender vocês todos, começando por você, Gabriel, olha sou clandestino por isso toma cuidado, não te atreve, Romualdo desgraçado, se a polícia vier, nós vamos contar que andas explorando esta pobre coitada da Gina que é menor de idade, e todos nós somos menores de idade, você tem vinte e um anos e não se apresentou pro serviço militar, olhem só pra ela, como chora, feito uma louca essa guria boba, com o nariz do Gigante na mão, dança com a piroca Gina, dança, pare de chorar, vamos, não seja tola e dança, estou te dizendo. Joga outro pedaço de cabeça, Gabriel, pra mim, Antonio, pra mim, Tito, eu quero a outra orelha, estes dentes de coelho, quebra um pra você, um pra mim, e quando os polícias chegarem e a gente contar que andas explorando a Gina, que pensa que é bailarina, a pobre guria nem sabe que é puta, os polícias não vão gostar nadinha do que a gente vai contar, por isso é você que vai sair perdendo, agora, alguém vá chamar os polícias, pra nós não vai acontecer nada, pra você, sim, por ser cafetão, e degenerado. Não, Gina, não vá embora pra fazer declarações quando os polícias vierem, olha pro Andrés como dança com o nariz feito piroca, é a única coisa que sobrou, fiquei reduzido a isso, meu enorme nariz transformado em falo, sou um falo lasso, oco, de cartão-pedra, nada mais, eu inteiro flácido sem sangue nem nervos, alguém me agarra, vamos, solte a minha piroca, para onde terá ido a boba da Iris, que por ter se arrancado está perdendo o melhor, saiu correndo porque tem medo dos polícias, vamos Anselmo, agora, solta, estás rasgando, pra que isso, vocês já fizeram em pedaços tudo, olhem os pedaços no chão, todos os pedaços cinzentos da cabeça do Gigante que era muito bonita, não, não me destrocem isso, só isso sobra de mim, deixem-me isso, disputam-se o falo uns aos outros, rasgam-me, brigando, meu falo magnífico, em dois, em três pedaços, já não sobra nada e a boba da Gina foi embora, dizem que fecha os olhos e abre a boca suspirando quando beija como as artistas e diz que lindo o naná, filhinho, mais naná, aonde terá ido Gina com esta chuva. Agora que não há mais Gigante, não voltará a aparecer na sacada do andar de cima para dançar, que pena, dançava bem essa louca da Gina, pode ser louca, mas dançar, dança com alta classe a guria. Romualdo se arrasta até

a porta. Ninguém mais se lembra dele. Levanta-se arquejando. Só então Gabriel o vê:

- Não vais fugir.
- Devolve o dinheiro, Romualdo.
- Ladrão.
- Sacana.
- Corruptor de menores.

Antes que conseguíssemos secar as lágrimas de riso, Romualdo foge pela rua escura. Aglomeramo-nos na porta para gritar sacana, desgraçado, morto de fome, cafetão, ladrão, agitando pedaços do Gigante como lenços numa despedida. Nenhum de nós tenta segui-lo porque a chuva aumenta e Romualdo, num minuto, se perde na rua sem luzes.

- Bem.
- Foi boa a festa.
- Valeu o dinheiro que te roubou...
- Claro, vocês se divertiram e eu paguei.

Gabriel diz a seu irmão que não se preocupe, que ele lhe devolverá os mil pesos. Os Quatro Azes dão palmadas em suas costas, fique calmo, homem, o que são mil pesos, nós vamos conseguir pra você uma mina boa de verdade, uma mina de verdade, pra você se meter na cama pelado, nada dessas besteiras de se enfiar dentro de uma cabeça de cartão-pedra para trepar uma guria apertada na parede, isso só é bom pra bolinações, claro, mas pra trepar nada como uma cama com uma mina bem quentinha metida dentro, uma noite inteira, não posso ficar uma noite inteira fora de casa porque minha mãe e meu pai podem se zangar porque sou muito pequeno, eu te dou cobertura, Tito, engano a mamãe para que tu saias e passes uma noite inteira com uma mina quentinha numa cama, como deve ser, o mais não vale a pena, e eu vou te dar os mil pesos para que te consoles e vai juntando dinheiro para pagar uma mina boa de verdade.

Fomos indo sob a chuva. Andrés, de repente, diz que é tarde e sai da loja. Gabriel pede aos que vão ficando para que o ajudemos a arrumar um pouco as coisas, que sua mãe lhe disse muito bem, cedia a única peça da casa que dá para a rua para o seu negócio de compra e venda de revistas e fotonovelas, mas eu já estou velha, tenho muito trabalho, e não estou disposta a me matar varrendo o seu negócio nem ajudando em nada. Assim, vocês, caras, que foram os que fizeram essa bagunça, têm que me ajudar a limpar.

Gabriel apanha revistas de todos os lados. Vai arrumando nas prateleiras. Outro, mexe no totó, deixa-o e, aborrecido, com o pé, reúne um montinho de pedaços do Gigante. Aniceto e Anselmo se aproximam do totó mas nem tocam nos bonecos, são puros arremedos desoladores dos heróis da gesta real. Bocejam, saem da loja, e sem se despedir vão correndo sob a chuva, cada um para seu lado. Fica só Aniceto, ajudando os irmãos a reunir os destroços nos baldes. Se o pedaço que encontram é muito grande e não cabe no balde, rasgam-no para que caiba. Aqui tem outra parte de olho, branca, com uns pontos negros, como se fossem estrelas, e o lóbulo deve ser, digo eu, de uma orelha vermelha. Quando tudo fica limpo, Gabriel descobre a roupa do Gigante, exangue e desbotada, atrás do balcão.

— Puxa. Esquecemos disto.

— O que vamos fazer com ela?

— Não serve pra nada.

— Vamos dar de presente à Gina.

Riem.

— Estava muito doida.

— Será que acreditava?...

— É puta. Se faz de inocente com essa história do Gigante.

Aniceto fica na porta olhando a chuva, esperando que estie para sair. Comenta:

— Não acho. É estranha. Dizem que quando trepa é como se estivesse brincando, não é a sério como outras garotas menos ignorantes, e diz naná, naná, como as criancinhas. Olhe, às vezes tenho vontade de dizer às freirinhas, não vá acontecer alguma coisa a esta guria, ainda mais que é órfã, dizem.

— Não se meta, Aniceto.

— É, não se meta.

— Está bem, é melhor não me meter.

— Vamos, anda, Aniceto, quero fechar.

— Deve se chatear na Casa.

— O Romualdo, precisa ver como estava.

— Esse sim, a gente não vai voltar a ver nem o pó por este bairro. Que é que os famosos cavalheiros turcos vão lhe dizer?

— Anda, Aniceto...

— E não fica falando por aí.

Está estiando.

— Já vou. Quanto rendeu hoje?

— Não sei. Acho que pouco, amanhã vou fazer a caixa. Não dá muito quando chove. O que mais me irrita é que alguns vivos se aproveitaram da confusão que vocês armaram pra me roubar umas fotonovelas novinhas, que estavam quase vendidas.

— Já vou.

Os irmãos não respondem. As casas da calçada da frente estão arroxeadas. Os galhos das nogueiras já não são manchas, mas garatujas à luz dos lampiões.

— A que hora vai abrir amanhã?

— Conforme.

— Vou ver se passo.

— Tchau, Gabriel.

— Tchau.

— Tchau, Tito.

— Tchauzinho.

O SÓTÃO ESTÁ morno e cheiroso, iluminado pela vela que queima em seu castiçal. Nós as sete velhas deitamos Iris na cama. Não está nada bem esta pobre menina. Rita e Dora tiram rapidamente sua roupa, secam seu cabelo, que é o mais difícil, porque é crespo, tem tanto cabelo a Iris, por Deus, que não vai secar nunca e pode pegar uma pneumonia com tanto cabelo molhado, põem nela agasalho, camisola de flanela, calcinha, suéter, um xale, que mais, sim, uma garrafa de água quente nos pés, mas se a água estiver fervendo é preciso pôr uma palhinha na garrafa, dessas palhinhas que se tiram das vassouras, para que a garrafa não se quebre com a água fervendo. María Benítez aproxima o braseiro. Cobrem-na bem coberta com xales, o que terá acontecido a essa menina, empapada como a encontramos, atirada numa poça d'água, no pátio da portaria, nem sapatos tinha? Tocam na sua testa, a María Benítez nos garante que não tem febre, nada grave, só agasalhar, tília com limão quente, cuidá-la para que não pense em se levantar outra vez, menina teimosa, enquanto estiver ventando, frio e com esta chuva. Tragam a tília com limão para quando acordar, que a Amalia o vá preparando. Precisa descansar. Dormir.

— Não façam barulho.

Damiana está varrendo. Dora costura. Rosa Pérez, que não serve para nada, começa a fazer ataduras, pode precisar, para estancar o sangue, a gente nunca sabe com os primogênitos, é preciso ter cuidado com os primogênitos, depois, com o segundo, com o terceiro bebê já não é tanto, uma tia minha teve dezoito filhos. Nossas atividades produzem rumores suaves, macios, sem arestas que possam atrapalhar o sono. Iris começa a se agitar.

— Dona Rita...

Rita se aproxima. Todas nos aproximamos. Rita senta-se à borda da cama, acaricia sua testa, Iris procura sua mão, aperta-a, nossos olhos sempre à beira do pranto se umedecem ao presenciar esse gesto desolador.

— Como se sente, minha filhinha?

Iris nos olha surpreendida, porque, de repente, entra em um

mundo horrível, novo, os lábios trêmulos, o medo inundando suas tensas feições. Esconde a mão. Chora um pouco, depois mais e mais, como se sua alma fosse partir, pobrezinha, o que será que lhe dói, mas é como se não doesse nada, como se fosse outra coisa, não sei se alguém terá contado a ela que condenaram seu papai à morte por assassinato, com premeditação e crueldade, sim, ouvi Madre Benita e Padre Azócar comentando que seria fuzilado.

— Além disso, deu no jornal.

Olhamos todos para a Damiana.

— E você, como sabe?

— Li... mas foi no jornal de dois meses atrás e saiu até a fotografia do papai de Iris, bem bonitão... agora deve estar morto...

— Aposto que você contou a ela, por isso está assim.

— Eu? Por que ia lhe dizer isso?

Escolhemos a Damiana para que tome o sétimo lugar, o da Brígida, completando o número das sete velhas que oficiamos os ritos dos nascimentos e das mortes. Damiana é pequena, quase anã, de pernas e braços curtos, a boca enorme desdentada como a de um lactante, a cara um emaranhado de rugas enroladas ao redor de um par de olhinhos minúsculos mas brilhantes. Continua varrendo. Não tem por que aproximar-se muito da Iris, como nós. É muito nova, a última de todas. Não se pode negar que é bem mandada, está contente porque a escolhemos em vez da Zunilda Toro, embora digam que quando foi empregada era despedida de todas as casas por ser rueira de mais. Tenta agradar, como se fosse nossa empregada.

— Damiana, enfie esta agulha que não enxergo nada.

— Damiana, o leite está fervendo...

— Damiana, vamos ver, imagino que você sabe fazer buraco no bico da mamadeira, olhe, esquite uma agulha no fogo, limpe e então...

Tome, Iris, esta tília com limão quentinho vai lhe fazer bem, não chore mais, o que está sentindo, não se vire para a parede, não se encurrale contra esses homens com barba e carabina que são tão feios... a ideia do Mudinho de pôr, bem aí, ao lado da cama da Iris, esses monstros, esta menina vai se assustar, olhe para este outro lado, não chore, assim, caladinha, mas não houve nada, durma outra vez...

Iris não dorme. Fica com os olhos fixos no teto e nós tentamos falar de outras coisas, de vestidos, de leite azedo e flatulência, mas

não podemos deixar de perceber que os olhos da Iris se enchem de lágrimas que lhe sujam o rosto. Os olhos estão fixos neste rosto onde, de repente, não há mais nada de infantil. Nós a estranhamos. Não sabemos o que fazer. Começa a gemer. Damiana, minúscula como uma ratinha, se introduz em nosso círculo, observa, se aproxima do móvel onde estão os babadores para o bebê, pega um, e, pondo-o ao pescoço, entra no berço de bronze adornado com rendas azuis, balbucia agú, agú, os olhos enormes inocentes, as mãozinhas levantadas pedindo mimo.

— Agú...

— Vá, Damiana, deixe-se disso...

— Você vai sujar o berço com essas patas imundas.

Iris olha para esse bebê monstruosamente velho que lhe oferece seus bracinhos chamando-a mama, mama, que lhe sorri com olhos inocentes, pedindo-lhe que o tome nos braços e que o acaricie, porque os bebês gostam que as mães os tomem nos braços e os acariciem e as mães gostam de tomar suas filhas nos braços e acariciá-las, que esperneia, as pernas varicosas no ar, os pés nodosos com calos e joanetes, a cara riscada e manchada que exige carícias, babando sua velha baba sobre o delicado babador. Rita enxuga as lágrimas da Iris, que se levanta um pouco, e pega do móvel um gorrinho branco com pompom. Ela se inclina sobre Damiana. Coloca-o nela. Ela berra e chora enquanto Iris amarra as fitas do gorro sob o queixo peludo. Quando o laço fica pronto, o bebê faz uma careta. Todas, inclusive a Iris, soltamos gargalhadas.

— Tira-lhe esse gorro, Iris.

— A Damiana tem piolho.

— Esse gorro é para sua boneca.

— Damiana é minha boneca.

— Muito feia a cara da sua boneca.

— Mentira, é linda, e fala mama...

— Tô com fio, mama...

— Me deem um xale para abrigá-la.

Nós o damos. Iris levanta-se da cama e enrola os quadris e as pernas da velha com o xale. Upa... upa... ajudamos a Iris a pegar Damiana nos braços, arrumada com o gorro de pompom, o babador bordado, o xale. O bebê se põe a gemer:

— É preciso passear com os bebês para que se calem.

Iris caminha com seu bebê de um lado para outro... shshshshsh... shshshshsh minha filhinha, shshshshsh... até que o Pranto

da Damiana amaina.

— Dormiu.

— Vai acordar com fome.

Damiana abre os olhos.

— Quelo papá, mama...

Iris senta no chão junto ao braseiro, séria, concentrada. Desabotoa sua blusa. Tira um de seus peitos pesados.

— Papá, mama...

— Chupe, meu bebezinho.

— Vá, Damiana, tome seu papá, não se faça de rogada, quando é que terá outro...

A boca desdentada de Damiana se une ao bico do seio da Iris enquanto nós apertamos o estômago de tanto rir, esta Damiana, nos saiu mais divertida que a Menche, parece bebê de circo, que bebê mais feio, olhe que fantoche você teve, Iris, não tem vergonha, esconda-o, melhor esconder em algum lugar para que ninguém o veja porque vão se assustar ou vão rir de você, um bebê Peludo, veja bem, nunca se viu igual, e a Iris diz que não, que é ainda a minha bonequinha pequenina que fala e é gostoso como me chupa as tetas, Damiana, continua minha filhinha, chupa minha menina, e depois vou te balançar, vou te fazer naná, e vou pedir às velhas que deixem você dormir comigo, na mesma cama, Para que me dê calor, agora que me faz falta, sou friorenta apesar de gorda, agora chega, Damiana, já chupou bastante, não sejas gulosa, aproveitadora, já está bom. Iris guarda seus peitos. Volta a Passear pelo sótão com o bebê nos braços, batendo-lhe nas costas para que arrote. Iris, bata forte nas costas dessa velha imunda Porque se não arrota, depois fica inchada e chora e não vai deixar ninguém dormir na Casa toda porque quando a Damiana chora, chora de verdade, lembram-se quando morreu a finada Brígida como chorava que deve ter se ouvido na Praça de Armas, bata mais, Iris, mais. Até que a Damiana solta um arroto que estremece o sótão e nos rebentamos de rir.

— Isso sim é que devem ter ouvido na Praça de Armas.

— Mama, mama, fiz pipi...

— Tomara que não seja verdade, esta porca.

— Mas pode.

— Não vá manchar o xale que é novinho.

— Temos que mudar logo, pode se assar.

— Sim. Tem que mudar seu bebê, Iris...

Iris deita a Damiana sobre uma toalha para que não manche o

lençol. A Rita passa nela uma toalha novinha, a Amalia traz o talco, a Rosa Pérez uma esponja, a María Benítez uma pomada, a Dora fez soar um chocalho para distrair o bebê que assim não fica bravo porque o estão mudando, que às vezes os bebês ficam bravos. A mama sobe sua saia esfarrapada e a anágua malcheirosa, baixa suas meias de lã e as calças molhadas, preciso água morna, não, quente não, senão a menina se queima, mas de onde saberá tanto de bebês esta menina, parece até que não tem feito outra coisa em sua vida senão cuidar de crianças, olhem para ela, já passou a tristeza porque era tristeza o que tinha, agora a Iris está rindo, feliz, olhem só como ri com o espetáculo desse sexo inútil, inerte, negro, mais enrugado que um figo seco. Quase cega de rir com as caretas que a Damiana está fazendo, Iris lava-lhe o sexo, com cuidado. Não vá doer, filhinha, sua pombinha tão novinha, tão delicada, abre-a Iris, tem que ver que velha mais fedorenta a bumbum, mas abre-a bem aberta, Iris, não sabe que é preciso abrir bem as menininhas para lavar por dentro porque senão com tanto talco e pomada junta sujeira e elas se inflamam, assim, lá dentro, bem de levezinho mas bem esfregado para que não fique nenhuma sujeira, levezinho, assim, assim, bem aí, acariciar suavemente esse sexo enternecedor que é o sexo de minha filha, da minha boneca que fala, eu que nunca tive mais que um pedaço de pau amarrado com trapos quando era pequena, é mais divertida que a boneca que tinham me prometido porque esta é uma boneca viva, acariciando seu sexo com a esponja para que fique tranquila, para que fale, para que diga agú, mama, mamãezinha linda, suas mãos ásperas que são as do meu bebê tocando no meu rosto, e dou duas palmadinhas nas nádegas macias dela, sim, são macias tuas nádegas, o Damiana, mesmo que as outras velhas se engasguem de rir te vendo mexer os quadris enquanto continuo te lavando. Seus quadris já não se mexem, seus olhos se fecham. Dou um beijo no teu ventre enrugado:

— Que barriguinha tão linda a da minha filhinha.

Damiana parece ter dormido. Iris cantarola enquanto vai pulverizando talco sobre o pelo negro. As outras, queremos ensinar-lhe a pôr as fraldas, não é assim que se faz, Iris, assim, é assim, assim fica melhor, assim não, Dora, que fica muito apertada e depois a criança chora porque dói e pode se assar... o pior é quando os bebês se assam... vai ver, Damiana porca, como doerá quando assar o seu bumbum por ser mijona, não estou dizendo que assim

fica melhor, assim é que eu mudava as crianças da Dona Gertrudes e elas nunca se assavam.

Retiramo-nos cada uma para nossas tarefas. Iris agasalha a Damiana com o xale e se senta a um canto para niná-la, embalando-a, embalando-a docemente em seus braços, sua face grudada à face escamosa da velha, cantarolando muito baixinho:

*A Virgem lavava
São José estendia
e o menino chorava
do frio que fazia.*

Quando o bebê volta a choramingar pedindo mais papá, mama, quele mais papá, Iris tira um peito e o bebê volta a chupá-lo. Esta menina está sem sono, não quer dormir, é melhor cantar outra coisa, algo que lhe meta medo e a faça dormir porque, senão, não vamos acabar nunca e também não vamos poder dormir.

*Arrurrurupata
que vem a vaca
comer seu bumbum
porque tem caca...*

NÃO SE SEPARAM mais, ela e Damiana. Todas esquecemos que se chama Damiana. Nós a chamamos de bebê da Iris. Quando percebemos que não há estranhos, velhas intrusas como a Carmela com seus eternos queixumes ou como a Zunilda Toro que parece um urubu revoando à nossa volta esperando que uma morra para que a escolhamos ainda que não saiba para que a escolheríamos, Iris abre os braços, o bebê feio dá um pulo para sentar-se no seu colo ou aninhar-se em seus braços e a mama lhe faz naná, naná menina boa que não faz caca nas calcinhas, minha filhinha linda, nana, nana, bebê que vem a vaca, e lhe corre o ranho e a mama limpa seu nariz peludo e se fez pipi Iris troca suas fraldas e quando pede papá ela volta a tirar sua teta branca e pesada e o bebê chupa e solta seu arrotinho e depois dorme. Quando acorda geralmente está molhada, é um costume que não se conseguiu tirar dela apesar dos protestos das velhas, molhada outra vez esta menina, meu Deus, quando aprenderá a avisar para não termos o sacrifício de lavar fraldas todo o tempo com tanta coisa para fazer... sim, é preciso mudá-la

depressa para não se assar, e todas sabemos que isso é o pior.

Iris abre as pernas da Damiana. Não me ofende a feiura de seu sexo descoberto. Pelo contrário. O fato de que nós, que somos tão pudicas e castas, não nos envergonhemos de mostrar ao Mudinho a parte do corpo mais zelosamente guardada, significa que pertencer ao círculo das sete velhas anulou meu sexo. Vou diminuindo pouco a pouco. Posso guardar meu sexo. Como guardei minha voz. E meu nome, repetido nove mil e trezentas vezes nos cem exemplares de meu livro que Dom Jerónimo conserva em sua biblioteca, fechados entre as curiosidades bibliográficas que ninguém jamais consulta, nas prateleiras à direita da entrada desse aposento de madeira cuja cor foi se desbotando e móveis forrados do veludo mais silencioso. Sem sabê-lo, ele me conserva, me guarda, coopera comigo, me ajuda, sirvo-me dele para que proteja meu nome, para que esconda essas sílabas e mais ninguém se recorde delas salvo ele, porque eu às vezes me esqueço, não existo, não tenho voz, não tenho sexo, sou a sétima velha. Destruí minha inteligência há tempos ajudando a Madre Benita a limpar e a varrer e a combater o incombatível, o que fazer com os joanetes da Carmen Mora que está ficando manca, só temos grão-de-bico e as velhas preferem feijão e para o aquecimento, Mudinho, já que não tem mais carvão, o melhor é ir arrancando as madeiras do chão dos quartos do fundo da Casa e os marcos das janelas e as vigas, que importa se vão demolir, varrer, limpar, às vezes acender as velas do altar e bater no meu peito e fazer tilintar as campainhas ajudando a missa de um Deus cuja ineficácia conheço, não ouço, não sei falar, que mais querem, o sexo era o mais difícil, mas sou a sétima velha, meu membro é um pedaço de carne e pele inútil que foi se encolhendo, não muito diferente da vulva da Damiana. Quando sai o sol ou corre o vento penduramos as fraldas do bebê da Iris no pátio dos santos quebrados para que sequem e arejem, não vá ficar sem roupinha limpa o bebê da Iris. Chamamos Amalia, perdida em outros pátios procurando o dedo, para que recolha as fraldas.

Damiana encolheu muito. Está mais redonda e mais leve. Perdeu, como eu, a fala: só diz teno chono, papá mamãezinha, mais papá, agú, agú, quello cocô, e ternamente se entretém com os bicos dos seios da Iris, aperta-os com seus dedos ásperos, brinca com eles, masca-os com suas gengivas gosmentas, baba neles rindo porque concentrou todo o universo nessas duas pontas de prazer que aprisionam Iris dentro do sonho que lhe fabricamos para colher o

que queremos: seu filho, nosso filho milagroso que levará todas nós ao céu sem passar pelo transe da morte que é preferível evitar, meu filho e filho de Dom Jerónimo de Azcoitia que prolongará nossa estirpe. Envolvemo-nos em conversas sobre fluxos menstruais, na sabedoria ancestral sobre a eficácia de certas papinhas e pomadas, sobre fitas de cetim, e plástico para a cama. Iris também se transfigurou, trocando uma encarnação por outra sem se lembrar nada da anterior, como se sua memória fosse fabricada de uma matéria tão escorregadia que as coisas não conseguem aderir a ela. Não é mais a Gina, a Pantera da Broadway, a noiva do Gigante. Não se lembra do Gigante. Agora é inteira e completamente a mama da Damiana. Nem uma gota da Iris fica fora deste novo brinquedo que substituiu o anterior.

Mas o que farei com o invólucro da Iris, esse continente sem serventia que rodeia seu útero, uma vez que tenha cumprido com sua função específica de dar à luz? Não posso permitir que sucessivas encarnações vão apagando as anteriores até que a Iris se dissolva, esfarelada e dividida, pedaços seus encontrados nos embrulhos de velhas mortas, ou que nós guardamos sob nossas camas, eu também gosto de guardar objetos inúteis sob minha cama, manuscritos que nunca publicarei e notas e cadernos cheios do que no meu tempo chamávamos *pensamentos*, e os recortes das críticas sobre mim, tenho também meu nome guardado entre os trastes velhos que vou acumulando sob minha cama, sou ambiciosa, não quero que outras velhas me roubem pedaços da casca abandonada da Iris, quero-a inteira para mim. Para isso estou preparando esta casinha. Encontrei-a entre os despojos da Brígida e guardei-a antes que Madre Benita percebesse o que estava fazendo. É uma caixinha de música, um chalé suíço de madeira. Se a gente levanta o teto ligado ao resto por duas dobradiças, toca *O Carnaval de Veneza*. É a única melodia que toca. Manejando as molas consegui arrumá-la. Está quase pronta. No sótão morno, enquanto a Iris mostra suas tetas desavergonhadas dando de mamar à Damiana, que jamais se farta, eu me entretenho em pintar a fachada do chalé: a neve simulada nos beirais e na chaminé, os passarinhos de madeira, as cortinas vermelhas com bolas verdes, presas de cada lado e entre as quais coloquei pedacinhos de espelho para indicar a possibilidade de entrar ao interior. Devo acomodar Iris nesse interior. Porque decidi apoderar-me do que sobrar da Iris depois do parto para que viva aqui dentro uma existência de brinquedo.

Incluirei a Damiana. Quando nascer o menino verdadeiro, o destino da Damiana terá que permanecer unido ao invólucro imprestável da Iris... no chalé suíço dormirão entrelaçadas, prisioneiras de suas cadeias, que irão aperfeiçoando e lhes fecharão todas as saídas porque já não precisarão delas... não quererão sair, terão medo de tudo que não seja esse reduzido âmbito onde viverão amarradas por seu brinquedo. Sim, Iris, você vai ficar contente em sua casinha com a Damiana, muito mais que fora. Às vezes abrirei a tampa para olhá-las e você ouvirá *O Carnaval de Veneza*. Vai achar muito bonito, eu juro, vai gostar mais do seu tilintar insignificante do que dos *jerks* e *frugs* que dançava na janela do andar de cima, porque ao repetir e repetir sua melodia pegajosa, o chalé suíço irá fazendo você esquecer o resto, anulando definitivamente todo seu interior, casca pura, encerrada nesta última encarnação, definida pelo âmbito estreito, único, insípido, reiterado de *O Carnaval de Veneza*. Juro que invejo sua existência protegida dentro da caixinha de música. Guardarei esta encarnação final sem permitir que você escape e se transforme em outra coisa, amarrada em um pacote, sob meu catre, com meus papéis inúteis classificados e ordenados, junto às outras coisas que quero conservar porque são minhas coisas, sou a sétima velha, seu despudor me demonstra isso todos os dias.

IA DESCER AO sótão porque achei que nesse instante você estava só. Queria mostrar-lhe o chalé suíço para que começasse a cobiçá-lo: convidá-la a aparecer nos espelhos da janela, contando-lhe toda espécie de mentiras sobre a suntuosidade do interior, para que as transmitisse à Damiana, e as duas, sem que as outras soubessem, me implorassem para deixá-las brincar com o chalé suíço, que incorporariam pouco a pouco a suas vidas, terminando por entrar, através do diminuto espelho da porta.

Não desci ao sótão. Fiquei na sombra, escutando-as, olhando você e seu terrível bebê que não é seu bebê porque não diz chono, pipi, cocô, diz os americanos estão bombardeando cercanias de Hanói, Onassis fala, Panagra a linha aérea do homem moderno, Allende ao poder, minissaias expulsas da catedral metropolitana, intelectuais devem trabalhar na safra deste ano declara Fidel Castro, Fi-del, Cas-tro, Castro, aprenda bem as letras, Iris: C-A-S-T-R-O, o A de Castro, diga-me, onde está aqui nesta outra palavra Nikita, claro, esse é o a, está vendo como não é boba e não custa nada, mas para

que você quer saber por que derrubaram esse que se chamava Nikita se nem sequer sabe ler bem ainda, é melhor esperar antes de perguntar por que acontecem as coisas, sim, já sei ler, Damiana, embora não depressa, mas não me engano quase nunca, quer ver, aqui: vende-se a produção de dez mil acácias, meu Deus, o que farão com as flores de dez mil acácias que duram tão pouco, passam uma temporada nas Termas de Panimávida as famílias Cristi Ramos, Palma Cristi, Cristi Cristi, Pieyre de Baudoin Cristi... que maçada, tanto primo... prolongamento da Belle Époque não sei o que quer dizer isso, Damiana, está em outro idioma que eu não entendo, se o Mudinho não tivesse colado outro jornal em cima do resto... olhe aqui, Iris, isto sim que é bonito, o retrato da cachorrinha Laika, aquela que mandaram à lua, vamos ver, onde está o a, claro, é esse, você o reconheceu apesar de estar escrito com maiúscula, não vê que isso é muito mais divertido que as besteiras do Pato Donald e da Corín Tellado, que são só mentiras, Iris, não vá acreditar em uma só palavra dessas bobagens, isto é mais divertido de ler porque são coisas de verdade que acontecem a pessoas de verdade, não a macacos desenhados, é preciso ler os jornais, tudo sai nos jornais, foi assim que fiquei sabendo de seu pai, sim, chora, está vendo, agora se importa que tenham fuzilado seu pai, na última hora é que acaba se importando, que se há de fazer, menina, é o destino... está vendo que tem que aprender a ler para que leia os jornais e não seja uma grande ignorante e deixe que todas essas velhas se aproveitem e convençam você de que eu sou o seu bebê, não sou, sou a Damiana, e elas vão meter na sua cabeça que a criança que você vai ter é por milagre porque é virgem, como pode ser virgem se levava o tempo todo se deitando com o Romualdo, esse dono da cabeça do Gigante que é o pai da sua criatura, temos que procurá-lo, que venha lhe buscar para casar-se com você, para que você tenha um homem que trabalhe para você e lhe sustente, e você cuide do seu filho, não é velha, tem que aprender a se defender, por isso tem que aprender a ler, vamos ver, o que diz aqui, não chore mais, o que diz aqui nesta linha, revolução dos hippies, o que serão os hippies, a gente já não sabe mais nada, está muito velha, mas você pode saber o que são os hippies, olhe, tem uma foto, parecem maricas com o cabelo muito longo, mas andam abraçados com mulheres, então não podem ser maricas, e aqui diz... uma Damiana gigantesca iluminada pela claridade aberta dessa janela de jornais com que empapelei as paredes seus olhos de pupilas agudas assomando-se a essa janela,

pronta para lançar-se por ela com a Iris, tanta luz em suas caras estupefatas ante a realidade, tanta precisão em suas letras, suas sílabas, a exatidão do indicador da velha assinalando as palavras e as frases e os títulos à luz da vela com que Damiana, de pé junto a Iris sobre a cama, vai percorrendo essa literatura na qual o urgente agonizou, a vela de um lado para outro, procurando, de baixo para cima, até o teto, procurando mais notícias, mais frases, enormes, assomadas a essa janela.

Não posso nunca mais deixá-las sós. Tenho que vigiá-las minuto a minuto porque a Damiana está nos enganando para nos roubar o menino e se esconder com ele em um fétido tugúrio onde ninguém descobrirá, sob sua roupa de mendigo, o filho de Dom Jerónimo de Azcoitía. Cada segundo que essas duas passam juntas é perigoso. Tenho que tramar algo para me livrar da Damiana, mas não posso vigiá-las, dormem juntas e não posso dormir com elas. Quando as velhas se reúnem no sótão, Iris toma Damiana nos braços e com as faces juntas, como quem cantarola, falam, sei que falam, estão planejando uma fuga para sair em busca do Romualdo, o pai que não é pai e, entretanto, devia ser o pai, avisar hoje mesmo a Dom Jerónimo para que venha resgatar seu filho do lodo em que a Damiana quer afundá-lo, não cantarolam mais disfarçadamente, não se agradam: tramam, conspiram, enquanto a Dora tece, a María Benítez prepara mexidos sobre o fogo, a Rosa Pérez passa roupa, a Rita prepara um nó de cetim, a Amália enxágua o olho torto num copinho azul, e a Damiana, pequena outra vez, cochila no colo da Iris esperando, quem sabe que momento, que oportunidade, e a Iris, balofa, mete o dedo no nariz e boceja. E eu, a sétima velha, me instalo a um canto para pintar *edelweiss* na caixinha de música, vigiando.

— Quando vai nascer?

— Isso não se sabe nos nascimentos milagrosos.

— Pena não poder perguntar quando foi.

— Quando foi o quê?

— Bem, a partir de quando temos que começar a contar os nove meses...

— Os nove meses não contam quando é milagre, estou lhe dizendo, Amalia, não seja teimosa, o bebê nasce quando tem que nascer e acabou-se... temos que esperar...

— Como a Virgem?

— Como?

— Claro, a festa da Encarnação quando o Arcanjo Gabriel apareceu à Virgem Maria com seu dedinho levantado, e ela disse faça-se Sua vontade, era 25 de março. E o nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo foi em 25 de dezembro, nove meses justinhos.

— Mas a Iris não é a Virgem Maria, é um nascimento milagroso qualquer, existem muitos nascimentos milagrosos, por isso não se deve ser muito perfuntona, Amalia, é ruim...

— Não sei. E quando o menino nascer, a Iris continuará sendo virgem? As crianças saem por onde mesmo...

— Aí, não sei, depois a gente vê...

— A Iris ainda é virgem?

— Então não é, Amalia? A Brígida disse que é, e a María Benítez a examinou... Não é verdade, María?

María não responde.

— Não é verdade, María?

María Benítez deixa de mexer sua comida cheirosa.

— Não sei... queria dizer-lhes... mas não tinha encontrado a oportunidade...

— O quê?

— Bem, no outro dia, quando a encontramos doente no pátio, com um ataque muito esquisito que lhe deu. Não terá alguém se metido na casa, pergunto?

— Como?

— Não sei, os homens são tão porcos e ela é tão linda. Tenho medo... dizem que quando uma mulher se mete com um homem depois que está esperando, o filho nasce monstro. A finada Brígida me contou que por isso nunca deixava seu marido tocá-la depois que ficava esperando. Claro que todos os seus bebês nasceram mortos, assim é a vida, Deus quis assim. Dizem que se um homem se mete com uma mulher grávida o filho nasce defeituoso, um monstro com cabeça grande, com os braços curtos como asas de pinguim, a boca de sapo, o corpo peludo ou com escamas, até sem pálpebras podem nascer e, por isso, as crianças monstros não podem dormir e choram a noite todinha de dor por serem monstros e também porque não têm pálpebras para fechar e poderem dormir, deve ser terrível não poder dormir de noite, dizem...

Dizem... dizem... dizem: palavra onipotente nas bocas gastas das velhas, sílabas que armazenam todo o saber dos miseráveis... dizem... dizem que a Brígida era milionária, dizem que a seda fina se passa com o ferro morno e molhando bem pouquinho... dizem

que não vão demolir nunca esta Casa... dizem que pondo uma palhinha numa garrafa de água fervendo o vidro não se quebra... dizem... dizem, seguindo os meandros dos anos e talvez dos séculos a repetição da palavra dizem, quem sabe quem disse e a quem o disse e quando o disse e como o disse, mas de tanto dizer que dizem, elas repetem a certeza da palavra dizem que quando um homem se mete com uma mulher grávida o filho nasce monstro. Na penumbra do sótão ocupada por velhas como montes de farrapos que se agitam um pouco, María Benítez mexe o conteúdo de uma panela sobre as brasas incandescentes e o vapor fragrante desta infusão de paico^[5] que dizem que é muito boa para o estômago vai se concentrando para dar forma à verdade irrefutável do filho monstruoso de Dom Jerónimo e Iris que alguém engendrou em alguém quando finalmente Inés ficou grávida, não quero tocá-la porque temo deformar meu filho que tem que ser perfeito e dizem que se a pessoa faz amor com... quem sabe onde e quando ouviu Dom Jerónimo esse *dizem* que está definindo este filho seu deformado por todos os generais e acadêmicos disfarçados dentro da cabeça do Gigante, sim, Dom Jerónimo, seu filho vai ser um monstro sensacional, digno de um Azcoitía, eu, um Peñaloza, não poderia gerar a magnificência de um filho monstruoso, só um bebê feio, débil, desnutrido, dos que choram de fome e não porque sonham a realidade irrefutável de pesadelos assombrosos como os que vai sonhar o monstro produzido pelo útero fértil da Iris Mateluna, continua, María, você é bruxa e sabe o que dizem, continua mexendo nessa panela de onde brota o vapor que desenha essa cara disforme, esse corpo aleijado que arrancará Dom Jerónimo da placidez da poltrona do Clube onde lê o jornal e cochila esquecendo-se de toda empresa nobre, abandonando a tarefa do poder, todo intento árduo como os de antigamente porque prefere cultivar sua flácida papada com a qual trai a dor de meu pai que é digno de respeito, não tem direito de fraudá-lo, Dom Jerónimo, para nada e coisa nenhuma como diria a María Benítez que continua mexendo a panela que convoca o monstro salvador, e você, Amalia, garante que também ouviu dizer o mesmo, não a interrompa, Dora, nem você, Rita, garantindo que isso não tem nada que ver com a Iris porque a coitada não se meteu nunca com ninguém, nem antes nem depois, os homens não existem, Brígida inventou a gravidez milagrosa, Brígida concebeu o filho da Iris, Brígida é a mãe do monstro, Brígida sabia de tudo. María continua

mexendo na panela sobre as brasas, esse Azcoitía torto e aleijado me sorri de dentro do vapor, quero embalá-lo em meus braços enquanto as velhas falam e comentam e dizem e murmuram e escutam a María Benítez, que é bruxa, e dizem que sabe muitas coisas, não tanto quanto a Brígida, mas saber, sabe muito a María Benítez:

— ... pensei, só isso. Não se ofenda, Rita... que nessa noite que a encontramos, talvez que alguém houvesse entrado para abusar da pobre inocente, tem homens muito degenerados que dizem que procuram menininhas como a Iris para fazer coisas asquerosas com elas e, claro, então, com o susto, todos os humores do corpo se envenenam... e se foi como estou dizendo, se a criança não morreu, é certo que sairá monstro.

— Morto não está.

— Eu pus a mão na barriga dela ontem e se mexia.

— Pode ser indigestão, comeu banana muito tarde...

— Não, dizem que banana faz mal com cerveja de noite, pesa no estômago, mas a Iris não tomou cerveja, de onde ia tirar cerveja.

— Então quer dizer que vai sair monstro.

Olhamo-nos todas sem saber o que dizer, até que do colo da Iris, adormecida, a Damiana disse:

— Que importância tem que o menino saia monstro?

Não soubemos o que responder. Continue, Damiana, continue:

— Seria até melhor. Se sair monstro ninguém vai querê-lo e não vão vir se meter aqui na Casa para reclamar o menino. As pessoas têm medo dos monstros. Claro que dizem que às vezes vêm os doutores e levam as crianças que nascem monstros para examiná-las nos hospitais e fazer experiência com elas. As coitadas sofrem muito. Os monstros são muito valiosos, são raros, quase não há. Eu tinha uma comadre que pariu um menininho monstro. Os doutores o roubaram e dizem que o meteram num frasco de vidro com água vermelha e lhe davam comida com sondas, e a minha comadre não voltou a ver seu filho nunca mais, nem lhe pagaram um níquel por ele.

Eu sei por que você está estimulando as velhas para que acreditem que o filho da Iris vai nascer monstro: com a intenção de tranquilizá-las enquanto tramam, você e a Iris, a fuga até o que acreditam ser a realidade. Você está certa, pobre velha, que o Gigante é o pai. Que o Romualdo foi o único que ocupou a cabeça do Gigante. Em sua mente conservadora existe um pai que é preciso

procurar para encarregá-lo do filho. Você não conhece o outro lado das coisas, as dezenas de pais que a máscara do Gigante escondeu, o que eu tramei antes que você começasse com essa sua pobre história realista: família, mãe, pai, filho, casa, manter, alimentar, sofrer... essas coisas, continue acreditando, Damiana, trame sua história de felicidade vulgar, de tristeza cotidiana enquanto eu, com o vapor que se concentra e se faz sólido, vou tramando algo nascido da liberdade anárquica com que funcionam as mentes das anciãs das quais sou uma.

— Sim, mas nós não estamos aqui para bancar as bobas. Não pensamos entregá-lo aos doutores nem a ninguém, nem mesmo à Madre Benita, nem ao Padre Azócar. Agora que sabemos que vai ser monstro, temos que cuidar dele muito mais ainda para que ninguém saiba que existe. E guardá-lo encerrado aqui até que ele queira ir com nós todas à glória, numa linda carruagem como a que levou a Brígida, toda branca e com cavalos brancos em vez de negros, e com asas, precisa ter, para voar ao céu em meio de uma chuva de flores e ouvindo música celestial...

— Ah, se a pobre Brígida estivesse viva!

— Tomara que a gente não morra!

— Maravilhoso o funeral da Brígida.

— Maravilhoso.

— O mais lindo que vimos na Casa.

Vigiá-las todo o dia, Damiana e Iris, até que fosse hora de comer e de irmos dormir. Quando o sono nos deixou anuladas no fundo de nossas tocas, Iris e Damiana esperaram o silêncio completo para levantar-se. Vigiá-las. Segui-las. Por que meu temor, se tenho sempre em meu poder as chaves? Mas a Damiana é uma ameaça peluda e vociferante que se introduziu na Casa, em seguida, no nosso círculo, para destruí-lo por completo. Sobe ao andar de cima com Iris, de noite, sigilosas, para ficar contemplando o esplendor da cidade, as luzes escarlates que piscam no aeroporto, os focos das torres de transmissão, os rabiscos de gás neon nos edifícios de vidro do centro, faróis girando na escuridão à sua procura, agarra esse raio, Iris, agarra-o que agora vem para cá, espera a outra volta e então agarra-o e sobe por ele e Iris levanta o braço e sua mão pega o raio que escapole para ir clarear outros becos da cidade estendida até à cordilheira. Da janela que eu lhes abri, Damiana está mostrando à Iris toda a cidade, o rio, as praças, o centro, as avenidas, não vá se perder, traçando os itinerários que seguiriam

através das ruas que a Damiana conhece bem porque quando era empregada tinha fama de rueira, pronunciando esse nomes com exatidão, sílaba por sílaba, para que entrem na cabeça dura da Iris e ela não os esqueça, para que não se perca como eu sim me perderia se saísse da Casa, por essas ruas que a Damiana conhece e eu não.

Pensei que fariam algo mais na janela, imaginei que limariam as barras para descer com lençóis amarrados e fugir. Logo, porém, fecharam a janela. Desceram. Despediram-se com um beijo de amigas na face. Cada uma foi se deitar em seu quarto. Eu fiquei rondando pelos claustros, segurando as chaves no bolso do meu guarda-pó, não vou dormir, nem esta noite nem nunca, durante a noite entrarão no meu quarto e tirarão as chaves de debaixo do meu travesseiro sem que eu perceba, ainda que as ponham sob minha cama junto com meus manuscritos e meu chalé suíço, levarão tudo quando fugirem da Casa, porque fugirão, amanhã ou depois, por isso é que tenho que avisar imediatamente Dom Jerónimo que está a ponto de perder seu filho no anonimato da miséria, vou sair esta noite para lhe avisar porque sei o que estão tramando para tirar-lhe a única chance que ainda lhe resta de ser grande e nobre outra vez, ao defrontar-se com a paternidade de um filho monstruoso, sim, não posso perder tempo, tenho que meter o chalé, as chaves e meus manuscritos numa trouxa de trapos, claro que podem levar a trouxa inteira, fugir com ela, ir espalhando pelas ruas os barbantes, os trapos, os pedaços do chalé, a máquina que fazia música, meus manuscritos cheios de minha letra e meu nome, entregando-os a gente desconhecida, talvez à Peta Ponce que assim saberá onde me encontrar, a gente sem rosto como meu pai ou como as vítimas de quem o doutor Azula rouba as feições, papéis, papéis que nem elas nem aqueles a quem forem entregues lerão porque não servem para nada, serão jogados ao chão para serem pisados pelos pneus dos carros, para que os meninos façam barquinhos ou chapéus como se fossem volantes multicoloridos até que um dos volantes caia em suas mãos e a Peta corra até aqui para me obrigar a fazer amor com ela outra vez, velha imunda, velha lasciva, insaciável, não quero sair, não vou sair...

Mudinho. Mudinho. Sua voz me apressando para que eu me desprenda da sombra onde sabe que me refugio embora saiba caminhar silenciosamente, correndo pelos corredores quando aperta o passo na escuridão... outra noite, Mudinho, Mudinho..., cuidado, Iris, há um degrau, não vá cair, pode matar seu filho, talvez seja

isso o que você quer, seja essa sua vingança, matar essa figura de vapor que foi surgindo da marmita da María Benítez, essa bruxa que não é bruxa, é mágica, é curandeira, porque nenhuma de nós somos bruxas mas velhas, só isso, velhas com privilégios de velha. Mudo, Mudinho, sim, a Damiana foi embora, não sabe que a Damiana se foi sem que você pudesse impedir, a Damiana sabe escapular, não precisa de suas chaves, esta Casa tem buracos que você não conhece e por onde entram e saem pessoas que você não registra, a Damiana desapareceu, somos seis velhas agora, me dá as chaves, Mudinho, quero ir me juntar a Damiana... espere, até que ela me chame, porque ela vai me chamar quando tiver localizado o Romualdo que se disfarçava de Gigante e é o pai do meu filho, corra, corra pelos corredores sem fazer barulho, Mudinho, mas eu lhe imploro, Iris, não repita a palavra Mudinho, Mudinho, Mudinho, Mudinho em voz tão alta, podem ouvi-la, quase grita, como se você não pudesse ficar um só segundo sem a minha presença, quieta, quieta, vão nos ouvir. E a Damiana? Não estará me esperando em alguma volta desses corredores, gigantesca, forçada, com sua barba e sua carabina para me liquidar com uma bala? Mudinho... Mudinho... os ratos fogem à nossa passagem, arrebentamos as estruturas que as aranhas projetam nos corredores, descubro você entre as laranjeiras carregadas de frutos dourados, escondida para me ver passar, tenho que ir à portaria para me certificar de que o ferrolho está com duas voltas de chave. Este corredor não tem profundidade: alguém, talvez eu, pintou uma perspectiva infinita sobre a janela murada, talvez a Damiana tenha se perdido nessa simulação de profundidade, procure-a por aí, mas não, você se engana, percebe que são só linhas sobre um muro mentiroso e para e dobra por outro corredor me procurando. Escondo-me a um canto para descansar, arquejando, depois de sua perseguição, você é jovem, eu sou doente, agora não ouço seus passos, descansar um pouco na portaria antes de sair para dizer a Dom Jerónimo que venha levar você agora com seu monstruoso filho de vapor dentro de seu útero antes que outra o leve, acossado pelas galerias, seu hálito fervendo na minha nuca como o hálito das feras antes de me esquartejar, descansar, respirar em paz, sumido neste canto onde não chega nenhuma luz.

Você toca em mim.

— Mudinho.

Tenho o chalé suíço debaixo do braço. Minhas chaves

empunhadas no bolso do guarda-pó. Você fala com uma voz muito baixa e muito serena, que desconheço.

— Quero sair.

Eu sei, Iris.

Sinto seu cheiro de sujeira, de roupa velha, desses unguentos com que nós a lambuzamos, esta pomada é boa para os brônquios, Amália, você que tem mais força que eu, dê uma boa esfregada nas costas desta menina, e isto que parece só uma agulha é maravilhoso para friccionar esse tornozelo que está inchando... nego permissão com a cabeça. Você me agarra o pulso. Solto as chaves do bolso do guarda-pó. Você pega minha mão e a coloca sobre seu peito que vai amamentar um monstro, que não é filho do Romualdo embora você e a Damiana acreditem, nem é meu filho, porque sou a sétima velha e não tenho sexo, Peta: juro-lhe que não tenho sexo, por isso, não venha se meter nesta Casa. É o filho que Dom Jerónimo de Azcoitía, animado por meu olhar invejoso, gerou na filha de um criminoso.

— Toca.

Toco.

— Bom?

Não respondo.

— Aperta, bobo. Achas que não sei que queres fazer naná comigo? Toma, me toca bem tocada e depois me deixa sair.

Arranco minha mão de seu peito. Acendo uma luz discreta e lhe mostro a caixinha de música, abro a tampa, você ouve *O Carnaval em Veneza*, seus olhos vão se iluminar, eu os farei assomar-se aos espelinhos da porta e da janela: indico a portinha, quero que entre, agora, agora, agora mesmo, prendê-la dentro da caixa de música.

— Achas que sou burra? Que vai me fazer de boba com esse brinquedo?

Não sei o que responder.

— Vamos, estou te dizendo. Abre.

Não ouço. Sou surdo-mudo, isso você sabe, Iris, não sei por que fala tanto se sabe que não ouço. Não entendo nada do que está me dizendo, portanto, ainda que pudesse ou quisesse fazer o que me pede não o obedeceria.

— Mentira. Pura mentira. Não és mudo. Sei desde o princípio que não és mudo, que tu te fazes de mudo. Por isso é que eu ia te chamando pelos corredores, para que me ouvisse e deixasse sair.

Não és mudo nem surdo. Quando tu fazes tintim com as chaves no bolso do guarda-pó marcas o compasso de *A Deus Queremos em Nossas Leis, nas Escolas e no Lar, A Deus Queremooooooooos...* e os mudos de verdade não podem marcar o compasso de coisa nenhuma porque não ouvem, por isso não vai me fazer de boba. A Damiana antes de sair da Casa disse que ia te denunciar ao Arcebispo, então, cuidadinho, ele chega aqui num dia desses. Se não queres que te denuncie à Madre Benita, me deixa sair.

É um raciocínio perfeito, Iris, felicito-a, seu raciocínio me encurrala e me desnuda, expondo-me a tudo porque vou ter que tirar tudo de debaixo da minha cama, minha voz, minha faculdade de ouvir, meu nome esquecido, meu sexo encarangado, meus manuscritos inacabados, tudo vou ter que usar e desdobrar, o que farei com minha humildade, como não, senhora, fiz meu cumprimento, meu carrinho aqui está para servi-la, não sou velha, sou Humberto Peñaloza, o pai de seu filho, as gravidezes milagrosas são histórias de velhas a cujo círculo não me deixa pertencer porque você está me arrancando desse suave refúgio para que lhe permita franquear a porta e se perder no destino que a Damiana a convenceu que é o seu verdadeiro destino, mas não acredite nela, Iris, as pessoas têm muitos destinos, qualquer um pode absorvê-la, e o que a Damiana lhe oferece é literal, pobre, insípido, miserável.

— Quero sair.

— Sozinha?

— Claro.

— Para ir se encontrar com Damiana?

— Velha porca.

— Por quê?

Você espera um momento.

— Estou grávida. A Damiana saiu me contando a história de que vai procurar o Romualdo, mas não é verdade, não vai procurá-lo porque ela quer ficar comigo. Eu não quero ir viver com essa velha machona da Damiana na casa de uma senhora que ela disse que conhecia e que podia me alojar até a gente encontrar o Romualdo e onde há outras mulheres, não quero. Quero ir procurar quem me deixou grávida, quero ir viver com ele.

— Não foi o Romualdo.

— Quem foi, então?

— Eu sei quem foi.

— Claro, o Gigante.

- Não, o que estava dentro do Gigante.
- Claro, o Romualdo.
- Não, outro senhor, um cavalheiro...
- Não me venhas com problemas, me deixa sair.

Seu sonho realista é difícil de destruir, uma encarnação que você não quer deixar, é o que lhe pertence, quase não é um sonho, você é naturalmente o par de Romualdo e o sabe e não quer me deixar destruir esse sonho para iniciá-la em outro. O sonho de Romualdo, você o compreende todo, o que lhe proponho, não, fica grande em você, mas eu posso reduzi-lo à sua medida, posso ir encaixando-a pouco a pouco dentro dele. Você está apressada, não pode esperar mais, sair, sair agora é o que quer, não pode adiar seu desejo de sair.

- Vai se perder.
- Não me importa.
- Não vai ter onde dormir nem o que comer.

Você encolhe os ombros com um gesto que menospreza meu temor à intempérie que não quero que menospreze porque preciso que o faça seu, pelo menos agora, esta noite: eu lhe falo, você me escuta, explico-lhe que a história do Gigante foi uma farsa porque o verdadeiro pai se escondia dentro de Romualdo, que não era senão outra máscara como a do Gigante que ela viu que destruíram, agora é preciso destruir a máscara de cartão-pedra de Romualdo para encontrar o outro dentro, o verdadeiro pai de seu filho, que vive em um palácio de ferro e vidro, você pode vê-lo de sua janela, um desses palácios que soltam raios de luz que você tenta agarrar com suas mãos para trepar por eles, você não precisará mais trepar num raio de luz, Iris, eu destruirei a máscara de Romualdo e trarei o verdadeiro pai, espere-me aqui, as ruas são terríveis, há homens barbudos que espreitam e médicos que fazem sofrer ao extirpar órgãos com seus bisturis afiadíssimos, e os cachorros dos doutores perseguem a gente que anda pela rua de noite e não tem identificação nem domicílio conhecido, a escuridão de fora não é como a escuridão desta Casa, Iris, aquela escuridão é a de gente que não tem onde cair morta como dizem e não tem onde cair morta porque essa escuridão é o vazio que engole e a gente cai gritando e nunca deixa de cair gritando e gritando e caindo e caindo porque não tem fundo, até que a voz se perde mas a gente continua e continua caindo nessa infinidade de ruas vertiginosas com nomes que você não conhece, cheias de caras de gente que rirão de você,

que vivem em casas onde não vão deixar você entrar e fazem coisas que você não entende, não se aproxime mais, Iris, não me toque assim, não Humberto, não permita que a Iris continue pegando em você porque ela vai rasgar seus disfarces, se não fugir terá que voltar a ser um você mesmo do qual já não se recorda onde está nem quem é, aproxima seus lábios gordos de minha boca e suas coxas remexem entre as minhas pobres pernas magras que tremem, não permita que ela o transforme em Humberto Peñaloza com sua carga de intolerável nostalgia, foge para que seu sexo não desperte com a pressão dessas palmas carnosas, para que não responda à língua que explora sua boca e sua língua, manter-se teso no lugar onde suas tetas e seus quadris o apertam, Humberto não existe, o Mudinho não existe, só existe a sétima velha. A mão dela não encontra nada.

— Iris...

— Que é?

— Vou sair para buscar o pai.

— Onde?

— Eu sei onde mora.

— Onde?

— Numa casa amarela em frente ao parque, e tem muitos andares.

— Vamos.

— Não, espere...

— Por quê?

— Não sei se está.

— Não importa que não esteja.

— É que tem quatro cães negros ferozes, que quando ele não está comem as pessoas que entram e como não conhecem você...

— E a você?

— A mim conhecem.

— Não vão comer você?

— Não me farão nada.

Você pensa.

— E a casa é bonita?

— É.

— O cara é bravo?

Respondo-lhe que sim, que Dom Jerónimo de Azcoitia é um cara muito bravo.

— Não sei... esses cães...

Por isso, irei trazê-lo para que venha buscá-la no seu carro com motorista, não, não quero com motorista, quero vermelho e conversível, está bem, Iris, o que quiser, direi a ele que venha buscá-la num carro vermelho e conversível e a leve para longe desta Casa e da Madre Benita e da Damiana e de mim, porque não quero vê-la mais, vou reduzi-la ao tamanho do meu chalé suíço, como abrir a porta para que você entre na casinha nevada? Obedeça-me, entre enquanto espera meu regresso trazendo o pai de seu filho, tome-a para que se divirta um pouco enquanto eu o trago para que leve o nosso filho, Iris, que será dono não deste chalé de madeira, será dono e preservará todo o labirinto desta quadra onde se cultivava um tempo que não transcorre mas que se remansa entre paredes de adobe que jamais acabarão de cair.

— Espere-me aqui, Iris.

— Está bem. Mas apressa-te se não queres que eu te acuse e te levem preso, porque se não te apressares, vou acordar a Madre Benita para contar tudo a ela.

— Tudo o quê?

Não respondeu.

— Que sou eu o pai?

— Sim.

— Você acredita?

Riu dizendo claro que não.

— Apaga a luz, Iris.

— Está bem. Te espero aqui na portaria.

— Já venho.

Tiro a tranca. Abro a porta e saio. Fecho. Por dentro, imediatamente, voltam a pôr a tranca... bater, bater para que me abram, estou doente, está chovendo, estou transido, tenho febre, Madre Benita, por favor, abra, perdoe-me por ter saído da Casa, abra, abra, não sei quem terá trancado o portão, não enxergo mais, não posso gritar mais, os policiais me maltrataram, os cães me morderam, tenho febre, ninguém me reconheceu, só me humilharam e me soltaram no parque onde chovia, chovia e eu corria, corria e grito e bato, e não tenho mais forças para gritar e bater, Madre Benita, salve-me, pelo menos que a Peta Ponce não me encontre, deixe-me entrar, já não tenho punhos, já não tenho voz, sou só esta manga exangue à porta de um convento numa noite chuvosa, e não abrem...

ÁGUA. MAIS ÁGUA... uma toalha molhada na testa, mas não tire sua mão, Madre Benita, por favor, me deixe ficar assim com a minha mão na sua até que saiam, porque vão sair quando entenderem que a senhora me protege agora como me protegeu sempre com seu silêncio, diga a eles que saiam, mande-os embora, dizem que são perversos, que os polícias martirizam a gente para nos fazer confessar o roubo de um cachecol ou de um pão. Mas o que querem que eu confesse, se não roubei nada? As mãos desse polícia se fecham. Olhe seus dedos brancos de raiva, vai me bater, Madre Benita, proteja-me, aperte minha mão para que o golpe não doa tanto... por isso é que quando os policias nos perseguem, corremos, corremos, corremos, e antes que eles possam nos agarrar, a gente rasga a barriga, aqui, Madre Benita, olhe essas feridas, a gente rasga a barriga com uma navalha bem afiada, uma vez, outra vez, mas só de leve, para que os polícias nos encontrem atirados no charco do nosso próprio sangue, rindo a gargalhadas... vão me levar ao hospital, um hospital bom onde o doutor Azula não está para me roubar um só pedacinho de pele, nem uma lasca de glândula, invejoso e cínico, um hospital que ele não conhece, para onde me levarão porque ninguém, nem eles, se atrevem a torturar um ferido porque nós os feridos somos sagrados. Assim, ferido, estou a salvo, porque agora são eles que têm medo de mim, não eu deles, não tenho que confessar nada a eles, só à senhora contarei a verdade, Madre Benita, sim, roubei algo da casa de Dom Jerónimo, olhe, este pequeno volume de lombada esverdeada, só um volume, embora tivesse querido trazer cem exemplares, mas não pude, paralisado em sua biblioteca, rodeado pelas poltronas de veludo cinza de sempre, de luzes baixas, de troncos crepitando na lareira, pisando o tapete de tons tão profundos que me afogou o terror de naufragar neles ou que seu luxo me engolisse... salvar o que pudesse, estendi a mão para os meus livros, onde sempre estiveram aqueles cem exemplares, intatos como uma burla entre suas curiosidades, aqueles cem exemplares que ele comprou generosamente para ajudar um pobre estudante a publicar seu livrinho, que repete,

repete seu nome e o nome de Inés em todas as páginas, Inés olhou-o com ternura entre as flores azuis que arranjava em um vaso de cristal de Lalique, Jerónimo de Azcoitía desceu as escadas vestindo roupa de viagem para ir à Rinconada, Inés e Peta cochichavam junto aos canteiros da galeria enquanto passavam as horas costurando para o enxoval de Boy... e meu nome no alto, sobre o texto de todas as páginas esquerdas, Humberto Peñaloza, Humberto Peñaloza, Humberto Peñaloza, essa repetição de meu nome destinada a conjurar sua vergonha, a consolar meu pai, a enganar minha mãe, a assegurar a mim mesmo que, afinal de contas, com meu nome tantas vezes impresso, ninguém podia duvidar de minha existência. Repetido quantas vezes? Vamos ver, Madre Benita, me ajude a calcular, a febre me solta a língua mas não posso me concentrar para fazer uma soma, cada exemplar tem cento e oitenta páginas, são noventa Humberto Peñaloza por exemplar, mais uma vez em cada capa, uma vez em cada página de rosto e uma vez em cada lombada... vamos fazer as contas: meu nome repetido nove mil e trezentas vezes na biblioteca de Dom Jerónimo de Azcoitía. Por que não temeria que aquele tapete reverberante de signos me engolissem? Não, meu nome repetido só nove mil e duzentas e sete vezes, porque antes de fugir roubei *um* exemplar. Quando estiver bom e minhas mãos não tremerem mais por causa da febre e a vista não ficar turvada, talvez leia para a senhora, a senhora por ser a senhora e porque pegou na minha mão e está me ouvindo, uma que outra passagem dessa prosa de mau gosto, das ingenuidades do estranho escritor de estilo tão artístico, de sensibilidade tão fina, o poeta das vinhetas primaveris, o jovem talentoso que acaba de sair da crisálida para respirar o ar fragrante de um futuro venturoso, que será uma glória para as letras nacionais, e depois de ler algum dos retratos de mulher que então escrevia, porque não conhecia nenhuma, só as imaginava envoltas numa onda de aromas orientais porque então os aromas eram sempre orientais, e as túnicas sempre recamadas, e as poses lânguidas e a coqueteria cruel mas risonha destroçava corações, e o plenilúnio era ubíquo, um mundo perdido mais além de outros mundos perdidos mais além de outros mundos perdidos, excelência substituindo excelência decadente, cabeçorra de cartão-pedra dentro de cabeçorra de cartão-pedra, o esquecimento afogando tudo, tenho me colocado voluntariamente em suas fauces, tenho até reptado sua garganta para que me lance por seu esôfago e desapareça e desapareci, sim, Madre Benita,

embora a senhora tenha minha mão na sua e me consolem suas piedosas palavras, já não sou. Talvez seja melhor, quando eu melhorar meter-me na trouxa de panos que está debaixo da minha cama, onde guardo o chalé suíço e os meus manuscritos, assim eles não me pegarão, porque, com seus punhos endurecidos, querem me obrigar a falar. Não posso. Não quero confessar por que saí correndo da casa de Dom Jerónimo de Azcoitia, o pontapé de um polícia que não consegue me agarrar, e me atiro ao caudal de carros achatados sob o temporal, que encham a rua, ladrão, ladrão, apitos que chamam mais polícias, e nos carros eles voltam a ver esse novo filme de Jeanne Moreau e vão comer bife com purê de batatas: me veem no leque despejado de seus limpadores de para-brisas, freia, merda, quase bato, não se vê nada com esta chuva, gentinha de merda, meu Deus, como tem chovido este ano, me veem a um metro de distância no foco de luz que a chuva rasga, dissolvido na chuva mas o limpador de para-brisa me devolve e me devolve e me devolve e me devolve e me devolve à solidez de que preciso, para que eles possam me ver, um homenzinho meio cego, o cabelo empapado, empapado todo no segundo exato de nossa freada, fugindo às cegas entre o acosso dos carros que o apertam, os polícias furiosos na calçada apitando frustrados em sua autoridade, o fantoche perseguido bailando como uma alucinação nas luzes vermelhas que lhe mordem as pantorrilhas enquanto foge entre os Citroen que patinam, os Ford que se batem, que buzina, gentinha de merda e esta tromba-d'água que não diminui, freie, cuidado, Hernán, você vai matá-lo, não me importo, ele quase me fez bater meu Renault novinho, mas já desapareceu atrás do Morris lá na chuva do parque e vai se esconder no rio, mas eu não sou ladrão, Madre Benita, eu lhe juro, as pessoas não roubam seu próprio nome porque têm direito de dispor dele para o que queiram; vou aproveitar um desses dias de inverno quando escurecer cedo para queimar todos os meus papéis, todos os meus nomes idênticos e repetidos, sem deixar sequer uma marca, eu os atirarei desta ponte de ferros negros ao leito de pedra e depois de correr até aqui, porei fogo a uma folha, duas, um caderno, talvez, para esquentar as mãos um pouco porque fará frio. Essa lambida de calor não será suficiente. Preciso de mais calor para combater a aterradora intempérie. Outros papéis, pensamentos, vinhetas, diário de uma semana que não continuei, exemplares roubados de bibliotecas públicas de onde ninguém nunca os havia tirado, cadernetas de

notas tomadas com minha letra trêmula mas veemente. Olhe, Madre Benita, como aumenta o círculo avermelhado a meus pés, ouça-os, são eles, os que não têm rosto, que vêm se aproximando de minha chama de um em um. Algo se agita entre estes matos: um cachorro vem deitar-se junto a meu fogo. Um vulto se desenha contra a linha da água por onde escapolem gordos ratões cevados de lixo, o vulto se faz sólido, avança. Um pedaço do muro de granito treme e cai: não tema, Madre, é só uma criança que pulou da boca de uma cloaca. Mais livros, mais papéis ao fogo e meus livros e meus papéis em que meu nome arde fazem crescer o generoso âmbito ao qual eles, que já foram submetidos às intervenções cirúrgicas que mudam seus rostos, estão entrando para se aquecer, não, não apenas para isso, para me reconhecer e me acolher como um deles quando houver definitivamente eliminado meu nome. Porque são eles, os privilegiados, os que não sentem medo nem vergonha porque nem a autoridade nem a fraude podem despojá-los de nada porque não têm nada, essas figuras que as chamadas de meus papéis convocam. O nevoeiro de trevas vai se retirando, deixa-os quase descobertos como pedras disfarçadas com algas esfarrapadas, mas eu os reconheço sob seus disfarces: o príncipe oriental, turbante, barba negra, manto, unhas longas, inclina voluptuosamente seu corpo para junto de minha fogueira, sobre a serapilheira dourada de seu saco no qual levará... nada, coisas, trapos, papelão, nada. O bolo de crianças e cachorros pulguentos forma um só animal monstruoso no chão, pés descalços, embarrados, hirtos, olhos brilhantes, pelos claros, espinhas, rabos, beiços inchados, orelhas translúcidas, narizes escorrendo, e açodem mais e mais portadores de disfarces efêmeros, se não nos disfarçamos de alguma coisa não somos nada, monges de feições macilentas quase ocultas pela sombra do capuz oscilante na minha chama, olhe só essa velha que aproxima da luz sua mão verrugosa como a da Peta Ponce e sua mão é tão transparente que a senhora e eu vemos os delicados ossos dentro dessa carne que se desmorona entre os andrajos que vão se fundindo no calor do meu fogo. Não sente o cheiro de panos empapados secando-se, de pedaços de pão dormido que põem junto ao fogo dos meus papéis para que amoleçam um pouco, de guimbas que acendem na minha chama? Quando Boy se desfizer de Dom Jerónimo definitivamente, ele me devolverá todos os meus livros, os noventa e nove exemplares que ainda restam, para alimentar com eles esta chama imensa a que acodem, olhe-os, Madre Benita, de

onde virão, o ocre de sua miséria, o sépia de sua sujeira, o cinza de seus farrapos luxuosos, mais rostos e vultos e mãos, e olhos revelados num clarão, e rugas imperiais, trançados que descobrem o brilho da cota de malha que é um jaleco que se desintegra, franjas que são tiras, gibões que são velhos pijamas, emblemas que são esparadrapos, penachos que são grenhas, até que caio consumido com meu último papel e meu último exemplar, e o fogo vai se apagando porque não sobra nada meu para alimentá-lo. Espere, Madre Benita, não vá embora, seus deveres não são tão urgentes que não possa me ouvir até o final e contemplar a lenta retirada dos príncipes com suas cortes de anões e negros, de escravos e polícias, de favoritas e alcaguetes, de confessores e crianças e cadelas tinhosas, de puxa-sacos, de moços de recados. A senhora pensa que só estão disfarçados do que parecem ser. Vamos tirar seus disfarces e ficarão reduzidos à gente como eu, sem rosto nem feições, que tiveram que viver fuçando nas lixeiras e nos baús esquecidos dos porões e recolhendo nas ruas os restos dos outros para confeccionar um disfarce um dia, outro disfarce noutro, que lhes permita identificar-se, embora só por alguns momentos. Nem sequer têm máscara. Há tão poucas máscaras, por isso é que sinto pena que tenham destruído a cabeçorra do Gigante. Eu não entendo, Madre Benita, como é que a senhora pode continuar acreditando em um Deus mesquinho, que fabricou tão poucas máscaras, somos tantos os que ficamos recolhendo aqui e ali qualquer desperdício para nos disfarçar e assim ter a sensação de que somos alguém, ser alguém, gente conhecida, fotografia no jornal com o nome embaixo, aqui nos conhecemos todos, na realidade, quase todos somos parentes, ser alguém, Humberto, isso é o que importa e pisca à luz da lâmpada e sacode a mesa sob os cotovelos de minha irmã apoiando o rosto em suas mãos como no último postal da Bertini, máscara também a de minha irmã, máscara da Bertini porque seu rosto não era suficiente, a gente vai conhecendo as vantagens dos disfarces que improvisa, sua mobilidade, de como o último escondeu o anterior, basta um pedaço de pano quadrado amarrado à cabeça, um emplastro de batatas nas fontes, raspar o bigode, não se lavar durante um mês para mudar de cor, como alterá-los e se perder dentro de suas existências fluidas, a liberdade de não ser nunca o mesmo porque os farrapos andrajosos não são fixos, tudo se improvisando, flutuante, hoje eu e amanhã ninguém me reconhece nem eu mesmo me reconheço porque a gente é o que é enquanto

dura o disfarce. Às vezes tenho pena de gente como a senhora, Madre Benita, escrava de um rosto e de um nome e de uma função e de uma categoria, o rosto teimoso do qual não poderá se despojar nunca, a unidade que a mantém encerrada dentro do calabouço de ser sempre a mesma pessoa. Estes que vieram aquecer-se no meu fogo, Pelo contrário, são flutuantes como as chamas e as sombras, benevolmente me acolhem em seu número agora que definitivamente queimei meu nome, minha voz já perdi há muito tempo, já não tenho sexo porque posso ser outra velha entre tantas velhas da Casa, e meus papéis incoerentes de rabiscos que tentaram implorar que me concedessem uma máscara definida e perpétua, eu os queimo, mas não todos, não todos, restam tantos volumes lá na biblioteca das poltronas cinzentas, mas eles não sabem disso, pensam que sou como eles porque aprendi a me disfarçar com os desperdícios que vou encontrando atirados nos cantos ou na rua... um dia conseguirei ser um deles... partir sem deixar rastro... não marcar o chão... não chegar à sombra de contorno marcado... só assim poderei me libertar de Dom Jerónimo que me procura porque precisa de mim e precisa de coisas que conservo e das quais ainda não posso me desfazer, e da Peta Ponce, que não morre nunca, chega até aqui como um eco nascido no pesadelo inicial, não consigo enganá-la com a minha sucessão de disfarces, nem me confundir com eles, sombras, costas carregadas com sacos, barbas, gengivas sem dentes, guimba caída no canto da boca, gostaria de me integrar à corte que lentamente vai saindo... eu, vítima trêmula dotada de uma identidade precária, transformado como eles num débil verdugo intocável porque nada podemos perder porque não temos nada que ninguém inveje ou deseje... eles se vão... vamo-nos daqui, Madre Benita, vamos segui-los, faz frio aqui no leito de pedra e os polícias, lá em cima, continuam vigiando para me pegar porque roubei meu próprio livro, mas não, até os polícias vão embora porque já é tarde. Siga-nos, Madre Benita, vamos nos confundir com as sombras que se dispersam, estou aprendendo a ser um deles e falta pouco... a senhora também poderia, se quiser, eu posso lhe mostrar como, já tem alguns sinais exteriores que a marcam como um dos nossos, sua papalina murcha, suas mãos ásperas, sua amargura, venha, não fique para trás não desapareça, Madre Benita e não me deixe aqui, tremendo de frio e de febre, sozinho, sem a sua mão na minha mão, sem a sua proteção contra estes brutos que me maltratam, ladrão, ladrão, ande, vamos, à delegacia, esperneio e

me arrastam e grito, e a senhora não vem, Madre Benita, me deixa só, solta minha mão, não me deixe... não me batam que não fiz nada...

VOCÊ ESTÁ AI, SENTADO à minha frente. Ouço a chuva que cai lá fora, a persistência familiar da goteira caindo na bacia colocada sob o vidro quebrado da claraboia. Como sua cara está mal costurada. Como foram inúteis os esforços do doutor Azula para lhe fabricar essa imitação de pálpebras normais, essa testa sem limite preciso, para lhe enxertar orelhas onde devem estar, para desenhar a mandíbula que a natureza não lhe deu. Você é mais monstruoso que a imagem com que a María Benítez nos ameaça se a Iris chega a *se meter com um homem*, mas não sabe que sua mãe se meteu com todos os rapazinhos do bairro, com todos os galãs e autoridades da capital, por isso você nasceu assim. Uma poltrona Chesterfield de couro manchado, uma escrivaninha com muitas gavetas, um espelho em pedaços no qual vejo algo que poderia ser o meu lamentável rosto, é tudo o que enche esta salinha onde os policiais me trouxeram para esperá-lo. Acenderam um lampião fraco, de pescoço de cisne, que ilumina o detalhe das feições artificiais que o doutor Azula teve que fabricar, porque você nasceu sem rosto apesar de ser Azcoítia, a miséria incrível de seu corpo retorcido que as massagens e os exercícios idealizados por Basilio não conseguiram corrigir. Não pense que me surpreende vê-lo. Já o vi tantas vezes depois da morte de Dom Jerónimo, já o segui com tanta obstinação, certo de que não me reconhecerá porque, afinal, eu o tive sob minha responsabilidade, na Rinconada, só até os seus quatro anos, eu o esperei horas inteiras à porta da alfaiataria onde fazem a roupa que mal disfarça a deformidade de seu corpo. Um dia, de propósito, dei um encontrão em você, no meio do povo, numa esquina, e o senti nos meus braços, como quando era criança. Miss Dolly me passava aquele embrulho que era você, para que o embalasse por uns minutos. Você não me olhou. Seguiu seu caminho. Embora me tivesse olhado ou me tivesse visto, não sabe quem sou. Você se surpreendeu muito quando o polícia de plantão desta delegacia lhe disse, respeitosamente, porque sabe que é filho do senador e merece respeito apesar de ser um monstro, que um mendigo entrou em sua casa esta noite para roubar um livrinho de cento e oitenta páginas? É esse livro que você folheia e conhece

bem. Afinal, você tinha cem exemplares, e passa quase todo o tempo na biblioteca, como que para recuperar os anos que nós, Melchor e Imperatriz e eu e todos, o fizemos perder. Eu, oculto num banco entre os acantos do parque, vi você lendo junto à janela aberta no verão, ou me aproximei dos vidros embaçados no inverno e o vi subindo na escada para remexer os livros de seu pai como se procurasse alguma coisa, examinando os livros sem mudá-los de lugar, como se assim quisesse preservar algo dessa harmonia que era de Dom Jerónimo mas que você desmente com sua existência. Você caminha mal, é desajeitado e derruba as coisas, sua respiração é fanhosa, é torto e cambaio. Você pertence a uma Rinconada sombria e labiríntica, existência de corredores, de cantos esquecidos, seu ser desenhado pelas cáries do tempo no reboco de um muro. Vira as páginas de meu livro ao acaso, como quem não tem curiosidade, tem que sair, voltar à sua casa amarela frente ao parque. E depois, eu não o interesse. Você deve estar até um pouco contrariado porque o chamaram à delegacia a esta hora para um assunto tão desinteressante. Você irá embora. Não me dá importância. Vai abandonar meu livro e partirá para sempre sem saber quem sou, a quem deve tudo o que é e o que não é, não se vá, Boy, não se vá, reconheça-me pelo menos um instante, pague-me o fato de existir pelo menos me devolvendo os noventa e nove exemplares de meu livro que lhe restam e não lhe interessam, para queimá-los e ingressar definitivamente no mundo dos que esqueceram seu nome e seu rosto, não me abandone assim, esta é a minha última oportunidade, e com medo de que você desapareça para sempre, estimule sua curiosidade traçando estas palavras num papel: *Eu escrevi esse livro que você está folheando*. Você me obedeceu porque se senta outra vez. Agora folheia o livro com mais atenção. O senhor entrou na minha casa para roubá-lo? Por que usou meu nome e o nome de meu pai e o nome de minha mãe como se fossem ficção? Por que uma pessoa como o senhor nos conhece? Não acredito que uma pessoa como o senhor tenha escrito este livro... Não o ouço. Você sabe disso. Na sala da guarda lhe disseram que quando iam me torturar para que confessasse meu nome como quem confessa o mais atroz dos delitos, aponte minha boca e meus ouvidos, não, não entendo, não ouço, sou surdo-mudo, e os venci com minha fraqueza, não me bateram os punhos desses brutos porque ser surdo-mudo é o mesmo que rasgar a barriga: a mão ameaçadora do polícia que estava prestes a me esbofetear caiu

inutilizada. Não me bateram. Então, que fazemos com ele, leve-o à salinha do lado para que espere que o dono da casa venha dizer se houve roubo ou não, eu acho que não, que este pobre diabo deve ter entrado naquela casa para se proteger da chuva, precisava ver como choveu esta tarde, sim, é surdo-mudo. Sou surdo-mudo. O delegado o preveniu.

Com um orgulho que me lembra o de seu pai, você está me perguntando: Que relação há... que contato *pode* ter havido...? Não o ouço. Faço você repetir as perguntas. Você as pronuncia lentamente, para que eu possa ler o que diz com a imprecisão de seus lábios de peixe. Não percebe que sua boca é tão disforme que fica impossível ler nos seus lábios? Como pode provar que é verdade que o senhor é autor deste livro que fala de mim, de meu pai, de minha mãe? Continua folheando. De repente, levanta a cabeça de gárgula e sob essas pálpebras que são um arremedo de pálpebras humanas vejo o azul do arco voltaico dos olhos de seu pai, esse azul que exige provas, porque um senhor de sangue basco não deve acreditar em coisas que não se provam. Tenho frio. Minhas mãos tremem com a mesma febre que as faz tremer agora que lhe estou passando, Madre Benita, o volume de lombada esverdeada para que a senhora vá também comprovando que tudo o que digo é verdade. Minha roupa se gruda no corpo porque ainda está pesada, empapada. Na folha de papel traço a resposta: *Para demonstrar-lhe que é verdade o que digo, posso escrever de memória qualquer capítulo do livro.*

Você aceita. Você mesmo coloca papel sobre a escrivaninha, ajeita a luz, me entrega a Parker de ouro, porque o venci, sua curiosidade é maior que seu desejo de voltar a casa, o que está acontecendo nesta salinha da delegacia não é insignificante, valeu a pena sair nesta noite chuvosa. Vou escrever o prólogo. Abra o livro, Madre Benita, está um pouco úmido por causa de chuva, não pude protegê-lo quando me escondia dos policiais que me pegaram no rio, mas vá lendo para que a senhora também acredite em mim. Você se senta bem à minha frente, sob o espelho da parede. Não o vejo. Mas nem por um instante você deixa de me olhar.

QUANDO JERÓNIMO DE Azcoitía entreabriu, afinal, as cortinas do berço para contemplar o rebento tão esperado, quis matá-lo ali mesmo: esse repugnante corpo sarmentoso retorcendo-se sobre sua

corcova, esse rosto aberto num sulco brutal onde lábios, palato e nariz despiam a obscenidade de ossos e tecidos numa incoerência de traços avermelhados... era a confusão, a desordem, uma forma diferente mas pior da morte. Até então, a copada árvore genealógica dos Azcoitía, da qual era ele o último a levar o nome, só dera irrepreensíveis frutos seletos: políticos probos, bispos e arcebispos e uma beata de piedade invulgar, plenipotenciários no estrangeiro, mulheres de beleza deslumbrante, militares generosos com seu sangue e até um historiador de fama em todo o continente. Era lícito esperar que o Jerónimo não fosse o último Azcoitía, que o brilho do nome se prolongasse na semente de filhos e netos para que a estirpe continuasse produzindo frutos cada vez mais perfeitos até o fim dos tempos.

Mas Jerónimo não matou o filho. O espanto de se saber pai dessa versão do caos conseguiu interpor uns segundos de paralisante surpresa entre seu primeiro impulso e a ação, e Jerónimo de Azcoitía não matou. Isso teria sido ceder, incorporar-se ao caos, ser vítima dele. Então, fechado durante semanas no quarto do recém-nascido, convivendo com ele e o alimentando com suas mãos, chegou a admitir nas conversas com seu secretário e confidente, a única pessoa com acesso a seu retiro, que estava bem: este brutal escárnio significava, então, que o abandonavam as tradicionais potências das quais ele e seus antepassados receberam tantas mercês em troca de cumprir com o dever de guardar Sua ordem nas coisas desta terra. Também se viu abandonado pelas outras potências, as mais obscuras, às quais Inés, enlouquecida pela ânsia de lhe dar descendência, conseguiu convencê-lo que acudissem. Agora, tanto as potências da luz como as das trevas eram igualmente suas inimigas. Ficou só. Mas ele não precisa delas. É forte e o provará, provará que há outra dimensão, outros cânones, outros modos de apreciar o bem e o mal, o prazer e a dor, o feio e o belo. A criança monstruosa, que esperneava chorando no berço porque tinha fome, era um aborto que lhe proporcionaria não só os meios para prevalecer, mas também para provar que ele, Jerónimo de Azcoitía, era o maior e o mais audaz de todos os Azcoitía de todos os tempos, como seu secretário não se cansava de repetir.

Jerónimo não matou. Continuou vivendo quase — quase — como antes. Era um dos homens mais invejados do país. Invejado porque depois do luto por sua mulher, muito poucas pessoas se lembravam da existência de Boy, o filho que morava na Rinconada,

uma fazenda remota onde Jerónimo nunca ia, cuidando, entretanto, de cercá-lo de todas as comodidades que um filho seu podia — e devia — precisar. Não é estranho, pois, que a lembrança de Boy se apagasse da memória das pessoas. O tempo, claro, foi um fator importante, mas não o único nem o decisivo. As pessoas se esqueceram de Boy porque era bem mais cômodo assim. Lembrar-se dele teria sido reconhecer que um homem tão bem dotado de harmonia como Jerónimo, que representava com tanta excelência o melhor de todos eles, pode conter a semente do monstruoso, e então a amistosa convivência com o senador resultaria não apenas inquietante mas terrível. E, afinal, ninguém, salvo aquele secretário, tinha visto Boy. Quem tinha provas de sua existência? Era mais fácil pensar na incongruência de que este paradigma de cavalheiros houvesse engendrado um filho disforme, e daí passar a dizer que Boy, com certeza, era uma dessas lendas negras que, é natural, a inveja faça surgir à volta de ilustres personagens.

E as pessoas talvez tivessem razão, uma vez que o próprio Jerónimo contribuiu, com seu silêncio, para apagar todas as sombras daquilo que para ele deve ter sido uma tragédia. Só se furtando às compaixões podia assumir a plenitude de seu papel de fazendeiro poderoso, de senador que defende os direitos de sua casta contra as pretensões dos forasteiros, de personagem que nos salões, nas corridas, no foro, no clube, na rua atraía olhares. Algumas mulheres, sob simulada paixão política, acorreriam ao Parlamento para ouvir falar o viúvo e se deleitar, da galeria, com o espetáculo de seu pescoço clássico e sua estatura heroica: não eram ignorados os nomes das senhoras que aspiraram a ocupar o vazio que pensavam perceber atrás da suntuosa fachada de seu porte e sua palavra. Mas ninguém, nunca, conseguiu penetrar além dessa fachada. Seus inimigos o acusavam de arrogante, até de vaidoso. Era, sem dúvida, muito consciente de seu garbo, mas só porque era consciente de todo refinamento, em si mesmo e nos demais. Talvez não fosse senão uma certa afetação no vestir o que os desagradava, certo rebuscamento meio ultrapassado, lembrança, sem dúvida, de sua longa estada na Europa, onde, dizia-se, passou uma juventude livre e dispendiosa com os elegantes de então. O fato é que a presença de Jerónimo era uma lição de harmonia, incômoda porque era impossível imitá-la nestas bárbaras latitudes. Até mesmo no último discurso no Senado, antes de se retirar para suas terras e entregar-se à vida privada, adotou as habituais poses de estátua, um

pouco cansadas já, é verdade, mas sempre viris e convincentes.

Uma ensurdecadora salva de palmas recebeu o discurso de despedida do senador. Suas palavras foram tão lúcidas que no dia seguinte os jornais publicaram em manchete o nome de Dom Jerónimo de Azcoitía como possível candidato à Presidência da República. Mas aos correligionários que se apressaram em felicitá-lo, advertiu que não contassem com ele, que tiraria umas longas férias para viajar, ou não, de qualquer modo, pensava num descanso de duração indefinida.

Então Jerónimo desapareceu da capital sem explicar nada a ninguém, cortando bruscamente amizades e compromissos, delegando obrigações e afazeres a administradores de confiança. Enfim, disse o público depois de uns meses, ele deve saber o que faz. Além disso, começava a sentir a idade e dentro do partido conservador já surgiam novas vozes que apontavam novos rumos. E depois — recordaram rapidamente antes de esquecê-lo — não estava um pouco estranho nos últimos tempos, não tinha sido sempre, visto agora, quando havia perspectiva para analisá-lo, diferente, estranho? Não era verdade que sua arrogância, que nem seus íntimos se atreviam a negar, terminara por encerrá-lo atrás de um muro onde reinava ele só, dono e senhor de uma verdade evidentemente absoluta, cujo segredo jamais revelou a ninguém?

Apesar de tudo, alguns anos depois, a notícia de sua morte causou verdadeira consternação. O país inteiro, então, recordou os serviços do eminente homem público e lhe foram tributadas as maiores homenagens: trasladaram seus despojos ao cemitério numa carreta coberta com o pavilhão nacional. Muitas pessoas acharam que isto não devia ter sido feito, porque a atuação de Jerónimo de Azcoitía foi mais política que histórica e que seu nome só perduraria nos textos especializados. Apesar das discussões sobre as honras concedidas — ou talvez por isso mesmo — todo mundo foi ao seu enterro. Junto ao mausoléu da família — seu corpo ocupou um nicho com seu nome e as datas de seu nascimento e morte, equiparando-se no mármore com os Azcoitía que o precederam — os oradores evocaram suas vitórias, os ensinamentos recebidos desta vida exemplar, que assinalava o fim de uma raça à que o país, em que pese as mudanças do mundo contemporâneo, se reconhecia devedor. Uma pesada cadeia de ferro fechou as grades do mausoléu onde, dentro de algumas horas, começariam a apodrecer as flores. Dando-lhe as costas, os cavaleiros vestidos de negro afastaram-se

lentamente entre os ciprestes, lamentando o fim de tão nobre linhagem.

ESTÁ VENDENDO? PALAVRA POR palavra. Não o olhei uma única vez enquanto escrevi o prólogo. Mas você não tirou a vista de cima de mim: todo o tempo senti o arco voltaico de seu olhar me examinando. Um silêncio imenso nos envolveu durante mais de duas horas. Faço ponto final. Mas não levanto os olhos das folhas de meu prólogo, ponho uma vírgula aqui, um acento ali, indico parágrafo com dois traços paralelos, qualquer coisa, porque não posso me desprender do que acabo de escrever embora sinta que você está se levantando da poltrona sob o espelho. Quando, afinal, levanto os olhos, vejo-o enquadrado nesse espelho embaciado, disforme meu rosto angustiado nessa água turva em que se afoga minha máscara, o reflexo que jamais me deixará fugir, esse monstro que me contempla e que se ri com minha cara porque você já se foi, Boy, você nem sequer lê o prólogo que escrevi anunciando seu nascimento para saber quem é, e eles voltam, desta vez sem seus cães esfaimados, para me dizer está bem, pode ir embora, saia, fora daqui, depois do trabalho que nos deu, que a gente nunca mais volte a vê-lo e, olhe, tem muita sorte de ser solto, o doutor não pôde vir, telefonou para dizer que sente muito mas que tudo isto é tão insignificante, tão sem importância, que não vale a pena caminhar as duas quadras de sua casa até à delegacia, sobretudo com esta tempestade que não amaina, nunca vi chover assim, o céu está caindo, vamos, o que são esses papéis, pegue-os, são seus, meta-os no bolso se quiser, nós não queremos ficar com lixo, leve-os, vamos, para fora já disse, que nos importa que um mendigo como você se molhe, deve estar acostumado, se abrigará no caramanchão de algum parque, sob a barriga de bronze de alguma estátua equestre de uma praça até que a chuva pare, qualquer coisa, ou voltará ao rio, sob a ponte se reúne gente como você, vamos, para a rua, e muito cuidado, não vá entrar de novo na casa de gente fina, mesmo que não roube nada, preste atenção, de outra vez você pode não se sair tão bem quanto hoje... e fujo, Madre Benita, pelo parque e pela chuva sem cachorros me acoessando, fujo, perdido nas ruas, afogado pelo vazio sem direção em que me encontro porque a chuva apaga tudo, a Casa, onde está a Casa, como chegar à Casa, esta chuva brutal pode dissolver a estrutura de barro, o adobe velho

tem que cair, os labirintos empapados têm que se desmoronar, mas não, não cairão, todas as velhas, acolhedoras e solícitas, e a Madre Benita também, estão esperando para me abrir o portão, para me deixar entrar e me encerrar e me proteger, por que não irão me proteger e cuidar se me encontraram jogado inconsciente junto ao portão que devem abrir para me deixar entrar.

O PORTÃO SE ABRIU. Ela lhe deu as boas-vindas com um sorriso acolhedor e o conduziu através do pátio, entre as pombas indiferentes que bicavam as lajes, até o outro lado do corredor. Sentou-se, encostando-se ao espaldar de uma poltrona. O rangido do vime era cordialíssimo sob a sombra da madressilva que devorava as pilastras. A criada disse que seu tio não tinha chegado, mas não demoraria. Jerónimo bebeu um gole de aguardente e agradeceu. Estalou os dedos para interromper as pombas, elas continuaram, porém, ensimesmadas sob o sol vertical, persistindo em seu monótono colóquio, que a criada, de saída, passando entre elas, também não conseguiu interromper.

No seu regresso da Europa, a única coisa que em seu país não o havia frustrado eram os cheirosos congros servidos às sextas-feiras na mesa de seu tio, o Reverendo Padre Don Clemente de Azcoitia. Os congros, e claro, o que os acompanhava: o silêncio remansoso nesses pátios cuja tosca arquitetura de adobe indicava uma vida quase artificial comparada com a que ele conhecia, e a conversa de seu tio, mais política que eclesiástica, mais mundana que mística, movimentada com anedotas picantes da família, dessa grande família a que todos pertenciam. Jerónimo empreendeu a viagem de volta à pátria para ver se, integrando-se a algum nível dessa *família* conseguia, afinal, pertencer a ela. Agora, ao fim de dois meses e apesar de seu tio e do deleite com os congros e a madressilva, especulava sobre um possível regresso ao ponto de partida, embora fosse só para fazer a burrice de se lançar às chamas que envolviam a Europa. Inclinou-se para deixar o copinho na mesa. Desta vez bastou esse ligeiro movimento para que as pombas inconsequentes voassem para continuar sua tagarelice sobre as telhas.

A demora de Dom Clemente não era habitual. Sempre esperava seus convidados dos almoços das sextas-feiras sentado nessa parte do corredor, com o jornal da manhã bem lido e a crítica à última atuação do Partido pronta para lhes transmitir, antes mesmo que tomassem assento. O Arcebispo o havia dispensado de seus deveres sacerdotais para que, carregado de honras, se dedicasse a cumprir o

resto de sua vida de grande senhor da terra, e morrer nessa casa onde tanto ele como Jerónimo nasceram. Mas nem os anos nem as doenças arrefeceram a sociabilidade do clérigo. Todas as sextas-feiras reunia em sua sala de jantar, ao redor de uma mesa carregada de peixes e mariscos, uma ilustre tertúlia masculina entendida em relacionar as perturbações da bolsa com as mudanças de gabinete, um grupo perito em parentescos, no preço do gado e propriedades, organizadores de comitês para receber dignitários estrangeiros portadores de sábios conselhos, pródigos em outorgar postos aos que, embora não fossem como eles, desejassem parecer-se. O rumor popular fazia circular o boato de que quem determinava os acontecimentos políticos do país era uma tal María Benítez, cozinheira de toda a vida de Dom Clemente, cuja caricatura costumava aparecer em um insolente pasquim ilustrado como a encarnação da oligarquia, mexendo com sua concha descomunal a panela rotulada com o nome do país. Dom Clemente, entre gargalhadas, garantia:

— Mas são apenas almoços de família!

O que era verdade, porque os parentescos e as vinculações dos Azcoitia incluíam todos os ramos do poder. No primeiro destes almoços, em meio aos havanas soberbos proporcionados por Dom Clemente, os cavalheiros, com um ou outro botão do colete desabotoado, Jerónimo foi saudado com afeto, recordando seu pai e seu avô, alegrando-se de que, finalmente, depois de cinco anos de ausência, se encontrasse outra vez entre eles. Um ministro de generosa barriga, cuja testa, queimada em baixo e branca perto do cabelo, acusava antiga presença do chapéu patronal, disse:

— Seu lugar é aqui, homem. Para que quer continuar morando na Europa entre ateus e degenerados, se aqui é alguém? Claro que lá as mulheres...

Os comensais celebraram com risadas esta prova dos apetites proverbialmente insaciáveis do ministro. Deixando-se admirar, bebeu até o fundo outro copo de vinho e depois da primeira tragada de seu havana, calculou a idade de Jerónimo:

— Vejamos. Seus pais se casaram no final da guerra em que recuperamos as províncias do norte. Lembro-me muito bem porque, como tive que ficar na fronteira depois da paz, não pude assistir ao casamento. E seu pobre pai morreu como um herói na revolução. Eu já era ministro então, e falei no enterro. Parece que o estou vendo: muito sério, o cabelo de palha de todos os Azcoitia, você

encabeçava o cortejo. Teria oito anos. Todos comentamos sua coragem. Sem dúvida, você estava destinado a realizar as promessas que a morte prematura de seu pai trancou. E como não vou me lembrar que você tinha perto de... de vinte e seis anos ao ir para a Europa, se eu mesmo lhe ofereci o cargo de meu secretário na questão de limites, com a finalidade de o reter aqui? Deve andar pelos trinta.

— Trinta e um...

Para desviar a conversa que tão incomodamente ligava sua história pessoal com a história do país, Jerónimo explicou que sua volta se devia sobretudo à guerra. Os cavalheiros aproximaram suas cadeiras e abandonaram seus copos, rodeando-o para perguntar-lhe sobre Verdun... O interesse por estes assuntos, porém, logo morreu e a conversa foi se desviando até as cepas recém-importadas, até a possibilidade de que um desastre francês lhe abrisse um mercado de exportação, robustecendo assim o partido nas próximas eleições. Esse era o problema importante. Em certa província-chave faltava um candidato com ascendência sobre o povinho, um homem de fortuna que estivesse disposto a comprar o que não tinha, um nome que significasse força real. Examinaram personalidades desconhecidas para Jerónimo, discutindo filiações políticas e familiares. A voz epicena de Dom Clemente soava acalorada sobre o debate, enquanto um juiz, que se absteve de participar em uma discussão tantas vezes repetida, cabeceava a um canto, o guardanapo cheio de farelos estendido sobre a barriga. Os membros das duas facções irreconciliáveis do partido trocaram palavras fortes ao final do almoço. Um deputado abandonou a sala furioso, sem se despedir de ninguém. Mais tarde, quando a modorra começou a dispersar os comensais para suas sextas digestivas, o ministro pôs a mão sobre o ombro de Jerónimo, apertando-lhe longamente a mão direita:

— Seu lugar é conosco.

Por que as pombas não se decidiam a levar seu diálogo a outros telhados e reiterá-lo para outros ouvidos? Pondo-se de pé, Jerónimo passeou pela parte sombreada do corredor para que os pilares sucessivos lhe fossem afirmando que seu lugar era, efetivamente, aqui. Não conseguia, porém, interessar-se por esse lugar, eram tão pobres os atrativos. Em cinco anos fora, tinha compreendido seu direito natural às pessoas de qualidade mais alta e aos objetos mais formosos. Depois de se reconhecer integrado a tudo isso, era difícil

reduzir-se aos rudes agradados das tertúlias na casa do tio padre. *On dit que Boy est le propriétaire d'un pays exotique quelque part, je ne me rapelle plus le nom. Je crois qu'il l'a inventé...* isso diziam suas amigas em Paris. E até certo ponto era verdade. Voltara por causa da guerra. Verdade. Mas antes de tudo, porém, porque nos últimos tempos andava com seu orgulho ferido. E para que a simetria de sua vida resistisse ao exame de sua própria exigência devia ser diferente, nascer de raiz própria, ineludível, mais poderosa que sua vontade. Só a falta de liberdade determinava deveres. Ao passar dos trinta, Jerónimo foi adquirindo a certeza de que, em última análise, os deveres são a única coisa que enobrece. Quando arrebentou a guerra, viu que precisava de um lugar natural dentro do conflito. Sua participação teria tido o caráter de um elegante gesto esportivo. E porque começava a se aborrecer ao comprovar que essas elegâncias não eram mais que subterfúgios, Jerónimo voltou à sua terra americana, burda e primitiva, em busca de obrigações que enobrecessem sua liberdade.

Como, porém, tomar a resolução de se incorporar a um mundo cujas verdades maiores são decretadas por um guizado de congro a escabeche? A fragrância do peixe que a María Benítez preparava alcançou-o naquele instante e se confundiu com a madressilva. Ao ouvir passos, tomou outro gole de aguardente. No fundo do copinho apareceu o sacerdote, encurvado sobre a bengala. Antes que Jerónimo tivesse tempo para se pôr em pé, o ancião explicou:

— Atrasei-me porque tratava de negócio seu.

— Meu?

— Sim, seu. Que tal essa aguardente?

Cheirou a bebida antes que o sobrinho o ajudasse a sentar-se na poltrona de vime, sobre o xale desfiado que lhe servia de almofada, já amoldada por suas nádegas. O suor no rosto do sacerdote parecia o orvalho num botão de rosa rosado, mas murcho à custa de tanta continência. O queixo partido, a estatura, os olhos azuis mas sem eletricidade e rodeados de pestanas muito claras, eram um arremedo frágil mas reconhecível da contundente matéria de que era feito Jerónimo.

— Como tem passado, tio?

— Mais ou menos, meu filho. Tantas preocupações. Mas eu já não importo, o que precisamos é que você esteja bem. Tenho algo a propor a você.

Dom Clemente cheirou com saudade o copinho de aguardente

do sobrinho: sua continência voluntária, além da saúde, só assim lhe permitia gozar, e remotamente, das especialidades que oferecia a suas visitas. Dom Clemente continuou:

— Venho do Partido. A Assembleia está de acordo que você é o homem que precisamos para apresentar como candidato a deputado pela provín...

Jerónimo não conteve a gargalhada. Essa era a grande tentação que esperou que o país lhe oferecesse? Viu-se tratando com boticários de província e professores rurais desejosos de interessá-lo na reconstrução de uma ponte varrida pelas últimas cheias. Como explicar ao tio que não era isso, e sim algo muito mais sutil, o que sua vontade pedia para retê-lo em solo americano? A solução que o tio lhe estava propondo era primária. Tão primária que só suscitou nele uma gargalhada, mas não desanimou Dom Clemente, distraído com as instruções que dava para que abrissem certa garrafa de vinho muito especial.

— Porque hoje vamos celebrar.

— O quê?

— Sua eleição.

— A política não me interessa.

— Sabia que teria dificuldades com você. Depois que seu pai morreu, sua mãe não fez outra coisa que mimá-lo. Nada pior que as viagens. Enchem de bobagem a cabeça das pessoas jovens, que acabam se casando com estrangeiras. Boy! Que ridículo! Que não se saiba aqui que suas amiguinhas francesas lhe puseram esse apelido de mariquinhas e se chegam a saber, vai perder as eleições.

— Mas se eu não...

— Avisei a meus convidados que hoje não me sentia bem e não receberia ninguém. Não quero que suas bobagens de menino mimado me envergonhem diante de gente que tanto espera de você. Não se interessa pela política de seu país! Que coisa mais ridícula! Passemos à sala de jantar, meu filho?

Jerónimo seguiu Dom Clemente em silêncio. As vagas lembranças enredadas nas sombras dos objetos presos nas peças que atravessavam não eram suficientes para lhe fazer esquecer que para os proprietários destes móveis feios e destas cortinas pesadas que ocultavam a desordem do pátio visto de *dentro*, só o útil, só o imediato era sério. E entretanto... entretanto... à medida que em seu interior se ia erigindo a simples dialética que derrotava tudo isto, algo de seu ficava preso nos encostos de jacarandá e nas poltronas

capitonnés. Estava ficando difícil para ele conservar uma estrutura clara quando a luz dissolvente, ou, talvez a fresca penumbra dos muros de adobe, como na sala de jantar, por exemplo, protegia tudo, salvo a melancia já cortada sobre a bandeja de prata, do assalto da inteligência.

— Tio.

— Que é?

— Vim lhe dizer que volto à Europa.

— Não pode ir embora, Jerónimo. Escute, meu filho, seja razoável. Só tenho você... e eu, fui pensar em ser padre, que Deus me perdoe. É o último que pode transmitir o nosso nome. Não calcula como sonhei com um Azcoitia, de novo, na vida pública do país! Com que ânsias esperei por você, substituindo-o no que são seus deveres, enquanto você se divertia com imoralidades em Paris! Mas agora está aqui e não vou deixar que volte. Como está ruim esta sopinha de espinafre que a María fez hoje! Vamos ver, com que veio seu peixe?

— Com alcaparras. Está delicioso.

— Como cheira bem!

— Não entendo nada de política, tio.

— Não lhe permito que diga que não se interessa pela política de seu país. É uma blasfêmia. Significa que gente aventureira e ambiciosa, toda espécie de radicais ateus, poderão alterar as bases da sociedade tal como Deus a criou ao nos conferir a autoridade. Ele repartiu as fortunas segundo achou justo, e deu aos pobres seus prazeres simples e a nós nos encarregou das obrigações que nos fazem seus representantes sobre a terra. Seus mandamentos proíbem atentar contra Sua ordem divina e isso justamente é o que está fazendo essa gentinha que ninguém conhece. Você é cristão?

— O senhor mesmo me batizou.

— Isso não tem nada que ver. Depois de cinco anos de Europa tudo é possível, estão muito em moda as dúvidas. Mas as dúvidas são muito complexas nestes tempos de cruzada. Temos que nos defender e defender a Deus, que está ameaçado em Sua ordem e em Sua autoridade. Defender sua propriedade mediante a política é defender a Deus. Aposto que nem sequer se preocupou em visitar o que é seu. Já esteve na Casa?

— Na Rinconada...

— Não, a Casa de Exercícios, a da Chimba...

— Não sei, eu as confundo, são todas iguais.

— Não entendo como pode dizer que as confunde. Como quer que não duvide que é cristão se jamais se deu ao trabalho de me responder sobre a possibilidade de beatificação de nossa parente Inés de Azcoitia?

— Não fui a Roma naquela época e depois me esqueci.

— Devia ter feito uma viagem especial, já que fez tantas viagens frívolas a outras partes. Se tivéssemos a arma de sua beatificação na mão, publicada em todos os jornais, se você tivesse chegado brandindo-a como símbolo de nosso poder conferido por Deus, não nos custaria tanto ganhar estas eleições.

— Quem teve a ideia de minha candidatura?

— Eu.

— Eu não pertenço ao Partido.

— Eu o inscrevi hoje. É questão de passar lá e assinar, nada mais, que lhe custa, fica no seu caminho...

Jerónimo se pôs de pé e jogou o guardanapo sobre a mesa. Dom Clemente engasgou-se com as verdurinhas de sua sopinha. Com os olhos chorosos de tosse, conseguiu perguntar ao sobrinho:

— Aonde vai?

Jerónimo estava disposto a responder: tomar o primeiro navio que me leve para longe de vocês e deste mundo que quer me convencer que não sou mais que uma figura monstruosa, talvez um anão, talvez um corcunda ou uma gárgula difusa que a deterioração foi desenhando nestas feias paredes de barro velho e descuidado, sou outra coisa, pertenço a um mundo mais claro, até o absurdo gesto esportivo de sacrificar minha vida por uma causa a que só minha vontade me liga é preferível a esta prisão dentro de pátios inexoráveis onde a única coisa possível é reproduzir-se, a esta prisão em que meu tio Clemente quer me conservar para seus fins sinistros, estou certo que me cortará tudo, que se apoderará de meus membros, me deformará para transformar em um boneco obediente que cumpra seus desígnios, mas meu pobre tio continua tossindo, salpicando de espinafre seu guardanapo, a tosse pode matá-lo. Jerónimo, em vez de partir, aproximou-se do tio, fê-lo beber lentamente um copo de água e lhe deu umas palmadinhas nas costas como a um menino, garantindo-lhe que sim, que era imortal, que certamente enterraria a todos, que a María Benítez viria logo para ajudá-lo, que não tossisse tanto, que ficasse certo de que não morreria em sua própria sala de jantar, afogado com umas verdurinhas insípidas.

AS VIAGENS QUE Jerónimo de Azcoitía empreendeu, para deixar gravada a imagem de seu poder como candidato a deputado na mente dos eleitores, davam-lhe pouco tempo para outras coisas. Apesar disso, entre uma viagem e outra, participava das festas a que as inumeráveis mulheres de sua parentela o convidavam para exibilo como um novo triunfo da família. Aconteceu, então, o que tinha que acontecer, o que o ritual dos poderosos exigia que acontecesse: Jerónimo se apaixonou pela moça mais linda e mais inocente que, por aquele tempo, dançava nos salões, uma prima distante, com muitos avós Azcoitía.

Inés Santillana, herdeira, como ele, de terras e tradição, era sobretudo dona de uma beleza ágil, leve como a de um pássaro, de um colorido atenuado, suave como mel. A seu lado, Jerónimo parecia um gigante. Os olhos de Inés eram amarelos, às vezes pardos, às vezes verdes, verdes sobretudo de noite quando o enxame de adolescentes de pele ruim, empertigados dentro de seus fraques, a rodeavam para lhe pedir o favor de uma dança, e ela, risonha, escolhia, concordava, marcava vez. O aparecimento de Jerónimo dispersou imediatamente o enxame de pretendentes, porque nenhum rude rapazinho nativo podia competir com um homem feito, rico e bonito, adornado também com o prestígio do continente superior de onde vinha.

Inés não resistiu ao assédio do impetuoso cortejador. Não teve por que resisti-lo, além do mais, pois o amou desde o primeiro instante e a relação jamais se estabeleceu senão sob a sagrada fórmula de um matrimônio que a todos comprazia. Durante os tranquilos saraus na quinta dos Santillana, Jerónimo dava conselhos mundanos ao mais velho de seus futuros cunhados e contava histórias fantásticas aos menores, enquanto, tradicionalmente, segurava a meada de lã para que a mãe de Inés enovelasse. E à noite, nos cantos dos salões, onde a dança da juventude girava fantástica sob a luz, as damas que já haviam aprendido a transferir suas emoções a outros, suspiravam satisfeitas ante o encontro destes dois seres privilegiados, formulando votos para que Jerónimo, com

idade para fazê-lo, assentasse finalmente a cabeça.

O domingo antes do domingo marcado para o casamento, o almoço campestre com que as duas tribos reunidas comemoraram as risonhas perspectivas do novo casal terminou com as mulheres sentadas ao redor de Inés, perguntando-lhe detalhes de seu enxoval, e mais além, o grupo de homens, vermelhos pelo calor e o vinho, abanando-se com seus panamás, acertando os pormenores da campanha eleitoral de Jerónimo, que entraria em sua fase final na volta da lua de mel. A noiva olhou para Jerónimo do outro lado da mesa improvisada sob a parreira. Nos últimos meses antes do casamento as regras impostas por costumes imemoráveis não permitiam grande intimidade ao casal. Enchiam sabiamente as horas de Inés com visitas, costureiras, convites, presentes, de modo que lhe sobrava pouco tempo para que, na penumbra da galeria que a família abandonava, por discreta orientação, durante uns instantes ao entardecer, seus lábios buscassem os lábios de Jerónimo.

Sob a parreira, Inés esperou que Jerónimo terminasse o copo de Porto que estava tomando com Dom Clemente, remoçado com a mudança que sua vida ganhava ao se encarnar na de Jerónimo. Então, ante os protestos dos mais velhos, que queriam continuar tratando-a como a uma menina, arrastou o noivo para gozarem a sós da sombra dos pessegueiros da quinta.

Inés não conseguia compreender as implicações que Jerónimo saboreava em tudo isso. As regras e as fórmulas, o ritual tão inalterado e tão estilizado como os símbolos da heráldica e que regulavam o processo do noivado, inscreviam sua própria figura e a de Inés, entrelaçadas como estavam sob as árvores carregadas de fruta, como num medalhão de pedra: este medalhão não era mais que uma etapa do friso eterno composto por muitos medalhões, e eles, os noivos, encarnações momentâneas de desígnios muito mais vastos que os detalhes de suas individualidades. O corpo e a alma de Inés, intactos, esperavam que ele a animasse para tirá-la desse primeiro medalhão e fazê-la ingressar na suntuosidade do medalhão seguinte.

Jerónimo precisou esquecer muitas coisas para se resolver a entrar nesse mundo. Sua paixão por Inés o colocava no centro deste jogo de regras, etapas e fórmulas. A certeza, porém, de que ele, Jerónimo, por sua vontade, teria podido participar em outras formas de vida mais evoluídas, colocava-o também do lado de fora, a uma distância irônica de todo este jogo. Ele só cuidava para que

se cumprisse nele e em sua noiva a magnífica legenda do casal perfeito. Para que explicar a Inés que um ser é grande em proporção à magnitude do que voluntariamente sacrifica, que é poderoso segundo o que é capaz de enclausurar em si mesmo, de guardar?

— Você quer? Prometi levá-la. Ela o vê quando nos deixa sozinhos na galeria. Ela nos vê beijando-nos, escondida entre as plantas lá de fora. Disse que você parece um príncipe, tão bonito...

Jerónimo beijou-a para fazê-la calar. Esse ventre que se agitava junto ao seu se abriria para lhe proporcionar imortalidade: o friso de medalhões, através de seus filhos e netos, se prolongaria para sempre. Na pele clara da moça, em sua voz, via uma sexualidade que ela não adivinhava tão vigorosa: ele a estamparia com sua própria forma. Jerónimo murmurou:

— Falta tão pouco...

— Falta tanto...

Jerónimo afastou-a, e, de braços dados, continuaram passeando.

— Meu nome ficará igual ao dela. Que estranho, não, ter o mesmo nome de uma santa?

— De que está falando?

— Bem, desta antepassada sua e minha que se chamava Inés de Azcoitia... a da Casa, dizem que é beata.

— Nunca ouvi isso.

— Porque sua mãe morreu quando era muito pequeno, e você é homem, só as mulheres é que falam dessas coisas.

— Também não ouvi de sua mãe...

— Mas eu sei que é beata e que fez milagres.

— Como é que sabe?

— A Peta me contou a história. Que eram nove irmãos, e que a aia da menina-beata lhe deu uma cruzinha de madeira, amarrada com couro, que ela sempre conservou, e dizem que foi essa cruz que salvou a casa do terremoto. Pede a Peta para lhe contar.

— Quem é Peta?

— Como quem é Peta? A Peta Ponce. Faz horas que estou falando dela, mas você não me ouve porque pensa que sou uma menina que não sabe nada e que só fala bobagens. Você vai ver quando nos casarmos. Tem um presente para você.

— Quem?

— A Peta Ponce, Jerónimo, quem podia ser. Já lhe contei mil vezes que foi muito boa comigo quando fiquei doente. Tinham trazido a Peta do sítio do avô Fermín para que bordasse os lençóis

de minha mãe quando se casou e depois ficou em nossa casa para ajudar a costurar. Tem um presente que diz que é digno de você. Vamos vê-la.

— Vamos.

Procuraram a casa da Peta para lá dos galinheiros e galpões, onde a casa se espalhava numa desordem de construções populares sem pretensão de beleza: o inverso da fachada. Inés parou diante de uma porta. Alguma coisa lhe aconteceu, como se, de repente, só esse portão tivesse importância. Virou-se bruscamente:

— Vou levá-la. Minha mãe me deu. Disse que posso levá-la se quiser, porque aqui não serve para nada.

— Mas eu não disse que não.

— É que às vezes você é tão estranho.

— Ela quererá?

— A Peta quer qualquer coisa que eu queira. Você não se importa, não é mesmo, meu amor? Não vai incomodar. Você vai ver.

Inés empurrou a porta. De dentro, lançou-se sobre Jerónimo o áspero cheiro da despensa, cheiro de feijão e batata, grão-de-bico e lentilha, de alfafa e palha e agrião, de cebola, de aji^[6] e pimentão, de alho em cachos pendurados nas vigas. Depois da opulência de luz e calor do dia que ficava lá fora, era difícil orientar-se e calcular extensões nesse buraco. Jerónimo chamou Inés com voz muito baixa. Pensou que ela responderia de longe como um eco, mas sentiu-a pegar-lhe a mão e sussurrar a seu lado:

— Por aqui.

Os olhos de Jerónimo, à medida que Inés o fez evitar caixotes, sacas fardos, foram separando da escuridão a altura do teto de vigas de onde pendiam arreios e rédeas. Mas ao se aproximar de um paredão de fardos, um cheiro diferente deslocou os harmoniosos cheiros naturais: cheiro de roupa velha, braseiro, comida requentada, de coisas enegrecidas pela fumaça, estranhas ao espaço nobre da despensa. Uma claridade desenhou uma linha minuciosamente eriçada de palhinhas. Nesse canto resguardado pelo muro de fardos, a luz trêmula de uma vela resgatava alguns objetos. As sombras suaves das traves do catre bailavam fracamente sobre a parede onde santos desbotados abençoavam o tempo esgotado de calendários passados e do ponteiro único do relógio. Um ser sentado no chão devolveu a chaleira ao fogo do braseiro.

— Peta.

— Você veio!

O montão de andrajos se organizou para dar resposta humana à exclamação de Inés. Entre a velha e a menina se estabeleceu um diálogo que Jerónimo não estava disposto a tolerar. Esta cena não cabia em nenhum medalhão de pedra eterna. E se coubesse em algum, seria em outra série, na legenda inimiga, que se antagonizava à sua, à dos condenados e dos sujos que se retorcem à esquerda de Deus Pai Todo-Poderoso. Tinha que levar Inés imediatamente. Impedir-lhe de participar nesta outra série de medalhões ligados à servidão, ao esquecimento, à morte. Inés não era mais que uma menina que podia se macular com qualquer coisa.

— ... e lhe trouxe o Jerónimo, Peta.

A velha se aproximou de Jerónimo para examiná-lo.

— ... quer que venha morar conosco.

— Não vai ser um incômodo, patrão?

Inés interveio antes que Jerónimo respondesse:

— Não. A casa nova é grande.

— Como quiser, minha filha.

— Não tinha um presente para Jerónimo?

A velha remexeu entre os embrulhos escondidos sob sua cama. Pôs nas mãos de Jerónimo um pacotinho claro.

— Abra.

Jerónimo obedeceu, mais para ganhar tempo e decidir o que fazer para romper a relação de Inés com o mundo de baixo, da esquerda, do avesso, das coisas destinadas a parecer escondidas sem jamais conhecer a luz. Dentro do pacote encontrou três lenços brancos da cambraia mais fina, com debrum e iniciais tão ricamente bordadas que o fizeram estremecer. Como era possível que tivessem saído de debaixo desse catre, das mãos verrugosas dessa velha? Eram os três lenços mais belos e perfeitos que tinha visto em sua vida... se alguma vez sonhou com lenços, eram estes, sua fragilidade, seu equilíbrio, esta finura, sim, tinha sonhado com estes lenços, perfeitos, estes lenços que tinha em suas mãos... essa velha se meteu em seu sonho e os roubou. Porque de outra maneira, de onde, na miséria de seu mundo, de que oculto centro de força podia ela ter tirado as sábias noções de gosto e destreza para executar essas três obras-primas? Um brilho de espanto fez sua ordem vacilar ao reconhecer na Peta Ponce uma inimiga poderosa.

— Obrigado. Agora temos que ir.

— Mas Jerónimo... Você não queria que a Peta lhe contasse a

história da beata? E da Casa? Ela é tão velha que sabe coisas que ninguém se lembra.

— Não quero saber nada. Vamos.

Tomou-a pelo braço.

— Adeus.

Antes de levar Inés, Jerónimo deixou uma moeda nas mãos da velha: eram mãos verrugosas, disformes, trêmulas, de unhas quebradas e amarelentas, mãos com poder para tudo, inclusive para criar a beleza que não tinham direito de criar porque, criando-a, relegavam-no a um plano inferior, de admirador da beleza mínima desses três lenços. Fora, Inés o encarou:

— Por que fez isto?

Inés chorava, arrastada por Jerónimo, que só a soltou quando passaram a lavanderia, no desfiladeiro de duas longuíssimas toalhas brancas penduradas de arames paralelos, seguidas por suas famílias de guardanapos.

— Por que fiz o quê?

— Tudo. Dar-lhe dinheiro.

— Não quero que tenha nunca mais nada que ver com ela.

— A Peta me salvou a vida.

Fazia frio na lavanderia. Um frio escorregadio, indiferente aos reflexos do sol exterior na água azulada das tinhas e no pavimento onde gotejava a roupa estendida. Jerónimo queria ir embora logo, enquanto Inés chorava. As mãos infantis da noiva o seguravam para detê-lo e contar-lhe:

— Eu era muito pequena. Quando minha mãe ia ter o Fermín, ficou muito doente, e para que não a incomodasse, me mandaram para as freiras da Casa da Encarnação da Chimba. A Peta me acompanhou. Na Casa comecei a sentir umas dores terríveis no ventre, uma coisa aqui, espantoso, parecia que me partiam por dentro. Às vezes, ainda, penso que essas dores vão se repetir e tenho medo. Mandaram médicos à Casa, meu pai esteve lá, todos os dias iam lá, porque estavam arrependidos de terem me levado a um lugar tão afastado e de onde não podiam mais me tirar, estava muito doente. Os médicos não sabiam o que era. Mexiam a cabeça, nada mais, e embora fosse tão pequena, vi que meu destino era morrer lá. Morria, Jerónimo, morria de uma doença que ninguém era capaz de descobrir nem curar. Cada pontada de dor parecia ser a última. Uma noite, quando senti as dores mais cruéis, a Peta se levantou. Eu a estou vendo, encurvada na escuridão, me

consolando, então, apesar das dores, me calei e ouvi esse silêncio tão grande que às vezes se ouve na Casa. Deixei que a Peta me despisse. E aproximando seus lábios de meu ventre, ela os pôs aqui, Jerónimo, bem no ponto da dor, então começou a chupar, a chupar, a chupar até que minhas dores desapareceram completamente com o último sorvo da Peta no meu ventre. Ficou uma espécie de vazio aqui. Ela me fez jurar que nunca contaria isso a ninguém. Você é o primeiro. Nem mamãe sabe. Aconteceu, então, uma coisa muito estranha: a pobre Peta Ponce começou a adoecer com as mesmas dores que eu tinha sentido. Ela continuou sentindo aquelas dores minhas toda a vida.

— Bruxa. Não deviam ter saído nunca mais, nenhuma das duas, dessa Casa condenada. Sujou sua mente, agora vou ter o trabalho de limpá-la. Para começar, vou dizer à sua mãe que a proíbo de ver a Peta Ponce, vou fazer demolir a Casa imediatamente...

— Não se atreva...

Inés deu um passo até Jerónimo. Arranhou seu rosto. Ele retrocedeu ante o ataque dessas cinco unhas desconhecidas, e enredando-se em uma das toalhas arrebitou o arame. A matéria viscosa e molhada caiu sobre ele, e o jogou ao chão com seu peso. Quando Jerónimo conseguiu se livrar desse sudário pegajoso, Inés já não estava mais. A mão com que apalpou sua face ficou avermelhada: cortes fundos, certos, garras que sabem ferir e causar dor. Usou os lenços da Peta para estancar o sangue. Saiu da casa escondido para que não o vissem. O que ganharia contando o que acontecera? Era muito tarde para voltar atrás. O casamento se realizaria dentro de sete dias.

Na manhã da cerimônia, Jerónimo entrou na Basílica das Mercês luzindo cicatrizes vermelhas na face esquerda. Avançou pelo desfiladeiro de flores brancas e rostos complacentes, arrogante, seguro, dominando a assistência para que ninguém se perguntasse o que eram aquelas cicatrizes na cara do noivo.

A emoção de vestir seu vestido recamado e duro como uma armadura afogou, por uma hora, o terror de Inés ao jurar falsa obediência ao marido ante o olhar cheio de confiança de Dom Clemente, que, com seus dourados paramentos de ídolo e entre a fumaceira dos incensários, exigiu-lhe diante de Deus, o mais poderoso dos parentes que assistiam à cerimônia, que não abrigasse projetos impuros. Frente ao altar de ouro, entre os cânticos e as antigas palavras sagradas, Inés jurou falso, sabendo muito bem o

que estava disposta a fazer. Quando na semana anterior sua mãe a levou a Dom Clemente, para que a preparasse para o casamento, o sacerdote, advertindo-a que era pecado mortal negar o corpo ao marido, não percebeu que estava pondo uma arma nas mãos de Inés.

Sabia muito bem quanto Jerónimo a desejava. Por isso, na noite de núpcias, friamente, com a cabeça limpa, cometeu o pecado mortal de negar o corpo ao marido, a quem ela também desejava. E teria continuado negando durante toda a vida se até o clarear seu corpo implacavelmente nu, junto ao de Jerónimo, não houvesse incendiado a lucidez do marido. Ela venceu: ele lhe prometeu tudo, o que quisesse, o que pedisse, até que ela lhe fez prometer, no momento em que calculou que já não sabia o que prometia, contanto que ela cedesse, que jamais! por nenhum motivo, a separaria da Peta Ponce. Desde aquela noite, Jerónimo e Inés jamais ficaram sós no leito conjugal. Qualquer sombra, a minha, a de Boy, a da Beata, sempre os acompanha. Naquela primeira noite de casados, foram Dom Clemente e a Peta Ponce, lutando por prevalecer, os que os animaram, como se fossem seus títeres de cartão-pedra.

SEUS QUATRO CACHORROS negros grunhem disputando o pedaço de carne, quente, ainda, quase viva. Eles o despedaçam, ladrando, revolvendo-o na terra, os focinhos vermelhos babosos, espumantes, os caninos, fulgurantes os olhos em seus rostos estreitos. Devorada a pelanca, voltam a dançar a seu redor para que os acaricie: meus quatro cachorros negros como as sombras dos lobos têm o instinto sanguinário, as pesadas patas ferozes da raça mais pura. Só comigo, dono da carne que comem e do parque que cuidam, se mostram dóceis.

— Jogue outro bofe.

O empregado faz voar a víscera sobre os pulos das minhas feras, que não a apanham por brigar e grunhir... mordam, animais, não se distraiam, não briguem, não veem que essa cachorra amarela está lhes roubando o bofe, mordam-na, matem-na, a cachorra magra que andava rondando a merenda de meus nobres cachorros aproveitou a confusão de patas e focinhos para roubar-lhes a pelanca, lá vai ela, a toda velocidade, encolhida, trêmula, o rabo entre as pernas, arrastando o bofe até perder-se atrás da capela. Antes que meus quatro cachorros negros percebam a afronta, o peão lança-lhes outra pelanca. Terá feito isso para distraí-los e encobrir a fuga da malfeitora? É verdade que nas eleições de amanhã cobrará seu voto, comerá carne minha e tomará meu vinho, e depois votará contra porque me odeia.

— É sua essa cachorra amarela?

— Não, patrãozinho. Não é de ninguém.

— Como, de ninguém?

— Às vezes entra para roubar lixo no pátio da cozinha. Também no parque, quando o senhor sai a cavalo com os cachorros.

— E por que não a tiram do parque?

— A senhora não deixa.

Enfardados, meus cachorros se estendem na relva fresca que cresce junto ao açude. Rondaram toda a manhã pelos currais onde carnearam os novinhos para comemorar minha vitória nas eleições. Lá apareceu a cachorra amarela outra vez, lambendo os couros

sanguinolentos pendurados ao sol nas cancelas, lambuzando o focinho com o sangue no qual se cevam as moscas pegajosas enlouquecidas pelo calor, perto dos chiqueiros do outro lado do terreno, onde os porcos esfregam os lombos contra as estacas. A cachorra amarela é uma ladra magra, ansiosa, voraz, insaciável, capaz de comer qualquer coisa, até a mais repugnante. Ronda as patas dos cavalos amarrados, encolhida por sua avidez de morder-lhes as canelas. Conformar-se, como na espera de prazeres maiores, com farejar o charco de seus mijos e meter o nariz nas bostas frescas. Tenho que falar com Inés sobre a cachorra amarela, isto não pode ser, como pode aceitar um animal imundo como este, ela que não sai ao sol sem um chapéu com véus e não toca num galho sem luvas.

ERA TARDE QUANDO me estendi junto a ela no corredor. Cobri seus pés com um poncho de vicunha e os meus com outro. E vimos aparecer os desalinhados signos dos astros entre as sombras que se penduram das árvores do parque da Rinconada. O coaxar das rãs limita o mundo de nossa intimidade, protegendo-nos de toda intrusão.

— Em que está pensando?

Inés se espreguiçou lentamente.

— Eu? Em nada...

Por que não pensa em nada? Deve pensar em alguma coisa, deve me dizer ainda que seja só uma, por Deus, que coisa mais horrível a cor do vestido da Laura, ou que pena, parece que o casamento de Carlos com Branquinha não anda nada bem. Talvez seja verdade que você não pense em nada, embora não pensar em nada justamente nos momentos mais íntimos é uma defesa, Inés, uma fuga que mantém sua mente em branco, bloqueada pela ausência de seu ser para que o medo e as perguntas não se gravem em você... pense em qualquer coisa contanto que pense e possa me dizer em que pensa, mesmo que pense nessa cachorra amarela da qual vou lhe falar se me lembrar de algo tão trivial, quando você já não estiver em outra parte que não aqui, agora, comigo, em outra parte onde está pensando em uma coisa terrivelmente definida que é a mesma coisa em que eu não posso deixar de pensar mesmo nos momentos em que esta paixão real que sinto por você devia arrasar com todo pensamento, seu e meu, mas não pode arrasar com uma

ausência, com um vazio que é o que você me mostra e o que exijo que me mostre porque o outro não me deve mostrar porque não é verdade. Poderia repudiá-la. E odiá-la. E procurar em outra o que o seu obstinado sangue mensal está me negando há cinco anos de casamento. Mas não posso. Qualquer coisa menos a felicidade completa inauguraria o terror.

Um diamante azul se acende entre as touceiras do parque, apaga-se e volta a se acender dourado mais adiante, titila mais perto e se apaga outra vez e entre esses canteiros de plantas escuras nascem mais fulgores que estão nos olhando, a você e a mim, que desaparecem, joias, astros, olhos, fulgor que as folhas dissimulam, volta a aparecer multiplicando-se, desvanecendo-se, passeando entre os arbustos escuros, não à espreita, mas nos cuidando porque são os olhos de meus cachorros vagando entre as hortênsias, lentos agora, vermelho, rosa, atentos, mais adiante se extinguiram esses dois olhos de aço que agora se acendem mais próximos, aqui, entre as touceiras bem junto do corredor onde você e eu estamos estendidos, centelhas fixas na linha de claridade fina como a borda de uma folha que insinua seu perfil perfeito. Deixo cair minha mão que roça quase casualmente a sua. Você esconde seu perfil porque me olha descompondo-se em outros planos que me apresentam outra versão desse rosto que não pensa em nada porque não está, mas os olhos dourados, os olhos de aço, as chispas verdes ou azuis entre as folhas negras do parque me confirmam que Inés está, e apaziguados, os olhos se deslocam, fulguram, se apagam, se fixam em nós em um reflexo instantâneo que se dissolve, tudo está escuro, estão vendo?, agora é que tenho que apagar nela tudo o que não seja fé completa em nossa sorte, demolir a ansiedade dessa palavra murmurada ao passar, nada, não penso em nada, tenho tempo para destruí-la porque uma gota treme em uma folha e nessa gota há uma pupila, e essa pupila incendiada nos olha, outras chispas mais longe, mais perto, precisas, desfeitas, olhos de testemunhas exigindo nossa felicidade, observando-nos pois a escuridão pode insinuar alguma rachadura nessa felicidade, não podemos decepcionar as testemunhas ansiosas de ver o nosso amor perfeito. De novo roço sua mão. Estão vendo como Inés mal estremece, estremece mesmo? Vocês só podem contemplar esse estremecimento, não experimentá-lo, vocês são só olhos ansiosos por uma demonstração de nossa felicidade, agora, aqui mesmo, vocês as testemunhas mandam, se não cedo imediatamente à exigência de demonstrar-lhes nossa

capacidade de gozo, vocês desaparecerão fazendo com que tudo se desvaneça se não há olhos nos olhando, deixando-me transformado em umas dessas pelancas que alimentam meus cachorros negros e que não reconhecerão o sangue de seu amo, me devorarão se não lhes demonstro aqui, agora, que a nossa felicidade é total. Aperto a mão de Inés. É fria, perfeita. Mal responde a minha mão que a aperta, e a aperto mais e a arrasto até os canteiros de hortênsias para nos esconder como adolescentes.

— Jerónimo... não...

— Sim.

— Temos a casa inteira e toda a noite...

— Não interessa, aqui.

— Tenho medo.

— De quê?

— Podem nos ver.

— Quem?

— Não sei...

— Não seja boba.

O círculo de olhares fulgurantes se instalou na espessura à nossa volta. Não tema as testemunhas, Inés. Olhe que belos são seus olhos de reflexos azuis. Todos me pertencem. Deixe-me despi-la ante o brilho de seus olhares. Estenda-se neste leito de folhas. Contemplem-na, que para isso os tenho, e a mim, que também me dispo, contemplem-me também: celebrem minha potência erguida, invejem-na que para isso os alimento, vejam como me deito junto a Inés entre o fio lanceolado das folhas, como a obrigo a abrir seus olhos pardos, verdes, para olhar esses outros olhos refulgentes cuja dor ao nos contemplar aumenta nossa estatura, como minhas mãos a acariciam, meus lábios percorrem sua frescura que se amorna, esquentada, arde, meu sexo a faz suspirar, gemer, esquecer que não está pensando em nada, e eu ocupando todo o vazio que não me entrega e se negou a me entregar durante cinco anos de felicidade, ouçam-na gemer, como cede o pudor de Inés e ela goza e fica mais nua e mais grudada a mim, murmurando meu nome prodigioso, gemendo à medida que a invado, uivando finalmente sem se importar que a ouçam e a vejam quando finalmente triunfo nela e gozo todo frente a essa infinidade de olhos acerados amarelos, verdes, glaciais, brilhantes, que se inflamam oscilantes e se ocultam e reaparecem ansiosos novo, renovando minha potência, sempre que vir fosforescer olhares entre a vegetação que também me

ocultava, Madre Benita, porque eu os estava vigiando, dois desses olhos incendiados na escuridão do parque da Rinconada, duas dessas pupilas do coro necessário à singularidade do prazer, dois desses olhos, os mais ávidos, os mais atormentados, os mais feridos, eram meus olhos, Madre Benita, estes mesmos olhos que a senhora vê agora nublados pela febre, cujas pálpebras a senhora tenta baixar com suas mãos para que descanse e durma, durma, Mudinho, dorme, descansa, dorme, feche seus olhos, a senhora me diz, apague seu olhar que já serviu, baixe as pálpebras e durma, mas não os posso fechar porque ardem em minhas órbitas olhando-os gozar entre as folhas, meus ouvidos atentos às palavras entrecortadas e ao rumor de seus corpos, meu nariz, ao perfume do amor, e minha mão, esta mão que a senhora tem na sua, sem que eles percebessem, no alvoroço de sensações, esta mão tocou esses corpos enquanto criavam a felicidade uma e outra vez, até que os olhos entre a vegetação foram se apagando e Dom Jerónimo os procurava para se renovar em seus fulgurantes olhares turvados, onde estão, onde estão, foram embora, Inés, foram embora, ficamos na escuridão total, talvez não tenha havido nunca olhos contemplando-nos e tudo tenha sido sempre escuro, não, ali estão os olhos amarelos, sou eu outra vez, desejo-a agora mais que nunca porque sei que está cansada e porque eu estou cansado, esses olhos amarelos e remelosos veem como a penetro, como você revive, os olhos remelosos perto dos nossos, mais, mais, até que Inés lançou o grito final, Madre Benita, que não foi só um grito de prazer mas, também, um grito de terror, porque ao abrir os olhos para ver a constelação de olhares reluzentes das testemunhas ao redor do rosto de Jerónimo, viu a cachorra amarela que se aproximou para cheirá-los ou lambe a seiva que seus corpos deixaram sobre as folhas: a cachorra amarela, arquejante, babenta, coberta de espinhas e verrugas, a fome inscrita no olhar, ela, dona do poder capaz de provocar o grito.

QUANDO CHEGOU A notícia de que em um povoado da cordilheira, no setor onde os radicais tinham envenenado os mineiros com promessas, alguém roubara as urnas durante a votação, os chefes conservadores reunidos à volta de Dom Jerónimo de Azcoitia decidiram que era mais prudente trancar as portas e as janelas do Clube Social. O Partido jamais teve a pretensão de que

sua influência chegasse à zona mineira. Tinha-se como certo que esse setor cairia nas mãos dos radicais. Algum imbecil anônimo, porém, certamente um bêbado inconsciente, entrou a cavalo na escola onde os mineiros estavam votando e fugiu com as urnas para adular Dom Jerónimo com este suposto ato de heroísmo. A gravíssima consequência foi que a multidão, na praça, frente ao Clube Social, ignorante e sem dúvida instigada pelos radicais, que se aproveitaram da conjuntura tão gratuitamente oferecida, culpou-os, a eles, os caciques, pelo que, sem dúvida e para qualquer um com dois dedos de testa, considerou um passo em falso do ponto de vista político.

Agora, qualquer coisa seria suficiente para que os peões endomingados, que galoparam dos povoados à cabeça da província, desencadeassem a violência e até fizessem correr sangue. Mas a multidão embriagada pelo vinho passeava sem rumo pela praça. Fumavam, dividiam-se em grupos murmuradores, mas sem motivação imediata para inflamá-los.

Dom Jerónimo de Azcoitia passou toda a tarde fechado no Clube Social, consumindo muitas garrafas de vinho tinto com seus correligionários, esperando que a multidão se dispersasse. Mas a multidão não se dispersou. Caiu uma tarde sombria. Uma massa cinzenta, sussurrante, aglomerava-se sob a fila dupla de plameiras que cercava a praça pelos quatro cantos. E as luzes não se acenderam.

Dom Jerónimo queria sair, tomar seu carro e ir à Rinconada como se nada tivesse acontecido, porque essa era a verdade no que lhe dizia respeito. Seus correligionários, porém, que espiavam pelas frestas das janelas, pediram-lhe que não fizesse isso. Pelo bem do país, pelo bem do Partido devia ficar, esperar, sair agora seria uma provocação, o passo necessário para que começasse a camorra. Alegou ele a urgência de aproveitar este último momento de confusão da multidão para sair do Clube Social. Além disso, todos deviam ir saindo pouco a pouco, cada um para seu lado, como se não houvesse acontecido nada, porque, não se cansava de lhes repetir, eles não eram culpados. Por outro lado, seria de grande utilidade imprimir na mente da multidão sua total inocência no assunto do roubo das urnas. Os outros chefes, que conheciam melhor a mentalidade da peonada, opinavam que, se fosse para sair do Clube agora, seria mais aconselhável fugir escondidos, antes que o infalível agitador instigasse o povo. Era um absurdo sair com a

arrogância insultante que Jerónimo propunha, era preferível subir ao telhado e escapular até outras casas para alcançar as ruas de trás, onde ninguém prestaria atenção neles porque toda a atenção estava concentrada na praça, à porta do Clube Social. Assim, quando resolvessem assaltá-lo como sede da oligarquia opressora, o encontrariam vazio.

Mas Dom Jerónimo insistia em que fazer isso era reconhecer uma culpa inexistente, a melhor forma de se entregar em suas mãos, jogando por terra os resultados da eleição. Imbecis, ignorantes, gentinha de merda, traidores, não se pode confiar neles, que miserável se terá metido nisto? Os caciques de manta e esporas que bebiam com Dom Jerónimo no balcão da cantina ou passeavam entre as folhagens da galeria não se conformavam. Outra garrafa de tinto, desse bom que você, Pancho, tem bem guardado, mas se não tiver, um rosado qualquer, que não seja vinagre, e uns sanduíches de carne de porco picante, não tem mais nada, até o pão está faltando e, com certeza, vamos ter que passar a noite aqui se os policiais não os dispersarem, não sei que diabos estão esperando estes malditos polícias. Esses miseráveis nos odeiam. Olhem como cochicham lá fora sem se atrever a fazer nada se alguém não manda. Eles nos invejam. Querem nos tirar tudo. Falam de reivindicações mas não são mais que uma tropa de assaltantes, de criminosos que não deviam andar soltos. Olhem como estão felizes. Claro, se teórica e judicialmente pelo menos, agora têm razão. Dom Jerónimo se levantou.

— Vamos, Humberto.

— Sim, Dom Jerónimo, quando quiser.

— Que merda está havendo com a iluminação deste povoado?

— Vão pôr a culpa no senhor, também.

A multidão aglutinada avançava das avenidas laterais de palmeiras para se concentrar na avenida fronteira ao Clube Social. Alguns senhores assomaram às janelas para tentar reconhecer identidades e saber sobre quem, depois, deixar cair a vingança. Sobre as copas das palmeiras o céu conservava um pouco de luz, penetrada pela agulha da torre da paróquia, frente ao Clube Social, do outro lado da praça: ali esperava o carro de Dom Jerónimo. Para alcançá-lo, porém, era preciso passar entre centenas e centenas de homens silenciosos que olhavam a porta do Clube ao qual não tinham acesso, como é por dentro, dizem que as jogatinas e as comilanças são fabulosas, que se perdem e ganham fazendas

inteiras no monte, a trapaça apareceu quando não se esperava e provocou o suicídio do dono de Os Pedregais, o que vamos jogar, uns poucos pesos, uma rodada de vinho quando muito e fugir quando não se pode pagar o vinho apostado, essas centenas de homens silenciosos da praça nos odeiam, vão fazer algo, esperam, andando de um lado para outro, cochichando, as mãos nos bolsos. Não ouvimos o rumor de suas vozes, mas logo ouviremos. Um homem trepa num banco da praça e começa a discursar, abuso, injustiça, corrupção, traição, esta eleição extraordinária para substituir o senador morto, que era dos nossos, revela os abusos que cometerão contra nós nas próximas eleições presidenciais, é um comentário sinistro do que serão essas eleições se permitirmos que boas-pintas como esse Azcoitía...

— Tem as pistolas, Humberto?

— Sim, tenho.

— Dá-me a maior.

— Que vamos fazer?

— Siga-me.

— Mas o que vamos fazer, Dom Jerónimo?

— Faça exatamente o mesmo que eu.

— O que vão fazer estes loucos?

— Tirem a tranca da porta.

— Não estão bem da cabeça.

— Jerónimo, não...

— Que é? tirem a tranca estou dizendo...

Vão matá-lo, Jerónimo, vão linchá-lo, não vê que o ódio que essa multidão anônima tem por nós está concentrado sobre sua pessoa, não saia, espere um pouco para ver o que acontece. Como ninguém o obedeceu, ele mesmo tirou a tranca: essa tranca de ferro, antiquíssima, tão pesada que diariamente tinha que ser levantada por dois empregados, levantou-a ele sozinho. Seu braço aumentou sob a fazenda branca da jaqueta, seu rosto ficou vermelho por um minuto e seus olhos azuis brilharam. Os gritos, fora, amainaram quando alguém notou:

— Estão abrindo.

— Olhem...

Abriu-se a porta e ele saiu. Pôs o chapéu depois de olhar o céu como se temesse chuva. Jogou ao chão o charuto. Ficou olhando aquela gente do alto dos degraus. Um murmúrio saiu da multidão. Um pouco além do grosso do grupo, os homens se chamavam uns

aos outros, vem, venham, o almofadinha saiu, aqui, depressa, não percam, não vale a pena vê-lo, convocando-se apressados, correndo de todos os extremos da praça, deixando os bares desertos, as portas das casas de par em par, o povoado inteiro na praça para contemplar Dom Jerónimo de Azcoitia. Foi um momento de estupefação, de mãos afundadas nos bolsos, de conversas e cigarros apagados porque o mais importante era ver. Só a água continuava caindo indiferente pelos orifícios das ninfas na fonte que enfeitava o centro da praça. Alguém exigiu:

— Que fale!

— Sim, uma explicação!

— Não tenho nada que explicar.

Desceu os degraus.

— Está bem, deixem-me passar, vou à fazenda, aqui não há nada mais que fazer...

Sua voz não era pública. Era tranquila, interior, como se estivesse me dizendo, como tantas vezes, que voltaríamos à Rinconada porque era tarde e não queria que Inés se preocupasse esperando-o. Parou para acender outro charuto. Demorou-se a fazê-lo. Deu um passo e a multidão se abriu para lhe dar passagem. Não andou, como pensei que ia fazer, até a fonte das ninfas brincalhonas pelo centro da praça, para alcançar o lado onde lhe seria fácil tomar o carro. Caminhou muito tranquilo, como se nada de extraordinário estivesse acontecendo, pelas avenidas de palmeiras à volta da praça, partindo a multidão em um beco de rostos sombrios sob os chapelões, corpos fedendo a vinho, olhares vingativos, punhos tensos mas ainda baixos. Pelo lado de fora do apinhamento, os que subiam nos bancos e trepavam nos postes de iluminação para ver e gritar começaram a se exaltar, pau nele, batam, capem esse almofadinha de merda...

— Por que não acenderam as luzes?

— Já é hora, culpa do prefeito.

— Não deixe de fazer o que eu fizer, Humberto.

— Não.

À medida que Dom Jerónimo se aproximava da igreja, as bordas da multidão iam contagiando sua violência às pessoas do seu interior. Agitavam seus chapelões no ar. Gritos que levavam o nome do malfeitor escrito com ânimo de punhais, interjeições obscenas, insultos, todo o ódio do populacho viajou até o centro da multidão à volta de Dom Jerónimo, que caminhava fumando o outro charuto

em meio a essa clareira cercada de rostos iguais e que se apertou.

— Deixem-me passar.

Um gigante mal barbeado perguntou:

— Pra onde vais?

— Para meu carro.

O gigante não saiu de sua frente.

— Deixe-me passar.

A clareira se encolheu ainda mais. Era o minuto antes do sangue. Dom Jerónimo sentiu-o: recuando até a porta da igreja, encostou-se nela e tirou a pistola:

— O que querem?

Calaram-se.

— O que é? Digam. Que merda querem?

A primeira fila do semicírculo retrocedeu ante o susto da pistola. E como que possuído, como que repentinamente bêbado com a eficácia de seu arrojo, começou a gritar-lhes, ameaçando o semicírculo com a pistola:

— O que é? gentinha de merda, digam, digam-me o que lhes fiz para que estejam tão furiosos, que merda querem, são tão imbecis que nem sequer são capazes de dizer o que querem, por que estão tão furiosos, nem sabem, seus porcarias, gentinha covarde.

Vi brilhar uma navalha. Uma mão procurou uma pistola sob a manta. Um galho pronto, um pau, um punho que se endurecia, alguém que se abaixava para apanhar uma pedra, um olhar conseguiu fulminá-lo apertando-o contra a porta da igreja, que se abriu, e Dom Jerónimo desapareceu como que tragado por uma armadilha.

Lá dentro, ajudei o pároco a trancar a porta. Os punhos desses animais ferozes caíram sobre a porta da igreja e se elevaram os gritos da massa.

— Siga-me, Dom Jerónimo, por aqui, passe, tenho uma escada pronta para que suba ao telhado e passe à casa de trás. Um carro o está esperando. Não, o seu não, para que não desconfiem de nada.

Enganada, surpreendida pelo repentino desaparecimento do culpado, frustrada por não ter contra quem dirigir sua fúria, a multidão continuou gritando mais um pouco, mas começou a se desorganizar, sem rumo, sem saber o que fazer uma vez que era impossível derrubar a porta da igreja. Por mais radical que fossem, a igreja continuava sempre sendo igreja. O padre estava nos ajudando a subir no telhado. Vista daqui de cima, a multidão ainda

cercava a igreja. De repente, alguém gritou:

— Está lá... está lá...

Lembro-me daquela mão levantada, Madre Benita, lembro-me das feições do primeiro homem que apontou para o teto, lembro-me de cada um daqueles olhares que se levantaram.

— Onde?

— Vai ali.

A massa voltou a se organizar. Está ali, correndo pelo telhado da casa do pároco, olhem, é ele, Dom Jerónimo de Azcoitia está fugindo, não é verdade que o almofadinha está fugindo, mas olhem-no, milhares de testemunhas viram Dom Jerónimo de pé, sobre o teto, enorme, heroico, uma sombra destacada contra a escassa claridade que restava no céu.

— Matem-no.

Soou um tiro.

Ante milhares de olhos que deram testemunho do acontecido, a figura eminente de Dom Jerónimo de Azcoitia se encolheu de dor, perdeu o equilíbrio, caiu pelo beiral do telhado sobre o pátio do cura que, em vez de entregar o culpado à massa para que o destroçassem, escondeu-o.

Quando a multidão da praça percebeu o que algum grande inconsciente, que eram todos eles, tinha feito, começou a perguntar quem foi, quem fez isso, quem foi o imbecil, quem foi o criminoso, foi você Lucho, não, foi o Anacleto, não, eu não tenho pistola, foi ele, foi você, o do chapéu cinza tinha pistola, deve ter sido aquele grandalhão com os bigodes caídos que ninguém conhece, lá vai ele, fugindo, não, não está fugindo, eu o conheço, não é capaz de matar uma pulga, ninguém está fugindo, ninguém sabe quem pode ser o louco criminoso que o matou quando não se lucra nada porque estes boas-pintas sempre saem ganhando, puxa, que grande valentão é este Dom Jerónimo, que boa-pinta valente, ele nos insultou, nos despreza, nos escraviza, nos explora, vai nos enganar e bajular nas eleições presidenciais, vai comprar votos para seu candidato, vai nos embebedar com o vinho de suas adegas e nos embarcar em carretas, como animais, para nos levar a votar no candidato que ele determine, sim, era preciso matar esse boa-pinta. Os policiais irromperam a cavalo para prender alguém, mas quem, e por que, alguém diga o que aconteceu, em todo caso é preciso dispersar esta multidão porque não se pode levar mil homens presos, onde está o senador, com certeza ele se elegeu senador

embora possam tê-lo matado, vamos, para casa, cada um por seu lado sem discussões, depois a gente faz uma pesquisa, levar preso qualquer um, não interessa, não vamos chegar nunca ao fundo do poço, circulando... até que não ficou ninguém na praça. O capitão dos policiais bateu na porta da igreja. O padre se demorou a abrir.

— Entre, capitão, entre. Já era hora de virem.

Este é o fato tal como o relata a história, Madre Benita, como apareceu nos jornais e como o registrei nessas páginas que a senhora está lendo. Mas não foi Dom Jerónimo que caiu ferido, Madre Benita: fui eu.

QUANDO GRITOU GENTINHA de merda, bem, está bem, digam-me o que querem, então, seus porcarias, o que lhes fiz para que estejam tão irritados, encarando mil olhos que o olhavam na praça onde ainda não se acenderam as luzes, eu quase oculto atrás das pregas de seu poncho. Ninguém me via. Era ele, sozinho frente à multidão desafiadora, pronta para atacar mas que não atacava. Apesar disso, Madre Benita, à senhora posso confessar porque estou doente e com febre e os doentes têm prerrogativas, embora estivesse com ele, estava também contra ele, com eles, rancoroso, odiando-o porque minha voz jamais teria a autoridade para gritar gentinha de merda, o que querem, agora, vão-se embora se não querem nada, desejando passar para o lado deles porque a mim, também, estava insultando embora eu caminhasse protegido por seu poncho, passar para o lado da massa anônima outra vez, multiplicar meu ódio nas centenas de caras que o estavam odiando, misturar-me entre os que iam linchá-lo, estar com as vítimas que iam se converter em verdugos, sim, Madre Benita, por que não confessar a verdade à senhora: nesse momento minha ânsia de ser Dom Jerónimo e possuir uma voz que não fosse absurda ao gritar gentinha de merda, foi tão dilacerante que, gostosamente, eu o teria jogado a eles, para que, entre todos, o esquartejássemos, apropriando-nos de suas vísceras, cevando-nos em seus gemidos, em sua ruína, no fim de sua felicidade, em seu sangue. Podia tê-lo feito, Madre. Aquela gente me conhecia como seu homem de confiança para tudo, sobretudo para as coisas que ele preferia não fazer. Gritar-lhes: ele é o culpado, eu, Humberto Peñaloza, seu secretário, juro-lhes que me consta que ele tramou tudo. Isso teria bastado para que o atacassem com paus e facas e eu visse o espetáculo do sangue de Dom Jerónimo derramado a nossos

pés.

Mas, e eu, então? O que seria das feições ainda tão precárias que meu rosto adquiria? Com esta ação não poria fim a todas as minhas possibilidades de participar no ser de Dom Jerónimo de Azcoitía? Agora, pelo menos, era parte dele, uma parte tão insignificante que quase não me via junto à sua estatura, mas parte de qualquer maneira. Foi por isso que deixei que o continuassem olhando ameaçadores mas inativos, porque assim pelo menos um pouco desse ódio, que refletia a magnitude de seu poder, correspondia a mim.

O pároco nos abriu a porta. Nós a trancamos por dentro. Tinha tudo pronto no pátio: uma escada de mão para subir ao teto e de lá passar à casa de trás, onde nos esperava o carro para fugir, enquanto a atenção do povo se concentrava na igreja. Eu, que era mais leve, subi primeiro para ir tateando a resistência das telhas musgosas. Era muito fácil: uma questão de escalar o telhado do pátio do padre e descer pelo outro lado, onde havia uma escada prevista para chegar ao pátio da casa de trás. Disse a Dom Jerónimo que esperasse um instante para comprovar se do outro lado estavam com tudo pronto. Em cima, porém, não fui capaz de me dominar. Ao ouvir os berros da multidão amontoada à porta da igreja, não pude me conter. Madre Benita, tive que me levantar no topo do telhado frente à praça.

— Humberto...

Dom Jerónimo me chamava.

— Está louco? O que está fazendo?

Não pude responder. Esperei um minuto, dois minutos, no teto frente à praça. Gritei:

— Matem-me se quiserem, gentinha de merda, estou aqui...

A crônica não registra meu grito porque minha voz não se ouviu. Minhas palavras não entraram na história. Mas alguém apontou para mim. Mil olhos viram Dom Jerónimo de Azcoitía sobre o telhado. Soou o disparo. Mil testemunhas me viram encolher com a dor da bala que me roçou o braço bem aqui, Madre Benita, no lugar onde, anos antes, a luva perfeita de Dom Jerónimo tinha roçado. A cicatriz está ficando dura como um nó, sangrenta como um estigma. E como não há de ficar a marca que me lembra que mil olhos, anônimos como os meus, testemunharam que eu sou Jerónimo de Azcoitía? Eu não roubei sua identidade. Eles me conferiram. A história recolheu esse momento como o momento culminante do

poder de uma oligarquia que, a partir de então, começou a declinar. O público que lê história, porém, contrário ou favorável ao Partido conservador, não pode recusar sua admiração ao arrojo que Dom Jerónimo de Azcoitía demonstrou nesse entardecer na praça do povoado. O público continua sem saber que é Humberto Peñaloza quem estão admirando, essa figura heroica e sangrenta que os insultou, recortada sobre o que restava do crepúsculo.

— Cuidado, Humberto...

— Mataram-no?

Não, não me mataram. Ao me encolher de dor perdi o equilíbrio e caí no pátio. Consegui agarrar-me às telhas e me sustentar na canaleta, enquanto o padre corria com a escada e Dom Jerónimo subia para me descer em seus braços. Desmaiei. Estenderam-me no corredor, entre vasos de begônias e comoventes gaiolas onde se agitavam cotovias e loicas^[7].

A grande pena de minha vida, Madre Benita, é que no único momento estelar, o único em que fui protagonista e não comparsa — aquele breve momento em que Dom Jerónimo e o pároco arregaçaram minha manga e curaram meu ferimento — eu o passei inconsciente. Não conservo lembrança desse momento. Porque, poucos minutos depois, quando recuperei os sentidos, vi Dom Jerónimo com seu próprio braço nu e manchado de sangue, sim, com meu sangue, Madre Benita, com o sangue de Humberto Peñaloza, enfaixando o braço exatamente no lugar onde doía em mim. Quando completaram o curativo, aproximaram meu braço ferido do seu e espremeram o meu ferimento para que vertesse todo o sangue possível e assim manchasse de forma maravilhosa aquelas falsas bandagens heroicas. Tinha que ser tudo muito rápido, disse, de outra forma podem perceber que foi você, não eu, o que caiu ferido, e é vital aproveitar esta oportunidade, porque com este atentado contra minha vida — sim, tinha sido um atentado contra *sua* vida, eu não fui nem podia pretender ter sido mais que uma encarnação accidental de seu valor — ganho uma arma para brandir em público, contra os que pretendam me acusar de fraude, posso mostrar meu braço ensanguentado aos polícias e aos jornalistas que tentem me acusar de desrespeitar a lei, já começam a bater à porta da paróquia, querendo entrar. Esconderam-me em cinco minutos: subiram-me ao teto pela escada, disfarce sua dor, Humberto, que, afinal, não deve ser muita, e que ninguém perceba que está ferido, suba sozinho, desça do outro lado e desapareça, ninguém vai

perguntar por você, vá, rápido, de carro para a Rinconada. E fui para o campo, Madre Benita. Sumi.

Dom Jerónimo de Azcoitía, disfarçado com o sangue de Humberto Peñaloza, saiu à porta da igreja para receber as autoridades e lhes mostrar seu sangue, protestando que isto era o cúmulo, que o país não oferecia nenhuma garantia aos que se sacrificavam para servi-lo, que não havia mais autoridade, ninguém acatava as leis mais elementares e, ainda por cima, atreviam-se a acusá-lo de uma fraude que, ele, um homem que representava a ordem, seria incapaz de cometer, não, para que procurar o culpado se a pessoa que disparou não tinha importância, como tampouco tinha importância a ferida em si, o que, de fato, importava era a atitude do Partido adversário, que utilizou um pobre peão ignorante, açulado por instigadores habituados a desaparecer no momento do compromisso para o eliminar, a ele, Jerónimo de Azcoitía, porque tinha vencido, com toda lisura, as pugnas eleitorais. Prestou declarações magnânimas aos jornalistas, que as transmitiram imediatamente aos jornais da capital. Nessa mesma noite saiu uma edição extra com fotos de Dom Jerónimo — Inés guarda exemplares amarelecidos em uma das malas de sua cela — do padre entre os loicas, da multidão na praça, e um longo e inflamado relato do atentado.

De novo, Dom Jerónimo atravessou a praça, triunfante com seu braço enfaixado, luzindo meu sangue ante testemunhos agora despojados de violência, seguido por uma escolta de policiais a cavalo. Era Dom Jerónimo de Azcoitía, Senador da República. Em suas olheiras e feições extenuadas apesar do sorriso, notava-se a dor da ferida ainda que ele não se cansasse de insistir em que não era nada, não se preocupem com meu ferimento, há coisas mais importantes em jogo. Na praça e nas cantinas começou a se murmurar que ainda não tinham podido extrair-lhe a bala, que se incrustou no osso, que seu braço ficaria inutilizado, que talvez fosse preciso amputá-lo, enfim, talvez não cortá-lo todo, mas... olhem o ricaço, não move um só cabelo, sério como sempre, valente esse ricaço... é capaz de não ser tão orgulhoso como dizem, capaz até de ser um grande senador.

INÉS IA MUITAS vezes passar a tarde com a Peta Ponce quando Jerónimo a deixava livre na Rinconada. Estar juntas era reanimar os temas da infância: resgatar personagens perdidas na memória, brincadeiras que talvez não fossem brincadeiras, cucas, devoções, e a emocionante tarefa de conservar o que já não tem por que continuar existindo. Tudo isso revivia na penumbra do quarto da velha, no fundo da última galeria e do último pátio onde a Peta Ponce sempre espera, Madre Benita, onde o reboco descascado revela a estrutura dos adobes, e a umidade desenha os rostos monstruosos do que ali mesmo, aqui mesmo, Madre Benita, podia e pode acontecer.

Enquanto as duas mulheres ficavam falando de bobagens encerradas no esconderijo da velha, enquistadas no fundo do labirinto de casas da Rinconada, Jerónimo saía para cumprir com suas airosas tarefas de homem: percorrer o campo à cabeça de um bando que, sob suas ordens, abria um canal destinado a fertilizar mais cem quadras, dirigir os peões ensanguentados pela vindima, construir adegas novas, silos novos, marcar os animais para o matadouro. Ele jamais mencionava a Peta. A autoridade de seu silêncio a eliminava. Quando, porém, o casal viajava do campo à cidade ou da cidade ao campo, a Peta Ponce os seguia. No começo do casamento, quando a desesperança ainda não feria a felicidade, Inés se entretinha com sua ama tecendo roupa para Boy, costurando camisinhas e bordando iniciais e alegres guirlandas na roupa finíssima. Pouco a pouco, porém, quando o herdeiro começou a tardar, não houve mais remédio que fazer promessas e rezar novenas e esperar, e continuar tecendo e bordando com menos esperança. Era impossível falar com Jerónimo sobre o ser que faltava. Não teria aceitado um tema que deformaria o contorno forçosamente satisfatório de seu presente medalhão.

Para falar dessas coisas existia a Peta Ponce: para recolher a dor que Inés tinha que calar. Falavam, falavam, sovando, sovando a dor que crescia com os anos de esterilidade, vivendo com a ama o que podia viver com o marido porque era absolutamente necessário ser

bela e elegante e terna e apaixonada e invejada por todo o mundo mas ninguém a invejaria se soubesse que, quase todas as tardes, vai ao quartinho da ama para falar interminavelmente, para desalinhar a perfeição, para rezar à Santa Rita de Cássia, Padroeira dos Impossíveis, para gemer. Talvez sem perceber — embora eu não saiba, Madre Benita, não me surpreenderia que, através de um profundo acordo que contabilizava a duração que podia ter a esperança, as duas mulheres souberam exatamente o que estavam fazendo —, à medida que o descontentamento mudo do casal foi crescendo e a possibilidade de que Boy nascesse se distanciava no fundo do corredor onde só se ouvia retumbar a palavra nada, nada, nada, não penso em nada, o tamanho da roupa que as duas mulheres costuravam para a criança foi diminuindo, diminuindo ao longo da perfeição daqueles cinco anos, até que chegaram a costurar e tecer roupa para uma minúscula boneca. Além disso, com cartolina e madeirinha frágeis, obtidas de caixas de fósforos, entretinham-se em construir camas, mesas, cadeiras, cômodas, guarda-roupa, armários e diminutas floreiras de miolo de pão pintado, tudo se fazendo mais e mais pequeno à medida que Santa Rita de Cássia, Padroeira dos Impossíveis, e todos os demais poderes as desatendiam, até que chegaram a ser tão minúsculos esses objetos e essas roupas, Madre Benita, que é preciso pegá-los com pinças e olhá-los com lente para apreciar a suntuosidade maníaca de seus detalhes. Um destes dias, antes que Inés volte de Roma, vou levá-la à sua cela e mostrar-lhe as coisas de Boy, sim, não seja incrédula, se quiser vamos agora mesmo para provar que o que lhe digo é verdade: eu mesmo examinei todas as gavetas desse baú-mundo porque me tenta roubar algumas dessas coisas para mobiliar o chalé onde a Iris Mateluna vai viver depois que Boy nascer. Conheço os lençóis de linho, as colchas de cetim, as roupinhas tecidas ou bordadas, tudo o que Inés fazia com a Peta Ponce no quarto dos fundos da casa, quando ainda conservavam uma esperança de que Santa Rita de Cássia, ou a beata, as ouvisse. Mas nas gavetas de baixo desse mundo, tudo meticulosamente classificado segundo a cronologia do desespero, estão as outras coisas, as que vão diminuindo de tamanho de gaveta em gaveta, Santa Rita já não nos ouve, temos que rezar para Inés de Azcoitía, mas Inés de Azcoitía não é santa, Peta, que importa que não seja santa, nem beata, mas há almas não santas capazes de fazer milagres, coisas maiores que os milagres que fazem os santos dos

altares porque essas almas não santas continuam rondando pelo mundo, não desaparecem, vivem conosco, podem nos aconselhar, rezemos a Inés de Azcoitía, vamos pedir sua proteção a ela que é antepassada sua, e ela nos dará conselhos para fazer alguma coisa porque isto não pode continuar assim, e teciam coisas ainda mais reduzidas porque a beata também não as ajudava nem as aconselhava, coisas diminutas à medida que passavam os meses, infrutuosos, até que na última gaveta daquele mundo estão caixas que contêm essa roupa e esses móveis tão aterradoramente diminutos que temo tocar porque poderia quebrá-los. Tenho passado tardes inteiras na cela de Inés vendo como, de gaveta em gaveta, de ano em ano, de mês em mês, de semana em semana foram se desvanecendo suas esperanças até chegar às miniaturas da época em que Inés me encontrou aqui no quarto da Peta Ponce. As coisas não podiam mais continuar como estavam. Era impossível construir e tecer coisas menores porque não existia fio nem madeira tão finos, como também era impossível romper o círculo de perfeição com que Jerónimo cercava a si e ao casal. A outra, do passado, não respondia às invocações dessas duas mulheres enlouquecidas que não sabiam mais o que fazer. Era o fim. A esperança se esgotou. Nenhuma potência lhes prestava ajuda.

Nenhuma? Estou certo que, finalmente, a menina-beata da tradição familiar dos Azcoitía é a mesma menina-bruxa que o amplo poncho paterno escamoteou do centro de covarde conluio para salvá-la da auréola infame, estou certo, finalmente, que esse ser murmurou um plano no ouvido atento da Peta. Impelida pelas duas, Inés encontrou-se comigo aqui no quarto de sua ama na noite das eleições.

Enquanto Dom Jerónimo, disfarçado de Humberto Peñaloza, triunfava na praça do povoado, o carro em que eu ia encolhido pela dor do ferimento de Dom Jerónimo corria pelos caminhos de terra que nessa época levavam à Rinconada. Sim, roubara minha ferida, Madre Benita, mas lhe garanto que ninguém rouba um ferimento impunemente. Se me tivesse pedido emprestado, eu teria acedido com gosto, porque admirava Dom Jerónimo, mas ele o roubou durante a inconsciência de meu desmaio, tirou-o sem me consultar, convencido de que meu ferimento, como tudo o que é meu, era de sua propriedade. Ao roubá-la, ele me deixou inteiro, sem ferimento. Sim, Madre Benita, foi ele quem me transformou em Jerónimo de Azcoitía, ele e os mil olhos das testemunhas na praça, ele e os

jornalistas que dão testemunho de meu arrojo.

Com lanternas que oscilavam nas mãos dos peões, Inés acudiu à chegada do carro na entrada do parque, que eu jamais usava, a não ser que estivesse acompanhando Dom Jerónimo, saí do carro como se não sentisse nem fadiga nem dor. Como está, como se sente, como está Jerónimo, vai voltar, quando? Enquanto passeávamos pelo corredor frente ao parque, vigiados, ela e eu agora, pelos olhos faiscantes dos cachorros, contei-lhe a verdade. Meus joelhos fraquejaram, como se fosse desmaiar de novo. Inés me pegou o outro braço, deite-se aqui no diva de Jerónimo e deixe cobrir seus pés com um xale, quero acompanhá-lo um pouco se não se sente bem, não vá lhe acontecer alguma coisa, teria bastado roçar sua mão na minha para que tudo acontecesse. Senti sua admiração estimulando-me com esse carinho dirigido até o novo ser que agora eu sou. Interrogava-me, apressada, mais e mais apressada, acumulando suas perguntas, como se desejasse, como desejei eu, que essa bala que roçou meu braço tivesse alcançado o coração de seu marido. E não seria estranho, Madre Benita, que Inés tenha sentido algo assim: de qualquer modo, ela, como eu, não era mais que uma empregada de Dom Jerónimo, uma empregada cujo trabalho era dar à luz um filho que salvasse o pai.

Ao lhe falar destas coisas, Madre Benita, vejo que Inés não pode ter desejado a morte de Jerónimo como eu a desejei, porque ela o amava. Tive a certeza de seu amor naquela noite frente ao parque, porque como eu era Jerónimo senti o amor de Inés me tocando. Tintei. Perguntou se eu sentia frio. Sim... sim... um pouco, embora a noite esteja tão morna. Insistiu em que seria melhor que eu fosse me deitar. Acompanhou-me à porta de meu quarto. Ia completar a substituição, entrar em meu quarto para entregar-se a seu marido. Permaneceu do lado de fora.

— Boa noite, Humberto.

— Boa noite...

— Ah, queria lhe dizer uma coisa: se se sentir mal ou lhe doer o braço, o melhor é procurar Peta Ponce — ela sabe todos os meus segredos e os guarda, assim, não me importo que saiba que o ferimento é seu e não do Jerónimo —, ela dorme muito pouco e sabe dessas coisas, é mágica...

Mágica, alcoviteira, bruxa, parteira, carpideira, confidente, todos os ofícios das velhas, bordadeira, contadora de histórias, preservadora de tradições e superstições, guardadora de coisas

imprestáveis sob a cama, de restos de seus patrões, dona das doenças, da escuridão, do medo, da dor, das confidências inconfessáveis, das solidões e vergonhas que outros não suportam. Ia com frequência passar algum tempo no quarto da Peta Ponce. Sentava-me com ela junto a este braseiro em que esquentava a água para o mate e torrava os torrões de açúcar sobre as brasas até que a fumaça doce enchia a penumbra. A água fervia na chaleira. Ela a vertia na cuia onde, além da erva mate, pusera um raminho de funcho, esperava um instante, agitava a bomba e chupava para provar, está bom, tome o senhor primeiro, Dom Humberto, e eu chupava, e ela voltava a pôr mais água e chupava ela e depois voltava a enchê-lo e eu tomava outro matezinho quente sem sentir nojo que a bomba passasse diretamente desses lábios rachados aos meus porque esse contato nosso através do mate cimentava uma consciência de que nossas posições junto a Jerónimo e Inés eram simétricas. Falávamos pouco. O que podia falar eu, universitário, escritor, com uma velha como a Peta Ponce? Falávamos sobre quem está doente e de que, e o que fazer para curá-lo, e quando voltaremos à capital porque já está começando o frio. Quando falávamos de Inés e Jerónimo, nossas palavras os circunavegavam por lados diferentes, deixando um vazio no meio, mas era um vazio que enchia todas as nossas conversas com seu significado inconfundível, mesmo que só comentássemos o dia bonito que fez hoje depois que ontem esteve tão nublado e por que terão despedido o Dionísio e quando a Rosalba voltará de sua licença e com tanta chuva neste outono todo mundo anda resfriado. Conversa banal, mas ninguém ceva mate como a Peta Ponce, são estimulantes, depois de provar seus mates os outros não têm gosto de nada, e eu vinha e voltava à Peta para não falar sobre isso que não podíamos falar porque nem sequer nossos patrões se atreviam a falar desse tema e, como nós, afinal de contas, não éramos mais que criados... eu gostava de ver a Peta e me sentar no chão junto ao braseiro, o mesmo chão em que Inés se sentava para transferir sua dor à velha, e assim, desfazendo-se de sua dor, ficar livre para continuar junto a Jerónimo sua existência dentro dos limites do medalhão da felicidade conjugal perfeita. Era para tomar mate que eu visitava a Peta. Para me sentar junto a este braseiro. Também para tocar, através da velha, numa Inés mais inteira que a Inés de Jerónimo. Às vezes notava que, em forma elíptica, por meio de uma frase aparentemente incolor da Peta, Inés me pedia auxílio:

— Hoje a menina esteve meio tristonha...

— Por quê?

— Esta tarde não estava nada bem...

Sua saúde era perfeita.

Peta e eu sabíamos que não estava bem. Eu não perguntava. As coisas tinham que continuar mudas, porque no fundo desse silêncio eu adivinhava um destino para mim, e ao romper o silêncio eliminaria esse destino. Com o tempo, este *não estar nada bem* de Inés, reiterado pela velha, foi se transformando em um grito oprimido que não pedia minha ajuda, mas exigia, eu era criado, e ela, Inés, cujo marido me pagava ordenado, tinha direito a meus serviços. A menina não está bem. Não está nada bem. Está tristonha. Está muito abatida. Tenho medo, se não lhe fizerem alguma coisa, algo vai acontecer. Não está nada bem a Inesinha. E eu acabava de vê-la radiante, no salão, ostentando o vestido de macramé vermelho para receber os convidados de seu jantar de aniversário, ao qual, naturalmente, não me convidavam. Ou via o casal galopando em alazões estupendos por longuíssimas alamedas outonais.

Foi quando suas mãos já não podiam construir móveis nem costurar camisas menores, que a Peta propôs o plano. Traga-o, sua antepassada bruxa, que está falando através de mim, me diz isso, traga-o aqui, traga Dom Jerónimo, Inés, convença-o que eu existo, que venha me ver, ela diz que se ele consentir em fazer amor com você, uma noite, aqui no meu quarto, em minha cama de lençóis sujos, fedorentos, com meu corpo velho em cima desse colchão que oculta uma infinidade de pacotes cabalísticos, nesta escuridão com cheiro a coisa gasta, quieta mas inquieta, esta quietude com o esvoaçar do tordo em sua gaiola, então, Inesinha, então, eu lhe juro, você ficará grávida.

Claro. Mas como convocar Jerónimo a este quarto, como trazê-lo até aqui, ao quarto da Peta, se a Peta era inexistente, sua repugnância por ela a anulava? Eu, em troca, seu empregado, podia vir: ele roubou meu ferimento, e Inés, despedindo-se de mim, na porta de meu dormitório, me disse sem dizer: você é ele.

Quando mais tarde, naquela noite, despertei com a dor de meu ferimento comprimindo-me o braço, tive a certeza de que não se tratava de uma dor real, era o poder da Peta Ponce punçando-me o ferimento para exigir que fosse ao encontro que Inés marcou neste esconderijo, que cumprisse com meu dever de empregado, para isso

lhe pagam, Dom Humberto, não vê que é para isso que recebe ordenado, não durma, levante-se, não pode dormir, não deve dormir, Dom Humberto, a Inesinha precisa do senhor, venha, nós o estamos esperando em meu quarto, se não vier farei com que doa mais o seu braço, muito mais, eu o deixarei entrevado para sempre, venha, venha, estamos esperando, tem que ser agora, venha agora mesmo...

Vesti-me lentamente porque a dor do ferimento me impedia de mover o braço com liberdade. Foram pátios e mais pátios que tive que atravessar, corredores, meandros de adobe, quartos vazios, peças inúteis, a anarquia de construções levantadas há séculos com propósitos esquecidos, perder-me nestes corredores de barro esfarelado e deteriorado, mas não me perder, Madre Benita, porque à medida que avançava a dor me soltava o braço indicando-me que sim, que esta era a direção certa, a Peta me conduzia até aqui, trazendo-me, arrastando-me até o fundo destes corredores e destes pátios de barro. Percebi que esta era a porta porque, de repente, meu braço deixou de doer. Abri esta porta. O esconderijo estava escuro, cheio da fumaça de um pedaço de açúcar queimando nas brasas e dos pulinhos do tordo em sua gaiola. Fora, a casa e o campo conspiravam com uma paz total. Entrei, a porta, atrás de mim, se fechou.

— Jerónimo.

Sim, sim, sou Jerónimo de Azcoitía, tenho meu ferimento sangrando para demonstrá-lo: tomei-a em meus braços. Levei-a à cama da Peta. Inés chorava repetindo, repetindo o nome de Jerónimo para anular o que pudesse ficar de Humberto, e quanto mais o repetia mais crescia Jerónimo, sim, sim, você anulou Humberto que se deixa anular com a condição de tocá-la, sou Jerónimo, toque-me, você conhece minha carne, não tenha medo, sou Jerónimo e o serei para sempre se você me permitir. Tentei beijá-la mas ela me recusou sua boca, Madre Benita, compreende, manteve meus lábios longe de seu rosto como se fossem lábios imundos. Apesar de tudo eu não era Jerónimo. Só meu sexo enorme era Jerónimo. Ela o reconheceu. Por isso me permitiu levantar seu vestido, e abriu suas pernas, e me ofereceu seu sexo, mantendo meu rosto e meu corpo longe dela para que nada meu, salvo meu membro, que era Jerónimo, pudesse tocá-la, para que minhas mãos não gozassem de sua beleza, para que persistisse a tristeza do servidor que a estava servindo e, entretanto, ela dizia Jerónimo,

Jerónimo, e Jerónimo a penetrou, Madre Benita, deixando Humberto fora, mudo desde esse momento porque não quis ouvir minha voz reclamando que me reconhecesse. Obrigue-a, Peta, que pelo menos me deixe tocar nela com a mão, você tem poder para obrigá-la. Mas não me permitiu nem isso porque tinha suas mãos ocupadas em afastar de si tudo o que fosse meu, menos meu sexo. Eu, esta casca que é Humberto Peñaloza, não lhe servia para nada. Por isso vim guardá-la nesta Casa cheia de sujeiras, velharias, trastes, coisas abjetas, imundas.

ACENDERAM TODAS AS luzes do corredor. Os quatro cachorros negros dançam, pulam, ladram à volta de Jerónimo de Azcoitía enquanto ele despacha o carro com ordens para que esteja pronto às sete da manhã porque tem que voltar àquela hora à capital. Agora vamos dormir. Seus cachorros tentam lambê-lo, mendigando sua atenção e suas carícias.

— Vão embora, estou cansado.

Inés acompanha-o ao quarto. Ele não tem vontade de responder nem comentar, só dormir, é muito tarde, cansado, cansado, tanta preocupação, tanta coisa a fazer e só tenho umas poucas horas para dormir, as ataduras me incomodam, tire-as, Inés, por favor, sim, todas, não, como é que pode pensar que meu braço vai doer se o Humberto deve ter contado a você que o ferimento não é meu, é dele, precisa me lavar o sangue de Humberto com água morna, não há sensação mais desagradável do que a do sangue seco, sobretudo se é de outra pessoa, uma esponja, sabonete para tirar toda esta sujeira que está me manchando, embora não seja sangue alheio, Inés, comprei-o, para que me faça estes serviços é que pago a Humberto, bom homem esse Humberto, serviçal, a gente pode contar com ele para tudo, vou lhe dar um bom presente, o que acha que lhe faz falta, estou pensando que gostará de uma capa e um guarda-chuva, já que se faz de escritor entre seus cupinchas das cantinas, e é inteligente, tem uma educação excepcional para um homem que não viajou, uma sensibilidade extraordinária, e muitas vezes conversamos sobre coisas que você mesma não entende. Agora lave seu sangue de meu braço. Não me serve mais, já o mostrei, fez seu papel, agora é só uma crosta inútil que você está lavando com água morna e sabonete perfumado para que amanhã, antes da hora de sair, você me enfaixe com ataduras limpas que

façam o engano persistir. Boa noite, Inés. Tenho que dormir porque amanhã terei uma jornada esgotante apesar do triunfo.

Cada um deita em sua cama. Apagam as luzes. Passam-se uns ou talvez muitos minutos, Jerónimo não sabe quantos porque a noite se estira e se encolhe e ele fecha os olhos e os abre sem saber se conseguiu dormir ou não nem em que parte da noite volta a despertar com a algazarra do bando de queltehues^[8] que voa rumo à lagoa. Escuta atentamente: a amplidão de suas terras vai se configurando na noite onde a lua descreve a indiferença das coisas que possui, volta o bando de queltehues, o mesmo, talvez outro, um cavalo galopa levando um cavaleiro desconhecido a um destino desconhecido, os latidos dos cachorros, próximos alguns, outros remotíssimos, marcam as distâncias desmesuradas do campo na noite, esse latido vem dos currais, o outro, mais ao oeste, deve ser o cachorro do administrador, e outro latido perto, aqui mesmo, ao pé da janela entre a hera, tão perto que ouço o rumor do corpo agitando-se entre as folhas, é como se o latido saísse de dentro deste quarto, como se Inés latisse, agora não late, só geme, não deixa de gemer ao pé de minha janela e agora lança um latido agudo que rasga a noite, soluços suaves que se elevam outra vez para culminar em um latido que não me deixa dormir, outro, e outro muito estirado como um arco que chega à lua. Por que, por que justamente hoje, quando é importante que descanse, por quê? Por que esta compulsão inexplicável que os cachorros têm, no campo, de latir para a lua? Por que esta cachorra late para a lua logo esta noite, bem debaixo de minha janela? Jerónimo se levanta. Vai à janela para afastá-la.

— Deixe-a.

É a primeira palavra de Inés em muitas horas. Sabe por que late esta cachorra na noite, o que quer comunicar à lua, que mensagem leva a ela, que coisas encobre essa penumbra prateada do lado de fora, onde as coisas crescem e se multiplicam e atuam alheias à sua autoridade? A cachorra não deve latir de novo. Ele é Dom Jerónimo de Azcoitía, que precisa dormir para, amanhã, na capital, fazer declarações importantes. A cachorra volta a latir.

— Esta cachorra não me deixa dormir.

Inés permanece muda.

— Por que essa cachorra amarela anda no parque?

Levanta-se. Que Inés responda.

— ... vou afastá-la...

— Não.

Jerónimo cai de novo em sua cama. A cachorra amarela corre impune entre os verdes do parque, dialoga com a lua, geme, volta a fugir e a se aproximar e a se instalar para latir intoleravelmente debaixo de sua janela. Desaba agora um silêncio que não é silêncio porque as aranhas, os carunchos, os escaravelhos tramam suas vidas nesses matos e nessas árvores que pertencem a ele, arrastam um pedaço de folha, vencem a barreira ciclópica de um raminho caído, cavam buracos cobertos de uma baba esbranquiçada, em poucos minutos se multiplicam em mil gerações que perfuram galerias em um tronco ou estendem a mancha ferruginosa da Peste nas costas de uma folha, ouço tudo em silêncio, sou capaz de perceber tudo isso até que a cachorra amarela, a ladra, volte a se instalar debaixo de minha janela para novamente uivar para a lua. Jerónimo calça as chinelas. Inés volta a dizer:

— Não.

— Tenho que afastá-la.

Ao amarrar brutalmente o cinto de sua bata, compreende o que tem que fazer:

— Vou matá-la.

— Não.

— A cachorra amarela é sua?

— Não.

— Então?

Inés o agarra, tentando impedir que saia do quarto, mas Jerónimo a afasta e sai. No corredor para e assobia para seus quatro cachorros negros... claro, por isso a cachorra permanecia impune, porque eles, seus quatro cachorros nobres, ficaram fechados no pátio, dormitando sob as laranjeiras. Dançando à sua volta, chegam os quatro.

— Quietos... quietos... vamos...

Os cachorros negros obedecem. Caminham atrás dele como sombras, as patas sigilosas, os caninos cobertos. Este canteiro de abutilos. Mais adiante o campo. O muro de loureiros e depois a clareira de pedregulhos: lá está a cachorra latindo ao pé da janela, sem saber que ele não está mais no seu quarto, mas entre os loureiros, pronto a castigá-la.

Ao esticar o pescoço, ela aponta com o focinho pontiagudo o meio do céu ao terminar seu uivo, parte dessa autonomia das coisas que crescem e rangem e se arrastam e reproduzem. A algazarra dos

bichos sem nome é opressiva. E se prolonga até que a inimiga de seus quatro cachorros negros inicia outro uivo, suave e lamentoso no começo, que vai se transformar em uma mensagem indecifrável se ele não o interrompe. Jerónimo aponta a cachorra. Estala os dedos e seus cachorros disparam, um instante é suficiente, uma confusão de babas e patas e sangue e terra, um minuto, não mais, para que meus quatro cachorros negros como as sombras dos lobos a matem para deter seu diálogo com o astro cúmplice.

DOM JERÓNIMO E eu partimos para a capital no dia seguinte. Não tive tempo para percorrer o parque em busca dos despojos que confirmaram tudo: tenho que confessar que nem sequer me lembrei de fazê-lo, tão certo estive durante esse primeiro tempo da única realidade.

Só meses depois, quando se anunciou a gloriosa gravidez de Inés de Azcoitia e voltamos para descansar aqui na Rinconada, senti a tentação de interrogar os jardineiros que devem ter limpado a clareira de pedregulhos rodeada de loureiros. Nenhum se lembrava de despojos nem de marcas de luta e sangue, nada, porque é evidente que o cadáver de uma cachorra sem dono, miserável e verrugosa, é algo que nem mesmo os mais humildes ajudantes de jardineiro se incomodam de lembrar, não sei, patrãozinho, pode ser mas não me lembro, como vamos nos lembrar se era amarela ou não, e se a encontramos despedaçada e morta, e nem sequer nos lembramos de ter encontrado um corpo de cachorra, e já deve fazer uns três meses do que o senhor diz, patrão, a gente esquece coisas assim, tanto lixo que se junta neste parque tão grande.

E se a cachorra não tivesse morrido? E se a verdade fosse que Inés *não* compareceu ao encontro enquanto a cachorra a encobria? Boy vai crescendo em seu ventre. Não há nenhuma prova de que, naquela noite, Jerónimo se ausentou de seu quarto para que Inés, valendo-se do sangrento expediente em que sacrificou sua ama, escapulisse para se reunir a mim. Talvez a cachorra amarela não tenha morrido, como afirmava em sua versão da lenda a Mercedes Barroso, pode ter ficado livre e viva e nos rondando, pode ter sido ela quem me apossou até aqui sem me deixar sair, oculto sob o disfarce de outra velha, para expiar o que tenha que expiar e ocultar o que tenha que ocultar. Não percebe, Madre Benita, que é espantosamente provável que naquela noite, como de costume, Inés

e Jerónimo tenham feito amor em seu quarto para descansarem depois da jornada, enquanto o importante sucedia em outros planos?

As velhas como a Peta Ponce têm o poder de parar e confundir o tempo; elas o multiplicam e o dividem, os acontecimentos se refletem em suas mãos verrugosas como no prisma mais brilhante; cortam o suceder consecutivo em pedaços que dispõem em forma paralela, curvam esses pedaços e os enroscam organizando estruturas que lhes servem para que se cumpram seus desígnios. Tentava-se que Inés desse um filho a Jerónimo. E urgia dá-lo para impedir que tudo desmoronasse. Era o momento enlouquecedor em que o tempo se esgota exatamente antes da catástrofe que só a ação imediata pode impedir: sacrificar quem quer que fosse e como fosse porque as coisas não podiam continuar assim — de onde tirariam fio mais fino, não existia madeira nem papel mais fino — humilhar e ferir, substituindo e roubando, a vergonha confundida com o amor e a felicidade, a vergonha com a glória e o rancor e o prazer. Como saber, com certeza, que foi a Peta Ponce que determinou os acontecimentos daquela noite, e como, e o que determinou? Talvez a cachorra amarela não tenha morrido. Talvez nem um pedaço de minha carne tenha tocado a carne de Inés, mas...

... Incrível, incrível, Madre Benita, estava por acontecer, minha tristeza e a tristeza de meu pai seriam aplacadas porque minha avidez alcançaria o único objeto capaz de saciar a todos os Peñaloza porque, finalmente, deixaríamos de ser só testemunhas da beleza para participar dela. Veio da escuridão, agarrei-a e a levei para a cama e a possuí como já lhe contei. Para além do silêncio que nos isolava, creio que ouvi os latidos da vítima, destruída pelos cachorros negros. Apesar disso, o silêncio nesse quarto era tão profundo que duvido que tivesse ouvido algo além do arquejar de minha companheira de cama. Não ouvi os gemidos da cachorra porque Inés e Jerónimo estavam em seu quarto fazendo amor isolados por outro silêncio diferente do que nos isolava, mas a quem isolava, a quem, Madre Benita, nessas trevas posso não ter dado meu amor a Inés, mas a uma outra, à Peta, à Peta Ponce que substituiu Inés por ser ela o par que me corresponde, a Peta, indecorosa, velha, estropiada, suja, meu membro enorme a penetrou, ela gozou em sua carne apodrecida, gemi de prazer com a proximidade de suas mãos verrugosas, seus olhos nublados pelas remelas, mendigando o beijo de sua boca cortada pelas verrugas,

sim, nas trevas daquela noite só os olhos do tordo viram que foi o sexo da velha, bichado pela proximidade da morte, que devorou meu maravilhoso sexo novo, e essa carne deteriorada me recebeu.

No momento do orgasmo ela gritou:

— Jerónimo.

E eu gritei:

— Inés.

Peta e eu ficamos excluídos do prazer. Ela e eu, o sombrio casal, concebemos o filho que o casal luminoso era incapaz de conceber. A velha tramou tudo: a ferida no braço, os olhos das testemunhas olhando-nos no parque, os uivos da cachorra, a cumplicidade da lua, a escuridão deste quarto ou de outro, até mesmo a solidão do meu, porque às vezes tenho a esperança que a Peta também tenha dirigido meu sonho, atrevo-me a supor que tudo foi só um sonho que, ao ser urdido pela Peta, teve a eficácia do fato real. Que bastou sonhá-lo para que Inés ficasse grávida, não porque a Peta e eu fizemos amor ao mesmo tempo que eles sobre esta cama de lençóis sujos, sobre este colchão puído, em cima deste catre que range ocultando os pacotinhos incompreensíveis que as velhas ocultam debaixo das camas. Os jardineiros não encontraram o cadáver da cachorra e o terror do pesadelo invadiu minha vigília. A vítima continua me rondando. Nem sendo Jerónimo pude formar casal com Inés. Meu destino, como o da Peta, é permanecer fora do reconhecimento do amor embora não do ato mecânico do amor: quando Inés caiu nos braços cansados de Jerónimo, foram revitalizados por nós, porque na escuridão do quarto do casal grotesco nossos olhares coloridos procuraram, e viram, os rostos dos dois em nossos rostos deformados pela saudade, cumprindo nos lençóis sujos a nossa missão.

O terror é das coisas mais fáceis de esquecer, Madre Benita. Existem mil subterfúgios, isso a senhora sabe, não se pode viver sempre à beira do terror, por isso a senhora reza padre-nossos e salve-rainhas e ave-marias; sim, para fugir do medo a senhora sacrificou sua vida enterrando-a na inutilidade desta Casa. Quando se comprovou, finalmente, a gravidez de Inés, conseguiu durante um tempo esquecer meu terror: fiquei deslumbrado ao perceber que, embora Dom Jerónimo houvesse roubado minha fertilidade, eu roubei sua potência. Seu membro gozador pareceu esgotar-se transformou-se num apêndice vergonhoso; em troca, meu sexo cresceu, vermelho como uma brasa. Algo parecido deve ter

acontecido à Peta: porque os despojos da cachorra sacrificada foram varridos do parque sem deixar rastro nem na memória dos ajudantes dos jardineiros; a Peta Ponce renasceu. Pareceu evidente a todos que o que lhe deu novas energias foi a alegria de ver que, afinal, sua menina ia ter um filho. Mas não. Não era isso. Eu ia percebendo, cada dia com mais certeza, nas piscadas de seus olhos viscosos, nos tiques de sua boca, que essa velha repugnante me perseguia, que naquela noite nas trevas de seu quarto meu membro fez reviver em seu corpo seco a sexualidade que, nesse instante, roubou de Inés, entregando-lhe, em troca, a satisfação de ser mãe do filho de Jerónimo. Esta satisfação anulou todo o desejo em Inés, mas excitou a velha que me persegue incansável para repetir, com lascívia renovada, o ato daquela noite, e eu não quero, Madre Benita, nego-me, continuo me negando, eu quero uma Inés bela, de pele suave e peitos vivos, os contornos que minhas mãos continuam sonhando, o cabelo escuro, as axilas e a nuca e o púbis saboroso. Não, Peta. Não me persiga. Meu membro ávido de beleza começou a apodrecer com o contágio de sua carne bichada; não me procure mais, morra de uma vez, abandone a certeza de que sou seu par, sou desamparado e miserável, o medo à sua perseguição fez com que eu me refugiasse aqui, eu não lhe pertenço, Madre Benita, ainda que seja melhor lhe dizer que sim, que lhe pertenço, para que assim me deixe em paz pelo menos até o nascimento de Boy, Inés prometeu-lhe que você será a parteira embora não o seja, porque Dom Jerónimo disse, deixe que ela acredite, Humberto, por que você a contradiz, como pode pensar que vou permitir que uma bruxa ignorante atenda o parto de Inés e assista ao nascimento de Boy, mas para tranquilizá-las, não faz mal que as duas pensem que vou cumprir minha palavra, enquanto contrato os melhores especialistas. Depois me livrarei dela. É só um brinquedo, um boneco de pano para manter Inés contente. Enquanto isso, que costurem, bordem, teçam, depois jogaremos esse farrapo ao lixo, não diga nada a ela, Humberto, com você posso falar destas coisas e de todas as coisas, este medo que sinto de fazer amor com Inés, agora que leva meu filho dentro, me deixa insatisfeito, Humberto, sou um homem ardente, não posso continuar abstando-me, acompanhe-me, venha comigo, como não posso tocar Inés porque ela também não quer ser tocada, preciso usar minha potência com outras mulheres, procure-me mulheres, vamos a uma casa de putas porque não quero me complicar com nenhuma mulher em

particular, só com mulheres sem rostos, procure um prostíbulo discreto, você que conhece todos os becos desta cidade, pague o que a dona quiser para que eu tenha mulheres jovens, que feche a casa para o público, que só deixe entrar eu e você, consiga-me isto, você que sempre resolveu tão bem as coisas, venha, acompanhe-me à casa de Dona Flora, que tem corpos jovens, olhe só como tiro a roupa desta mulher que se chama Rosa, tiro sua anágua lentamente para sensibilizá-la com minhas carícias, esta se chama Hortênsia, tem peitos grandes e com eles brinco, não, não saia do quarto, Humberto, olhe como fico nu também, fique aqui para ver como sou capaz de fazer amor, quero que se extasie ante a força de minha virilidade que você não tem, minha sabedoria nestas artes que você ignora, e comprove, com seu olhar invejoso, minha capacidade para demolir a simulada resistência da Violeta, empreste-me sua inveja para ser potente, olhe nossos corpos entrelaçados, decifre nossas palavras encobertas pelos beijos, o cheiro de nossa intimidade, toque em nós com a mão para que sua pele sofra porque sou perfeito, embora não quando estou só com Inés, isso você sabe, Humberto, sei que o temor de estragar o filho que ela leva nas entranhas é só uma história de velhas, mas é a desculpa de que me valho para não revelar minha impotência desde aquela noite em que gerei Boy, você é dono de minha potência, Humberto, você ficou com ela como eu fiquei com seu ferimento no braço, não pode me abandonar jamais, preciso de seu olhar invejoso a meu lado para continuar sendo homem, senão, isto vai ficar mole entre minhas pernas, morno, olhe-me, e eu o olhava, Madre Benita, incansável e dolorosamente eu o olhava com inveja mas, também, com outra coisa: com desprezo, Madre Benita. Saiba disso. Porque quando ele fazia amor com Violeta, Rosa, Hortênsia ou Lila, sob o beneplácito do meu olhar, eu não só o estava animando e possuindo através dele a mulher que ele possuía, como minha potência o penetrava, eu penetrava o macho viril, fazia-o de veado, obrigando-o a gemer de prazer no abraço de meu olhar, embora ele acreditasse que seu prazer era outro, castigava meu patrão, transformando-o em humilhado, meu desprezo crescia e o desfigurava, Dom Jerónimo já não podia prescindir de ser o veado do meu olhar, que o ia degradando até que nada, salvo minha penetração, o deixava satisfeito; o que você quiser, Humberto, tudo o que deseje desde que nunca saia de meu lado. Nas noites, solitário em minha cama de testemunha, porque as camas das testemunhas são sempre

solitárias, comecei a ouvir a Peta Ponce passeando perto de meu quarto, a tossir ou pigarrear, passos leves como os passos das velhas desta Casa, eu a via espreitar-me atrás de uma árvore ou uma porta, por uma janela entreaberta esperando o momento em que eu consentiria mas jamais consentirei, não quero repetir a cena, não existiu essa cena, foi um pesadelo que gerou monstros e continua sendo porque a Peta está rondando esta Casa, não entendo como pode ter adivinhado que estou aqui, talvez a Damiana o tenha dito, mas não sei se conhece a Damiana e a Damiana não sabe quem sou eu, claro que a Damiana era famosa como rueira e dizem que nas ruas se sabem muitas coisas, os cochichos das empregadas nas esquinas com suas sacolas de pão ou verduras ou enquanto esperam a vez nos armazéns e a história corre de esquina em esquina, claro que a Peta Ponce não me reconheceria agora, depois que o doutor Azula mudou meu rosto com suas operações, embora meu olhar, isso ele não mudou, ele não me roubou os olhos doloridos, eu os conservo, Dom Jerónimo não pode fazer que o doutor Azula os tire de mim, porque são meus, a única coisa minha.

Mas que importância tinha isso se Boy ia nascer? Tudo estava decidido. Jerónimo conseguira, finalmente, tirar Inés do medalhão estático da felicidade conjugal perfeita: ajudada por sua mão galante, ele a conduz para adotar as atitudes prescritas no medalhão seguinte, em que figurariam como pais. Enquanto a Peta e eu, seres fantásticos, monstros grotescos, cumpríamos com nossa missão de sustentar simetricamente do exterior esse novo medalhão, como uma dupla de suntuosos animais heráldicos.

Mas quando Jerónimo, afinal, entreabriu as cortinas do berço para contemplar o rebento tão esperado, quis matá-lo ali mesmo: esse repugnante corpo sarmentoso retorcendo-se sobre sua corcova, esse rosto aberto num sulco brutal onde lábios, palato e nariz despiam a obscenidade de ossos e tecidos numa incoerência de traços avermelhados... era a confusão, a desordem, uma forma diferente mas pior da morte.

DOM JERÓNIMO DE Azcoitía mandou tirar das casas da Rinconada todos os móveis, tapetes, livros e quadros que aludissem ao mundo de fora: que nada criasse em seu filho o desejo pelo que jamais conheceria. Fez também fechar todas as portas e janelas que comunicassem com o exterior, salvo uma porta, cuja chave guardou. A mansão foi transformada, então, numa casca oca e fechada, composta de uma série de aposentos despovoados, de corredores e passagens, em um limbo de muros abertos só para o interior dos pátios, de onde ordenou arrancar as clássicas laranjeiras de frutos de ouro, as primaveras, as hortênsias azuis, as fileiras de lírios, substituindo-as por mato podado em estritas formas geométricas que disfarçaram sua exuberância natural. Mandou demolir as dependências amontoadas ao redor do setor nobre: que destroçassem esse imundo labirinto de adobe, de galerias e corredores e pátios e adegas, era preciso desenredar esses tecidos e ligamentos de barro, desatar suas amarras que, com os anos, tinham crescido, fixando e desbotando a nitidez dos quatro pátios destinados a seu filho. Para acomodar os empregados de Boy, construíram pavilhões espalhados pelo parque que o menino jamais conheceria. Fez cortar todas as árvores cujas copas pudessem ser vistas do interior da casa. Dispôs, além disso, que cercassem o último pátio, o da fonte, com uma muralha inexpugnável, e à cabeça desta fonte retangular fez erigir uma Diana Caçadora de pedra cinzenta, talhada segundo suas estipulações: corcunda, a mandíbula acromegálica, as pernas tortas exibindo a aljava sobre a corcunda e a lua nova sobre a testa enrugada. Adornou os outros pátios com novos monstros de pedra: o Apolo nu foi concebido como retrato do corpo corcunda e as feições do futuro Boy adolescente, o nariz e a mandíbula de gárgula, as orelhas assimétricas, o lábio leporino, os braços aleijados e o descomunal sexo pendurado que, desde o berço, arrancou ohs e ahs de admiração das enfermeiras. Boy, ao crescer, devia reconhecer sua perfeição na desse Apolo, e seus instintos sexuais, ao despertar, se encontrariam com a figura de Diana Caçadora, ou com uma Vênus,

marcada de varíola e com um traseiro de proporções fantásticas arruinado pela celulite, que rebojava insinuante em uma caverna de pedra.

Dom Jerónimo cuidou de todos estes detalhes porque nada do que cercasse Boy devia ser feio, nada mesquinho nem ignóbil. Uma coisa é a feiura. Outra coisa, muito diferente, com um alcance semelhante mas invertido ao alcance da beleza, é a monstruosidade, por isso, merecia prerrogativas também semelhantes. E a monstruosidade seria a única coisa que, desde o nascimento, Dom Jerónimo de Azcoitia proporia ao filho.

Instruiu o secretário, então, para que percorresse cidades aldeias, campos, portos, minas, em busca de habitantes dignos de povoar o mundo de Boy. No princípio foi difícil encontrá-los, porque os monstros tendem a esconder-se, isolando a vergonha de seus destinos em esconderijos miseráveis. Mas Humberto Peñaloza não demorou em fazer-se perito em monstros. Em certo monastério de província, por exemplo, descobriu um irmão de fé, fraco mas inteligente, deformado por uma corcunda de proporções incríveis. Foi entrevistar-se com ele mais de uma vez, tentando-o com ordenados fabulosos e uma vida à qual poderia dar a dimensão que escolhesse, dentro de um mundo onde a deformidade não seria anomalia, mas regra: o irmão Mateus fugiu do monastério onde, durante tantos anos, tinha disfarçado seu terror com o hábito da piedade. Em casas de prostituição, feiras, circos de bairros pobres, Humberto recrutou anões de todas as variedades imagináveis, de cabeças enormes, de rostos enrugados como bonecos envelhecidos, de pernas curtas, avaros, orgulhosos, inteligentes, de vozes agudas. Descobriu Miss Dolly, uma *mulher mais gorda do mundo* de muito renome, fêmea monstrenga de obesidade espetacular e andar bamboleante, que se exibia ataviada com um biquíni de lantejoulas, dançando sobre a serragem da pista de um circo, par de Larry, seu marido, palhaço de braços e pernas longuíssimas e cabeça diminuta, como a de um alfinete, na ponta de um cangote magro, lá em cima.

À noite, que é quando os monstros saem de suas guaridas, percorrendo os parques e os terrenos baldios dos arredores da cidade, Humberto Peñaloza espreitava certos seres disformes que, se a degradação não tinha conseguido estragar suas inteligências, contratava para o serviço de Boy. Encontrou Berta, por exemplo, com toda a parte inferior do corpo inutilizada, arrastando-a como rabo de lagarto com o esforço de suas mãos e braços hipertrofiados:

era figura conhecida nos lugares mais baratos dos cinemas de bairro, onde, reclinada nos assentos de madeira, seus olhos vivíssimos engoliam a sabedoria de um filme atrás do outro. E Melchor, lendo jornais e revistas velhas em sua toca no lixo, era uma só mancha cor de framboesa, cujos caroços deformavam-lhe as feições. Chegou a ser uma questão de orgulho para Humberto Peñaloza apresentar a Dom Jerónimo exemplares cada vez mais fantásticos, criações insólitas, com narizes e mandíbulas retorcidas, e a floração caótica de dentes amarelados enchendo-lhes a boca, gigantes acromegálicos, albinas transparentes como almas, moças com extremidades de pinguim e orelhas de asa de morcego, personagens cujos defeitos sobrepujavam a feiura para fazê-los ascender à categoria do monstruoso.

Apesar do isolamento em que vivem, não demorou correr a notícia, entre os monstros, de que certo cavaleiro cultivava a extravagância de oferecer somas fabulosas por seus serviços. Assim, passado um tempo, Humberto Peñaloza não precisou adentrar-se na noite citadina para desentranhar os monstros de suas guaridas, porque eles começaram a chegar, sem que ninguém os convocasse, à porta da casa de Dom Jerónimo, amontoando-se clamorosos na rua para solicitar audiência, cotando a alto preço o que até então era uma aflição, mendigando um posto, um lugar, um emprego, um espaço qualquer nesse mundo sem humilhações que aquele senhor oferecia. Dom Jerónimo recebeu cartas, telegramas, informações, descrições detalhadas, fotografias. Chegaram monstros de todas as partes, desceram das montanhas e saíram dos bosques e subiram dos porões, chegando às vezes de regiões remotas e até do estrangeiro para suplicar que a eles, também, permitissem ingressar nesse paraíso que Dom Jerónimo de Azcoitía estava criando.

No escritório junto à biblioteca de Dom Jerónimo, Humberto Peñaloza entrevistava esta multidão, deleitando-se com a grande variedade que se lhe oferecia. Só deixava passar à biblioteca os exemplares mais excepcionais: lá, Dom Jerónimo, depois de examiná-los e falar com eles, fazia-os assinar contrato ou os excluía. Os excluídos, em realidade, eram poucos. Tratava-se, afinal de contas, não só de cercar Boy de monstros com consciência do que estavam fazendo, mas também de proporcionar a estes monstros de primeira classe um mundo de submonstros que os envolveria, servindo-os, os padeiros, leiteiros, carpinteiros, funileiros, verdureiros, peões, enfim, tudo, de modo que o mundo normal

ficasse relegado a distância e, finalmente, chegasse a desaparecer.

Frente a essa elite de monstros de primeira classe que cuidaria e educaria Boy, Jerónimo teve que desenvolver o delicado trabalho de convencê-los de que o ser anômalo, o fenômeno, não é um estágio inferior do gênero humano frente ao qual os homens têm direito ao desprezo e à compaixão: estas, explicou Dom Jerónimo, são reações primárias que ocultam a ambiguidade de sentimentos inéditos, muito semelhantes à inveja, ou erotismo inconfessável produzido por seres tão extraordinários quanto eles, os monstros. Porque a humanidade normal só se atreve a reagir ante as habituais gradações que se estendem do belo ao feio, que, em última análise, não são mais que matizes da mesma coisa. O monstro, em troca, sustentava Dom Jerónimo com paixão, para exaltá-lo com sua mística, pertence a uma espécie diferente, privilegiada, com direitos próprios e cânones particulares que excluem os conceitos de beleza e feiura como categorias tênues, já que, em essência, a monstruosidade é a culminância de ambas as qualidades sintetizadas e exacerbadas até o sublime. Os seres normais, aterrados frente ao excepcional, internavam-no em instituições especiais ou em jaulas de circo, confinando-os pelo desprezo para tirar-lhes o poder. Mas ele, Dom Jerónimo de Azcoitia, iria devolver-lhes suas prerrogativas, redobradas, centuplicadas.

Com este fim — e como recompensa por servir a seu filho Boy, também monstro, mas que, à diferença deles, jamais devia conhecer a humilhação de sê-lo em um mundo intolerante — estava preparando sua fazenda, a Rinconada, onde, por seus pátios e alamedas outonais, em tempos venturosos, passeou um amor tão perfeito que só pôde produzir um ser magnífico como Boy. O menino devia crescer encerrado nesses pátios geométricos, cinzentos, sem conhecer nada além de seus servidores, aprendendo, desde o primeiro instante, que era princípio e fim e centro dessa cosmogonia criada especialmente para ele. Não podia, não devia, por nenhum motivo, suspeitar de outra coisa, nem conhecer a nostalgia corrosiva que eles, os empregados, conheciam, dos prazeres que lhes foram negados porque nasceram e viveram em um mundo não coordenado para eles.

Mas valia a pena, começaram a se perguntar os monstros, sacrificarem-se para fantasiar a eliminação de um mundo cuja existência, por desgraça, já os fizera vítimas? Para que lhes serviria, então, o dinheiro de seus salários estupendos e esta brilhante

certeza de seres superiores se só lhes seria permitido acesso à abstração dos pátios e aposentos despojados onde Boy cresceria? Não, não, não... que entendessem, Dom Jerónimo exortava-os, além de seus emolumentos, receberiam todo o resto da Rinconada para organizar um mundo próprio, com a moral e a política e a economia e os costumes que quisessem, com os freios e as liberdades que lhes apetecessem, com os gozos e as dores que lhes ocorressem, davam-lhes plena liberdade para que inventassem uma ordem ou uma desordem próprias, tal como ele inventava uma ordem para o filho. Era uma só a sua exigência: que Boy jamais suspeitasse da existência da dor e do prazer, da felicidade e da desgraça, do que as paredes de seu mundo artificial ocultavam, nem ouvisse de longe o rumor de música.

Nem todos compreenderam os complexos desígnios de Dom Jerónimo. Alguns, assustados pelo que pensaram ser exigências, retornaram a seus esconderijos em lugares quase inacessíveis, buracos perfurados na amoreira, a seus conventos e a seus circos. Mas outros escutaram e entenderam. Imperatriz, sobretudo, fazia muitas perguntas e inteligentes. Ela foi a primeira recrutada: parente de Dom Jerónimo pelo lado pobre, mas com uma educação que complementou com a leitura de revistas e livros, tomava conta de uma loja de roupa interior finíssima, onde sua autoridade, apesar de sua estatura de Pequeno Polegar e sua cabeçota e focinho babento e caninos e bochechas de bull-dog, era temida pelas operárias. Ela tomaria conta da hermética casa de Boy. Era o único monstro que tratava de igual para igual Dom Jerónimo, e como parente, embora distante, tinha acesso a ele por condutos privados, sem passar pelo escritório do secretário, que vigiava junto à biblioteca.

— E este Humberto?

— O que você quer saber sobre o Humberto?

Ela acendeu um cigarro e cruzou as pernas.

— Bem, qual será sua posição em relação a nós.

— Já lhe disse. Toda a autoridade emana dele. Você tem que aceitá-lo não tanto como meu representante na Rinconada mas como eu encarnado nele vivendo entre vocês e cuidando de Boy. Depois de nossa última reunião na semana que vem, vocês não poderão se comunicar comigo senão através de Humberto. O castigo por qualquer tentativa de comunicação direta será a expulsão.

— Nem eu, como parente?

— Pare com estas bobagens, Imperatriz: esqueça-se de parentescos, no final das contas só temos uma tataravó em comum. Humberto será tão *eu* entre vocês que só precisará se comunicar comigo uma vez ao ano.

Imperatriz se remexeu entre as almofadas cinzas do sofá. As pernas mal alcançavam a borda do assento, como as de uma boneca obscena que cheirava a Mitsouko.

— Isso não responde à minha pergunta, Jerónimo.

— O que, então?

— Algo que temos falado entre nós, porque nos preocupa, Berta, Melchor...

— Ah, sim?

— Olhe, para dizer as coisas claras, é isto: Humberto não é monstro. É um ser normal, comum, feinho e até muito insignificante, o coitado. Mas você compreenderá que sua posição entre nós será bastante ambígua.

— Mas por quê?

— Porque sua presença nos recordará sempre o que não somos. Acabaremos por odiá-lo.

— Talvez você tenha razão. Mas o papel de Humberto entre vocês é importante, pelo menos, por duas razões. Uma, porque um único ser normal num mundo de monstros adquire a categoria de fenômeno, de ser *anormal*, transformando vocês em normais. Para Boy, ele encarnará a experiência do monstruoso.

— Interessante. E a outra razão?

— Humberto é um escritor de grande talento, que não teve a paz nem a oportunidade para desenvolver totalmente suas possibilidades criativas. Encomendei a ele a crônica do mundo de Boy, a história de minha ousadia, colocando meu filho fora do contexto corrente da vida.

Imperatriz exalou uma baforada de fumaça.

— Humberto é escritor? Não sabia. Interessante. Isso aqui, na Rinconada, até que pode ser bem divertido...

OS GRANDES ADIANTAMENTOS que Dom Jerónimo de Azcoitia concedeu sobre os futuros salários lhes permitiram desfazer-se de todos os seus pertences, seus modestos ternos que pretendiam dissimular deformidades escandalosas, seus hábitos e batinas, seus andrajos imundos, seus trajes circenses, teatrais ou prostibulários,

para se instalarem na Rinconada com novos enxovais. Berta trouxe quatro malas cheias de sapatos: de verniz, lagarto, crocodilo, dourados com salto fino para a noite, de salto baixo e couro verde para o esporte, e até um par, começaram a murmurar desde o primeiro dia, com fivela de brilhantes autênticos. Basilio, o cabeção acromegálico de força descomunal, exibia camisetas estampadas com o Super-Homem, Marilyn Monroe, Che Guevara, exibia calções de banho de cetim, chuteiras com travas reforçadas, toalhas e batas com iniciais de campeão. Imperatriz, meia hora depois de sua chegada ao campo, começou a experimentar turbantes de veludo roxo, botinhas de astracã chapéus de palha, capelinhas de tule malva, que transportara em uma dezena de chapeleiras. O doutor Azula, cujo sotaque espanhol impôs respeito desde o princípio, com um único olho brilhante de satisfação quase no meio da testa e as mãos de ave de rapina, pendurou dez ternos novos, de tecido inglês, em cabides de madeira, escolhendo um terno, azul não muito escuro e bastante leve, para se pavonear pelo parque no primeiro dia, maravilhado ante a cordilheira imponente do país americano para onde Dom Jerónimo de Azcoitia o trouxe, a peso de ouro, para que cuidasse do filho.

Veio em seguida o alvoroço de escolher quartos e apartamentos, que foram mobiliando, cada um segundo o seu gosto, com os objetos alijados em favor do cinzento abstrato dos pátios e dos aposentos de Boy: delicadas cadeirinhas estilo Diretório, um pastel de Rosalba Carrera, um grande crepúsculo sobre ruínas decorativas assinado por Claude Lorrain, cômodas venezianas, *petits meubles* de marchetaria, cortinados de seda verde-água, de veludo de Gênova, de *toile de Jouy*, que foram leiloados ao que gritava mais alto ou empurrava mais. Basilio sorria, superior a tanta bagatela: ele estendeu no chão de seu quarto um estupendo saco de dormir de Abercrombie and Fitch, decorou as paredes com retratos de equipes de futebol e conjuntos musicais, e na alcova contígua pendurou um *punching-ball* para treinar.

Era verão. As cigarras entoavam o conhecido concerto do calor na magnificência do parque. Os monstros que não estavam de plantão junto a Boy puseram os trajes de banho para se lançar à piscina. Berta, com as mãos longas como raízes, passava óleo nos grãos escarlates do corpo de Melchor, e ele, depois, fazia o mesmo nas pernas inertes de Berta, até nos pés calçados com sandálias de lantejoulas coloridas. Estendidos um junto ao outro, mudos, os

olhos fechados sob os óculos escuros, queimavam-se ao sol. Da sombra, Imperatriz comentou com Melisa, que por ser albina, não podia expor-se à plenitude da luz:

— Ah, isto vai se dar: vão ver, vai acabar em casório e a Berta me disse que eu seria madrinha. Tenho um modelinho com *aigrettes* muito apropriado.

Os que não queriam nadar, tomavam coquetéis sob sombrinhas multicoloridas, jogavam críquete ou futebol nos gramados. Larry e Miss Dolly, terminado o trabalho, Boy dormindo em seu berço deitavam-se no corredor. Enfim, cada uma com seu gosto, sussurrava Berta, quanto a mim, esse Larry, nem de presente, tão comprido, que nojo, e a Imperatriz, procurando com sua língua de cachorro a cereja no fundo do copo de Manhattan, concorda:

— É preciso ter um gosto muito estragado! O Larry, nem de presente.

DO PONTO DE VISTA científico, confirmaram os especialistas, o nascimento de Boy era uma aberração: essa deformação que encolhia seu corpo, encurvava o nariz e a mandíbula como ganchos, esse lábio leporino que abria sua cara como a carne de uma fruta até o palato... incrível, inaceitável, disseram os médicos, os meninos-monstros só vivem dias, quando muito semanas, este caso de lábio leporino é inédito, esta corcunda, estas pernas, até parece que todos os defeitos possíveis se reuniram neste corpo, não, o senhor, Dom Jerónimo, tem que se conformar com a ideia de que seu filho morrerá, e talvez seja melhor assim, imagine só o destino de um ser como este.

— Tratem os senhores de que não morra. O destino de meu filho é problema meu.

Seus agentes europeus encontraram em Bilbao um dos grandes especialistas em casos como aquele, o doutor Crisóforo Azula, ele próprio vítima de sérias deformidades. O caso, segundo o relato que lhe fizeram, interessou-o. E o interessou ainda mais quando foi informado da esplêndida cifra de seu salário, embora viajar à América para lá permanecer alguns anos significasse abandonar as investigações científicas. Não tinha importância. Voltaria mais rico em tudo, em conhecimento, já que o caso Azcoitía era certamente único, e com o bolso cheio para dar continuidade às investigações... ou talvez, até para poder realizar a ambição de instalar uma clínica especializada.

Tão logo chegou, pôs-se a trabalhar para ir dotando Boy de arremedos de pálpebras, cerzindo-lhe a cara, desenhando-lhe uma boca utilizável, retificando os caprichos anatômicos que punham em perigo a vida da criança. Dom Jerónimo apressava-o. Que fizesse tudo imediatamente antes que a memória incipiente do filho ficasse marcada com a lembrança do sofrimento físico, com o terror de sondas e soros, injeções e transfusões, antes que sua consciência registrasse as anestésias artificiais durante as quais o doutor Azula o cortou e costurou para organizar, na desordem de sua anatomia, os aparelhos essenciais para que funcionasse.

Sim, advertiu-o Dom Jerónimo, que o doutor Azula fizesse todo o possível para que Boy vivesse. Mas que não se enganasse a respeito de uma coisa: nada devia induzi-lo a empreender tentativas covardes para disfarçar, com um arremedo de normalidade, o que não o era, nem alterar a condição de monstro de Boy. Toda tentativa nesse sentido seria superficial, questão de pele e nervos que não apagavam o abandono insultante em que o deixaram todos os poderes. Qualquer tentativa para copiar a beleza seria impor a seu filho uma vergonhosa máscara para ocultar uma derrota que, invertendo-a e olhando-a com outra perspectiva, devia ser triunfo.

Humberto Peñaloza ocupou na Rinconada aquela torre no parque que Dom Jerónimo fez construir durante a gravidez de Inés, para que Boy a habitasse e de suas janelas e terraços fosse se familiarizando com as constelações. Sobre a lareira, fez pendurar o magnífico crepúsculo de Claude Lorrain. Encomendou poltronas de veludo cinza como as de Dom Jerónimo, encheu as prateleiras com os livros desde sempre desejados, cobriu o chão com tapetes de tons mais suaves. E junto a uma janela que dominava o parque, instalou uma grande mesa de nogueira maciça, com sua Olivetti, resmas de papel para original e cópia, caixas de carbonó, lápis, borrachas, tinta, percevejos, clips, tudo pronto para começar.

No princípio, Humberto Peñaloza viajava muito à capital para exibir ante seus amigos de outros tempos a nova magnificência de origem misteriosa, e sentir a admiração deles por sua capa e guarda-chuva, que o revelavam um boêmio bem trajado. Mas nas tertúlias de escritores e artistas dos cafés do centro, o vinho era muito ruim. E mesmo que não fosse, não podia beber. O de sempre. Seu estômago. Maldito! Acontecia toda vez que empreendia um trabalho que o apaixonava, como quando, nos tempos de estudante, escreveu seu livrinho. E por não beber, ficava excluído. E depois, como são limitadas as aspirações desses pequenos escritores que acreditam na existência de *uma realidade* para retratar, que tediosos são esses pequenos pintores de mentalidades competitivas e nacionais, que toscos os seus apetites, que fútil o falatório que lhes proporcionava divertimento! Ele, que antigamente era a voz dominante nestas reuniões, começou a ficar mais e mais calado, à margem. Aos poucos que se interessavam por perguntar por que tanta reserva, respondeu que o novo trabalho estava absorvendo não só todo seu tempo como toda sua imaginação.

E era verdade. Pouco a pouco foi lhe acontecendo que nada que

não se referisse ao mundo da Rinconada conseguia interessá-lo. Suas permanências na cidade se fizeram cada vez mais breves. Retornava feliz à sua torre, à sua biblioteca dominada pelas ruínas de Claude Lorrain, às conversas com o doutor Azula, a Imperatriz e o irmão Mateus em seu terraço.

O irmão Mateus, como um monge medieval em sua cela, executava minuciosos desenhos de corpos esfolados que mostravam uma anatomia inventada por Humberto sob a direção do doutor Azula. Detalhes de órgãos e quadros de funcionamento destinados a evitar as perguntas que Boy fizesse quando chegasse à idade de perguntar, encaminhando suas respostas a esses gráficos que ilustravam sua própria perfeição. E quando uma tarde o irmão Mateus mostrou, junto ao fogo, os astrolábios e mapas da geografia universal, que não era senão o céu e a terra dos pátios, já tinham chegado à conclusão de que seriam inúteis, uma vez que Boy devia crescer com a certeza de que as coisas nasciam à medida que seu olhar se fixava nelas e que, ao deixar de olhá-las, as coisas morreriam, não eram mais que essa casca percebida por seus olhos, outras formas de nascer e morrer não existiam, tanto que, entre as principais palavras que Boy jamais conheceria estavam todas as que designam origem e fim. Nada de porquês, nem quando, ou de fora, de dentro, de antes, de depois, ou de partir, de chegar, nada de sistemas nem de generalizações. Um pássaro que voava no céu acerta hora não era *um* pássaro que voava no céu a *certa* hora, não se dirigia a outros lugares porque não existiam outros lugares nem a outras horas porque não existiam outras horas: Boy devia viverem um presente encantado, no limbo do acidente, da circunstância particular, no isolamento do objeto e o momento sem explicação nem significações que pudesse chegar a submetê-lo a uma regra e ao submetê-lo, projetá-lo a esse vazio infinito e sem resposta que Boy devia ignorar. Os monstros eram todos exceções. Nenhum pertencia a estirpes nem tipos. O papel de Berta, justamente — que frequentemente se instalava no *boudoir* da Imperatriz para se queixar de quanto era cansativo seu trabalho — era arrastar suas extremidades inferiores pelos corredores de Boy, ou reclinar-se em um banco, ou enroscar-se em um degrau, acariciando junto a seus peitos nus um gato de cabeça hipertrofiada, Berta, Berta, presente desde o começo ante os olhos do menino em seu papel de ilustração do inexplicável, do excepcional, do gratuito.

Apesar de suas regalias, Humberto esperava aflito a reunião

anual com Dom Jerónimo: no final das contas, a plenitude de uma experiência só se pode compartilhar com um par, com alguém que estivesse também fora do jogo por não ser monstro. E além disso, todas as lembranças e os afetos e os longos anos juntos... Como estava Boy? É bom especialista e dedicado o doutor Azula, como os agentes asseguraram? As operações terminaram? Boy começava a andar, a falar...? Não, isso não, demoraria um pouco mais que um menino comum, embora depois de uma série de testes o doutor Azula tenha assegurado que a inteligência de Boy se desenvolveria prodigiosa apesar do retardo inicial devido a tantas operações.

— Era de se esperar.

— Claro.

E ele, Humberto? Feliz? Ante a atenção de Dom Jerónimo por sua pessoa, Humberto sentia que se reencontrava com sua outra parte, e que só assim, uma vez por ano, podia ser um homem completo.

— Um charuto?

— Não, obrigado, Dom Jerónimo, não...

— Um conhaque?

— Não me atrevo...

— Que pena...

Então o doutor Azula não tinha sido capaz de curar sua acidez, suas dores, as câibras no estômago? Que pena... paciência. Tinha começado a escrever a crônica da Rinconada? Não... não, bem escrevê-la ainda não, as câibras, a acidez rebelde, cada vez que começava a desenvolver sobre o papel alguma de suas ocorrências, as dores o derrubavam durante dias seguidos... claro que a estrutura da obra, os personagens, as situações, algum detalhe cômico, alguma anedota... todo esse mundo fervendo dentro de sua cabeça até tal extremo que expulsava tudo o mais: grande parte do tempo, confessou a Dom Jerónimo que não pôde deixar de admirar o artista, não sabia qual era a realidade, a de dentro ou a de fora, se tinha inventado o que pensava ou o que pensava tinha inventado o que seus olhos viam. Era um mundo fechado, sufocante, como viver dentro de um saco, tentando rasgar a juta com os dentes para procurar uma saída ou conseguir uma entrada de ar e ver se era fora ou dentro ou em outra parte que estava seu destino, beber um pouco de ar fresco não confinado por suas obsessões, onde começava a ser ele e deixava de ser os outros... por isso a dor, a mordida necessária para sair, ou para deixar entrar o ar.

— Que pena, Humberto!

— Enfim...

Por que não fazia alguma coisa radical, então? Talvez uma operação, pelas delicadas mãos do doutor Azula em quem Humberto parecia ter tanta confiança. Talvez ele pudesse eliminar esse ponto corrosivo. Não, não, Dom Jerónimo, não é para tanto. Talvez não seja nem isso, nem mesmo uma úlcera, talvez não seja senão outra das coisas que imagino, encerrado como estou...

— Encerrado?

— Sim.

— Na Rinconada?

— Está muito diferente...

— Mas muito mais bonita.

— Não sei, há coisas que me fazem falta... pátios velhos por onde eu gostava de passear, corredores que não encontro...

IMPERATRIZ MANDOU Basilio correndo até Humberto para lhe dizer que era urgente que fosse tomar chá com ela essa tarde. Esperava-o em seu *boudoir*. Recebeu-o sentada atrás de uma minúscula mesa de marchetaria, construída no século XVIII para a filha de algum marquês. Quando Humberto entrou, levantou-se cordialmente para lhe dar boas-vindas. Tinha o coque enfeitado com uma orquídea artificial, as sobrancelhas tiradas e na maquilagem azulada das pálpebras reluziam pontinhos de prata como as do manequim da capa da última *Vogue*, que Humberto afastou na mesa diante do sofá para que Basilio colocasse a bandeja com o cheiroso chá Lapsang-Souchong.

— Ou prefere *Jasmine*?

— Não, não, obrigado. Este é melhor para o meu estômago.

— É Twining, maravilhoso.

— Sim, maravilhoso.

Imperatriz sentou-se frente a Humberto. Serviu duas xícaras de chá e depois de cruzar as perninhas rechonchudas, pegou um Malboro King Size entre os dedos enrugados como parafusos, esperando que seu interlocutor o acendesse. Ao se inclinar para fazê-lo, notou que a testa da Imperatriz, mais enrugada que de costume, distendeu-se ao exalar a primeira baforada e sorrir de modo que seus caninos se insinuaram babentos sob as margens de carne nos extremos da boca.

— O que aconteceu, Imperatriz?

— Nada. Não posso convidá-lo a uma xícara de chá sem que seja por alguma razão?

— Mas Basilio disse que era urgente.

— Basilio anda sempre com pressa. Para ter tempo de ir jogar futebol com seus garotos.

Humberto insistiu em não acreditar que o tinha convocado assim, intempestivamente em meio a uma tarde calorenta, pelo simples prazer de estarem juntos... que ele, claro, reconhecia não só como um prazer mas também como um privilégio. Só quando Basilio abandonou o *boudoir*, Imperatriz se permitiu, outra vez, enrugar a testa e confessar que sim, que tinha um problema, que como ninguém precisava saber senão eles, mandara o fiel Basilio em vez de chamá-lo pelo telefone. A telefonista, de orelhas enormes como asas de morcego, era uma intrusa, e isto...

— O que aconteceu, Imperatriz?

— Boy está com diarreia.

— É preciso consultar o doutor Azula imediatamente, Imperatriz, isto é grave, vamos chamá-lo, não pode ser, vamos ver seu telefone...

— Espere...

O coração da Imperatriz bateu forte com o fato extraordinário que devia contar-lhe, ou talvez fosse só com a intimidade de estar tão próxima dele no *boudoir* rosa. O doutor Azula que esperasse. Eles tinham que falar primeiro. Era evidente que o doutor Azula, durante o último ano, quando deixaram de ser necessárias as operações consecutivas e a diária vigilância, perdera bastante o interesse por Boy. A verdade é que sua missão estava terminada. Por que não voltava às investigações de seu instituto em Bilbao, o que, repetia até o cansaço, tanto desejava? É verdade que no ano passado teve um caso amoroso com uma das tantas *mulher mais gorda do mundo* que pululavam na Rinconada.

— E agora, depois que brigou com ela, anda com todas, Humberto, até com a Berta que, você sabe, não sente nada daqui para baixo, ele se meteu com ela quando a coitada se embebedou na festança que demos no aniversário do irmão Mateus...

— Eu não fui a essa festa...

— Não, você não vai a festas. Vou começar a fazer o mesmo. Você e eu temos que conservar a cabeça fresca, mesmo que todos os outros a percam.

Você e eu: Imperatriz estabelecendo a terrível simetria. Vinha insinuando-a há tempos, com o peito arquejante quando se aproximava dele, com a gentileza de oferecer coisinhas de seu agrado, chá Lapsang-Souchong, por exemplo, que era bastante difícil conseguir, dando-lhe no aniversário o quarteto 15 pelo quarteto Lehner, na versão que ele preferia. Esta era, porém, a primeira vez que anunciava o casal assim: você e eu.

— Em todo caso, o doutor Azula, em uma emergência assim...

— Não, Humberto...

Ele teve a certeza de que Imperatriz ajeitava as coisas para excluir todos os outros. No princípio houve igualdade entre os monstros, celebrando seus banquetes, suas festas de máscaras, molhando-se na piscina, empreendendo bucólicos piqueniques com a participação de todos. Logo, a elite criada por Imperatriz, mediante convites para tomar chá, foi se restringindo até excluir Berta e Melchor, com os quais quase não falava. No outro dia, não sei o que disse do irmão Mateus... agora o doutor Azula. E depois? Também o eliminaria?

— Temos que nos desfazer do doutor Azula, Humberto. Embora Boy vá fazer quatro anos e só agora começa a falar, está se desenvolvendo como se previu e seu desenvolvimento se acelera cada dia mais. E agora, esse probleminha da diarreia. Culpa da negligência do doutor Azula, que certamente não se preocupa mais em ajustar a fórmula de sua papinha às necessidades do crescimento de Boy.

Para eliminar o sabor e a falta de sabor na comida de Boy, desde a primeira infância ele foi alimentado com papinhas que o sustentavam como era preciso, proteínas, ferro, cálcio, vitaminas, tudo se disfarçava com o sabor monótono da baunilha. Boy jamais teve um transtorno digestivo. E agora, de repente, cocô verde...

— Perguntou a Miss Dolly?

— Estou certa de que ela, melhor que o doutor Azula, saberá dar ao menino o necessário para que se cure. Está muito bem depois de seu parto. Mais trabalhadora que nunca. Se todas fossem como ela...

— O que foi?

— Menino.

— Não, monstro ou normal...

— Ah, não, normal outra vez, coitada. Também tiveram que se desfazer dele. É o único defeito dela: seus partos, a cada nove meses, terminam em choradeira, porque nenhum dos filhos se

parece com ela nem com Larry. Com o seu tamanho, Miss Dolly poderia, pelo menos, ter a decência de demorar o que demora uma elefanta para ter filhos e não nos sobrecarregar com problemas a cada nove meses.

Imperatriz se calou para deixar que Basilio recolhesse a bandeja do chá. Seu olhar seguiu a saída do Gigante acromegálico de torso ciclópico, pernas curtas, braços de orangotango, mandíbula pendente. Amante de Imperatriz? Por que não? No corpo mínimo de Imperatriz, tudo, menos um erotismo que Humberto supunha desenfreado, carecia de lugar. Imperatriz sorriu maliciosa depois que Basilio fechou a porta.

— Esse é outro probleminha que vamos ter...

— Com Basilio, tão bom?

— Bom demais. Não o viu no parque, treinando com seus amiguinhos adolescentes, que recruta não sei de onde, entre os monstros de segunda e de terceira e até de quarta e quinta categoria? Não o viu na piscina, ensinando o *crawl* a esse corcundinha loiro que tem cara de boneco de louça?

— Imperatriz, por Deus!

— Ai, Humberto! Tudo isto tem um ambientinho tão suspeitosamente grego. Claro que no fundo eu sou uma *femme à tapettes*.

— Bem, Imperatriz. Agora temos coisas mais importantes com que nos preocupar.

— Do cocô verde, por exemplo?

Humberto riu. Imperatriz, ajustando a orquídea com a mão carregada de anéis, mostrou a Humberto uma axila fresca, recém-depilada.

O SOL DO verão era tão escaldante que a capelina de tule malva não impedia que o ventre, os seios, as pernas, os ombros de Imperatriz ardessem. Embora, em princípio, se interessasse pelo que Huxley dizia desse quarteto de Beethoven, era impossível concentrar-se na conversa, e tinha que roer as unhas para resistir ao impulso enlouquecedor de coçar o pelo púbico. Uma pena esta regra que os impedia de entrar vestidos nos pátios ou aposentos de Boy: ela não ficava bem nua, enquanto que com roupa tirava bom partido. A capelina era uma concessão: tão leve, tão ampla. Sentia-se como um cogumelo caminhando junto a Humberto, à volta da

fonte de Diana Caçadora, incapaz de acrescentar qualquer coisa ao diálogo, porque a única coisa em que podia pensar, a única coisa que queria no mundo, era coçar como uma louca o pelo púbico. E isso, é claro, não podia fazer na presença de Humberto, sobretudo se falava dos últimos quartetos de Beethoven.

Finalmente, atrás de Diana com sua matilha, junto ao muro coberto de hera que fechava o último pátio, corria um pouco de ar fresco. Larry, em seu cargo de jardineiro-chefe, por sorte, descuidara-se de podar a hera que, neste lugar, caía como uma cascata, oferecendo a ela a possibilidade de dissimular: se o passeio continuava lento e conseguia fazer com que Humberto assobiasse o adágio — porque quando o fazia fechava os olhos — então aproveitava para se coçar um pouquinho.

Humberto emudeceu de repente. Alguém, escondido em algo que devia ser como uma gruta atrás da cascata de hera, estava falando:

— Pa... pá...

— Ma... mama...

— Mama.

O balbuceio de uma criança e o ruído de um beijo. Em seguida o silêncio. Humberto e Imperatriz entreabriram a hera: o braço longuíssimo de Larry rodeava, quanto podia, o volume de Miss Dolly. Com a mão, oferecia a teta rebalsante de sua esposa a Boy, que chupava, e pelo rosto do menino-gárgula, cujas cicatrizes perdiam a cor arroxeadas, escorria o leite da gigante. Imperatriz berrou:

— O cocô verde!

— Imperatriz!

— Você vai matá-lo, Miss Dolly!

E Humberto:

— Quem lhe ensinou isto de papai e mamãe?

Miss Dolly apertou o menino contra a nudez de suas tetas descomunais e saiu do esconderijo seguida por Larry. Os dois pareciam estar a ponto de chorar quando Humberto e Imperatriz os enfrentaram à borda da fonte, dizendo uníssonos:

— Entreguem-nos o menino.

E Humberto:

— Os dois estão despedidos. É incrível que durante todos estes anos, com a confiança que temos depositado em vocês, especialmente em você, Miss Dolly, tenham estado nos enganando.

Não compreenderam nem a primeira letra do nosso projeto. Não merecem ser monstros nem de segunda, nem de terceira, brincando de ter um bebê monstrinho igual a vocês, e nada menos que com o filho de Dom Jerónimo de Azcoitía. Vão embora esta noite mesmo.

A gigante secou as lágrimas. Olhou-o de frente e disse:

— Ensinamos muita coisa a ele.

— O quê?

Larry, apontando Humberto com o dedo, perguntou ao menino:

— Vamos ver, filhinho, diga como é Dom Humberto?

A boca remendada falou:

— Feio... feio...

E começou a chorar aos gritos, escondendo a cara nos peitos de Miss Dolly, estendendo os braços a Larry para que o protegesse, enquanto Humberto não pôde resistir ao impulso de olhar sua imagem na água da fonte, feio, mesquinho, nem monstruoso nem belo, insignificante, naturalmente que tudo é questão de proporções, de harmonia e eu estou criando para Boy um mundo que se harmonize com ele, mas eu não me harmonizo, não sou monstro, neste instante daria toda minha vida para ser feio, feio, feio, repetia Boy nos braços de Miss Dolly, feio, feio, feio, feio, e Larry e Miss Dolly e Imperatriz estavam rindo às gargalhadas: os três juntos. Humberto arrancou brutalmente o menino dos braços de sua babá. Os três monstros deixaram de rir. O menino começou a berrar nos braços de Humberto, que o devolveu à Miss Dolly:

— Faça-o calar-se.

Imperatriz tinha aproveitado a confusão para coçar o púbis gostosamente, sem que isto aliviasse em nada. Além disso, estava muito furiosa com Miss Dolly, que se sentou à borda da fonte de Diana balançando o menino em seus braços. Limpou-lhe o ranho e a baba, beijando-o, acariciando-o para que se calasse. Larry, de pé como uma garça, inclinou-se para ajudar a acalmar o choro. Miss Dolly começou a cantarolar:

*Senhora Santa Ana
porque chora o menino.
Por uma maçã
que ele perdeu.*

E como continuasse chorando, Larry cantou ainda mais ternamente, de sua altura, pousando uma mão sobre o ombro de

Miss Dolly:

*A Virgem lavava
São José estendia
e o menino chorava
pelo frio que fazia.*

Da sombra de Diana, na qual Imperatriz se havia refugiado para coçar-se, abanando-se com sua capelina, murmurou que já chegava de baboseiras, que o entregassem a ela, que dela não teria medo, e por que haveria de ter, se afinal de contas, até parentes eram... e precedendo o cortejo, nua, irritada, com a capelina de tule malva e o menino nos braços, seguida por Humberto, Miss Dolly e Larry, circundaram a fonte até alcançar os corredores do outro pátio. Imperatriz lhes disse:

— Vão preparar suas coisas para irem embora esta noite.

Humberto os deteve:

— Não, não saiam deste pátio. Se saírem, vão contar o que houve a todo o mundo e como são uns mentirosos, haverá um caos. Chamarei Melchor para que esteja com o carro pronto em meia hora.

— Mas Humberto, não podem sair nus. E depois, têm suas coisinhas, que foram comprando com os salários de quatro anos de trabalho.

— Não merecem nada. Que saiam com uma mão na frente e outra atrás, tal como chegaram. Você, Imperatriz, vá buscar uma calça e um vestido, nada mais. Daqui deste pátio só sairão para a estação. E não falem com ninguém. Ficarei cuidando de Boy.

Imperatriz sorriu docemente:

— Mas pode acordar, Humberto, e tem tanto medo de você, porque você é... diferente.

O anzol. O gancho sangrento. Penetrou-o, pescou-o, deixando-o agarrado a uma anã monstruosa que lhe dizia que o menino teve medo de sua normal insignificância, testemunha de sua vergonha, e as testemunhas são as pessoas que detêm a força, ela também se rira dele com os outros dois monstros junto à fonte, ela, embalando o menino em seus bracinhos rechonchudos, embalando-o funcionalmente como obrigam as regras do jogo que Dom Jerónimo e eu, sim, eu mesmo inventei, as regras deste jogo que me apanhou com um gancho que está me fazendo sangrar.

TÃO LOGO PARTIU o carro levando Miss Dolly e o marido, Humberto entendeu que era seu dever, ante Dom Jerónimo e a si próprio, tomar em suas mãos o controle da situação. Convocaria nessa mesma tarde todos os monstros de primeira classe para uma reunião no terraço de sua torre. Interrogando-os minuciosamente, um por um, chegaria ao fundo de qualquer irregularidade que podia haver escapado a seus olhos, uma vez que só vigiava os acontecimentos a distância.

Apresentaria como exemplo de irregularidade criminosa, sim, criminosa, já que o assunto do cocô verde pôs em perigo a vida de Boy, o comportamento de Miss Dolly e Larry, descoberto essa tarde junto à fonte de Diana Caçadora.

Esta convocação tinha também outro propósito: sublinhar, deixar bem claro, de uma vez para sempre, sua própria superioridade pelo fato de ser normal. Eles dependiam dele. Não ele deles. Ele era o carcereiro. Não eles, espreitantes e sussurrantes. Ele os havia inventado, não eles a ele. A Rinconada, os pátios de Boy, a organização, a dieta, o doutor Azula, a estrutura da casa, a demolição das dependências onde era tão fácil perder-se, tudo, tudo, tinha sido ideia sua. Eles mesmos, e seus afazeres, eram invenção sua. Que não se rebelassem. Logo veriam o que podia lhes acontecer: o mesmo que a Larry e Miss Dolly, serem expulsos deste universo cômodo, protegido por monstros de segunda, terceira, quarta e quinta categoria, que serviam aos de categoria superior para substituí-los, algum dia, capas sucessivas que envolviam esse núcleo e essa elite que eram eles. No momento em que levantava o fone para pedir à telefonista que tratasse de convocá-los para estar, dentro de 30 minutos, no seu terraço, ouviu de longe, chegando a seus ouvidos do outro extremo do parque, onde se levantavam os pavilhões dos monstros, o rumor da música e de... sim, sim, eram gargalhadas. Não tirou o fone.

— Que diabo...!

Pôs dois cubos de gelo em um copo. Encheu-o até a metade de uísque puro. Com o copo na mão, foi à balaustrada do terraço.

Escutou. Sim, um pouco de música... e muitas gargalhadas, como se estivessem comemorando um acontecimento festivo. Cheirou o uísque. Como lhe fazia mal! Mas que diabo, as coisas, hoje, não estavam para andar com tantos cuidados! Tinha que aplacar seus, nervos de alguma maneira. Tomou um gole longo que, depois de estremecê-lo, cauterizou-o. Deixou o copo sobre a balaustrada e, com ambas as mãos, apoiou-se nela, atento a esses labirínticos rumores do entardecer que o encerravam, os grilos, as rãs de verão, as vozes, os risos filtrados pelos olmos e as castanheiras, esforçando-se por decifrar nessas vozes, talvez, seu nome enforcado por uma gargalhada na frase que desse a estocada necessária para liquidá-lo.

Tinha sido um ingênuo ao permitir que Melchor dirigisse o carro que levou Miss Dolly e Larry à estação. O trajeto era curto. Mas esses dez minutos, certamente, bastaram para que o casal contasse a Melchor a outra versão do episódio da fonte, a qual ele, Humberto Peñaloza, um ser normal, comum e corriqueiro, a quem, na cidade, ninguém voltaria a cabeça, tinha sido objeto da zombaria de três monstros. Que seu aspecto inócuo causou terror a um menino também monstruoso. O tom das gargalhadas, tal como o canto das rãs, foi aumentando à medida que escurecia: bocas de ofídio, pele de réptil, olhos de coruja, braços de cachorro, de inseto, vozes de animal, de cachorra angustiada, rindo-se dele. Era evidente que, de algum modo, a notícia de que Miss Dolly, Larry e Imperatriz zombaram dele e que ele, aterrorizado com o escárnio dos monstros, olhara-se no espelho de água, espalhava-se pela Rinconada. Os risos vinham de todas as partes. Eram, além disso, não apenas risos mas cochichos murmurações, monstros que corriam de porta em porta embalados pela notícia, gargalhadas afogadas explodindo, a central telefônica mais ocupada que nunca, a telefonista comentando, intervindo para corrigir versões dos que falavam para marcar encontros segundo suas categorias ou amizades, para zombar dele, esmiuçar a notícia, divertir-se com ela, destruir definitivamente sua autoridade, o ruído dos telefonemas misturado com as gargalhadas e o canto das rãs, ouviu claro, claríssimo, o gaguejar de Melchor contando algo... mas não: não era a gagueira de Melchor, não, era o pique e repique da bola na cancha de tênis onde Melchor e Melisa concluíam uma partida antes que a luz se fosse. Não. Os monstros não estavam reunidos falando dele. Fixou os olhos confusos: Melisa, definitivamente branca no seu uniforme de tênis, deitara-se em uma rede para fazer crochê. Berta,

junto a ela, contava pela enésima vez o trágico destino de sua vida sentimental. José Muria, o corcundinha com cara de boneco de louça, aparecia e desaparecia entre os arbustos, exercitando-se em seu *sprint* diário. No apartamento de Imperatriz, defronte à torre de Humberto, acenderam-se as luzes. A anã vestida com quem sabe que insólita *robe d'intérieur*, ia sentar-se, como todas as tardes, para fazer as contas.

Ante seus olhos, a realidade mostrava as provas de que não se riam dele. A vida da Rinconada transcorria como sempre. Era verdade que Miss Dolly e Larry desapareceram, mas que importância tinha isso. Para começar o tal Larry era um inútil. E entre os monstros que, pouco a pouco, foram se chegando à Rinconada, havia outra gigante monstrenga, tão grande ou ainda maior que Miss Dolly, que tinha a vantagem de ser estéril e que, por ser relativamente nova no ambiente, empenhava-se em fazer *social climbing*. Não se preocupasse, Imperatriz o consolou, a gordura gigantesca é a forma mais vulgar da monstruosidade. Como o menino era ainda tão pequeno, não custaria nada substituir uma gigante por outra sem que percebesse. As diferenças entre uma *mulher mais gorda do mundo* e outra são quase nulas, todinhas iguais, como os negros ou os chineses.

Humberto suspirou. Ia tomar outro gole de uísque mas não o fez porque, de seu estômago ardente, borbotões de amargura e acidez chegaram à sua garganta. Jogou o resto do uísque no jardim e entrou na biblioteca: o melhor de tudo para esquecer as preocupações era o trabalho. Como Imperatriz, que para esquecer seu amor por ele mergulhava, todas as tardes, nas obsessivas contas dos gastos da Rinconada, Humberto sentou-se frente à máquina. Arrumou a luz. Sabia exatamente o que escreveria. Tinha toda a estrutura planejada até o último detalhe, todas as personagens desenvolvidas, todas as situações, todos os fatos compostos, inclusive o parágrafo inicial, com o último ponto, cantando-lhe na mente, o parágrafo trampolim, de cuja altura despencaria a catarata de todas as coisas que tinha encerradas dentro de si, há tanto tempo prontas para saltar.

Quando Dom Jerónimo de Azcoitia abriu, finalmente, as cortinas do berço para contemplar o rebento tão esperado, quis matá-lo ali mesmo: esse repugnante corpo sarmentoso retorcendo-se sobre sua corcova, esse rosto aberto num sulco brutal onde lábios, palato e nariz despiam a obscenidade de ossos e tecidos numa incoerência

de traços avermelhados... era a confusão, a desordem, uma forma diferente mas pior da morte. Mas Jerónimo não matou o filho. O espanto de se ver pai desta versão do caos interpôs uns segundos de terror paralisante entre seu primeiro impulso e a ação, e não o matou. Isso teria sido ceder, incorporar-se aos caos, ser vítima dele. Muito bem: esta brincadeira brutal significa, então, que o abandonavam para sempre as potências tradicionais das que ele e seus antepassados receberam tantas mercês em troca de resguardar Sua ordem sobre as coisas da Terra...

Não. Terra com t minúsculo. Afinal. Tudo na cabeça, tudo. Uma folha de original, pesada, espessa, magnífica: assim dava gosto trabalhar. E este papel carbono de um azul muito bonito. E o fru-fru delicioso das folhas de cópia, tão suave, vozes femininas murmurando, cochichando... eram vozes femininas. E masculinas. Mas não murmuravam, riam. A gargalhadas. Estúpido! Deixara a porta do terraço aberta e a brisa da tarde, com a fresca tão gostosa, trazia-lhe os murmúrios dos personagens da Rinconada. Levantou-se para fechar.

Saiu ao terraço em vez de fechar a porta. Tinha escurecido. Quanto tempo esteve sentado frente à Olivetti sem escrever nada? Se não tivesse tomado aquele maldito gole de uísque seria muito mais fácil concentrar-se! As câibras do estômago, com certeza, não o deixariam dormir esta noite, e amanhã amanheceria impossibilitado de escrever uma linha. Apoiando-se à balaustrada, viu que haviam corrido as cortinas do apartamento de Imperatriz. Basílio ia e vinha, de jaqueta e luvas brancas, levando e trazendo bandejas entre os presentes... especialidades que oferecia aos monstros mas que negava a ele. O doutor Azula, claro... Melisa... Rosario com suas muletas... Berta... Melchor... o irmão Mateus estreando uma batina *wash-and-wear* para o verão que se iniciava delicioso, todos os monstros de primeira classe conversando, comentando, rindo-se às gargalhadas dele, que não fora convidado à festa porque jamais ia às festas dos monstros, conservando-se afastado, o único ser normal em toda a Rinconada.

Provavelmente sempre se riam dele. Esses risos eram o primeiro círculo que o encerrava. Porque, com os anos, foram se acumulando colônias de gigantes e corcundas e fenômenos de cabeças hipertróficas e pés e mãos espalmadas, círculos e círculos concêntricos ao redor do primeiro círculo, um círculo prisioneiro dos sucessivos, ele, Humberto, no centro de todos esses risos de

todos os monstros de todos os círculos, ele no centro porque ele, não Boy, era o prisioneiro, a ele, não a Boy, Dom Jerónimo quisera encerrar, rindo-se dele todos, do prisioneiro afogado no cárcere de seus risos, nas janelas vedadas, os vidros pintados cor de chocolate até a altura de uma pessoa para que ninguém olhasse para fora, as rótulas, os batentes, as portas condenadas, os corredores em que uma pessoa se perde, os pátios que não reconhece, os risos dos monstros que apascentam rebanhos no mato, dos acromegálicos que semeiam o trigo, dos corcundas que pescam na lagoa e caçam nos bosques, dos anões que marcam o gado esperando que os monstros dos círculos interiores desapareçam ou morram para poder ascender, envolto em capas sucessivas de monstros menos importantes, o mundo é este, nosso mundo que ri, esta elite, estes prisioneiros eleitos entre os que nos invejam e que só invejamos a ele, a Dom Humberto, que não inveja ninguém, afogado porque não pode invejar ninguém, embora se vocês soubessem que sim, sim, invejo, invejo-o, ao que me inventou e me pôs aqui no centro desta inveja que me afoga. Como era possível que Imperatriz fosse tão ingrata para dar uma festa nessa mesma tarde em que seu riso e o do casal despedido soava ainda, rompendo-lhe os ouvidos, penetrando-os? Imperatriz só se interessava por festas. Todos os anos dava um grande baile de máscaras, sempre sobre um tema: “O Pagode Chinês”, “Versalhes”, “Nos Tempos de Nero”... recordava o ano anterior: “A Corte dos Milagres”, todos os monstros disfarçados de mendigos e de aleijados e ladrões e freiras e velhas desdentadas e bruxas, a própria casa de Imperatriz, arrumada para este fim, se transformou num labirinto de galerias irrespiráveis, de muros meio destruídos, de pátios abandonados... foi muito divertido, dizem, ele viu os preparativos, deu inclusive alguns conselhos para a decoração: como simular manchas de umidade nas paredes, como fingir, mediante uma porção de traços, perspectivas de corredores tenebrosos em um reboco de parede. O que teria tramado o casal de monstros durante essa meia hora em que cometeu a burrice de deixá-los no pátio enquanto procurava nos closets uma camisa e uma calça? Imperatriz era capaz de envenenar muito em meia hora... e que ela tramava coisas não tinha dúvida: por exemplo, as sutilezas de suas intrigas para lançar Berta nos braços do doutor Azula, que a abandonou depois da conhecida noite de prazer, e ela, depois de ter alimentado tantas ilusões, teve que voltar a Melchor que, por sorte, recebeu-a com gosto, *Intermezzo* de Ingrid Bergman e

Leslie Howard, todos a viram na sala de projeções privadas da Berta, porque, no final das contas, Melchor não era senão um pobre mecânico, enquanto o papel de Berta na Rinconada era decorativo, nobre. Felizmente, depois desse episódio, Melchor irritou-se com Imperatriz. Quem sabe se essa raiva pela anã não fez com que ele deformasse o que o casal despedido lhe contou sobre o incidente da tarde, que o deixou tão mal, para, em troca, colocar Imperatriz, sua inimiga, no ridículo. Mas justamente nesse momento de esperança, Humberto viu enquadrada na luz da janela a silhueta de Melchor com uma taça de champanha, batendo-a na taça de champanha que Imperatriz levantava até a sua. Não, Melchor lhe contara tudo tal como foi. Certamente os dois estavam difundindo uma versão aumentada, transformada em escárnio, em piada, do incidente da fonte, que a estas horas estaria correndo de boca em boca, de um extremo a outro da Rinconada. Eu o ouvi: já não coaxam as rãs ao entardecer, é meu nome, minha desventura, repetida por bocas zombadoras, todos aliados, todos rindo e eu não consigo acabar com esses risos ensurdecedores mesmo que me ponha à frente da máquina de escrever para continuar escrevendo, não, não continuar escrevendo porque não comecei a escrever nada ainda, mas que todos tomem nota: uma destas tardes vou começar a escrever para me libertar desta asfixia de gargalhadas com que Dom Jerónimo me aprisiona.

Agora, o que posso fazer é algo para remediar minha dor de estômago. Esta punhalada no ventre. Do lado esquerdo. Não, punhalada não, mordida permanente, dentes aguçados que não soltam, anzol que me engancha, sim, esses caninos sanguíneos que conheço, sei muito bem de quem são não vão se soltar até arrancar de mim esse pedacinho mínimo que, com sua dor, me alveja. O uísque. Maldito uísque. Por que o tomei? Não gosto... no fundo, sempre preferi o vinho tinto... claro que com os mesmos resultados. Estendo-me na cama. Minha obra inteira vai explodir dentro de meu corpo, cada fragmento de minha anatomia recuperará vida própria, alheia à minha, Humberto já não existirá, não existirão senão estes monstros, o tirano que me encerrou na Rinconada para que o invente, a cor de mel de Inés, a morte da Brígida, a gravidez histérica da Iris Mateluna, a beata que jamais chegou a ser beata, o pai de Humberto Peñaloza apontando para Dom Jerónimo vestido para ir ao Clube Hípico, e sua mão benigna, bondosa, Madre Benita, que não solta nem soltará a minha e sua atenção a minha palavra

de mudo e seus terços, esta Casa é a Rinconada de antes, de agora, de depois, a evasão, o crime, tudo vivo em minha cabeça, o prisma da Peta Ponce refletindo e confundindo tudo e criando planos simultâneos e contraditórios, tudo que jamais chegará ao papel porque sempre ouço as vozes e os risos envolvendo-me e me amarrando, olho a luz nas janelas de Imperatriz, Basilio levando e trazendo bandejas, talvez os monstros se disponham a dançar, minha dor, aqui, aqui, a mordida dos caninos sanguínários que não soltam sua minúscula presa, o anzol de Imperatriz me penetrando. Levanto-me para chamar o doutor Azula por telefone. Onde posso encontrá-lo? É urgente. Diz a telefonista: no apartamento da senhorita Imperatriz.

— Não te serve?

— Não está vendo que não?

— Você engordou na Rinconada.

— Não é verdade. Lavei o biquíni e ele encolheu.

— Como não engordou, Miss Dolly, depois de tudo o que comíamos lá!

— Como você, não? Bem, engordei. Melhor. Assim será mais fácil encontrar trabalho. Claro que vou ter que aprender canções e danças da moda, mudam tanto, embora, claro, fiquem os clássicos, como *Babalú*, que nunca passa de moda. Você podia se preocupar com isso, em vez de ficar choramingando pelo Boy, desse jeito vou ter que sustentá-la, nos circos de hoje não têm tanto interesse, como antes, pela *mulher mais gorda do mundo*. Existem muitas gordas agora, dizem que por causa dessa política nova, comem muito e eu mesmo não posso dizer que estou mal...

— Você pensa que é a Tiny Griffith!

— Tomara! Talvez nos melhores dias da Rinconada. Mas tenho medo, agora que nos mandam embora de todas as pensões, porque não pagamos, vou emagrecer.

Sentada à beira de sua cama, de óculos, Miss Dolly prendia umas lantejoulas que se desprenderam do sutiã.

— Vou ter que mudar de lugar umas lantejoulas, senão vai faltar. A culpa é de Imperatriz, que não defende a gente. Muito ela prometeu naqueles minutos em que Dom Humberto se demorou procurando a nossa roupa; prometeu que a gente voltava quando se desfizesse de Dom Humberto, que faltava pouco, porque ele estava

muito apaixonado por ela, e quando a pedisse em casamento, toda a Rinconada ficaria em suas mãos, então, mandaria buscar a gente...

— Como estará o menino?

— Eu sentiria muitíssimo perder o casamento de Dom Humberto com Imperatriz. Ela me mostrou a roupa que já preparou. Imagine só a festança!

Bocejaram os dois.

— Nos deitamos?

— Temos que esperá-la.

— Que horas são?

— Onze.

— Deve estar para chegar.

Esperaram, remexendo no quartinho mal empapelado da pensão, ouvindo os prantos do bebê do quarto contíguo, até às onze e meia. Alguém bateu na porta.

— É ela. Abra.

Miss Dolly vestiu o quimono para deixar entrar uma velha deformada por cachos de verrugas que lhe transformavam as feições, um monstro repugnante de mãos ásperas, boca incerta, olhos apertados por polipos escamosos. Larry diminuiu a luz. Miss Dolly fê-la sentar-se na única cadeira. Eles se sentaram na cama, para perguntar-lhe:

— Bem. O que disse Dom Jerónimo?

A anciã tossiu.

— Preferi não ir vê-lo. Pensei noutra coisa que, talvez, seria muito melhor.

— O quê?

— Eu ir à Rinconada.

— Mas o que a gente ganha com isso? Há cem, mil monstros, até irmãos siameses dizem, embora nunca os tenha visto, esperando contratos para alguma empreitada. Não acredito que deem atenção à senhora, afinal de contas é só uma enferma...

— Pode ser. Mas eu conheço Dom Humberto muito bem e conheço o seu fraco. Não vou nem precisar ficar perto das casas. Posso me esconder em qualquer parte e deixar correr os rumores... o caso da fonte...

— E isso, em que nos ajudará? Isso, a estas horas, todo mundo deve saber, nós contamos a Melchor.

— Através de gente que tenho, na Rinconada, fiquei sabendo que Dom Humberto está apaixonado pela Imperatriz, e ela por Dom

Humberto. Se chegam a se casar, os monstros não terão ninguém que os dirija contra esse casal sinistro, porque estão apaixonados, sei que fazem amor todas as noites. Ele é insaciável. Precisamos desmanchar esse casal. Ela deve brigar com Dom Humberto. Mas Imperatriz é minha inimiga, Peta! Ouço sua gargalhada todas as noites da minha torre, ela me odeia, que necessidade há que você venha à Rinconada para favorecer um ódio que já existe, é você que quer se apoderar de mim, não venha, você não é monstro, darei ordens para que não a deixem entrar e se entrar, que a matem, quem vai dar falta de uma velha vagabunda, doente, sem identidade, que morre no campo, ninguém, que a matem antes que chegue aqui, nada disto existe mas não posso pensar em outra coisa que não estes monstros que se riem de mim para me escravizar por ordem de Dom Jerónimo e roubar-me tudo, Madre Benita, isso é o que querem, estou fechado dentro de suas intrigas e maquinações que eu tramo para afogar-me como se quisesse me afogar e não quero que a lama me engula pois não me deixa pensar em outras coisas, dilacera-me a saudade de outros tempos quando tinha capacidade de pensar em outras coisas, olhar para fora, pela janela, luz, vento, rostos, folhas, livros, conversas, tudo tão remoto, antes da Rinconada, antes que a senhora mesma, Madre Benita, existisse aqui junto a minha cama rezando, acariciando minha mão, antes que Jerónimo existisse, aquela tarde de verão quando, procurando um pouco de ar fresco para estudar meus textos de maneira que os confundia, ou ajustava a luz sem que eu pedisse, ou fechava as janelas para que não me perturbasse o ruído da rua, que não me perturbava absolutamente nada. Fugi. Os parques: mas sempre tive medo dos parques. As igrejas eram frescas, mas a luz escassa. O Museu Antropológico, em troca, durante os dias de semana, ficava quase deserto. Um guarda dorminhoco parecia um exemplar imperfeito, que não mereceu ser embalsamado, cabeceando a um canto, antes de se desmanchar definitivamente e ser atirado ao lixo. A galeria do segundo andar forma um grande círculo, por onde se pode caminhar léguas e léguas sem a interrupção de esquinas, memorizando peças: quando distraio os olhos, vejo de cima, pastando na sala do primeiro andar, o esqueleto descomunal do milodonte^[9] reconstituído, que ninguém visita em dias de semana e pouca gente nos feriados. Era a paz, Madre Benita. A segurança. Preparar meus exames para passar do segundo para o terceiro ano de Direito, caminhar ininterruptamente ao redor desse círculo,

obter uma licenciatura, o primeiro degrau, depois o doutorado, como juiz ou tabelião adquiriria um rosto próprio... tudo estava ao alcance de minha mão, desde que continuasse caminhando pelas galerias desse círculo do segundo andar. Apoiadas às paredes da galeria, as vitrinas guardam objetos de barro seco, pedras de toско entalhe, vasos cavados em pedaços de madeira, agulhas de osso e, numa grande vitrina, como um aquário, estão amontoadas, em desordem, nuas, despedaçando-se, em posição fetal, patas para cima, ressecadas, as múmias atacamenhas^[10], que me sorriem detrás do vidro. Detenho-me a olhá-las. Conheço-as. São minhas amigas. No reflexo do vidro dessa vitrina meu rosto cabe perfeitamente no rosto de algumas múmias. Seus sorrisos são meu sorriso que sorri ante a morte porque vou ser tão grande advogado que não necessitarei dos antigos sóis do deserto para conservar minhas feições, seus sorrisos me protegem contra qualquer perigo menos contra o perigo de vê-lo, vestido de cinza muito claro, de pé atrás de mim, observando as múmias atacamenhas sem que seu rosto caiba dentro de nenhum desses sorrisos. Eu o reconheci. Ele me falou. Respondi-lhe. Caminhamos juntos pela galeria que encerra em seu bojo o milodonte do primeiro andar. Eu estudo Direito. Por quê?

Foi então, Madre Benita. Podia ter me salvado, jogando-me no andar térreo e quebrando a cabeça contra o pavimento. Podia ter fugido, podia ter me disfarçado de araucano com as vestes sombrias exibidas em um manequim, que podia substituir, mas não fugi. Não compreendo por que respondi a Dom Jerónimo: o que lhe respondi? Disse-lhe: sou escritor. Como minha memória é excelente pouco estudo me bastava. E nas tardes chuvosas, ia à Biblioteca Nacional para ler, muito Nietzsche, muito Hölderlin, muito Shakespeare muito Goethe, mas também muito Insúa e Vargas Vila e García Sanchiz e Villaspesa e Emilio Carrere, sim, eles, mas também os clássicos, ainda que se observe em meu estilo mais a marca de Insúa que a de Goethe, todos me abriam janelas agora fechadas e asfixiantes, que depois de minha resposta a Dom Jerónimo, naquela maldita tarde de verão, me encerraram nesta casa: disse-lhe sou escritor. Perguntou como me chamava. Fiquei vermelho ao responder:

- Humberto Peñaloza.
- Estarei atento à saída de seu próximo livro.
- Alegro-me que lhe interesse.

- Interessa-me tudo que for seu...
- Obrigado.
- ... como se fosse meu...
- Obrigado, Imperatriz.
- Não tem o que agradecer, Humberto.
- Tantos favores...!
- Como lhe conseguir o chá Lapsang-Souchong!

Ela baixou as pálpebras. Os pontinhos prateados da maquiagem brilharam e ao sorrir, nas preguinhas de seu focinho de bull-dog os caninos tenazes ficaram babados. O corpo da anã já não ficava tão vermelho como no começo do verão: a pele lisa, os peitos pequenos, toda ela inteira tinha uma cor castanho-brilhante, da qual se encarregaram os óleos de Guerlain que, depois da cena da fonte, começou a aplicar. Caminharam um pouco mais, muito lentamente, quase tocando-se. Lá havia um lugar. Lá a encerraria em seus braços, essa anã horripilante, e a possuiria porque a deseja, sim, porque enganar-se, dentro de um minuto faria amor com ela, logo que alcançassem a sombra, porque seu membro se erguera repentinamente ao roçá-la e os olhos baixos da Imperatriz não podiam ter deixado de notá-lo, desejava esse monstro, esse girino com cabeça de cachorro que morde e não solta e arranca o pedaço, agarrá-la em seus braços, penetrá-la com seu sexo, matá-la de prazer ao penetrá-la gritando com seu sexo imenso...

Sentiu a calça molhada. Seu membro diminuiu. Apoiando os cotovelos na mesa, pelos lados da Olivetti, ocultou o rosto nas palmas das mãos. Como fugir? Para onde? Anular-se. Não desejar nem ser desejado por ninguém. A página enfiada na máquina, em branco. Buscaria Imperatriz. Enganá-la para que se entregasse a ele.

— Imperatriz, por favor, perdoe minha pretensão. No final das contas, não valho nada, não sou mais que um boêmio que vaga pelos crepúsculos em busca de um ideal que sempre me escapa, que minhas mãos solitárias jamais tocarão... Imperatriz... case-se comigo...

A cabeça de Humberto desmoronou sobre a máquina de escrever. Seus braços derrubaram a lâmpada da mesa. O corpo foi deslizando na cadeira e ficou como um monte de escombros no chão.

MEUS PÉS PROCURARAM os chinelos. Cobri-me como pude com o

chambre, Imperatriz, Imperatriz, Imperatriz, atravessar o gramado até o apartamento da anã, pelo menos não morrer só, embora quem sabe, seja preferível, mas não, preferível é morrer nos braços de uma anã repulsiva, não abandonado em uma torre silenciosa destinada ao ser perfeito.

Abriram. Obrigado, Madre Benita, a senhora está sempre em todas as partes para conseguir que me abram a porta no momento preciso. Todos nus no *boudoir* da Imperatriz, todos os monstros que me arrastam, Melchor, Basilio, vejo suas deformidades desafiantes como se não tivessem vergonha delas, não finjam que não têm vergonha, vocês estão escondidos aqui na Rinconada porque sabem que ninguém voltará a cabeça para olhá-los, rindo-se, estão refugiados, o círculo de terror os mantém presos, não saem nunca da Rinconada, poderiam sair se quisessem, têm permissão, mas não saem, não podem sair, como eu tenho permissão para sair mas não posso sair apesar de ser normal, estão vendo como sou normal, e como não veriam se estão me estendendo na *chaise-longue* de moiré rosa de Imperatriz... vocês, monstros, têm medo de sair, temos medo de sair, temos medo que nos vejam e, por isso, nos refugiamos aqui, porque o doutor Azula não terá medo que o vejam com todo o corpo coberto de escamas e as mãos de ave de rapina que me tocam, me remexem, me examinam, enquanto Imperatriz tira meu chambre, me deixa de pijama, apalpa-me a testa e vai continuar me apalpando e com esse contato de anã não posso me conter mais, solto-me todo e me cago e minha merda líquida e fétida e negra cai manchando o moiré, o Aubusson, os *petits meubles*, as franjas da cortina, os monstros nus cobrem a cara com lenços brancos, tapam os narizes, fogem, não me suportam, sou muito asqueroso, o doutor Azula opina que devo estar há vários dias perdendo sangue, isto é muito grave, é preciso operar, mas não pode operar porque estou muito fraco, perdi muito sangue, abre minha pálpebra, branca, é necessário o exame de sangue, tirar pressão, tragam meus aparelhos, baixa e baixa e baixa e baixa a pressão do sangue, os monstros tapam os narizes enjoados por minha causa, mas a curiosidade os mantém próximos, cobrem a cara com lenços porque continuo me cagando, transfusões de sangue diz Azula, não posso temer nada nas mãos do doutor Azula. Quem quer doar sangue para Dom Humberto, eu, eu, eu, eu, todos querem doar seu sangue monstruoso como se desejassem desfazer-se dele, vestiram-se de branco, disfarçados de enfermeiros com aventais e máscaras que

não ocultam suas monstruosidades, você é Melisa, reconheça-a pelos óculos escuros, você Basilio, como confundir você, e você Imperatriz e você Azula e você Mateus e até a telefonista de orelhas de asas de morcego tinha abandonado o serviço para se vestir também de branco e presenciar o que tenha que presenciar, membros de uma ordem misteriosa, monges de dominós brancos, para um baile a fantasia, em que a máscara não é obrigatória, porque cada um tem a própria, e os monstros ataviados com dominós brancos e máscaras fantásticas manejam termômetros, sondas, injeções, lavagens e raios X, do alto, um frasco de soro vai se esvaziando lentamente dentro de mim. Uma bolsa vermelha me enche a veia do outro braço com sangue de monstro e sinto como o poderoso sangue do Basilio vai escorrendo dentro de mim e meus braços crescem e avulta minha mandíbula, estão me monstrificando, o sangue da Berta me inutiliza as pernas, que agora só poderei arrastar desajeitadamente como o rabo de um lagarto, e com suas monstruosidades específicas e individuais anuladas pelos dominós brancos não distingo mais quem é quem, mas não importa porque distingo os sangues que me vão penetrando como se tivessem sabores diferentes que reconheço, o sangue de Imperatriz me encolhe, o de Boy me produz uma corcunda, o do Melchor me enche de pelotes vermelhos, formando uma espécie de mármore ao se misturar na brancura do sangue que a Melisa me deu, perdi minha forma, não tenho limites definidos, sou flutuante, mutante, como se fosse visto através da água em movimento, que me deforma até que eu já não sou eu, sou este vago crepúsculo de consciência povoado de figuras brancas que vêm e me picam a veia, quantos glóbulos vermelhos, quase não têm mais, injetam-me, isto é para que não sinta dor, mas eu não sinto dor, vocês estão inventando esta enfermidade, porque querem me convencer de que estou muito mal se não sinto dor, vêm e tiram minha temperatura, vêm e me tiram a pressão, sacodem a cabeça, mal, isto vai mal, está perdendo muito sangue, é preciso fazer outra transfusão, de quem será, atento, procuro decifrar o que contém esse sangue, que monstruosidade alheia vai se incorporando a meu ser, que sangue opulento vai se somando a meu sangue insignificante, de quem é este calor desconhecido que, gota a gota, vai me penetrando com a intenção de salvar minha vida. Mas salvar-me para quê? Que desígnios perversos têm estes monstros, disfarçados com seus galantes dominós do século XVIII, que só deixam ver as máscaras

fenomenais? Alguém murmura: “Daqui não sai mais.” Deixem-me sair, não quero morrer asfixiado entre estas paredes que se descascam, vocês não são mais que manchas de umidade no barro, deixem-me sair! Pelo menos cruzar a linha imperceptível que separa a penumbra da escuridão. Nem o notaria. Estou à margem. Mas não, não me deixam cruzar a escuridão onde nenhuma angústia existe, querem me manter deste lado, na penumbra, onde os objetos não têm borda e as coisas mal se deslocam, a telefonista insiste em me dar seu sangue que não quero, aperto minhas orelhas, aperto-as para que não cresçam, rasgo a cartilagem, não sai sangue, claro, eu não tenho, minhas orelhas crescem contra minha vontade, sem lóbulo, como grandes guarda-chuvas que ouvem tudo, querem me salvar com seu sangue, ardo com o sangue vermelho do Melchor, dissolvo-me no gelo do sangue da Melisa, não brinquem mais comigo, é uma brincadeira, não neguem, deixem-me cruzar a linha, mais além nada se move, nada se vê, morrer em paz, não me piquem outra vez. Doutor Azula, não, não posso resistir essa sonda que me enfia pelo nariz até o estômago, essa seringa que extrai litros e mais litros do meu sangue, de Humberto Peñaloza quando era Humberto Peñaloza, sangue de antes que me enfiassem sangue de monstro nas veias, quando eu era eu e não um fenômeno flutuante, Crisóforo Azula me odeia e tem ciúmes de mim porque sabe que Imperatriz esta apaixonada por mim, roubando-me sangue para substituí-lo pelo dos monstros que eu não quero, eles me mantêm preso nesta cama enquanto, além da porta de meu quarto, os monstros clamorosos esperam meu sangue, que pode ser velho, mas pelo menos é sangue normal que eles bebem e não se injetam, pedem a gritos meu sangue, mais sangue do Humberto Peñaloza, mais sangue do Humberto Peñaloza, ouço o clamor de multidão sedenta que se amontoa à minha porta, eu não posso me mexer porque me mantêm imobilizado com estas sondas que doem, pelas visitas constantes dos monstros disfarçados com seus dominós e suas máscaras galantes que trocam entre si, perguntam como me sinto, muito preocupados, dizem que não me preocupe, que tudo sairá bem, que são coisas de rotina, não, ninguém perguntou por minha saúde, estes médicos e enfermeiras dizem que não sabem como me chamo, me perguntam, trazem fichas para enchê-las com informações que sabem de memória mas dizem que não, dizem que me encontraram atirado em um charco de merda sanguinolenta e como vão saber como me chamo, estão me tirando a identidade, até

isso estão me roubando, Humberto Peñaloza, Humberto Peñaloza, Humberto Peñaloza, grito-lhes meu nome mas minha voz não se ouve e eles sacodem a cabeça compadecendo-se de mim, pobre, pobrezinho, e guardam suas fichas em que se negaram a escrever meu nome. Madre Benita, estão se divertindo comigo porque percebem que estou tão fraco que até esqueci como me chamo, sou incapaz de me identificar, ajude-me a senhora que é piedosa e compassiva, embora não queira saber quem sou, além disso, já não sou quem fui, se é que alguma vez fui alguém, não vá embora, Madre Benita, não solte minha mão, não me deixe morrer só, não sei como a deixaram entrar aqui. Não. Vá embora. A senhora não é a Madre Benita. É só alguém que se disfarçou de Madre Benita. Vá embora. Aqui não sou um desconhecido, posso chamar Imperatriz no momento que desejar, ela não só gosta de mim como a Madre Benita, mas também me deseja e me ama e quer se casar comigo e eu prometi me casar com ela porque eu também a amo, posso chamá-la para que venha sentar-se ao lado de minha cama e, com um algodão perfumado com colônia, tire o suor de minha testa e me pegue a mão e a acaricie docemente, dizendo que não me preocupe, que não tema, que ela está velando por mim, que todos os monstros da Rinconada estão desolados com minha tragédia, doando litros e mais litros de sangue, gordas gigantescas, compridões, irmãos siameses, acromegálicos, corcundas, albinas, anões de todas as variedades imagináveis, todo este sangue está agora fluindo em minhas veias enquanto o doutor Azula não para de tirar esse meu velho sangue ruim pela sonda que enfiou no meu nariz e me diz não tema, tudo bem, é sangue velho, estamos limpando seu estômago, mas eu sei que não. É roubo. Sei que esse sangue meu é bom. É negro só porque está concentrado e vão guardá-lo em frascos rotulados com um nome que eles sabem mas que se apagou de minha memória, Madre Benita, sou esta coleção de monstros que transmitiram deformidades para se apossar de meu sangue insignificante.

ESTOU SURDO ALÉM de mudo? E quase cego, porque mal consigo distinguir vultos e reverberações brancas que podem ser incertamente cadeiras, armários, lavatórios, pessoas, cortinas que aparecem e desaparecem e trocam de lugar e se iluminam e se apagam e passeiam sem dar explicação e depois, no meio do passeio, se extinguem, desaparecem? Não ouço seus passos. Nenhum ruído. Tudo é feito de algodão e gaze, e o algodão não tem contorno, é suave, a gente pode desfiá-lo, posso fincar meus dedos nesse vulto de algodão que é uma pessoa, médico, enfermeira, o que seja, ou apertar com meus braços este fardo de algodão difuso pendurado na parede, que simula luz dissolvente. Eu também sou de algodão. Com as mãos percorro meu corpo. Não sinto sua forma nem sua consistência, porque é algodão e meus dedos são de algodão e o algodão não pode explorar nem sentir nem reconhecer, só pode continuar sendo suave, suave, às vezes a insinuação de um rosto solícito que se inclina sobre mim, a máscara abre a boca rara dizer algo que não ouço, e a matéria suave, suave, volta a engolir esse bocejo de pessoa que se aproxima de minha cama, porque estou em uma cama, a única coisa que não é de algodão são os quatro barrotes brancos ao pé de minha cama, onde se pendura o gráfico com meu nome que o médico pega para estudar, que comenta com a enfermeira branca. Afundo a cabeça no algodão do travesseiro.

— Vai dormir.

— Melhor.

— Assim não sentirá nada.

O que não devo sentir? Outras enfermeiras se aproximam, os rostos cobertos com máscaras de gaze, agora não posso nem sequer ver suas máscaras, cochicham, alisam meus lençóis, movem o frasco de sangue remoto, perto do teto branco, consultam o gráfico, enfiam o termômetro na minha boca, cochicham, sorriem sempre sorriem, sorriem muito quando não há por que sorrir, e uma delas me dá palmadinhas suaves na mão, como num menino muito bonzinho:

— Durma.

Isso é o que querem. Mas não vou dormir. Esse sangue que escorre pelo tubo até minha veia permite agarrar-me a algo negro, vermelho, para resistir a este branco sonho que me afunda, e assim escutar pedaços do diálogo desses seres embuçados que cochicham que Dom Jerónimo mandou dizer que não poupassem gastos nem esforços para operar-me e atender-me, que me tiraram oitenta por cento e me deixaram vinte, e que foi tudo muito grave, a morte rondando.

As mãos que levantam minha roupa de cama, que me obrigam a ficar de lado, que me baixam a calça áspera do pijama, são ásperas de repente e áspera é a agulha inimiga que me penetra, e áspero o líquido que deixa em minha nádega, e áspera e dura a minha vigília que de leve roça o sono. Está sentada junto à minha cama, acomodando seringas e agulhas, com um estrépido insuportável, no rim de ferro, pintado de branco com um fino debrum azul. Por que não o faz com mais cuidado e silêncio se Dom Jerónimo mandou que cuidem de mim? Olho-a com a intenção de lhe repetir isso, mas me calo porque a reconheço. É ela. Apesar de sua máscara branca, alçada sobre coturnos, dissimulada pela touca, é ela me vigiando, ela que mexe no frasco de sangue e abre a válvula um pouco, mais, mais, muito, e me acendo, fico vermelho, ardo e não posso suportar o calor e o fogo e a dor de todas as minhas feridas porque tenho feridas que me doem não sei onde, mas que vão me matar de dor porque esse sangue que sai do frasco está saindo muito depressa, me inflama, tudo, tudo vermelho, rasgado por garras, partido por incisivos, esquartejado em uma mesa de operações, a faca extirpando-me três quartas partes do corpo, o ardor que cauteriza, o sangue que mana e eu o absorvo, eu centuplicado e vermelho e a dor centuplicada e vermelha, eu rasgado por unhas e facas e dentes... esse sangue cai muito rápido, é preciso estancá-lo, mais, e começo a amornar, a esfriar, a gelar, sou este pedaço de gelo que goteja muito, goteja meu nariz e gotejam minhas mãos e pés, um pedaço de gelo que está se dissolvendo e não sobra nada. E vêm enfermeiras que me descobrem, conversam sem temor de me incomodar, me despem com expressão de nojo porque estou sujo e à medida que as horas passam fico mais fedorento e mais sujo e elas têm nojo de me lavar ainda que estejam acostumadas a essas coisas, sou eu que lhes produzo repugnância, o pijama limpo que me vestem já foi usado, escolheram o mais velho e remendado, quatro

enfermeiras me viram de lado para trocar o lençol de baixo enquanto falam alto de Pedro Pérez, que comprou um carro e foi passear com Fernando Fernández, que foi despedido de seu trabalho por chegar tarde, mas disse a Gonzalo González que não tinham direito de fazê-lo, e chamam gritando outra enfermeira que está rindo, fora do meu quarto, para que peça na farmácia outro frasco de soro, não são mais silenciosas, não me respeitam mais, não me tratam como doente recomendado por Dom Jerónimo, mas como seu prisioneiro, acho que riem de mim porque sabem que me fez extirpar os oitenta por cento e não se pode respeitar ninguém a quem se tenha extirpado oitenta por cento... água, água, acho que digo água, água, mas devo ter dito outra coisa porque sacodem a cabeça negando-a e a ninguém se pode negar um copo de água, mesmo que lhe tenham extirpado oitenta por cento. Algo muito definido fez com que todas as enfermeiras se voltassem contra mim, vão me fazer sofrer, para isso estão aqui — os quatro barrotes do pé da cama não são os barrotes do pé da cama, mas os barrotes de ferro da janela — me mantêm prisioneiro neste quarto onde todas as enfermeiras e todos os médicos me odeiam, prova disso é que me negam alimento e água que não se pode negar a ninguém, e sob as máscaras de gaze arriscam o nariz pelo odor fétido que desprendo. Mesmo que não desprenda odor fétido, têm nojo de mim porque eu sou eu, que, afinal, caí nas mãos de Dom Jerónimo, o complô se forjou e tomou forma e acreditei em tudo, caí na armadilha, mordi o anzol, faz muito tempo que ele tramou o que acabou nisto manter-me amarrado a uma cama numa cela com barrotes, dopado, incapaz de me mexer, atado a sondas e tubos de borracha que me entram pelo nariz, e sangue de monstro que preciso para não me desvanecer, prisioneiro neste pequeno quarto branco, frente a esta janela pela qual vejo uma rua, umas casas, um posto de gasolina, alguém que passa pela calçada da frente, um mecânico de avental azul que se acocora para calibrar os pneus de um carro, o primeiro carro da manhã porque é muito cedo e as enfermeiras do novo turno me despertaram com suas risadas no corredor, com seus telefonemas, sim, Dom Jerónimo, despertou agora mesmo, acabamos de dar outra injeção nele, dará tudo certo, não se preocupe, deixe-o em nossas mãos, todos os propósitos que o senhor vem perseguindo tão laboriosamente, durante tantos anos, se realizarão, a culpa é dele, deve pagar as consequências de sua ousadia, quando, naquela tarde no Museu Antropológico, lhe disse

que era alguém, escritor, bem então, que escreva, mas não escreve nada, passa o tempo falando do que vai escrever, uma biografia sua, uma biografia da beata da família, um romance, um ensaio filosófico, muda todos os dias ou é sempre o mesmo sob formas diferentes, não se decide, não pode começar, cada vez que senta à máquina, acaba com a página em branco metida na Olivetti, e o senhor se lembra bem, Dom Jerónimo, atrevemo-nos a insistir que este indivíduo não lhe disse que *queria chegar a ser escritor*, o que em um moço como ele era então, teria sido emocionante e compreensível, mas lhe disse que *era* escritor, como se alguém nascesse escritor, claro, vocês que são enfermeiras e têm que fazer um curso difícil e demorado para chegar a sê-lo não podem compreender que, ao dizer que *era* escritor eu não mentia, era escritor ao sentir que sua figura é mais digna da imaginação que da realidade. Assumi o compromisso. Disse em voz alta o que jamais tinha dito a ninguém:

— Sou escritor.

Assumi esse compromisso com o senhor, Dom Jerónimo. Já não podíamos nos separar, apeguei-me à Rinconada, à Inés, à Peta, ao senhor, à Casa, à Madre Benita, a estas figuras brancas do baile que a Imperatriz deu há anos: “No Hospital”. Este mandato substituiu a suave exigência de meu pai, Doutor em Direito, filho, isso vale a pena, se chegar a ser isso, será alguém, e eu não contava nada a meu pai e quase não o confessava a mim mesmo que escrevia versos noite afora, acordado para que ninguém suspeitasse em nossas casas sempre diferentes, sempre iguais, sempre pequenas, com uma sacada para que minha irmã pudesse urdir seu sonho de possuir um piano coberto com uma manta de Manila. Às vezes, à noite, dizia a meu pai:

— Tenho que sair para a reunião do Partido.

Ele me dava o nó na gravata. Ao chegar à esquina, desfazia o nó. Ia ao bar Hércules e me sentava à mesa de um canto para completar meu livro. Rosinha me servia um sanduíche, um copo de vinho:

— Se não tem agora, pague depois.

Esperava até que fechassem. Acompanhava-a à sua casa: meu nome é Zoila Blanca Rosa López Arriagada, me disse, ruborizando-se ao perceber que o achei de mau gosto, mas durou pouco meu riso, vencido pela ternura quando me confessou que, ao nascer depois de quatro irmãos homens, o pai achou-a tão linda, tão branca, tão rosa, que na pia batismal lhe deu esse nome: Zoila

Bianca Rosa. Acariciava-lhe os braços pelo lado de dentro, um pouco a rosa rosa e lhe emprestava um cachecol porque era outono e caíam as folhas dos plátanos, e de repente tudo era grave, de uma seriedade comovedora, embora compreendesse que era ridículo chamar-se Zoila Blanca Rosa. Sim, ridículo mas sério: esse mau gosto era o meu, não precisava de saltos nem pontes para me dar conta que assim eram os meus novos companheiros da universidade, esses poetas tísicos que se reuniam no bar Hércules, os sapatos molhados, salpicados pela serragem do chão, jogando dominó com algum gorro vermelho da estação vizinha, anarquistas alguns, decadentes outros, pobres todos, adeus aos textos, eu já tinha vendido os meus para comprar cigarro, nada de Partido conservador nem de gravatas nem de sobrenomes decorativos, meus amigos mal barbeados quase nunca iam às aulas, reuniam-se no Hércules só para rir dos professores, para abrir uma caixa que uma saudosa mãe camponesa do sul mandou porque mataram um porco para que o filho comesse linguiças e salames e pernis com seus amigos, era tão pouco o dinheiro que podiam mandar para os estudos que, pelo menos, essa caixa perfumada a aji e coentro e alho o ajudaria a passar os frios do inverno, café para se manter acordado, os nervos à flor da pele, amigos, companheiros, fedendo a vinho, que tomavam com as mantas enroladas no cangote porque fazia frio no Hércules e nas pensões em que moravam e nas ruas que percorriam a pé, molhados pela chuva, a sola gasta de um sapato, um furo tapado por dentro com papelão, mas a pé, porque é preciso economizar os centavos da passagem do bonde para o copo de vinho que tomará com o amigo, vender as apostilas, empenhar o relógio, o que ganha com o que escreve, Humberto, se não tem um peso para publicar e para que um editor o publique, você precisa de influência, um nome e você não tem nome, apego ao estudo e por Nietzsche, de quem já nem sequer falamos porque essas são coisas dos burguesinhos do primeiro e segundo ano e dos galãs de polainas de camurça. Luis tosse, até que tosse demais e o levam e não se sabe nunca mais nada dele.

— Deve ter morrido.

— Sorte, morrer moço.

— Convide-me para outro tinto, Rosinha. Segunda eu lhe pago.

— Como vai publicar, então, Humberto?

Com subscrições, claro. Falei com o gráfico. Uma entrada basta. Depois, à medida que vendesse mais exemplares pagaria o resto,

mas a entrada era necessária. Então escrevi ao senhor, lembrando-lhe de nosso encontro no Museu Antropológico, oferecendo-lhe meu livro escrito mas ainda não publicado por necessitar de recursos para essa entrada. Na posta-restante encontrei, vários dias depois, sua cordialíssima carta, acompanhada de um cheque, subscrevendo, não um, mas 100 exemplares da tiragem de 500. Levei meu manuscrito e o dinheiro à casa do impressor.

E quando apareceu pela primeira vez meu nome, do qual não me lembro mais, mas que sei que está escrito no gráfico aos pés de minha cama que os dominós brancos, às vezes, consultam enquanto sacodem a cabeça, e que a senhora não sabe, Madre Benita, porque para a senhora não sou senão o Mudinho que varre e limpa e recebe gorjetas e conserta encanamentos e fecha janelas, meu pai chorou de orgulho. “Um talento incipiente que mal se atreve a sair de sua crisálida, mas com promessas de frutos de alta sensibilidade artística, de sentimento refinado beirando ao doentio, que se deleita com o luxo das imagens às vezes decadentes, mas um nome que não se deve esquecer porque, embora novo, já deixou sua marca, assinalando-se pela delicadeza de sua sensibilidade artística em nossa literatura: Humberto Peñaloza.” Meu nome é este, Madre: Humberto Peñaloza. Sabia que não esqueceria meu nome para sempre, que ninguém o roubaria de mim, porque, para que estas enfermeiras vestidas de branco, estas figuras de algodão, haveriam de querer um nome tão feio. Meu pai não sabia... como podia adivinhar estas inclinações minhas, por que eu as havia ocultado dele? ele teria compreendido, a profissão das letras pode, também, exaltar os homens. Meu nome escrito assim, com grandes letras encabeçando o artigo da página literária dominical no jornal mais importante, dava um nome à família, que o lesse, lá nesse artigo do jornal aparecia muito claro, Humberto Peñaloza, que era também o nome dele, e pedindo a tesoura à minha mãe, cravou-a com crueldade no papel para recortar o artigo. Disse-lhe que foi o senhor, Dom Jerónimo, que subscreveu maravilhosamente 100 exemplares da primeira tiragem para tornar possível a existência de meu livrinho de 180 páginas e feia lombada esverdeada.

— Dom Jerónimo de Azcoitía! Como o conheceu?

— É assunto meu.

Ficou me olhando confuso antes de perguntar:

— Você fez uma visita a ele para agradecer?

— Não.

— Isto é o cúmulo. Vista-se imediatamente... seu terno escuro, sua melhor camisa... se não estiver pronta, que sua mãe a passe. Tem que ir vê-lo. Como é possível essa falta de cortesia? Um filho meu, que leva meu nome...

A primeira vez que se atrevia a falar de seu nome.

— ... que leva meu nome se porte como gatinha malagradecida...

Gritei-lhe que estou morrendo de dor de estômago desde que o senhor me feriu com as tesouras para me roubar o triunfo. Que minha burra irmã deixe de colar em seu álbum os recortes dos artigos que falam de mim, decorando o contorno de cada artigo com guirlandas de flores e pombas, devolva-me esse álbum para queimá-lo, se quiser saber a verdade já não pertença ao Partido, me embebedo quase todas as noites nas cantinas com amigos que se alegram de verdade com meu triunfo que não é triunfo mas apenas um pequeno êxito e eles sabem disso e o apreciam de forma justa, nem mais nem menos do que é, não vou mais à Escola, já não penso ser advogado nem tabelião, não quero ser ninguém, deixe-me tranquilo, não me roube o pouco que tenho, que é meu, meu livro... não levará nenhum dote em seu casamento, filha, ele dizia à minha irmã, mas seu marido se orgulhará disto que lhe pode dar: o livro de recortes que repete que seu irmão existe, que é alguém, que tem um nome.

— Não pode deixar mal meu nome.

— Desde quando você tem nome?

Saí batendo a porta e não voltei nunca mais. Na noite em que o senhor apareceu no bar Hércules para me buscar, Dom Jerónimo, fazia meses que estava morando com a Rosinha num quatinho fedendo a limpeza em cima de uma lavanderia. Com seu corpo novo e miúdo, mas sempre acolhedor, enroscado ao meu, à noite, meu pai e suas exigências se fizeram inconsistentes, até que as câibras de estômago foram desaparecendo. Ela não me perguntava sobre o que escrevia. Nem tampouco os gorros vermelhos da estação, com quem jogava dominó. Meus colegas de universidade foram se dispersando para outras tertúlias em outros bares, mas eu fiquei neste, eu me acomodava ali porque Rosinha me sorria detrás da máquina de fazer café... não sentia falta deles, o poeta tísico morreu como devia morrer, em um tugúrio, Manolo conseguiu emprego na Caixa de Empregados Particulares, subalterno, velho, que vou fazer, já estou cansado de ter fome e que minha mãe me diga que não temos nada,

nada, nada, Nicanor voltou à sua província chuvosa para se casar com uma noiva da infância aprovada pelos pais porque tinham terras junto a deles, terras minúsculas que só se juntarem talvez... mas Nicanor jamais nos tinha falado dessa noiva secreta, e eu jogava dominó tranquilo até que vi o senhor aparecer à porta. Avançou até o balcão para perguntar à Rosinha se eu estava. Você me apontou com um dedo inocente lá no fundo da sala, junto ao fogão que esquentava muito pouco, e o senhor me olhou por cima do amontoado de fregueses desconfiados sob a luz amarelada, você, Rosinha, apontou para me entregar a Dom Jerónimo, amarrado de pés e mãos, incapaz de resistir. Senti a dor aqui, num lugar que agora está coberto de camadas de algodão e gaze e esparadrapo, e foi aumentando e se fazendo mais aguda e mais aguda enquanto o senhor se aproximava de mim entre as mesas repletas. Com os cotovelos apoiados no mármore, dos dois lados das minhas cartas, tentava concentrar-me na próxima jogada, mas a interrupção me cortou a respiração, o senhor atrás de mim, silencioso... como teria sabido onde me encontrar?, talvez tenha ido à casa de meu pai, talvez meu pai, bajulador e servil, o tenha feito entrar na nossa salinha comovedora, essa mesa bamba, essa toalha bordada por minha irmã, talvez lhe tenha mostrado o álbum, apresentando-lhe minha discreta mãe, incrédula, falsamente irônica...

— A dama.

A mão de Dom Jerónimo colocou a carta. Levantei-me para encará-lo:

— Por que se mete, almofadinha de merda?

O senhor riu. Não, primeiro só sorriu.

— Não me reconhece?

As conversas nas outras mesas baixaram de tom. O dono e Rosinha nos olhavam entre os salames pendurados e a fumaça. Alguém murmurou:

— Vai dar bolo.

Foi então que o senhor riu de verdade ao dizer:

— Não, não vai dar bolo.

E dando meia volta saiu entre as mesas. Meu adversário, que ficou observando o que acontecia às minhas costas, disse que o almofadinha tinha parado um minuto antes de ir embora, para escrever algo e entregar à Rosinha. Ganhei a partida.

— Vou indo.

— Tão cedo, hoje?

— Revanche amanhã.

Eu já sabia que não haveria amanhã. Enrolei a manta no pescoço. Aproximei-me do balcão para dizer à Rosinha:

— Vou embora.

— Para onde...?

— Não me sinto bem, a barriga...

Saía quando ela me chamou:

— Escute.

— O quê?

— Esse almofadinha espera por você amanhã às dez em sua casa.

Seu cartão com endereço. Rasguei-o.

— Que vá à merda.

Claro, não precisava de seu endereço, conhecia a fachada amarela de sua casa, frente às árvores do parque, de modo que rasgar seu cartão não foi só um gesto decorativo para que a Rosinha não percebesse que depois dessa noite eu não dormiria mais apertado à sua carne.

TUDO, DESDE O princípio, desde o Hércules, não, de antes, daquela tarde no Museu Antropológico ou de antes ainda, quando sua luva me roçou o braço na rua, tudo foi urdido cuidadosamente, passo a passo, com infinita paciência, encerrando-me em sua confiança quando comecei a servi-lo, fazendo-me testemunha de seu amor para me aprisionar, Inés a isca para que mordesse o anzol, a supremacia no mundo dos monstros onde eu o devia encarnar, com minha carne miserável, e ser o pai de seu filho, a tentação final, o anzol mais fino, mordi, o anzol me atravessou e não posso me livrar, amarrado a uma cama que queima e de repente gela, injeções e mais injeções que não me deixam pensar porque, não o negue, estão destinadas a isso, a me tirar a luz e afundar-me nesta penumbra que não é nem vida nem morte, novos frascos de sangue que me impedem de morrer mas não me deixam juntar as migalhas dispersas que restam de minha consciência, para quê, Dom Jerónimo, para quê, não é para me transformar em bruxo que elas me querem, essas velhinhas benignas, entre as quais vivo, porque isso seria a paz total, todo costurado em vez de todo aberto pelos cortes precisos da faca do doutor Azula, costurado e escutando seus passos titubeantes lá fora, não, elas não querem me retalhar, elas vêm para me costurar porque são boas, pela janela eu as vejo passear na rua, esperando-me na esquina do posto de gasolina, parece que é a Dora que está me sorrindo da janela da frente, por que não as deixa entrar para me ver, todas as clínicas têm horas de visita mas esta não, porque não é clínica, é prisão branca, e por isso as boas velhinhas, dentre as quais sou uma, me esperam no quadrado de minha janela para me dar paz, para me levar, embrulhar-me num pacote para que não sinta frio, por isso trouxeram seus sacos, que já estão prontos, não querem nada de mim, têm paciência, esperam sem pressa porque o tempo das velhas é interminável, vão se revezando, não, não temos pressa, podemos esperar que se esvazie o frasco de sangue na veia do pobre Mudinho.

Fora faz frio. Corre um vento gelado que, sei, não voltarei a

sentir nunca mais, como não voltarei a sentir água em minha boca porque eles a negam, como se água fizesse mal a alguém... não vejo vento, não há bandeiras nem estandartes nem árvores nem distingo as roupas dos transeuntes, na realidade parece que não há transeuntes, nem carros, nada se move nesta paisagem de cidade em que a gente adivinha o frio do inverno. Serei mantido para sempre, aqui, neste conservatório muito quente.

Fecho os olhos para afastar a saudade desoladora da rua. Atrás de minhas pálpebras projeta-se a certeza: *Querem conservar você aqui, vivo, e nunca mais o deixarão sair para roubarem todos os seus órgãos, está vendo, já tiraram oitenta por cento...* Claro! Isso é o que vão fazer. O que estão fazendo. Abro os olhos: nada se mexeu no quadrado de minha janela. Tento me levantar. Não posso. Quem sabe quanto tempo eles me mantêm amarrado nesta cama, escondido neste crepúsculo. Claro! Começaram por substituir meu sangue: vi com meus próprios olhos o doutor Azula tirar seringa após seringa de sangue de meu estômago e entregá-lo à multidão clamorosa que espera esse sangue bom e com ele se acalma por uns instantes. Dispõem-se a assim proceder com o restante: irão me extirpando órgãos são para enxertá-los nos monstros em lugar de seus órgãos defeituosos, ontem à noite senti o serrote que me cortava os pés, porque traçaram um círculo vermelho ao redor do meu tornozelo direito, e depois, do esquerdo. E esta manhã amanheci com os pés enormes, com membranas amarelas entre os dedos, pés espalmados, suspeito que fizeram o mesmo com minhas mãos, não quero vê-las, roubaram-nas e as substituíram por estas mãos espalmadas estranhas que não quero ver e que, por isso, oculto debaixo do lençol para não ver as membranas repugnantes que unem meus dedos emaranhados em teias de aranha espessas de carne de monstro. Deve haver uma lista de prioridades sob o controle de Imperatriz. Ela não apareceu, deve estar muito ocupada em sua mesa de recepção, enfeitada com o gorro branco perfeitamente engomado, contendo a avidez dos monstros que querem se apoderar de meus órgãos, é preciso ordem, primeiro os monstros de primeira, depois os de segunda, diga-me como se chama, o que quer, uma cara inteira nova para substituir a sua, de feições disformes, é o mais difícil, há muitos pedidos de cara todos querem caras novas e há poucas, o processo é demorado, lento e delicado, uma cara é mais importante que um pé, digamos.

E em seguida minha pele, me esfolaram para cobrir, com minha

pele, o corpo albino de Melisa, e despertarei depois de quem sabe quantos dias de adormecimento transformado em uma alma branca com um par de óculos escuros... e meu nariz, e meus rins, e meus braços, e meu estômago, não, isso já tiraram, pelo menos oitenta por cento, fígado, pulmões, tudo sadio para os monstros clamorosos que fazem fila frente à mesa de Imperatriz, implacável, minuciosa, consciente das precedências e necessidades, anotando, uma cruz, um ponto, vermelho significa urgência, a antessala cheia de monstros ávidos de minha insignificância, gigantes que querem minha estatura, manchados que invejam minha pele lívida, mãos normais que trazem filhos disformes para que eu lhes dê algo, qualquer coisa sadia desde que cure este pobre filho monstro que eu tenho, filhos normais que trazem pais disformes para ver se na sua idade é possível fazer algo para apagar a vergonha, sobrecarregando-me com seus órgãos defeituosos, que vão formando um novo eu que nunca terminará de se formar, soma de todas as monstruosidades, mas no qual estarei condenado a continuar reconhecendo-me, nesse inferno flutuante do enfermo e do disforme e do risível e do errôneo que serei eu, enquanto meus órgãos sadios, enxertados nos que foram monstros, os irão curando, despojando de sua monstruosidade até que se transformem em seres perfeitamente insignificantes como eu, enquanto a mim me mantêm amarrado a esta cama, olhando o quadrado dessa janela fechada, nada mais, esperando que me adormeçam outra vez para me roubar outro rim, uma orelha, as unhas para substituí-las por garras, todos os monstros ficarão sadios na Rinconada, todos normais, insignificantes, livres, comuns e frequentes para que iniciem vidas comuns e normais na cidade ou no campo, tenham vizinhos, façam amizades, e eu, aqui dentro, encerrado neles...

Mas não pode ser. Tem que ser de outro modo. Outra coisa. Afinal de contas, sou um ser limitado. Tenho apenas dois pulmões, um nariz, duas orelhas, trinta e dois dentes, duas mãos, dois pés... quando acordei, não sei a que hora do dia ou da noite, porque nada, nem a luz nem a sombra tinha variado em minha janela, percebi uma coisa muito estranha: meus pés e minhas mãos já não estavam espalmados, que ao enxertar em mim os membros e os órgãos defeituosos dos monstros eles adquirem, outra vez, formas normais. Por isso me fazem dormir. Adormecido, sinto como o bisturi do doutor Azula me corta, como me serram ossos, como rasgam, como costuram, retalham, desprendem, arrancam pedaços de meu corpo

que não eram de meu corpo mas que ao enxertá-los em meu corpo recuperam a normalidade, durmo, mas sinto, por isso fico encerrado aqui e jamais sairei porque sou viveiro de órgãos e fábrica de membros saudáveis, por isso Dom Jerônimo não me deixa morrer, por isso montou esta fábrica em que só eu trabalho, só meu corpo produz. Para que não perceba este abuso, sou mantido numa consciência crepuscular, desinchado mas com um pouco de ar, muito pouco, o suficiente para que não morra completamente, e com este intercâmbio de órgãos meu tempo se irá alongando, alongando de modo que, como nunca mais serei uma pessoa, mas tão somente um terreno de cultivo para pedaços de outras pessoas, jamais morrerei, prolongarei meu crepúsculo para sempre sem que nada suceda salvo o adormecimento periódico, o dessangramento consecutivo evidenciado pelo sangue dos monstros sempre desejosos de doar o que têm de mais, nada acontece, tudo é igual, é diminuta a diferença entre o sono e a vigília, não Dom Jerônimo não me deixará morrer, quer que se cevem em mim todos os monstros do mundo e desapareçam da face da terra, deixando-me sobrecarregado com suas monstruosidades. Nos corredores e pátios além de minha porta, ouço o clamor: uma orelha para mim, o dedo polegar do pé direito, não, tem que ser do direito, do esquerdo não, bem, então precisa esperar porque o polegar do pé direito já está pedido... quatro turnos, quem sabe quanto tempo, às vezes os polegares demoram muito a crescer de novo, uma pálpebra, um pedaço de pele, um dedo para a mão monstruosa que nasceu com quatro, depois crescerá outro em mim e eles voltarão a me tirar dedos e a enxertar outros, e a me tirar o nariz e a enxertar outro... vai se estendendo o tempo, esse tempo a que estou alheio, nada muda, nada se move na rua que minha janela emoldura, nem de dia nem de noite, nem frio nem calor, esta substituição eterna de órgãos que me renovam, sem direito à morte, o tempo estático e elástico, as coisas idênticas, nem água nem falta d'água, tudo branco, tudo em penumbra, vozes abafadas, o relógio sem ponteiros, o coração que não palpita, a falta de fome nas horas de fome e a qualquer hora porque não tenho estômago, eles o roubaram, oitenta por cento e, às vezes, mais, o tempo não transcorre nesta penumbra que me nega o direito ao orgasmo do fim.

PENSAM QUE DURMO. Falam em voz muito baixa. O Doutor Azula

examina o gráfico. Minha febre? Minha pressão arterial? O aumento ou a falta de meus glóbulos vermelhos? Mostra-o a Dom Jerónimo. Comentam o gráfico, perguntam detalhes às enfermeiras que os cercam, sim, elas dizem que sim e o doutor Azula volta a pendurar o gráfico. Não abro os olhos, mas porque me enxertaram pálpebras de ofídio, transparentes, vejo tudo. Devem pensar que durmo. Não estou disposto a ouvir Dom Jerónimo nem que me trate amavelmente, como se aqui não estivesse acontecendo nada. É meu inimigo. Todos são inimigos. Não vou abrir os olhos.

— Está muito bem, Dom Jerónimo.

— Em condições para a grande operação?

— São duas operações simultâneas, Dom Jerónimo. Anestesiarei os dois em mesas contíguas e ao mesmo tempo, e enquanto eu o abro, preparando-o para o enxerto, terei que ir extirpando os órgãos de Humberto para transplantá-los ao seu corpo, pronto já para recebê-los...

— Desde que eu fique bom. Com meus órgãos genitais, pode fazer o que quiser, até jogá-los no lixo. Ficaram imprestáveis depois que este miserável invejoso e traidor conseguiu enganar-me com sua intriga para que fizesse amor... eu... com uma velha asquerosa de sexo podre, que contaminou meu sexo e o inutilizou para sempre. Enquanto isso, ele, que parecia tão submisso, ficava com Inés. Não, corno, não! Inés também não sabia que era Humberto que estava fazendo amor com ela, achava que era eu! Não posso perdoar esse porcaria por ter tocado em minha mulher, por ter tido o atrevimento de se aproximar do que, para gente como ele, que nasceu sem direito, é e terá sempre que ser proibido. É preciso castigá-lo. Que nunca mais possa usar seu sexo. Enxerte-o em mim, e o meu, não o ponham nele, nem mesmo inútil como está, joguem-no ao lixo.

Abri os olhos quando saíram do meu quarto. Olhei a janela, a rua interminável, imóvel como a fotografia de algo cotidiano, sem interesse, sem beleza, fotografia tirada ao acaso, sem propósito, talvez só para terminar com o filme que tem outras fotografias importantes, não esta pobre perspectiva de uma rua em que nada muda. Uma grande paz invadiu-me ao olhar essa ampliação fotográfica colada à parede e diante da qual, neste quarto, transcorreria minha interminável vida de substituições. Paz e alegria. Como não? Dom Jerónimo o confirmou: eu, naquela noite, no quarto da Peta Ponce, fiz amor com Inés. Toquei sua beleza. Que

importava, então, que a morte me estivesse vedada? E a água? E o sonho completo, e a vigília total? Por que não sentirei paz olhando essa rua única que se perde na distância monótona do que será minha vida? Para que me servirão, então, meus órgãos genitais? Que os arranquem, que os joguem aos cachorros para que os comam! Saltei a barreira. Toquei o proibido: Inés. Sim, Dom Jerónimo não pode saber deste último triunfo meu, ele pensa que vai roubar meus órgãos genitais tal como roubou meu ferimento, mas não, Dom Jerónimo, não: eu os dou de presente, não preciso mais deles. Pegue-os, são seus. O doutor Azula que os extirpe. Encontrei a paz. Figuras conhecidas começam a andar na rua. Ouço passos. Sorriem para mim, no princípio cautelosamente, da calçada, esperando-me na esquina, agora me fazem sinais, desça, desça, Rita diz que me abrirá a porta, Dora garante que me acolherão, Brígida agita a mão chamando-me, ouço o sino da torre de Frei Andrezinho, quatro da tarde, sol, é inverno mas há sol, lá fora deve estar fresco, esperem-me, faço sinais indicando-lhes que esperem um pouquinho, hoje não poderei descer para me reunir com elas, e amanhã, talvez, também não, mas depois de amanhã, depois, com toda certeza, porque então já estarei operado. Venha, venha, Mudinho, Mudinho porque se esqueceram de substituir sua garganta por outra, e você continua mudo, seus ouvidos por outros, você continua surdo, venha, estamos esperando você para acolhê-lo, não exigiremos nada, só queremos cuidar de você, ser boas com você, envolvê-lo, olhe os sacos que trouxemos para levá-lo sem que ninguém note que o levamos, entre nós não importa que não tenha mais sexo, porque nós somos tão velhas e decrépitas que é como se jamais tivéssemos tido sexo, temos outros divertimentos, logo há de ver, coisas mais complexas que acontecem no reverso do que está vendo, espelhos que refletem o tempo e as imagens, nós o ensinaremos a usá-los porque você, como nós, foi despojado de tudo e tem o poder dos desapossados e dos miseráveis e dos velhos e dos esquecidos, venha brincar conosco, não, são só brincadeiras inocentes, mas logo verá as coisas que podem acontecer quando nós as manejamos, as liturgias que sabemos criar, os ritos ingênuos mas precisos. Em nossas galerias úmidas e muros em ruínas e pátios abandonados, o sexo não existe, de modo que você não será um fenômeno impotente, será igual a nós, outra velha que superou a tirania, de Dom Jerónimo, você o escravizou, dando a ele o que você tem agora e que amanhã, ou depois, já não terá, então você ficará livre

para vir morar conosco, varrer um pouco, limpar, preparar as pessoas para a morte, rezar salves e rir com as piadas da Mercedes Barroso e as danças modernas da Iris Mateluna antes que ficasse esperando a criança milagrosa, porque agora é como se soubesse que está grávida e, por isso, dança pouco, tomar um mate e tossir e descascar batatas, esses padrões ingratos que nunca se lembram da gente depois de tudo o que a gente se sacrificou por eles, e um tercinho mais porque dizem que, de noite, ouviram Dom Clemente passeando outra vez... shshshshshsh, mulheres, não falem tanto, não gritem, não me chamem assim, fiquem tranquilas, caladas, podem ouvi-las gritando para mim:

— Desça, Mudinho.

— Desça.

— Estamos esperando.

— Sentimos sua falta.

Aglomeram-se na calçada da frente, chamam-me, os gestos de suas mãos, seus lenços no ar, sejam boas, mulheres, tranquilizem-se, vou com vocês, não me demorarei muito, vão me deixar sair e respirar o ar, vão permitir que vocês me levem para que tudo seja como deve ser.

A SENHORA TAMBÉM ESTÁ tecendo algo para Boy? Quem a pôs na conspiração das sete bruxas? Deve ter sido durante minha ausência no hospital, enquanto me extirpavam os oitenta por cento. Eu a desconheço assim, em repouso, Madre Benita, como se tivesse todo o tempo da eternidade, como eu, crepuscular, atenuado, sem apalpar o sossego da extinção, nem o vidro da janela, que deve ser novo. Estou amarrado? A senhora vê, Madre Benita, não posso me mexer. Ou talvez não me veja. Deve ser difícil ver numa cama tão grande como esta os vinte por cento a que me deixaram reduzido. Entretanto, devo estar convalescendo, porque de outro modo a senhora andaria agitada, andando de um lado para outro, decidida a fazer algo por mim, mas não, está tranquila, sentada a meu lado, tecendo algo que pode ser um xale branco, porque aqui tudo é branco, para Boy. A paz deste entardecer interminável, que a senhora sabe, como eu, que está destinado a permanecer inconcluso, a seduz com a penumbra da rua anódina que emoldura minha janela e onde nunca nada mudará para mim. A senhora me toma a mão porque sabe que tenho medo de não morrer, mas não é

sempre que tenho medo, Madre Benita, às vezes me exalta a certeza de que meu tempo se prolongará sem origem e sem fim por esta rua que é outra versão do paraíso, fachadas, calçadas, lampiões, pavimento, janelas, portas, árvore seca, antenas, fios, porque daqui e resguardado pela senhora, tudo isto não é outra versão do inferno como era a intempérie das ruas miseráveis que tive que sofrer quando fugi da Rinconada ao perceber que tudo estava sendo tramado não para centralizar-se em torno de Boy, mas para me caçar, para me pescar, e fugi, só, no frio, sem feições, porque o doutor Azula só me deixou vinte por cento, disfarçado de mendigo, com medo que alguém reconhecesse meu olhar, e o frio e a fome e a degradação e a miséria inalteráveis eram então os rostos inimigos nas ruas a que me atiravam, a pontapés, as donas das pensões quando não pagava porque não tinha com que, vagando pelo tempo igual que se estendia ante mim, noite e dia, noite e dia sempre iguais, uns mais inclementes que outros, mas idênticos em sua inimizade quando vagava pelos parques de noite, não nos parques com monumentos equestres e pérgolas e fontes, mas por outros, nos arredores da cidade, que são um pouco parque um pouco campo, terra de ninguém que ninguém vigia e, por isso, de noite, nós os povoamos, acendendo fogueiras minúsculas para esquentar as mãos ou o chá, apagando o foguinho de folhas secas para que não nos descubram, nem nos descobramos uns aos outros porque podemos nos matar. Agora que sou só vinte por cento, vago pelas ruas sem medo que a Peta me descubra, entro nos parques abandonados não para me esconder dela mas para que comprove que não sou quem ela procura. Que entenda que não vale mais a pena o esforço que faz, a pobre anciã, porque não é a mim mas a ele que precisa perseguir, ele fez tudo, Peta, foi ele que a penetrou e fez você gemer de prazer no único orgasmo que sua vida vinha procurando desde o fim dos séculos a partir do pesadelo inicial do qual saímos, ele pesou sobre seu corpo naquela noite em sua cama, não eu, eu penetrei Inés, por isso é que ele me despojou dos órgãos que tocaram Inés, por isso me atiraram à rua, a esta rua que vejo pela janela, onde nada acontece, o posto de gasolina vazio, a rua se prolonga e retrocede e volta a se prolongar e dobrar no tempo estático, o mendigo doente e barbudo, esfarrapado, que, frequentemente, está pedindo esmola à porta das igrejas, porque, coitado, é surdo-mudo, perambula pelas ruas, perde-se de vista como que arrebatado pelo vento, vai ao parque onde se escondem

outros como ele, mas ele não se esconde, Madre Benita, eu lhe juro, faz seu fogo de folhas secas num buraco e dorme com a esperança de que, à noite, a Peta venha remexer em suas calças fingindo que quer roubar, Madre Benita, mas a Peta não quer roubar, veio para procurar em mim o que sempre tem procurado. Não acordarei porque a Peta não encontrará nada. A noite trará seu rugido de raiva que não ouvirei e ela irá procurar o que deseja em outra parte, depois de me fechar as calças... embora eu não saiba, Madre Benita, não estou muito certo, às vezes sinto medo, porque não sei muito bem em que parte do processo de substituição e de enxertos estou, é possível que ainda não tenha feito a troca, que tudo isto não passe de preparativos e não haja mendigo na rua que vejo da janela, nem velhas, elas se foram, regressaram à Casa, que vontade tenho de voltar à Casa para perambular por meus corredores à noite e rever Dora e Rita, mas já não estão na rua contida na janela que vejo de minha cama, fria que é essa minha cama, fria a janela, fria a rua sem carros nem mecânicos nem posto de gasolina, as calçadas sem transeuntes, o vento sem folhas nas árvores e sem roupa para secar, tudo estático, detido em um instante imensamente longo, e a senhora a meu lado, cuidando-me, velando por mim em silêncio, vigiando-me, sim, não cuida de mim, vigia-me, Imperatriz, eu a reconheço sob o galante dominó de cetim branco com que pretende fazer passar-se por enfermeira, você parou agora junto à minha cama, antes de voltar ao baile de fantasia, onde sua monstruosidade, que julgarão simulada, ganhará o prêmio. Você se senta e não vai embora. Algo terá encontrado. Não se afasta de meu lado, passam as horas e você permanece junto a mim, vigiando-me, retendo-me aqui para que não fuja e cumpra com a promessa de me casar com você. Não está vestida com o uniforme de enfermeira. Não é um galante dominó do século XVIII. É o terrível vestido de noiva que você vem preparando desde sempre, bordado e recamado de pedrarias, a cauda que se prolonga magnífica pelo chão, o véu branco que mal esconde seu rosto e se agita com a respiração, você não tira o vestido de noiva, nem de dia nem de noite, talvez chegue o momento, esperando que eu desperte, e nesse momento pescar-me, o arranjo de laços e bucles e trancinhas prateadas, as órbitas de seus olhos vigilantes salpicadas de brilhos, o diadema de pedras refulgentes que retém o tule branco e sua pureza pronta para a cerimônia definitiva, não vá escapar, esta é sua única oportunidade, estar pronta dia e noite espreitando, vigiando para que eu não fuja.

Mas então... você tem que saber e por isso espera disposta: não me operaram, estou inteiro, não enxertaram nele os órgãos que possuíram Inés nem jogaram os de Humberto Peñaloza no lixo, estou inteiro e você, por isso, espreitando-me aqui dentro, e por isso a Peta Ponce espreitando-me lá fora nesse parque que não vejo, onde talvez, depois de me adormecer com um chá mágico, fez amor comigo em vez de partir furiosa ao não encontrar nada. Estimulou seu desejo por mim. Espera-me no parque. Não me operaram ainda. Dom Jerónimo não teve tempo, retido por negócios de Estado: que espere na penumbra, que espere no crepúsculo, o tempo não se extingue, é perpétuo, que espere olhando a janela, e Imperatriz o vigie, mas Imperatriz não foi nunca empregada de ninguém, é dona de si mesma, e por isso, porque não me operaram e estou inteiro e perigoso, por isso passeia como uma fera pelos corredores até que eu desperte, quase louca de preocupação, arrastando a cauda de seu vestido de noiva como a cauda de um pavão real branco, pelos corredores brancos da clínica, o diadema cintilante, as rugas da testa e as pregas de suas faces trêmulas de medo que Dom Jerónimo me arrebate de suas mãos, minha mão em sua mão, vai levantando o véu que descobre seu rosto horrível, o rosto enrugado da dor, enfermeiras, é ela junto a meu leito, a anã libidinosa e teimosa, enfermeiras, não posso espantar este rosto, deem-me outra injeção para não sentir mais as dores que vão crescendo mais e mais, as senhoras são tão boas, eu lhe juro, Imperatriz, casarei com você se conseguir que me dopem mais para matar esta dor que está me matando, juro que casarei aqui mesmo, eu estendido na cama e você exibindo sua cauda recamada e seu diadema, se conseguir que me dopem um pouco mais para apagar seu rosto horrível, mas vejo em seus olhos que duvida, por isso esses passeios, duvida que sou homem, talvez já tenham feito a operação, tenham restituído a mim o sexo contaminado pela Peta, flácido, inútil, você não conseguiu vê-lo ao abrir meu pijama, passeia, sinto no corredor a suntuosa vassoura de sua cauda, arrastando-se ao dar outra volta. Você se senta junto a mim. Toma minha mão. Todo coberto com um véu branco, sim, sou capaz, Imperatriz, acredite, Humberto Peñaloza, apesar de ser o par da Peta, é capaz de fazê-la feliz, quero mostrar a você que tenho sexo, por isso levanto a coberta, por isso, porque quero provar-lhe, para que você saiba que valho a pena e me consiga uma injeção para apagar seu rosto horrível, levanto seu vestido de noiva para violá-la, isso é o que você quer, Imperatriz,

não o negue, não tente impedir, com uma escaramuça simulada, que eu me levante, não finja lamentações ao tentar afastar minhas mãos que se metem por seu horripilante decote sardento de anã velha e meus dedos que procuram seu sexo para excitá-lo mesmo que esteja sempre escorregadio e excitado, não vá embora, não vá, não me deixe só, não fuja gritando porque tento violá-la, não corra tropeçando na cauda de seu vestido de noiva, não proteste, você me obrigou a possuí-la aqui mesmo e agora me abandonou neste beco sem saída, provetas e tubos que fervem, sondas de soro e transfusões além de muitos fios que não sei o que são e me prendem, quero fugir, sim, tenho que fugir para que não me matem afogado, abrir a janela para respirar um pouco de ar não viciado, mas a janela não é janela, agora percebo o engano, é a ampliação fotográfica de uma janela que colaram na parede para simular luz e espaço mentirosos, para que deseje abri-la, tocar seu vidro que não é frio porque não é vidro mas papel muito fino estendido sobre o barro, fotografia, mentira, não há janela, não há porta, não há saída, não há por onde sair, arranho, rasgo, arranco pedaços dessa fotografia que mente um exterior que jamais existiu em nenhuma parte, arranco-a em tiras, rasgo pedaços da fotografia da janela com a esperança de encontrar um orifício de verdade, as unhas me doem, rasgo, arranho, nada, não há nada, parede de adobe, muro de barro empapelado com jornais velhos, notícias arrepiantes que não interessam mais, inundação no Yang-Tsé-Kiang, terremoto em Skopje, fome no Nordeste do Brasil, este quebra-cabeças de horrores, títulos de notícias que já não são notícias, arranquei a janela e sua luz fingida e seu ar e seu vento e sua rua sem interesse por onde podia ter fugido seguindo o caminho assinalado pelas velhas que me chamavam, nada, tumulto de manchetes caducas, de tópicos desvanecidos, de discussões encerradas então e para sempre, não é sequer um quarto, é terra, não há mais papel, barro, pedras, um buraco, cova não escavada que estou cavando no barro ressequido, masmorra onde me encerraram no centro da terra e me taparam, não ganho nada em pedir auxílio aos gritos, Imperatriz, Imperatriz, salve-me, minha voz não se ouve, o doutor Azula me extirpou a garganta, não quero falar, não quero gritar porque ninguém me ouvirá, estou só no centro da terra, rodeado de paredes cegas neste sótão que me comprime, pedras, tijolos, terra, ossos, cavo, cavando e quebrando com as unhas e os dentes a lembrança dessa janela mentirosa que tinham pendurado para que pensasse

que existia um lá fora, cavando com mãos ensanguentadas terei que chegar a algo, em cima, em baixo, não há direção porque não há lá fora embora deva existir, porque lembro de alguma coisa mais, mas pouco mais que esta cela fechada em que me debato, em que meu corpo mal cabe, estou esgotando o ar, perfurar túneis e galerias e corredores e passagens na terra para sair, criar pátios e quartos para percorrer, um espaço sequer, não esta prisão de tûmulo que mordo, arranho, quebro sem conseguir nada, meu espaço se encolhe, estou me afogando porque não houve jamais janela, porque não há nada o que olhar pelas janelas, o ar fresco era alucinação, a água que corre pelo cano uma invenção que não me deixam tocar, nem sentir em meu rosto o arzinho revoltado que agita as laranjeiras indicando a necessidade de um cobertor, e o fraco sol através dos galhos das laranjeiras mentindo uma luz subaquática em que nadamos sem pressa, os destroços desta parede, é preciso varrê-los e deixar tudo limpo, jornais velhos rasgados, varra tudo Mudinho, faça um monte bem-feitinho para que ninguém veja a sujeira, sim, Dora, não me apresse porque estou um pouco cansado, não vê que estou varrendo enquanto você cobre a boca com seu xale para rir de alguma coisa que a Rita lhe disse e depois descobre essa caverna desdentada, aqui não há ninguém com a cara coberta, não há máscaras nem disfarces nem caretas não, aqui todos têm sua própria cara deteriorando-se na ordem de um tempo linear, como deve ser, e o Mudinho com sua vassoura faz outro montinho com os pedaços do reboco que caiu e jornais rasgados, tanto jornal, há quartos cheios de jornais velhos na Casa, tanto papel inútil que o Arcebispo nos manda. Madre Benita e Dona Raquel Ruiz estiveram passeando pelo corredor ininterruptamente durante horas e horas, discutem, falaram de tudo mas muito mais da chegada de Dona Inés, sim, dizem que a coitada está muito abatida e agora os jornais de esquerda não fazem outra coisa senão atacá-la e ridicularizá-la por causa da Beata. Olhe que besteira, com os milhões que tem, fazer voto de pobreza! Com certeza foi de pura raiva porque Jerónimo assinou os papéis de transferência da Casa sem consultá-la, aproveitando que ela está na Europa, embora esteja certa que Jerónimo jamais a consultou para nada, e quando chegar encontrará a Casa leiloada, as velhas em outros asilos, as paredes de adobe demolidas... disso estiveram falando, dando voltas ao redor do pátio, enquanto o Mudinho varre e Rita e Dora se entretêm arrancando rabanetes vermelhos, jogando-os em um canudo de papel de jornal para guardá-los e

comê-los quando chegar a ocasião, tão tenros estão os rabanetes. Vamos, Rita, Madre Benita está chamando você, Dona Raquel tem que ir embora, venha nos abrir o portão, vou acompanhá-la... já volto, isso me dizem seus olhos, espere-me Mudinho, já volto, continue varrendo, que tudo continue igual até que eu volte ao pátio das laranjeiras depois de me despedir de Dona Raquel na portaria, dizem que vão demolir isto, mas isso é o que dizem desde que eu era pequena, Madre Benita e vinha aqui fazer meus exercícios espirituais, e está se vendo, não demolem nada, tudo continua igual, o Mudinho varrendo, a Dora inclinada sobre seus rabanetes, examinando minuciosamente os tubérculos sangrentos como cotos que as velhas devorarão.

POR QUE ESSA expressão perturbada, Madre Benita? Abandono a vassoura para atender quando a senhora me chama sem me chamar. Despediu-se de Dona Raquel na portaria, volta ao pátio das laranjeiras, e está olhando de um lado para outro como quem procura apoio, mas não quer pedir nada, não importa, eu entendo que está pedindo, vamos Mudinho, está me dizendo, que eu não precise rogar para que me acompanhe, siga-me pelas galerias que conduzem à capela. Só a oração poderá acabar com essa angústia que vejo emoldurada em sua papalina suja, acompanhe-me Mudinho, o que mais quero é estar só e você sabe me acompanhar deixando-me só na capela onde já não se reza missa: não passa de uma despensa com bancos, um altar, santos de gesso, genuflexórios, confessionários, objetos de um culto que já não existe, mas as velhas continuam vindo aqui de tarde, percorrendo os corredores, agarradas umas às roupas das outras, para rezar terços nesta capela que não é mais capela. Por sorte, nesta tarde não há nenhuma velha para interromper minha meditação com cochichos e ladainhas, minha ânsia de rezar, Senhor meu, neste lugar condenado, que é onde tenho tentado chegar a Ti há quantos, vinte e dois, não, vinte e três anos. No princípio, a Superiora me dizia sim, estou lhe procurando outra ocupação mais ativa, uma religiosa inteligente como você não pode estar perdendo tempo nessa Casa, acredito que no ano que vem vou poder mandá-la a... não me lembro mais aonde. Por isso, tenha paciência, filha. Continue seu trabalho com a humildade de sempre... mas Madre, um pouco de ajuda, não é só dinheiro, mande-me outras freiras, ativas, jovens, as duas que tenho, a Madre Anselma e a Madre Júlia, já se confundiram com as velhas trôpegas que me cercam, as velhas engoliram as religiosas que deviam me ajudar, e agora repartem seus andrajos, manias, superstições, não distingo mais a Madre Júlia ou a Madre Anselma das outras velhas. O Mudinho, sim. Você está aí, na sombra do confessionário, Mudinho, acompanhando-me? A senhora está aí, Madre Benita, sentada no último banco, tentando rezar, sem conseguir? A Superiora dizia, espere um pouco. Esperei. Nós nos

entregávamos todas, com o Mudinho, ao trabalho inútil de tentar manter algo parecido à dignidade e à ordem na Casa, sem o Mudinho seria impossível combater os desmoronamentos, mas a cada ano o combate é um pouco menor, sim, agora é quase nada, não sei o que você andava varrendo no pátio hoje, outro desmoronamento, bem, é preciso fazer algo, sim, Madre, é preciso fazer algo, e a Madre Superiora dizia à Madre Benita espere, filha, espere no ano que vem, prometo-lhe que a porei na direção de um colégio, você, com sua cultura e inteligência, está sendo desperdiçada nesta Casa, mas essa Superiora era mandada a Roma ou morria e a Superiora seguinte não conhecia o trabalho de Madre Benita, e do mesmo modo também lhe dizia espere, filha, espere, preciso conhecê-la melhor para saber do que é capaz, ninguém tem informações escritas sobre seu trabalho, que não deixou sinais, dizem... dizem... não basta esse dizem, devo, então, comprovar com meus próprios olhos, por favor, Madre, estou morrendo de aborrecimento nesta Casa, por não ter com quem falar, morro de medo que esta legião de velhas me devore como devorou as outras freiras, morro por estar cercada de imbecilidade e decrepitude, já fiz 48 anos, 50, 54, 58, espere, filha, depois já não diziam espere mas conforme-se, ofereça seu sacrifício a Deus pois, assim, ganhará o céu, é grande o seu sacrifício ficando na Casa, olhe, se não tivéssemos você, a Casa se acabaria, mas agora a Casa vai se acabar, apesar de minha presença, foi isso que Dona Raquel me garantiu, virão os leiloeiros para fazer o inventário de todas estas porcarias, bancos de madeira, santos de gesso, suave litografia da Virgem e o Menino, agora já não existe mais a capela: um papel assinado pelo Arcebispo execrou-a. Mas Tua presença ainda arde vermelha na lamparina do Santíssimo. Depois dos leiloeiros virão as pás mecânicas e as picaretas e os caminhões e os operários para onde iremos, Mudinho... que será de nós, Madre Benita, onde nos refugiaremos, o projeto de Dona Raquel é outra máquina para escravizar as velhas, por isso é que vi a senhora discutindo com Dona Raquel, caminhando sem parar pelos corredores do pátio das laranjeiras, eu as vigiava da sombra, não estava acontecendo nada, a Carmela passava cantarolando *Venha e Vamos Todos*, eu com minha vassoura, a Dora e a Rita arrancando cotos ensanguentados, sim, Dona Raquel, o Padre Azócar me prometeu que o cargo de Econômica-Chefe da Cidade dos Meninos será meu, mas é que não se pode falar do Padre Azócar sem que a senhora se irrite, ai, Madre

Benita, incrível como a senhora é ingênua apesar dos anos, padre mentiroso, politiqueiro, é verdade, vão demolir isto, mas não vai haver nenhuma Cidade dos Meninos porque ele vai enfiar o dinheiro no bolso e este terreno será loteado, para vender e gastar mais dinheiro na campanha política de seu candidato, parece que estou vendo, é mais claro que água, por isso a pressa em demolir, agora que as eleições estão próximas, que não me venha com histórias esse tal de Padre Azócar, que ninguém sabe de onde saiu, não vai haver nenhuma Cidade dos Meninos e as senhoras ficarão abandonadas, nem sei onde as irão meter... claro que eu, Madre Benita, posso lhe oferecer outra coisa... algo melhor... algo maravilhoso... a chaminha do Santíssimo pisca e treme enquanto sua sombra passeia pelo presbitério convencendo-me, demolindo minha fé em que algum dia vou me livrar das velhas para trabalhar com gente jovem e diante de janelões amplos, fala, gesticula, é como se estivesse me aconselhando, do banco de trás da capela ouço-a dizer que pode me oferecer algo muito mais interessante:

— O quê?

— Se lhe oferecer a possibilidade de organizar um estabelecimento para asilar anciãs, não estaria disposta a assumir sua direção?

— Não há nenhuma possibilidade, Dona Raquel. Seria necessário uma fortuna. Fiz uma lista de todas as asiladas, com suas histórias pessoais, com o que elas se lembram ou querem me contar. Muitas deviam estar hospitalizadas. É preciso mandar várias ao manicômio... a coitada da Amalia, por exemplo, lembra-se dela, aquela mulherzinha meio torta que servia à Brígida, anda chorando desesperada porque diz que não encontra o dedo, e nem ela nem ninguém sabe que dedo é esse, mas ela o procura por todas as partes sem saber sequer como é esse dedo que não viu nunca, não fala de outra coisa... e as famosas órfãzinhas...

— E a Brígida?

— Mas, Dona Raquel! A senhora está um pouco estranha... a senhora mesmo a enterrou faz um ano, como não se lembra...

— Claro que me lembro.

— Então?

— Estou tratando da herança da Brígida.

— Não entendo o que isso tem a ver... não pode ser a senhora que está me falando aos gritos do presbitério, Dona Raquel, a senhora não grita senão para seus netos, quando lhe roubam doces,

é a Brígida que anda no presbitério e remexe no altar, deve estar limpando, como limpava sempre, cerzindo, remendando, mas não, não é a Brígida, porque está vestida de preto e a Brígida não gostava de preto, por isso deve ser a senhora, dizendo-me que a Brígida guardou cada centavo ganho como sua empregada durante 50 anos. Jamais se soube que gastasse um centavo em nada. Não saía nunca, não tinha família, enviuvou jovem do jardineiro da casa de minha mãe e eu lhe dava de tudo, lençóis, cama, rádio, sapatos, o que quisesse, e toda minha roupa lhe servia porque tínhamos o mesmo corpo. Guardava seu dinheiro num buraco do colchão. E antes do veraneio de fim de ano, levava suas economias num pacotinho a meu marido, para que as investisse em ações da bolsa de bom rendimento, porque não sei se sabe, Mudinho, que o marido de Dona Raquel era um dos corretores da bolsa mais famosos e mais ricos, sim, sabia sim, era amigo de Dom Jerónimo, juntos jogavam Rocambor no Clube da União e com os jornais sobre o rosto dormiam em poltronas iguais na biblioteca. Com os anos, o dinheiro da Brígida em mãos de meu marido foi se centuplicando. Meu marido gostava muito da Brígida. Às vezes, visitava-a para lhe prestar contas dos seus investimentos. Conversava bastante com ela e depois me dizia:

— Que coisa tão estranha, esta mulherzinha que nunca sai de casa e só conhece novenas e rosários, tem melhores ideias para a bolsa que eu. Não calcula o que a Brígida me tem feito ganhar com suas sugestões. Você acredita, Mudinho? Não pode ser. Sim, eu acredito, Madre Benita, porque sei que a Brígida era capaz disso e de muito mais. A verdade é que, em certa época, a Brígida andou muito nervosa, até que, de repente, uma manhã, ligou para o escritório de meu marido e, apesar de toda a sua resistência, ela lhe deu instruções para que vendesse todos os seus valores e lhe comprasse ouro. Meu marido pensou que a Brígida ficara louca. Mas como o ouro nunca foi mau investimento, e assim não perdia nada, obedeceu-a. O curioso é que depois desse incidente meu marido andou tristonho, nervoso... até que, de um momento para outro, num belo dia, levantou-se cedo e, embora os outros corretores pensassem que estava completamente louco, pegou todas as bonificações e ações de nossa fortuna, vendeu-as e comprou ouro, como a Brígida. Nunca soube explicar por que o fez. Só eu sei que não foi seu gênio como corretor da bolsa que o salvou, como se disse, poucos dias depois, quando houve aquela queda enorme na

bolsa internacional e as pessoas perderam tudo e muitos até se suicidaram... nós salvamos tudo, e depois, quando as pessoas vendiam coisas valiosíssimas por nada, nós sempre comprávamos.

— Dona Raquel, se quer fazer uma doação com o dinheiro da Brígida, por que não à Cidade dos Meninos...

— A senhora é muito mais ingênua do que parece, Madre Benita. Deixe-me continuar contando: quando enviei há 15 anos, a Brígida não quis que ninguém mais tocasse no dinheiro dela, colocado, por meu marido, em propriedades urbanas, quando estavam muito baratas, depois da queda da bolsa. Seu escritório as administrava. Não confiava em ninguém além dele. E em mim. Por isso, quando meu marido morreu, a Brígida tirou todo seu dinheiro do escritório e o pôs, em meu nome, nas casas e apartamentos, porque ela dizia:

— Mas Dona Raquel, eu não sei ler nem escrever, nem mesmo sei assinar, então é melhor que tudo fique em seu nome. Entendeu, Madre Benita? A tirania dos fracos, os meninos que se riem com a barriga cortada não vão à prisão para serem torturados, o surdo-mudo vence os punhos da polícia e a operação do doutor Azula me salvou porque agora ninguém pode desejar nada meu... ouçamos esse ser que fala do presbitério, essa silhueta iluminada pela luz vermelha que desfalece na lamparina do Santíssimo: desde então, dediquei-me a administrar os bens da Brígida. Com as rendas, que continuava acumulando no buraco do colchão, eu lhe comprava mais casas e apartamentos. Como ela não gostava de sair, como as outras empregadas, a quem chamava de *rueiras*, eu tinha que ver tudo: via as casas à venda, descrevia-as, descrevia o bairro, a qualidade das construções, então ela me dizia que a deixasse pensar e, na manhã seguinte, quando me levava o café da manhã e o jornal, na cama, me dizia:

— Compre.

— E, em vez de ficar na cama folheando o último figurino ou falando pelo telefone com minhas noras, tinha que me levantar cedo para realizar esta ou aquela transação, uma casa, um terreno para a Brígida. Ela me passou poderes em cartório, Madre Benita. Como é terrível sobrecarregar uma pessoa com os poderes de outra. E como ela não gostava de discussões, murmurava: dizem que as pessoas de hoje discutem muito e são muito atrevidas, então, incumbia-me das cobranças de seus aluguéis. Eu assinava por ela os recibos, as escrituras de compra e venda em meu nome, eu andava

pelos cartórios, saía para procurar um gasista de confiança que consertasse o aquecedor que os inquilinos que tivemos que despejar porque não eram casados deixaram em péssimo estado, enfim, fazia tudo. Mas gostava de fazer as coisas para a Brígida, Madre Benita, por que não lhe dizer que aquilo me distraía, e que esse dinheiro seu, inútil, cujo único destino era se acrescentar sem que servisse para nada, era muito mais meu que tudo o que herdei. A senhora sabe que a vida de uma mulher como eu, que tem filhos crescidos e administradores que se encarregam de tudo, é bastante aborrecida. Enquanto minhas amigas se distraíam jogando bridge, eu me distraía administrando essa fortuna imprestável, hipotética, eu a ajudava a crescer como um câncer, sem se relacionar com nada, sem servir para nada. Era um jogo. Mas eu não jogava, o jogo jogava comigo, porque eu não podia deixá-lo, vicie-me, correndo de apartamento em apartamento, brigando por um vidro quebrado, pegando bronquite nos corredores das casas de aluguel da Brígida, em suas pensões, distanciando-me de minhas amigas, descuidando-me dos netos, que me interessavam menos que este jogo, esganiçando-me de tanto gritar com um inquilino que não queria ou não podia pagar, enquanto ela, Brígida, esperava-me em minha casa com calefação, sempre tranquila e bem-posta, o coque cinza tão *soignée*. Ajoelhava-se a meus pés para tirar meus sapatos sujos de barro porque precisei percorrer um povoado inteiro para verificar se era verdade que uns inquilinos estavam sublocando peças, dizem, e eu não gosto que subloquem minhas casas. De noite, caía em minha cama rendida por este jogo em que a Brígida me prendeu, e ela me trazia uma xícara de chá e umas torradas bem fininhas, bem como eu gostava, e com seus braços cruzados respeitosamente, junto à minha cama, me perguntava: não foi muito o que pagou pelo papel de parede para o apartamento de Riquelme, dizem que tem uma fábrica em São Isidro com uns papéis muito bonitos e muito baratos... dizem... dizem... não sei de onde saem essas vozes que dizem, e perseguida por esses dizem eu saía compulsivamente para jogar esse jogo do dinheiro inútil da Brígida. Quando tive a péssima ideia de lhe sugerir que seria bom que fizesse testamento, chorou muitíssimo, claro, agora, depois de tantos anos de serviço, eu não queria continuar ajudando-a com seu dinheirinho... e as coisas pioraram quando lhe disse que não, que só desejava explicar-lhe que não tinha por que continuar sendo minha empregada, que era uma mulher rica, podia morar num de seus apartamentos com uma

mocinha... como a Iris Mateluna, por exemplo, que a serviria, com suas rendas tinha o suficiente para viver como uma rainha... uf! Precisava ver como chorava, o que a senhora quer é se desfazer de mim agora que estou velha, me jogar na rua como se fosse lixo. E então, porque era rancorosa e jamais me perdoou a sugestão de que fosse morar em um de seus apartamentos, falou com a Inés para vir morar nesta Casa, e me disse que não ficava mais comigo porque já não prestava para nada. E aconteceu que gostou de morar aqui na Casa, imagino que foi porque eu tinha que vir do outro lado da cidade, dia sim, dia não, para lhe trazer notícias dos seus negócios. Mas morreu sem fazer o testamento. Toda a sua fortuna está em meu nome. Estou terminando o levantamento... não sei o que fazer com tanto dinheiro, continuo cobrando aluguéis, comprando e vendendo propriedades como se a Brígida vivesse... dizem que no bairro Matadouro... dizem que os fogões a gás... mas não posso continuar prisioneira do dinheiro da Brígida, não posso continuar ouvindo esses dizem, quero me desfazer dela, estou cansada, quero me livrar da Brígida para viver o que sobra de minha própria vida... claro que talvez já não sobre nada...

Está vestida de preto, lá no presbitério. Se houvesse um pouco de luz poderia ver com mais nitidez a expressão de seu rosto e distinguir seus movimentos e gestos. Engordou muito. Mudinho, vá acender umas velas para ver o que está fazendo, vá ajudá-la a pegar essa cadeirinha doirada, parece que está mexendo nela, por que estará mexendo nela, espere, espere, Mudinho, ela se parece mais com a Mercedes Barroso, tão grande e gorda, e vestida de preto, para e vem me falar do que ela não pode saber:

— Por isso é que vim consultá-la. Agora que tudo isto vai terminar, é só questão de semanas, já se sabe, o Padre Azócar mandou que fizesse o inventário, sujeira, claro, mas alguma coisa se poderá tirar e as senhoras vão ter que ir a outro lugar, mas para onde?... eu pensava, Madre Benita, eu pensava que com o dinheiro da Brígida... uma instituição racional, moderna, com médicos especializados e a senhora dirigindo tudo. Instituição Brígida... Brígida... Acredite que não me lembro nem sequer de seu sobrenome? Permaneço na sombra, examinando esse ser que propõe algo a Madre Benita, um plano para que todas nós nos mudemos para um hospital asséptico, com máscaras brancas e enfermeiras. Mas eu a conheço tão bem, Madre Benita, que sei que a senhora vai dizer que não, de modo nenhum, ainda que ela insista em que

compraria uma casa moderna e agradável, com jardim, talvez com parque, tenta convencê-la embora a senhora explique a esse ser mal-iluminado pela luz da Presença nesta capela, que não é mais capela, que as velhas são tantas, muitas...

— Mas irão diminuindo. Hoje as pessoas não têm empregadas como antigamente, daquelas com quem a gente deve se preocupar pelo resto da vida. Eu queria lhe propor, justamente isso, que não aceitasse mais velhas. Ficarmos só com as que temos, que irão morrendo pouco a pouco até que não sobre nenhuma. Com a experiência que a senhora tem, poderia pegar a administração da Casa nova, uma Casa branca, bonita... Que as velhas que ainda restam vivam bem, em nome da Brígida, com veraneios, calefação central, bons médicos, ônibus para os passeios à praia e ao campo, e assim se gaste todo este inútil dinheiro da Brígida, que se não gasto, vai ficar pesando sobre meus ombros...

— Não... não... não quero mais velhas... elas sempre se arranjarão para ter braseiros em vez de calefação, e gaiolas com tordos ou loicas, e pacotinhos debaixo da cama... não...

Essa figura solene, vestida de preto, arrastou a cadeirinha dourada até à lamparina do Santíssimo, não, não suba, Menche, você é muito gorda, muito velha, muito desajeitada, a cadeirinha é muito ordinária, porcaria, madeira e gesso, não vai resistir, não suba...

— Não, Dona Raquel, livre-se de sua Brígida como puder. Não a passe para mim. Faz 20 anos que vivo rodeada de decrepitude. O Padre Azócar pode ser tudo o que a senhora quiser, mas sabe o que faz.

— ... vou queimar os bilhetes. Papel puro. Só papel, papel de jornal picado e recortado que só serve para queimar, não acredito que a Brígida se importe que o queime...

Pobre Mercedes Barroso, quer subir à cadeira para roubar a lamparina do Santíssimo! A única coisa boa que existe nesta Casa, Madre Benita, o resto é lixo, preciso dela para o oratório do Monsenhor, que vamos inaugurar logo, e esta lamparina, que é um trabalho colonial interessantíssimo, brilhará muito lá, é uma pena que esteja enterrada nesta Casa. Vieram buscar a Menche num furgão que nem respeitosamente negro era e nós tivemos que arranjar um punhado de gerânios empoeirados, colhidos no pátio da portaria, para que a coitada da Menche não fosse embora sem flores, ela que era muito divertida mas muito pobre... não foi como

nos funerais da Brígida, que esses, sim, foram funerais de verdade, que a senhora pagou, Dona Raquel, porque é muito boa e generosa, não acredite, Madre Benita, a Brígida tinha mais segredos que esta Casa: o funeral da Brígida não foi presente meu. A Brígida, apesar de seu terror à morte quando se tratava de fazer testamento, jamais teve medo à fantasia de suas próprias exéquias suntuosas, cercadas de ritual e pompa. Custear um funeral maravilhoso, não devê-lo a ninguém, planejá-lo em todos os seus detalhes, foi a obsessão de sua vida. Ainda antes de vir morar aqui, passava o tempo telefonando a todas as empresas de pompas fúnebres para consultar preços, qualidade dos caixões — eu, claro, tinha que examiná-los e lhe dar pormenores — forrados de que metal, em que qualidade de veludo ou cetim, quantos cavalos, cortinas negras com borlas de ouro, candelabros com círios de verdade, de cera, não elétricos como os de agora. Mas não queria, por nenhum motivo, que as outras anciãs da Casa soubessem que era ela que estava pagando o próprio funeral. A grande ilusão de sua vida foi, mediante este luxuoso funeral, pôr o pé em cima de todas as outras criadas, não com a própria riqueza: jamais consegui lhe dar uma ideia clara da enormidade do dinheiro que tinha, porque ela compreendia o detalhe, não a totalidade de sua fortuna. O que queria era impressioná-las com o fato de que tinha uma patroa que gostava tanto dela, que lhe presenteou este funeral: transformar-me nesse monstro de amor que não sou, foi o luxo que ela comprou com sua fortuna. Claro que eu lhe teria pago o funeral de qualquer maneira, Brígida e eu fomos muito unidas, mas nem comigo nem com meus filhos vou gastar em funerais tão ridiculamente pomposos como os da Brígida. Imagine que tinha me dado dinheiro em envelopinhos separados para que eu comprasse coroas de flores em nome de toda minha família. Eles teriam mandado flores de qualquer maneira, mas não tão caras como as que ela me mandou comprar.

Chame-a, chame-a Mudinho, a senhora está me implorando, mas minha voz não será ouvida na escuridão, Madre. Essa silhueta no cenário do presbitério, chame-a, rezemos juntos para que a alma retorne ao Purgatório, Menche, ande, o que está fazendo no presbitério, rezemos, Deus te salve, Rainha e Mãe, Mártir de Misericórdia, Vida, Doçura e Esperança Nossa, a Ti clamamos neste Vale de Lágrimas... A figura parece inventada pela vacilação da chaminha da lamparina do Santíssimo... não, claro que não é Dona Raquel, é a Menche que, por ser muito pobre, está se aproximando

do tabernáculo para roubar, não o abra, Menche, é sacrilégio, só um sacerdote pode abri-lo quando o Senhor está dentro, mas a Menche o abre e se inclina sobre o pano branco e reza... conheço o gesto com que se inclina, Mudinho, conheço o gesto com que abre a portinhola do tabernáculo, com que enfia a mão e tira a caixinha redonda que encerra a hóstia e a enfia entre os botões da batina, porque é batina, não é a Menche, é um padre solene e gordo como a Menche, que faz uma genuflexão e se levanta... é ele. Reconheço-o quando dá a volta para observar a chaminha vermelha que se pendura lá em cima: o cabelo engomalinado como se, pela manhã, o tivessem pintado com nanquim sobre o crânio, as sobrancelhas espessas que não vejo mas adivinho, os olhos escuros, grandes, suaves, de pestanas muito crespas e pálpebras muito carnosas. Por que não me obedece, Mudinho, e o chama e o avisa que estamos aqui, no último banco, olhando-o da escuridão, para que não faça algo que não devamos ver? Deve ser um sonho horroroso, esse em que vejo o senhor Azócar olhar a lamparina do Santíssimo, colocar-se sob ela, esticar a mão, não a alcança, mete o dedo na boca como a Iris Mateluna, e fica pensando. Logo estende a mão outra vez, dando um pulinho: mas não alcança a lamparina do Santíssimo! Que pesadelo horrível, Senhor meu, sonhar que o Padre Azócar vem apagar a luz do Santíssimo, parar o coração da Casa! O Arcebispo assinou a execração, mas só agora se efetiva o ato... apagar a Presença... levar a lamparina... a hóstia... Agora esfrega as mãos gordas, brancas, cobertas de pelo preto. Olha a lamparina. É pecado mortal sonhar que um prelado bom, sim, é bom, tem que ser bom, pois é secretário do Arcebispo, que um prelado distinto, mas muito gordo, ofega ao empurrar a cadeirinha de damasco para deixá-la bem debaixo da lamparina do Santíssimo. Quer tirá-la, vai levá-la. Já o tinha desconfiado, mas não assim, assim é roubo, Padre Azócar... que a leve então, e você Mudinho, que está aí atrás do confessionário, ajude-o a apagar a luz do Santíssimo e a nos deixar sem a Presença. Espere... olhe... vai subir, quer se encarapitar na cadeirinha de gesso dourado que é muito frágil, não suba, Padre, não suba porque o senhor é desajeitado e gordo e o Mudinho é ágil e eu o mandarei trazer uma escada para tirar a lamparina do Santíssimo que o senhor quer levar, não me obrigue a vê-lo fazendo coisas ridículas, eu lhe imploro. Essa cadeira é frágil como as minhas mesas de mármore restaurado e meus pedestais de madeira imitando mármore e o linóleo gasto e os bancos de madeira, é fraca,

vai se quebrar se o senhor subir porque o senhor é muito pesado. Por favor, ouça-me. E você também, Mudinho, não fique aí vendo meu pesadelo e escutando minha voz sem me responder. Ande, detenha-o, que não suba na cadeirinha, está arregaçando a batina, insiste, vacila, vai custar muito a subir. Com a batina arregaçada, levanta a perna gorda, deixa-a um segundo no ar com o pé apontado como se fosse o de uma bailarina, e a abaixa porque não pode subir à cadeirinha. Levanta a outra perna, ofega, baixa-a, é incapaz. Não sabe o que fazer. Senta-se na cadeirinha. Contempla a lamparina. Põe-se de pé e dá saltos para alcançá-la, mas, é claro, não pode, só consegue roçá-la e a faz oscilar e a chaminha pisca e todas as sombras da capela, eu e ele e o Mudinho e os santos, todos dançamos. Agora se ajoelha sobre o assento de damasco vermelho e agarrando-se ao espaldar tenta levantar seu corno, não, Padre Azócar, o espaldar está solto, eu conheço essa cadeira... suas pernas obscenas... suas ligas... Senhor, Senhor, não permita vingar-me do Padre Azócar que sabe que esta casa é só sujeira, que nós somos pura sujeira, não permita vingar-me dele com este sonho, odeio-o porque prometeu me libertar das velhas mas não vai fazê-lo e o odeio e quero controlar meu sonho e não posso. Ofega. Está se levantando e encarapitado na cadeirinha, que range sob seu peso, não se mexa, Padre, vai cair, quieto, mas o senhor levanta os braços, toca na lamparina e a cadeira oscila, está tremendo e ele percebe e abre os braços para conservar o equilíbrio como quem dança em corda no circo... tudo está cambaleando, estamos todos cambaleando e ele não pode tirar a lamparina desejada. A cadeira treme. Está com medo agora. Arrependido. Quer descer. Arregaça a batina de novo e desce indeciso um pé como um menino que o mete na água e o retira porque está fria... dançando em cima da cadeirinha dourada, esse corpo rechonchudo com os braços abertos... vai cair, Padre, o Mudinho já vai ajudá-lo, levanta o outro pé, coloca-o em ponta, flexiona o outro joelho, ouço-o ofegar porque o senhor é gordo e está com medo, ajude-o Mudinho, pense no meu pecado de estar sonhando este sonho escandaloso, tire-me deste pesadelo, Mudinho, não quero continuar pecando com este sonho mas o que posso fazer para deter um sonho que se arrasta, e Madre Benita aperta o punho contra a boca para não chorar de medo, Brígida precisa me salvar, ela salvará a todas nós, Dona Raquel me prometeu, cobre a boca para não chorar de medo porque o Padre Azócar continua fazendo piruetas de dançarina em cima da

cadeirinha fraca, e Madre Benita aperta o punho e tapa a boca para engolir o pranto, isso que está subindo em meu peito e me dói, sinto minhas lágrimas, agita-se meu peito e algo sobe, sobe, Deus meu, não posso controlar esta maré, não me permita fazê-lo, Senhor, não me deixe, e quando o Padre Azócar está com o pé esticado no ar, pronto para descer, a gargalhada de Madre Benita soa escandalosa na capela que nunca mais voltará a ser capela porque minha gargalhada a execrou definitivamente... o prelado escorregou e caiu.

— Merda...

Madre Benita levanta-se da sombra tentando deter a gargalhada e ela e eu corremos ao mesmo tempo até o presbitério para ajudar o padre que bufa e ofega e pragueja, tentando por-se em pé:

— Ai, aiaiaizinho...

Madre Benita e o Mudinho ajudam-no a levantar-se. Cai outra vez, puxamos e ele bufa até que fica parado, limpando o pó da batina, passando a mão pelo cabelo para restituir a perfeita falsidade de sua pretura. Logo muda o ritmo de sua respiração.

— Por que não me fez notar sua presença, Madre Benita?

A senhora não pode dizer: porque estava dormindo. Melhor não dizer nada, não dizer porque estava falando com Dona Raquel que me disse algo que será melhor que ela o diga ao senhor... o senhor poderá fazer algo para que Dona Raquel nos ajude, ou o Arcebispo, não sei quem, precisamos de um refúgio agora que tudo isto está se acabando... mas não posso. Calar, obedecer, como calei e obedeci sempre.

— Por que não disse ao Mudinho que me ajudasse?

Calar. Calar.

— Não sei se se lembra que há algum tempo eu a chamei para lhe pedir que tivesse esta lamparina pronta para levá-la... antes que os leiloeiros venham fazer lotes para o leilão que precederá a demolição...

— Sim, sim...

— Salvar esta peça extraordinária...

— Sim, sim eu sei, Padre Azócar tudo o mais é lixo, compreendo, aceito, as pás mecânicas nos nivelarão, deixarão ao nível da terra de onde esta Casa se levantou. E nós? Eu e o Mudinho e as velhas? Também cairemos? Seus olhos suaves repentinamente petrificados me garantem que não serei ecônoma da Cidade dos Meninos. Minha gargalhada me condenou. Não. Já antes estávamos todos condenados porque os senhores tinham se esquecido de nós,

Padre Azócar, nem uma esmola, a menor misericórdia porque não temos importância e quase não somos seres humanos, mas refugos, sim, sim, não diga que não, despreza-nos como o resto da sujeira desta Casa e o nosso destino não tem importância... com que direito me pede que não pense nisso se o senhor e o Arcebispo nos abandonaram famintas, sem roupa, doentes durante anos e anos... não, Padre...

— Acalme-se, filha!

— Pede-me calma e não me dá com o que me acalmar.

Padre Azócar se ergue: é enorme, negro, reluzente, inteiro de cetim brilhante, o poder erecto, a voz segura, o dedo branco que ameaça é cruel, uma ameaça que se cumprirá porque ele vai se encarregar de que se cumpra.

— Isto é uma indisciplina que não posso tolerar, Madre Benita. Vou ter que falar com sua Superiora, isto não pode ficar assim.

— Há seis meses que não sei nada dela. Nem se digna a atender o telefone quando a chamo, está muito ocupada...

— Bem, bem, acabou-se... e amanhã mando buscar a lamparina, deixe-a na portaria com a Rita. Agora levo as santas espécies, e depois que tiverem tirado a lamparina, que o Mudinho vede todas as portas da capela. Só a abram quando os leiloeiros vierem fazer o inventário.

Está a ponto de sair da capela que já não é capela. Volta-se para o altar. Vai ajoelhar-se para fazer o sinal da cruz, mas lembra que a hóstia já não está no tabernáculo que já não é tabernáculo, que ele, Padre Azócar, um prelado distinto, leva-a em seu peito, sob a batina, junto ao coração. Volta-se para a freira outra vez:

— Até logo, Madre.

— Até logo, Padre.

— Ah, e...

A cara do senhor Azócar se abrandava. Por um instante recupera seus olhos suaves. A freira não deixa de olhá-lo.

— Sim, Padre?

— ... espero que não comente isso com ninguém...

Agora é a senhora que manda, Madre Benita, agora é a senhora a que não baixa os olhos porque sabe que não foi sua pobre gargalhada o que execrou a capela, mas a palavra suja que o cura disse ao cair da cadeira.

— O que quer que não comente com ninguém?

A senhora lhe pergunta cruelmente, como deve ser, porque sabe:

que não comente sua figura ridícula dançando de ambição sobre a cadeirinha que rangia, que não comente seu palavrão ao cair. Mas a senhora quer que esse cura, esse homem que a humilha, lhe peça, que ao dizê-lo confesse, ele, a própria humilhação. Sim. Que seus olhos suaves e sua palavra solene se dobrem ao lhe pedir discrição. Os olhos do prelado voltam a se endurecer.

— Nada, Madre Benita... não se preocupe...

Fica só a luzinha vermelha, viva ainda, dolorosa como um toco, pendurada a um lado do altar. Agora é só questão de apagá-la e descer essa peça de ourivesaria, o que contém não significa mais nada porque o Padre Azócar levou a hóstia, só o continente tem importância porque é muito valioso, é peça única, Madre. Embora ainda arda a chaminha, isto está transformado numa peça vazia qualquer da Casa. Sentimos o vento que se coa pelas frestas como em qualquer das outras peças. Um vidro quebrado, talvez dois ou três, é preciso ter cuidado com os vitrais. Em um canto, roem, roem e roem os ratos para, depois, irem ocultar-se quem sabe em que profundidade das muralhas de tijolo. Eu, porém, ainda posso rezar nesta casca vazia. Essa chama vermelha é minha súplica... o que será de nós, Deus Meu, quando estas paredes de barro caírem. Não quero pensar. Fecha os olhos.

— Senhor Meu Jesus Cristo, Deus e Homem Verdadeiro...

Ao abrir os olhos percebe que esteve dormindo outra vez. Outra vez, Mudinho? Não será só outra parte da mesma vez? Mudo, Mudinho, não me deixe só, onde está você, sinto a derrota... minha ameaça não assusta ninguém, minha súplica jamais chega a se completar porque me canso e durmo... vou me deitar porque estou velha e não sei quando estou dormindo e quando estou acordada... acenda uma vela, Mudinho, ilumine o corredor para eu chegar até minha cela e refugiar-me em minha cama.

OS LEILOEIROS ABRIRAM a capela e tiraram tudo, organizando lotes nos corredores, cada lote com etiqueta e número: confessionários carcomidos, muitas cadeirinhas douradas mancas e com o damasco vermelho gasto e rasgado e manchado, banquetas de madeira, pedestais de madeira imitando mármore, genuflexórios de veludo empoeirado com as dobradiças gastas. Os leiloeiros preveniram Madre Benita:

— Vão pagar a preço de lenha.

— Digam isso ao Padre Azócar.

— Bem. Para que não tenha ilusões.

— Não creio que as tenha. Faz tempo que levou o pouco de valor que havia aqui.

Os leiloeiros também tiraram a única coisa que servia de verdadeiro ornato à capela, seu luxo: os quatro grandes vitrais de princípios do século nos quais quatro grupos de benfeitoras da Casa ataviadas com negros véus, ajoelhadas, inclinadas sobre as mãos unidas em oração, os nomes distintos reluzindo ao pé de cada vitral, rodeavam o Arcanjo Gabriel com seu dedinho levantado e a Virgem de olhos pudorosos no primeiro grupo; a Imaculada Conceição esmagando com os pés puríssimos a cabeça do monstro que tem a bola do mundo em suas garras no segundo grupo; Santa Ana, que concebeu a Virgem sem pecado original no terceiro grupo; e o quarto grupo rodeando a Virgem em visita a Santa Isabel com o ventre inchado por um invisível São João Batista, que se rejubile lá dentro e que esse abraço limpe a ele também de pecado original. Os vitrais eram trabalho catalão, obras de arte segundo alguns entendidos, interessantes como exemplos do gosto da época. Depois de arrancá-los das janelas, apoiaram-nos às pilastras do claustro com o propósito de que, no dia do leilão, um sol tentador os atravessasse — as cores eram, na realidade, muito bonitas, e também as bordas e decorações quase chinesas, lotos e garças e coisas que pareciam bambus — para que os possíveis compradores dessem, pelo menos, algo por eles, embora para que diabos servissem esses vitrais, a presença dessas senhoras bonitonas

vestidas de preto e cujas identidades não significavam mais nada para ninguém, inutilizando um conjunto que, de outro modo, talvez pudesse ter algum valor.

Nas paredes da capela de portas vedadas por cruzeiros de madeira ficaram quatro enormes buracos. Como o leilão demorava, alguns pássaros começaram a fazer ninhos nesses buracos e as aranhas estendiam as estruturas de efêmeros vitrais, varridos pelas correntes de ar que à noite faziam vacilar a chama das velas — pouquinho luz, não vá se ver lá de fora — acesas pelas asiladas. Entronizada na cadeira de ouro e damasco vermelho que colocaram no meio do presbitério que já não era senão um tablado de madeira, Iris Mateluna espirrou. Dora disse:

— Ave Maria Puríssima.

No colo de Iris, a criança também espirrou.

— Sem pecado concebida.

— Agasalhe-se bem, Iris, e agasalhe a criança, olhe que a bronquite é muito contagiosa nesta época do ano e dizem que neste bairro anda muita gripe.

Iris levantou a gola do casaco marrom, cuja largura dissimulava a gravidez, essa gravidez insistente, inquietante, indecisa, que se prolongava por meses, sob o temor de todas, que repetimos é milagre, é milagre, a Brígida disse, ela sabe dessas coisas, quando é milagre, a gravidez pode ser curta mas também pode ser muito mais comprida, até que o menino, em sua sabedoria, calcule que tenha chegado o momento preciso de nos levar ao céu logo que nascer, o mais cedo possível, porque vão derrubar esta Casa e quem sabe o que será de nós quando começarem a demoli-la, para onde nos mandarão, a gente se preocupa, como é que não vai se preocupar, mas não se deve ter medo, deve ter confiança no menino, as coisas acontecerão quando ele quiser e enquanto isso nós temos que cuidar da Iris, ficou manhosa essa menina, de mau humor, mas é preciso obedecê-la e adorá-la, rodeando-a de cânticos e velas e rezas. O menino voltou a espirrar.

— Cuidado, Iris...

Ela bocejou:

— É, então. Esteve muito chata a festa desta noite. Olhem como escorre o ranho do bebê. Se a festa de amanhã não for mais divertida, vou acusá-las à Madre Benita. Já chega. Estou cansada de ficar sentada aqui com o bebê nos braços, vamos para dentro, estou com sono. Quero me deitar. O bebê está molhado, por isso espirra.

— O pipi não esfria, conserva o calor.

— Isso quando o bebê tem calcinha de borracha em cima da fralda, Amalia, mas não pusemos...

— Ah, sim? Não sabia.

— Você nunca sabe nada, Amalia?

Um mês atrás, antes que viessem os leiloeiros para organizar os lotes, o Arcebispo fez tirar os santos. As asiladas ficaram tristes com a capela vazia, embora soubessem que não era mais capela porque estava execrada. Mudinho lhes disse, porém, que não fossem bobas, por que choravam, que fossem ao pátio dele, lá encontraram pedaços de drapeados de gesso, mantos, arminhos, pedrarias, um punhal metido no peito de uma mártir, auréolas e coroas e olhos vigilantes desbotados e pedaços de cabeça com restos de autoridade, a grama cresce, é preciso descobrir serpentes diabólicas sem línguas sob o emaranhado de sarças, rostos fundidos entre a galega e as teatinas^[11], pernas retorcidas pela dor do êxtase, dedos folheando um livreco de gesso ou debulhando um rosário. Mudinho insinuou que se o Arcebispo tirava seus santos, elas podiam fabricar outros, era o cúmulo que deixassem a capela transformada em uma barraca. As asiladas se orgulhavam de seus achados e criações. Com muito tempo de entretenimento, quase esqueceram Iris com seu menino, porque isto de armar seres, organizar identidades arbitrárias ao colar pedaços com mais ou menos acerto, era como um jogo, e a gente, como vai saber, pode até fazer um santo de verdade com estes pedaços que estamos colando, mas não importa, para isso é que o Mudinho está aqui, e embora não possa fazer trabalhos pesados, ele sabe, desenha feições nos rostos apagados, sugerindo combinações de pedaços interessantes que não teriam ocorrido a ninguém, Iris armando santos entre a galega, Dora atrás da sarça, este mato de erva-doce que agarra em suas raízes um santo que parece João Batista, é preciso abrir um buraco para desenredá-lo, asa com rosto de mulher, cabeleira de Madalena com goela de dragão que não solta fogo, é preciso dissimular, com um pouco de pintura, a linha do cangote e colamos esta cabeça que não pertence a este corpo, não, não façam isso, essa é a beata Inés de Azcoitía, ela conservou a cicatriz no pescoço toda a vida, por isso, usava a papalina, por isso esta Casa, construída para encerrar e ocultar. Amalia diz:

— Mas não podemos venerá-la, a beatificação não saiu. Pobre Dona Inés.

— Mas ainda pode sair. Dizem que vai deixar todos os papéis em Roma para que os advogados de lá e Embaixador tratem do assunto, embora digam que o Embaixador junto à Santa Sé é comunista e foi por isso que não saiu a beatificação. É só questão de esperar que mude o governo e que mandem um Embaixador menos ruim, então sai.

Amalia, depois de pensar, diz:

— Piorou. Então, não é bom armar uma Santa Inés de Azcoitía. Dizem que quando as autoridades ficam sabendo do culto a um santo antes que Roma o canonize, aí esse santo não pode mais ser santo, porque é idolatria, e os cardeais sacodem a cabeça e dizem que não, essa é uma das condições principais para a beatificação.

— E esta, de onde tira tanta coisa?

— Por que a ouvem, se a Amalia não sabe nada?

— Não percebe que isso é história de velha, Amalia? E não choramingue por tudo...

— Não estou choramingando, é meu olho torto que lacrimeja, só isso. Não pude encontrar o dedinho do Arcanjo Gabriel...

— Olhem, este santinho ficou lindo.

— Um pouco estranho, as pernas muito curtas...

— E a cabeça muito grande...

— Não importa se não é santo, é santo porque o fiz com pedaços de santo. Vamos ver, Mudinho, que nome lhe daremos?

As velhas se reúnem à minha volta, entre o mato, entre pedaços de gesso, para que decida, e com meu pincel, nos pedestais das criações de suas fantasias anárquicas, pinto nomes de santos. Santa Brígida, a primeira, por seus dedos muito finos, de aspecto tão inútil, por seu ar sentimental. São Fidel, por ser barbudo, e lhe pinte uma cartucheira amarela cheia de balas. E um São Jerónimo, espigado, garboso, demorei toda uma manhã de sol, com as velhas acoradas murmurando à minha volta, para conseguir o azul exato de seu olhar. A Beata Inés de Azcoitía, com seu grande talho no pescoço e as orelhas desmesuradas, foi desde o princípio a mais popular das Santas. E uma Santa Peta Ponce, de olhar libidinoso, e um Santo Doutor Azula, que todas acharam muito parecido com a Amalia, pelo olho torto lacrimejante.

— Que importa que São Gabriel não tenha dedinho, Amalia?

— Importa.

— Está quase completo. Deixe a gente carregá-lo no carro do Mudinho para pôr na capela, vai ficar lindo.

- Não quero. Até encontrar o dedo.
- Que foi que deu nessa boba, com essa história do dedo?
- Amália, choramingando, procura, de quatro, entre as sarças.
- Não façam caso, está caducando.
- Ficou meio esquisita depois da morte da coitada da Brígida.
- Eu nunca vi o dedinho de São Gabriel.
- A Amália vai durar pouco.
- Pouco.

No carro do Mudinho vão levando suas criações para repovoar a capela vazia, dispõem-nas ao redor de Iris Mateluna entronizada, com o menino nos braços cercando-a com uma corte malvislumbrada à luz trêmula das velas que ardem ao nosso redor, protegidos por um dossel que o vento infla ao entrar pelos quatro buracos das janelas.

Já não são sete as confabuladoras. Sem que ninguém soubesse como, o rumor se espalhou pela Casa... dizem que na capela... dizem que Iris Mateluna... dizem que acendem velas para ela, que a cercam de flores e ramos, dizem que faz milagres, dizem, dizem... murmura-se nos cantos dos pátios mais esquecidos, ouvem-se passos apressados, as velhas espiam, olhares de esguelha na cozinha, perguntas velhacas, verdades ganhas ou perdidas no jogo quando a dama de paus não atraiu o rei, dizem que... pisadas, sombras, cochichos, orelhas grudadas a tabiques, como não se espalharia o rumor, quando há milagre é natural que a coisa se espalhe, e foi preciso ir aceitando mais e mais velhas no círculo secreto, porque se as afastássemos podiam ficar perigosas, tão faladora essa que anda vestida de Nossa Senhora de Lurdes e que mora no pátio da lavanderia, invejosas todas, metidas, intrusas, malhadoras, que vamos fazer se a gravidez da Iris continua demorando muitíssimo, é preciso rezar, o enxame de velhas reza terço após terço, à noite, na capela, ao redor de Iris entronizada com o embrulho de seu menino nos joelhos, a boneca que não solta por nada no mundo, terços e salve-rainhas para esta menina teimosa parir depressinha e sem dificuldade, que o menino nasça de verdade e a gente não tenha que usar este substituto para tranquilizar a menina que está feito um demônio, que não se demore mais o menino concebido sem a mancha do prazer, que elas possam embalá-lo também em seus braços, antes de morrer, se é que o menino não as leva ao céu antes que morram. Apesar do vento enlouquecido nos cantos da capela e das tosses e dos espirros e do medo da pneumonia e do sono que às

vezes derruba alguém no meio de uma salve-rainha, as velhas rezam e rezam, fazem reverências à Iris que é o que ela gosta porque tem vontade de rir, e que lhe joguem essa fumacinha cheirosa, e até que dancem fazendo aaaaasssssiiiiimmm aaaaasssssiiiiimmm com os braços, genuflexões com os joelhos que rangem, que o menino se apresse, elas já estão com as trouxas prontas para ir com o menino ao céu porque foi isso que a Brígida prometeu, só algumas coisinhas para levar em pacotes, o relógio despertador, um xale, baralho para a bisca porque lá não deixam jogar rouba-monte porque o rouba-monte é o jogo do demônio, a chaleira, e talvez nem sequer a gente precise levar essas coisas ao Céu porque dizem que lá dão de tudo, e novinho.

Iris continua engordando coberta pelo casaco. Está com os olhos vermelhos. Hoje espirrou oito vezes, contei. Claro que é uma noite excepcionalmente fria. E eu espirrei outras tantas vezes. Mas como está meio adormecida de aborrecimento em seu trono, não me limpa o ranho. Agora trazem meu carrinho. Já era hora. Iris senta-se na plataforma. Colocam-me no seu colo. Ela, que é uma boa mamãe, insiste em que me ponham o gorro de lã do bebê, o de pompom, para que não continue me resfriando. As velhas voltam a pregar as tábuas com que vedei a capela, para que pareça que ninguém entrou aqui depois que os leiloeiros tiraram todas as coisas. E, precedidas por duas velhas que levam velas dentro de canudos de papel de jornal, arrastam meu carrinho, levando-me a mim e a Iris sobre a plataforma, seguidos pela comitiva de alcoviteiras e parteiras esfarrapadas, feiticeiras cheirando a ervas, curandeiras, choronas, amas, bruxas de menor valor que nem sabem que são bruxas, rezando pelos corredores, tossindo, comentando, fungando.

Desde que o doutor Azula me operou, não apenas mudaram os traços de meu rosto, deixando-me esta máscara quase desprovida de feições que ninguém se preocupou em repintar. Ele também me reduziu ao que sou, apoderando-se de oitenta por cento e deixando vinte, diminuído e doente, centrado ao redor de meu olhar. As velhas levam-me ao sótão e me deitam em uma das camas. Mandaram embora as asiladas de adesão mais recente, o sótão não é grande, não sejam curiosas mulheres, meu Deus, outro dia deixamos você descer, Lucy, agora não cabemos todas as que queremos ver Iris mudando sua boneca, queremos ajudar, não cabemos todas e vão nos estorvar e há muitíssimo que fazer, quando precisarmos de

vocês, chamamos. Vamos, Iris, deixe a gente tirar sua roupa, vista a camisola, deite-se que é tarde, perdemos a hora rezando na capela, Iris quer mudar ela mesma seu bebê mas deixa que a gente a ajude porque é difícil mudar sozinha um bebê que é maior que uma boneca. Tiram-me as fraldas.

— Esta boneca é menos mijona que a Damiana.

Ante seus olhos meu sexo entanguido fica descoberto. Elas pensam que é o sexo do Mudinho, mas não, está só disfarçado no sexo submisso do Mudinho, embora o tenham raspado por ordem da Iris para que ficasse como o sexo de um menino, é o seu, Dom Jerónimo, o que tocou nela, porque consegui fugir *antes* que doutor Azula fizesse a transferência. Pegam meu sexo para lavá-lo com a esponja, comentam que coisa mais feia, não sei como algumas mulheres podem ser tão nojentas e me cobrem de talco como se fosse uma guloseima que se preparam para devorar e fazê-la desaparecer como desapareceu o sexo contaminado que Dom Jerónimo leva, que não toca em Inés há anos e anos e anos e anos porque eu não quero que a toque, para isso disfarço meu sexo potente em sexo de menino, por Deus, senhor, quando nascerá o menino de verdade para a gente não ter que fazer estas porcarias com o Mudinho, um bebê não importa, mas nesta boneca eu não tenho mais estômago para continuar fazendo estas coisas, cada vez que me cabe lavar o Mudinho, tendo vontade de vomitar, lave-o você, Iris, é sua boneca, você nos deixa o mais pesado e a gente, de boba, se sacrificando enquanto ela descansa, até quando vai nos fazer esperar por seu menino, acho que com a demora, a fé de algumas está fraquejando, não pense que todas as murmurações são favoráveis, muitas duvidam, outras estão assustadas porque dizem que é contra a lei ou coisas assim, ouvi dizer, outro dia, que uma velha que mora no pátio da palmeira disse que isto é um verdadeiro crime, que o vai delatar porque todas estamos loucas, quase todas as asiladas sabem que está havendo algo, sentem que há alguma coisa encoberta em nossas conversas secretas, nós mesmas estamos começando a fraquejar, veja só a Amália, com essa história de andar procurando, dia e noite, o dedinho de São Gabriel já nem aparece mais aqui, depressa, Iris, o que vamos fazer, Deus meu, se vêm demolir a Casa antes do menino nascer, vão nos pôr na rua para pedir esmola, para dormir por aí nas soleiras e nos parques, não, não sejam bobas, não vão demolir nada mesmo que leiloem, esse será um dos milagres principais que o menino vai fazer, enquanto

isso, vamos brincar com o Mudinho, que deixa a gente lhe fazer qualquer coisa porque anda meio bobo o coitado, vive dormindo, parece até que não está nem vivo nem morto, Madre Benita, o que estará acontecendo com este pobre homem. A senhora diz que não sabe mais o que fazer com ele. Já não ajuda em mais nada. Às vezes se esconde e como conhece a Casa muito bem, porque está aqui há muito mais tempo que todas nós e que a própria Madre Benita, nós o perdemos e temos que sair a procurá-lo, porque temos que encontrá-lo, senão a Iris fica brava conosco, arranha-nos furiosa ou nos bate com uma varinha, que tragam sua boneca logo porque senão vai se jogar rolando por uma escada para matar o menino milagroso e assim não vai haver milagre, e ficaremos todas como bobas chupando no dedo, e então veremos o que vão fazer, não vai haver milagre, nenhum milagre, e vão morrer todas porque são velhas e estão doentes, por isso, encontrem minha boneca, vou falar com a Madre Benita para que castigue vocês, que o Padre Azócar jogue vocês na rua, já decorei o número do telefone do Arcebispo e vou chamá-lo para contar tudo a ele senão encontrarem minha boneca, há dois dias que minha boneca está perdida, e nós, mancando, quase cega porque me saiu este terçol que me incomoda muito, e eu beijo meu escapulário para ter sorte na busca, aterrorizadas com a escuridão que nunca se aclara, temos que nos dividir pela Casa toda, por corredores que nunca percorremos antes, por pátios onde há lebres, olhe, Rosario, filhotes de lebres neste pátio, vamos pegar uma, são tão gostosas guisadas com bastante alho, agora que não há quase nada para pôr na panela, olhem meninas que encontramos lebres num pátio lá de dentro, não pode ser lebre, Carmela, não seja boba, mulher, são coelhos, mas os coelhos também são bons para comer, e se não forem coelhos também, são cobaias, não sei porque criação de cobaias neste pátio. Mudinho não aparece. Iris está gritando que vai nos acusar, de pé sobre um corrimão, para se jogar e matar o filho se não trouxermos sua boneca, até que a Rita dá um grito, está aqui, está aqui, encontrei-o, sentado no chão com os braços rodeando as pernas e a cara escondida nos joelhos, calmo, tão bom o Mudinho, ele se deixa agarrar sem resistência e lhe damos de comer, mas muito pouquinho porque agora quase não come... e quando se perde outras vezes, é diferente, porque quando o encontramos e percebe que o vamos pegar, sai correndo como se fosse um menino e desaparece pelos corredores porque não podemos correr tanto, até

que dias depois — às vezes temos que fechar à chave para que não faça coisas perigosas e não grite tanto e não nos bata com sua varinha — encontramos o Mudinho numa das peças onde estão armazenados os jornais e revistas e livros velhos, em guaridas que o Mudinho organiza entre tanto papel inútil, fardos de revistas, livros roídos pelos ratos, pilhas de jornais, montões de enciclopédias incompletas, de livros de encadernação luxuosa manchados de vermelho porque as capas foram se desbotando, às vezes o encontramos lendo, porque dizem que o Mudinho leu todos os livros e todas as revistas e todos os jornais que há na Casa e que, por isso, não tem mais força, mas, apesar disso, quando o pegamos nesses esconderijos, refugiado nessas covas de letras inúteis, foge outra vez, escala os fardos de jornais, às vezes até o teto, mas nós, aterrorizadas com a ameaça de Iris, embora os ossos ranjam, queixando-nos, subimos para persegui-lo pela montanha dos *Zig-Zag* e *La Esfera* e *Je Sais Tout* encadernados e estragados que conheço de memória, cercando-me como a um animal, gritando para que outras velhas venham ajudar, até que me pegam, Mudinho, Mudinho, não seja bobo, entregue-se, por que foge, nós gostamos de você e nunca o tratamos mal, só queremos lhe pedir um favor, que nos ajude a distrair a Iris até o menino nascer.

Começam a envolver-me, enfaixando-me com ataduras feitas com tiras de pano. Os pés amarrados. Logo me amarram as pernas para que não possa movê-las. Quando chegam ao meu sexo, amarram-no como a um animal daninho, como se adivinhassem, apesar de seu disfarce infantil, que eu o controlo, que não saibam o que oculto, e enfaixam meu sexo, amarrando-o a uma perna para anulá-lo. Logo me metem numa espécie de saco, com os braços enfaixados às costas, e me amarram como uma pamonha, só a cabeça de fora. Deitam-me na cama da Iris, a seu lado, isso é o que ela exige para aplacar sua fúria, que me enfaixem bem e deem sua boneca a seu lado na cama, debaixo dos lençóis, porque ela gosta de dormir com seu bebezinho, como quando seu papai e sua mamãe dormiam na mesma cama que ela e enquanto ela dormia faziam naná até que uma manhã, Iris não se lembra mais, e tudo volta ao presente de sua boneca, em sua cama, a seu lado, para brincar com ela.

— Tome seu menininho, Iris.

— Durma agora.

— E que ele durma também.

— Sorte que esta criança não é manhosa para dormir como a boba da Damiana, dorme logo, sem chorar. Mas não vá deixar que ele faça alguma porcaria, Iris, para que ele não toque em você e não fique com a piroquinha dura nós o enfaixamos bem, que durma com você como uma boneca de verdade, o Mudinho é quase como um boneco de verdade, não será capaz de nada, é muito bom o coitado, talvez seja santo também, precisavam ver a cara com que ontem o encontramos lendo algo encadernado que parecia ser a Bíblia, porque os livros gordos encadernados com muito ouro são Bíblias, e algumas dizem que o viram escrevendo umas coisas que acho que se chamam pensamentos e são as coisas que os santos escrevem, por isso é que não tem importância que ele durma com a Iris que também é casta, mas entre santa e santo parede de cal e canto^[12], assim é melhor tomar precauções porque, afinal de contas, não é mais que um pedaço de homem e, afinal de contas, os homens são todos uns porcos que ficam procurando ocasiões para bolinar as mocinhas, enfaixá-lo para que não vá tocá-la com suas sujas mãos de homem, a carne ávida que tem que sepultar, porque se chega a tocá-la então a coitada pode ter maus pensamentos, isso é pecado, e então a Iris deixará de ser casta e pura e se deixar de ser casta e pura então não haverá milagre e não haverá menino, tivemos que lhe dizer que está esperando para que não pusesse tudo a perder, as coisas não são mais como no tempo da Brígida, mudaram muito, e se não houver menino milagroso então nós vamos ter que ficar neste vale de lágrimas esperando a foice que virá para nos levar numa noite de terror, cujo rosto conseguiremos vislumbrar, nesta Casa que, dizem, vão demolir, mesmo que Dona Inés chegue de Roma, o que irão fazer conosco quando demolirem esta Casa se se esqueceram de nós, até Monsenhor, todos menos o menino que vai nascer para nos salvar, não vai permitir que nos metam em um furgão da Beneficência Pública, como a pobre Mercedes Barroso, que nos joguem para apodrecer na fossa comum, porque, é claro, não diríamos nada se fosse um funeral como o funeral que a Dona Raquel pagou para a Brígida, patroa como ela nunca se viu, isso seria bem diferente, a gente não teria tanto medo de ficar encerrada num bom caixão, um nicho de mármore verdadeiro, branco, com o nome escrito e as datas e tudo, e a família Ruiz presente, rezando, a gente via que tinham pena de verdade que a Brígida tivesse morrido, mas ninguém tem a mesma sorte da Brígida, por isso é que é preciso cuidar da Iris, porque tem que ter um menino que faça o

milagre de expulsar os homens maus que trazem os caixões negros, e para que, tocando com seu dedinho santo as carruagens e os cavalos que nos transportarão ao céu, se transformem em brancos e, então, não teremos medo, porque nós acreditamos que as coisas brancas são inofensivas e por isso a Brígida nunca punha aquele xale preto que a senhorita Malu lhe deu de presente de aniversário e que está novinho... quem sabe quem terá ficado com ele... capaz que tenha se desbotado e ficado branco porque o milagre pode começar a qualquer dia, por isso, para estar pronta, é preciso fazer embrulhos com as coisas que vamos levar, a chaleira, o despertador, as meias quentinhas porque pode fazer frio, um xale de qualquer cor...

APAGAM AS LUZES. Vão embora. Deixam só uma velha de plantão dormindo na outra cama do sótão. Ouço-a remexer-se entre os lençóis. Através das ataduras e dos panos que me aprisionam, impedindo-me todo movimento, sinto-me envolto pelo calor do corpo da Iris. A velha dormiu. Murmura coisas. Sente, dorme. Você e eu, deitados um ao lado do outro, aprendemos a reconhecer o momento em que a respiração descompassada das velhas se ordena com o sono, que a elas também enfia em sacos que impedem seus movimentos e suspendem sua vigilância.

Você não me toca.

Nem me fala ainda, é preciso esperar não só o momento em que o sono engula a velha de plantão, como aquele momento em que a dor destrua minha resistência e eu me atreva a queixar-me, e implore a você. Você mesma ensinou a elas a me embrulhar para me deixar totalmente imobilizado, tenho medo da boneca, você disse, e você as dirige porque são escravas de seu útero, que me deitem a seu lado de maneira que, imóvel, eu me canse logo, e logo me doam as costas tolhidas e deseje mudar de posição para procurar um pequeno alívio que você não me dá porque se nega a mexer-se e eu não posso me mexer sozinho, para que assim tenha que pedir, Iris, Iris, você tramou tudo isso, estou em seu poder, sei disso, sussurrou: imploro que me mexa um pouquinho porque estou me entrevando, não posso mais, talvez tenha que ficar nesta posição fixa e dolorosa para sempre, aqui neste sótão, talvez quando as velhas me tirarem as ataduras ao amanhecer esteja incapaz de dar um passo ou de esticar um dedo.

Você respira diferente das velhas que dormem. Não aguento mais. Sei que logo vou começar a ter câibras. Apresso-a:

— Iris.

Você não me responde para que tenha que implorar:

— Vire-me um pouquinho.

— Não quero.

— Por favor, Iris.

— Sssssssshhhhhhhh...

E não me toca.

Imóvel, insuportavelmente estático, nasce a câibra no lugar de sempre, nos tendões do pé, que se retesam, a dor retesa meu tornozelo prisioneiro na posição fixada pelas ataduras e a câibra sobe pelos tendões de minhas pernas inanimadas e por meu corpo inteiro incapaz de se defender da dor que poderia afastar com qualquer movimento mínimo mas que você se encarregou de tornar incapaz de fazer, a câibra continua subindo, endurecendo, tomando todo meu lado esquerdo, até o braço, até a clavícula, nem mexendo os tendões do pescoço posso me defender, não tenho direito ao menor movimento que poderia afastar a câibra, você me tirou o direito de me mexer para me transformar em sua boneca porque sabe que, amarrado assim, eu me comprimo e a dor sobe por meu corpo até o pescoço, e vou ter que gritar e não grito, volto só a sussurrar:

— Iris.

Você não responde.

— Um pouquinho.

— Não.

— Estou morrendo de dor.

— Castigo.

— Iris.

— Dói muito?

— Sim.

— Gostaria de se virar?

— Sim...

— E que faria por mim se eu virasse você?

— O que mandar.

— Mentiroso de merda.

— Não, Iris... não aguento mais...

— Mentiroso de merda. Quantas vezes te mandei que me traga o macho que me fez o bebê? Nada. Sempre chegas com histórias,

notícias... que alguém disse... um recado, nada, o macho, nem água, tudo bem. Um destes dias vou ter o bebê. Acho que até já passei da hora, claro que não me lembro das datas, aqui dentro os dias são todos iguais, mas acho que deve ser pra agora, por isso aquele macho tem que vir e me buscar e reconhecer a cria. Não quero que seja guacho... e se nascer aqui na Casa, o que a Madre Benita vai dizer. Se não me trouxer o macho antes do bebê nascer, vou te acusar de tudo...

Sussurro:

— Escute, Iris...

— Nada de perguntas.

— Tenho uma ideia.

— Não dou bola pra suas ideias.

— Mas esta é boa.

— Não acredito.

— Vire-me um pouquinho.

— Não...

— Como quer que eu lhe fale, então?

Iris me troca de posição na cama, ajuda-me a encolher e esticar as pernas e é como se as metesse em água fresca que abranda a dureza, dissolve um pouco a dor. Eu sei. Iris vai me deixar nesta posição até que extraia de mim o que quer, e então quando começar a me comprimir de novo neste silêncio, eu sei, falará outra vez e eu lhe prometerei outras coisas para que volte a me virar e a nova dor volte a desaparecer ou, pelo menos, se suavize. Falo em seu ouvido para não despertar a velha de plantão:

— É que ele não está mais por aqui, Iris. O pai de seu filho foi embora quando lhe disseram que eu o andava procurando, perdi a pista. Quando ouve dizer que o ando procurando, muda de casa e bairro até que o perca outra vez, queria que visse as coisas com que me disfarço para que não suspeitem que sou eu quem anda atrás dele... está com medo porque o estão perseguindo e isso é que dá mais medo que tudo, que persigam a gente, então a gente inventa motivos e dramas em que protagoniza feitos que jamais aconteceram para justificar esse medo...

— Não te entendo... fala claro...

— Quando, de noite, você me livra das ataduras enquanto a velha de plantão dorme, e me obriga a vestir-me e me põe na rua como a um cachorro e me rouba as chaves, esperando-me até o amanhecer atrás do portão, eu caminho por toda a cidade, Iris, a

cidade é terrível, não sei para que quer sair se aqui lhe dão de tudo, já me conhecem nos bares, nos prostíbulos, nas feiras, nos circos, nas galerias dos teatros de bairro onde há bancos de madeira iguais aos que antes havia na capela, em todas partes eu o procuro, juro-lhe, mas sempre me dizem faz tempo que não aparece por aqui, contaram a ele que o andavam procurando para uma vingança e ficou com medo e mudou de caminho, claro que ninguém pensa que o instrumento da vingança sou eu, por isso não se importam de me contar tudo.

Você me escuta porque acha que é uma novela.

— Acredita em mim, Iris...

— Sim, mas não vou ficar pra sempre nesta Casa de merda, com essas velhas e contigo.

— Deixo-a sair quando quiser.

— Que ganho com isso? Tu não diz que a Damiana anda por aí? Não quero mais me meter com essa velha macho. Se saio sozinha, ela que me disse, vão me levar pra parir num hospital onde tratam mal as moças. Sim, eu também, às vezes, de noite, ouço os passos da Damiana rondando a Casa, assobiando pra que eu apareça na sacada, mas não apareço, não quero ir com ela. Prefiro esperar até que ele venha me buscar, brincar com as velhas desse negócio de milagres porque se tu não encontra o rapaz, elas me ajudam a parir e criar o bebê. Não estou aí pra andar pela rua pedindo esmola com a criança. Dinheiro, isso é o que tens que me trazer se não encontras o rapaz.

— É sobre isso que quero falar com você.

— De quê?

— Solta um pouco as amarras.

— Assim tu me enganou outras vezes.

— Solta-me e lhe digo...

Debaixo da roupa de cama, Iris manipula os cordões e as amarras que me transformam em um pacote. Posso mexer-me. Tenho braços, tenho pernas: elas existem além da dor e das câibras e alheias ao desconforto e ao terror do eterno garrote, Iris, Iris, solte-me mais um pouquinho e lhe contarei um projeto qualquer para enganá-la outra vez, uma bobagem fantástica como uma fotonovela para que você possa acreditar nela e se enfiar inteira nessa ilusão como dentro de minha caixinha de música, você me solta um pouco mais, dizem que ele falava a todo mundo que não queria mais você... outra amarra... e que não podia lhe dar nada

porque era pobre... outra... que não a merecia... agora este cordão... o que ganharia em vir buscá-la, se não poderia dar nem educação a seu filho... chego mais perto de seu ouvido atento aconselhando-a, esta noite, finalmente, que não vale a pena continuar procurando-o porque pode parir de um momento para outro e, além disso, esse tal de Romualdo era um morto de fome, não era nem dono da cabeça do Gigante com que fez você de boba, esse tal de Romualdo desapareceu, não deixou nem rastros, foi como se quando despedaçaram a cabeça do Gigante também tivessem despedaçado o Romualdo, melhor esquecer esse louco, Iris, não seja boba, eu também quero sair desta Casa apesar do terror que tenho às ruas e às vezes até prefiro as câibras por dormir enfaixado e imóvel junto a você uma noite inteira que sair por aí, mas agora quando você me desamarra e me põe fora da Casa e fecha a porta com chave por dentro para não me deixar entrar se não lhe der alguma explicação sobre Romualdo, durante estas noites quando andei procurando por aí, vi muitas casas, espiei pelas janelas e agora sim, eu sei onde conseguir dinheiro. Muito dinheiro.

— Ladrão de merda.

— Porquê?

— Posso ser puta, mas ladra não.

— Quem disse que você é puta?

— A Damiana.

Você não é puta, Iris, você é casta e pura, eu sei, garanto, eu lhe prometo. E na noite silenciosa e resguardada do sótão eu alinhavo a fábula em seu ouvido para me salvar e para que me solte porque senão a dor vai me matar, por isso invento e vou improvisando segundo suas reações: certa casa muito grande, amarela, frente a um parque muito terrível que há no outro lado do rio, invento e conto a você sobre essa gente rica que mora nessa casa amarela, todo o dinheiro e todo o poder que têm devem a mim, por isso não seria roubo, Iris, eu sou pobre e doente porque eles me roubaram tudo, não me pagaram nada do que deveriam pagar porque não existiriam se eu não existisse, eu pus tudo nas mãos deles, eu conferi sua beleza e poder e orgulho, sem mim desapareceriam, entende, seu dinheiro e suas joias e tudo o que têm me pertence: no escuro do sótão ardem seus olhos fascinados com esta nova novela que invento porque preciso enganar você para que não me mate de dor, assim é que se quiser, posso ir tirar esse dinheiro, não roubá-lo, esse dinheiro da casa amarela frente ao parque é meu, nada mais

fácil que apoderar-me desse dinheiro, será tão fácil para mim que conheço essa gente que me deve toda sua riqueza que sei de memória a combinação que abre o cofre que têm na biblioteca, escondido atrás de uns livros de lombada verde, entrando, em cima, do lado esquerdo. Ele, às vezes, abre esse cofre para contar seus milhões. Eu posso tirar todo esse dinheiro de onde está, Iris, sim, Iris, sim, solte-me, solte-me um pouco mais, mais, não nos demoraremos, acredite em mim outra vez, e faremos o que você quiser com o dinheiro.

— Mas eu não quero ir morar contigo.

— Bem. Meio a meio, para que você faça o que quiser.

Você pensa.

— Não. Não interessa. Sou menor de idade. O melhor é ficar aqui. O que vão dizer se chego assim, por minha conta, sem documentos, para ter o bebê numa clínica?

Então eu murmuro:

— Vamos nos casar.

— Nem morta!

— Falo casar para que você faça o que quiser, só isso. Com muito dinheiro, que vou dar a você, e documentos de casada, pode fazer o que desejar e ninguém vai ficar perguntando coisas. E também lhe convém que a gente se case para que a criança não seja guacha, para que tenha pelo menos um sobrenome...

— Que sobrenome?

— O meu.

— Qual é?

Você não pode me obrigar a pronunciá-lo.

— Que importa agora, depois lhe conto tudo isso...

As mãos de Iris foram me soltando à medida que escutava, encantada, minha história que deforma sua ilusão e me deixa em liberdade: nu, com o sexo raspado, mas livre junto a ela, deitado como um homem junto a uma mulher. Poderia violar você, Iris, aqui mesmo, sem que esta velha perceba, quase sem que você mesma perceba, mas não, não vou fazer isso porque não tenho sexo e quero que todas as velhas saibam que não tenho sexo para que transmitam a notícia à Peta Ponce e ela se acalme e talvez se decida, por fim, a morrer, eu não sou senão outra velha de plantão para vigiar você e ficar atenta, quem sabe, esta noite, afinal, será a noite do parto. Você diz:

— Não tenho documentos nem de solteira.

— Eu também não.

— Então como...?

Não interessa como, Iris, não se preocupe, primeiro conseguir o dinheiro, com dinheiro se faz tudo, assim dizem os que sabem. Depois, com o dinheirinho na mão, veremos o que fazer, não seja boba, estou lhe dizendo que não é roubo, posso fazer o que quiser com essa gente, encerrá-los na caixinha de música para que enlouqueçam com a eterna repetição de *O Carnaval de Veneza*, nós o encerraremos nesta cabaninha com pássaros e *edelweiss* pintados. Passe-me as calças e a camisa que estão escondidas sob a cama. Deixe que me vista deitado aqui a seu lado, coberto pelos lençóis e cobertores, para que a velha não perceba, agora, vamos nos levantar, ponha o casaco em cima da camisola: olhe, permito que me guie, que me leve algemado e com uma coleira no pescoço, guiando-me como a um cachorro pelos corredores até a portaria, você guarda as chaves agora, você domina, você manda, você me obriga a sair à rua para percorrer essa vasta extensão onde não existem boas velhinhas imbecilizadas pelos anos, e fecha a porta com chave depois de me empurrar para fora. Vê se o traz. Hoje sem falta. Se tu não chegas com o Romualdo, digo à Dona Rita que tentaste fazer porcária comigo, que amanhã vão ter que apertar muito, muito mais forte que hoje, as tuas faixas, que tu não poderás mexer um dedo, nada, para que morras de dor e as câibras te matem. Mudinho de merda, e eu do teu lado não vou te virar nem tocar em ti, mesmo que grite e implore, sim, sei que podes te esconder dentro da Casa, *tua* Casa, mas de tanto te procurar e te perseguir a coisa se transformou em algo parecido com brincadeira, como brincar de pegador ou de esconder, mas muito mais divertido, pelos sótãos e os sobrados e as galerias e os forros, conhecemos a Casa quase tão bem como tu e é fácil te pegar, olhe, Dona Rita, vou dizer a ela amanhã, esse menino é mau, este boneco é muito sem-vergonha, vou dizer, porque de noite, passa todo tempo endurecendo a piroquinha, por que não cortamos, assim não endurece mais, não sei pra que serve a piroquinha, Dona Rita, por isso é melhor que a gente corte pra que não fique dura porque me incomoda e não me deixa dormir, e então, se esta noite não cumpres tua promessa, Mudo de merda, juro que vou fazer estas velhas cortarem teu pinto.

— Está bem.

— Espero você na portaria.

- Está bem.
- Traz bastante dinheiro.
- Está bem.

Você abre. Fico parado no umbral. Você me dá um empurrão e fecha a porta atrás de mim como de outras vezes. Estou só na rua, a chuva cai e não sei o que fazer, que história inventar para que amanhã pela manhã, quando der três batidinhas na porta da Casa, e você me abrir e enquanto me abre começarei a urdir uma história que parecerá verdade, procurarei bolinhas de vidro, contas, miçangas de cor, isso bastará, direi que são de um vestido, por exemplo, e que alguém o manda para que escolha, e ao redor dessas miçangas tecerei uma história que a envolverá... e eu já estarei dentro da Casa.

Dentro, livre. Não afogado. Outra vez envolto nas paredes de adobe. Aproveitarei o espanto da Iris com minha fábula para fugir de sua crueldade e me perder na insondável Casa. Vocês pensam que chegaram a conhecê-la inteira. Enganam-se. Sempre ficam cantos, baús intocados, escuridões sólidas que é preciso apalpar para conhecer e que só eu sei traspassar, escuridões das quais é impossível voltar, juro-lhe que desta vez não me encontrarão, desafio-a a que consigam. Ou só me encontrarão quando o permita, quando alguma coisa vá crescendo de novo em mim como os chifres de um caracol e sinta o momento vivo em que preciso que as velhas me descubram para que voltem a enfaixar-me, a me amarrar e me empacotar outra vez, e assim voltar a cumprir meu destino de boneco amarrado em trapos, que serve para distrair a uma das encarnações da filha de um presidiário... e esperar que chegue a hora em que você me precipitará de novo no abismo da rua.

MALETAS, GAVETAS, ESCADAS, sacos... um montão de sacos entre os quais me escondo e um arado que ninguém sabe como chegou aqui e uma poltrona e um pedestal, venha, Mudinho, o enxame me persegue até este sobrado, venha, venha, não tenha medo que agora não estamos brincando e só dos nossos brinquedos você deve ter medo, venha, a Madre Benita nos mandou chamá-lo, precisa falar com você. Levanto-me e sou outra vez o Mudinho ou o que sobra dele, menos e menos a cada dia, por Deus, o que vamos fazer com este homem que tem a cara tão feia, diz a Madre Benita, cada dia mais doente, cada dia menor, mas mandou que vocês me chamassem e que fosse à portaria para me dar a notícia de que chegou um telegrama da Suíça e queria que eu também o lesse. Encontrei-a com as mãos caídas sobre o avental e o papel a seu lado no banco junto à salinha do telefone. Cresceu o murmúrio regozijado das velhas que chegavam para compartilhar da notícia enquanto li o telegrama: VOTO POBREZA ME INSPIRA PASSAR ÚLTIMOS DIAS MINHA VIDA CASA QUE ME PERTENCE PONTO ROGO-LHES DETERMINAR PÁTIO ORIGINAL HABITADO BEATA PARA PREPARAR-ME CELA E BANHEIRO PONTO SEGUE CARTA INSTRUÇÕES PONTO SAUDADES PONTO INÉS AZCOITÍA.

A senhora mantém uma longa conversa pelo telefone com Dona Raquel porque não se atreve nem se atreveu jamais a falar com Dom Jerónimo, como falará se ele a ignora e à Casa e a todos nós. Dona Raquel está lhe dizendo que claro, que tem toda a razão de não falar com Jerónimo, se eu conheço Inés como a palma de minha mão, voto de pobreza boa-vida como é, não lhe disse, há tempo, Madre Benita, que Inés se irritaria com Jerónimo porque passou a Casa ao Arcebisado e que se vingaria... está vendo, esta é a vingança, Inés nunca se vinga de frente, muito menos de Jerónimo, é impossível vingar-se de Jerónimo pela frente porque ele não dá a frente, é como se não tivesse frente ou estivesse muito alto e a voz das pessoas não conseguisse alcançar-lhe, por isso Inés vai se vingar vindo morar na Casa, porque sabe que se ela se instalar na Casa o Arcebispo não se atreverá nem a tocar na Casa enquanto ela aqui

viver, por muito vínculo e capelania que tenha transferido, Inés não tem nada que ver com essas histórias, Madre Benita, e deve estar furiosa porque o assunto da beata não deu certo, todos nós sabíamos que não daria certo e não fizemos caso e todo o mundo e Jerónimo estão rindo dela, claro, e ela se instala aqui porque assim o Arcebispo não vai tocar em uma só telha, claro, se fizer algo ela muda seu testamento, todo a favor do Arcebispo e deixa sua fortuna a qualquer um, à Sociedade Protetora dos Animais, sei eu lá para quem, e o Arcebispo não vai se arriscar a perder a grande fortuna dos Azcoitía, imagine só, o Padre Azócar tem um chilikie, é melhor que não avisemos Dom Jerónimo, Madre Benita, que tenha a surpresa, ouça, Madre, é melhor que mande empapelar uma cela, olhe que Inés odeia as paredes sem papel porque diz que são úmidas e ruins para o reumatismo, se quiser eu a ajudo a escolher o papel, eu conheço seu gosto, há uma fábrica na rua São Isidro que faz uns papéis muito bonitos e baratos, e como é melhor fazer tudo como em família, Dona Raquel mesma mandou o marido de sua neta Malu, um jovem arquiteto com um elegante topete de cabelo longo e grande desalinho de calças de brim, para jogar o que ele mesmo chamou de jogo de adivinhações neste labirinto de pátios, como é possível que não tenham conservado um arquivo que nos ajude a fixar as datas das diferentes construções mesmo que tudo isto seja puro remendo e cópias sem nenhum interesse arquitetônico, o que superficialmente poderia parecer unidade não é mais que um descuido absoluto, Madre Benita, não desprovido de certo encanto, claro que Dona Raquel não sabe de que está falando quando alega que é o cúmulo que o governo que tem dinheiro para tantas bobagens não se encarregue do prédio e salve uma das poucas construções antigas que nos restam, não se pode dizer que isto seja antigo, Madre, é só uma velharia, mas uma vez que é necessário apontar alguma coisa, talvez pudéssemos dizer que este pátio que as senhoras chamam de pátio da palmeira é o mais velho: olhe a falta completa de ornamentação nos bancos de pedra que sustentam as pilastras do claustro, as celas tão estreitas e o adobe tão grosso e os corredores muito estreitos, parece cárcere e, no final das contas, o fato de que esteja centrado ao redor desta palmeira que deve ter pelo menos 150 anos nos dá uma certeza relativa... pena que já não haja mais palmeiras assim, embora pareça que isto era um bosque de palmeiras, as últimas, essas senhoras que leem revistas de decoração norte-americanas, onde aprendem que *não se*

usa mais palmeiras, estão exterminando, tomara que a Cidade dos Meninos respeite, pelo menos, esta venerável palmeira muito bonita, que dá certa graça a este patiozinho de telhados ondulantes e musgosos, mas não há nenhum sinal convincente de que este tenha sido o pátio original, Madre Benita, mas isto de ser primitivo é primitivo, certeza, porém, não há nenhuma, quem sabe, pode ser...

Segurança? Quem pode oferecer garantia neste assunto incerto e confuso? O que significa, por exemplo, que Inés, em seu telegrama, diga a *beata* quando faz muitíssimos meses que o Vaticano encerrou o assunto de uma vez por todas, sim, sinto muito Inés, mas o encerrou para sempre, com um *não* enfático? Esse telegrama é uma rebelião contra as autoridades eclesiásticas máximas, uma heresia familiar como um guisado de feijão com cheiro de bruxaria... heresia insignificante para os outros, Inés, mas não para você porque exhibe sua incapacidade total: você não foi capaz de dar um filho a seu marido, e agora demonstrou que também é incapaz de engalanar a estirpe com uma beata exposta ao culto do público, que, venerando-a, veneraria a família que seu útero inútil exterminou. E embora o Vaticano lhe tenha negado vênias para *iniciar* o processo de beatificação, veja bem, não lhe deram permissão nem sequer para iniciá-lo, você continua falando da *beata*. Que rumo monstruoso estarão tomando seus esforços para que essa religiosa que jamais professou, e morreu nesta Casa, em fins do século XVIII, não morra definitivamente com você, e ao morrer seja como se nem você nem ela jamais tivessem existido?

Inés nunca teve a menor probabilidade de conseguir essa beatificação. Todas as provas são tão incertas, é sempre o dizem que impera, sabe-se só o nome da pessoa que ouviu o dizem, não o nome da pessoa que disse o dizem... questão de alguém que contou algo a alguém em uma peça desaparecida de uma casa desaparecida em uma rua que já não se chama como antes nem tem o mesmo endereço mas não se sabe por que é a mesma rua, palavras que repetiu a avó ou a mãe de Inés, ou a Peta Ponce, as tias pobretonas cujo orgulho não tinha senão rumores para cevar sua fome, embora exista uma pilha de cartas que dizem pouco, certidões de nascimento, atestados de óbito, e uma que outra crônica posterior recordando fatos que, murmurava-se, podiam se considerar milagrosos. O único fato que consta como realidade firme e legal, sustentada por documentos que o provam, é a fundação da

capelania: em fins do século XVIII, um rico fazendeiro, de ascendência basca, viúvo, pai de nove filhos e uma filha, chegou de seus feudos situados ao sul do rio Maule para internar a filha de 16 anos no convento das freiras Capuchinhas, de clausura, onde uma tia era superiora. Por motivos que a crônica não registra, a menina não fez os votos de capuchinha, como teria sido natural. Mas foi certamente em intermináveis conversas, cuja verdade se perdeu no segredo do torno, que a sábia Superiora convenceu ao irmão que em um caso assim o melhor era fundar uma capelania que ligasse a família diretamente com Deus, criando ao Altíssimo a obrigação de protegê-la. Não ouvira o irmão dizer que, justamente, as freirinhas da Encarnação não tinham Casa própria? Por que não lhes construir uma Casa para nela guardar Inés até o fim de sua vida, já que se tratava de guardá-la? Assim se fez. Tão logo a casa ficou pronta, instalaram-se lá as freirinhas, para cuidar de Inés e atendê-la. Era tão rica a capelania, dotada das terras mais invejáveis da Chimba, que serviu de saboroso comentário para toda a sociedade da época, até que as guerras da Independência apagaram toda preocupação por santidades e munificências, já que só se podia falar de sangue e fogo, e do inimigo que ameaçava por todos os lados. Inés de Azcoitía morreu aos 20 anos nesta Casa, em odor de santidade.

Tudo isto é histórico. Através, porém, de obras escritas por damas que recolheram o rumor mais tarde, ou por alguma viajante europeia cuja curiosidade deu acesso ao que se comentava na intimidade dos lares do país, chegam até hoje tênues ecos de sua piedade inigualável e, sobretudo, do que se pode considerar seu milagre mais espetacular: durante o mais catastrófico dos terremotos dos fins do século XVIII, que derrubou a maioria das casas da capital e dos campos circundantes, a Casa da Encarnação da Chimba permaneceu intata, firmemente de pé, embora fosse uma construção de adobe e telha como todas as daqueles tempos. Dizem... dizem que antes que comesçassem os tremores de terra, Inés de Azcoitía — também vale a pena notar o fato curiosíssimo de que, apesar de usar o hábito da Encarnação, não fez os votos dessa ordem — caiu ajoelhada no meio do pátio enquanto as freirinhas a vigiavam respeitosa e do claustro. Então, quando os trovões subterrâneos e as sacudidas que fenderam os campos ameaçaram tombar os muros da Casa, Inés abriu os braços em cruz projetando-os como num terrível esforço que sacrificava a seu ser inteiro para sustentar os muros, e os sustentou, e a Casa não caiu. O pânico das

freirinhas, que por ser de clausura não podiam fugir, mal lhes permitiu entrever à luz dos relâmpagos que iluminavam a cordilheira essas mãos que salvaram a Casa: com o esforço pareciam ter-se convertido em galhos secos ou em sarmentos, como mãos verrugosas de velha. Inés sempre comia só em sua cela — jamais fez vida de comunidade — da qual apenas saía para comparecer à capela, ou para passear só e silenciosa pelo claustro, as mãos agarradas sob o avental do hábito, segurando entre elas uma cruz de galhos secos amarrados com corda, presente da pobre ama velha na primeira comunhão, a única coisa que conseguiu ou quis trazer, e certamente às escondidas, de suas terras ao sul do rio Maule.

Depois do terremoto as religiosas dedicaram-se a vigiar com atenção obsessiva as mãos milagrosas de Inés: sim, sim, era verdade, durante suas orações na capela, iluminada, ensimesmada, ou em contato com um nível de existência ao qual as freirinhas não tinham acesso, entre as sombras das pregas do hábito, seus dedos pareciam unir-se à madeira sovada e torcida e enegrecida pelos anos e talvez pelos séculos da cruz de sua ama, suas mãos se transformavam em galhos secos, e à medida que se levantavam mais e mais no êxtase e as freirinhas atemorizadas e reverentes abandonavam a capela, os braços de Inés, transformados em galhos, prolongavam-se mais até o interior das mangas, até que, quando só sobravam uma ou duas velas acesas, Inés com os olhos fixos na lua nova pisada pela Imaculada, os braços abertos em oração, parecia ter-se convertido em algo como um tronco anoso cujas rugas e nós pareciam ligar-se ao velho rosto da dor, apagando o rosto viçoso da moça, até que mais tarde, ao clarear o dia, a luz resgatava a identidade da filha do fundador.

A lenda de sua piedade transpôs o claustro, viajou de um convento a outro e depois se espalhou pela capital. Os Azcoitía orgulharam-se de ter, além de tantos heróis, uma santa, ou pelo menos uma beata tão falada, que adornava com seu fervor a árvore da família.

Sobrevieram, porém, tempos difíceis, pouco propícios para cultivar santidades. Era mais urgente a vitória imediata, o ódio recém-atizado, a vingança nunca saciada, o perigo que era necessário derrotar com o sacrifício da própria vida... e depois, a organização da república mínima e remota, inventar leis, definir classes, derrubar privilégios para criar outros... foi preciso que vários decênios se passassem depois da morte de Inés de Azcoitía

até que o rumor conservado nos claustros, mas que se desfazia fora, chegasse até o Arcebispo na forma de proposta oficial para iniciar os trâmites da beatificação, assinada pela Superiora da Casa. Foi preciso, antes de mais nada, exumar os restos. Inés garante que em sua família se conta, durante muitas gerações, que ao abrir o ataúde o Arcebispo espantado encontrou o cetim fresco, limpo, novo, como se não tivessem passado tantos anos e como se nenhum corpo jamais houvesse jazido nele. Claro que nada disto — que pelo menos podia ter chegado a despertar a curiosidade do Vaticano — consta em nenhum documento. A verdade é que o tempo deve ter apagado o lugar da sepultura da menina-beata, que desapareceu sem deixar outra marca além desta Casa construída para ser seu cárcere, que foi crescendo mais e mais, proliferando ao redor da lenda de uma primeira prisioneira já dissolvida na memória.

QUASE TUDO O QUE cerca a vida e os milagres da menina-beata não passa de conjecturas ou lembranças de um rumor. Entretanto, não me parece muito arriscado sustentar a hipótese de que ao morrer Inés de Azcoitía, vítima de uma das tantas pestes comuns no passado, a sábia Superiora das Capuchinhas, com sua consciência manchada pelo segredo que o irmão lhe confiou antes de entristecer definitivamente e morrer, arranjou as coisas com toda discrição para que não se desse sepultura em terra sagrada a uma mulher que, mesmo parente sua e Azcoitía, tinha sido bruxa: por isso negou-se desde o princípio a acolhê-la entre suas almas angelicais, e por isso nunca professou nem nas Capuchinhas, nem na Encarnação. E por isso o Arcebispo não pôde encontrar o ataúde com seus restos na sepultura familiar: esta ausência de caixão e despojos constitui o ponto de realidade que os Azcoitía e seus empregados, durante um século e meio, vêm transformando na bonita lenda do cetim limpo de um ataúde que ninguém nunca viu.

Inés deve ter ouvido os detalhes da tradição de sua antepassada beata contados e discutidos em múltiplas versões pela Peta Ponce, enquanto nas longas tardes da infância, junto ao braseiro, a velha a ensinava a costurar e a bordar. Mas em qualquer coisa que a Peta intervém, tudo se faz sutil e flutuante, o tempo se estende, e se perde de vista o começo e o fim e quem sabe que parte do tempo está ocupada pelo suposto presente... e a Peta deve também ter contado a Inés a lenda da menina-bruxa. Esta lenda é elástica,

fluida e quem sabe se uma das múltiplas variantes, a que a Peta lhe contava, conseguia estender-se até sintetizar a lenda da menina-bruxa com a tradição da menina-beata, desenvolvendo assim a plenitude de sua potência a ambas.

Porque é preciso reconhecer que, inclusive do ponto de vista literário, a lenda da menina-bruxa é curiosamente insatisfatória. A linha da narração, no começo, nos faz fixar os olhos na figura principal — por ser bela, por ser de família esclarecida — da filha do cacique. Mas ao abrir o amplo poncho paternal para ocultar o que acontecia no dormitório de sua filha, esse gesto mudou o rumo da narração e a fendeu em dois. Na primeira parte, o popular, o imortal que continuará sendo contado durante séculos e séculos por velhas e trabalhadores cansados e crianças, o cacique tira a filha do centro da narração, substituindo-a por uma velha verrugosa cuja identidade não interessa a ninguém, que expiou o que as duas mulheres deviam ter expiado juntas se a personagem até então principal não tivesse desaparecido sem deixar marcas. Na outra metade, é a tradição angélica e aristocrática encerrada até o pescoço em uma família que está a ponto de extinguir-se: uma menina puríssima sofre êxtases místicos que salvam da catástrofe alguns pátios que, segundo disse o arquiteto que os examinou outro dia, não valem absolutamente nada. Eu vi Dom Jerónimo levantar o braço e com ele as pregas de seu poncho de vicunha como o do cacique, para indicar que aqui não aconteceu nada, que este território é proibido, que a vontade de seu gesto é eliminar, arrancar do volume inteiro o pedaço que está disposto a mostrar. É certo que Dom Jerónimo levantou seu poncho ante Inés, com o propósito bem definido de separar esta partícula manejável de mistério caseiro que é a tradição da menina-beata da insondável eternidade da lenda popular, deixando ambas truncadas, incompletas, com facetas opacas, sem a plenitude de projeções que poderia ter a síntese: Jerónimo conseguiu que Inés esquecesse a lenda da menina-bruxa. O que Jerónimo não avaliou foi que o gesto encobridor de seu braço lançou uma sombra de medo à extinção sobre Inés — antes jamais o sentira como próprio, só o experimentara externamente, através de seu amor por um Jerónimo traído por sua incapacidade de lhe dar um filho — medo que a impeliu a viajar a Roma com o fim de fazer todo o possível para dar acesso à história à menina-beata na qual ela, e eles, os Azcoitia através dela, podiam ter sobrevivido. Por isso é que sua mente

anárquica aferra-se irracionalmente a este galho desse antepassado que está coberto pelas nobres dobras do esquecimento, para dar dignidade de *beata* à antepassada, que assim será venerada pelas gerações futuras. Mas acontece que não é antepassada direta sua, mas da Peta Ponce: a intenção de Jerónimo de separar, de censurar uma realidade de tão poderoso contorno, está criando outra fase da incerteza.

Mas a incerteza não é de agora. É de sempre. O que ocultaram os braços do cacique ao estender sobre o vão da porta a discrição de seu poncho? Foi no momento em que a maléfica cabeça do caburé se unia ao corpo da menina por meio de uma chaga vermelha no pescoço, e as orelhas como asas de morcego que nunca acabaram de se reabsorver e, portanto, era urgente, urgentíssimo, ocultar tudo isso sob a papalina branca do hábito da Encarnação? É possível que o olhar do pai detivesse o processo pelo qual as mãos da filha iam recuperando sua frescura, fazendo-as reter para sempre formas sarmentosas, como madeira negra deformada por nós e ranhuras, de galhos secos, retorcidos, que era urgente, urgentíssimo, ocultar para sempre sob o avental de alguma ordem? Não é possível que ante as figuras destas mulheres que se confundem como imagens de fumaça, mutáveis e constantemente mudando e vacilando e oscilando, o cacique tenha sentido o pavor de ver se dissolver a sua filha, então por isso a encerrou imediatamente em algum lugar, em seu quarto, nas Capuchinhas, nesta Casa construída como uma rede para apanhar qualquer encarnação, mesmo que fosse híbrida ou já muito difusa, de sua filha muito querida?

Pode ser. Tudo é possível quando a Peta Ponce intervém. É para vencer a Peta que não posso deixar de me perguntar, com a intenção de fixá-lo, qual foi o comum fato real que deu origem a este monstro de tantas caras cheias de polipos, de variantes infinitas e labirínticos agregados possíveis que nada de útil aportam e que, entretanto, de uma maneira ou de outra, lhe pertencem. O que aconteceu, na realidade? Em fins do século XVIII um riquíssimo agricultor de ascendência basca, pai de nove filhos e uma filha, abandonou seus feudos ao sul do Maule e encerrou sua filha em um convento, dando origem à capelania vinculada à família Azcoitia: isto é histórico. Mas por que um pai muito carinhoso, viúvo e não muito jovem, encerraria para sempre a única filha em um convento? Por que castigá-la como bruxa se as bruxas não existem, nem os caburés, os feiticeiros ou as salamancas? Castigou a ama

para que o povo continuasse acreditando nessas máscaras do medo? Por que construir uma Casa especial para encerrar a filha se era verdade que a possuíam êxtases místicos próprios de uma beata cuja santidade podia e devia ser exibida?

Inés de Azcoitía não foi bruxa nem santa. Tenho certeza de que aconteceu o mais simples: a adolescente solitária, encerrada no remoto mundo camponês do século XVIII quando só existiam sendas, nem sequer caminhos, na terra virgem povoada por animais e homens brigões, se enamorou de um moço, talvez mais delicado e bonito, ou simplesmente mais limpo que seus irmãos e pai. Encoberta pela velha em seu avatar de alcoviteira que nada podia negar à mimosa, teve amores com o moço, que a velha procurou. Pode ter sido um vizinho. Ou um criado, ou um cavaliço, qualquer um, não importa. Pergunto-me se não seria o parto da filha o que o poncho paternal cobriu ao estender-se por cima da porta muito grande da realidade. Não desviou a fúria da peonada contra a velha para que a destruíssem porque ela era a única que sabia do segredo? Não tiraria a filha da realidade para que, encerrada nesta Casa, expiasse um pecado vulgar, dando à luz uma lenda em vez de um bastardo?

E esse bastardo? E o pai do bastardo?

Naturalmente, era preciso desfazer-se dos dois. Ao pai bastava não procurá-lo. Ignorá-lo. Aqui não houve nada. Minha filha muito querida, que é casta e pura, vai ingressar numa ordem religiosa e é para agradecer ao Altíssimo o dom de sua exemplar virtude, que eu instauro esta capelanía. Não há mancha. Não há filho, jamais houve e jamais haverá. E se não há filho, claro, não pode haver pai nem vingança ao pai que não existe. O silêncio completo do cacique, que não confiou o segredo nem aos filhos, porque eles não compreenderiam uma vingança tão fina como a de não se vingar, anulou esse pobre pai tímido que fugiu antes que esses novos selvagens o matassem, mas não o mataram porque não o perseguiram porque não existe, não há pai, não há filho, minha filha Inés ingressará em uma ordem religiosa, é casta e pura, não aconteceu nada...

O cacique se desfez do neto abandonando-o na casa de um peão em outra fazenda de sua propriedade e pela qual deveriam passar em sua viagem à capital. O bastardo cresceu como guacho sem nome nem origem, criado por qualquer um, sarnento e desnutrido, confundido com as crianças sarnentas e desnutridas da peonada.

Certamente, adulto, ele também teve filhos sarnentos e desnutridos que espalharam o sangue dos Azcoitía por toda a região, misturando-o com o dos camponeses ao sul do Maule. Quando um cavaleiro procria bastardos nas mulheres de suas terras os filhos conservam com certo orgulho a marca do bastardo filho do patrão, e é como se este falso orgulho acentuasse no bastardo feições do pai que todos, menos o pai e a mãe oficial, marcam como seu. Quando, porém, é uma mulher que dá à luz um bastardo, o filho perde instantaneamente todo vestígio de identidade, apagam-se todas as marcas de sua exaltada origem: neste caso, não é só a barra negra que atravessa os braços sem apagar as armas, é a mancha que as escurece e as desfigura para que ninguém as reconheça, porque aqui não há filho, aqui não aconteceu nada...

Peta Ponce nasceu em uma das propriedades dos Azcoitía ao sul do Maule, de uma estirpe obscura e anônima agregada à família ilustre, trabalhando suas terras e cuidando de suas casas, cortando seu milho, pastoreando suas ovelhas e pisando suas uvas para o vinho. Dizem... dizem que a mãe da Peta tinha um traseiro descomunal e que nos tempos de praga de mosquitos deitavam-na, à noite, completamente nua, aos pés da cama onde dormia a avó de Inés para que assim os bichos preferissem cevar-se nos seus glúteos gordos, deixando limpa e fresca a carne da dama que dormia sem incômodo.

Tenho certeza de que nessa noite, no quarto da Peta, na Rinconada, quando morreu a cachorra amarela cujos despojos ninguém pôde encontrar, consegui acreditar tão inteiramente que era Inés que gemia de prazer sob meu peso porque a Peta tem o sangue da outra Inés de Azcoitía e descende dela, mesmo que gerações e gerações de antepassados humilhados tenham sepultado toda a marca de raça nobre na profundidade de sua cara de feiticeira mestiça... talvez a menina-santa mesma, a mesma menina-bruxa se fizeram carne sob meu peso nessa noite para receber de mim o que gerou o monstro. Sim, vejo o rosto da antepassada nas trevas de meu amor. E depois, fixando minha atenção nas feições carcomidas para examinar a Peta, às vezes consegui perceber, como um eco que chega ricocheteando de uma distância infinita pelo desfiladeiro de gerações miseráveis, os tênues traços das feições luminosas da família patronal, de Inés bruxa e Inés beata ressuscitadas na Peta que me persegue para se apoderar de mim e demonstrar-me que ela pertence a uma estirpe, que tem uma

origem, que teve mãe e pai e avós e tataravós e tetranetas, uma delas certamente, beata e bruxa.

Quer me demonstrar isso para se rir de mim porque sabe que eu perdi minha origem, ou talvez saiba a verdade, que o doutor Azula me extirpou os oitenta por cento que incluíam o Humberto Peñaloza escritor, o Humberto Peñaloza secretário do pró-homem, o Humberto Peñaloza de capa e guarda-chuva recitando versos nas cantinas, o Humberto Peñaloza filho do professor primário, neto de um maquinista de um trem de brinquedo que fez tanta fumaça que não se pode ver mais atrás. Sim, até essas modestas origens o doutor Azula me roubou, transformando-me nesse lamentável vinte por cento. As velhas dizem muitas coisas nesta Casa. Agora que os leiloeiros empilham objetos nos corredores, é certo que murmuram menos pela fascinação de sentar-se sobre um montão de oito colchões e pular sobre eles como bebês, olhe, Zunilda, o Céu deve ser assim, mas sempre lhes sobra tempo para murmurar, dizem que Dona Inés chega na semana que vem, dizem que chegou e não virá por enquanto e talvez nem venha, não, dizem que não é verdade, que não chegou, que fez uma peregrinação a Fátima e outra a Lurdes, dizem que quando Dona Raquel presenteou a chave de sua cela à Madre Benita a Madre Benita fez cara de mártir e lhe perguntou o que quer que façamos com todas essas coisas como se Dona Raquel não tivesse coisas valiosas, tão boa a Dona Raquel, mas a Madre disse agora que o Mudinho está assim desse jeito, não vou ter quem me ajude a tirar as coisas de sua cela e arrumá-las porque desde que o Mudinho anda assim é como se fosse outra velha, Dona Raquel, como a Madre Anselma e a Madre Júlia, quando se acabará isto, até o Mudinho anda doente, mal pode ficar em pé e quando estava vedando as portas caiu da escada e as órfãzinhas precisaram me ajudar, pobre Mudinho, de onde terá saído... murmuram, sussurram, faz anos e anos que as velhas cochicham e seus cochichos grudam-se às paredes, mas as velhas duram pouco porque têm muitos anos e morrem logo e chegam outras velhas que ouvem os rumores, as murmurações que, deformadas, transmitem às velhas mais novas que morrerão um pouco depois que as anteriores, depois de haver transmitido o acervo de sombras e a caterva de rumores recolhidos aqui na Casa a suas sucessoras... dizem... dizem que o Mudinho nasceu aqui na Casa, claro, Clementina, coitadinho do Mudinho, nunca saiu à rua em toda sua vida porque tem medo das buzinas dos carros, como

isso é possível, Mercedes — outra, não a Mercedes Barroso, essa o furgão da Beneficência Pública, que vem nos levar a quase todos, já levou — como pode ter medo das buzinas se é surdo-mudo... pode ser, mas sempre viveu aqui, dizem até que antes da Madre Benita, quando havia muitas, muitas freirinhas, não como agora, e dizem que então uma menininha amanheceu no umbral da Casa e as freirinhas, que eram muito boas, não bravas e mandonas como a Madre Benita, que não sei por que está ficando assim, puseram a menina para dentro, para o pátio e aí, dizem, ela pariu um bebê de sete meses que as asiladas de então criaram e salvaram da morte mas não puderam salvar nem o seu ouvido nem a sua voz, e dizem que por isso, porque é prematuro, o Mudinho é tão pequeno, claro que está ficando menor e meio idiota, dizem que é também claro que nunca se pode saber se a pessoa é idiota quando não fala nada, olhem só como anda agora, nos últimos tempos, como está esquisito o pobre Mudinho, quase não se mexe, o pobre homem até parece entrevado. Coça-lhe o corpo com tanta sujeira e a cabeça, os piolhos, mas não posso me coçar, lânguidas as mãos e os braços, todo o dia sentado ao sol, quando há sol, no escabelo gótico que uma senhora que foi à sua cela, agora que vão demolir a Casa, para escolher as coisas que lhe convém levar e decidiu que não, é muito grande, onde vou metê-lo, deu de presente à Madre Benita e quando a Madre Benita lhe disse obrigada mas o que quer que eu faça com um móvel tão grande agora que vai haver leilão, e eu o que faço se não cabe em meu apartamento moderno e além disso as coisas de estilo gótico já não se usam, diz a *House and Garden*, que macaquice, mas isso seria o de menos porque eu tenho muita personalidade para arranjar minhas casas segundo todas minhas amigas por isso não compreendo e me ofendo um pouco porque a senhora diz que este escabelo não serve para nada, isso não, é bom, de nogueira, era do hall da casa de minha mãe na Rua Dezoito além disso dizem que não é verdade que vão demolir porque Inés vem morar aqui... dizem que fez voto de pobreza... com seus milhões... alguém que a viu em Roma, ou na Suíça, não sei, em algum desses lugares, disse que mudou muito, dizem que deixou de tingir o cabelo, dizem que está com o cabelo de um grisalho muito feio, dizem que o Mudinho foi criado para sacristão pelas asiladas e as freirinhas aqui na Casa, por isso é que é tão bom mas está tão acabado, tão cansado o coitadinho que parece que já nem enxerga, isso não é verdade, eu vejo, olho, meu olhar nostálgico é a única

coisa viva que me resta do que sempre existiu e me relaciona com a origem que agora me resta porque dizem... dizem que uma senhora que antes vivia aqui no pátio da lavanderia ouviu de uma mulherzinha que morreu há muito tempo e essa de outra que então me conheceu, que eu era um bebê muito bonito, com esse rosto pequeno e branquinho de menino doente mas com os olhos muito grandes e tristes como se estivesse sempre a ponto de chorar, e uma mendiga num povoado distante me encontrou um dia em sua porta, nu, sob igual intempérie da noite em que a Iris me expulsa para que vá trazê-lo mas eu só posso ficar atrás do vidro na fachada olhando para dentro e eu o olho através da chuva, em sua biblioteca de poltronas cinzentas desvendando parte de sua biblioteca que não são cem tomos de um livro esverdeado com meu nome na lombada e sim que os simula, é só uma porta que cobre o cofre cujo conteúdo não me interessa, só me interessa voltar à Casa com um por cento menos agora que sei que meu nome só existe na lombada desses cem livros simulados, talvez meu nome mesmo seja simulado, esperando que Iris me deixe entrar como essa mendiga que me encontrou em sua porta, uma noite no frio da intempérie. Ninguém no povoado sabia quem era minha mãe e o que dizer de meu pai, isso nunca se sabe, quase ninguém tem pai, quando muito um professor primário com pouca vista, o terno escuro esbranquiçado pelo giz do quadro-negro. Mas meu olhar era tão desesperadamente triste — apenas triste então, uma forma inferior da nostalgia que depois me dotaria de tanto poder — que a mendiga que me encontrou percebeu minhas possibilidades e não se desfez de mim como teria sido natural porque eu representava uma boca a mais e os tempos não estavam para caridades... dizem que essa velha saía comigo enrolado em farrapos, poucos, para que o frio me deixasse a pele esverdeada, a pedir esmola nas ruas ou nas portas das igrejas, à saída da novena da tarde. Quando notava que os paroquianos começariam a sair do templo, beliscava-me para que chorasse. Era tal a dor de minha expressão, tão dilacerantes os meus gemidos, que os caridosos se acumulavam ao redor da velha para me ver chorar e encher suas mãos de moedas... dizem que aquela senhora nunca me dava muito de comer para que não engordasse e estivesse sempre a ponto de chorar, faminto, pálido, assim era mais comovedor, mais comercial meu aspecto... dizem, olhe só, Lucy, dizem as más línguas que essa velha adoeceu e já não tinha saúde para sair à rua pedindo esmola comigo nos braços, que ia crescendo

apesar da fome, não era leve, e como ela já não saía, mas minha fama havia se estendido por toda a cidade, alugava-me a outras velhas que me levavam em seus braços, ainda faminto, lacrimoso, para estimular o público a dar esmola, as velhas que me alugavam também me beliscavam para que chorasse, mas à saída da missa também me faziam carinho, sobretudo quando os crédulos se aglomeravam ao nosso redor para dar uma esmolinha pelo amor de Deus, não chore filhinho lindo, muito lindo o meu filhinho, pobrezinho, olhem como chora, claro, tem uma mancha no pulmão, coitadinho, meu único neto, e minha filha no hospital e o pai quem sabe por onde andará, esse é um sem-vergonha que se fez de bobo e adeus, e eu, vocês estão vendo, uma pobre velha inválida incapaz de trabalhar para lhe comprar um pouco de leite, um pedaço de pão para pôr na boca para que esta criança não chore tanto e quando não chora é por porque a expressão de seus olhos... e de volta ao povoado arrastando as chinelas pelo caminho para não pagar o ônibus, as moedas soando em seu bolso pesado escondido entre as pregas de seus farrapos, para me devolver à velha que não era minha mãe nem minha avó mas minha dona, e que depois morreu e me deixou por herança a outra velha, e essa velha a outra... até que, dizem, olhe só Melânia, que o trouxe para cá para a Casa a primeira de todas as asiladas, uma senhora muito calada e muito boa dizem que era e se chamava Peta Ponce, então dona do Mudinho, que estava muito grande para pedir esmola com ele, mas essa senhora era muito velha, e dizem que uma tarde saiu sozinha a andar pelos corredores desta Casa que são tão longos e ficam escuros logo muito cedo e existem tantos pátios e tantos sótãos e tantas galerias, não sei se viu a pilha de almofadas que os leiloeiros juntaram no corredor do outro pátio, almofadas e colchões e travesseiros, ande, Melânia, vale a pena vê-los, tem coisas boas, estou lhe dizendo, dizem que esta senhora um belo dia saiu pelos corredores e se perdeu aqui na Casa e nunca mais tornaram a encontrá-la, como se a profundidade a houvesse engolido, procuraram-na nos sótãos e em todos os andares mas nada, não apareceu e também não figura nos registros como morta, assim é que não sei onde estará...

— E agora cortaram a eletricidade.

— Que horrível, não?

— Por que cortaram?

— Porque vão demolir.

— Mas não vão demolir.

- Como não vão demolir?
- Como vão demolir se Dona Inés está para chegar?
- Quem lhe disse, Amalia?
- Dizem...
- Não pode vir sem eletricidade...
- Só cortaram por enquanto...
- Para quê?
- Estão consertando os cabos da cela de Dona Inés.

— Então é bom a gente não sair pelos corredores para não se perder como essa senhora que dizem que se perdeu aqui, como se chamava, não, não se chamava Peta Ponce, chamava-se Peta Arce, não, Peta Pérez Arce, claro, e não foi a que trouxe o Mudinho, porque quem trouxe o Mudinho foi outra senhora... dizem que não foi uma senhora que o trouxe, dizem que o Mudinho chegou aqui um belo dia quando estava chovendo e...

O PAPEL QUE Dona Raquel escolheu para a cela de Inés era um modelo amarelo muito clarinho, quase transparente, com um desenho de liras estilizadas como aquelas que os anjos tocam no céu, brancas umas, outras amarelas um pouco mais escuro. Muito sóbrio, muito elegante, e nada pretensioso, como tinha que ser para o quarto de alguém que fez voto de pobreza. Mas sob esse discreto papel angélico, entre a parede e o papel novo e para protegê-lo da aspereza do adobe, coleí um revestimento de papéis de jornal como nos cubículos das velhas, notícias pavorosas, desatualizadas mas com o pavor intacto, milhares de prisioneiros políticos esquecidos nos cárceres há 30 anos, mil vidas destruídas pelas cheias do Yang-Tsé-Kiang, fuzilados os Watusi, fome no Nordeste do Brasil, rostos alarmantes e alarmados, mãos clamando entre ruínas de cidades assoladas por guerras e terremotos, olhos que imploram clemência ante o horror do inevitável que já chegou, que está acontecendo, gritos silenciados pela distância e o tempo porque o horror arrancado de seu contexto é ainda mais horrível e mais horrível ainda se convertido em papel de jornal que uso para preparar esse espantoso quebra-cabeça sob o papel pintado que o cobre inteiro e mantém intato o espanto.

— Bonito.

Abriu a mala sobre a cama.

— É, não é verdade?

Tirou o vestido preto e o abrigo e calçou chinelas e um chambre vermelho.

— Que elegante, Dona Inés! Sempre ouvi dizer que as coisas italianas de hoje são lindas...

— É suíça. É a única coisa que comprei na Europa, meia dúzia de vestidinhos pretos, todos iguais, que durarão até que morra.

Madre Benita ajuda-a a pendurar seus decepcionantes vestidos pretos no roupeiro e lhe diz que pensava que o processo de beatificação estava bem adiantado e que por isso se demorou tanto na Europa. E a fila de sapatos pretos com suas formas na parte de baixo do roupeiro.

— Não, estive em um sanatório na Suíça depois do choque que sofri, quando os cardeais me disseram que não...

E sacode a cabeça, definitivamente, como devem ter sacudido a cabeça os cardeais dizendo-lhe que não, que a beata não é beata, que você não foi capaz de prolongar a estirpe com um filho e tampouco pôde fazê-lo tirando a história da beata do baú das coisas velhas, para pendurar seu halo na árvore da família... sacode a cabeça: você se olha no redondo do espelho, arranja o cabelo e continua...

— ... além disso, queria deixar o cabelo crescer para voltar com ele branco, lembra-se que antes de viajar eu o clareava, um pouco como quando era moça. Quis chegar com esse coque de lavadeira, sem nenhuma vaidade, igual às velhas que moram aqui. E a senhora, Madre Benita, como vai?

— Tão ocupada, agora com esse inventário para o leilão.

— Não vai haver leilão.

— Falou com o Arcebispo?

— Não lhe disse que não tinha falado com ninguém? Tomei um táxi direto do avião, trouxe uma mala e mandei as outras para casa. Vamos ver se esses leiloeiros aparecem amanhã por aqui... chame-me... vou expulsá-los aos gritos e que se queixem a Jerónimo.

Madre Benita fecha os postigos. Inclina-se para enfiar a mala de Inés debaixo da cama. Ao se levantar vê que observa as liras com tal intensidade que parece querer transpor as liras, o revestimento de notícias caducas, para penetrar no fundo do adobe das paredes e de lá desentranhar algo que está mais além de tudo isso e que a senhora, Madre Benita, não sabe o que é. Sem mudar a expressão de seus olhos fixos na parede e sem olhá-la, pergunta-lhe:

— E a porteira? Como se chamava?

— Rita.

— Como vai?

— Muito bem.

— Terá algum recado para mim?

— Não me disse nada.

— Claro, Jerónimo não telefonou. Não sabe que cheguei. O táxi com as minhas coisas deve ter chegado quando ele estava no Clube, só saberá que cheguei mais tarde. Se telefonarem, que a Rita diga que estou rezando na capela e que não podem me interromper. Vim rezar e fazer penitência aqui.

— Mas, Dona Inés!

— O quê?

— Então não sabe?

— Não...

— Não lhe contaram que a primeira coisa que fizeram foi execrar a capela que há meses está com as portas vedadas e já tiraram os vitrais e tudo?

Inés cobre o rosto com as mãos.

— Por que fizeram uma coisa tão terrível?

— O Padre Azócar andava muito apressado com esse assunto do leilão para começar a demolição... mas as coisas foram andando. Não celebram missa nem nada...

Inés descobriu o rosto: era outro rosto, que atemorizou Madre Benita, porque era como se um dos rostos que estão atrás do papel de liras o houvesse transposto para ocupar com seu espanto o centro da cela.

— Até sem missas o Jerónimo quer me deixar?

— Não diga isso...

— A senhora não o conhece...

— Não...

— Não sabe como é...

— Não...

— Não vim a esta Casa para ficar sem missas. Vou mandar que tragam o oratório de minha casa para cá. Podemos instalá-lo no quarto aqui do lado. E se o Padre Azócar tiver juízo, que me mande um padre para rezar a missa e me traga a comunhão todos os dias... bem, amanhã cuido disso. Agora estou com sono, vou me deitar...

— Que pena! As asiladas estão todas na cozinha, esperando que a senhora vá cumprimentá-las...

— Esta noite não... estou cansada... amanhã. Ah, Madre Benita, lembre-se, e a Rita também, se o Jerónimo telefonar, não posso falar com ele... vir, não vai vir... mas não me deixará tranquila, telefonando. Digam sempre que estou ocupada.

— Está bem.

— Obrigada.

— Precisa de mais alguma coisa esta noite, Dona Inés?

Anda pela cela, apalpando as liras com as pontas dos dedos. Retira-os, como se estivessem feridos, e mete as mãos nos bolsos de seu chambre vermelho. Olha para a freira.

— Não sei, Madre Benita...

— Bem, então já vou...

— Onde é que a senhora dorme?
— Um pátio mais para lá.
— Como é grande a Casa!
— Enorme.
— É como se tivesse crescido enquanto estive fora.
— A gente nunca termina de conhecê-la.
— Dizem que o Mudinho é o único que a conhece toda. É verdade?

— Dizem. Mas dizem tantas coisas... é possível... tudo é possível aqui na Casa...

— Não diga essas coisas, Madre de Deus.

Senta-se na cama.

— Aqui está a campainha para me chamar.

— Obrigada.

— De nada.

— Madre...

— Sim...?

— Ouvirão se eu gritar?

— Por que gritará?

— Tenho medo das aranhas.

— Limpamos isto muito bem.

— ... é que...

Madre Benita pôs as mãos afetuosas sobre seus ombros. Parada à sua frente, procurou seu olhar para acalmá-la com o seu, mas você se recusou.

— Que está lhe acontecendo, Dona Inés? Conte-me...

Não a olha.

— Madre, desde que o assunto da beatificação falhou tenho umas insônias terríveis. Não puderam me curar na Suíça, para isso fui lá me internar. E nas poucas vezes que durmo, queria que visse que pesadelos, como prisões, como se nunca pudesse me livrar delas e estivesse condenada a viver para sempre no interior de um pesadelo, muitas vezes nem sei se estou dentro ou fora...

— Não sabe se está dormindo ou acordada... é horrível...

— Como sabe?

— Eu também tenho isso...

— Mas não como os meus, tenho tanto medo. Acho melhor instalarem um telefone aqui no meu quarto, se por acaso...

— Por acaso o quê, Dona Inés?

— Tem cheiro de cimento.

- Não acho...
- Não estiveram fazendo construções?
- Mas se vão demoli-la.
- Esta Casa não era tão grande.
- Vai ver que cresceu.
- Mas não era tão grande.
- Não é possível, Dona Inés!

Você reparou sem saber que reparava, ao entrar na Casa: as portas que vedei com cimento e tijolo, porque é preciso vedar quartos e galerias para a gente não se perder, eu me encarrego disso, as janelas que fui fechando para que não as destruam: lá em cima, sem que Madre Benita nem ninguém perceba, vou emboçando e pintando manchas de umidade e velhice de modo que ninguém suspeite que atrás estão esses quartos e galerias e pátios e corredores. Ninguém nota a mudança. Só você, que sabe que vedando e enclausurando a gente aumenta, não diminui, o âmbito da Casa, porque ninguém, nunca, nem demolidores nem leiloeiros vão poder entrar nos lugares enclausurados.

- É o banheiro que está fazendo esse barulho?
- Não, é a canalização do pátio.
- Não vai me deixar dormir.
- Amanhã mando arrumar.
- Não, esta noite. Tenho que descansar.
- Vou ver.
- Espere, não se vá ainda.
- Precisa de mais alguma coisa?
- Acho que não.
- Bem, então...
- Madre Benita...
- Sim?
- A senhora acredita, não é verdade?
- Em quê?
- Na beata.
- Bem, eu...
- ... é que me deixaram tão só...
- E seu marido?
- Não o conhece!

Madre Benita não entende. Quando ela senta a seu lado na cama, você se levanta e começa a andar pelo quarto, olhando-se de passagem no oval do espelho do roupeiro, talvez adivinhando os

rostos furtivos que se definem atrás das líras, passeando de um lado para outro, de um lado para outro em sua cela.

— Diga-me, Madre Benita, que prova maior querem de que foi beata que a existência desta Casa?

— Acalme-se...

— Diga-me, a senhora que é uma mulher crente.

— Dona Inés...

— Diga-me...

— A história do terremoto...?

— E que está sepultada aqui na Casa, e que vou procurar seus restos ainda que tenha que cavar com minhas próprias unhas... Olhe só como estão. Lembra-se como eram bem cuidadas minhas mãos? Eram meu orgulho. Olhe agora...

Tira as mãos dos bolsos e as mostra, trêmulas, as unhas quebradas, lascadas. Madre Benita pega-as, junta-as para que não tremam tanto e volta a deixá-las em seu regaço vermelho.

— Uma pena.

— Sabe o que acontece?

— Descuido... não tem mais vaidades...

— Não, é que de noite, dormindo, nas poucas vezes que durmo, parece que tento me agarrar a algo, qualquer coisa, que arranho o lençol, a cama, o que seja... queria que visse como deixei a cabeceira de minha marquesa no Grande Hotel de Roma, quando sonhava com alguma coisa de que não me lembro e tentava me agarrar não sei em que, e depois, de dia, para que não doam tanto, roo as unhas, e doem ainda mais... por isso me internei na Suíça. Passei muito mal em Roma.

— Não quer se deitar?

— Não.

— Uma xícara de chá?

— ... para queimar tudo, vim para isso, para queimar absolutamente tudo o que tenho guardado em minhas celas. Vou começar logo. Mas quero avisá-la de uma coisa, Madre Benita: não vou queimar nada sem examinar pelo avesso, pelo direito, por dentro e por fora. Vou ler todas as cartas e os recortes e os contratos e o reverso das fotografias. Vou procurar em todas as gavetas, em todas as caixas, nos bolsos de todas as roupas e vestidos e casacos e até de fantasias, que tenho guardados pegando traça embora o Mudinho cuide de tudo tão bem... nos forros e dentro das bolsas, e cada coisa, depois de examinada, não pense que vou dar nem fazer

caridade, vou queimá-las, tudo, e o Mudinho vai me ajudar...

— Mas o que quer encontrar?

— Algo, alguma coisa que me dê uma pista. Existia algo. Para não me arranhar quando dormir, se é que durmo, ainda que não acredite que possa dormir muito.

— Gostaria de uma almofada além do travesseiro?

— Não. Quero fazer penitência.

— Já que tirou seu chambre, meta-se na cama, não ande assim meio nua, olhe que esta cela foi recém-empapelada e está um pouco úmida. Em dois dias fica seca.

— Madre Benita, o que estava lhe contando?

— Que queria encontrar não sei que coisa.

— Isso é o que me deprime mais.

— O quê?

— Que ninguém, nem eu, se lembre.

— Durma agora. Descanse. Temos tanto tempo pela frente para conversar. Não se deprima. Aqui todas nós vamos mimá-la, vai ver. E pode ficar aqui o tempo que quiser...

Você está com seus cabelos grisalhos soltos sobre os ombros, os pés descalços, Madre Benita tentando obrigá-la a pôr as chinelas, rogando-lhe que se deite, que se acalme, que tome um copo d'água.

— Como se atreve, essa impertinência de me convidar a ficar o tempo que quiser nesta Casa, se esta Casa é minha e muito minha? Sim, o Jerónimo pode ter assinado todos os papéis do mundo, mas a Casa é minha, não será demolida, não vou permitir que qualquer demolidor toque em nenhuma destas paredes, a Casa tem um segredo, algo obscuro que não entendo, nem eu nem a senhora nem ninguém, mas é minha porque sei que tem um segredo, mesmo que nunca descubra esse segredo e esse segredo me mate, é minha, claro que a propriedade vem legalmente pela linha masculina, mas somos nós as mulheres que temos preservado esta Casa. Estou certa que esta Casa não saiu das mãos dos Azcoitía porque uma sucessão de mulheres, piedosas, que ninguém lembra mais, cada uma à sua maneira, com suas manias, suas fraquezas, suas pequenas espertezas e segredos que a história não registra, foi impedindo que o marido se desfaça desta Casa, sempre por motivos irracionais, totalmente subjetivos, impossível compreender esses motivos que fizeram com que gerações de mulheres Azcoitía fossem tecendo e urdindo uma rede de proteção para esta Casa... não sei o que esperamos da Casa... imagine que um belo dia, fazendo um buraco no pátio da

tília, por exemplo, encontremos os restos da beata... vou guardá-los só para mim, a beata é minha porque ninguém mais, nem a senhora, acredita nela... vou guardá-la porque é preciso guardar as coisas com muito cuidado embora superficialmente pareçam trastes, escondê-las, envolvê-las, porque quando a gente mostra algo que vale a pena, eles se apropriam disso, é meu, dê-me, você não entende nada, vá costurar, vá jogar bridge, telefone para sua prima enquanto eles ficam com o que a gente encontrou, eles entendem o que significa e sabem explicá-lo, e explicam tanto que as coisas deixam de ter significado... eu não quero saber o que significa nada, quero encontrar algo para deixar de arranhar de noite quando durmo, se é que durmo, nunca sei... obrigada, Madre Benita, sim, esse xale, nos pés da cama, ponha-o por favor, assim...

— Quer que apague a luz e deixe acesa só a de cabeceira?

— Não apague nenhuma luz, vou dormir com todas as luzes acesas e deixe também acesa a luz do corredor lá fora, não sei por que gastaram dinheiro com anexos para esta Casa ultimamente se vão demoli-la... ela me parece muito grande esta noite... é questão de acostumar-se...

— Em poucos dias estará mais contente que na clínica e nem vai sonhar.

Claro, Madre Benita, por que sonhará se eu vou me encarregar de reger seu sonho, de guiá-la até que se perca nos corredores e se encontre com quem eu quiser e quando quiser.

— Pena que não se lembraram de me arranjar uma cela ao lado da sua, Madre.

— Mas a senhora mesma mandou um telegrama dizendo que queria o pátio mais antigo...

— É verdade.

— Não devia ter medo.

— Não.

— Ela a está protegendo.

— Se existiu...

— Peça a Deus.

— Deus tem coisas mais importantes com que se preocupar.

— Tome água e seu veronal.

— Não quero tomá-lo ainda. Não sei o que vou sonhar esta noite, primeira noite que durmo aqui na Casa, pode ser que sonhe e depois descubra que, enquanto dormia, alguém, não sei quem nem para que, fechou a porta do sonho com cimento e tijolos... por que

estou sentindo esse cheiro tão estranho...

Você olha para todos os lados.

— Alguém anda...

Seu ouvido finíssimo, ou sua necessidade de minha presença, sentiu-se escapular no corredor. Você faz um sinal à Madre Benita para que se aproxime e murmura em seu ouvido:

— O documento que o certificava...

— Que certificava o quê?

— Desapareceu.

— Não pode ser.

— Sim. Eu o tinha guardado em minha cela. Estou certa. Jerónimo, para que fracassasse o assunto da beata, fez com que desaparecesse.

— Mas Dona Inés...

— Tudo que for necessário desaparece. Fica só o inútil. Talvez não fosse por ordem de Jerónimo... não sei, desapareceu porque as coisas às vezes desaparecem, só por isso, porque os homens precisam delas e as usam e as usam tanto que as gastam até fazê-las desaparecer... a não ser que nós, as mulheres ignorantes, que não compreendemos nada nem sabemos nada de nada e nos cansamos com tudo e choramos porque não temos outra coisa com que nos distrair, nós às vezes guardamos as coisas, nós as escondemos para que eles não as usem e depois as joguem fora e passem para outra coisa... nós não, nós as guardamos porque nos telefonamos e comentamos e falamos bobagens e nos contamos intrigas, mas nessas bobagens e nessas intrigas que nos contamos ao telefone, na cama, pela manhã, com os farelos das torradas do café da manhã na colcha, nesses comentários idiotas, às vezes, a gente preserva algo importante disfarçado em coisa trivial, e outra mulher, uma prima a quem se deve visita, por exemplo, e lhe telefona porque não está com vontade de vê-la, guarda isso, embrulha-o, guarda-o e o transmite. Eu, porém, não tenho ninguém para contar a história da beata, ninguém quer acreditar que sequer tenha existido, e muito menos que fosse beata... pobrezinha... morreu tão nova... depois que eu morrer, ninguém mais vai se importar que a beata tenha morrido tão nova. Se dormir bem esta noite e amanhecer com forças, vou começar a queimar todas as coisas que estão nesta cela. Diga ao Mudinho que esteja pronto cedo para me ajudar, sim, embora não tenha a força de antes, mesmo que não seja senão um vulto, seja o que for, ele sabe o que há em minha cela, logo que

amanheça porque estou vendo que com o ruído que faz essa canaleta que eu achava que era a caixa da privada não vou dormir nem um pouquinho... agora, depois da viagem, quando mais preciso descansar. Bem, dê-me o veronal, Madre... quem sabe com quem vou me encontrar dentro de meu sonho, o pior é quando não posso me lembrar dos horrores que sonhei. Mas espere, Madre, espere enquanto tiro o creme do rosto... passe-me o espelhinho que está dentro da bolsa vermelha que está dentro de minha carteira negra, que está dentro da bolsa de plástico, em um compartimento com fecho que está dentro da mala que está debaixo da cama. Obrigada, Madre Benita.

QUASE NÃO ME mexo durante o dia, só às vezes, do escabelo até a calçada de uma galeria para me sentar, o rosto entre as mãos, antes de ir à cozinha quando faz frio, firmando-me nas paredes dos corredores, você me vê quando passa conversando com a Zunilda Toro e sacode a cabeça suspirando com esperanças de que me restabeleça, pobre Mudinho, isso tem que passar, Antonieta, não pode durar tanto, só estou esperando que melhore para começar a cavoucar nestes trastes de minha cela porque sozinha não posso, ele sabe me ajudar, sabe onde está tudo o que esqueci onde está, prefiro esperar uns dias mais até que o Mudinho se recupere e depois descansar um pouco antes de pôr mãos à obra, mas você perambula sem nada para fazer, Inés, sua piedade não encontra alvo porque o Padre Azócar ainda não conseguiu a dispensa para instalar o oratório pegado a seu quarto, não é fácil rezar com piedade quando se tem que ajoelhar no chão. Elas seguem você, tão boa a Dona Inés, uma pena que agora se arrume tão pouco, teria sido mais interessante vê-la chegar da Europa toda enfeitada, mas, claro, como, se fez voto de pobreza, dizem que é tão rica que comprou esta Casa para vir morar aqui e por isso não fazem o leilão, vai trazer seu oratório, com um altar de ouro, e depois dizem que pouco a pouco irá trazendo de sua casa todos os móveis e coisas para mobiliar a Casa para que fique linda, por isso é que agora esses intrusos não vêm mais, esses que vinham antes e se metiam por toda parte para fazer lotes numerados para o leilão e até as nossas macas eles queriam desarmar, onde quer que a gente viva, eles desarmam nossos cubículos, a esta altura da vida a gente não vai ficar mudando de quarto, ainda mais se eles vão demolir, não é

mesmo, Dona Inés...

- Não vão demolir.
- Não vão demolir, Dona Inés?
- Enquanto eu viver.
- E a senhora tem boa saúde.
- Não é como nós, que tossimos tanto.
- Sim, mas vocês não têm insônia como eu.
- Insônia, Dona Inés?
- Durmo muito pouco.
- Coitada!

Coitada, que terrível não dormir, veja nós, que dormimos tanto que nem sabemos quando estamos dormindo e quando estamos acordadas, a Antonieta, essa velha comprida com quem a vimos conversando outro dia, é famosa porque dorme de pé, e continua falando, de pé e dormindo. Claro que a senhora não pode se distrair varrendo, como nós, ou descascando batatas, pena que não goste de costurar nem bordar, o ponto de cruz é muito bonito.

- Antes eu gostava.
- Agora não?
- Não tenho tranquilidade.
- Mata o tempo.
- Depois...

Você vai ver Rita muitas vezes na portaria. Na tarde em que Dora voltou de sua saída anual à casa de seus antigos patrões — antes de Santa Teresa, uns dias, para preparar os doces para o aniversário da patroa, porque Dora tem mãos de anjo para fazer doces e tortas — vocês três estiveram na sala da Rita, do lado da porta da rua, onde fica o telefone de parede e mal cabem a mesa para os apontamentos, duas cadeiras e o braseiro. Trouxeram outra cadeira para Inés, uma das ubíquas cadeirinhas douradas com assento de damasco carmesim para que a senhora se sentasse um instante. Dora apareceu com dois pacotes. Abriu o maior: fios de ovos, pedaços de torta, suspiros, bem-casados, que mãos de anjo Dora tem para os doces, Dona Inés, dizia-lhe a Rita enquanto tirava a chaleira das brasas para cevar o mate.

- Prove...

Você provou.

- Que ótimo este bem-casado!

— Olhe, Dora, acho que esta torta de café não ficou tão boa como a do ano passado, por que será?

- Errei na medida do café.
- Esqueci de lhe dizer, Dona Inés...
- O quê?
- O Padre Azócar telefonou.
- Para quê?
- Que estará aqui amanhã às onze em ponto.
- Ah, é para assinar os papéis do meu oratório.
- Para isso.
- Mas não telefonaram de minha casa?
- Dom Jerónimo.
- Que disse?
- Perguntou quando voltará à sua casa.

Você riu às gargalhadas. As velhas abriram os olhos surpreendidas, como é possível que morando em um palácio como dizem que moram, os dois sozinhos com uma dúzia de empregados, venha morar aqui e depois ria, porque o marido pede que volte para casa, mas Dona Inés, por Deus, queríamos nós ter alguém tão preocupado conosco que somos tão sozinhas, de nós ninguém sente falta nem se preocupa de saber como estamos nem o que nos acontece, claro que fora a Madre Benita, claro que não queremos que a senhora saia da Casa porque então vão demoli-la e nos mandarão para a rua pedir esmola por aí, mas é preciso ter um bebê para pedir esmola e que deem dinheiro, porque se a gente não tem um bebê as pessoas não dão e nós de onde vamos tirar um bebê? Rita cutuca Dora por debaixo da mesa para que não fale de coisas que não deve na frente de gente como Dona Inés, que pode se aborrecer, não vai compreender, ninguém nos compreende mais que nós mesmas, é preciso ser uma de nós para compreender e acreditar no bebê da Iris que sofre dormindo com ela porque Iris a martiriza, continua me expulsando todas as noites para que saia ao relento e não me deixa entrar até o amanhecer, então fico esgotado, caído no corredor, ou no escapelo gótico que era do hall da casa de minha mãe na Dezoito, como não lhe servirá, Madre, e se não serve, ponha-o no leilão, o que der será minha doação para a Cidade dos Meninos, mas depois não venham me pedir mais dinheiro, ainda não pude nem ver a Inés, dizem que chegou muito abatida, morro de vontade de vê-la, mas mal tocam a campainha ela se esconde como um rato, vim uma vez esta semana e duas na semana passada, mas nem a enxerguei, minhas amigas não acreditam quando lhes conto, por telefone, que é verdade que a Inés corre e se esconde

como se tivesse lepra, dizem, claro, talvez tenha, por isso o Jerónimo a encerrou lá com a desculpa de que fez voto de pobreza, não venha com essa história, como se não soubéssemos como a Inés era elegante, embora tenha ouvido dizer que anda agora com o cabelo grisalho, o coque bem alto e uns vestidos pretos que até parece prima de padre de povoado, o que dizer de Jerónimo, deve estar à morte, na semana que vem tenho que ir outra vez à Casa porque vou medir uma maca para mandar fazer as almofadas, claro, é o cúmulo que a Inés se deixe ficar assim, tudo é questão de se cuidar um pouco, olhe para mim, que tenho três não dois anos mais que ela. Não a puderam ver porque você se esconde quando tocam a campainha. Quando não a tocam, você passa a tarde com a Rita, ao lado do telefone.

— E este outro pacote, o que é, Dora?

— Um canódromo que o menino menor me deu.

— Posso ver?

— Eu sei jogar nas corridas de cavalo, mas não nas corridas de cachorro. Talvez se jogue igual.

— O menino me deu este canódromo porque perdeu três cachorros e só sobram estes três, de plástico, o vermelho, o azul, o amarelo.

— Cachorra.

— Que está dizendo, Dona Inés?

— Que é cachorra.

— Como sabe?

— São melhores para correr.

— Quer jogar, Dona Inés?

— Sim.

— Mas como? O menino me deu o canódromo porque também perdeu o dado e não se pode jogar nas corridas de cachorro nem de cavalos sem dado.

— Dizem que a María Benítez tem um dado.

— Por que não vai pedir emprestado a ela, Dora? Estou com muita vontade de ver a minha cachorra amarela correr, e ver o que acontece.

Quando Dora saiu, você abriu as pernas, apoiou os cotovelos sobre os joelhos e estendeu as mãos sobre o fogo. Depois, como quem não quer nada, disse à Rita que ligasse para sua casa, que perguntasse por Jerónimo sem dizer que ela estava ao lado do telefone, e que por incumbência dela lhe dissesse que amanhã

mesmo mandasse um ludo, um jogo de damas, um dominó... enfim, todos os jogos que encontrasse ou de que se lembrasse. Rita discou o número. Você ficou esperando ao lado.

— Não atendem?

— Não.

— Que estranho!

— Por quê?

— Porque a esta hora ele está em casa, deitado, ouvindo o noticiário político no rádio, com o telefone ao alcance da mão. Além disso, todas as empregadas...

— Agora... Alô!

Rita, desfeita em medidas e sorrisos como se Dom Jerónimo a estivesse vendo através do aparelho, desculpa-se porque teme havê-lo despertado, não, não o despertou, está falando com Rita, a porteira da Casa, e Dom Jerónimo cumprimenta-a dizendo que a reconhece porque tem falado muitas vezes nos últimos tempos, como está Inés, assusta-se porque se o chamam por telefone da Casa a esta hora é porque algo aconteceu à Inés, não, senhor, como pode pensar nisso, a senhora está ótima, muito tranquila e contente, Inés tira o fone de Rita para ouvir a voz do marido e o devolve para que Rita responda, deixa-os falar outro pouco e volta a tirá-lo para ouvir sua voz, depois se despedem e desligam. Dora chega com María Benítez. As quatro mulheres mal cabem na salinha da portaria. Rita franze a testa.

— A troco de que veio esta?

— Grudou-se em mim. Não quis me emprestar o dado se não a deixasse me acompanhar. Estava deitada. Tive que esperar que se vestisse para vir.

— Que velha mais chata!

— Meu Deus, Dona Inés!

— O quê?

— Falou igual, igual à Rita.

— Vejamos, outra vez.

— Que velha mais chata! Intrumetida, não sei por que vem xeretear aqui na minha salinha quando ninguém a convidou. Deve ter vindo pelo cheiro dos doces, eu não digo, não se pode ficar tranquila em parte nenhuma...

Maravilhadas, escutam sua voz e suas frases de velha. Riem às gargalhadas, você também. Conta a elas que é capaz de imitar todas as vozes. A da Dora. A da Rita. A da María Benítez. Até a voz da

Brígida, que já tem um ano de morta você sabe imitar. Jogam adivinhações. Rita sai da sala e fecham a porta. As outras duas ficam com Inés e ela fala como María Benítez: María Benítez, acerta a Rita. Depois sai a María Benítez. Inés fala como a Dora: Dora, acerta María, que jogo interessante, é como no circo, vamos jogá-lo um dia com outras velhas, com todas as velhas, quando estivermos reunidas na cozinha depois da missa de algum domingo e com as órfãs que vão distrair-se muito com esse jogo novo e também com os jogos que Dom Jerónimo disse que vai mandar pelo seu motorista amanhã. Dora, então, sugeriu:

— Aposto que Dom Jerónimo reconheceria que a senhora não é a Rita no telefone.

— Aposto que não.

— Aposto que sim.

— O que você aposta, Dora?

— O canódromo.

— Está bem. Se você ganhar, eu lhe dou este vestido preto.

— Mas não é para tanto, Dona Inés.

— Só tem seis.

— Aposto este vestido de lã, suíço, bom, bem quentinho, que vai lhe servir maravilhosamente contra o canódromo que o menino lhe deu.

— Está bem.

Você disca o número de sua casa. Espera um pouco. É ele. O que deseja, Rita, e agora, o que está acontecendo, assim fico inquieto porque estou certo que alguma coisa está acontecendo com a Inés e não querem me dizer nada, não, não, que ideia, Dom Jerónimo, o que acontece é que ela está com frio e quer que lhe mande seus casacos de pele, o de vison que já está muito batido, diz ela, e o de astracã, e, também, a caixinha de suas joias, que não são muitas nem muito valiosas, mas Dona Inés disse, muito piedosa, que fez uma promessa e tem que pagar com todas as suas joias agora que fez voto de pobreza, a pessoa não pode ter joias quando faz voto de pobreza, diz a senhora, Dom Jerónimo. Que quer que diga a ela, Dom Jerónimo? Que amanhã ao meio-dia? Que o senhor mesmo virá? Ela não vai poder vê-lo porque quer descansar, talvez depois, na semana que vem ou na outra, agora não porque quer rezar muito e se arrepender de todos os seus pecados mesmo que eu não saiba de que pecados está falando uma senhora tão católica como a Dona Inés, bem, que mande tudo, os jogos, os casacos e a caixinha de

joias amanhã ao meio-dia pelo motorista. Pois não, Dom Jerónimo, e o senhor também se cuide. E desculpe o incômodo, senhor, eu não fiz mais que obedecer às ordens de Dona Inés. Você desligou: vocês as quatro velhas deram gargalhadas e enquanto riam e lhes corriam lágrimas, você começava a embrulhar o canódromo da Dora.

— O dado é da María Benítez.

— Pegue-o, María.

— Obrigada, senhora.

— Para que o usa?

— Tinha guardado.

— Jogo com você.

— O quê?

— O canódromo.

— Contra o quê?

— O que quiser.

— Será que esse vestido fica bom para mim?

— Jogo contra seu dado.

— Bem, María, você é a cachorra vermelha, eu sou a cachorra amarela. Pena que estes animais sejam tão ordinários, de plástico, conhecendo como eu o conheço, tenho certeza que o Jerónimo amanhã vai me mandar um xadrez chinês e um tabuleiro de damas de marfim e ébano, de tão gastador e pretensioso que é. Mas olhe só, Dora, este tabuleiro de canódromo está velho demais, é uma porcaria, veja como está se rasgando aqui no meio onde dobra, que é sempre onde os tabuleiros de canódromo se estragam, amanhã, quando tiver um tempinho, vou costurá-lo para que não se acabe de uma vez.

— Que medo, senhora, não fale como a Brígida!

— Olhe que pode ser pecado, ela está morta há um ano! Imagine, até voz de velha...

— Sou velha.

— Mas não é María, nem Dora, nem Rita, nem Brígida, é a senhora mesma.

— Mas posso ser a Brígida.

— Como?

— Apaguem as luzes.

— Nem morta...

— Amalia, mulher, me passe o tarro com os biscoitos e vá dizer à Madre Benita que quando tiver tempo passe por aqui um momentinho, que preciso lhe dizer uma coisa, mas que não se

preocupe comigo, só quando tiver tempo...

Então você ri como a Brígida e as três velhas, sérias, a um canto, olhando sua mandíbula balbuciante e sem dentes, as mãos que mexe como as da Brígida, o dedo mínimo um pouco levantado, pedem-lhe que pare, têm medo, e então você volta a rir e lhes diz, sim, crianças, arrumem as cadeiras para jogar, não, vou jogar só com a María, sim, o número maior começa. Eu, seis. Você, quatro, eu começo: seis outra vez, bravo, sou eu de novo: quatro, na água, para trás. Você, María, não sacuda tanto o dado com suas mãos de madeira, jogue, sua cachorra avança, corre, galopa, adianta-se, a minha não pode, cai na água uma e outra e outra vez, que má sorte, não posso passar, fiquei para trás, minha cachorra amarela está velha, não serve para nada, manca, encolhida, não corre, mal se arrasta e quase não pode sair da água enquanto a cachorra da María chega sem dificuldade à meta.

— A María ganhou!

— Ganhou...

— É porque é cachorro!

Você atira o animalzinho de plástico no braseiro, ele se chamusca, você o olha queimar-se com seus olhos furiosos que esperam que se consuma na onda de fumaça fétida, ele se dissolve chiando sobre as brasas, os olhos ardem com a fumaça do plástico, que cheiro mais nojento, parece enxofre, que fumaça mais densa, enquanto as velhas a despem na fumaceira, despojando-a de seu bom vestido de lã preta para dá-lo à María, vou ter que tirar um pouco na cava, vi você na fumaça, Inés, seu corpo nu tiritando, sim, eu o vi, eu o vi, não poderá negar que agora sim vi seu corpo e o conheço agora, que rindo de seu fracasso as velhas a despiram e encurvada pela derrota você saiu com a cabeça baixa, enquanto as três velhas diziam-lhe que tivesse cuidado com as correntes de ar, olhe só como o vento leva a fumaça da cachorra amarela, durma bem, Dona Inés.

— Tomara.

— Boa noite.

— Boa noite.

NÃO QUERO QUE queime nada ainda. Queimaremos tudo quando chegar o momento. Por isso passo o dia doente, encolhido em meu escabelo gótico, ao sol, vigiando-a enquanto você espera que me restabeleça para que a ajude: sentada no corredor da cozinha, descasca batatas com uma velha esfarrapada que pode ter sido a Madre Anselma, e outras duas que estão lhe contando como foi o enterro da Brígida. Você se levanta. Diz que tem que varrer seu quarto, não, não, Dona Inesinha, não se preocupe, eu varro, lavarei sua roupa de baixo, meias, a roupa branca não precisa pendurar ao sol porque fica amarela, só se pode pendurar ao sol pelo avesso, mas isso não tem importância porque eu já não tenho roupa interior branca e quero fazer tudo eu, que ninguém trabalhe por mim. Não é que tenha querido assim, mas um belo dia, vi que estava varrendo meu quarto, fazendo minha cama, lavando minha roupa como a coisa mais natural deste mundo. Descasco batatas. Não mandem meu oratório. Rezo ajoelhada no chão como as outras, e se elas podem passar a vida sem sacramento, eu também posso. As senhoras vêm, minhas amigas ou conhecidas, procurar coisas em suas celas e perguntam à Madre Benita: Dizem que a Inés Azcoitia mora aqui agora? Não a vejo desde que viajou à Europa! Como está ela? Por que não diz que gostaria de dar duas palavrinhas a ela? Não percebem que eu estou do outro lado do pátio, passam junto a mim sem me reconhecer e voltam a sair, irritadas porque vieram bisbilhotar e não me viram: dizem que a Inés anda muito abatida, imagine, com seus milhões e envelhecida que dá pena, uma mulher como ela que foi uma das mulheres mais elegantes, incrível, mas de volta de suas celas as senhoras — que antes eram Picha e Olga e Rosa e Teresa, mas agora são as senhoras — não me reconhecem ao passar junto a mim, tiveram que se conformar com um rolo de tapete de corredor que a Iris Mateluna puxa no carro que era do Mudinho, mas que ele não pode mais arrastar porque não tem estado nada bem, passa o dia sentado nesse escabelo enfeitado com gárgulas de madeira e você se aproxima de mim, põe sua mão afetuosa no meu braço e pergunta: Dormiu bem?

Eu mal balanço a cabeça. Tenho os olhos opacos. Você segue seu caminho depois de tirar a mão de meu braço tolhido pelas faixas, meu corpo esgotado pelas correrias da noite, se soubesse, Inés, se soubesse o que eu sei e não quero lhe contar, não posso dizê-lo porque está me tolhendo e esgotando, isso é o que está me reduzindo cada vez mais, já estou tão pequeno que uma velha poderia me carregar em seus braços, mas, à noite, saio e vou à casa amarela frente ao parque para espiar pela janela e ouço vozes, Dom Jerónimo e Dona Raquel falando, Dona Raquel virá hoje, ela tem consideração por você mas Dom Jerónimo lhe pede e ela consente e virá dizer-lhe que você está sendo muito dura com ele.

— Que quer que eu faça?

— Não sei.

— Que vá me meter em sua cama?

— Como pode pensar numa sujeira dessas?

— Está vendo?

— O quê?

— Que é uma sujeira.

— É uma maneira de dizer...

Deixem-me em paz, sobretudo Jerónimo deve deixar-me em paz. Os empregados têm direito a uma aposentadoria, não vejo por que eu não ter esse mesmo direito, 63 anos, meu Deus, se tivesse tido filhos, se agora fosse avó, Jerónimo me deixaria tranquila. Não a deixará tranquila, sabe disso muito bem, tem que se vingar porque você não lhe deu o filho que precisava e não me deixa descansar, a ideia de que Jerónimo volte a me tocar sexualmente me deixa louca, não posso suportá-la... a senhora a abraça e choram juntas e lhe diz que não chore, que não pode acreditar que Jerónimo, que é um cavalheiro... isso é o que você pensa, Raquel, está me espreitando lá fora e enquanto estiver me espreitando e me esperando não terei paz, a única coisa que posso ter é medo e a única coisa que me protege são estas paredes que ele quer derrubar, por isso tenho que me misturar com as velhas.

— Soube que a Brígida morreu?

— Vou mandar rezar umas missas por ela.

— Obrigada. Gostava de você.

— Eu também dela.

— É curioso, Inés... tenho sentido que você anda arisca agressiva, como se já não gostasse de mim, mas quando sinto que, realmente, gostou da Brígida, sinto que seu carinho é meu. Porque

você não tem carinho, Inés, é como se o tivessem extirpado de você com uma operação, claro, a clínica na Suíça, todo mundo sabe... dizem que Inés esteve na Suíça, sabe... para que foi lá, se tinha uma saúde de ferro... em um sanatório... para os nervos... sim, poderia ser para os nervos, mas há outras coisas que as senhoras não sabem: Inés não foi à Europa por causa da beata, isso foi o que alegou, podia ter resolvido esse assunto em algumas semanas e lá ficou um ano inteiro. Podia ter continuado o processo por correspondência, disse Dom Jerónimo à Dona Raquel em sua biblioteca de poltrona cinzenta, mostra-lhe o dossiê, garante-lhe que, inclusive, compreende que você tenha se internado na Suíça todo o tempo que precisasse para se refazer do golpe — uma loucura da Inés essa história da beata, enfim, não devo me meter — mas Dom Jerónimo está dizendo à Dona Raquel outra coisa que não consigo escutar, o ruído dos carros que passam, o temor que me vejam espiando a casa de um homem rico, podem me levar preso, assim, quando passa alguém me escondo, não consigo ouvir todas as palavras que preciso ouvir para compreender, não ouço porque corre o vento que me despoja da faculdade de ouvir, vocês dois falando atrás desse vidro na biblioteca iluminada, o fogo na lareira, amizade de anos, mais de meio século, um ligeiro parentesco, uma intimidade que jamais pude entender, contam-se coisas e se confessam segredos que ninguém que esteja deste lado do vidro pode ouvir porque o ruído é insuportável e só consigo pegar pedaços do diálogo que devia me esclarecer a respeito de tudo antes que a senhora fale com Inés:

— Você não fez uma peregrinação a Fátima e a Lurdes?

— Sim, mas não fui à Europa por isso, Raquel.

— Sim, sei, foi pela beata.

— Não, para algo muito mais difícil. Fui envelhecer. Fazer a única coisa que podia me deixar tranquila.

— Não entendo...

— A clínica na Suíça...

O doutor Azula com seu único olho brilhando de avidez. Suas mãos escamosas, seus dedos em garra, dos quais é impossível a gente se libertar, estendeu-a em uma cama como a cama que eu conheço, abriu sua carne, brincou com suas entranhas, examinou-as, arrumou-as, escolheu algumas que o interessaram, e enquanto seus ajudantes, também monstruosos, atrás de máscaras imaculadas a costuravam, ele tirou as luvas de borracha. Imperatriz, enfeitada com uma touca de enfermeira-chefe, veio examinar os resultados da

operação:

— Um capricho de mulher rica, nada mais.

— Para que serve uma histerectomia aos 63 anos? Não entendo.

— Esse é o segredo que todas as senhoras que vão à Casa da Chimba bisbilhotar querem saber, filha.

— E qual é esse segredo, Cris?

— Por que quis que lhe extirpassem o útero.

— Bem, nossa clínica é a mais famosa de toda Europa, assim não tem nada de extraordinário que Inés tenha vindo...

O doutor Azula olhou-a com seu único olho embaciado com ternura, amor, reconhecimento, satisfação, realização. Pôs a garra sobre a mão gorda de Imperatriz.

— Que teria sido de mim se não fosse sua energia e ajuda? Devo tudo a você...

— Não tudo...

— Teria ficado me embebedando na Rinconada, escravo de Boy, se não tivéssemos fugido a tempo naquela noite no café do centro...

Imperatriz se impacienta. Com os anos Cris está se tornando sentimental. Lembra-se com muita frequência de outros tempos.

— Sim, Cris. Olhe. Vamos ficar com seu útero?

— Para quê? Não.

Claro que não, não serve para nada. Você se senta na beira de sua cama e cobre o rosto com as mãos, enquanto Dona Raquel a escuta surpreendida porque está inventando coisas, Inés, você sempre foi fantasiosa, tem vocação para velha, é só questão de permitir que a velha aflore e se apodere de você, por isso Dona Raquel a escuta sentada, muito empertigada em sua cadeira, a bolsa no colo agarrada firmemente com as duas mãos, porque nem ela nem ninguém pode acreditar que até essa idade tenha regra todos os meses, sangue sujo e regular que me escravizava como uma menina, na minha idade, como se fosse castigo de Deus por alguma coisa terrível que fiz e que não recordo, todos os meses, insistentemente, não imagina como rezava, sobretudo quando era mais jovem e tinha esperança de dar um filho a Jerónimo, rezávamos sem parar, Peta Ponce e eu, salve-rainhas, padre-nossos de trás para diante, orações que nós mesmas inventávamos para implorar graças a quem quisesse dá-las, escapulários com relíquias de não sei quem que a Peta me costurava nos sutiãs, nem imagina como rezávamos, para que neste mês, finalmente, o sangue não me sujasse, anunciando assim minha limpeza e a chegada de Boy,

escrava imunda de meu sangue até os 63 anos, não chore mais, Inés, deixe que Dona Raquel a console sem consegui-lo porque continua chorando e chorando, todo mês a esperança de que nesse mês finalmente se esgotasse a sua feminilidade, que teria paz para começar a envelhecer como todo o mundo, mas não, sem trégua, sangue todos os meses... um monstro, Raquel, um monstro. O pior é que Jerónimo sempre foi fascinado pelos monstros.

— Claro. Lembra-se do secretário que ele teve há anos, um meio anão mas não anão e com o lábio leporino mal-costurado, parecia corcunda... uma calamidade?

— Acho que sim.

— Como se chamava?

— Sim, sei de quem você fala...

— Se chamava... espere um pouco...

— Então vou ficar me lembrando!

— Era estranho.

— Mas não tão monstruoso como eu, Raquel, sim, você reconhece que é o verdadeiro monstro, Inés, e que continua sendo apesar de sua operação porque vai garantir à Dona Raquel que Jerónimo não a deixava em paz até antes de sua viagem, que até os 63 anos seu marido também monstruoso a obrigava a fazer amor com ele todas as noites como se fossem meninos, quem pode acreditar em você, Inés, e nessa noite Dona Raquel fará uma visita a Jerónimo para interrogá-lo, não ouço muito bem porque passa um bonde destrambelhado, um caminhão ao mesmo tempo, carros, as sireias dos bombeiros e casais cochicham nos umbrais e os sinos da Igreja das Mercês, não consigo ouvir o que o senhor explica à Dona Raquel e tenho que voltar correndo à Casa para não perder o que Inés está confessando em prantos, saber a mentira pelo menos, mesmo que não saiba a verdade, Jerónimo começava muito suavemente, com muita ternura, carinhos que por último me deixava fazer porque, por que não, embora pouca paciência me restava e francamente teria preferido rezar um terço ou ler o jornal da tarde, mas não me deixava. Ia me pegando mais e mais, pouco a pouco, sabe, nesta idade a gente já não é nenhuma maravilha na cama, nem mesmo andando pelos corredores da Casa, Inés, quando você para junto a meu escabelo para conversar com as gárgulas, como está, Mudinho, dormiu bem ontem, até parece que este homem amanhece cada dia mais encolhido, pobrezinho, e você continua andando até seu quarto e sentada na beira da cama

garante à Dona Raquel que a idade que se tem dá um pouco de vergonha, não sei, tudo caído, o desmorroneamento completo, de forma que a gente mesma sente um pouco de repugnância, mas Jerónimo, era como se não visse isso e não me permitisse ter a idade que tenho e a frigidez de meu corpo de velha não tivesse direito a existir, e pouco a pouco, todas as noites, ia despertando do fundo de meu corpo cansado de velha a mulher jovem que eu não era nem sou. Podia haver me dado a ele frigidamente, era minha última esperança poder fazê-lo, mas não, impossível, Jerónimo não se conformava com esse fingimento habitual em tantas mulheres, vencia-me, Raquel, que horror, despertava uma morta, conseguia que eu me excitasse e que respondesse apesar dos 63 anos e era como se tivesse que me dar ao horrível trabalho de ressuscitar os restos de uma Inés jovem e apaixonada para me encarnar nela. Cansa muito ressuscitar todas as noites.

— Que falta de respeito do Jerónimo! For que não procurava outra mulher?

— Não percebe o que ele queria?

— Suponho que o que todos os homens querem.

— Não.

— Como?

— Não lhe contei que eu continuava a mesma todos os meses? Claro, isso é o que interessava em você, Inés, não vá pensar em outra coisa, nunca a amou e você sempre soube disso e sabe agora e para se vingar deixou que o doutor Azula a mutilasse, isso era a única coisa que o amarrava a você e a nenhuma outra mulher. Jerónimo podia ter conseguido as amantes que quisesse, você está dizendo à Dona Raquel para tentar convencê-la de que não é tudo uma mentira, que seu marido não ficou inerte depois daquela noite, você morreria de vergonha se as amigas soubessem que Jerónimo jamais voltou a tocá-la porque eu não o permiti, roubei-lhe a possibilidade de fazê-lo e vim guardá-la aqui onde as velhas me enfaixam todas as noites para me anular e eu me deixo anular porque deixando-me anular anulo Jerónimo, isso é o que você devia contar à Dona Raquel em vez dessas mentiras, eu lhe contarei como íamos à casa de Dona Flora, Hortência, Rosa, Amapola esfregando-se nele ante meus olhos que lhe devolviam tudo, não, você não quer que ninguém saiba, você sente vergonha porque depois daquela noite na Rinconada ele a abandonou para sempre e você está contando à Dona Raquel que implorava a Deus que Jerónimo se

apaixonasse por outra para deixá-la tranquila. Conta também que ele a ressuscitava todas as noites e você tem sido sempre um cadáver.

Abrigado sob o dintel da janela porque começou a garoar, quase o ouço, através das cortinas quase me sinto chamuscado pelo arco voltaico azul de seus olhos, mentia-me, Jerónimo está lhe dizendo, Inés me mentia muito, me dizia que este mês estava atrasado uma semana, duas, e eu não a tocava para não aleijar meu filho. Dava-lhe joias e o vison e tudo... até que não podia mais, Raquel, não podia continuar enganando-o, não podia suportar sua ilusão, e então, chorando, confessava-lhe que sim, não, outra vez não, sangue outra vez. Eu não podia mais suportar vê-lo sofrer de esperança, não faz ideia de como esta mulher me fez sofrer, Raquel, mas o senhor também está mentindo, Dom Jerónimo, porque deixou de sofrer há muito tempo, quando matou a cachorra amarela na Rinconada e se afundou para sempre em sua poltrona no Clube e em sua retórica no Senado... por isso, Raquel, para não ver sofrer o coitado, eu deixava que as coisas continuassem iguais e noite após noite, juro-lhe, sem trégua, desta mulher velha que sou e que quer descansar e ter paz para suas devoções e não fazer nada, meu marido arrancava de meu corpo frio um corpo ardente que lhe correspondia, mas que não era meu corpo, e porque não era eu, correspondia embora tivesse dado qualquer coisa para não corresponder... e matou em mim o direito de não ser um monstro.

É um diálogo que você mantém com os gárgulas do escabelo, as encarnações do medo, surdas, mudas, talvez cegas, agentes do vazio, o pânico que prefere retorcer-se e se transformar em monstro em vez de não ser nada... olhe este pátio cheio de sol: as velhas vão arregaçando as mangas das blusas porque faz calor. Braços de gárgula. Mãos de gárgula que levam uma chaleira enegrecida. Uma velha que está sentada perto do corredor boceja e é como se tudo, nós, o pátio, o sol, fôssemos nos perder pelo corredor interminável que se inicia em sua boca. Outra amarra um montão de revistas. Madre Benita passa, sorriem para ela, cumprimentam-na, pedem-lhe coisas, ela se afasta porque tem muito que fazer e fecha a porta. Sinto o cheiro asqueroso da comida na cozinha, caras mantidas como unidade pelas amarras de suas rugas e você confessa que é por seu fracasso como mulher de Jerónimo que está empenhada em lhe dar uma antepassada que o aparente com Deus.

— Isso é coisa de velha, Inés.

— Pode ser, Raquel, mas as velhas têm poderes e prerrogativas que as jovens não conhecem, uma anarquia que tudo permite, uma falta de obrigações por cumprir, porque se as cumprem ou não, não importa nada a ninguém. E me mantendo jovem com seu assédio, Jerónimo estava me roubando as prerrogativas e os poderes das velhas. Você se lembra como eu vinha sempre a esta casa?

— Essa sua mania de acumular trastes... nunca achei isso normal.

— Você está muito enganada. Era a coisa mais normal do mundo, as velhas acumulam coisas, vinha para cá com a naturalidade com que estas velhas vão adoecendo, ficando decrépitas, cada dia mais inúteis, sem que isso afete a ninguém, alistando-se para desaparecer, a invejável simplicidade com que vão morrendo... eu as invejava, é uma forma de liberdade que eu não podia comprar, continuava escrava da ordem, de ciclos que renovavam a esperança até que não pude mais e fui à Europa a pretexto de tratar da beata.

Escuto-a e não posso acreditar. Você reduz tudo a um pretexto. Por que se mete, então, todos os dias em suas celas, para escavar? Procurando alguma coisa? Ou simplesmente, como as velhas remexem entre seus trastes, só para remexer? O doutor Azula despojou-a de sua possibilidade de ser mulher, agora não posso, Raquel, ele não pode, ninguém pode, sou livre, agora não *poderia* sentir, pertença ao sexo sintético que é o sexo das velhas.

— E Jerónimo sabe?

— Claro.

— Como?

— Escrevi a ele, a primeira coisa que fiz após a operação. Pensei que talvez fosse melhor ao chegar, mas durante a convalescença entendi que não me atreveria a encará-lo, que seria totalmente impossível olhá-lo de frente e lhe dizer o que tinha feito para me libertar... não, não seria capaz e resolvi escrever-lhe em vez de lhe dar uma explicação frente a frente...

— Foi então que se desfez da Casa? Achamos todos que era um desses seus famosos acessos de raiva, porque você não voltava ou coisa parecida, sim Dona Raquel, não se nota nada, mas senti raiva e terror e necessidade de se desfazer de tudo, claro, para que conservaria a Casa, era como se esta Casa encarnasse sua esperança... agora não servia para nada, mas jamais serviu para nada, Inés, isso você não compreendeu nunca, é o mais temível e o

mais importante desta Casa, por isso estamos todos encerrados aqui dentro e por isso vou emparedando quartos e janelas e corredores e pátios, para que ninguém os use, para que desapareçam da lembrança, apagar esta Casa que Jerónimo sabia que você gostava tanto... agora a sujeira, os montes de porcaria amontoados pelos leiloeiros nos corredores com etiquetas escritas a lápis azul, acabou-se o leilão, esses lotes ficarão aí para sempre, eu em meu escabelo, os montões de almofadas comidas de traça com o número 2013, ninguém vai dar nada, só virão catadores de alfinetes, não vai haver mais leilão, nem tampouco Cidade dos Meninos, só velhas por aqui, em número sempre crescente, inventaremos ritos e manias cultivadas com esmero, nos odiaremos, escutaremos o que duas velhas cochicham do outro lado do tabique, quem terá um pouco de mate, saiu um terçol em Lucy, a melhor coisa para os terçóis é esfregá-los com o bumbum de uma mosca, assim desaparecem, que este seja seu mundo, que ele não venha vê-la, já estou fechando portas para que ele não entre nunca nesta Casa, que eu não o veja aqui, ficar cego além de surdo-mudo para não vê-lo. Quero protegê-la. Não é um filho o que ele quer de você, Inés, isso não o interessou nunca. Não lhe dá mais horror pensar que é a você que ele quer? Fez bem em refugiar-se no mito desse filho, deixando Dom Jerónimo de fora, clamando na intempérie. Agora você está com medo de que ele venha tocá-la e continue querendo tocar-me, mesmo sem a esperança, isso seria o pior de tudo, o irrefreável, não posso suportar... você fala tanta coisa estranha, Inés, já não é a mesma de antes, minha amiga de toda a vida, quase prima, Inés e Raquel são unha e carne, não a reconheço e não nego que você me dá um pouco de repugnância e medo.

— Como quer me reconhecer se nem eu mesma me reconheço? É como se outra dissesse as coisas que estou dizendo e outra sentisse o que estou sentindo.

Claro, Dona Raquel olha para você e percebe que não é você. Por uma vez, e ainda que não saiba, você não está mentindo. O que o doutor Azula deixou de você é bem pouco: o cabelo, agora grisalho, mas o mesmo, as unhas lascadas de arranhar os mesmos pesadelos que nas noites da Casa as velhas arranham para se salvar, para não cair, para que não as levem, para que não as encerrem, e claro, sua pele, sua superfície, descuidada e manchada agora, mas sua. O que você não sabe é que dentro desse saco que é sua pele o doutor Azula e Imperatriz trocaram tudo, você pensa que deixaram

alguma coisa mas não deixaram nada, você pensa que ficaram só com seu útero, mas que interesse podiam ter por esse útero se é inútil, interessam-se por peças mais importantes, mas difíceis de conseguir para implantá-las em outros clientes que paguem mais e assim enriquecer como enriqueceram esses dois com sua clínica na Suíça, o olho certo de Azula e suas garras que sabem escolher, o gorro branco, a concentração de Imperatriz que faz contas e estabelece plantões atrás de uma mesa branca que conheço em uma sala branca que conheço, rodeada de enfermeiras brancas com máscaras que se deslocam silenciosamente sobre suas sapatilhas brancas de borracha para que nenhum ruído incomode os doentes que vêm de todo o mundo para que os dois monstros os despojem do que quiserem despojá-los e lhes enxertem o que quiserem enxertar, alteram os seres, mudam uma pessoa por outra ou por várias, deformam a pessoa, fabricam seres que acreditam ser eles mesmos mas são outro ou talvez outros, misturam, remexem, trocam, todas as permutas são possíveis em seus laboratórios brancos onde a unidade do ser não é respeitada, e numa sala refrigerada, branca, eles guardam em frascos de vidro rotulados, com um preço fixado por Imperatriz, os órgãos que roubam de todos nós e que vendem a preços incrivelmente caros porque, enfim, esta é a clínica mais famosa do mundo, a de maior êxito, quem podia imaginar que teríamos o êxito que temos tido, Cris, você principalmente, que jamais o imaginou e não estou muito certa de que o tenha querido, custou-me um esforço enorme tirar você da letargia na Rinconada, sacudi-lo de uma vez e convencê-lo, vamos, vamos, Cris, este é o momento, se não fugirmos agora, Jerónimo se vingará de nós, vamos sair daqui, tenho que me apressar, se não será muito tarde, por isso deixei prontas as minhas malas na véspera, sem esquecer de um só detalhe. Cedo, na manhã seguinte, Basilio carregou-as para o carro que esperava escondido bem longe das casas da Rinconada, atrás de umas sarças, que Boy não o visse e começasse a fazer perguntas.

Esperando o regresso do gigante para que a carregasse sobre os ombros, dava os últimos retoques à toalete matinal, sempre demorada, mais que nunca em um dia como este. Tentou fazê-lo o mais silenciosamente possível para não despertar Cris, que roncava no leito conjugal. Dormia muito. Na realidade, quase todo o tempo, até tarde da manhã, sextas intermináveis, nas redes, sonolento durante o dia, bocejos ao crepúsculo ou entre um prato e outro.

Chateação, alegava Cris. A verdade é que isso acontecia porque bebia demais: seu hálito pegaria fogo se a gente acendesse um fósforo, seu único olho opaco, saltado, injetado de sangue e o copo de uísque sempre perto. Claro que se chateava. Por sua própria culpa: trabalho, o que se chama trabalho de verdade, bem, nenhum, há anos, com Boy agora curado e crescido e se desenvolvendo como um adolescente qualquer... um pouco de espinhas, anginas no inverno, a luxação de um tornozelo das pernas sempre fraquinhas, coisas assim.

Mais de uma vez Imperatriz teve que lhe dizer que não fosse estúpido e deixasse de chatear falando de sua sonhada clínica, que parasse com a cantilena de seu arrependimento por ter vindo enterrar-se na Rinconada, um deserto quanto aos estímulos que o impulsionassem a recuperar a antiga ambição de pertencer à vanguarda de sua especialidade. Cale-se, gritava-lhe Imperatriz, apático, isso é o que você é, embora diga que sente falta de suas atividades científicas, você prefere a sesta, o uísque, os devaneios com qualquer *mulher mais gorda do mundo*: tão logo Imperatriz descobria um pretexto, alimentava-o a pão e água até fazê-lo perder seus encantos. Quando se casou com ele, pensou que se casava com alguém que era *alguém*, com um cientista verdadeiro... para acabar nisto: um beerrão que roncava. No princípio, quando os lamentos de seu cônjuge a comoviam, dizia-lhe bem, está bem, economizamos uma fortuna que temos guardada no Banque de Genève, se quiser, fujamos, vamos instalar uma clínica na Suíça, eu o ajudarei a transformá-la em um centro que irradie saber pelo mundo inteiro. Esses projetos tão vivos durante os primeiros anos foram se debilitando até que o tempo os reduziu a nada. Ao deixar para trás o que Cris chamava de *campanha heroica* para salvar a vida do monstro que, sem suas mãos peritas, embora também monstruosas, teria morrido, quis publicar um estudo sobre o caso. Dom Jerónimo proibiu-o:

— Doutor Azula, eu o contratei para que assista a meu filho, não para que o use com o fim de obter prestígio.

O assunto deu em nada. Nessa noite tomou três doses de uísque em vez de uma. Depois, tudo, projetos, ambições, tudo foi dando em nada. Cris dizia a sua mulher:

— Dom Jerónimo me desanimou.

— Deixe-se de bobagens. Você está igual ao Humberto Peñaloza, que alegava que o Jerónimo lhe roubou a vontade para escrever seu

famoso livro, que precisava desfazer-se do Jerónimo para recuperar a força.

Imperatriz jamais se conformou: casara-se com um zero à esquerda, com um João-Ninguém. Descarregava nele sermões intermináveis, que no início do casamento, culminavam sempre em surras que o marido aplicava em Imperatriz, e só acabavam nos deleites do leito conjugal, onde faziam as pazes.

Jerónimo delegou aos dois, como casal, como dois seres inteligentes e unidos, a tarefa de continuar a experiência de Rinconada e levá-la às últimas consequências depois que Humberto desapareceu. Agora todo o peso caía sobre seus pobres ombros femininos! A verdadeira tortura era essa viagem anual para apresentar a Jerónimo o panorama da Rinconada durante o ano que terminava: a quantidade de mentiras destinadas a satisfazer Jerónimo sem, porém, tentá-lo a uma visita, que certa vez ele propôs quando ela exagerou ao pintar um quadro muito cor-de-rosa... bem, não era fácil. A pavorosa ideia de que Jerónimo aparecesse um belo dia na Rinconada fez que Imperatriz deixasse cair sobre o vidro de sua *coiffeuse* a tampa de prata do vaporizador. Crisóforo acordou bocejando.

— Meu café.

— Bom dia.

— Que dor de cabeça!

— Claro, ontem você caiu com um saco. Basílio teve que me ajudar a deitá-lo.

Ele bocejou outra vez. Ficou sério.

— Imperatriz.

— O quê?

— Diga a verdade.

— Que verdade?

— Era realmente Chivas Regal o uísque de ontem?

Imperatriz, que tinha engordado com os anos, estava pondo o espartilho. Agora, felizmente, com ela impondo as regras, não vigorava a estupidez imposta por Humberto Peñaloza de que todos os servidores de Boy deviam andar despidos.

— Sim.

— Você está mentindo. Era um péssimo uísque, nacional. Para me roubar dinheiro você põe uísque ordinário em garrafas usadas de Chivas Regal.

Cris vestiu o chambre de brocado italiano listrado. Imperatriz

alisou as luvas de cabritilha. Reconhecia os sintomas prévios de uma dessas tormentas que, agora, a impacientavam, uma vez que não terminaria como em outros tempos. Era melhor partir o mais rápido possível, sobretudo com Cris na pior: tudo arrumado para que durante seus quatro dias de permanência na capital — aproveitaria para ver algumas coleções, que outro prazer sobrava a uma mulher com um marido assim — não ocorressem contratempos desagradáveis.

— Bem, já vou.

— Dê recomendações minhas a Dom Jerónimo.

— Com muito prazer, lindo.

Ele bocejou, observando:

— Você está ridícula com esse vestido cheio de babados. Não tem nem idade nem busto para *jabots* românticos.

Um dos poucos dogmas a manter viva e com ânimo Imperatriz, era o de seu fino gosto em questões de moda. Que esse marido, que para o mal de seus pecados Deus lhe dera, se atrevesse a criticá-la, levou-a a soltar tudo o que se propusera calar: claro, muito bem, ele com seus problemas de Chivas Regal e de babados mais ou babados menos, mas ela, sim, ela, uma pobre mulher fraca, era a única valente que defendia seu paraíso com esta saída anual para urdir o labirinto de mentiras sólidas, como velhas paredes de adobe, em que enredava Jerónimo, mantendo-o longe da Rinconada, a porta murada, ano após ano renovando o trabalho de murá-la e conservar os paredões de monstros de terceira e quarta categoria, que, defendendo a elite, prendiam Jerónimo do lado de fora. O que aconteceria a ela, por exemplo, a Cris, e a todos, se ela decidisse nesta mesma tarde, na biblioteca das poltronas profundas de veludo cinza, contar-lhe a verdade do que, com os anos, vinha acontecendo na Rinconada? Claro, desabaria o paraíso do qual ninguém se atrevia a sair, lá fora voltariam a ouvir os risos lancinantes que neste mundo enclausurado não só não ouviam como até esqueceram. Ela, com uma única palavra, podia romper essa clausura, derrubar o portão: o parque com sua piscina olímpica e suas canchas de tênis e seus toldos coloridos e as aldeias dos vales povoados por monstros de terceira, quarta, quinta, sexta categoria, monstros que, numa década, foram se aproximando esperançosos da Rinconada, povoando sua periferia, afugentando os patrícios normais, para cercar a Rinconada com camadas, camadas e mais camadas de monstros que acudiam de todo o mundo, atraídos pela

lenda, aspirando parecer-se aos de primeira, imitando-os para subir de categoria até chegar à elite formada pelos habitantes de um mundo alegre em que todos se conheciam e ditavam regras que convinham a todos mas que os outros acreditavam ser dogmas, protegendo com sua inveja e sua ambição a elite deslumbrante, separando-a cada vez mais da remotíssima realidade dos seres normais... ela, Imperatriz, podia dizer uma frase a seu primo e com isso exterminá-los. Para protegê-los, ela, anualmente, sacrificava-se descendo ao inferno. Que nem ele nem eles pensassem diferente, *era* o inferno: não era bobagem esta viagemzinha de todos os anos. Custava-lhe lágrimas esse sacrifício de expor-se aos olhares estupefatos que a seguiam na rua, ao riso de suas primas solteironas que jamais acreditaram que Imperatriz pudesse agarrar um marido e que continuavam rindo embora o houvesse agarrado, e elas não, sentir de novo, cada ano, a dor de não poder enganar a carne insólita, ter que recordar sua condição de espetáculo absurdo, de exceção curiosa... enquanto eles... Imperatriz chorava... enquanto eles esqueciam-se disso comodamente sentados, aqui, escondidos. O que diria... melhor, o que faria, Jerónimo, se ela lhe contasse o que estava acontecendo... há quantos anos...? Diga-me, Cris, desde quando? Desde que Humberto foi embora. Claro. Que faria Jerónimo se visse os manjares que Boy devora? Os bolos espetaculares como castelos de suspiros e sorvete e o brilho das frutas cristalizadas? E os albornozes de veludo cor ameixa que Boy gostava de usar, as roupas de rigor que ostentava nos banquetes a que convidava todo mundo, as mesas cheias de fruteiras como torres de muitos andares, os candelabros de infinitos braços, os perus, as perdizes, a cara do porco com uma maçã na boca e seu olhar de salsa? Que bebam, que comam, que se embriaguem! Gritos incoerentes afogados pela música de intrincados instrumentos que o irmão Mateus construía segundo modelos antiquíssimos, e que ele mesmo executava. Uns nos braços dos outros nos tapetes e almofadas, cachos de anões trepando pelas tetas nuas da *mulher mais gorda do mundo*, chupando-as de dois em dois e se dependurando das tranças das gigantas, os corcundas mordendo as nádegas da Berta, Boy açoitando-a, a ela, Imperatriz, com cachos de uva, borrifando com açúcar o corpo de Melchor que dormia bêbado, e o de Melisa com vinho tinto, e fazendo Rosario dançar com suas muletas. O que diria se soubesse que desde muito pequeno Boy perseguia todas as mulheres brandindo seu membro descomunal, e

que elas, por ordem expressa de Imperatriz, e fosse quem fosse, Berta, ela mesma, Melisa, a telefonista de orelhas de asa de morcego, qualquer uma, se deixassem perseguir um pouco para entregar-se ao que Boy quisesse depois dos gritinhos de praxe, atrás das touceiras? O que diria Jerónimo?

— ...

— Claro, você nem sabe o que responder.

Não. Ninguém responderia. Ano após ano ela proporcionava a Jerónimo informações sobre um desenvolvimento fictício de Boy, restringindo-se às linhas gerais do projeto inicial que se manteve em vigência até que Humberto desapareceu. Quando Jerónimo soube da fuga de seu secretário, esteve a ponto de desfazer tudo. Veio à Rinconada para fazer uma visita de inspeção. Ficou, porém, tão encantado com o limbo que imperava na mente de Boy de cinco anos, que decidiu deixá-lo nas mãos de Imperatriz, sua prima tão querida, e do doutor Crisóforo Azula, um médico verdadeiramente notável a julgar pelos resultados. À medida, entretanto, que o menino foi passando da infância à puberdade e da puberdade à adolescência, tornou-se claríssimo que seria impossível mantê-lo no limbo. Como evitar a dor de dentes e o alívio divino das aspirinas? Por que doem, por que param de doer, que é isto que estou sentindo e não sinto mais? Como ocultar-lhe o frio do inverno e o calor da primavera? Imperatriz não se cansava de repetir que estava certa de que Humberto fugiu por covardia quando começou a perceber que a ficção do limbo fracassaria porque Boy tinha uma natureza incontrolável, que tudo, na realidade, era incontrolável. Ou incontrolável para ele, porque, para dizer a verdade, ela, Imperatriz, à sua maneira, controlava-o e o havia controlado durante mais de dez anos: com mentiras. Essas mentiras anuais eram o bastante. E a fraqueza das pernas de Boy, doença que jamais quis curar. Imperatriz fez desaparecer todos os meios de locomoção, carros, carruagens, diligências, mulas, cavalos, burros, bicicletas, carrinhos de mão, tudo o que ajudasse o movimento humano, deixando-o reduzido ao raio abrangido pela capacidade das pernas frágeis, de modo que pôde deixar que Boy fosse ao parque ou para onde quisesse, certa de que o mundo que podia conhecer ficava automaticamente limitado pela própria fraqueza. Todos acreditaram em Imperatriz:

— Não me venham com histórias. Isto não foi ideia do Jerónimo. Deve ser lembrança do Humberto. O que acontece é que

Humberto queria ter circo próprio, rir-se de nós, e com este embuste, sem que o próprio Jerónimo soubesse, estava incluindo a ele, Jerónimo, entre as personagens de seu circo, porque, a seu modo, Jerónimo é o mais monstruoso de todos. Enfim! O principal continua de pé: Boy não sabe que lá fora existe um mundo de seres cruéis e estranhos. O resto, besteiras. Coisas do Humberto, que era um mentiroso.

Uma vez, anos atrás, Crisóforo Azula, que assistiu bêbado a uma das sessões anteriores à partida de Imperatriz à cidade, comentou diante de todos os monstros de primeira:

— Humberto, mentiroso?

— Humberto.

— O que acontece é que você está com dor de cotovelo.

— Quem? Eu? Por que teria dor de cotovelo?

— Deixou você plantada.

— A mim?

Os monstros guardaram silêncio.

— Claro. Você disse que se casaria com ele. Então por que, se é mentira o que estou dizendo, você tinha todo seu enxoval, até o vestido de noiva com a cauda bordada e o véu pronto, quando decidimos nos casar, da noite para a manhã, depois da famosa visita de Dom Jerónimo?

— Me arrependo daquela hora...

— Você se atreve a negar que esteve apaixonada por ele?

Para que o silêncio dos monstros de primeira não deixasse nua a sua vergonha, Imperatriz agarrou o touro pelos chifres.

— Não façam caso do pobre Cris, está de miolo mole. Que eu tive um *flirt* com Humberto Peñaloza, isso é verdade, por que vou negar? Mas quero deixar claro uma coisa: apaixonada, o que se chama apaixonada, nunca estive. Só me fingi de apaixonada porque desde o princípio foi minha intenção ficar com as rédeas. Então fui vendo como esse miserável complexado envolveu Jerónimo..., tinha que salvá-lo. Um cosmos limitado, um presente inalterável e contínuo. É impossível que um ser como Jerónimo invente coisas assim. O coitado não é muito inteligente. Sua famosa viagem à Europa não lhe serviu senão para andar, como todos os nativos rastaqueras que dançavam tango naquele tempo, com *cocottes*: quem sabe qual foi a que lhe pegou a espiroqueta que fez de Boy o que é e nos deu esta situação privilegiada. Finalmente, o que quero que entendam é que Jerónimo é um bom patrão, simples e prático,

muito versado em questões de política nacional e que conhece todo mundo. Ter-se-ia conformado em mandar Boy a um sanatório: todas as famílias têm um louco ou um monstro ou um degenerado. Não. Foi invenção do Humberto Peñaloza para se vingar do Jerónimo. Vocês acreditam que havia alguém que não soubesse que o secretário de Jerónimo, companheiro de farras, factótum para os serviços mais sujos, esteve apaixonado pela Inés e que fez todo o possível para tirá-la de seu patrão? Quando percebi que o ódio de Humberto crescia sem parar até se tornar perigoso, interfeirei para defender meu incauto parente. Se quer saber a verdade, Cris, passei o tempo todo só de frescura com o Humberto.

Ano após ano Imperatriz regressava da capital com a notícia de que o interesse de Jerónimo por Boy, por eles, pela Rinconada, diminuía. Se conseguia manobrar para que Jerónimo fizesse testamento em favor de Boy deixando-a de testamenteira, bem, que ficasse *gagá*, especialmente se a nomeasse tutora de Boy este ano, agora mesmo, aumentando seu salário e depositando no banco uma boa soma que ela administraria para manter a Rinconada.

Suas chaves. Sua bolsa. Seu porta-documentos. Basilio já esperava para transportá-la nos ombros até o carro, escondido para que Boy não fizesse perguntas... ultimamente Boy estava ficando insuportável com tantas perguntas. Como era difícil distraí-lo agora com brinquedos, mesmo com festas e mulheres e as competições esportivas que Basilio organizava de modo que nunca deixasse de vencer! Não, agora não bastavam os brinquedos, agora era tudo por que, para que, como, quando... complicação horrível. *Coral Blush* da Revlon, ou *Flamingo Passion* de Dorothy Gray? *Coral Blush*. Logo saberia se era verdade que este ano os batons estavam mais escuros: seria fatal, porque não ficavam nada bem nela. O doutor Azula, amarrando o cordão do chambiê, seguiu Imperatriz até a mesa onde encontrou pronto o café:

- Está muito elegante.
- Você não disse que estava ridícula?
- A quem pensa visitar?
- Jerónimo, claro.
- Pensa seduzi-lo tão enfeitada?
- Imperatriz franziu a testa de raiva.
- A que ponto você chegou.
- Não me respondeu se pensa vê-lo.
- A quem?

— A Humberto.

Imperatriz suspirou:

— Quer me dar seu endereço?

— De quem?

— Do Humberto. Se pudesse encontrá-lo, eu o veria, porque se quer saber a pura verdade, morro de vontade de vê-lo. Tentei verificar onde está e o que foi feito dele, meus agentes percorrem todos os cantos do país procurando-o. Ninguém sabe. Desapareceu. A terra o engoliu sem deixar rastro. É como se jamais tivesse existido. Às vezes penso... sim, penso que eu o inventei, que eu o sonhei tal como ele sonhou este mundo em que nos tem cativos. As coisas eram bem diferentes quando ele estava aqui.

— Sim. Passávamos bem.

— Você se lembra dos chás que eu dava?

— E das reuniões à tarde no seu terraço, com a fresca, quando a conversa corria...?

— E as discussões sobre os filmes experimentais dos jovens franceses e dos norte-americanos, que Berta trazia para a sala de projeções que construiu?

— Mmmm... tudo tinha outra categoria...

— Por isso. Se o encontrasse seria o fim.

— Iria com ele?

— Não sei. Você se importa?

Crisóforo Azula estava acostumado com o fato de que Imperatriz ficasse um pouco histérica antes de partir para entrevistar-se com Jerónimo. Compreensível. Coitada. De onde tirava tanto ímpeto, tanta energia, e para quê? Abandonando o guardanapo sobre a mesa, Cris inclinou-se para beijar a face que Imperatriz lhe oferecia.

— Quer que traga alguma coisa, Cris?

— Sim, uma garrafa de Chivas autêntico.

— Bobo.

— Boa viagem.

— Adeus, Cris, comporte-se bem, filhinho.

DOMINGO, CEDO, Iris abriu-lhe a porta: o casaco de vison caramelo sobre o braço, o cofrinho de couro das joias na mão. Entregou-lhe as coisas. Ela estendeu folhas de jornal sobre o meu carrinho e, em cima, acomodou tudo o que o motorista trouxe, para que assim nada se sujasse.

— Espere.

Voltou do carro com pacotes de todos os tamanhos, tabuleiros embrulhados, caixas cheias e barulhentas de fichas, acho que isto é um jogo de damas, comentou a Rita sacudindo o conteúdo de uma caixa junto à orelha da Iris Mateluna, e isto, que será, mas quantos jogos, meu Deus, que vamos fazer com tanta coisa que inventam, agora sim que não vamos ter tempo nem para nos aborrecer.

— Como tem passado a Dona Inesinha?

Iris sorriu ao motorista, muito bem, garanto que nunca estive melhor, nem em sua própria casa, embora esta Casa seja dela também.

— Cumprimente-a. Diga a ela que lá sentimos muito sua falta.

Fecha o portão. Rita enfiou suas mãos vermelhinhas entre as pregas do vison, como é fina esta pele, como é que se chama, que suavezinha, que quentinha deve ser, por isso é que a senhora pediu as peles, coitada, aqui na Casa não tem calefação e ela não deve estar acostumada como a gente, vamos ver, Iris, experimente o casaco, não, só em cima dos ombros, mas eu lhe tiro o magnífico manto porque não lhe pertence, você deve ignorar a existência do esplendor, nem sequer tocá-lo: vamos, parem com isso, são coisas de Dona Inés, vou contar à Madre Benita, Iris, leve tudo isto para dentro.

Seguindo Iris que arrasta meu carrinho agora que não tenho forças, atravesso o pátio da portaria, o corredor do pátio da cozinha onde precisamos afugentar as velhas que querem ver que coisas trazem aí, olhe Antonieta, peles, apalpam, agarram, larguem, são da senhora, ela vai ficar brava com vocês se pegarem os pacotes, que caixinha mais linda com incrustações douradas, o que haverá dentro de tanto pacote tão bem-feito que se vê que são pacotes de loja, o

pátio da tília, passo frente à capela e dobrando até o claustro do pátio da palmeira chego à sua porta. Bato. Você abre. Seu chambre púrpura está manchado, a barra suja, falta-lhe um botão. Você começava a se pentear, está com o cabelo todo enredado e ao me ver enfia o pente nas mechas cinzentas de sua nuca, mas seus olhos apagados de sono se fazem precisos ao se fixarem nas coisas que trago: Iris que ponha o vison, o astracã e o cofrinho aqui em cima dos lençóis desarrumados, não vale a pena que os pacotes entrem na minha cela, Mudinho, ajude-me a pôr o vison em cima do chambre e levemos todos estes pacotes à cozinha, as velhas devem estar tomando o café da manhã. Seguimos você com meu carrinho carregado de jogos ao longo dos corredores que você varre com a barra de seu chambre púrpura, o pente enfiado nas grenhas, as dobras suntuosas do vison caindo de suas costas que começam a se encurvar, nas mãos o cofre de couro azul adornado com flores-de-lis douradas.

As velhas estão reunidas na cozinha para tomar café: pão, o fogão onde ferve o café, espirros, cochichos, a fumaça da lenha que arde no ventre da negra cozinha, figuras que são apenas um traço, um perfil que define um vulto, cabeças e mandíbulas que tremem leve mas incontrolavelmente, o esboço de um braço que a luz desenha entre andrajos esquecendo-se de desenhar a mão, xícaras de esmalte cinza, cotovelo junto ao pão esmigalhado sobre a madeira lavada, esfregada e gasta da mesa, pedaços de seres que voltam a se integrar para se levantar, a dona, a senhora vestida de púrpura, envolta em manto de peles, trazendo um cofre todo de flores-de-lis, seguida por seu bufão que vai distribuindo pacotes de presente, mãos trêmulas recebem-nos, unhas rachadas rasgam envoltórios, dedos trêmulos destapam caixas, olhe, um ludo, quanto tempo faz que não jogo ludo, e damas, e um quebra-cabeça, e um xadrez, mas é muito difícil jogar xadrez, acho que é um jogo de homens, corrida de cavalos, carros, cachorros, tabuleiros quadriculados em preto e branco, com pontas, com buracos, olhe Clementina o que eu ganhei, que será, que coisa estranha, parece dominó mas é um jogo que se chama mah-jong e que ninguém sabe como se joga mas as fichas são lindas, baralhos, muitos baralhos, dúzias de baralhos, agora sim não vamos poder nos chatear nunca mais porque temos jogos diferentes para jogar toda a vida, Dona Inés, que Deus lhe pague, a senhora é uma alma caridosa de verdade, uma santa. Uma velha beija sua mão, outra se ajoelha para

beijar a borda do vison, vão se organizando em grupos ao redor dos tabuleiros e dos baralhos, Inês passeia entre as mesas observando esse antro de jogo, fora as pombas bicam ao sol fraco do pátio, dentro, porém, na fumaceira, as figuras se curvam sobre os tabuleiros e as mãos embaralham cartas na penumbra, uma partida de bisca com baralhos novinhos não é como uma partida de bisca com os meus baralhos velhos que vou guardar porque perdi a dama de paus, você é que dá, Zunilda, você compra, eu não quero jogar com a Ema porque ela faz trapaça, Iris, venha para esta mesa, se quiser jogar dominó eu ensino, não, Iris tem que jogar aqui conosco as corridas de cavalos que é um jogo mais para meninas, a Eliana que jogue com vocês se quiserem, ou a Mirela, esquecem-se do café que está fumegando e do pão e dos olhos abertos das brasas e da missa que ouviriam no rádio da Brígida que domina sobre o aparador, o Padre Azócar disse que pode porque somos anciãs, somos doentes, custa muito a gente caminhar, mas hoje não ouvimos missa porque nossa benfeitora nos trouxe jogos e nos vigia passeando entre nós enquanto jogamos, sorridente com a alegria que vê em nossos olhos que lacrimejam, escutando o ruído dos dados agitando-se no copo de couro, mãos quase entrevadas que organizam pilhas de fichas verdes, fichas negras para um jogo que desconhecem, caem bolinhas de vidro rolando pelo chão, uma velha se acocora, outra engatinha sob a mesa para buscar a bolinha de vidro leitoso entre as patas calçadas com sapatilhas que se rasgam, pés inchados, varizes cobertas por meias sujas, mas as velhas a quem pertencem as anáguas manchadas e os joanetes nem percebem que há uma velha engatinhando porque me falta uma bolinha, era como leite a minha bolinha, tire para lá sua pata, Clementina, que falta faz uma bolinha, vamos, comecemos a jogar, bisca sim, burro sim, escova sim, pôquer não, nem monte... não, não por Deus, não vão jogar monte que é o jogo do demônio e é proibido por lei, não sei que jogo será este com fichas de tantas cores, e o tabuleiro tão bonito, melhor guardá-lo Dará que a Rita me leia as instruções que estão aqui na tampa que eu não leio não vá pensar que não leio porque não sei ler mas porque a letra é muito miúda e tenho a vista muito ruim, essa não é a regra do dominó, María, você está inventando regras que lhe convém, que falas tu que sou uma velha ignorante, passou a hora da missa mas não importa porque transmitem missas a toda hora e mais tarde há uma missa cantada muito bonita mas a gente também não se

lembra de ouvir essa missa porque nossas mãos apertadas agitam os copos de couro, nossos dedos argilosos roubam um ás de ouro e adiantam seis espaços o cavalinho azul e remexem nas fichas do tabuleiro porque a Rosa Pérez fez trapaça, eu não jogo mais com a Rosa Pérez, ela que vá jogar na outra mesa dizem nossas bocas sumidas que bufam de indignação enquanto fumege o fogo e esfria o café e Dona Inés passeia, passeia, coloca a mão um segundo sobre o ombro da Zunilda que sorri para ela, passeia e não diz nada, olha, escuta, passeia envolta em seu vison caramelo, arrastando o chambre púrpura entre as mesas onde rolam os dados, correm os cavalos, lutam os reis e os bispos, as fichas negras se acumulam e as brancas se acabam, me diga se não é trapaça, Dona Inés, a senhora sim deve entender dessas corridas de carros, não, não entendo nada de corridas de carros, mas de corrida de cachorros, sim.

— Vamos ver, cheguem para lá.

Você se senta na banqueta. Coloca o cofre azul de flores-de-lis junto ao tabuleiro. Você é a cachorra amarela. As outras cinco jogadoras escolhem seus animais e os alinham na partida. Você agita o copo. Coloca-o de boca para baixo sobre a mesa, escondendo o dado, antes de dizer:

— Bem, toda a graça do jogo está em apostar alguma coisa, porque se a pessoa não ganha nem perde não vale a pena jogar nada. Se a cachorra amarela ganhar, cada uma tem que me dar alguma coisa. O que você aposta, Rita?

— Meu xale quadriculado.

— Sim. E você, Antonieta?

— Este avental estampado.

— É de percal. E a Rosa Pérez?

— Não sei... as chinelas.

— Vamos ver.

— Olhe.

— Estão muito furadas. Lucy?

— Este pente de tartaruga, legítimo.

— Pouca coisa.

— Meus quatro pentes de tartaruga, então.

Tirando-os do coque, seu cabelo chove como cinza sobre seus ombros. Você põe os pentes da Lucy em cima do cofrinho azul.

— E você, Auristela?

— Meu escapulário.

— É de pano.

— Mas é grande e bordado... era de minha mãe.

— Está bem.

Vai descobrir o dado, mas antes de fazê-lo você olha as cinco velhas, uma por uma. Não o descobre.

— Não me perguntam o que eu aposto?

— Ah, Dona Inesinha, por Deus, não se incomode!

— Já nos deu tanta coisa.

— Como pode pensar uma coisa destas, Dona Inés!

— Não, senhora...

Sua mão está crispada sobre o copo de couro. Na largada, os animais se inquietam para iniciar a corrida. Você tem o rosto franzido, estas velhas não entendem.

— Não, assim não tem graça nenhuma, tenho que me arriscar a perder alguma coisa também. Sabem o que desejo apostar? Se perder, dou a vocês este casaco de pele, é boa pele, vison, muito bonito, olhem, toquem nele, quando pegaram coisa tão suave, é maravilhoso, todo mundo o invejava. Não preciso mais dele. Para que quero coisas assim se fiz voto de pobreza? O astracã para quem chegar em segundo. Meu broche de brilhantes, que está guardado aqui no porta-joias, à terceira, e os brincos de pérola à quarta, meu cabochão de safira à quinta. Aqui estão minhas joias. Gostariam de vê-las? Ele me presenteava... mas não preciso mais delas. Não. Não vou mostrá-las até alguém ganhar. Então sim, vou abrir o porta-joias. Antes não.

Enquanto você define suas apostas, o assombro apaga as vozes em todas as mesas mas depois se levanta o clamor, cadeiras que se afastam e caem, fichas e bolinhas derramadas, velhas que se embolam ao redor de sua mesa atraídas pelas apostas espetaculares, pelo luxo das palavras peles, pérolas, brilhantes, safiras, um muro de rostos velhos como o adobe, descascados, olhinhos piscadores e bocas trêmulas, velhas ávidas ante o inconcebível, uma roda de andrajos fétidos e cinzentos, quando muito pardos, ao redor das seis jogadoras, você sorridente, afável, todos os olhos fixos em sua mão sobre o copo de couro, que não começa o jogo, enquanto as asiladas e as órfãs retêm a respiração, estupefatas face à enormidade que seus olhos vão presenciar. Você levanta o copo de couro.

— Quatro. Um, dois, três, quatro...

Foge a cachorra amarela acossada pelas outras cachorras, perseguida pelos ginetes vingativos que deixam apenas a lembrança de uma poeirada numa noite prateada, esconde-se nas sarças que

arranham sua pele sarnosa, vadeia charcos e lagoas, terras e riachos mas jamais consegue saciar a fome que contorce suas tripas porque não é suficiente o lixo que come, os ossos que roe, os restos que consegue roubar e fugir para que não a castiguem como sempre a castigaram, corre na direção que lhe aponta o astro cúmplice, remonta morros e desce a quebrada e corre e corre para que se cumpra o que tem que se cumprir e que nunca se cumprirá, esconde-se para que as bestas ferozes não a esquartejem porque a odeiam por ser feia e magra e esfomeada, mas a cachorra amarela corre, corre pelos campos e pelos desertos e a aridez dos penhascos e os bosques de espinhos que crescem para picá-la e pelas ruas e pelos parques, aproximando-se um pouco, à noite, das casas, para ver se encontra o que pilhar, a cachorra é esmirrada, piolhenta, toda encolhida, não é feroz, nunca ataca, nunca morde embora quisesse fazê-lo, mas quando os quatro cachorros negros se distraem em suas brincadeiras não perde a ocasião para enfiar-se entre suas patas e roubar-lhes o bofe, e à noite, no parque, seus olhos acesos vigiam como vigiaram sempre, uiva à lua pedindo-lhe conselhos, respostas, comunicando o que a lua não sabe e pedindo a ajuda que a lua lhe concede porque os jardineiros não encontraram seu corpo destróçado, corre e corre e corre a cachorra amarela, fraca mas corre sem que as outras cachorras possam alcançá-la, sempre à frente apesar do esgotamento, da necessidade de descansar, dorme durante gerações nos bosques onde ninguém a encontra e quando desperta vai farejar nas lixeiras procurando comida, os meninos a chutam, saia, vá embora, deixe a gente trepar tranquilos, cachorra de merda, por que tem que ficar nos olhando, não me rasgue a calça se não quer que lhe parta a fuça com um pontapé, olhe só, parece até que está se lambendo, e eu me rio e você se ri e perco a tesão e você sobe as calcinhas e eu não gozo nem você mas ela talvez sim, e foge outra vez, corre e corre arquejante, a língua pendurada, deixa uma poeirada e os latidos das outras cachorras furiosas que não podem alcançá-la, faminta sempre mas sempre viva, mais viva e mais alerta que as outras, a cachorra amarela chegará logo à meta, e as velhas riem, gritam e apostam, esgravatam a boca e se insultam e gritam porque todas querem que Dona Inés ganhe, ela é muito boa conosco, que a cachorra vermelha não ganhe nem a verde nem a preta nem a azul nem a branca, ganhe como tem que ganhar porque sempre ganha a cachorra amarela que finalmente salta o charco com um seis, joga outra vez, quatro, um dois, três, quatro e

cai esgotada na chegada.

— Bravo!

— Viva a cachorra amarela!

— Ganhei!

— Ganhou, Dona Inesinha!

— Bravo!

— Viva Dona Inesinha!

Enquanto as velhas comentam os detalhes de seu triunfo, você se levanta. Tira o pente que estava enfiado sobre a nuca, passa-o pelo cabelo, ajeita um coque e o vai prendendo com os pentes de tartaruga que Lucy deixou sobre o cofre: um, dois, três, quatro. Quatro pentes de tartaruga legítima, da boa, dos antigos, não como a tartaruga de agora: as velhas observam você em silêncio. Você tira o casaco de vison e o entrega a mim para que o ponha no carrinho. Mal posso com ele. Você arrebatada dos ombros da Rita o esfiapado xale quadriculado e se cobre com ele. Olham-na espantadas mas entendem que assim tem que ser. Em silêncio, Antonieta tira o avental e você o põe, abaixa a cabeça para que Auristela pendure o escapulário como uma relíquia adornando seu peito.

— E as chinelas de Rosa Pérez?

— Não vão lhe ficar bem, Dona Inés.

— Vamos ver? Passem para cá.

A velha fica descalça enquanto a senhora experimenta o par de chinelas esburacadas.

— Ficam um pouco grandes, mas não importa. Vou pôr vários pares de meias bem grossas para o frio, e assim me servirão.

— Trouxe meias grossas, Dona Inés?

— Não. Mas vocês devem ter. Vamos ver se amanhã jogamos outra partida no canódromo e vocês apostam meias grossas que hão de me fazer muita falta.

— Sim.

— Bem. Vou embora.

Iris e eu a seguimos com meu carro. À medida que nos afastamos pelo corredor se desvanecem as vozes das velhas na cozinha. Você caminha lentamente, encurvada sob o xale, cai um pente de tartaruga, você se abaixa, apanha-o e volta a prendê-lo no coque desmanchado que deixa algumas mechas soltas. Abre a porta de seu quarto indicando-me que despeça a Iris, Iris, vá embora, depois eu conto, mas você não se interessa nem por ver nem que lhe conte porque você foi se acabando, você só é a força que arrasta

meu carrinho que eu não posso mais arrastar porque estou assim como me vê, Dona Inés, mas as forças me voltam quando a Iris desaparece e você abre o esplendor de seu cofre: tira a safira, o broche de brilhantes, as pérolas. Mete essas joias no bolsinho do avental que foi da Antonieta e volta a fechar o porta-joias. Entregame o astracã, que coloco junto ao vison em meu carrinho, e a siga pelo corredor até suas celas. Abre a primeira. Pede-me que lhe passe os casacos, abre um roupeiro e entre muitos abrigos fora de moda pendura o astracã e o vison depois de ter distribuído as joias por seus bolsos.

— Esse roupeiro tem bastante naftalina, Mudinho?

Respondo que sim.

Você parece satisfeita. Fecha o roupeiro a chave, a porta de sua cela com outra. Sigo-a pelos corredores, pelos pátios silenciosos, pelas galerias, entre os lotes de pedestais com etiqueta número 388, de vasos com o número 883, as intermináveis cadeirinhas douradas desfilam pelos corredores, passo atrás de você frente à gruta de Lurdes, você se persigna, eu me persigno, e chegamos à portaria. Rita treme, de braços cruzados a um canto.

— Mulher, você está verde!

— De frio.

Mas não está verde, está pálida, tênue, como se estivesse se apagando. Inés se aconchega no xale. Disca o número de sua casa e pergunta, com a voz vacilante da Rita:

— Quem fala, é da casa de Dom Jerónimo Azcoitía?

— ...

— Posso falar com ele?

— ...

— Dona Inesinha quer que o acordem mesmo que esteja dormindo, ela quer que eu dê a ele mesmo o seu recado, não, a ninguém mais, desculpe, não é culpa minha, a senhora disse que é muito urgente, tem que ser rápido.

Boceja. Não olha para a mulher cuja voz roubou. Jerónimo dorme sempre até tarde nos domingos, você sabe disso e vai à missa do meio-dia, quando vai. Ultimamente tem ido pouco. Espera.

— Dom Jerónimo?

— ...

— Sim, Dom Jerónimo, com a Rita, muito bem, obrigada, para lhe servir, e o senhor como tem passado? Perdoe-me que o chame tão cedo hoje que é domingo, mas Dona Inés, que está ficando

muito exigente e estranha, só vendo, me disse que tinha que chamá-lo a esta hora, mesmo que estivesse dormindo. Não tem dormido bem? Que pena... deve sentir falta dela. Como não sentirá falta de sua senhora, Dom Jerónimo, por Deus! Sim, está bem mas manda lhe dizer que se não é muito incômodo que lhe mande toda sua roupa, sim, toda a que tem, ela disse, a que está no closet grande de seu dormitório, que vai precisar dela, sim, até os vestidos mais finos. E também todos os vidros e as coisas de toucador, ela disse, a mesinha de toucador também porque sente falta dela, quer ter comodidade aqui e por que deixá-la estragando lá na casa enquanto que aqui... sim senhor, como não, senhor... e ela disse também que não gosta nada da cama que lhe deram aqui na Casa e que não pode dormir à noite, que não se acostuma, ela não diz mas aposto que não pode dormir porque ela, sim, ela sente falta do senhor... ai, que diabo é o senhor, Dom Jerónimo, sim, sou solteira... então a senhora diz que quer também que lhe mande sua cama com o colchão, os cobertores, o acolchoado, os travesseiros, os lençóis, sim, todos os lençóis com seu monograma, ela sabe quantos jogos tem, assim tem que mandar todos e todas as suas toalhas e as toalhas de banho... não, Dom Jerónimo, a senhora vai se aborrecer, tem que ser hoje, ela sabe que é domingo e é difícil encontrar um caminho porque as pessoas não gostam de trabalhar nos domingos, mas ela disse que o senhor resolva, que tem que ser hoje... me disse que lhe dissesse que preferia não falar com o senhor porque está um pouco rouca, todas aqui estamos um pouco resfriadas com a garoa que cai à hora da oração, que estranho, nesta época do ano, por que será, dizem que o tempo está mudando por culpa da bomba atômica, não sou eu que digo, essas coisas só servem para desgraças, Dona Inesinha diz que vai ver se na semana que vem, quando se sentir melhor, lhe telefona porque tem muitas coisas para lhe dizer, ela disse, mas enquanto não se sentir bem de verdade prefere descansar, sim, a pobre senhora está sempre cansada, um pouco abatida ou tristonha... perdoe-me mas não é que eu queira me meter em coisas que não tenho o direito de falar, mas me desculpe se lhe digo que acho que é porque anda estranha com esse caso da Beata, sim, acho que é por isso e porque vão derrubar esta Casa que ela gosta tanto...

A velha voz da criada se despede de seu marido. Pendura o fone. Sorri para Rita, aproxima-se dela, e lhe faz um carinho no cabelo.

— Está com frio, Rita?

- Não muito.
- Mas está tiritando.
- De velhice, deve ser.
- O tempo está ruim, como você disse a meu marido...
- Sim, está muito estranho.

— Bem. Amanhã não fará frio. Vai ver. Nenhuma das asiladas sentirá frio. Vão trazer toda a minha roupa, todas as minhas coisas e eu vou dar a vocês uma oportunidade para ganhá-las jogando o canódromo, até ganharem tudo e eu ficar sem nada porque não posso suportar mais a vida tendo tanta coisa, quero me despojar de tudo, tenho casacos lindos, Rita, pode ser até que você ganhe mais de um, a cachorra amarela não pode ganhar todas as vezes e vocês vão ficar com bastante coisas lindas minhas.

Rita sorri feliz.

— Bem. Vou para o meu quarto. Quer fazer o favor de dizer à María Benítez que me prepare uma xícara de chá bem quente e a leve a meu quarto?

— Forte?

— Não, bem fraquinho.

— A Brígida gostava forte à noite. A Amalia é que o preparava. Tiveram que levá-la numa ambulância, não estava doente nem nada, a coitada, só porque chorava muito com aquele assunto do dedo que o santo perdeu, ela dizia que era um anjo!

— Pobre Amalia.

— Pobre. Estamos procurando o dedo para mandá-lo à Amalia, talvez melhore.

— Boa noite, Rita.

— Boa noite, senhora.

NOTEI QUE ESTÃO se desvanecendo essas finíssimas linhas vermelhas como cicatrizes que delineiam os contornos de seus olhos e sua testa, suas orelhas e suas pálpebras e sua boca, e até as que via em suas mãos rodeando as unhas como restos de incisões e seus pulsos como lembranças de suicídios, e a base de cada dedo. Rugas... sim, por que não, poderiam passar por rugas e não duvido que dentro de uns meses isso é o que chegarão a ser: tão enrugada está ficando Dona Inesinha, murmuram as velhas de pouca vista, não tem idade para estar assim tão acabada mas é porque como fez voto de pobreza já não mantém sua juventude com massagens, limpeza de pele, cremes, máscaras que distendem os músculos do rosto como antes o fazia todas as semanas. Sim, as velhas têm razão. Você não é mais a mesma de antes. Cresceu um pouco de pelo no seu queixo e no lábio superior ressequido e começam a aparecer pelos negros, grossos como cerdas, pelos orifícios de seu nariz. Você, porém, não vê estas coisas porque agora não tem espelho em seu dormitório. Todos os seus objetos de toalete, a mesinha, os vidros, o pente de prata, todos os seus móveis, a cama, os cobertores e os vestidos, você os vai apostando noite após noite no canódromo de brinquedo e a cachorra amarela ganha sempre. Por isso, e porque você ganha, suas coisas desaparecem: levamos esses vencedores objetos luxuosos em meu carrinho até suas celas, e os guardamos cuidadosamente para que prolonguem por toda a eternidade suas existências sem uso, e não se gastem. Enquanto isso, você dorme no catre da Zunilda Toro que já substituiu o seu, com uma camisola da Ema, toma chá numa xícara da María Benítez, cobre-se com o xale da Rita, em lugar de carteira, anda com uma bolsa suja de não sei quem nas mãos, usa as meias que foi ganhando da Dora e da Auristela e as calcinhas da Lucy, cobre-se com farrapos, dorme em um colchão mijado, penteia-se com um pente desdentado, recusa calçar outra coisa que não seja as chinelas esburacadas da Rosa Pérez.

Apesar disso, quando a observo muito de perto sem que você perceba, vejo que as cicatrizes finíssimas não desapareceram

totalmente. O processo de reabsorção é lento. Precisa esperar uns meses ainda. Nunca duvidei que o doutor Azula é o melhor cirurgião do mundo: os portentos que executa em sua clínica na Suíça encham os jornais. Os pacientes que lá se internam sofrem muitos achaques, mas a maior parte dos que lá vão quer rejuvenescer, cobiçando órgãos novos que funcionem melhor que os próprios. Você, ao contrário, assim garantiu à Dona Raquel, internou-se na clínica do doutor Azula para envelhecer definitivamente. Dada a demanda de membros e órgãos em bom estado, seu caso foi fácilimo, uma vez que o doutor Azula é mestre em trocas e enxertos. E preciso avisar a seus futuros pacientes que costuma roubar alguma peça para estocá-la e revendê-la, como fez comigo, deixando-me transformado neste ser composto de pedaços que desconheço.

Sim, Inés, observo-a minuciosamente todos os dias quando levamos a suas celas os seus lençóis com monograma ou uma cadeirinha laqueada: as cicatrizes de suas operações estão desaparecendo. Agora estou certo que você foi à Suíça para se converter na Peta Ponce que sempre quis se encarnar em você e você nela e pronto, quando acabarem de se fundir os grossos cordões vermelhos de suas cicatrizes para se transformar em rugas e verrugas e bolsas de carne e pele desmoronada ou ressequida, Peta e você conseguiram o que vêm tentando fazer desde o fundo dos séculos. A vida sem ser uma parte de você não interessa à Peta Ponce. Como única solução, viu ela a possibilidade de vender seu corpo inútil ao doutor Azula porque você cairia em suas mãos. O cirurgião desarmou o corpo da velha, guardou seus órgãos em recipientes especiais, em câmaras por ele desenhadas e que proporcionam o oxigênio necessário, que bombeiam sangue, soro, água, cortou os órgãos com bisturis muito delicados para que depois o lugar da incisão não se notasse, armazenou tudo em sôtãos assépticos, revestidos de azulejo branco sem vida, sem morte, só com espera, prontos para quando chegar a ocasião de usá-los. Foi lá, na Suíça, onde Peta esquartejada a esperou, e você, incauta — ou talvez sabendo que viajava do fundo dos séculos para realizar a síntese da tradição familiar da menina-beata com a lenda popular da menina-bruxa — chegou onde precisava chegar, à clínica onde o doutor Azula e Imperatriz haviam reservado os órgãos da velha para transformar você nela, nesta mendiga suja, de coque grisalho, unhas estilhaçadas, calos e joanetes, mãos verrugosas, absorvendo e

anulando o que resta da Inés incompleta que foi à Europa com o cabelo pintado, um casaco de pelo de camelo e complementos de crocodilo.

O antigo pacto dizia, entretanto, que elas deviam deixar de ser duas para se transformar em uma. Mas você é ingênua, Inés, não sabe que a velhice é a forma mais perigosa da anarquia, que não respeita leis nem tratados prestigiados pelos séculos, as velhas são poderosas, sobretudo se arrastam tantos anos de miséria como fez a Peta. Já é muito tarde para que você possa se defender mas é melhor que saiba antes de desaparecer, porque você desaparecerá, que a Peta, que não respeita nenhum pacto, está se apoderando de tudo o que é seu e lhe restava e você é ingênua, Inés, sentimental, não percebeu que a intriga da Peta teve outra motivação que a de unir-se a você: você se lembra da força dos miseráveis, do ódio das testemunhas que existe mesmo que esteja sepultado sob a admiração e o amor, não se esqueça da inveja dos insignificantes e dos feios e dos fracos e dos mesquinhos, dos talismãs que guardam debaixo de suas camas ou em seus colchões, da vingança dos que expiaram suas culpas, Peta ocultou e deixou que você a humilhasse e a usasse a agora está cobrando ao usá-la para introduzir-se, sob sua forma, nesta Casa, porque isso é o que a Peta queria, Inés, essa era a causa de sua sanha e sua ambição: tirar-me do refúgio onde vivia eu disfarçado de Mudinho ou de uma velha qualquer e apoderar-se de mim para me cobrar amor, e disfarçando-se ela, desta vez, com a carne de sua senhora, repetir a noite da Rinconada porque você conservou o sexo ardente de Inés como eu conservei a potência de Dom Jerónimo, e ela vem buscar essa potência, unir-se outra vez com ela, cobrar-me o prazer que lhe neguei durante tantos anos.

Claro, você não sabia que o sexo da Peta é a coisa mais viva em toda ela, e acreditou que com estes enxertos ficaria transformada numa velhinha indefesa que não deseja nem precisa de nada, mas já começará a sentir as necessidades disso em que você ficou transformada quando começarem a funcionar os órgãos que agora se ligam à sua carne, verá como é doloroso sentir a fome de satisfação sexual que lhe negarei até o fim, como dilacera a impossibilidade de esquecer aquela noite que passamos juntos em sua cama na Rinconada. Você me acossará aqui na Casa. Quando perceber quem é e em quem Crisóforo Azula a transformou, então não me dará trégua.

Assim tem que ser, assim tem sido sempre, Inés, Inés-Peta, Peta-Inés, Peta, Peta Ponce, jamais pude tocar a beleza porque ao desejá-la eu a converto em sinistras donas de pensão, Imperatriz com suas fuças babadas, as velhas desta Casa, as mendigas que me seguem quando me atrevo a sair à rua, imagens decrépitas da beleza que minha nostalgia cria e minha avidez destrói, saia, deixe-me em paz, não se intrometa entre o que sobra de mim e o que sobra dela, você esfarrapada, você com as mãos deformadas pelas verrugas aproximando-se do final do corredor com a seriedade enigmática que esconde a burla e a invalidez emocionante que encobre a intenção evidente de se dirigir para cobrar sua moeda, que sou eu. Para que me quer? Deixe-me dizer-lhe a verdade. Não estive no leito com você naquela noite na Rinconada, Peta, foi Dom Jerónimo, sim, ele, e ele procura seu ardor, Inés falou à Dona Raquel da potência insaciável do marido que sua avidez procura, eu não tenho nada Peta, eu lhe juro, olhe meu sexo, está olhando: sobre a cama da Iris as velhas estão trocando minhas fraldas porque fiz pipi para agradá-las, olhe só como pegam esse pedaço de carne inerte para brincar com ele, um pouco sujo, que não serve senão para produzir mijadas fedorentas, asqueroso, entanguido, está vendo, nem pelo púbico eu tenho, sou um bebê, sou impotente, deixem-me, não sirvo para nada. Vá embora da Casa. Procure-o, ele tem a faculdade de saciar seu apetite. Devolva-me à Casa, que as velhas me amarrem, façam de mim uma pamonha, que me transformem num bruxo. Sou o Mudinho. Às vezes sou apenas outra velha. Sou o boneco da Iris. Você acha que se tivesse alguma potência, ao me deitar todas as noites com aquela que brinca de ser minha mamãe mas não é minha mamãe porque nunca tive mamãe, não me enlouqueceria o seu corpo jovem ao se esfregar no meu corpo para me fazer sofrer, mas eu lhe digo não, Iris, você não ganha nada porque não tenho nada e por isso não posso sofrer? Sim, você se enganou vindo à Casa para me buscar. Você só é mais uma velha na comitiva de velhas que me têm perseguido por toda a vida, Inés-velha, Inés-feia, pondo-se assim ao alcance de minha mão, mas não é a Inés-feia, a Inés-feia, a que quero, é a Inés só, luminosa, inalterável, essa é a Inés que quero, a que você guarda nas fotografias dos baús que conserva na sua cela, Inés montando a cavalo na Rinconada, Inés com vestido de baile macramé vermelho, Inés com um chapéu que lhe cobre a cabeça e desvenda a nuca e o pescoço alto, Inés com um casaco de pele, Inés passeando de braços

dados com Dom Jerónimo pelo *paddock* do Clube Hípico, Inés em *vis-à-vis* com Dona Raquel que nunca foi bonita, Inés... enfim, eu a conheço Inés bela no fundo de seus baús trancados, na roupa que usou e que guarda nesta Casa, que tocou o corpo de Inés bela e que eu toco, mas essa Inés só viu meus olhos espantados de testemunha uma noite em seu parque e depois das operações de Crisóforo Azula acho que nem sequer me vê, tome uns pesos de gorjeta, Mudinho, vamos guardar esta carteira de crocodilo, este abajur de porcelana, este tapete de Tabriz, este par de miniaturas montadas em veludo, este chambre de náilon acolchoado que é bem quentinho e está novo, vamos guardar todas as coisas que eu ganhei das velhas esta noite, no canódromo, na minha cela, não posso, Peta, me deixe, vá procurá-lo e desentocá-lo porque ele é o culpado de que nossos destinos tenham tomado as formas monstruosas que tomaram para poder sobreviver... eu varrendo seu quarto, você rezando de joelhos no chão diante de uma cruz de pauzinhos amarrados com barbantes que você fez outro dia para emular a antepassada, não a antepassada de Inés, essa mulher que reza enquanto varro seu quarto e que amo porque a Peta é a única mulher no mundo que amei, não mereço mais que uma gorjeta porque meu pai me assegurou que não tinha rosto e não era ninguém, isso ele me ensinou desde menino, por isso não me resta senão você, mas não posso permiti-lo, antes que os enxertos do doutor Azula cresçam e seus tecidos se unam completamente à sua carne e as glândulas comecem a segregar seus humos, quando ainda — mesmo feia e andrajosa — continue sendo Inés, eu me apoderarei de você e farei o que quiser com ela depois de usar o que reste, eu a esfolarei para exibir seu couro, o verdadeiro couro ensanguentado da cachorra amarela e então não existirá nem você nem você, nenhuma das duas, as duas desaparecerão no fundo do corredor mais profundo, fuja, Peta, procure o outro, para que quer meu sexo lasso, deixe-me tranquilo, deixe que eu me anule, deixe que as velhas bondosas me enfaixem, quero ser um bruxo enfiado dentro do saco de sua própria pele, despojado da capacidade de se mexer e de desejar e de ouvir e de ler e de escrever, ou de recordar se é que encontro em mim alguma coisa que recordar, e de ouvir você rezando ajoelhada frente à cruzinha de madeira e barbantes, ver-me obrigado a me perguntar quem será essa mulher que conheço, quem é essa mulher, tão mudada está a pobre Dona Inesinha, tão boa, tão acabada que está, é uma santa, uma das senhoras mais piedosas e mais caridosas

que existem, é boa de verdade, não pinta as unhas nem fuma como homem, como Dona Raquel, preocupa-se conosco que somos pobres e doentes, só ela se lembra de nós para nos proteger, faz quase um ano que Dona Raquel ofereceu uma esmola em intenção da Brígida, e estão vendo, nada, até agora, não, não é que seja má, é que está preocupada com outras coisas, tantos filhos e netos, enquanto que Dona Inesinha nem se veste mais na moda nem nada, e você debulha seu terço pesado de indulgências porque o Santo Padre o benzeu, e tem os olhos fechados. Sem abrir os olhos e sem interromper as orações, você me faz um sinal, apenas um movimento de cabeça, indicando-me que já é hora de sair de seu quarto e a deixar só.

... ENTÃO, OUVIRAM-SE os latidos dos cachorros no campo, os mugidos das vacas, os touros bramindo, os cavalos relinchando, as ovelhas balindo e as freirinhas começaram a assustar-se porque nesse tempo isto ficava muito afastado, o que está acontecendo, por que os animais estão com medo de algo que nós não sabemos que está acontecendo dentro da noite, o que desejaram nos avisar, o que vamos fazer, a quem perguntar o que é isto tão angustiante que está acontecendo... e entaaaaaaaão, então sim é que começou o terrível: relâmpagos no céu que iluminavam toda a cordilheira, os trovões dentro da terra que se sacudia e se rachava, as freirinhas gritando e correndo para todos os lados meio mortas de medo porque toda esta Casa estava se sacudindo que até parecia que ia cair... e entaaaaaaaão, as freirinhas viram-na no meio do pátio, plantada, com os braços estendidos em cruz...

Já lhe ouviram essa história mil vezes desde que chegou, você borda sobre a trama essencial, inventa detalhes e adornos para eletrizar as órfãzinhas que nunca se cansam de ouvi-la, como se elas, também, aguardassem a síntese final da lenda da menina-bruxa com a tradição da menina-santa, e vocês gostam de ouvir Dona Inesinha que é muito boa porque imita os relinchos e os mugidos e os latidos, como ela imita bem, por favor, Dona Inesinha, outra vez, uma vaca agora... e seu bezerrinho... encantam-se ao vê-la esticar os braços em cruz para sustentar os muros que vão desmoronar, mas que não desmoronam porque ela os sustenta. O que mais as diverte é quando Dona Inesinha começa a tremer como um terremoto: vamos brincar de terremoto, senhora, por favor, é

tão divertido, sentadas aqui neste banco sob a palmeira do pátio da portaria, Eliana, Frosy, Iris, Verónica e Mirella amontoam-se sobre você que está se sacudindo e tremendo e elas também tremem mortas de medo com a catástrofe, mortas de rir confundidos os seus corpos, braços e pernas com os seus membros, até que Eliana pisa em Frosy sem querer, olhe, chata, não aguento mais você em cima de mim, o alfinete de gancho que fecha o casaco marrom de Iris me espetou, você me arranhou de propósito... bem, meninas, deixem-me tranquila que estou cansada, uf, que calor, agora que acabamos de brincar de terremoto vamos rezar juntas uma salve-rainha por sua alma que os descrentes querem esquecer, rogando-lhe a graça de que nos revele sua verdade... uma aparição... um sinal... qualquer coisa irrefutável à qual a gente possa se apegar para não arranhar de noite. Rezam... os olhos fechados... as mãos juntas... as vozes contritas... continuam suas ladainhas que as guiam pelos meandros de sua devoção... Salve-Rainha, Mãe de Misericórdia... Amém. Agora um Padre-Nosso para terminar, vamos Dona Inés, agora vamos brincar de outra coisa, sim, depois continuamos rezando, quando escurecer, de dia a gente não tem vontade de rezar. Vamos jogar agora.

— O que querem jogar?

— Ludo.

— Não, damas...

— Não, de disfarces...

— Não, de corridas...

— Não, meninas, hoje vou ensiná-las a jogar outra coisa.

Você se levanta. Vamos à portaria, que ninguém nos veja, esse jogo é muito perigoso, Iris, venha comigo filhinha, não se separe de mim, seu olhar de velha é furtivo, espia pelo rabo do olho remelento, encurva-se, suas mãos se transformam em garras enquanto as órfãzinhas riem imitando-a, ui, que medo, que ninguém nos veja porque podem nos castigar, não tem ninguém na portaria, acho que só o Mudinho andava por aí, as órfãzinhas a seguem, imitando seu fingimento, ao avançar escondendo-se atrás do jasmineiro, atrás da gruta de alvenaria, e escondendo-se atrás das pilastras do corredor chegam todas sãs e salvas à portaria. As órfãzinhas sentam-se no banco... você abre a porta da sala da Rita e da entrada pergunta:

— Quem quer começar?

— Primeira.

- Não, falei antes, primeira eu.
- Não, é melhor começar com a Iris.
- Está bem.

Iris fica de pé no centro da portaria enquanto as outras se acomodam para contemplar o espetáculo. Está muito gorda porque eu vou nascer logo. Escuta as instruções da senhora:

— Olhe, este brinquedo é assim: vou discar um número de telefone e começar uma conversa. Você tem que responder como se estivesse do outro lado da linha, mas sem se enganar, e adivinhar quem está falando e com quem.

O rosto de massa branca crua e agora sem pintura não demonstra entusiasmo nem aversão, nem sim nem não, são as meninas que do banco opinam:

- Que brinquedo mais difícil!
- Vão ver que é divertido.
- É brinquedo para gente grande.
- Mas vou dar um prêmio...
- Qual? Qual? Qual?
- Ah, depois eu digo, um prêmio formidável...
- Uma joia...
- Um vestido...
- Dinheiro...
- O canódromo...

Iris não se interessa por prêmios, está esperando no centro da portaria que a animem, será muito difícil ganhar, Iris, mas eu estarei ajudando-a dos vazios desta gruta de Lurdes sem Virgem nem Bernadete... eu a conduzirei como tantas vezes conduzi daqui seus passeios pelo bairro, com o Gigante, ao terreno baldio, à loja de revistas, para comprar coca-cola, para fazer amor com embaixadores e generais e acadêmicos e jornalistas e com Dom Jerónimo e Romualdo. Se me obedecer, ganha. Só você pode ganhar, porque você não existe, nem Mirella, nem Eliana, nem Frosy, nem Verónica poderiam ganhar porque elas existem, pelo contrário, você não é mais que um envoltório, por isso não tenha medo, sorria para Inés, diga-lhe que sim, que bom, o prêmio será tão magnífico e tão terrível que eu só me atrevo a recebê-lo através de sua miserável pessoa. Observa como a senhora está sorrindo ao discar o número... o telefone toca mais de uma vez. Quando Inés ouve o clique do outro lado da linha, franze a testa e começa a passear pela portaria, como se entendesse tudo isto que lhe produz

uma grande preocupação. Iris está escutando e entendendo.

— Alô... alô... sim, sim, quero falar com ele, sim, boa tarde, como tem passado o senhor, nós aqui mais ou menos... para que vou estar mentindo, não posso mais, não sei o que fazer...

Iris para frente à porta, e abrindo as mãos gordas com um gesto de impotência, pergunta:

— Mas o que está acontecendo, meu Deus?

— O que há é que vocês estão nos abandonando e esta Casa santa está se transformando em um antro pecaminoso, aqui não se joga mais só para se divertir nos tabuleiros que a Dona Inés mandou buscar, não, isso ficou só na intenção. Veja bem se é possível, agora apostam tudo o que têm, casacos, cobertores, relógios estragados, calendários, gaiolas com tordos, vazias, guarda-chuvas quebrados, a roupa toda, as chaleiras, as meias... estão viciadas, corrompidas...

— Não exagere...

— Não sei, isso é o que se murmura, as velhas são muito hipócritas, não pude comprovar, elas me escondem as coisas, às vezes tenho a sensação espantosa de que não sei nem a metade do que acontece aqui na Casa...

Agora, Iris, encha as bochechas, levante as sobranceiras preocupadas, passeie de um lado a outro da portaria com as mãos às costas, o casaco longo como uma batina, o ar magnífico, sua preocupação adquire um matiz fictício quando você insiste que isto não pode ser é preciso pôr um fim neste assunto imediatamente, enquanto as meninas alinhadas no banco contemplam a comédia da Iris. Você continua falando ao telefone, um cotovelo apoiado na parede. Troca o peso do corpo de uma perna à outra, não olha para Iris porque está comprometida com esse fone que recolhe suas palavras, aperta-o, troca o auricular de uma mão à outra:

— ... o pior de tudo é o que andam dizendo de Dona Inés. São coisas que ouço através de um tabique, cochichos que se interrompem quando entro: dizem que Dona Inés ganha sempre porque é protegida pela beata, agora se fala muito da beata aqui na Casa. Demais. Não posso mais suportar isso, ainda se falassem de frente e me dissessem a verdade, enfim, não me sentiria tão impotente, mas seus sorrisos e suas desculpas, não posso fazer nada, me confundem com suas mentiras, mas é como uma maré invisível que não posso controlar justamente porque é invisível, veja bem, elas só dizem... dizem... sempre esse dizem. Dizem que Dona Inés obriga a beata a protegê-la no jogo, e para que a proteja, ela

mantém aqui um culto para a beata, prometeu até que isto aqui nunca será a Cidade dos Meninos, mas o seu Santuário, com basílicas e peregrinações e tudo, imagine, quando as ouço rezar terços, que antes me pareciam tão inocentes, agora me dá medo. Quando as vejo colher lírios roxos, imagino que é para enfeitar alguma imagem da beata, escondida por aí para venerá-la.

Iris para bruscamente no meio da portaria. Arrasta pelo chão o casaco escuro. Está horrorizado, furioso, abre os olhos suaves muito abertos, levanta os braços como se fosse para deter algo e exclama:

— Heresia. Isto é uma heresia! Que esta história sacrílega não saia da Casa...!

— ... e tira tudo o que as pobres velhinhas apostam... nenhuma delas mais tem um cobertor, um xale, um braseiro, andam tiritando pelos corredores, várias estão com bronquite porque andam meio nuas e o senhor sabe como é fria esta Casa...!

— Mas o que faz com tanta porcaria?

— Ela aposta suas coisas contra as porcarias das velhas, coisas tão lindas, peles, móveis, joias, vestidos, sapatos finos, de tudo, e como sempre ganha, a coisa de valor que ela apostou contra a porcaria, guarda-a, para a beata, diz, parece que está esperando o momento em que os cardeais a beatifiquem...

— Mas ainda não entendeu que isso se acabou definitivamente faz mais de um ano?

— Não sei. Dorme numa enxerga porque guardou seus móveis finos e lençóis. Anda vestida como uma mendiga. Nada lhe serve. E fica apostando as melhores coisas que já ganhou das velhas contra outras coisas piores e quando ganha faz pacotes com o que apostou, para a beata, diz... e os guarda, e põe as chinelas que acaba de ganhar, mais rasgadas que as que usava e as meias mais velhas e as calcinhas mais rasgadas, tira as que usava e empacota e guarda... para a beata... arrumou seu quarto com restos e se veste com farrapos que eu vejo que ficam cada dia piores porque ela os troca todos os dias, cada vez que a vejo parece uma velha diferente, mais suja e miserável, custo a reconhecê-la, suas celas vão ficando abarrotadas de pacotes com coisas dela e porcarias... ganha um par de sapatos em pior estado que os que está usando, tira-os, põe os que acaba de ganhar, anda com umas chinelas incríveis...

— Incrível! Incrível! Tanta sujeira...

Iris gesticula, incha-se como um peru furibundo, sente-se pessoalmente ofendida por tanta sujeira, agarra a cauda de sua

soberba batina para não arrastá-la pelo suspeito chão da portaria onde está passeando enquanto as meninas aplaudem a comédia da Iris, este senhor muito importante só há de tolerar que as coisas continuem até certo ponto, não mais... você pendura o fone... Iris desinchada, transformada de novo em uma menina gorda coberta por um casaco puído que lhe fica grande, você então olha para Iris perguntando-lhe quem era as duas personagens que estavam falando, mas Iris sacode a cabeça respondendo que não sabe porque se apagou a imagem que durante uns instantes a iluminou. Poderia continuar falando se eu lhe dissesse coisas de onde estou, para que continuasse o diálogo interminável, para mim diz que são coisas que as velhas lhe deram e como faz voto de pobreza tem que se igualar a elas, anda imunda, piolhenta, outro dia, no pátio da cozinha, no sol, a Ema, com um pente-fino, estava tirando lêndas de seu cabelo... por que continuar. Responda a Inés, Iris. Você sabe quem ela era. Sabe com quem falava:

— Que houve, Iris?

Obedeça-me, assim ganhará o prêmio que preciso, não me deixe transformado em uma sombra entre estas pedras pintadas, preciso desse prêmio, tem que ganhá-lo para mim:

— A Madre Azócar falando com o Padre Benítez...

Imbecil! Você confundiu tudo... as meninas apertam a barriga de tanto rir com a confusão da Iris, sua grande boba, quando vai aprender, perdeu, a Iris Mateluna perdeu, Dona Inesinha, agora eu é que vou jogar esse jogo tão divertido, a Iris não ganhou porque disse uma bobagem. Você se corrige:

— A Madre Benita falando com o Padre Azócar.

— Ah, agora que graça tem.

Você as faz calar: levanta as mãos. Apesar dos farrapos e dos piolhos, as mãos de pele manchada ainda conservam a autoridade de proprietária, a senhora que, com um vison sobre os ombros, levava uma caixa de flores-de-lis douradas como oferenda. Os poderes superiores não podem ficar surdos a doações magníficas.

— Vamos ver, Iris. Esta é a sua última oportunidade de ganhar o prêmio. Diga o número do telefone que disquei. Que número era?

Você não hesita ao dizer oito três — sete dois — nove um, que eu vou metendo em sua cabeça dura para obrigá-la a ganhar esse prêmio que desejo e preciso, o sangue que o doutor Azula me roubou voltará a correr por minhas veias, deixarei de ser uma mancha de umidade numa parede, você me resgatará, ou não,

talvez ouvindo sua voz, eu me recolha ainda mais, até ficar anulado.

— 83 72 91...

— Muito bem, Iris. Viram como a Iris não é tão boba, meninas? Agora merece o prêmio.

— O que vai dar a ela, Dona Inesinha?

— Eu também quero jogar para ganhar uma coisa linda.

Esperam que de entre seus farrapos você produza um enfeite, pedraria, miçanga, joia, mas não, você abre de par em par a sala da Rita.

— Entre.

Iris obedece-a.

— Disque 63 76 84.

Iris disca, o telefone toca e você vai se sentar no banco, onde as orfãzinhas lhe dão lugar. Respondem do outro lado da linha. O milagre vai se produzir: ouvirei sua voz. Dialogaremos.

— Alô... Jerónimo está?

Esperemos, vão chamá-lo, nos dizem.

— Agora é ele: ouvi-lo é seu prêmio, Iris.

Você responde do banco, com voz de homem, enquanto as orfãzinhas a observam:

— Alô, Jerónimo. Como vai?

— Inés.

— Sim, olhe, Jerónimo, queria lhe dizer uma coisa...

— Cumprimente-me, pelo menos. Não tive o privilégio de ouvir sua voz desde que chegou...

— Pare com estas besteiras. Tenho coisas muito importantes para lhe dizer. Tenho pensado bastante nestas semanas em que estou aqui na Casa. Não quero que o Arcebispo nem o Padre Azócar, nem ninguém, toque em nenhuma parte de minha herança. Decidi adotar Iris Mateluna. Vou lhe deixar tudo. Que ela se encarregue de continuar tentando a beatificação, que ela não deixe demolir esta Casa para vender...

— Ninguém quer vendê-la, Inés, acalme-se.

— Esta Casa é aterradora, Jerónimo, não posso estar tranquila porque ela está enterrada aqui, em alguma parte, e eu quero desenterrá-la para que não fique sob a terra ou dentro das paredes de adobe, queria que você visse, de noite há caras terríveis que saem das paredes e encham meu quarto. Vou dizer à Madre Benita que mande pôr uma cama no meu quarto para a Iris Mateluna,

quero que ela me faça companhia, não imagina como estou só... se visse como incomoda ficar tocando a campainha e esperar que acordem e venham três ou quatro vezes toda noite... com as caras de mártires que fazem quando eu as acordo de noite para que me preparem uma xícara de chá bem quente, como se isto fosse uma coisa muito difícil, claro que aqui é preciso começar por acender o fogão a carvão, mas afinal de contas esta Casa e estas velhas são minhas...

— Você deve deixá-las loucas também...

Iris grita enfurecida:

— Que quer dizer com esse *também*?

— Você também me põe meio louco.

— Não minta. Não foi isso que quis dizer. Está pensando que elas *também* estão loucas, como eu.

— Olhe, Inés... temos tantas coisas para falar... tantas coisas íntimas, entre você e eu... o que aconteceu... Escute, Inés...

Você se levanta e avança com as mãos estendidas como que para tocar em Iris, talvez acariciá-la. Você lhe daria qualquer coisa contanto que a entendesse, sua voz é suave, a palavra envolvente como seus braços, a inflexão acariciante como as palmas de suas mãos: não me toque, Jerónimo, você não tocará em mim nunca mais, entende?

— Estou me aborrecendo, Inés.

— Está se aborrecendo com quê?

— Bem, já que despreza meu carinho assim, vou lhe contar: sua presença aí na Casa está prejudicando o projeto da Cidade dos Meninos. Estava quase pronto, o leilão a ponto de se realizar quando você chegou...

— Sim, a Casa toda cheia de lotes com etiquetas que agora estão começando a ficar amarelas.

— Seria assinada a venda dos terrenos da parte de trás da quadra para, com o dinheiro, financiar a metade da construção, porque os terrenos estão muito caros, o Arcebispo financiava o restante. No mês que vem haverá a última reunião dos interessados nos terrenos, eles vão dar a última palavra: ou se faz imediatamente o negócio ou não. É claro. Não se pode deixar homens de negócio esperando tanto tempo. Ou se constrói logo a Cidade dos Meninos ou nunca mais. Com você instalada aí não se pode fazer nada.

— Sim, eu sei.

— Por isso está aí?

— Por isso e por outras coisas.

— Que coisas?

Iris deixa cair o fone, que fica pendurado do fio, então encara Inés:

— Acha que vou deixar que *vendam* terra santa? Você está, está louco, Jerónimo, se pensa que, além de tudo o que me fez, vou permitir que tome parte na conspiração para me tirar esta terra em que a beata está enterrada e que você e o Padre Azócar querem vender pela melhor proposta.

Iris está transtornada. Agita as mãos, os olhos brilham, pardos, amarelos, verdes, pardos principalmente porque seu casaco é pardo, mas fazem brilhar a fúria e ela agita os punhos, decidida, inflamada com a defesa de sua partícula de eternidade. Inés recua e exige:

— Você tem que sair da Casa, Inés.

As duas vozes se enfrentam e se penetram. Iris ria às gargalhadas. Inés pergunta:

— Por que está rindo?

— Se pensa que vou voltar a viver com você...

Caem suas mãos. Tudo o que era duro em Jerónimo se dissolve, roga, a ternura mais desoladora abrandando seu olhar, dobra sua espinha, adoça sua voz:

— Inés... se quiser, eu mesmo vou buscá-la.

— Você me diz isso para me engabelar com suas mentiras, você está certa de que essa não é a intenção de seu marido, sabe que Jerónimo tem horror à Casa, nojo diz, mas é horror, está certa de que jamais virá porque manda para aqui os inimigos que quer prender, que apodreçam transformados em velhinhas que tosem e jogam bisca, esta Casa está cheia com toda a gente que Jerónimo quis fazer desaparecer, os que sabem demais de sua vida, suas tramas ou fraquezas, os que quer eliminar porque o perturbam... dizem... dizem que há mais de um século os Azcoitia têm mandado a esta Casa toda a gente que querem fazer desaparecer. Quem sabe se a famosa beata não era senão uma menina travessa cuja rebeldia foi preciso reprimir... que, com a finalidade de reprimir essa menina, levantaram esses muros? Como é que se pode saber? Para lhe dizer a verdade, Jerónimo, agora eu entendo que não sou senão mais uma de suas vítimas.

— Como pode pensar nisso, Inés!

Falando, seus olhos ficam empapados com as lágrimas que retém. Iris sai da sala da Rita com todo nosso medo, nosso ódio,

nossa inveja, nosso assombro e nosso amor configurado em suas feições pastosas que se prestam a qualquer modelo. Você está certa de que nisto estamos as três juntas, você, Iris Mateluna e eu: nosso único desejo é fazer desaparecer esse homem que se levanta diante de você, porque a única forma de encontrar paz é Jerónimo não existir, isso nós três sabemos, está escrito nos olhos extasiados da Iris que não deixam de contemplá-la, as duas estão chorando, desmancham-se em soluços ao mesmo tempo e nos refugiar-nos uma nos braços da outra, beijando-nos, jurando-nos tudo, nada, não sei o quê, fidelidade, que tudo terá um fim, sim, as coisas irão tomando um curso ascendente e do alto veremos o panorama total, não chore, Iris, não chore, Dona Inés, não chore, Dom Jerónimo, não chore, Dona Inés, chega. As órfãzinhas aplaudem e comentam como a Iris representou bem, nasceu para artista, e Dona Inesinha, de onde tira tanta história, como isto é divertido, agora jogo eu, não, eu, eu senhora Inesinha, todas as órfãzinhas rodeiam Iris e você, que soluçam abraçadas no meio da portaria, enquanto na sala da Rita o fone caído vibra em seu fio e ouço uma voz que diz:

— Alô... alô... Posso falar com Humberto Peñaloza?

NÃO PUDERAM FALAR com Humberto Peñaloza porque ao ouvir esse nome ele fugiu pelos corredores até o fundo da Casa, Humberto Peñaloza não existe, é uma invenção, não é uma pessoa mas uma personagem, ninguém pode querer falar com ele porque deve saber que é mudo. Em um quarto afastado, abarrotado de fardos de jornais e revistas amolecidos pela umidade, sua sombra vulnerável se refugiou. Mudo, Mudinho, não se vá, não desapareça, você vai morrer de fome, onde está você, Mudo, Mudinho, onde está, vamos nos cansar de procurá-lo porque somos velhas e doentes e temos horror à friagem, não vá morrer de fome, Mudinho, olhe, mesmo não sabendo onde se escondeu, deixamos pratos de comida nos corredores e galerias para que coma quando quiser, como um cachorro, mas as sombras não comem até que se atrevem a ser alguém e essa sombra carente de nome quer fundir-se com as outras sombras do quarto, reduzir-se à dimensão de um papel de jornal. A sombra sem nome nem fome vai diminuindo ao ocultar seu terror, que a impede de incorporar-se a outras sombras e adquirir a dimensão plana de uma notícia, espremida em seu túmulo de velhos jornais, o terror se concentra em sua pequenez, enche-me, me faz intolerável a mim mesmo, sem movimento, sem fome, sem voz, sem ouvido, sem vista quase... quase sem vista mas meus olhos ainda conservam seu poder e porque o conservam é que este pequeno vulto que sou não tolera mais o terror sem saída que o comprime e percebo que chegou o momento inadiável. Tenho que nascer.

Uma manhã amanheci na cama da Iris, quase sufocado pelo calor de seu corpo e o acolhedor de seus lençóis, olhem, olhem, velhas, finalmente ontem nasceu o bebê, olhem, não estou mais gorda, olhem como choraminga e está mijado, eu não sabia que era tão fácil ter um bebezinho, mas não é fácil, Iris, em seu caso foi fácil porque é um bebê milagroso, por isso você nem notou, olhem como ficou bem, parece que nem sequer perdeu muito peso, claro, mas o bebê tinha que nascer, já estava na hora, passara dos nove meses e por muito milagre que seja, a pessoa se põe meio desconfiada e não sabe o que fazer nem o que pensar quando a

gravidez passa dos nove meses, mas de que nove meses estás falando, Ema, foi uma gravidez milagrosa assim não tem por onde se começar a contar os nove meses, é uma besteira isso dos nove meses, estás ficando igualzinha à Amalia com esse assunto dos nove meses, ela não entendeu nunca e então deu de procurar o dedinho, vão te levar também para a Casa de Orates se não te calas com esse assunto dos nove meses, veja, o menino já nasceu. Que bebê mais magro e mais doente você teve, Iris, que menino de olhos tão tristes! Mas é o menino. Disso não tem dúvida. É o menino, até parece que tem uma auréola pequenina, mas uma auréola de qualquer forma. E me vestem com as sedas e os tules do enxoval que Inés tinha guardado para mim em seu mundo. Com as coisas das gavetas de cima. Sim, porque as coisas das gavetas de baixo ficam pequenas em mim. Quando eu for encolhendo, Inés me dará essas coisas, e à medida que a percentagem que resta de mim se reduza eu me sentarei nessas cadeirinhas de miniatura, dormirei nessas camas de cartolina dourada dentro do chalé suíço, onde Iris me criará.

Todas me tratam com carinho e considerações. Antes, quando era só o boneco da Iris, não os merecia. Deixam-me chupar suas tetas, gostaria de brincar com elas com minhas mãos mas não posso porque estou enfaixado dentro da pamonha, e Iris me acaricia e me beija. Entronizada na cadeira de ouro e damasco carmesim do presbitério, comigo nos braços, recebemos as reverências das paroquianas, suas orações, seus cânticos apenas sussurrados para que as outras não ouçam porque as outras são umas invejosas, acendem velas, cercam-nos de flores, Inés prosternada entre as demais velhas que nos pedem coisas, cure o meu reumatismo, quero feijão em vez de ervilha na semana que vem, soltem o Rafaelzinho da prisão pelo roubo que dizem que o menino fez, mas como pode, se era tão bom menino quando eu o criava e tinha o cabelo cor de milho, olhem só, aqui está para que acreditem em mim, uma Salve-Rainha para que a Madre Benita não nos descubra, um Credo para que o menino cresça santo, um Padre-Nosso para que nunca saia desta Casa, e as velhas rezam, costuram e cantam à nossa volta, trouxemos a cama e o berço, transferimos tudo para a capela porque como agora somos muitas velhas não cabemos mais no sótão, rezamos mas também jogamos neste antro que Iris e eu presidimos entre os santos de gesso colados e repintados: sim, salves e credos, mas também os copos em que se agitam os dados, as

fichas no chão porque não há mesas e se queremos jogar temos que jogar aqui porque a Madre Benita não nos deixaria jogar na cozinha até tão tarde porque se gasta muita luz e o Arcebispo não manda dinheiro para pagar as contas, mas Dona Inés que é tão boa e tão devota da Iris, que ela diz que não se chama Iris Mateluna mas é a beata Inés de Azcoitía, ela nos dá muito dinheiro para que a gente saia embuçada em nossos xales se é que ainda sobra um xale que Dona Inesinha ainda não nos ganhou no canódromo, para comprar flores frescas, das mais caras, e velas e mais velas e todas as coisas que precisamos para o culto da beata que sobreviveu e agora ela a descobriu para que sejamos todas felizes, como é fracote este menininho que a beata tem nos braços, eu pensava que os meninos-santos eram gordinhos e louros como nos quadros de pintura, mas este é moreninho, não faz mal, a coisa é que é um menino milagroso concebido sem mancha e sem pecado, então não é milagre, mas não vamos contar nada a ninguém, esse foi o conselho da Brígida, e tinha razão, para só nós cuidarmos dele, sem lhe ensinar nada e nós fazermos tudo para ele, eu seus braços, você sua boca, ela seus pés, sim, meu menino é lindo, diz a Iris, é lindo o menino da menina-beata em quem os de Roma não acreditaram, mas vocês estão comprovando, com seus próprios olhos, que a beata fez mais este milagre, e seu filho vai fazer o maior milagre de todos ao suprimir para nós o transe da morte: por sua ordem não morreremos, mas, quando ele o decidir, vamos subir, todinhas as que o temos servido, numa carruagem branca puxada por três pares de cavalos ajaezados com penachos, mantas e rendas brancas para subir ao céu... esperem as invejosas e os padres hereges, incrédulos de Roma, um destes dias não encontrarão nenhuma de nós na Casa porque a beata, com seu filho nascido sem que nenhum homem haja feito a porcaria, nos levarão ao céu, ainda que eu acredite, Rosa, que seria muito mais bonito que todos nos vissem, não acha Dona Inesinha, que todas as outras, as invejosas que o menino não salvará, e o Padre Azócar, a Madre Benita, e os vizinhos se despeçam de nós cantando aqui na porta da Casa e que transmitam pelo rádio como as missas e os jogos de futebol, e o menino, um pouco mais crescidinho, levando em suas mãos as rédeas brancas dos cavalos brancos, nós com nossos casacos no ombro subidas à carruagem branca que terá que ser grande porque somos muitas, não sete como no princípio, subindo, subindo entre uma chuva de pétalas, despedindo-nos de todas as outras com muita pena mas não

podemos levá-las, meninas, vontade não falta, mas só nós cabemos na carruagem.

Você é a convertida mais ardente: tem tudo planejado. Uma vez morto Jerónimo, a fortuna que terá em suas mãos será posta a serviço da beata Inés de Azcoitia para reconstruir a Casa que perpetuará seu próprio nome, eu sabia que vindo morar aqui ia encontrá-la finalmente, e este menino que leva em seus braços terá que convencê-los em Roma e deixará o Embaixador envergonhado ante a Santa Sé que é um comunista, sim, estou disposta a empreender a viagem a Roma outra vez, farei qualquer sacrifício pela beata e pelo menino. No meu regresso triunfante, o Arcebispo terá que me devolver a Casa para fazer um santuário, com afrescos da vida da beata pintados sobre um fundo de ouro e muitos padrezinhos, cônegos e pessoas para investigarem o milagre e escreverem sobre ele e a beata para que todo o mundo a conheça, e também construiremos quartos para que aí morem o menino, a beata e vocês, ai, não, nós não queremos nada, Dona Inesinha, não destruam nada, que nada mude até que a criança cresça, será melhor que a senhora não vá a Roma até que a criança esteja mais grandinha, fique aqui conosco para criá-lo como deve ser, sem que se mexa dentro de sua pamonha, bem amarrado até que faça o milagre de nos levar todas ao céu. Mas claro, temos que esperar que Jerónimo morra para que a fortuna passe a minhas mãos. É preciso fazê-lo desaparecer para que me deixe tranquila, que não chame Raquel ao telefone para que me convença a falar com ele, se fosse só falar seria diferente, mas sua existência perto de nós está sempre nos ameaçando com o perigo de nos fazer reviver... longe, longe, Jerónimo, para que sua vontade não possa dobrar a nossa. Ele não tem fé. A vocês digo em confiança. Sua aparente piedade é só política, nada mais, e por isso temos que esperar que Jerónimo desapareça para entronizar Iris com seu filho nos braços, ainda que os cardeais me digam que não, a mim pouco importa se tenho a fortuna de Jerónimo em minhas mãos e posso construir com ela o santuário que vai perdurar o nome que eles quiseram sepultar, vocês, enquanto isso, aqui comigo, tranquilas, não, não vão morrer, a criança conseguirá fazer seu milagre antes que morram para levá-las ao céu, a um lugar exatamente igual a este, mas temos que esperar, esperar todas cantando e rezando, e também jogando no canódromo com que eu as vou despojando de tudo, as velhas tiritam de frio na capela, não têm sapatos, eu faço aqui do meu lado

um montão com as coisas que vou ganhando e depois as guardo para a criança, nada é para mim, tudo será para a criança, agora fraldas, algodão, colônia, talco do melhor, velas, flores, depois serão outras as suas necessidades e pode precisar de alguma destas coisas que fui ganhando das velhas, eu sempre sou a cachorra amarela, não posso me desprender dela, tenho a obrigação de fazê-la correr pelas matas, os caminhos, campos, fazê-la vadear charcos e lagos, em minhas mãos revive, não é que queira ganhar suas coisas, pobres velhas, para que preciso de porcarias se não for para escolher a mais suja e estragada para trocá-la por outra peça um pouco menos suja e rasgada que usava, eu não quero ganhar, é a cachorra que me obriga a ganhar correndo pela pista um, dois, três, quatro, água, para trás, dois, três, você, Rita, você Rosa, agora eu, a sombra da cachorra amarela é enorme sobre o muro e vibra e corre enquanto as velas se consomem e a minha pilha de farrapos para a criança, quem sabe, porque a cachorra amarela me impõe a servidão de fazê-la ganhar uma e outra vez, cresce e cresce o meu montão de porcarias que as bruxas me entregam chorosas, seus pobres talismãs que eu não quero mas a cachorra que corre pelas paredes da capela execrada onde Iris e o menino presidem entronizados, e as velhas choram, têm que jogar, elas, como eu, obedecemos à cachorra, somos ávidas, nossas mãos arrancam vestes, apoderam-se de relógios estragados, do calendário com a última página de sete anos atrás, das chinelas, da meia sem par, da touca de banho framboesa, ganhei, ganhei, a cachorra amarela ganhou outra vez porque é invencível e eu grito e arrebatro delas o que elas me rogam que não lhes cobre ainda que eu não queira abusar dessas velhas, não quero despojá-las, mas a cachorra amarela quer, eu a obedeço porque assim corre, ladra e uiva para a lua e vadeia charcos, um, dois, três, quatro, cinco, seis, eu outra vez, que sorte dona Inesinha, já começou, cinco, um, dois, três, quatro, cinco, sua sombra enorme na parede, as velhas não veem como é grande e como é nítida a sombra da cachorra porque elas só veem meu tabuleiro e o medo de que lhes tire umas varetas de guarda-chuva, um cachecol desbotado, isso veem, corre, corre, cachorra, vamos Iris, largue a criança para que mudem sua fralda, vem jogar comigo, vai apostar o quê, bem, gosto de seu casaco café, contra ele aposto as chinelas que eram da Rosa Pérez, jogue você primeiro, quatro, um, dois, três, quatro, agora a cachorra branca, um, dois, que má sorte, e corre a cachorra azul pelo tabuleiro e a

cachorra vermelha pelo tabuleiro, mas a cachorra amarela corre e corre sangrando as patas para chegar primeiro à meta e então eu arranquei o casaco café dos ombros da Iris que tenta impedir-me, estou com frio, mas eu não me importo embora tenha pena da beata sentir frio, luto para tirar dela o abrigo porque a cachorra o quer, que lhe importa que você tenha frio, Iris, já teve a sua criança e não está mais gorda, bem, se quiser, mas como um grande favor, porque você é a beata, amanhã lhe darei a revanche para ver se pode ganhar o casaco de volta para que não sinta frio, você com seu bebê amoroso na cama é que não vai passar frio, os bebês esquentam muito quando dormem na mesma cama que sua mamãe, mas eu não me esquento com nada, meus ossos vão esfriando mais e mais e mais e mais e eu não sei o que fazer para que esquentem.

JUSTAMENTE DISSO é que tenho medo: que seus ossos e sua carne se esfriem para sempre, sinal indiscutível de que os enxertos que o doutor Azula fez em você na Suíça vão se apoderando deles. Significa que esse processo já tão avançado vai apagá-la, expulsando até a última gota de calor que Inés Santillana de Azcoitia conseguiu esconder no oco de sua mão, para ser substituído pela secura que o punho verrugoso da Peta Ponce encerra. Sim, restam-lhe poucos dias, Inés, temos pouco tempo: isso de estar sentindo que o frio miserável vem subindo por seus ossos como o mato que cobre as ruínas até afogá-las é a evidência de que o fim se aproxima, que você uma vez anulada, ficarei eu encerrado aqui nesta Casa com a Peta, cercado por esses muros sem saída contra os quais a velha me encurralará dizendo-me olhe, finalmente vim, aqui me tem, sou seu par porque sou grotesca, volto para você para repetir a noite da Rinconada e lhe cobrar o amor que me deve, para penetrar estes muros que o encerram sem vida e sem morte, nos frascos do doutor Azula, meus órgãos dentro dessas máquinas niqueladas que lhes ministravam oxigênio, soros, sangue para que meus órgãos continuassem funcionando até que ela viesse me buscar, e você foi buscar a Peta, Inés, estou esgotada, doutor Azula, quero envelhecer, dê-me órgãos e pele velhos, feições de harpia, uma cabeleira rala e grisalha para gozar do descanso de penteá-la em um coque que não aspire à elegância. Isto, você já o faz. Anda em farrapos e desgrenhada. Tem medo dos ventos encanados. Ficou mentirosa como elas: então não vou saber que o que você contou à

Dona Raquel é uma mentira? sim, a virilidade de Dom Jerónimo desapareceu depois de nossa noite na Rinconada, depois que fechei meus olhos nesta Casa para que ele não pudesse vibrar com minha inveja, e tenho sua potência, é minha, ela me pertence e vou guardá-la com meus manuscritos em uma gaveta debaixo de minha cama. Entretanto, por insistência de Dona Raquel, você concedeu uma entrevista a Dom Jerónimo para a próxima terça-feira, terça hoje, terça amanhã, terça toda a semana as bruxas recitam acendendo incensos, por isso é que você, que afinal está se transformando em bruxa, escolheu uma terça para que ele pisasse pela primeira vez nesta Casa: não sei que mal imagina fazer a ele se então já se terá completado a sua transformação e, com a secura e o frio de seus ossos, você terá adquirido o poder das velhas para derrotar Jerónimo com sua feiura completa.

A criança impedirá a entrada de Dom Jerónimo na Casa. Não posso deixá-lo entrar, nem permitir que sua luva cinza-pérola ou cinza-pomba roce em meu cotovelo, ele poderia vir do passado vestido com um fraque cinza para ir às corridas, ou com o braço na tipoia e as gizes marcadas com meu sangue como neste recorte que a Inés guarda e que apareceu no *Mercurio* de 40 anos atrás, você não pode trazer sua arrogância de homem completo a esta Casa desvalida, de ser a quem nada falta e, por isso, porque me extirparam tudo menos os vinte por cento que sempre estão diminuindo, sentirei a voz nostálgica que de dentro me apressa: aí o tem, Humbertinho, humilhe-se, peça-lhe um favor ou qualquer coisa que certamente ele o concederá, nada custará concedê-lo uma vez que seu pedido será insignificante, implore, que ele lhe dê facilidades para comprar uma casa, baixem o aluguel da casa em que moramos, trate de arranjar um emprego para você, lhe dê um cartão de recomendações, peça, admire-o, inveje-o porque ele tem tudo e é tudo e você não tem nada e não é nada, e eu raivoso me lançaria sobre ele como uma besta faminta para me envenenar com suas coisas, para devorá-lo até me enfiar, sim, sim, sei que faria algo espantoso que nos aniquilaria a todos se Dom Jerónimo aparecesse na Casa, não poderia me conter se tivesse que lhe abrir a porta para que entre e descubra o que resta de Inés, teria que me esconder para que ele não visse esses meus olhos que desde bebê, naquele povoado onde dizem que uma velha me encontrou, vêm me salvando a vida, e também agora, aqui na Casa, porque sou um bebê com um olhar tão triste e tão espiritual que devo ser santo

dizem as velhas, o senhor precisa dele, Dom Jerónimo, não o negue, não rechace meu olhar mas não venha à Casa, se insiste em vir vou ter que sair às ruas outra vez para procurá-lo e fazê-lo desaparecer, mas como encontrar aliados, quem me ajudará a não deixá-lo sequer pisar na portaria, quarta-feira, quinta-feira, os dias se substituem iguais aos anteriores, nas poucas janelas que ainda não estão vedadas a noite cai brusca como uma carta que, de repente, alguém virou, mostrando só as costas iguais às costas de todas as cartas de baralho, enquanto outras velhas jogam no canódromo na noite da capela, entre as velas, a meus pés, ao redor do trono de ouro do presbitério, essas duas se declararam inimigas, Inés e Iris ajoelhadas no chão, uma de cada lado do tabuleiro, as velhas enfeitiçadas com a partida, imobilizadas pela excitação que transmitem às outras, Iris quase nua porque Dona Inés foi ganhando tudo dela, está com frio, tem os olhos injetados, só sua raiva a esquenta porque não tem mais casaco nem vestido nem sapatos nem anágua, toda a sua roupa está num montão junto à Dona Inesinha que é tão boa e ainda melhor para os jogos, Iris treme, sacode os dados no copo, entram correntes de ar pelos orifícios antes ocupados pelos vitrais, batem seus dentes, o rosto parado em uma careta de raiva, lança os dados sobre o tabuleiro, perde o sutiã, tira-o, Inés o coloca em seu montão porque a sombra imensa da cachorra ganhou e ela tem direito ao sutiã da Iris, deixando-a com as tetas balançando e as velhas gritam não jogues mais, Iris, estás endemoniada pelo jogo, não sejas boba, tal pai tal filha, dizem que seu pai que fuzilaram perdeu até a vida jogando monte e, por isso, teve que matar, eu nunca tinha ouvido essa história, não sei se será verdade, mas dizem... dizem tantas coisas, você está viciada, Iris, não jogues mais, menina, por Deus, você está até emagrecendo, ontem jogou com Dona Inés a sua ração de grão-de-bico, hoje a ração de lentilha e o pão, além de toda a roupa e todas as revistas e um batom usado, não podes continuar assim, menina, por Deus, vai cuidar do teu bebê que está babando no damasco carmesim do trono, que outras joguem no canódromo, outras se ofereçam para vítimas da cachorra amarela que todas as noites vai nos despindo, você já chega, olha só como estás, não posso mais te emprestar meu xale, embora me agradasse porque me dá pena te ver assim encurvada e despida, tiritando ao lado do tabuleiro, mas eu não empresto porque tenho que me cuidar, não vê que estou convalescendo de angina, e eu de reumatismo, e eu de torcicolo,

além disso, tu só jogas por vício, e porque odeias Dona Inesinha desde que começaste a jogar no canódromo com ela, pelo menos, encomende-se a um santo, ajoelhe-se diante desta imagem que se chama Santa Brígida embora não se pareça nada com aquela que levaram numa carruagem negra e que nós vamos ter que transferir para a carruagem branca, rolhe, mas a Iris não reza. Inés também não reza. Antes, a Iris era a beata mas agora é só sua inimiga, quer despojá-la de tudo, que mais quer, o que a menina vai apostar agora se não tem senão essas calcinhas emporcalhadas. A cachorra amarela ganha sempre.

— Então, que aposta agora, Iris?

Não, não, gritamos para você, as velhas, rogando que tenha um pouco de cabeça para as suas coisas, estás fraca, Iris, estás resfriada, nossas caras angustiadas nos rodeiam na penumbra, não, Iris, o diabo anda por aqui, tens que ter mais caráter, não falem do diabo que dá medo e há só uma vela presa junto ao tabuleiro, Iris grudada a um de seus lados, luzindo suas tetas enormes que só posso chupar, nunca brincar com elas como a Damiana e como brincam os bebês com as tetas de suas mães, nuas essas tetas, os mamilos duros de frio, ponha seus mamilos na minha boca que eu aqueço esfregando com minha língua áspera e ela, a senhora, a dona, um xale quadriculado cobrindo os ombros e o coque desfeito, presa do outro lado, olhando para Iris, desafiando-a:

— Que houve? O que aposta?

— Meu bebê.

Primeiro o breve silêncio da estupefação, logo o clamor, não podes fazer isso Iris, és uma guria degenerada apostando o filho de tuas entranhas que além do mais é santo, olha só como chora o pobre porque tu o deixas no damasco da cadeira sem se preocupar para que ele esteja abrigadinho no berço, olha como correm os ranhos, olha só a pena com que te olha porque as crianças santas compreendem as coisas e ele compreende que sua mãe o está apostando contra a cachorra amarela no tabuleiro de Dona Inesinha que é tão boa a senhora e tão caridosa mas tão jogadora que ficou aqui nesta Casa, que já não parece a mesma de antes.

Você, Inés, me olha como se estivesse me avaliando, como que para calcular quanto valho e decidir dentre tantas possibilidades que aposta opor à da Iris: aposta alguma coisa bela, Inés, eu lhe peço, algo suntuoso como seu agasalho de vison caramelo, os brincos de pérolas, o direito de tocar sua carne antes que a Peta

Ponce se apodere completamente dela, aposta alguma coisa que me garanta que valho muito.

— Aceito.

— E a senhora o que aposta?

Você olha à sua volta, a pilha de andrajos, você os apalpa, não, essas coisas não, sorri, leva a mão à boca com esse gesto de algumas velhas para ocultar a falta de dentes, e de repente, penetra mais além do gesto habitual e mete a mão na boca, tira a dentadura, coloca-a ao lado do tabuleiro ficando com a boca sumida e desdentada como as das que dizem não sabíamos não, Dona Inesinha por Deus, todas acreditávamos que tinha dentes tão bonitos para sua idade e comentávamos isso admirando-os, será a boa alimentação desde pequena perguntávamos, em nós que nascemos pobres e crescemos desnutridas os dentes começaram a se estragar aos 15 anos, como na Iris.

— Meus dentes.

Aquietam-se os rostos talhados no escuro. Ocultam as mãos entre os andrajos, brilham os olhos cheios de água que têm testemunhado tanta coisa e agora são testemunhas disto, o círculo das velhas silenciosas aproxima-se das duas mulheres ajoelhadas aos pés do meu trono de ouro, uma de cada lado do tabuleiro, a cachorra amarela é Inés, a cachorra branca é Iris, rolam os dados nos copos de couro:

— O número maior começa.

Inés joga o dois, Iris o quatro. Começa a Iris. Quatro de novo para a cachorra branca, um, dois, três, quatro: a cachorra branca é de plástico, apoiada sobre uma pequena plataforma do mesmo material vagabundo, as mãos da Iris fazem-na avançar sobre o tabuleiro de papelão ordinário onde há casas e ladeiras e rios toscamente desenhados. Inés tira um cinco. A cachorra amarela, inquieta, pronta, lança-se à corrida uivando, cross country, um, pelo caminho empoeirado, dois, cruza a cerca de louros, três, para no meio do charco que reflete a lua para beber um pouco d'água e com o quatro continua subindo pela suave encosta de um monte até chegar, com o cinco, ao pátio de uma granja e continua correndo e correndo a cachorra de plástico branco fica para trás enquanto a cachorra amarela já quase não se vê, corre mais que nunca porque me quer, vou lhe pertencer, por isso a cachorra amarela se esforça, para me merecer com um triunfo espetacular, um, dois, três, quatro, cinco, seis, que sorte Dona Inesinha jogue outra vez, quatro, um,

dois, três, quatro, vou ser de Inés porque a cachorra amarela conseguirá que ela me tome em seus braços exatamente antes que seus braços se transformem nos lenhosos braços da Peta que me aprisionariam, se apropriaria de meu sexo com seu sexo apodrecido e meu sexo apodrecerá dentro de seu sexo cheio de vermes vorazes, a cachorra amarela está me salvando dos braços da velha, corre, corre, cachorra amarela uivando para a lua e seguindo seus raios, já não se vê a cachorra de plástico, as velhas gritam, retorcem as mãos, rezam terços, não sabem mais quem querem que ganhe, mas todas apostam em Dona Inesinha embora a pobre Iris sinta frio, vou ser seu, finalmente, embora seja só da recordação de uma Inés perfeita demais para que jamais tenha existido mas dócil à cachorra amarela que desliza entre os sapos da margem do pântano para se ocultar dos dez ginetes perigosos, sua sombra oscilante esconde os rostos de algumas velhas e resgata momentaneamente outros, um, dois, três, que importa que seja só um três se lhe falta tão pouco Dona Inesinha, vamos ver, Iris, agora, depressa, não sacuda tanto o dado, jogue-o ufa só um dois, agora a senhora Dona Inesinha não vai demorar nada para ganhar um, dois, três, quatro, cinco, seis, para trás, mas joga outra vez porque é um seis: três, um, dois, três, pronto, ganhou, viva a cachorra amarela chegou à meta e Iris chora e cobre o rosto com as mãos enquanto as velhas felicitam Dona Inesinha dançam alegres enquanto Iris se converte numa casca inútil, não é mais a beata, não é mais ninguém, Inés se põe de pé, dá um pontapé na dentadura que se perde em algum canto da capela, pega-me em seus braços ansiosos cuja maciez recordo, ela é a beata de verdade, ela é milagrosa, senta-se majestosa comigo em seu trono, as velhas se inclinam, acendem mais velas, chovem pétalas de flores, incenso, o milagre foi feito por Dona Inés, ela é a verdadeira santa, ela é a dona, amanhã mesmo começará o culto aqui na capela com Boy em seus braços, concebido sem intervenção masculina pela beata Inés de Azcoitía em quem os de Roma não acreditam porque são uns hereges que não creem nos milagres, são todos comunistas, não têm a fé da boa gente de antes, que se abram as portas da capela, que corram a avisar todas as velhas da Casa, manda a beata, a todas, inclusive as outras que só suspeitavam, acodem velhas de todos os pátios, descalças e embuçadas nos xales, levando velas nos castiçais, arrastando camisolas de flanela, dizem que Dona Inesinha fez um milagre, que apesar de sua idade e de que nenhum homem a tenha tocado, deu à luz uma criança esta

noite na capela, arrastam chinelas apressadas para não perder o espetáculo, uma legião que se aproxima pelos corredores e pátios e passadiços para venerar Dona Inés e felicitá-la pelo milagre, ela é a beata Inés de Azcoitía que levará todas à salvação não em uma só carruagem branca mas num cortejo de carruagens brancas, talvez uma para cada velha porque Dona Inés é milionária, dizem, para irmos cantando com todos os nossos pertences ao céu, estamos em festa todas as velhas porque não vamos ter que morrer, isso nos dava medo e agora não há por que ter medo dos corredores tenebrosos e das vastas habitações vazias, onde Iris deve ter-se perdido, seu destino não interessa a mais ninguém agora que se apresenta a perspectiva de pompa e esplendor, ela está alheia a isso, digam o que disserem a Madre Benita e o Padre Azócar e até mesmo o Arcebispo organizaremos rituais aqui nesta capela para que a beata Inés de Azcoitía os presida de seu trono de ouro, com a criança em seus braços, tal qual nos quadros de pintura. Os xales das que chegam se agitam nas correntes de ar dos corredores, as que de nada sabiam ouvem finalmente das bocas trêmulas das outras velhas o que tanto ansiaram saber e correm a prostrar-se, o assombro ilumina-as diante do milagre da beata rediviva vestida de andrajos e sem dentes e com as grenhas cinzentas revoltas, como todas elas, agora cantam todas, ajoelham-se todas, reconheço a Madre Júlia com sua testa tocando o solo, o coro das vozes rezando terços, Eliana extasiada, respondendo aos padre-nossos com ave-marias, até que Inés disse chega, estou cansada, quero ir descansar, deve ser tarde. Vocês, enquanto me deito, preparem a criança como as babás fazem com as crianças de gente rica, que levam seus filhos à cama depois de lavados, com talco e perfumados, e então a mamãe mima o filho. Não antes.

— Parece que o menino também está com sono.

— Deve estar molhado.

— É preciso mudá-lo.

— É preciso mudá-lo antes de levá-lo à senhora.

— Sim, vamos levá-lo para a cama.

— Vai se deitar, então?

— Sim, estou cansada.

— Bem, logo que estiver pronto...

— Tentarei esperá-lo acordada.

— Nós não vamos demorar nada.

— Lavem só o bumbum.

- Será que fez cocô?
- Deixe-me cheirar... puf, fez...
- Que menininho mais porco.
- Mais respeito com a criança, Rosa, por favor...
- Bem, boa noite, senhora.
- Boa noite.

Estão me lavando, as 40 asiladas assistem à cerimônia, raspam meu pelo púbico, dos testículos, manipulam meu sexo sem asco porque sabem que é uma coisa inútil, vamos pôr a criança sobre um colchão branco, sobre um lençol branco, e se a gente o deitar peladinho assim na cama da senhora, isso vai agradá-la porque assim as crianças aquecem mais, sim, então é preciso barbeá-lo todo, as pernas magras, o queixo, é preciso ter cuidado com a cútis delicada de uma senhora como Dona Inesinha.

SEU QUARTO ESTÁ escuro. Nosso quarto. Sob os lençóis, a meu lado em nossa cama, você respira profunda e compassadamente com o sono do veronal que não pode deixar de tomar todas as noites para espantar os terrores do sono descontínuo. Ainda que você não saiba, na quieta noite dos adobes desta Casa, neste quarto escuro e nesta cama quente, vamos cumprir a magia do momento que estas paredes vêm conspirando desde sempre para que se cumpra. Inés. Como era maravilhoso vê-la andar pelos corredores da Rinconada. O pescoço longo, a voz talvez muito rouca mas sempre quente, as pernas longas, a cabeça pequena, o modo como lhe caía das mãos o livro que lia reclinada em seu *lit-de-repos*... sua figura sugerida foi se perdendo no entardecer dos corredores e já não posso recuperá-la, a pele de mel, os olhos escuros, verdes, amarelos, inclinando a cabeça um pouquinho para falar comigo, ao extremar o sorriso para tocar os limites do riso sem jamais chegar a ele: você está aqui, comigo nesta cama, encarnando a beleza embora já não seja bela, mas ainda é você, ainda não é a Peta que está vindo me buscar do interior de sua carne que continua sendo a de Inés e que vou tocar agora, antes que a Peta aflore. Sinto seu cheiro aqui, embora avançando detrás, sinto o cheiro à velhice e à decrepitude e à cobiça libidinosa que vai vencer seu cheiro, roço em sua mão áspera e a afastado insultado pela aspereza, aguardo, porém, em silêncio porque ainda é Inés, quero estar sob seu lençol, na auréola de seu calor que fará ressurgir em mim a potência que eu

tenho e que seu marido não tem, deixe que meu desejo traspasse a barreira repelente de sua atualidade, deixe-me nu junto a você para que vá eliminando sua feiura, sua avidez, sua velhice, sua loucura, sua estupidez, disfarces sucessivos que nunca tirou, deixe-me tolerar um pouco mais seu fedor para descobrir, no fundo horrível de seu cheiro, a Inés imutável oculta sob esta ruína suja, deixe-me invocá-la como você devia ser sempre para que minha potência a reconheça aqui no seu calor que acaricia meu corpo nu. Você dorme. Ouço-a dormir. Pena que ronque. Temos nossas cabeças sobre o mesmo travesseiro. Se pudesse pelo menos rejuvenescê-la um pouco, destruir o trabalho de Azula, então, estou certo, poderia não ficar fora de você, poderia desejá-la com meu corpo com a mesma ansiedade com que a deseja minha imaginação, se tivesse a suavidade da pele da Iris, seus peitos levantados, suas pernas lisas, sim, Dom Jerónimo, se Inés tivesse estas coisas o senhor perceberia que minha virilidade é mais verdadeira que a sua, mas assim não, não quero me humilhar outra vez, quero sair dessa prisão, quero tocar a beleza como beleza, não disfarçada de carne estragada e manchada de sujeira com estas grenhas grisalhas, ou este corpo malcheiroso sob sua suja camisola. Mas é você. Isso tem que bastar. Não quero tocá-la. Toque-me você primeiro. Peça-me.

Pego sua mão adormecida e com ela toco em meu corpo. Você tem que me reconhecer, Inés, aceite-me pelo menos agora, tal como sou, seja quem for, Humberto, Mudinho, velha, bebê, idiota, flutuante mancha de umidade na parede, acordo porque você está me tocando. A noite do campo é imensa lá fora. O tordo que nos olha de sua gaiola não para de saltar. Acordo porque seus dedos ásperos mas ainda não verrugosos estão envolvendo o meu membro, acariciando meu ventre, adormecida você se volta para mim, Inés ainda, aproxima-se de meu corpo nu que estará pronto em um segundo, tão logo suar boca desdentada busque a minha e não a refugue. Seu corpo adormecido junta-se ao meu, adormecida você se vira de costas, arrasta-me para me pôr sobre você, e então eu a toco, minhas mãos em seus peitos que sinto flácidos e grito:

— Inés!

Você se acorda.

— Jerónimo...

Você não disse Humberto. Disse a mesma palavra odiada que a Peta Ponce disse naquela noite na Rinconada, e no escuro misturou tudo e confundiu o tempo, os reflexos e os planos que outra vez me

confundem. Essas sílabas outra vez dirigidas a mim. Então eu também não aceitarei que seja você. Não sei quem é, já não é Inés, toquei em você e minha vara mágica transformou-a em uma harpia desdentada, do fundo de sua carne a velha surgiu em sua superfície e se apoderou de você, do horizonte dourado voltou a bruxa amarrada ao tronco e se encarnou na menina, os enxertos do doutor Azula e Imperatriz triunfaram, você é uma velha, é a Peta que renasce sob meu corpo aterrorizado e você se levanta sob ele, guinchando, afastando-me mas eu não a quero, Peta, você me dá nojo, me dá medo, você substituiu Inés completamente, anulou-a, não quero tocar sua carne bichada ainda que guinches e na escuridão escapulo e me perco nas trevas dos corredores onde ressoam seus gritos de terror cada vez mais roucos, não é mais sua voz é a voz da Peta, uma voz de velha, gengivas desdentadas que pedem ajuda, você tem medo da morte, Inés não está mais, só está a Peta que, finalmente, pôde entrar conseguindo que o doutor Azula a disfarçasse em Inés. Peta guinchando, socorro, socorro, Madre Benita por Deus, socorro, não posso acender a luz, tenho medo do escuro, a campainha sim, soa a campainha, atravessa toda a Casa, a campainha de Dona Inés, o que aconteceu à senhora que pede socorro e chora e não sabem que você já não é mais Inés e sim Peta e acodem a ajudar a senhora que pede socorro e chora, Madre Benita por favor acenda a luz, você acorda chorando, sentada quase nua na beira da cama, garantindo, aos gritos, que até um minuto atrás havia um homem bolinando-a sob o lençol, deve ter me violado, não posso mais, não pude me defender porque o veronal produz um sono muito profundo e ela não pode mais, não é capaz. Não seria um sonho ruim, pergunta Madre Benita? Não seria o pesadelo inicial? Não, não, foi verdade, olhe Madre, a marca de seus dedos em meu peito que apertou para me causar dor, acordei com a dor, não, Dona Inés, não precisa me mostrar nada, vocês, velhas, vão embora, é melhor que elas não saibam nada destas coisas, Dona Inés, olhe que são muito faladoras, vão deitar-se, foi só um pesadelo da senhora, sim, sim Madre Benita, por favor, que as velhas saiam, mas francamente Dona Inés, como vou acreditar que de noite um homem, um degenerado, se meteu em sua cama se nesta Casa não há nenhum homem, não grite mais, acalme-se, tome um copo d'água, tome... não, não quero mais tomar nada, a gente nunca sabe que coisas nos dão para tomar, que podem ser perigosas. Está bem, Dona Inés. Vê como está voltando à razão? São

esses remédios que a senhora toma para dormir que provocam esses sonhos ruins.

— Sonhos?

— Que outra coisa pode ser?

— Atreve-se a insinuar, Madre...?

— Um pesadelo.

— Não, não é isso que está insinuando.

— O que, então?

— Que estou louca.

— Dona Inés...

— Claro. A senhora é igual às outras. Todas pensam que estou louca porque vim viver aqui. Mas vou embora desta Casa nesta noite mesmo, não fico mais, tenho medo, que numa Casa santa como esta aconteçam escândalos assim, é o cúmulo e por culpa sua, Madre Benita, não venha me dizer que não, porque é muito pouco o que a senhora faz, imagine as coisas que eu poderia lhe contar e vou contá-las quando estiver fora, não pense que não acontecem, imagine só, um homem desconhecido na cama de uma mulher como eu, uma velha que quer tranquilidade para passar seus últimos dias em oração, distraindo e ajudando as asiladas no Que pode, humilhando-se por seus pecados, e veja só o que acontece, agora estou me lembrando de mais coisas que esse homem esteve me fazendo na cama, sim, estava completamente nu, não Pense que apesar do escuro não o vi sair do meu quarto, não pense Que não senti suas coxas entre as minhas, seu... me dá calafrios pensar nele, eu submetida outra vez à escravidão da qual, pensava, já me havia libertado para sempre, esse homem quis me violar como me violaram todas as noites de minha vida porque nunca o foi por ternura, paixão nem por amor, Madre Benita, foi sempre violação, todas as vezes, desde a primeira noite, sempre o assalto, nunca nada compartilhado, sempre um ser estranho metido comigo entre os lençóis me obrigando a sentir coisas que eram diferentes das coisas que eu queria sentir...

— Dona Inés...

— Sim?

— Não conte coisas que depois vai se arrepender de ter dito, coisas de sua vida privada...

— Eu não tenho vida privada. Minha vida privada foi de outra pessoa.

— Acho que o melhor que posso fazer é chamar Dom Jerónimo

para que venha buscá-la.

— Sim... não. Está na Rinconada.

— O que faço, então?

— Não sei... vou embora...

— Como? Para onde?

— Telefone para Raquel.

— Bem, vou...

— Não me deixe sozinha por nada.

— Se quiser chamo alguma das asiladas.

— De modo nenhum...

— O Mudinho, então...

— Está bem, o Mudinho vá a senhora, ponho umas coisas em minha maleta e o Mudinho me acompanha à portaria para esperar a Raquel...

A senhora sai correndo pelos corredores, Madre Benita, isto é grave, Inés enlouqueceu, não é possível, não pode acontecer, não podem me sobrecarregar com estas responsabilidades além das outras. E claro, chama Dona Raquel, a pobre Inés sempre teve estas obsessões, claro, pura loucura, disse que se Dom Jerónimo se aproximar dela se atira pela janela para se matar, chamarei um médico imediatamente, Madre Benita, é preciso levá-la a um sanatório, dizem que na Suíça esteve em um, sim, esteve em um na Suíça, Madre, mas não para os nervos, embora agora entenda, pelo que a senhora me conta desta noite, deve ter sido algo como um manicômio e Jerónimo não quis contar a ninguém, a senhora sabe como é orgulhoso, mas eu não posso compreender que uma mulher como a Inés tenha esse tipo de loucura tão suja, Madre, vou me demorar um pouco, garanto que a Assistência Pública chega antes, e os médicos da Assistência Pública chegaram antes, vestidos de branco, enquanto Inés esperava com seu *nécessaire* na portaria, chorando, e quando os viu, começou a fugir e a berrar e entre os médicos, enfermeiros e eu a pegamos, quiseram dar-lhe um comprimido mas ela cuspiu, foi inútil tentar dar-lhe uma injeção porque a agulha pode se quebrar, e eu ajudei o médico e os enfermeiros a vestir uma camisa de força na Peta Ponce que esperneava, cuspia e mordida dizendo que não estava louca, que todas as velhas desta Casa estavam loucas, que eu era um imundo porque havia me metido em sua cama, então amarramos a camisa de força, gritava para que fossem ver a capela se não acreditavam, de que loucuras fala esta pobre mulher, perguntava o médico, pobre

senhora, diziam os enfermeiros, eu sacudia minha cabeça compassiva, Madre Benita rezava com os olhos cheios de lágrimas enquanto todos nós amarrávamos a camisa de força e ela esperneava e mordida, pobre senhora, pobre Peta Ponce, no mesmo corpo de Inés amarrando as duas você terminará suas seculares perseguições atrás das grades de um manicômio, longe de mim, sem acesso ao que queria que eu lhe desse, vigiada por enfermeiros de força brutal, vestidos inteiramente de branco e que a domarão, sim, quando chegar ao hospital você terá se incorporado à carne de Inés, depois, lá dentro, talvez alguma das duas prevaleça ou talvez não, talvez seja Peta por uma temporada e Inés por outra, ou vivam o amor mais completo encerradas na mesma carne, o milagre de Azula se terá cumprido, a Peta inutilizada, a Peta internada como louca, porque ninguém acreditará nas histórias horríveis que contará obcecada por essa alucinação de um homem nu metido em sua cama e que fui eu, com minha potência que não quis lhe dar, Peta, eu a neguei, e me vinguei de você e de Inés que me negou sua boca como se eu fosse sujo, e a você, Peta, vão internar disfarçada na carne de Inés para que não procure mais meu sexo, levarão as duas no mesmo corpo, não terei mais que temer a Peta nem desejar a Inés porque ambas estarão presas em um manicômio enquanto eu, com toda calma, guardarei minha potência no caixote que está debaixo de minha cama, que é onde nós, as velhas, guardamos tantas coisas.

Conseguiram dar-lhe uma injeção. Foi se acalmando. Deitaram-na em uma maca, Madre, não me deixe ir sozinha, acompanhe-me, por favor, tenho muito medo, você implorou antes de dormir, e a senhora, Madre, em sua missão de misericórdia, sobe na ambulância branca que as leva ao manicômio: quando acordar acordará em um quarto branco com uma só janela que não será janela mas uma grande fotografia que você pensará que é janela de verdade porque até esse tipo de deferência eles têm com os loucos, colocam uma fotografia para que acreditemos que existe um exterior. Você não tornará a sair. Ninguém acreditará que eu nem nenhum homem estive em sua cama, nenhum homem se mete na cama de uma velha como você, Peta, nem eu que sou mais desprezível, lixo, lixo, aqui nesta Casa não há senão lixo, diz o Padre Azócar, mas tive que passar pelo difícil transe de iniciar uma violação para me desfazer de você. Inés não importa. Inventei-a para tocar a beleza, mas no fundo dessa beleza de Inés jovem habitava você, desde sempre,

desde os séculos dos séculos, viva como as fogueiras, variável como a água, esperando o momento em que eu acreditasse que tinha a beleza em meus braços para escamoteá-la, como escamoteou o cacique à menina bruxa e colocou você em seu lugar para que recebesse o castigo, e do fundo dos séculos você tentou fazer a troca inversa. Mas eu a venci. Se é bruxa, o que é duvidoso — talvez não seja mais que uma velha miserável qualquer — enganei-a e consegui eliminá-la. Inés não foi mais que uma isca. É você que sofrerá internada porque saberá que eu, o desejado, estou fora de seu alcance enquanto você olha para uma janela clara, alta, colocada bem no alto para que não sinta o impulso de fugir para me procurar, nem tente arrancar com suas unhas o embuste dessa foto. Por isso, amanhã, vedarei todas as janelas que ainda não murei aqui na Casa. Agora é impossível abrir qualquer uma delas. Eu as fui murando com tanto cuidado que nem sequer se nota que existiriam alguma vez, porque de noite, empoleirado em meu andaime, dedico-me a criar chagas no reboco, poros cheios de baba branca onde se criam as aranhas, descascados de antigas pinturas sucessivas, para criar uma simulação de deterioração. Fui eliminando as janelas. Como agora terei que eliminá-lo. Você se preocupará com o bem-estar de sua pobre mulher enferma mas não saberá que é a Peta Ponce. Tenho que eliminá-lo. Minha imaginação é sua escrava como era seu escravo o corpo de Inés, você precisa de minha imaginação para existir, Inés e eu, seus criados, Inés e eu, animais heráldicos, inventados para sustentar sua proporção heroica simetricamente, um de cada lado. A ela, já eliminei. Começa a cambalear. Agora eliminarei a mim mesmo para que você desmorne e se parta em mil fragmentos ao cair, depois colocarão esses fragmentos no carro do Mudinho e o Mudinho os arrastará até seu pátio para que a chuva e o tempo e o vento e o mato o corrompam e o eliminem. Tenho muitas páginas em branco, a espera de que eu escreva seu fim, tenho muito tempo para inventar o fim mais abjeto porque agora estou a salvo aqui na Casa, que esta noite ficou sem a presença ordenadora da Madre Benita e tudo pode acontecer agora que as velhas limpam a capela sem deixar marcas de nossa ocupação e foram dormir. Acordarão amanhã com a memória em branco para criar de novo o universo, farei com que dancem atrás de minhas janelas condenadas, a Casa toda anulada, sem orifícios para entrar nem sair, a Casa enfeitçada, todas nós enfeitçadas, nós já não tememos nada, eu já não temo a Ponce

porque a Madre Benita a levou em um furgão branco, numa camisa de força, berrando e deixando de berrar pouco a pouco para ir terminá-la talvez em um buraco no centro da terra, levou-a em um furgão branco, Dona Raquel, que coisa horrível o que aconteceu à pobre Dona Inesinha, tão boa a coitada, faz meia hora que partiram e Dona Raquel também vai procurá-la no hospital. Quando Dona Raquel for embora, todas as velhas e as órfãs estarão dormindo para esquecer tudo. Abro o portão, que é o único orifício que esta Casa ainda tem, abro-o, fecho e saio à rua.

FAZ POUCO QUE soaram as doze da noite na torre das Mercês. Nas ruas de verão o calor persegue as camisas suadas e os ombros nus que branqueiam um instante antes de desaparecer atrás do escuro de uma esquina. As luzes nos cafés do centro não se apagam, embora pudessem apagá-las porque quase todas as mesas estão vazias... apenas um rapaz barbudo aborrecendo-se junto à sonolenta companheira de lassos cabelos e três homens separados, os três de terno azul e bigode aparado, homem, é o cúmulo que os salários sejam o que são e têm sido sempre e a garrafa de vinho de sempre, pessoas que jamais chegarão a ser notícia, gente morna, incolor, mutável, sem nada de insólito, reflete Imperatriz, seguindo o doutor Azula entre as mesas manchadas de vinho tinto, restos de sanduíche juntando moscas em um prato, guardanapos de papel amassados, a luz fluorescente pisca e quer apagar-se, como isto é feio, Cris, não importa, não temos tempo, esta mesa serve, vamos chamar aquele garçom de casaco sujo.

— Dois capuchinos.

Os Rolling Stones uivam para este público sentado em cadeirinhas de cores berrantes que mal se dá conta de suas qualidades musicais, suas exortações e lamentações. Café. É preciso limpar a mente em uma ocasião assim: decidir imediatamente, aqui mesmo, agora, na vulgaridade estridente deste local, o futuro de suas vidas.

— Vamos embora, Imperatriz.

— Para onde?

— Para a Europa.

— Você acha que se Jerónimo quisesse se vingar de nós não nos encontraria lá? Lembre-se que a Europa já não está tão longe como no seu tempo.

— Claro, com isto de *fly now pay later*...

— Então. Além disso, faça-me o favor de dizer por que tem tanto medo de Jerónimo. Somos seus escravos? Por que se vingará de nós, só porque o Boy fugiu? Que culpa temos nós? Podemos deixar o seu serviço no momento que quisermos. Não imagina como estou

chateada depois de 15 anos de convivência com a Berta.

— Imperatriz.

— Que é?

— Aproveitemos para ir embora. Temos toda nossa fortuna na Suíça. Foi crescendo com os anos, está muito grande.

O doutor Azula esperou-o fim da entrevista anual acocorado entre os acantos do parque, frente ao casarão amarelo. Vira-os conversar e rir na biblioteca, tomar conhaque em gordos copos, fumar, examinar juntos os contratos para reajustar os salários mais altos, apagar as luzes para projetar slides da bucólica vida na Rinconada.

De saída, Imperatriz disse a seu primo que não, obrigada, que nesta noite preferia que não a mandasse deixar no Hotel Crillon^[13] em sua Mercedes, a noite tão morna, há tanto tempo não andava pelas ruas da cidade... gostaria de se perder um pouco, vagar por esses lugares que antes conhecia tão bem.

— Boa-noite, Jerónimo.

— Boa-noite, Imperatriz.

Atravessou a rua até o parque e Cris surgiu entre os acantos. Disse a ele em duas palavras: Boy desapareceu. Como? Quando? Impossível. Conte, conte. O que vamos fazer, que vamos fazer, meu Deus? Não deixou pista, algum indício? Não, nada, todos se culpam uns aos outros na Rinconada. Basilio quase matou Melchor quando este, depois de tudo, chamou-o de maricas, você é o culpado, foi você, o menino não pode ter se afastado muito sem que você o levasse nos ombros, maricas, mas não foi Basilio, ninguém sabe quem é o culpado, a Rinconada está em revolução, os monstros de primeira, as malas prontas, esperando a volta de Imperatriz com seus salários anuais, os monstros de segunda e terceira em intrigas para se apoderar de postos mais altos, o rumor estendendo-se pelos campos habitados por monstros insignificantes que iniciaram uma busca entre as matas. Berta declarou que não se importava com o dinheiro e que ia embora e Cris estava certo de que a estas horas, impulsiva como era a Berta, já estava na cidade e quem sabe onde... diziam que nas redondezas da Rinconada tinha havido um crime, assaltos a mão armada, ranchos incendiados logo que os monstros inferiores souberam da notícia do desaparecimento de Boy e começaram a debandar porque diziam que alguém vira um ser normal perto dos galpões, que os seres normais, ao saber que Boy tinha fugido, começaram a avançar, a invadi-los para ocupar todos

os ranchos, o fogo ainda vivo e as galinhas no galinheiro, tudo abandonado assim, tal e qual, porque o paraíso ia terminar, era preciso fugir para não serem devorados pela vingança... a debandada, Imperatriz, a ruína...

— E meus chapéus?

— Pense nos que vai poder comprar na Europa.

— Dizem que lá o artesanato já não é mais o que era.

— Em todo caso, Imperatriz...

— Penso também...

— Não é hora de pensar, filhinha, é hora de agir...

Baixou os olhos.

— Filhinha.

Ela não responde.

— Imagine a vida que poderíamos levar lá, livres. Eu não estou tão desvinculado dos meios científicos. As pessoas não esqueceram o que fiz pelo progresso da ciência. Uma casa de repouso, um sanatório elegante na Suíça para monstros filhos de pais ricos, um ou outro transplante quando o caso me interessar. Com o dinheiro que temos guardado nestes 15 anos de sacrifício...

— Minhas Fiat^[14] acabam de dar filhotes...

— Não pretendo estar na vanguarda, como antes. Mas ainda tenho conhecimentos para formar uma equipe de primeira...

— Eu poderia descansar...

— Não, meu amor, preciso de você! Não entende que faz parte de minha vida criativa, que sem você não existe? Além disso, é, tem sido e será sempre uma mulher de ação e preciso de você como diretora de meu estabelecimento: cabeça para as finanças não tenho, e para organizar o pessoal... só tenho confiança em você...

— É verdade, Cris?

— Juro...

— E poderemos tirar longas férias quando tudo estiver bem e não houver problemas graves...

— Comprar uma mansão em Marbella, dessas que aparecem tanto na *Vogue*...

— Ai, sim, sim! Onde vai todo o *beautiful people*, Audrey Hepburn, Marisa Berenson, Penelope Tree... Mas como é que você sabe que Marbella é que está na moda? Você ria tanto da minha cultura à base da *Vogue*.

— Às vezes eu a leio no banheiro... Calcule, *vernissages* em Paris, Marbella dizem que está maravilhosa. Fazer-se retratar por Cláudio

Bravo...

— Prefiro a Leonor Fini... faz mais meu gênero...

— Está bem, Leonor Fini. Mas voltar à Espanha... Santillana del Mar, Santiago de Compostela, aqueles povoados bascos verdes, verdes, de onde saíram nossos antepassados... ver tudo isso juntos será como vê-los pela primeira vez.

A voz de Cris falando-lhe. A virilidade de seu castelhano pedregoso, ressequido:

— É só questão de querer. Você mesma disse. Não somos escravos de Jerónimo.

A anã guarda silêncio por um instante e fecha os olhos.

— Há uma coisa que quero que me diga, Cris.

— Que é?

Mantém os olhos fechados, úmidos sob seus cílios postiços, e estende a mão sobre a mesa, afastando o açucareiro. Cris a toma com suas garras e a aperta: a pergunta e a resposta são mudas, mas o ato de contrição é necessário.

— Imperatriz, meu amor, como pode duvidar. Apesar das minhas fraquezas, das bobagens que tenho feito, mais por causa da inatividade, você é e continuará sendo a única mulher de minha vida. Vamos amanhã, no primeiro avião!

Ela, o rosto iluminado, abre os olhos para olhar o único olho de Cris e percebe que à volta deles as outras mesas do café vão se enchendo, que os corredores entre as mesas estão ocupados por um amontoado de gente em pé, olhando-os... separam as mãos, escondem-nas, mas nós continuamos de pé, fascinados, sem muito ruído porque quase não ouvimos, cercando Cris e Imperatriz com a nossa curiosidade de seres homogêneos, destruindo-os com o nosso assombro, aprisionando-os, amarrando-os a suas cadeiras com a nossa estupefação, nós somos seres diferentes de Imperatriz e Cris, somos idênticos ao curioso do lado porque nenhuma deformidade nos marca, nossos olhares são como grilhões para imobilizá-los... empregadinhos de banco... detetives... contínuos de ministérios... inverossímeis rapazinhos cabeludos que deviam estar na cadeia como revolucionários ou efeminados, dá no mesmo... talvez putas... caixeiros viajantes entre um trem e outro... um cego, uma mendiga, um policial de folga, nossa curiosidade imobilizando-os. Imperatriz consegue murmurar:

— Vamos.

— Sim, vamos.

— Pague, Cris...

— Garçom!

O garçom se aproxima:

— Quanto devo?

— O patrão manda dizer que nada, obrigado...

Imperatriz levanta-se, ajeitando-se em sua Emba Mutation Mink. Na Europa, chinchila. Sim, senhor, dizem que no Evas, em Barcelona, Dom Carlos vende chinchila violeta. Sim, senhor, ainda terei um casaco de chinchila violeta. Para alguém do meu tamanho não pode ser muito caro.

— Mas por quê?

— Bem, é que os senhores chamaram tanto a atenção que foi se espalhando a notícia de que estavam se exibindo aqui, então começou a entrar gente para vê-los... olhem como estão as mesas, todas cheias e bastante consumo a esta hora, quando nos outros cafés da zona as almas estão penando. É cortesia da casa...

Imperatriz pega a bolsa e seguindo o marido abrem caminho entre os curiosos, que irrompem em aplausos vendo-os sair, não, Cris, não vamos a nenhum lugar, voltemos a nos esconder na Rinconada, quanto mais cedo melhor, Jerónimo não vai se meter conosco por mais um ano e Boy não aguenta um ano fora, com licença, deixem-nos passar, deixem-nos sair, não se amontoem na porta, não, não é circo, que autógrafos querem que a gente assine, vamos, Imperatriz, estou com o carro estacionado a algumas quadras. Os curiosos aglomeram-se à porta do café enquanto o casal se perde rua abaixo. Um mendigo desengonçado, os olhos cintilantes e as mãos eloquentes, seguiu-os tentando fazer-se compreender, surdo-mudo, disse a Imperatriz, dê a ele uma esmola, Cris, que nojo, como está vestido, que tipo tão insignificante, como está fraco, quer nos dizer alguma coisa, articulo palavras que eles não podem ouvir, gesticulo, quero explicar-lhes a necessidade de nos desfazer de Jerónimo, todos nós precisamos destruí-lo, para isso vim, saí da Casa para me encontrar com vocês, para confabularmos, o que quer este homenzinho, por que não vai embora e nos deixa tranquilos, é que está desesperado, sim, desesperado porque nos resta tão pouco tempo antes que Jerónimo aja, este mendigo deve estar com fome, olhe só como suas pernas se arrastam, a cara transparente como uma alma, olhe só como suas pernas tremem, param sob um lampião como se fosse para me ajudar, os monstros estendem para mim sua piedade, olham meus lábios se movendo,

aprendem a ler sílabas e palavras, depois, pensamentos, em meus lábios mudos, entendem, escutam sobressaltados, já não preciso gesticular tanto, falamos, temos tanto, tanto que nos dizer vocês e eu, devem seguir minhas instruções até o fim, prometam-me que não sobrá um só vestígio de sua existência.

— BERTA...

Berta não respondeu.

— Aonde vai com esta cara?

Berta continuou arrastando-se.

— Ficou completamente louca?

Dirigia-se nua aos pátios de Boy, os olhos vidrados, o olhar vago, sem responder Imperatriz que continuava exortando-a, que falta de pudor, Berta, e com este clima horroroso, e não é que queira lhe dizer uma grosseria, mas volte à razão, nem você nem eu temos idade para andar nos exibindo assim... Berta... Berta... incrível, nua e arrastando-se como nos tempos de Humberto Peñaloza: ela, que imitava seu estilo de vestir e havia mandado fazer um carrinho elétrico que, com a pressão de botões, sem nenhum esforço e não sem certo garbo, a levava de um lugar para outro. Imperatriz não a via nua há pelo menos... dez... não, 12 anos. Como estava acabada! Claro, *falsies*, ali Cris tinha a prova diante de seus olhos de que os peitos da Berta de agora não eram os bons peitos da Berta que ele conheceu... que visse a verdade literalmente nua. Fazia isto para incomodá-la, Imperatriz, sua melhor amiga, sua única amiga durante tantos anos, responda-me, Berta, que loucura andar assim, seus braços já perderam a força para arrastar seu corpo que ficou tão cadeirudo, digo-lhe isto mesmo que se ofenda porque tem que reagir. Berta não se ofendeu. Suas mãos enormes agarravam a grama do jardim, o cascalho, ouça-me, Berta, as grades para subir do jardim ao corredor arrastando o rabo, e como em outros tempos bateu três vezes com a testa na portaria que separava os pátios de Boy do resto da Rinconada. O médico e sua mulher entreolharam-se como que se dizendo: esta ficou louca.

A porta se abriu. Basilio, imenso, nu, forte ainda como um gladiador, afastou-se para deixá-los entrar no vestíbulo. Sem olhar para Basilio, Imperatriz girou a maçaneta da porta do primeiro pátio de Boy, que não se abriu. Estava trancada.

— Quem tem a chave?

— Eu, Dona Imperatriz.

— Abra.

— Não pode entrar.

— Como não posso entrar? Eu posso entrar onde bem entender nesta casa.

— Entre a senhora, Dona Berta...

Basilio abriu a porta com uma chave imensa e Berta se esgueirou até o pátio sem se importar com os protestos de Imperatriz, Berta, Berta, o que está acontecendo, e o gigante voltou a fechar a porta. Pendurou a grande argola no antebraço, as chaves pendentes pareciam enfeites em um bracelete de escrava.

— Basilio.

— Senhora?

— Quer me dizer o que significa tudo isto?

— Não entendo, senhora.

— É um bruto.

— Aqui não mudou nada, senhora, estou de plantão...

Imperatriz, olhando-o de seu tamanho de rã, gritou:

— Dê-me essas chaves!

Basilio não as deu.

— Como não mudou nada, Basilio?

A porta se abriu de dentro e Boy apareceu completamente nu: a autoridade do sexo descomunal entre as pernas magricelas, os braços curtos, o peito sumido, o peso da corcova projetando para a frente o rosto onde a ogiva da boca ficava presa entre o nariz e o queixo, o artifício da testa, as orelhas e os lábios indefinidos como os de um feto, o arco voltaico dos olhos azuis descobertos por pálpebras de lagarto... Imperatriz sentiu, pela primeira vez, que esse olhar elétrico a chamuscava, transformando sua vontade em cinzas. Boy cumprimentou o casal.

— Sim, Imperatriz, aqui não mudou nada.

— Não entendo.

— Tirem a roupa os dois e entrem. Quero falar com vocês um instante.

— Tão cedo para tirar a roupa... e... e francamente não estou preparada.

As pálpebras de víbora encolhidas desde aquele azul obrigou-os a tirar a roupa. Imperatriz refletia, para não pensar em coisas mais graves, que com a pressa não prestou atenção na roupa de baixo que vestia e além disso não estava nada limpa depois de viagem tão

longa em automóvel, fora o incômodo de tirar a roupa diante de alguém, antes era diferente, Boy não ficava olhando assim, por mais libidinoso que fosse, antes ela sempre *aparecia* nua, e Cris, meu Deus, que cara, que pança, não era muito grande, mas pontuda debaixo do umbigo. Por sorte, muitos anos antes mandara tirar do vestíbulo o olhar indiscreto do espelho: não teria suportado ver-se, *ela*, hoje, nua, pequena e cabeçuda e rechonchuda e gorda e de carnes flácidas. *Ela*, pelo menos não se via. Por uns instantes, Boy caminhou à volta do casal, e gritou:

— Espantalhos! São tão repugnantes que não são nem divertidos, não me dão vontade de rir, mas de chorar. E trate de ir se acostumando a andar nua, Imperatriz, porque aqui não aconteceu nada. Sigam-me.

Imperatriz balbuciou algo.

— Não entendi, Imperatriz, é melhor que fale claro. Aviso que esta é a última conversa que eu e você vamos ter sobre certos pontos. Depois vamos fechar uma cortina sobre suas sem-vergonhices dos últimos 12 anos...

— Sem-vergonhices, eu...!

— Sim, sem-vergonhices suas e de seu marido, que traíram a ideia genial de meu pai e me exploraram... sim, Imperatriz, não se assuste tanto, agora sei o que é ter pai, sei quem é meu pai, sei o que tramou e sei muito bem quanto e o que será meu quando meu pai morrer, sim, agora sei o que é possuir, e o que é morrer... não se assuste, tranquilize-se, aprende-se muito em cinco dias andando lá fora. Como lhe digo, vamos fechar uma cortina: aqui não aconteceu nada. Vou conceder-lhe o favor de não denunciá-la a meu pai. Poderia fazê-lo mas não vou, porque não convém a meus planos.

Por que voltaram à Rinconada? A Suíça teria sido tão fácil, tão conveniente, ela podia viajar com o passaporte espanhol do marido. As palavras sem som de um mendigo obrigou-os a regressar a este inferno.

— Estou esperando uma explicação, Imperatriz.

Todas aquelas caras nos olhando no café...

— Todas aquelas caras olhando vocês no café?

— Como sabe?

— Agora sei de tudo. Tenho aliados fora daqui que estão me ajudando a cumprir meus desígnios, porque também sei o que é ter desígnios: meus aliados são os que sofreram comigo durante estes cinco dias que andei fora, os que se identificaram comigo quando

quis me transformar em ser humano. Eles avisaram meu pai que eu fugi, e ele virá, Imperatriz, prometeu, quer ver se é verdade que você está cumprindo suas obrigações de me manter prisioneiro no limbo.

— Hoje?

— Não sei, talvez dentro de uns dias, você sabe que com a idade meu pai foi se abatendo...

— Meu Deus, Jerónimo está acabado!

— É verdade, e você se aproveita disso. Mas quero avisá-la de uma coisa. Meu pai virá, mas ele não sabe como suas más ações desvirtuaram sua ideia inicial. Compreende que sua presença na Rinconada é necessária... uma visita, uma visita que eu, e você, porque você me ajudará, faremos que se prolongue por muito tempo, muito tempo.

— Mas o que Jerónimo fará aqui?

— Isso é o que veremos. Se não quiser que ponha você, Azula e os outros monstros na rua para que o povo os persiga e ria de vocês como na outra noite ri em um café e como riem de mim nos bares e nas ruas e até numa casa de putas onde não quiseram me deixar tocar em nenhuma das mulheres normais porque, disseram, os monstros são do demônio, trazem má sorte e me puseram na rua... se não querem que eu os mande embora e acabe com este paraíso, têm que jogar o meu jogo e me obedecer. Já avisei os outros. Vou apagar o mundo exterior. E se você não me obedecer, vou contar à Berta que é uma suburbana, que jamais pisou nesse colégio aristocrático de que tanto fala, que você sabe quem é todo o mundo na sociedade, mas ninguém sabe quem é você.

— Morro se a Berta souber!

— Então, está bem. Concordo em não dizer muitas coisas, mas você tem que jogar o meu jogo porque é minha prisioneira. Temos que anular o mundo exterior. Você, Azula, me operará de novo: desta vez, extirpará essa fração de meu cérebro onde terei reunido todas as experiências desses cinco dias lá fora e, depois, voltará a fechá-lo, deixando-me ignorante e puro como em outros tempos.

— Vai ser difícil...

— Mas é possível.

— Sim, é possível.

— Só o interior desses pátios é o que me importa. O resto é de vocês, para que façam o que quiserem, não me interessa, fique com tudo, Imperatriz, dou-lhe toda a Rinconada e o resto, você e Azula e

os monstros de primeira, que façam o que quiserem com minha fortuna, quando meu pai morrer, mas se me permitirem ser de novo uma abstração. Depois de cinco dias lá fora não me interessa viver. Um poeta disse: “Viver? Viver? O que é isso? Deixemos que os nossos criados façam isso por nós”. Vocês são meus criados. Vocês viverão o que eu me nego a viver. Agora que conheço a realidade, só o artificial me interessa.

— E ele?

— Quem, meu pai ou o outro?

Imperatriz titubeou antes de responder:

— Jerónimo.

— Se tivesse tido um filho monstruoso como eu, teria feito exatamente o que ele fez comigo. Eu o vi passar na rua uma manhã, vestido de cinza muito claro, uma luva na mão. Por isso seu bisturi, Azula... ofereço a você e a Imperatriz tudo o que vou herdar se extirpar de mim esses dias. Enxertá-los em outro para que viva dentro de meu pesadelo. Logo depois, encerro-me nestes pátios, aqui vocês se encarregarão de preservar a ordem inicial.

— E Jerónimo?

— Virá. Logo. Meus amigos já estão se encarregando de cochichar em seu ouvido, de tentá-lo com a maior de todas as tentações...

— Qual?

— Que eu tenha um filho. Assim, depois de passar pelo inferno de um tumor monstruoso, a estirpe ficará depurada. Quero que a operação seja o mais depressa possível, Azula. Tudo fica para vocês contanto que mantenham meu limbo. Querem sair ou ficam?

Eles se olharam em silêncio.

— Podem ir embora, se quiserem.

Imperatriz tinha fechado os olhos, as mãozinhas gordas, uma sobre a outra em seu colo. Ela e o marido sacudiram a cabeça em sinal de recusa. Boy falou:

— Bem, então é preciso ir se preparando. A verdade que inventaram para mim será a verdade, e morrerei sem angústias porque terei esquecido o *que* é morrer. Muitas *mulher mais gorda do mundo*, vá logo prepará-las, Imperatriz, todas iguais, pura carne, e você, Azula, revise suas receitas à base de baunilha que eu as quero de novo como alimento a partir de hoje mesmo, jamais comerei outra coisa, e a sucessão de gordas será como a sucessão de papinhas bem preparadas: nutritivas, manterão meu organismo em

bom funcionamento, mas não desejarei outra coisa.

— Mas, Boy!

— O que, Imperatriz?

— E ele?

— Quem?

A anã fechou os olhos e gritou, um berro agudo e prolongado. Acalmou-se em um segundo.

— Está vendo, Imperatriz?

— O quê?

— A dor de querer tocar em alguém que não se pode tocar?

— Foi ele que lhe contou tudo?

— Ele.

— Afinal, quando virá Jerónimo?

— Não sei, mas quando chegar serei o Boy de 17 anos que ele sonhou. Com uma diferença: até que ele desapareça e eu possa me submeter à operação com que Azula me extirpará esses cinco dias, viveremos uma ficção, estarei fingindo e vocês também. Depois, quando Azula me operar e meu pai desaparecer, eu entregarei tudo a vocês para que de fora mantenham minha verdade.

O doutor Azula se pôs de pé.

— Eu não vou participar de nenhum crime.

— Quem falou de crime, Cris? Não seja bobo, meu lindo.

— ELE DECOROU TUDO isto?

— Ele...

— Até que tinha muito bom gosto. Humberto era inteligente. Este apartamento é muitíssimo agradável, a gente poderia viver uma vida inteira aqui...

— Este é o quarto.

— Tragam minhas malas para cá.

— Pensei que ficaria no meu apartamento...

— Não sei, vendo tudo isto, tive vontade de ficar no apartamento do Humberto. O senhor... como se chama?

— Basilio, senhor.

— Traga minha bagagem e arrume minha roupa no quarto de vestir enquanto eu trato de outras coisas.

Saíram ao terraço, dali avistaram a extensão magnífica do gramado, a piscina, os guarda-sóis coloridos, os olmos, magnólias, pinheiros e eucaliptos do parque e, mais adiante, a cordilheira.

— Tinha esquecido o quanto tudo isto é bonito.

— É extraordinário. Cris sempre diz...

— E isto? A biblioteca. Meu Claude Lorrain. Há quanto tempo eu não o via! É como encontrar-se com um amigo que não se vê há muito tempo e a gente se pergunta como tolerar a vida sem a sua presença. Este não é um Claude qualquer, é magnífico, agora não se consegue mais Claudes tão importantes... E esta, a mesa de noqueira onde escrevia...

— Escrevia muito pouco.

— Pena. Sobrava-lhe talento.

— Na realidade, nunca escreveu nada, Jerónimo. Passava o tempo só pensando no que ia escrever e, às vezes, quando nos reuníamos à tarde aqui, um grupo dos mais agradáveis, ele nos falava de seus projetos.

— Enfim, talvez tenha sido para melhor. Um dos erros de Humberto foi achar que a minha biografia era material literário.

— É, começou falando sobre isso, mas depois tudo se modificou muito. Humberto não tinha a vocação da simplicidade. Sentia

necessidade de torcer o normal, uma espécie de compulsão para se vingar e destruir, e foi tanto o que complicou e deformou em seu projeto inicial que é como se ele mesmo houvesse se perdido para sempre no labirinto que inventava, cheio de escuridão e terrores, mas com maior consistência que ele ou suas outras personagens, sempre gasosos, flutuantes, jamais um ser humano, sempre disfarces, atores, maquilagens que se dissolviam... sim, eram mais importantes suas obsessões e seus ódios que a realidade que lhe era necessário negar...

— Interessante, Imperatriz. Você é boa crítica literária...

— Tantos anos convivendo com ele.

— É natural. Mas note bem, acho que o principal problema do coitado era sua necessidade de que eu tivesse uma estrutura espiritual e uma consistência de que careço, por isso, essa necessidade de inventar para mim uma biografia na qual se perdeu... ah, Azula, entre, entre, que prazer vê-lo, sente-se, Basílio, um uísque para o doutor. Como é agradável esta casa, não é?

— Minha casa também é bonita, primo.

— Sim, mas o bom gosto em você não tem graça, Imperatriz. Você sempre foi pobre e sua mãe acho que foi empregada da Companhia Telefônica...

Imperatriz enrubesceu: digam o que disserem, sua mãe tinha sido uma grande dama.

— ... mas tinha algo em que basear o seu bom gosto. O de Humberto, em troca, era pura invenção. Mas, afinal, não falemos dele, você e Azula aqui estão para continuar mantendo isto de pé...

Tudo corria conforme a sua vontade, Imperatriz garantia isso, nada o decepcionaria: os resultados do projeto de que se encarregara eram francamente prodigiosos. Preferia descansar da viagem ou ver imediatamente o filho?

— Não... estou um pouco cansado. E tenho muita fome...

— Quer vê-lo depois do almoço então?

Jerônimo, vacilando, disse talvez não, hoje não, na realidade estava muito cansado, hoje preferia percorrer o parque que tantas lembranças lhe trazia, conhecer as pessoas das redondezas, ou talvez dormir uma boa sesta que lhe preparassem o terraço para passar lá o resto do dia. Talvez amanhã, sim, sem dúvida amanhã pela manhã cedo...

Na manhã seguinte, porém, mandou selar um cavalo. Sozinho, foi percorrer as alamedas de sua fazenda, as lagoas cercadas de

tábuas, para escutar os bandos de queltehues^[15], para visitar as cabanas dos peões agora habitadas por monstros de terceira, quarta e quinta classe... muito bom, Imperatriz, felicito-a, isso de cercar as casas com um cinturão isolante de monstros me parece excelente precaução, disse-lhe Jerónimo durante o jantar naquela noite, o rosto vermelho de sol, um sorriso beatífico suavizando-o.

— Imperatriz...

— Que é?

— Tive um desejo... um desejo de criança...

— O que será?

— Lembro-me do manjar branco que a Peta Ponce fazia aqui na Rinconada, numa panela de cobre, manjar branco de leite recém-ordenhado. A velha passava as tardes inteiras mexendo a panela, o doce ficava com um pouco de gosto de fumaça de lenha de espinheiro, o leite um pouco talhado... agora, de repente, me lembrei e me deu vontade...

— Mas, Jerónimo! Nada mais fácil. Amanhã mesmo dou ordens e você o terá para o café de depois de amanhã...

Jerónimo foi adiando dia adia sua visita aos pátios de Boy. Morando entre os alegres monstros que saltavam na piscina, que ensaiavam seus *puts* nos *greens*, que escutavam Petula Clark em seus Transoceanics enquanto cobriam o corpo com Ambre Solaire para se queimar, folheando o último *Paris Match* para saber com quem Gunther Sachs se casaria, Jerónimo pareceu relaxar-se um pouco e Berta não pôde resistir à tentação de lhe dirigir uma olhada bastante insinuante. Qualquer coisa, certa volta em uma das avenidas de hortênsias gigantes, um ângulo dos corredores, suscitava nele evocações da mulher. Imperatriz não se cansava de lhe fazer perguntas sobre Inés, suas joias, como se vestia...

— Todas as suas coisas estão guardadas.

— Onde?

— Na Casa de Exercícios Espirituais da Encarnação da Chimba...

— Ah, aquela capelania da família?

— Sim. Celas e mais celas cheias com suas coisas. Estragando-se, me parece.

— Que pena que tudo isso vai terminar!

— Terminar?

Jerónimo parou, enorme diante da Imperatriz: teve medo ao vê-lo tão belo, com seu cabelo branco ainda abundante. Estar diante dele, olhá-lo, era o mesmo que perceber, de repente, em um café,

que o público está destroçando o mais íntimo da pessoa... ao olhá-lo até o alto, a anã sentiu vertigem.

— Nada vai terminar.

— Bem, você não é eterno...

— Não?

— Enfim, suponho...

— Durante estas semanas que passei tão agradavelmente aqui na Rinconada, pensei que isto não pode terminar. Que Boy se case, sim, mas que as coisas não se acabem. Não sei se será o gosto desse manjar branco preparado pela Peta Ponce que me deu tanta vontade, de repente, de ter netos.

— E nós, primo?

— Não lhe tenho pago bons salários durante não sei quantos anos? Tenho certeza que poderão arrumar tudo.

— Há coisas que não se arranjam com dinheiro.

— Isso é um clichê ridículo.

— Não acredite.

— Que quer dizer?

— Nós também somos suas vítimas.

Era a palavra a que queria chegar.

— Vítimas, Imperatriz?

— Sim, vítimas. Resguardado por nós... por nossa monstruosidade, seu filho é rei. Nós somos os instrumentos: o pano de fundo pintado, as bambolinas, as cabeçorras de cartão-pedra, as máscaras. Se se retiram de volta do personagem central, que nasceu sobre o cenário encarnando um rei... bem, cairá num abismo. Seu projeto não será tão fácil de realizar...

— Você está tentando se proteger.

— Sim. Lembre-se que saio uma vez ao ano. E essa saída uma vez ao ano me faz reafirmar minha preferência de continuar para sempre fazendo parte de uma cenografia de cartão-pedra pintado. Você está pensando em levá-lo para procurar-lhe uma noiva e nos mandar embora?

— Não sei, não sei nada ainda. Quero vê-lo. Tenho muita curiosidade em vê-lo. Amanhã.

Logo que Jerónimo se retirou para dormir na torre de Humberto, Imperatriz e o doutor Azula, depois de conferenciar com os monstros de primeira, foram acordar Boy. Contaram-lhe os pormenores do projeto do pai: casá-lo com a prima feia, que tivessem filhos e netos, que vivesse na cidade, que se dedicasse à

política, aos negócios, que fosse sócio do Clube da União. Que se acabe a Rinconada, isso é o que quer.

Boy riu muito. A Rinconada não se acabaria. Ele se encarregaria disso. Se eles, monstros de primeira, o ajudassem, ele se encarregaria de preservar-lhes este esconderijo. Uma vez que Jerónimo caísse em suas mãos, nada acabaria com a Rinconada, o mundo de cartão-pedra a que Imperatriz aludiu se converteria na realidade, ela mesma não teria necessidade de voltar a sair jamais. Sim, sim, ante o perigo de ter que voltar a um mundo que não lembravam e que preferiam não lembrar, juraram a Boy obedecer-lhe em tudo porque era necessário aliar-se e esquecer desavenças para proteger seu mundo tal como estava planejado. Que nada o pusesse em perigo. Jerónimo não tinha direito. Eles não estavam dispostos a ser seus instrumentos nem a participar de um mundo que ele pensava desbaratar, só por isso ou porque lembrou de alguma coisa, ou porque comeu manjar branco ou teve medo ou sentiu saudade... porque já se havia aborrecido com seus outros brinquedos, como um deus um pouco inferior que nunca ultrapassou uma frívola e caprichosa infância em que seus brinquedos velhos têm sempre que ser substituídos por novos brinquedos que seu aborrecimento envelhecerá e destruirá... como uma deidade arteriosclerótica que cometeu a estupidez, ao criar o mundo, de não se pôr ao resguardo dos perigos que podiam gerar-se em sua própria criação... não, não, um abuso, eles não estavam dispostos a aceitar que um belo dia os incendiasse como a uma quantidade de disfarces e brinquedos e tabuleiros, e fichas e máscaras velhas, não lhe permitiriam que os obrigasse a sair de novo a isso que chamavam a realidade, todos os anos, ao regressar e depois de se recuperar em uns poucos dias de repouso na cama, Imperatriz contava coisas arrepiantes, não podia deixá-los à intempérie que não mais lembravam, não queremos desaparecer, não queremos que a Rinconada se acabe: estavam com Boy para o que ele quisesse. Para que mandasse neles. Para tudo. Seriam seus peões se ele lhes promettesse defendê-los contra esse pai infernal que ia destruí-los se o filho não os defendesse deste senhor que se acreditava dono do mundo só porque o inventou. Sim, Boy podia dispor deles.

APESAR DE sua idade, Jerónimo, nu, conservava a perfeição de sua

arquitetura, como se, ao passar por ele, os anos não tivessem encontrado falhas em que enredar-se para acentuá-las. Ao vê-lo entrar no primeiro pátio de Boy a aná lançou um berro de dor autêntica, fugiu para não vê-lo e não se deixar ver, soluçando, desobedecendo Jerónimo que a advertia a não exagerar seu papel, uma vez que, afinal de contas, não se tratava mais que simular terror na presença de Boy, e Boy ainda não viera. Mas a aná fugiu berrando, nua, pelos corredores, avisando os outros que fugissem, que tivessem cuidado, que um ser horrendo tinha aparecido ninguém sabe como nem de onde. Berta gemia enroscada como um lagarto agônico atrás de um matagal retangular que não tinha buracos onde esconder-se, mas sem poder despregar seus olhos alucinados da aparição que atravessava o pátio e os chamava amistosamente. Melchor tentou afugentá-la com uns galhos. Basílio atirava pedras nele. Melisa escondeu-se atrás do pedestal do efebo encurvado, gritando para Boy que fugisse, que se pusesse a salvo se pudesse, que algo incompreensível, espantoso, estava acontecendo. Boy, ao ver Jerónimo no fim do corredor, avançou para ele até ficar a uma distância de dez passos: durante um minuto examinou-o, o coração duro, seus olhos devorando cada detalhe dessa aparição... não, não pode ser, cobriu o rosto, deu meia volta e fugiu para o fundo da casa dando berros de angustiada incompreensão, levem-no, tirem-no daqui, Imperatriz, que aparição é esta que me faz sentir isto que jamais senti antes e que não estava programado para sentir e que me faz chorar de pavor ainda que não saiba o que é pavor, Melchor, Basílio, expliquem-me, é repugnância senhor, é asco, senhor, é medo, nós também o sentimos, é terror ante a presença de um ser tão extravagante que pode ser perigoso, o que é perigoso, acalme-se, senhor, logo se irá acostumando, todos teremos que nos acostumar e, além disso, parece que não é malvado, sim, tem que ser mau, sua maldade é ser tão excepcional que assusta porque é incrível, acalme-se, senhor...

Naquele dia, Boy negou-se a aproximar-se mais de seu pai.

À noite, enquanto o adolescente dormia, na sala de jantar de Imperatriz — as perdizes estavam talvez mais saborosas que as de sua infância — Jerónimo felicitou-a pela convicção com que ela e os outros tinham representado. Por um instante, disse, temeu que uma pedra lançada por Basílio o pegasse. Imperatriz assegurou que onde Basílio põe o olho, põe a pedra, a comédia tinha sido digna de ser filmada, opinou a Berta, tão excelentes foram os desempenhos.

— Não tanto por que representamos, primo...

— Quer me dizer que, na realidade, sou um extravagante?

Os convidados riram à luz das velas lilases. A mesa estava enfeitada com lilases. Imperatriz vestia-se de preto com um leve tule birmanês lilás como um xale sobre os ombros.

— Que ideia, primo! Embora talvez sim...

— Como?

— É que quando estamos lá dentro, nos pátios, as regras do universo que você inventou têm vigorado durante tanto tempo que não precisamos representar, que eu, pelo menos...

Todos concordaram.

— ... e não temos por que fingir pavor ante sua monstruosidade, porque lá dentro, de fato, você se converte em um ser monstruoso.

Jerónimo tomou um copo de vinho.

— Magnífico. Um pouco incômodo no princípio, mas, enfim, me irei acostumando. Pode ser que consiga que ele também se acostume a mim. Não sei, interessa-me muito conhecê-lo, falar com ele.

— Depois, pouco a pouco, quando aprender seu idioma.

— Muito bem.

— Vencer sua extrema sensibilidade, manejar sua presença que além de ser insólita em um mundo no qual o insólito não existia, tudo isso vai demorar um pouco...

— O que me aconselham fazer?

— ... ter paciência.

Todos os dias, e cada dia durante um período um pouco mais longo que no dia anterior, Jerónimo, depois de tirar a roupa na portaria, entrava nos pátios de Boy. Todos os dias, a certa hora, Berta, nua, reclinava suas velhas carnes inertes sobre certos degraus, apoiava-se contra uma pilastra, arrastava-se pelos caminhos de matos podados e quadriculados, seguida por seu gato de cabeça hipertrófica. Todas as tardes uma *mulher mais gorda do mundo* entrava para proporcionar ao adolescente sua dose de prazer. Todas as manhãs o doutor Azula examinava Boy, um ritual, tudo era ritual. Três vezes ao dia Imperatriz ministrava-lhe seu alimento disfarçado sob o sabor da baunilha... todos os dias Melchor... todos os dias Basílio... um horário previsto, doses estipuladas... e agora, imperceptivelmente, alguns minutos mais a cada dia para que assim o menino não percebesse que um novo elemento se ia incorporando, Jerónimo, nu, transitava pelos

corredores, indiferente ao terror que sua presença causava a esses seres que fugiam à sua passagem. Chegou a acostumar-se a que, de vez em quando, uma pedra lançada por Basílio o roçasse, que um bofetão de Melchor ficasse estampado em sua cara ou que as unhas da Berta, histérica por sua presença, rasgassem suas pernas. Boy observava de longe. Mas o observava. Isso era já um passo à frente, comentavam à noite na salinha da Imperatriz, satisfeitos com os progressos para uma relação pai-filho.

— Sente curiosidade por mim.

— Magnífico: é o princípio.

— O que temos que fazer agora é conseguir que se aproxime de mim, que se deixe sentir atraído por minha monstruosidade.

No dia seguinte, segundo planejaram nessa noite, o senador fingiu cochilar sobre um banco ao sol, percebendo que Boy se punha a espreitá-lo de uma janela. Os argumentos do irmão Mateus conseguiram vencer a repugnância do adolescente para aproximar-se de seu pai e examiná-lo: o irmão Mateus teve que segurar Boy frente a Jerónimo em seu repouso monumental. Boy fechou os olhos. Fingiu só olhar: a imagem do pai já estava impressa com incisões muito dolorosas atrás de suas pálpebras.

— Vê, senhor, que não é tão espantoso?

— Sim, sim é... mais espantoso que visto de longe.

— Se o observa bem, pode até parecer cômico... olhe só a ridícula monotonia de suas proporções, por exemplo, e as costas tão direitas e a pele de poros tão finos e tão homogêneos, sem nenhuma diferença de textura nem surpresas de cor... não me diga que não é cômico, como um balão inflado de ar...

Boy soltou uma gargalhada que despertou Jerónimo. Convulsionado, com os olhos lacrimejando, apertava o estômago rindo e apontava para o pai com seu dedo retorcido, tem razão, Mateus, não é feroz, olhe como aguenta que o açoite com esta varinha, que engraçado é puxar-lhe o cabelo, para, caminha, olhe-o como obedece e caminha, Mateus, tão teso, os passos todos iguais, a cabeça tão alta, como é engraçado, então isto é que é rir, eu não sabia como era rir e gosto de rir, não, não quero que se vá, que nos deixe, quero que este monstro fique aqui para me rir dele, quero que pule. Pule! Outra vez! Outra! Agora em um pé! Agora corra, olhe-o como corre pelo caminho e volta arquejando, que coisa divertida, tragam-me uma *mulher mais gorda do mundo* para metê-lo na cama com ela e ver o que faz, se é que pode ou sabe fazer

alguma coisa, olhe Imperatriz, olhe Mateus, olhe Berta, olhe Melisa como este monstro se rebola com a gorda, não pode fazer nada com ela, olhem isso encolhido e enrugado como uma luva velha que ele tem onde eu tenho o meu estupendo membro que se endurece ao menor estímulo.

— Um pouco incômodo.

Jerónimo tomou de um trago seu daiquiri frappé, perfeito, como só a Imperatriz sabia preparar. Comeu um *pretzl* delicioso, norte-americano, sim, claro, ela só servia coisas importadas.

— Mas por que, primo?

— Em primeiro lugar porque, claro, na minha idade já não estou para estas brincadeiras, e francamente, quando os vi me rodeando e fingindo aquelas gargalhadas, bem... a gente não pode se concentrar o suficiente *to make a good job of it...*

Imperatriz quase se afogou de rir, assegurando-lhes que o que Jerónimo disse era intraduzível, que eles nunca compreenderiam o *wit* de seu primo, que pena que não viria à festa de seu aniversário por que certamente seria *the life of the party*.

— Mas por que não irei se você me convida?

— Humberto nunca ia às festas que dávamos.

— Isso era ele...

— Um baile a fantasia. Dou um todos os anos. E não sei se você vai gostar, porque para que tenha mais gente convidamos, além dos monstros de primeira, os de segunda e de terceira... não sei se gostará dessa mistura de gente.

— Não há nada que dissimule um bom disfarce.

— Contamos com você, então?

— Com prazer.

Garantiram-lhe que os bailes que a Imperatriz dava eram simplesmente fabulosos, sempre sob um tema, no ano anterior, por exemplo, o tema foi “O Chalé Suíço”, e todos usaram *dirndls* e *lederhausen*, decorando a casa da Imperatriz, seu *boudoir* e salões com neve falsa e *edelweiss* nas janelas.

— Foi muito divertido.

— Precisava ver o Basílio com calças de couro e chapeuzinho com pena...

— E Melisa, ela ganhou o prêmio de *yodeling*...

Nas outras vezes, tinha sido “A Alhambra”, disseram-lhe, e o nunca esquecido Hospital. Neste ano, Imperatriz tinha decidido que o tema seria “A Corte dos Milagres”. Decoraria a casa e o jardim

como um convento em ruínas, e eles se disfarçariam de velhas libidinosas e bruxas, de mendigos famintos, de aleijados e sacristões e ladrões, de frades e freiras... tentava-se rivalizar a suntuosidade de seus farrapos, na magnífica estilização da miséria, faria pintar manchas de umidade e descascados nas paredes, para que eles perambulassem pelos corredores estreitos e pátios falsos, entre muros desmoronados e capelas execradas e entregar-se a uma orgia sem freio... por que deveria ter freio se todos usariam máscaras de seres normais roídos pela enfermidade e destruídos pela pobreza... ninguém reconheceria ninguém.

NAQUELA NOITE, DEPOIS que Jerónimo se retirou para dormir na torre de Humberto, os monstros de primeira foram conferenciar com Boy. Encontraram-no abatido. Era evidente que estava escondendo alguma coisa. Imperatriz intimou-o a confessar, porque se nestes momentos não se informavam de tudo, os planos poderiam falhar. Boy murmurou:

— Doutor Azula...

— Sim?

— Quero consultar-lhe sobre uma coisa. O senhor se comprometeu a extirpar de mim aqueles horrendos cinco dias em que aprendi tudo. Não é verdade?

— Sim.

— Preciso que também extirpe meu pai. Pode extirpar meu pai de meu cérebro, doutor Azula?

O médico pensou.

— Talvez essa imagem já tenha se alojado muito profundamente em seu cérebro... um tumor que está criando raízes e produzindo metástases... Não sei. Ao fazê-lo teria, também, que extirpar um pedaço grande de seu cérebro, e então, claro, você ficaria apenas com uma sombra de consciência, viveria em uma penumbra, um limbo pouco diferente da morte sem cair nela, vivo, mas...

Boy afundou o rosto em suas mãos. Ouviram-no gemer. Os monstros se entreolharam. Como consolá-lo? Ninguém se mexeu. Ninguém acendeu um cigarro nem disse uma palavra até que Boy, cobrindo o rosto, declarou:

— Quero parecer-me com ele. Azula, salve-me... tire quanto quiser de meu cérebro, deixe-me transformado em um vegetal, mas extirpe-o de mim...

No dia seguinte disseram a Jerónimo que Boy mostrava uma inquietação evidente para se comunicar com ele, mas que para isto era necessário não só visitar seus pátios a certas horas, mas viver lá dentro. Boy perguntava por ele. Às vezes, à noite, despertava gritando que lhe trouxessem seu monstro. Jerónimo aceitou encantado: a perspectiva de que em alguns dias poderia falar com o filho, ainda que fosse das coisas mais simples, enchia-o de contentamento, e entre as coisas mais simples do ser humano, estava, naturalmente, a procriação. Claro, tinha que entrar no onde estava Boy. Basílio viu-o despir-se na portaria, abriu-lhe a porta, Jerónimo entrou e o gigante fechou-a com duas trancas, corrente e chave. Nessa noite, o conciliábulo teve lugar no terraço de Humberto, os monstros rodeando Boy. Era preciso acelerar tudo.

— Imperatriz, já está com os documentos preparados?

— Todos.

— Por favor, passe-os... e tinta para assinar. Um, dois, com suas cópias, amplos poderes, com seis cópias... que coisa mais aborrecida esta de assinar tanto papel... esses outros são menos importantes. Ah, e meu testamento, toda minha fortuna em usufruto para uma cooperativa ou sociedade cujo presidente será Imperatriz, que se encarregará de preservar e aumentar o circuito da Rinconada com seus diferentes níveis de monstros...

No dia seguinte, quando se encontraram por acaso junto à fonte de Diana, o adolescente tolerou que o pai lhe dirigisse a palavra: e lhe respondeu muito bem, que consentia em escutá-lo, mas que engatinhasse como um animal, sim, assim, e desta posição e de nenhuma outra lhe falasse: Jerónimo começou a lhe dizer que era seu pai, mas não sei o que é pai e que sua mãe... o que é mãe... é preciso começar por explicar tudo a este menino e desta posição, seguindo-o como um cachorro pelos corredores, tentando explicar-lhe enquanto Boy não só não compreendia como ria de suas palavras. Até que se virou, olhou-o de cima a baixo e depois afastou-se bocejando.

Jerónimo pôs-se de pé logo que Boy desapareceu. Andou percorrendo os pátios em busca de Imperatriz para lhe comunicar os progressos em suas relações, que embora ainda incômodas, eram um progresso. Ao tentar aproximar-se dela, a anã gritou-lhe

— Afaste-se, tenho nojo de você, não me toque, não se aproxime, não sei o que deu em Boy, com estas extravagâncias que só servem para atrapalhar.

Imperatriz negou-se a ouvi-lo. Jerónimo considerou que, na realidade, a anã estava exagerando. Lembrou-se, porém, do que, em certa ocasião, a prima lhe disse: quando eles estavam dentro dos pátios, eles não *agiam* mas *reagiam*, impulsionados pelas regras fixadas por ele e por Humberto há tantos anos, eles já não eram livres, condicionados a certas reações impostas por Jerónimo. Decidiu que nessa noite sairia... o que fazia aqui, incomodado e humilhado, se, afinal de contas, suas poltronas de veludo cinza o esperavam na biblioteca de sua casa amarela frente ao parque... era uma questão de mandar Boy a uma clínica ou algo assim, logo procuraria, e dispersar todas essas incômodas caraças... ou caretas... estava cansado, de repente cansou-se muitíssimo de tudo isto, não era agradável que rissem de seus anos, que o obrigassem a andar de quatro, que o mandassem lavar janelas, varrer corredores, quartos vazios, galerias e pátios intermináveis, condenar portas, rebocar muros, queimar jornais velhos, limpar o traseiro carcomido da Vênus provocante, fazer piruetas, correr acossado pela matilha de cachorros mancos, sem rabo, sarnosos, sem orelhas, com as patas inutilizadas, os olhos refulgentes nas cabeças hipertróficas e os caninos perigosos de baba que jorrava em seus focinhos, ter que obedecer a qualquer desses monstros que, afinal de contas, sim, sim, por que tenho medo deles se posso dispensá-los quando desejar... todos os dias se propunha a dizer a Imperatriz que a farsa só chegaria até aqui e dispensá-los, mas nunca pôde falar com ela, caio esgotado em minha cama, sonho com monstros que me cercam, vejo-os ao despertar, já não sei quais são os monstros da vigília e quais os do sonho, os rostos espantosos de narizes descomunais e mandíbula pesada, a boca repleta de dentes, todos sufocados de riso porque sou eu o monstro, gritam-me isso dia e noite pelos corredores confusos onde vão aparecendo mais monstros desconhecidos, gostaria de, pelo menos, encontrar um de meus monstros conhecidos, mas não... deve ser sonho isto dos corredores cheios de teias de aranha e se é sonho é natural que meus monstros amigos, os da vigília, não possam entrar no sonho para me resgatar, salvem-me desta perseguição em que me gritam que sou o bobo do mundo inteiro, não me lembro mais onde estava a porta de saída, não conheço estes corredores nem estes pátios, acabam de pô-los aqui, se encontro a porta de saída poderia convencer Basilio a me deixar sair, mas Basilio não está, uma gente parecida com Basilio que não é Basilio deambula por aqui, primos, irmãos, tios talvez,

iguais a ele, mas não ele, porque não me respondem senão com impropérios quando lhes imploro, Basilio, abre, dou o que você quiser se me deixar sair, não é Basilio porque me joga pedras que me ferem o peito, estas corcundas, rostos albinos, cabeçonas de bull-dog, as gigantas monstregas de andar bamboleante que me perseguem são todas extravagâncias de minha propriedade de quem eu sabia o nome e com quem falava, e me respondiam, mas agora são surdos e mudos porque o que querem é me perseguir para que me canse e caia na cama para dormir sem poder advertir seriamente a Imperatriz que está bom, que deixe de brincadeira, que a justiça se encarregue de todos, mas me perseguem também de noite, cansando-me para enfrentar o dia, varrendo tudo o que há em mim, menos o meu desejo de implorar clemência, pelo menos uma trégua, mas não me dão, gritam, berram, açoitam-me e riem à minha volta, levo as mãos ao rosto para tocar minhas feições e reconhecê-las embora não sejam senão minhas feições monstruosas de sempre, sim, sim, sim, reconheço que sempre fui disforme, nunca o ser que teve importantes cargos públicos e que foi amado por mulheres muito belas... não restam vestígios das feições desse homem. Detenho-me suando, ofegante, e enfrento a multidão de monstros elegantemente vestidos, *tailleur* e acessórios de crocodilo, bata de toalha vermelha do atleta acromegálico, a touca de margaridas brancas e amarelas apropriada para o verão sobre a cabeça de bull-dog, uma batina branca *wash-and-wear* também muito apropriada à estação, ele com um terno cinza-pérola, gravata de plastão cinza e luvas cinza na mão, todos viçosos, a ponto de se reintegrar a suas vidas completamente normais enquanto alguma coisa... não sei o que... não quero pensar o que... aconteça ou não. Sou o único diferente, enrubesço de vergonha ao comprovar que sou o único nu nesta reunião mundana tão *comme-il-faut*. Meu filho, elegantíssimo, adianta-se:

— Como se permite dar este escândalo? Está louco? O que lhe aconteceu?

— O que aconteceu a vocês? Algo estranho acontece aqui. Imperatriz, dê-me as chaves, mas não ouvem porque está rindo com gargalhadas que me enchem a cabeça e vão fazê-la explodir porque estão fechadas dentro, uma, a sua, aguda, definitiva, que me desafia para ver se me atrevo a afirmar de novo que os anormais são vocês e não eu e eu digo sim e Boy chama Basilio, venha Basilio, vamos levá-lo para que se veja e o Basilio e outros monstros forçados me

arrastam esperneando, gritando deixem-me tranquilo, mas me arrastam até a fonte da Diana Caçadora e me obrigam a subir na borda. Todos os monstros ataviados com jaquetas de *tweed*, *tailleurs*, chapéus, bolsa e sapatos de crocodilo, contemplam a cena da borda da fonte presidida pela Diana com sua corcova, sua mandíbula acromegálica e a meia-lua sobre a testa. Basílio me segura por um braço, Boy pelo outro e em meio do silêncio sua voz me diz:

— Olhe-se.

Baixo os olhos para ver o que sei que verei, minhas proporções clássicas, meu cabelo branco, minhas feições tranquilas, meu olhar azul, meu queixo partido, mas alguém atira uma pedra insidiosa no espelho de água, despedaça minha imagem, decompõe meu rosto, a dor é insuportável, grito, uivo, encolhido, ferido, as feições destroçadas, com um esforço me liberto das mãos que me aprisionam e fujo tentando arrancar com minhas unhas essa máscara que não posso tirar embora saiba que é máscara porque esta é a noite do baile da Imperatriz e eu me disfarcei de monstro, arranho meu rosto que sangra e sangrando me prova que não é máscara, mas arranho mais porque tenho que tirá-la apesar da dor e ainda que fique sem rosto, sim, reconheci-me monstro retorcido no reflexo da fonte, eles, os outros, são seres harmoniosos, espigados, regulares, eu sou o bufão desta corte de personagens principescos envoltos no luxo de seus vestidos, sou o único nu, tenho que encontrar minha roupa para cobrir minhas deformidades para que assim deixem de rir de mim. Eu tinha roupa. Procuo a porta pelos corredores repentinamente desertos, quero encontrar a portaria mas não há portas, vedavam essas portas para o baile da Imperatriz, penduraram teias de aranhas e descascaram os muros e prolongaram as galerias com perspectivas falsas que me fazem bater a cabeça ao tentar fugir por elas, vedaram tudo para encerrar minha imagem monstruosa, sim, não é mais que uma imagem, tenho outra, agora que desapareceram posso correr até a fonte da Diana sem que ninguém perceba para recuperar a outra imagem que não encontro na água, flutua só essa confusão de feições, essa decomposição de planos, esse exagero de traços, essas supressões, suturas, cicatrizes, esses ombros que não encaixam no corpo, o pescoço apagado, os braços de longitude flutuante, é minha imagem imprecisa que espera que a luz da tarde se dissipe para voltar a se armar de outra maneira, mas a luz não apaga nada porque é noite de lua cheia e não posso fugir se prometi à Imperatriz assistir a seu baile de

máscaras e para isso vesti este rosto que sangra porque não posso tirá-lo, a máscara fraturada não cobre nada, encontrar alguém que me ajude e me guie, correr acossado pelos gatos de cabeças fenomenais que podem se apoderar de mim na escuridão que agora é completa fora de suas pupilas inflamadas, não, não, lá no fundo desse corredor simulado há luz, vozes, talvez meus amigos, talvez música, corro, sou, sou eu, espere-me, estou fraco, mas vou chegar à luz e à musica... tropeço, caio, meu rosto se desfaz no golpe contra o chão de ladrilhos, ajoelhado no solo aperto o que resta de minhas feições para uni-las, para forjar algo parecido como um rosto, como se fosse argila, é macia, talvez consiga reconstruir minhas feições antigas, mas já não me lembro como eram, ao tentar moldar um rosto para mim, restam pedaços aderidos às mãos, engatinho até a luz, com a cabeça, como um cachorro, abro a porta, o baile da Imperatriz, mentiram-me para que eu me disfarçasse de monstro esfarrapado, no meio da luz dançam os conhecidos e os desconhecidos com monumentais perucas como de confeitaria, com turbantes dourados e cascatas de pérolas, antefaces opalescentes, dominós de brocado, sapatilhas de cetim dançando um minueto, as crinolinas girando, os tricórnios na mão, os uniformes rebrilhando, as máscaras de cartão-pedra belíssimas ocultando seus rostos monstruosos, piscadelas de coqueteria, dançam os pares, unidos delicadamente pelos dedos, bebem em taças de cristal gelado quando entro de gatinhas para que não me vejam, vim disfarçado para outro baile, um baile em que tudo era portas vedadas e corredores intermináveis e seres imbecis resguardados atrás de paredes de piedoso adobe, não a este baile onde tudo é claro e fino e leve, enganaram-me, tenho que fugir antes que as marquesas, os cardeais, os príncipes e os alabardeiros riam de mim, vão me dar uma surra porque vim disfarçado de monstro e eles não, eu sim, eles não, a água da fonte me ajudará a mudar a cara, a lua desenha na água até o último detalhe de minha máscara flutuando na água, se pudesse tirá-la, arrancá-la da água onde talvez fosse menos dolorosa a separação de carne e carne... ajoelhar-me na borda... esticar o braço para arrancar a máscara do terror.

Muito mais tarde, quando os pares saíram ao jardim para tomar a fresca, viram-no flutuar na fonte da Diana. Salvá-lo. Chamar os outros para salvá-lo se está vivo! Jogam ao chão seus leques e escarcelas para ajudar o salvamento com ganchos e cordas: tiraram da água um ser retorcido, horripilante, monstruoso. Boy, erguido

em toda sua altura, baixou até ele o arco voltaico de seus olhos azuis e o reconheceu:

— É meu pai.

Imperatriz concordou:

— Sim, é Jerónimo.

E entre todos esses seres perfeitos, desesperados com a gravidade do acidente sofrido pelo senador que, na sua idade, talvez não devesse ter bebido tanto em um baile de máscaras, fizeram todo o necessário para mandar o cadáver à capital na mais suntuosa urna. Arrumaram tudo também para que, enquanto as autoridades e advogados regressavam à capital, o doutor Azula levasse a cabo a operação necessária para extirpar da memória de Boy aqueles cinco dias que andou fora de casa, e a imagem de seu pai, até suas raízes mais soterradas.

A notícia da morte do senador causou verdadeira consternação na capital. O país inteiro, então, recordou os serviços do eminente homem público e lhe tributou as maiores homenagens: trasladaram seus despojos ao cemitério sobre uma carreta coberta com o pavilhão nacional. Muitos opinaram que não devia ter sido assim, já que o papel de Jerónimo de Azcoitía foi bem mais político que histórico e que seu nome só perduraria nos textos especializados. Apesar das discussões a propósito das honras concedidas — ou talvez por isso mesmo — todo mundo foi ao enterro. No mausoléu da família, seu corpo ocupou um nicho com seu nome e as datas de nascimento e morte, equiparando-se no mármore com os Azcoitía que o precederam. Os oradores evocaram seus feitos, os ensinamentos desta vida exemplar que assinalava o fim de uma raça a que o país, apesar das mudanças do mundo contemporâneo, se reconhecia devedor. Uma pesada cadeia de ferro fechou as grades do mausoléu onde, dentro de umas horas, as flores começariam a apodrecer. Dando-lhe as costas, os cavalheiros vestidos de negro distanciaram-se lentamente entre os ciprestes, lamentando o fim de tão nobre linhagem.

TÃO LOGO VOLTEI naquela noite, tudo já terminado, fui despertá-las uma a uma em suas tocas para avisá-las que Madre Benita levará Inés. Claro, opinaram, deve ser por causa do frio, como podia viver aqui a pobre senhora com este frio que lhe estava gelando os ossos, não há quem es quente um quarto nesta Casa, deviam ter construído uma boa toca, bem-feitinha, num dos corredores, se o Mudinho estivesse bem e não como está, podia ter ajudado à pobre Dona Inesinha a fazer uma toca igual às tocas em que moramos para não passar tanto frio neste inverno que se prolonga e parece que nunca vai abandonar a Casa, ela deve estar acostumada às suas comodidades com calefação central e tudo o mais, bem regalada é essa Dona Inesinha, claro, uma senhora tão rica, e não seria?

— Que foi que ela levou?

Nada. Um *nécessaire*. Deixou tudo, nossas coisinhas que nos faziam tanta falta e que agora vamos poder recuperar, o bando murmurador aumenta com as velhas que vão saindo das tocas para a capela pelos corredores, uma, duas velhas levam velas enfiadas em castiçais, para recuperar suas coisas. Abrem as portas e acendem mais velas: as velhas se lançam sobre os montões de objetos imundos que perderam jogando no maldito canódromo, não gritam, não brigam pelas coisas, reconhecem-nas e as repartem, este avental de percal florido de meio-luto é igualzinho ao seu, mas este é o meu e aquele outro do outro monte é o seu, as formas suaves das velhas iguais e intercambiáveis foram marcando o que lhes pertence, sapatos remendados, meias furadas, xales, olhe Rita, encontrei aqui seu xale quadriculado que no outro dia você estava dizendo que lhe fazia tanta falta, cobertores, colchas, anáguas de lã, cada coisa volta às mãos de sua dona depois dessa breve permanência em outras mãos que não deixaram seu selo: este é o escapulário da Auristela, o cabeio de Rafaelzinho para Clemência que não se conformava em perdê-lo, o terço da Lucy que diz que o Papa o benzeu mas ninguém acredita, estas meias de quem são, são de lã cinza, se têm buracos para os joanetes são minhas, toda a roupa da pobre Iris, até seu casaco café.

Iris usa-o agora todo o dia. Como lhe faltam alguns botões, prende-o com um alfinete de gancho sobre o peito. Conserva restos de adorno de pele de castor na gola e nos bolsos porque é bem bom e bem agasalhante o paletó que a Brígida deu à Iris e como ela anda meio resfriada não o tira de cima, olhe só como seu nariz escorre e ela o limpa com a manga ou com as mãos rachadas pelas frieiras. Olhem-na. Mas ninguém olha para Iris, nem mesmo as outras órfãzinhas, que, agora que a Madre não está, gastam as tardes passando trotes pelo telefone, como lhes ensinou Dona Inesinha.

Olho para Iris. Espio-a do umbral ou escondido atrás do jasmineiro: agrada-lhe sentar no corredor, sob os aparatosos vitrais que os leiloeiros encostaram às pilastras. Fica ali, inerte, deixando passar as horas, mergulhada nos reflexos do sol ao atravessar os vidros, matéria passiva que recebe a cor de âmbar, e quando o sol avança um pouco uma porção de céu azul cruzando-lhe o rosto, uma estrela em sua boca, em seu ombro, desaparece, Iris flutuando com nenúfares na luz verde-água, Iris sombreada por um manto piedoso, Iris despida pelo reflexo rosa de uma túnica santíssima e eu durante horas inteiras contemplando suas lentas mutações, entardece, o vento agita os galhos verdadeiros que confundem a luz em que as coisas estão se dissolvendo sob o vitral, Iris se dissolvendo em lagoas furta-cores que flutuam, mas o reflexo de uma mão resgatou seu rosto desenhando-lhe um novo perfil, preciso, agora que amarra todo o cabelo na nuca com um elástico e assim libera suas feições para revelar uma estrutura óssea de certa nobreza cujo embrião se começa a perceber: porque é você, reconheço-a, ela batizou você antes que a levassem ao manicômio, Inés, Inés nua e ruborizada sob o reflexo da túnica e permanece de pé sob o arrebol dos vidros sem saber onde ir nem o que fazer, nem quem é, nua, recém-acordada, as mãos unidas, olhando as sombras que se estendem sobre o pátio, que avançam e me escondem e eu avanço escondido, menos de vinte por cento que avança inteiro, eu lodo levantado ao me aproximar desse resto de luz que a desnuda sob os vitrais, gostaria de poder anular esse vinte por cento para descansar mas não posso porque você existe, Inés, porque a tenho presa entre estas paredes inexpugnáveis, Inés, porque de meu limbo você está me fazendo descer ao inferno da existência obrigada a desejar, e não me deixa esquecer que respiro e tenho respirado mas jamais respirei o suficiente, que quero e tenho querido mas jamais saciei nenhum desejo, Inés, você acaricia esse gato que ronrona

contra seu peito despido pela luz que confabula com o silêncio deste pátio distante para me apressar, está pronta, Inés, estou pronto aqui na sombra, a dois passos de você, aguardando que seus braços soltem o gato antes que a escuridão volte a vesti-la e me aproximo de Inés nua e lhe digo ao ouvido:

— Inés.

Você responde sem se surpreender:

— Que é?

Vou me saciar sem que a Peta se intrometa, sem que Jerónimo me empurre ou me proíba porque agora nem Jerónimo nem Peta existem, suas exigências desapareceram, sou livre, frente a esta mulher livre: o inferno. Não se afaste, Inés, embora a luz tenha se desvanecido e você esteja outra vez coberta de roupas, eu a tenho atracada contra meu corpo. Você está tiritando. Não é de frio: seus olhos dizem que você sente outra coisa que não é frio nem é igual ao que sinto eu, é medo, não tenha medo de mim, Inés, deixe-me guiar sua mão aqui sob os vitrais como dentro de uma barraca multicolor, sua mão tensa na minha, mas me obedece, seus olhos repletos de terror, seu cabelo revoltado contra o firmamento de vidro e suas coxas me escapolem e sua boca, como sempre, desde o começo, desde o pesadelo inicial, rechaçando minha boca porque minha boca é suja, quero vingar-me porque você rechaça minha boca que não é suja e obrigo seus dedos a tocar meu sexo, você o agarra, aperta-o como só se pode apertar um pedaço de carne potente e afunda nele suas unhas e com um puxão raivoso arranca-o pela base, nervos, artérias, veias, testículos, tecidos, meu corpo esvaziando-se de sangue aos borbotões que a salpicam: olhe suas mãos ensanguentadas, olhe como corre o sangue por suas pernas formando o charco em que você está, de pé, histérica, pálida, decomposta, os olhos fechados, não quer ver o sangue que a empapa e geme porque não entende, não me rechaçaria se eu me aproximasse agora porque você se apoderou de meu perigoso instrumento deixando-me uma chaga incurável entre as pernas, eu não grito, fico anulado pelas sombras, você grita, chama, convoca, magnetizada nesse charco de sangue, pedindo ajuda, o vidro sem luz lhe ensombrece enquanto chegam as velhas, o que aconteceu, o que aconteceu a esta menina que grita tanto e não percebe e se desmorona no charco de sangue. Ela murmura:

— É mentira.

— O que é mentira?

— Que ia ter um filho...

De que filho está falando? Mudinho é o filho que estivemos esperando tanto tempo e nasceu há tanto tempo que já não há ninguém aqui na Casa que lembre quando nasceu, para isso o temos criado, levamos e levamos de velhas, o menino obediente não faz senão o que nós desejamos que faça, o menino é santo e é sempre menino sobretudo de noite quando aqui ainda estava a Madre Benita, mas agora que não está e que nos instalamos todas na capela o menino é menino todo o tempo, por isso é que estamos com nossas bolsas e pacotes, prontos, morando na capela todas juntas como depois da guerra ou de um terremoto, esperando o momento e que o menino nos leve, a todas as velhas da Casa, ao céu em suas carruagens brancas puxadas por cavalos com gualdrapas brancas e vai chamar outros meninos santos como ele para que tragam grinaldas e toquem as trombetas e as liras. Iris sacode a cabeça. Não, não, não... você está negando minha santidade, tem medo que eu tenha adquirido o poder que queria.

— ... inchando e doendo por aqui há dias... Dona Rita, não era verdade que antes eu sangrava todos os meses... só dizia para que não pensassem que era boba, como todas as outras meninas sabiam ler... eu, pelo menos isso...

Mas que importância tem você, Iris, perguntam as velhas, e que importa que esta seja a sua primeira menstruação, se já temos o menino e estamos prontas para partir? Iris delira, fala de quando saía à noite, se nunca tinha saído à noite, e do Gigante como se existissem gigantes, agarra-se gemendo à saia da Rita, nem se a estivessem matando berraria tanto por algo que todas têm que passar e basta tomar um pouco de sal de fruta e uma aspirina... vamos, menina, não chores tanto, que loucuras estás falando, quem é que não deixavas que te fizesse nada senão passar a mão, e ela e o Gigante esse que lhe deu na veneta de falar, porque a Iris está delirando, faziam naná mas nunca dormir, dormir é ruim, naná não, e começou a se inchar de medo e a se esconder sob o casaco café... estás mentindo, levantando falso testemunho contra o menino, cala a boca, tu dizes que ele te atirava na rua de noite para que fosses te juntar com o Gigante e depois voltar e contar tudo o que fizeram, onde havia te tocado e tu nele, é um porco, um degenerado, que tentou dormir comigo e me deu medo por isso...

— Ouvir tuas porcarias?

— Como, se é surdo?

- Não é surdo.
- Mentirosa.
- Não tem vergonha, Iris?
- São coisas que ela imagina.
- Não... me obrigou a tocar nele...
- Asquerosa.
- Como pode uma menina tão pequena...?
- É verdade... e me perguntava coisas: que mais, que mais.
- É mudo.
- Não pode perguntar nada.
- Não é mudo: é mentiroso.
- Não se atreva a dizer blasfêmias contra o menino!
- Vamos te matar a paulada se continuas falando assim...
- Tenho uma vara aqui.
- Eu dou com o sapato.
- É verdade!
- Como, se é santo?
- Ela quer é tirar o menino da gente.
- Elevá-lo.
- Tu não tens nada com o menino, Iris.
- O menino é da gente.
- Vamos escondê-lo.
- Sim, é melhor escondê-lo.
- O menino nasceu nesta casa há muitos anos.
- Ninguém se lembra quem foi a mãe dele.
- E pai não teve.
- Não, porque os homens são porcos.
- E não pode contar quem foi a mãe dele.
- Claro, é mudo.

Iris se levanta, as mãos, o casaco café, as pernas, toda ela lambuzada de sangue. Através do toldo de vidros incolores brilham as estrelas verdadeiras. Iris está furiosa:

- Não é mudo.
- Dora lhe dá um bofetão.
- Nem é bebê.
- Lucy lhe dá uma varada nas pernas.
- Nem é santo.
- Rita lhe puxa os cabelos.
- Puta!
- Sim, puta!

- Quando estavas delirando confessaste teus pecados...
- Sem nos dizer nada, saía para farrear de noite.
- ... e não se arrependeu.
- Menina puta!
- Temos que castigá-la.
- Sim, vamos castigá-la.
- Sim, por ser puta.

Trazem você à capela. Rosa Pérez e Clemência já me curaram da chaga que você deixou entre minhas pernas, cobriram com gazes esse vazio e o vendaram, enfaixando-me bem enfaixado para que assim o menino não se molhe à noite e principalmente para que não molhe o seu lençolzinho, custam tanto a secar os lençóis com este tempo que está fazendo e não há nada mais fedorento que os lençóis com cheiro de pipi de nenê. Ao ver você entrar e avançar até meu berço, e ficar parada me contemplando como se pensasse, como se pudesse pensar, cubro meu rosto assustado com minhas mãozinhas e choramingando digo:

- Má!
- Vê?
- Até o menino entende.
- Má.

A primeira palavra do menino. Está aprendendo a falar e não é preciso ensinar-lhe nada. Tudo por culpa desta boba porcalhona da Iris Mateluna, é tão puta que até o menino santo que jamais saiu desta Casa e é todo inocência percebe que é uma puta de porcaria que não tem por que morar aqui neste ambiente piedoso, rodeada da santidade da miséria e da velhice.

- Levem-na embora!

Olham-me espantadas: o menino está começando a fazer milagres, seu poder está se manifestando, manda porque sabe que lhe obedeceremos e quer que tiremos este lixo da Casa onde vive. Está nos insinuando do jeito que pode que não vai fazer nenhum milagre nem vai nos levar ao céu até que limpemos o ambiente. É preciso tirar esta puta daqui. Deixe ver... vamos vesti-la de puta. Soltam seu cabelo que cai até a cintura. Depois de tirar seu casaco, põem em você um suéter muito justo sobre as tetas, e você, María que é baixinha, empreste sua saia verde para que fique curta nela e apertada e se note bem o traseiro além das tetas, pintam suas sobancelhas com fuligem, as pálpebras obedientes com um pouco de carvão diluído, a boca imensa e vermelha para que fiques bem

vistosa vamos ver como te saís Iris em teu negócio, não, o casaco não, mesmo que tenhas frio, com o casaco não vão ver o corpo e os homens gostam de ver o corpo das putas como você. Rita e Dora cobrem os rostos com xales e como têm que obedecer ao menino jogam você na rua: assim, ladeada por esses dois corpos andrajosos Inês sai da Casa encarnada numa grande boneca artificial e pintada igual ao Gigante. Ande, vamos, não fiques aí parada como boba, tens que trabalhar e ganhar a vida, as velhas a empurram, ela obedece minha peremptória ordem de ir-se para sempre, metem-se por becos desertos, atravessam pracinhas sem árvores cercadas de janelas com todos os postigos fechados, percorrem ruelas sem lampiões para que ninguém as reconheça, como se alguém pudesse reconhecer um par de velhas igual a todas as velhas miseráveis que percorrem as ruas, atravessam um lugar baldio e chegam à avenida onde fingem examinar os cartazes de um cinema sob a marquise de luzes pobres. As pessoas entram e saem do cinema, e passa gente pela rua sem olhá-las, Iris está tão atordoada que não percebe que este afinal é um cinema, artistas, musicais, senhoritas que fecham os olhos quando são beijadas, nada, você é puro envoltório, anda no vazio seguindo as velhas que se afastam um pouco para que as pessoas achem que você está só. Um senhor de terno escuro passa e assobia. As velhas percebem, agarram você, e a enfiam por uma ruela até o fim da quadra mal-iluminada, olhe, o senhor vem nos seguindo. As três se escondem em um portal. O senhor passa, assobia outra vez, fica na outra esquina um instante e ao regressar à avenida e passar frente a elas as velhas dizem, vá, ande, e Iris vai trabalhar assim é certo que continuará puta, claro velhas, claro que continuará puta, que outro destino pode ter uma mulher de cartão-pedra com a cabeça vazia senão que a destruam e despedacem os homens famintos como esse que a leva, que lhe oferece um cigarro e se perde com ela, adeus, Iris, adeus, não fumes, Iris, és muito menina, enfim, se vais ser puta melhor que fumes, está bem, é um destino, capaz que até passes bem porque dizem que a vida das putas é muito regalada, levantando-se tarde e tudo, e a gente, de boba, que com 13 anos quando morreu meu pai, comecei a trabalhar numa casa de ricos e tinha que me levantar ao amanhecer, muito tarde vieram as regras desta menina, mas é um diabo esta menina, olhe só como se aproveitou que estavam inchando e tentou nos enganar para que a gente acreditasse que era gravidez milagrosa... sim, Rita, não chore, vai se sair bem, esse

senhor tinha cara de ser bom e a levou de táxi, por isso não pode ser mau e é certo que consegue outro emprego porque não pode ser nada agradável passar a vida fazendo porcaria com gente que a gente nem conhece mesmo que paguem, mas como a Iris é gordinha vai se sair bem porque é das gordinhas que os homens gostam mais: sim, eles dizem que gostam das mulheres que têm muito onde agarrar... que quer dizer isso, nem o idioma que os homens falam nós as velhas entendemos, é como se falassem chinês algumas vezes, e quando a gente vai ficando cada vez mais velha, cada vez menos vai entendendo o que os homens falam. Por isso não é preciso ensinar nem uma palavra ao menino, temos que conseguir que esqueça das que já sabe e nós sabemos que sabe porque ele as disse, dizendo uma ou duas coisas se começa e depois é capaz de se pôr a falar coisas horríveis que nós não entendemos.

ESTAMOS MORANDO NA capela. Como que refugiadas de um território devastado por uma catástrofe as velhas dormem sobre montes de farrapos, sobre travesseiros e algum colchão, umas arrimadas às outras para se proteger do frio, cada uma tem uma bolsa com seus pertences mais queridos que pensa levar ao céu, improvisando braseiros em latas, um grupo comenta que o desaparecimento da Iris faz iminente a partida, alguém tosse, um grupo prepara a tina onde me enfiarão para o banho: põem fogo numa lata de parafina para esquentar a água, estiveram arrancando os pedestais e os atirando ao fogo, pedaços do assoalho, os batentes das portas, o parapeito de paus torneados do presbitério e a cadeirinha dourada, e continuam comentando que isto não vão demolir nunca embora elas já tenham começado a destruição, estão fazendo desaparecer todos os traços característicos desta capela onde me rendem culto com a primitiva liturgia de cuidar-me, limpar-me, alimentar-me e vestir-me com a roupa do Boy, todo o seu enxoval porque lhes entreguei as chaves, abriram a cela de Inés e seu mundo e o trouxeram todo, me enfeitam e mimam como sempre quis ser mimado. O dia é curto nesta época do ano. Elas quase não saem à luz. Proibiram as orfãzinhas de sair da capela, não vá aparecer homens maus que as levem como levaram, por ser desobediente e mentirosa, a Iris Mateluna. As orfãzinhas também me mimam, já não as distingo, ficaram iguais às velhas, suas mãos ásperas, suas tosses, suas mentes obnubiladas, seus passos sigilosos,

que não nos ouçam, que não nos veja, que não apareçam homens maus, que medo. Quase todo o tempo é noite. Eu sou quase todo bebê.

À noite as velhas saem da Casa. O que foi feito da Madre Benita? Madre Anselma, a senhora não soube nada? Ah, a senhora não é a Madre Anselma, a senhora é só a Carmela, que houve, Carmela, encontrou o dedinho de seu arcanjo, ah, você não procurava o dedinho, era a Amalia que procurava, onde estará a Amalia, ela foi das primeiras, lembrem-se, onde estará ela e onde a terão encerrada a pobre, você não é a Carmela, é a Eliana que pôs sobre a cabeça o xale esburacado da Carmela e eu confundi... que te interessa saber por que a Madre Benita não telefonou quando estás ficando mais boba que a boba da Iris, pena que não tenhas corpo de mulher porque senão... Não é, Rita, que poderíamos...? Nenhuma das orfãzinhas têm tetas, nem bunda? Não, nenhuma, então não podemos levá-las à rua como a Iris para que ganhem uns bons pesos e tragam dinheiro para a gente ter com que encher o seu bucho. Mas é estranho que a Madre Benita não tenha telefonado nem uma vez, não venham me dizer que não, e o mais estranho de tudo é que tenha ido embora sem sequer se despedir de nós depois de dizer que nos queria tanto... é o cúmulo. Nem o Padre Azócar, que antes ficava telefonando por qualquer coisa. Não tem importância. Não importa nada porque o menino vai nos levar e quando eles vierem vão encontrar a Casa vazia... eles merecem, porque se esqueceram de nós, já não há comida, podemos ser velhas e com pouco apetite mas algo temos que comer... por isso é que eu dizia disfarçar a Frosy de mulher e jogá-la na rua para oferecê-la, mas não, os homens percebem que não é mais que uma menininha de 11 anos e não vão nos dar nada... pelo menos se tivéssemos algo para tomar, chá ou mate ou café ou sopinha de cabelo de anjo, qualquer coisa mas alguma coisa, é o cúmulo que tenham se esquecido assim da gente, mas não importa, vão pagar caro com a surpresa que vão levar quando notarem que não ficou mais ninguém na Casa. Uma noite, a Auristela saiu a mendigar e voltou com erva e açúcar. Depois saíram outras, as mais atrevidas, a Rita e a Dora juntas, a Zunilda Toro que tem uma voz fanhosa muito convincente, e as demais as foram seguindo. Não se afastam muito da Casa porque se cansam e têm medo de se perder. É como se, anoitecendo, uma lenta maré de imundície e de súplicas fosse invadindo o bairro, vozes lamurientas, passos miúdos que seguem mas poderiam

perseguir, o fétido alento que agradece, a mão retorcida que se apodera da moeda e a esconde na saia puída, os olhos que brilham um minuto e se apagam. Uma velha segue um rapaz junto à parede implorando que lhe dê algo, insistindo com voz chorosa, o rapaz se apressa mas a velha o alcança e como não se atreve a fugir, dá-lhe uma esmola, depressa, para que se vá, para que o deixe tranquilo, lhe dá mais dinheiro do que devia. Uma tarde, um grupo de velhas voltou com bolsas cheias de verduras e enlatados: contaram que haviam seguido uma senhora que acabara de fazer compras e foi tanto o assédio do grupo de velhas esfaimadas e choronas e seus gemidos na rua deserta, que a senhora, de repente, assustou-se com tanta tosse e tanto choro e tanta insistência que largou suas sacolas e fugiu correndo, o que podemos fazer, comentaram, a necessidade tem cara de herege, assim dizem. Começaram, então a sair em grupos até o armazém onde umas distraíam, com suas intrigas de comadre, a dona e as freguesas enquanto as outras tiravam coisas, às vezes coisas inúteis mas sempre tentando tirar coisas como pão e chá e açúcar, como alimentar 40 velhas por muito pouco famintas que sejamos nós as velhas, sempre pedimos algo, uma tacinha de chá, um pedaço de pão mesmo que esteja velho para pôr no rescaldo que deixa a lenha com que esquentam a água para lavar o menino. Põem o menino perto das brasas para que não sinta frio, às vezes quase me assam mas não posso gritar porque não tenho voz, sim, estas harpias querem me enfiar num espeto para torrar minha carne delicada sobre as brasas e me devorar, mas não, me estendem na cama é preciso tratar bem o menino, olhe-o Auristela, olhe-o Teresa, olhe os olhões que tem, olhe como nos olha querendo dizer que esperemos um pouquinho só porque já vai fazer o milagre, que tenhamos paciência, logo chegarão as carruagens, já estão pedidas, esperem, mulheres, esperem, mas como vamos esperar se estamos morrendo de fome. A liturgia de me mudar, me lavar, me cobrir com fraldas, calções, enfaixar-me dentro de uma pamonha ante o altar inexistente, ante os restos de híbridas deidades esquecidas cujo gesso se esfarela na umidade, cai um braço, um rabo de dragão, se faz em pedaços no chão, as velhas pisam nestes pedaços correndo para receber as que chegam da rua, vamos ver, que coisas trouxeram hoje, meninas. Contam que foram a um açougue e enquanto o dono cortava não sei que pelancas para uma freguesa míope elas puderam tirar... olhem, uma costela de ovelha inteirinha, alegria, alegria, arrancaram mais madeira do assoalho,

derrubaram uma porta, fizeram fogo esperando que se transformassem em brasas incandescentes nas quais pudessem assar as costelinhas e o magnífico aroma chegou até meu nariz: nessa noite, enquanto acocoradas à volta do fogo roíam os ossos da ovelha, me meteram dentro de um saco, deixando-me só a cabeça de fora, como se fosse um peru embrulhado: me costuraram bem costuradinho dentro do saco para que o menino não se mexa, outro ponto, aí, com essa agulha de costurar sacos, é melhor usar mais um saco, você que não está comendo, Zunilda, e que tem força, meta-o dentro deste outro saco e costure-o, eu também queria dar uns pontos porque conheço um que não há quem rompa. Colocam-me no berço do menino. Enquanto elas festejam o roubo da costela, enquanto ouço como os cacos de dentes roem os ossos, enquanto diviso os vultos que se movem na penumbra e os rostos moldados na sombra, eu engulo a papinha com que me alimentam, há semanas não me dão outra coisa e sinto nojo, e não quero e as velhas se queixam que este menino está enfasiado, o que terá, será frio, é melhor metê-lo dentro de outro saco e dar novos pontos vamos, Carmela, você tem mais sacos. Carmela costura. O material áspero e fedorento da juta irrita meu pescoço até fazê-lo sangrar, gostaria de lhes implorar que afrouxem um pouco o buraco por onde sai minha cabeça, mas como, se não sei falar, nasci mudo, dizem que foi nesta Casa, e agora que não tenho nem mãos para fazer sinais, como posso me comunicar com elas. Nem meus olhos têm poder para rogar que me aliviem, nem olham meus olhos quando me dão a papinha, ou quando me lavam a cara com um trapo, ou quando costuram outro saco por cima do anterior até que chegam a raspar meu queixo, não me veem porque não importo, não existo, sou só matéria passiva sobre a qual vão projetando imagens, o menino, Boy, o milagre, a hora da papa, como vai ser se não está pronta, María, um minutinho, não me demoro nada, o menino vai chorar de fome, mas não choro mais nem digo tou com chono nem pipi.

Porque agora saem quase todas as noites, deixam-me só na capela. Talvez em um canto escuro permaneçam algumas presenças que não saíram por estar doentes ou fracas, agitando-se na imundície ou tossindo ou gargarejando, deve ser alguma velha agônica que não distingo e que as outras esqueceram com o entusiasmo de sua nova empresa. Porque agora voltam muito tarde com os frutos do saque. Dizem que neste bairro tem havido assaltos.

Velhas criminosas espreitam os transeuntes nas esquinas, seguem-nos choramingando e tossindo, insistentes e perseguidoras, soluçando e mendigando até obrigar a pessoa a entrar em qualquer beco mal-iluminado e cinco ou seis velhas se desprendem da sombra e se deixam cair sobre a vítima, com cordas e paus, e a despojam de tudo o que tem: dinheiro, pacotes, roupa. Dizem que têm encontrado várias pessoas feridas e nuas no bairro. As entradas são perigosas. Uma coisa que na sombra parece tronco de árvore pode ser uma mendiga desdentada e trêmula que, com sua cantilena de misérias e enfermidades, pode levar uma pessoa a um terreno baldio e o bando sangrento pode se lançar sobre ela... é melhor não andar sozinho de noite por este bairro que não é mais o que era antes, nos bons tempos, foi estragado por estas velhas... mas não pode ser verdade... deve ser mentira... ninguém acredita... a pura verdade... como podemos acreditar que um grupo de mendigos anciãos, saídas quem sabe de onde, tenha invadido este bairro tão tranquilo, dizem que há gente que quer se mudar para outros bairros, dizem que quando esse rapaz do negócio de compra e venda de revistas estava sozinho, elas começaram a pedir esmola, depois, seis velhas lhe roubaram a caixa, é melhor procurar quarto em outra pensão longe daqui, é preciso sair de noite porque um pedaço de noite, de repente, se encarna e cai sobre a gente para roubar o pouco que se leva nos bolsos, seguem as pessoas, devagarzinho, e de súbito, aquilo que parecia sombra se rebela, se deforma e ataca, isso é o que acontece, pode ser que essas velhas de que estão falando tanto aqui no bairro não sejam senão sombras dos medos, mas isso de ter muitas velhas... enfim, não sei se muitas mas parece que tem mais velhas que antes... sai com a cabeça enrolada no xale, arrastando chinelas, deslizando junto à parede, só, mas quando a gente a vê avançando só, encurvada e manca, a gente sabe que há um grupo armado esperando atrás da esquina, então a gente imediatamente caminha até o lampião da outra calçada, vê um par de velhas ocultas no umbral da casa mais à frente, então a gente vai para o meio da rua e se encontra com um grupo de sombras que avançam, e a gente quer voltar atrás mas há só um muro sem janelas porque eu as vedei todas e com meu pincel simulei velhice para que ninguém note ausências, só rostos, só farrapos, às vezes atacam, às vezes não, é questão de sorte porque não se pode ter medo de velhinhas que escapolem como ratazanas e depois voltam à capela com os frutos do saque, para reparti-lo, para

comer coisas, este casaco de mulher gorda vou levar de presente para a Mercedes Barroso, e esta corrente de relógio de ouro para a Brígida que vai ficar contente, a coitada.

— Vi a Iris.

— Onde?

— Aqui por perto.

— Como?

— Estava de chapéu.

— Não se usa mais chapéu.

— Mas esta que eu falo estava de chapéu e me olhou.

— No meu tempo os chapéus eram...

— Não vá a Iris querer se enfiar aqui.

— Penso que é isso que quer.

— Por quê?

— Não sei, agora que deve estar rica...

— Para roubar o menino da gente?

— Tirar o menino da gente?

— Antes que faça o milagre?

— Não pode...

— Temos que guardar o menino.

— Sim, temos que escondê-lo.

— Ele não deve notar que vamos guardá-lo, porque pode ficar com medo.

Cada uma simula seus afazeres habituais, ou realmente os faz: a María Benítez está cozinhando pantrucas^[16], alguém disse que tinha tirado cor no outro dia do despacho, dá-me a cor para colocar nas pantrucas que sem cor são como se não fossem pantrucas mas não há como pantrucas feitas no molho de perua, arreventam o chão a machadadas e atijam o fogo com as lascas, costuram à luz de uma vela, arrumam suas porcarias nos sacos. Quando se aproximam de mim com um saco grande: me tomam nos braços dizendo-me meu lindo, bilu-bilu, não tenha medo meu menino, nós vamos cuidá-lo para que essa mulher má e lambuzada de pintura não venha roubá-lo para fazer porcarias com você que é santo. Enfiem-me dentro do saco. As quatro se ajoelham à minha volta e costuram o saco. Não vejo. Sou cego. E outras se aproximam com outro saco e tornam a me enfiar e voltam a costurar enquanto murmuram jaculatórias que quase não ouço, para que faça o milagre quando seja sua vontade, mas que seja logo, loguinho, porque a Ernestina López vai morrer aí no canto, está doente, está chorando porque diz que não quer

morrer, costuram, amarram mais sacos sobre minha cabeça e outras se aproximam e sinto levantar-se à minha volta outro envoltório de escuridão, outra capa de silêncio que atenua as vozes que mal distingo, surdo, cego, mudo, pacotinho sem sexo, todo costurado e atado com tiras e cordas, sacos e mais sacos, mal respiro através da trama das capas sucessivas de juta, aqui dentro está quente, não há necessidade de se mexer, não preciso de nada, este pacote sou eu inteiro, reduzido, sem depender de nada nem de ninguém, ouvindo-as dirigir-me suas preces, prostradas, implorando-me porque sabem que agora sou poderoso e vou fazer o milagre.

— CHEGOU O momento, minhas filhas...

Parado no degrau da sala da Rita, o Padre Azócar contemplou o grupo de suas filhas: trinta e sete velhas, os detritos de trinta e sete vidas, pálidas, magras, fracas, sujas, enrugadas, trinta e sete segundo a lista que Madre Benita lhe disse encontraria na gaveta de cima de sua escrivaninha, já as tinha contado, eram efetivamente trinta e sete velhas, todas mais ou menos doentes. Durariam bem pouco na nova Casa.

— ... chegou o momento de partir...

Elas já o sabiam. Durante toda a manhã, quatro padrezinhos jovens, em suas elegantes batinas de um negro nunca visto na Casa porque na Casa tudo fica cinzento, percorreram pátios, corredores, tocas e quartos, rodeando as asiladas como quatro benévolos cachorros negros rodeiam uma fila, e as conduziram à portaria ajudando-as a carregar seus sacos, trouxas, cestas, malas, pacotinhos e caixas amarradas com cordõezinhos ou tiras. Padre Azócar, sentado à mesa de Rita sob o telefone, ticava o nome de cada uma à medida que se apresentava. Algumas saíram à rua: aí as esperavam, brancas, enormes, reluzentes, refletindo o sol da manhã, estacionados à frente da Casa. Claro que não eram carruagens, não se usa mais carruagens, eram lindos ônibus, modernos, os vidros com um ligeiro tom esverdeado e talvez tenham até calefação, o que seria muito conveniente porque para subir tanto como vamos ter que subir para chegar ao céu necessitamos de calefação.

— No bairro alto, em meio de um jardim, espera-as uma casa branca especialmente preparada para recebê-las. Dormitórios, capela, banheiros, calefação maravilhosa, sala de jantar, vão ver, e se demoramos um pouco para vir buscá-las é porque queríamos ter tudo pronto e que não faltasse nem um detalhe. Estes ônibus que veem na porta da Casa são também para vocês, para levá-las a passear quando estiver bom tempo, e a Madre Benita está estudando a possibilidade de levá-las para veranejar na praia...

— Como está a Madre Benita?

Padre Azócar sacudiu a cabeça com um pouco de pena.

— No princípio, nada bem: uma espécie de esgotamento nervoso, disseram os médicos, com uma semana de descanso ficou como nova, esperando-as. Ela e Dona Raquel Ruiz acertaram tudo sobre a herança da Brígida Oyarce, não sei se se lembram dela...

— Então não vamos nos lembrar da pobre Brígida!

— Brígida era Oyarce?

— Não, era Reyes Oyarce...

Discutiram os sobrenomes da Brígida: Oyarce por parte de mãe e Reyes pelo pai, Reyes pela mãe e Oyarce pelo pai, não, não está certo Carmela, estás mentindo, Oyarce era o sobrenome do marido, não o dela, como é que Dona Raquel não vai saber, perguntem a ela, não, Auristela, se tu não eras nem amiga da Brígida assim é que não me venhas dizer que sabes melhor que eu, olhe só como Lucy é mentirosa, Padre Azócar, está dizendo que Oyarce não era o seu sobrenome de solteira nem de casada, que se chamava Brígida Farias Reyes de Castro, estão gritando, tossindo, as que minutos antes haviam se negado a soltar seus embrulhos ou as imagens que levavam envoltas em sacos, deixam tudo no chão para tomar parte na discussão, cada uma delas é a única que sabe, todas as outras estão enganadas, as versões sobre a identidade da Brígida se multiplicam, complicam e contradizem, que a família Oyarce a havia criado, mas era Reyes, que uma família Reyes a havia criado mas era Oyarce, que tinha trabalhado na casa de uma família Oyarce antes de viver com Dona Raquel, mas o que tem a ver isso com que o seu sobrenome figure como Oyarce, deve ser Oyarzún ou pelo menos Oyanedel. Padre Azócar emudeceu ante o clamor. A Brígida só existia em sua fábula, culminando no legado que, finalmente, agora que não havia como salvar a Casa das mãos dos demolidores, Dona Raquel entregou ao Arcebispo. Madre Benita, melancólica e cansada, deixou-se convencer que já não tinha mais idade para empreender uma tarefa nova como a de administradora da Cidade dos Meninos, que as técnicas modernas requeriam muita preparação e estudo para uma coisa assim e seria preferível que fosse terminar seus dias com as outras velhas na nova Casa adquirida com o dinheiro da Brígida: Madre Benita aceitou. Disse, porém:

— Vencida.

— Não diga isso, Madre.

— São meus anos.

— Chegamos para todos nós, Madre.

- Eu pensei que não me alcançariam.
- Como é isso...?
- ... ou que me alcançariam de outra maneira...
- Não entendo.

— Não importa, Monsenhor. Conceda-me, pelo menos, o privilégio que têm as velhas, de dizer coisas que não significam nada. Quando podemos começar a nos instalar na nova Casa?

Da discussão dos sobrenomes da Brígida passam a brigar pelo direito de que se considere a uma ou a outra a melhor amiga da Brígida, e daí a quem ficou com que coisa da Brígida, a colcha de cetim azulado, o rádio de pilhas depois que levaram a Amalia quem sabe para onde, a imagem da Anunciação, a tesourinha, o *polissoir*, a touca de banho framboesa: Brígida viva, mais material que qualquer das presenças andrajosas e suas vozes engrossadas pelos anos. Padre Azócar tinha tido a intenção de explicar-lhes a origem da fortuna da Brígida e do legado, juntando uma breve resenha da história da Casa, referindo-se a Inés de Azcoitia e aos soberbos projetos que começariam a tomar corpo nesse mesmo lugar tão logo se iniciasse a demolição, dentro de uma semana... inútil, inútil, as mentes das velhas enredavam-se em um emaranhado que impedia toda tentativa de iniciar uma ordem. Em seu bolso fez uma bolinha com o papel onde, nessa manhã, anotou alguns dados para sua alocução e a jogou ao chão. Rolou até os pés de uma velha, que, enquanto discutia com a velha vizinha, recolheu-a, abriu-a cuidadosamente, e sem preocupar-se em ler, se é que sabia ler, dobrou o papelzinho e o guardou: podia, por acaso, precisar dele. Padre Azócar ficou-a observando. Incrível! Com razão a pobre Madre Benita tinha querido sair deste inferno de mentes e corpos deteriorados. Era melhor não lhe explicar nada. Que pensassem o que quisessem porque as razões e os despropósitos, as causas e os efeitos careciam de vigência para estes seres anárquicos. Enfim. O melhor era tirá-las da Casa e embarcá-las nos ônibus. Agitando seus braços e os papéis com as listas, fez com que se calassem.

- Padre Silva.
- Sim, Padre?

— O senhor e o Padre Larrañaga levem ao primeiro ônibus esta... esta senhora que está muito doente. Temos que hospitalizá-la. Os médicos estão nos esperando para começar a examinar todas elas hoje mesmo e eles dirão o que se deve fazer com esta... Como se chama?

— Ernestina López.

— Não, Lucy, Ernestina Rivas viúva de López.

— Sim, está aqui: Ernestina Rivas viúva de López.

Abriam a porta para pedir uma maca. Puseram nela a enferma e as velhas se amontoaram à porta para ver como a subiam ao maravilhoso veículo branco. Coitada, como estava doente a senhora Ernestina, quase um cadáver! Quando, porém, o Padre Larrañaga sentou-se junto à janelinha de vidro esverdeado, imediatamente pareceu ressuscitar, e banhada por um raio de sol que a iluminou de uma das janelas do teto, sorriu para suas companheiras e lhes fez sinais com as mãos como que dizendo, apressem-se, meninas, aqui está bom. Fecharam a porta outra vez. Sim, apressemos-nos para ir. As velhas pegaram seus pacotes e valises. Por favor, o menos possível, disse-lhes o Padre Azócar, lá lhes darão tudo, novo. Eu não dizia, garotas, que lá no céu dão tudo novo às pessoas? Sim, mas não vou deixar esta santa com rabo de dragão que eu gosto tanto. Nem a bolsa com as minhas coisinhas. Nem este Arcanjo São Gabriel. Não é o da Amalia? Claro, eu o levo para devolver-lhe, garanto que lá aonde nos levam deve estar a Amalia e terá encontrado o dedinho. O menos possível, filhas, só o indispensável. Tinha passado toda a manhã selecionando seus pertences, fazendo pacotinhos um pouco mais reduzidos. A Carmela tem uma maleta de verdade e enfia tudo nela. Cestas, bolsas de plástico, ou simples sacolas que põem nos ombros sorridentes porque agora sim, vão partir, e os padres jovens também sorriem complacentes porque levam estas pobres anciãs a um lar que a misericórdia dispôs para elas, enquanto aqui se vai levantar o brilhante projeto do futuro: ginásios, torres, teatros, salas de aula, bibliotecas que atrairão a garotada para que não ande se perdendo nas ruas, é preciso demolir isto, não vai custar nada demoli-lo, é puro adobe ou tabique de barro, o futuro começará logo que as velhas saírem pela porta, contentes mas chorosas de emoção e nós também estamos emocionados. Padre Azócar pede silêncio outra vez.

— Vamos ver, Padre Silva...

— Sim, Padre.

— ... fique na porta e vá abrindo quando sair a asilada que eu chamar. As orfãzinhas primeiro. Vão no ônibus da doente, que passa no Orfanato antes de ir à Casa nova. O chofer já tem ordens. São cinco órfãs. Vamos ver: Eliana Riquelme.

— Presente.

— Verónica González.

— Presente.

— Mirella Santander.

— Presente.

— Eufrosina Matus.

— Presente.

— Iris Mateluna.

Ninguém respondeu.

— Iris Mateluna?

As velhas encolheram os ombros, levantaram as mãos, esticaram o lábio inferior como que dizendo não sei, não tenho ideia, não vão pôr a culpa em mim se é que pensam pôr culpa em alguém, eu não tenho nada que ver com o assunto se é que há algum assunto, e além disso é preciso saber quem era a Iris Mateluna, alguém devia dizer a verdade ao Padre Azócar. Rita adiantou-se:

— Padre.

— Sim?

— A Iris foi embora há uma semana.

— Como foi embora?

— É isso mesmo. Era teimosa, queria que visse...

— Não é questão de ser teimosa.

— Não, mas queria que visse como era má.

— Não, Rita, ficou má, antes não...

— Por que ficou má, Rita?

— Não sei, Padre, começou a se tornar exigente e tudo mais.

— Como, quando?

— Quando os senhores nos abandonaram.

— Sim, Padre, de noite saía à rua.

— E desapareceu.

— Meu Deus! Uma menina de 15 anos não pode desaparecer.

— Quase 16.

— Mas desapareceu.

O que vamos fazer, Padre, não é culpa nossa, não obedecia a ninguém e vivia louca por homens, umas vizinhas nos contaram que ficava na janela aberta do segundo andar a gritar para os homens que passavam e todo o bairro a conhecia por seus escândalos e a gente, de boba, era a última a saber, depois desapareceu, nós não temos culpa, os senhores nos deixaram abandonadas, famintas, a Iris pode ter sumido da Casa porque tinha fome e nós chamávamos o Arcebispo ao telefone e ao senhor mesmo, Padre Azócar, mas os

secretários respondiam sempre o mesmo, que esperássemos mais uns diazinhos e quando começou a correr o boato de que teríamos que ficar e morrer de fome aqui na Casa sem que os senhores se lembrassem de nós, então, de medo penso eu que seria, Iris Mateluna deve ter ido embora, assim que a Madre Benita voltar vamos dizer a ela que é o cúmulo que tenha permitido uma coisa assim, estou muito sentida com ela e não sei se tenho muita vontade de vê-la lá em cima...

— Onde?

— Não dizem que ela também estará no bairro alto?

— Sim, também.

Isso o Padre Azócar respondeu porque não sabia o que responder. Era melhor não tratar agora do problema da Iris Mateluna. Precisavam sair imediatamente da Casa. Depois isso se arranjaría. Apareceria logo. Logo se veria o que iam fazer com o seu desaparecimento, ou fuga, ou... o que fosse, sair, agora mesmo, se se demorassem um minuto mais neste recinto, as velhas criariam raízes aqui, se apoderariam outra vez da Casa sem permitir que a demolissem. Depois, o caso da Iris Mateluna. Era aquela mais gordinha, com um incisivo quebrado, lembrou de repente com medo, não, não, agora tinham que sair imediatamente não pensar no caso de Iris, que podia trazer problemas. Se trouxesse problemas, que fosse lá fora, com a Casa vazia.

— Estão tocando a campainha, Padre.

Iris! É a Iris Mateluna que volta agora para solucionar tudo, implorou o Padre Azócar.

— Abra, Padre Silva, por favor.

Não é a Iris. É um carregador, descalço, as calças arregaçadas acima dos tornozelos, levando uma abóbora descomunal, de casca dura, cinzenta, irregular como a de um animal pré-histórico. O carregador pergunta:

— Casa de Exercícios Espirituais da Encarnação da Chimba?

— É aqui...

Sem dizer mais nada, passou a toda corrida pelo caminho que as velhas abriram para que passasse o homem com aquela abóbora estupenda. Chegando ao claustro do pátio da portaria, deteve-se e perguntou:

— Onde as deixamos?

Dora respondeu:

— Aí mesmo, no corredor.

Depositou-a sobre as lajotas e voltou a toda corrida, mas no meio do caminho de velhas maravilhadas passou por outro carregador levando outra abóbora, que depositou junto à outra abóbora regressando a toda corrida e passando por outro homem carregado com outra abóbora que deixou e voltou correndo e passou por outro e por outro e por outros, todos correndo para encher o corredor do pátio da portaria com esse monte de armaduras prateadas, de irregularidades grotescas, sem que ninguém ousasse pronunciar uma só palavra ante esta invasão de seres de outra era geológica, passada ou futura, cujo número crescia incontrolável, como se estivessem reproduzindo-se obscenamente ali mesmo, no corredor, porque a uma velocidade irrefreável eram levados nos ombros de suados carregadores, eram dois os carregadores, não, três, não, cinco, não, dois que desciam abóboras e mais abóboras do caminhão atulhado de abóboras estacionado bem defronte dos veículos brancos: abóboras, olhe, quanta abóbora, que bom, vamos poder fazer guisado de ervilha agora que o verão vai começar, e picarones^[17] no inverno, pão de abóbora para a noite de São João, doce de abóbora é bom e os ensopados não têm gosto de nada sem abóbora, estas de casca cinzenta são as de melhor qualidade, opinou a María Benítez, apalpando-as, até que livrando-se de seu assombro, o Padre Azócar, com as listas na mão, apareceu à porta e gritou:

— O que é isto?

O carregador que passou junto a ele sussurrou:

— Abóboras.

— Sim, mas...

O motorista, que estava descarregando as abóboras sobre os ombros dos carregadores; respondeu-lhe:

— São da fazenda Trehuenque, da parte de Dona Raquel Ruiz. Faz mais de um ano que deu ordem para que trouxéssemos para a Casa o que sobrasse das colheitas e o administrador tinha esquecido, por isso mandou agora este caminhão com 500 abóboras.

— Quinhentas!

— Sim, das de exportação.

— Mas o que vou fazer com 500 abóboras?

— Ah, não sei, Padre. Isso é problema seu.

Quando o Padre Azócar entrou de novo na portaria descobriu que a ordem que tinha conseguido estabelecer se havia rompido: as

orfãzinhas desceram do ônibus e, misturadas com as velhas, revolteavam ao redor das abóboras, Eliana dançando em cima delas, outras montadas, galopa, galopa, galopa cavalinho, galopa, galopa, galopa, que a distância se encurta, se encurta... não podemos deixar estas abóboras aqui, temos que dizer ao Padre Azócar que queremos levar estas abóboras para bairro alto, são nossas, Dona Raquel, que é muito boa, que sempre cumpre suas promessas como no caso do funeral da Brígida, nos mandou esta esmola de 500 abóboras, vamos meninas, olhem a Mirella com a Verónica, soltem essa abóbora que é muito pesada, e os homens suados e ofegantes trazem mais e mais abóboras, as carcaças prateadas multiplicadas ao longo do corredor, as velhas cercadas por eles, quase que engatinhando para poder passar entre os monstros, agora, deixe isso, Mirella e as órfãs deixaram cair a abóbora que se partiu, mostrando o veludo ricamente alaranjado de suas vísceras que derramaram sementes unidas por ligamentos gosmentos à carne que os alojava dentro de seu vazio, porcaria de meninas que partiram essa abóbora, não sabem quanto está o quilo da abóbora agora que essa abóbora vai apodrecer, não joguem as sementes no pátio, sabes como são as abóboras que crescem onde cai a semente e no ano que vem isto vai ficar uma selva de talos e folhas que afundarão tudo e se meterão por toda parte, até nos quartos, e flores amarelas, sim, seria lindo ver tanta abóbora crescendo, bom, se é tão linda por que não levamos as sementes desta abóbora ao bairro alto e lá, não dizem que tem jardim, podemos semear a semente e colher muitas abóboras para cazuela e picarones açucarados, sim, Auristela, ponha sementes nos bolsos para levá-las ao bairro alto e semeá-las lá, quanta abóbora, meu Deus, e continuam descarregando mais e mais, parece que 500 abóboras são mais do que a gente pensa, não cabem mais no corredor, é que são muito grandes, de exportação, vou contá-las, sim, contemos enquanto o Padre Azócar discute furioso, no telefone, com Dona Raquel, claro, ele a está censurando porque mandou abóboras, claro, que se importa ele que a gente passe fome, olhe, por que algumas de nós não põe um par de abóboras nas carruagens enquanto ele discute no telefone, vamos ver se umas seis podemos, os motoristas as ajudam e conseguem enfiar uma abóbora num dos veículos brancos: os padrezinhos jovens gritam, tentam reordenar a fila dispersa, livrá-las do encantamento das cucurbitáceas rugosas como fetos de rinocerontes. Padre Azócar sai do telefone, dá quatro

gritos e as velhas voltam à portaria. Ordena que saiam em fila imediatamente, não, as listas não importam, que se acomodem como queiram nos ônibus, todas querem ir no mesmo porque o outro, dizem, o que leva Ernestina López e as orfãzinhas, vai passar em outro lugar primeiro e elas querem chegar logo, até que ordens e gritos dos quatro padres e do Padre Azócar conseguem descer algumas que estavam apinhadas com seus embrulhos no mesmo ônibus para reparti-las com mais razão. O padre passa chave à porta da Casa, finalmente, parece que isto não ficou muito fechado, mas não importa, quem vai entrar, para roubar o quê se não há mais que sujeira aí dentro, nem leilão vamos fazer, vamos esvaziá-la em dois dias e começar a demolição. Padre Azócar dá gorjeta aos carregadores e o caminhão vazio volta a Trehuenque. Os garotos do bairro, a dona do armazém da esquina com seu marido, a senhora que se penteava na janela, todos saem para se despedir das velhas, acomodadas e felizes em seus assentos: era melhor entreabrir uma janela, ouçam, faz um sol muito bonito e dizem que a calefação não é boa para os brônquios, na idade da gente é preciso ter cuidado, sobretudo quando não se está acostumada. Os veículos se põem em marcha. As velhas se despedem, agitando lenços e com lágrimas, dessas pessoas que lhes fazem sinais mas que jamais viram antes, e para consolar-se começam a cantar em coro:

— *Vinde e vamos todas
com flores à porfia,
com flores a Maria,
que é nossa Mãe.*

*De novo aqui nos tem,
dulcíssima donzela,
mais que a lua bela
prostradas a seus pés...*

JÁ NÃO HÁ NINGUÉM. Recuperei por inteiro minha lucidez. Meu pensamento se ordena outra vez e cai até o fundo de minha transparência de onde sua luz desentranha os últimos medos e ambiguidades enfunadas: sou este volume. Estou refugiado sob os estratos de sacos em que as velhas me enfiaram e por isso mesmo não preciso fazer pacotes, não preciso fazer nada, não sinto, não ouço, não vejo nada porque não existe nada além desse vazio que

ocupo. A juta, os nós malfeitos, os pontos de cordão arranham meu rosto. Tenho os buracos do nariz cheios de pelos, a garganta também. Meu corpo está encolhido pela força com que costuraram os sacos. Sei que esta é a única forma de existência, a ardência dos arranhões, a aflição das felpas, a dor do aperto, porque se houvesse outra forma de existência teria que ter também passado e futuro, e não me lembro do passado e não sei do futuro, alojado aqui no descanso venturoso do esquecimento porque me esqueci de tudo e tudo se esqueceu de mim. Meu único atributo é o de companheiro da solidão. Vigio-a para que nada perturbe o saco que me protege mais eficazmente que o adobe destes muros. Sim, lembro-me dos muros. Mas não me lembro de nada mais, e o futuro se prolongará só até o momento em que caiam. Falta pouco para que tudo isto termine como deve terminar: uma poeirada se levantará quando as fauces famintas das pás mecânicas perturbarem o repouso secular dos adobes que constroem o mundo, e depois, a violência das picaretas e das marretas esmagará a ousadia da terra que acreditou encarnar muros e labirintos, para devolvê-la a seu estado natural de terreno raso, composto, como todos os solos, de pedra, fragmentos de madeira, folhas e ramos que irão apodrecendo ou secando, de terra, algum pedaço de gesso pintado, um olho, a queixada de um dragão, trapos, papéis que se irão desintegrando, sacos onde poderia haver alguém dentro que gritasse não, salvem-me, não quero morrer, terror, estou fraco, imobilizado, inutilizado, sem sexo, sem nada, achatado, mas não gritarei porque não há outras formas de existência, estou a salvo aqui dentro disto de onde jamais saí, dono deste vazio que me aloja perfeitamente porque ele é meu dono. Dizem que há corredores efêmeros, pátios inúteis, galerias de longas perspectivas simuladas, objetos amontoados que ninguém lembra mais para que servem, manchas de podridão que pausadamente estendem suas paisagens pelos muros, o leve véu de pó que cai da madeira carcomida, quartos cheios desse silêncio que jamais ninguém interrompeu porque jamais houve ninguém, ainda que digam que houve e que pode haver ainda mas não creio, alguém que se agita em um canto lá fora, há alguém, há o lá fora, há outra tosse além da minha, mas tão apagada que talvez não seja tosse, há movimentos que eu já não tenho, são muito leves, como o que fazem as sombras ao se organizar e avançar sem passos porque não há pés que os deem, não é gato nem cachorro nem porco nem galinha nem morcego nem coelho o que ouço respirar a meu lado,

embora não possa ouvir, como é possível tossir tão fracamente apesar de não ser mais que uma estrutura de sombras que preciso ver, preciso, preciso e com a necessidade se instaura o terror, a necessidade de ver o rosto dessa sombra que respira e tosse tão perto, recuperar a vista e o exterior, mordo, mastigo o saco que tapa minha boca, roendo, roendo para conhecer as feições dessa sombra que existe fora, mastigo cordões, nós, remendos, amarras, rompo mas nunca o suficiente, outro saco, outro estrato que demorarei um século em conquistar e um milênio para transpassar, envelhecerei sem conhecer outra coisa além do gosto da juta na boca e sem fazer outra coisa senão roer este buraco úmido de baba, meus dentes se trincam mas tenho que continuar roendo porque há alguém fora me esperando para dizer meu nome, então quero ouvi-lo e masco e mordo e rasgo: masco, mordo, rasgo a última casca de saco para nascer ou morrer, mas não consigo nascer nem morrer porque há mãos que agarram o setor rasgado e com uma agulha grande para costurar sacos costuram o buraco por onde eu ia olhar e respirar, ar, ar fresco, ar como o de uma janela que não me deixavam abrir porque era imaginária, mas por esse buraco minha lembrança retrocedeu um instante até o ar dessa janela e fiquei encerrado aqui com a saudade desse ar e dessa janela e não posso, porque aqui não cabemos eu e minha saudade, só eu, porque essa saudade de ar falso torna intolerável o fustigar dos pelos no nariz e na garganta e o gosto repugnante da juta, outro buraco, minhas unhas escavam as capas geológicas dos sacos para encontrar saída, quebram-se as minhas unhas, meus dedos sangram, as pontas rasgadas, os nós avermelhados, outro saco e outro e mais outro, sim, agora, outro buraco, mas as mãos de fora dão volta no envoltório que sou e sem dizer palavra, porque não quer me revelar nada se as mãos são de alguém, voltam a costurar, ponto e mais ponto, costurando a ruptura para que eu não possa sair mais e quero sair para contemplar esse rosto e estico brutalmente um pé, com o calcanhar, com toda a força que tenho, abro outro buraco, mas as mãos verrugosas voltam a costurar com a prolixidade de que só são capazes essas mãos, pontos miúdos, muitos pontos em cruz cerzem ou bordam uma cicatriz sobre a trama do saco, não posso sair, não posso respirar sequer o ar simulado atrás da janela. Esperar. E durante séculos espero que se forme outra capa geológica com o detrito dos milhões de vidas que dizem que existem, para que sepulte de novo minha saudade. Meu espaço vai se reduzindo com

os remendos da velha que esteve costurando para que eu não saia, é uma velha que costura, senti a velhice de seus dedos manejando os sacos enquanto costurava, eu rasgo e mordo, e de novo costura e costura para reduzir meu espaço, essas mãos dão volta ao atado para ver se uma ruptura escapou a seus olhos remelentos e a encontra e a remenda cuidadosamente como se se tratasse de bordar iniciais sobre uma fazenda muito fina, não de costurar juta. Não restam orifícios: o pacote é pequeno e perfeito. Guarda sua agulha. De um canto da capela arrasta outro saco e põe dentro o novo envoltório, junto com um pacote de açúcar, vários pares de meias de lã, muitos papéis, erva, trapos, lixo. Com um grande esforço coloca o saco no ombro. Sai da capela, deambulando pelo deserto dos infinitos corredores simulados, pelos pátios cotidianos, deslizando lentamente junto a muros de escuridão ou de barro vedado, e à sua passagem tão leve e tão branda fogem aranhas, ratos, morcegos, cobaias que não fazem ruído, traças lentas e moles, pombas velhíssimas que ninguém jogou na panela... lenta, ao fim de anos ou séculos consegue chegar ao pátio da portaria e abre passagem pela selva de ramos e folhas de abóbora que devoram o claustro, que caem em cascatas, amplas folhas horizontais, talos verdes e novos cheios de suco, flores amarelas erguidas, a frondosidade por onde ela abre caminho volta a se fechar sobre suas pegadas, as pegadas que puderam ou não permanecer entre as folhas e estacas que filtram a luz do sol e da lua, a porta, tira a chave de sempre e abre, o portão, também o abre e sai à noite com o saco às costas, arrastando chinelas, encurvada perto dos muros como se não quisesse desprender-se da proteção das sombras, cruza becos, anda quadras e quadras lentamente, detém-se lamurienta a mendigar, recebe a moeda, enfia-a em uma prega de sua saia, segue caminho, cruza as avenidas iluminadas, adentra-se no parque, pela alameda de plátanos sem folha até chegar à ponte de ferro. Ela sabe fazê-lo apesar dos anos: fez tantas vezes, desde pequena, com os outros meninos criados à beira do rio: desce como uma menina pelos ferros e cai com o saco. Estão debaixo da ponte, junto ao fogo. Avança. Senta-se no chão, dentro da roda de claridade. Há poucos, nesta noite. A chama deforma os rostos, logo se acalma e todos se aproximam mais das brasas que restam e que já começaram a embranquecer. Ela diz:

— O fogo não está bom.

Enfia a mão na bolsa, tira papéis e gravetos para avivar o fogo.

Inclina-se sobre a bolsa. Uma cachorra magricela e suja chega-se para que ela a acaricie. Deita-se a seu lado. Ninguém fala. Em cima, os galhos secos dos plátanos são uma radiografia contra a lividez elétrica do céu da cidade. A velha toma mate em uma cuia com asa de arame, preta de tanto estar no fogo. Enfia a mão na bolsa outra vez, tira um pedaço de marraqueta^[18], oferece, alguém aceita enquanto ela se queixa:

— O fogo está ruim esta noite.

— Horrível.

A velha volta a escavar na bolsa, tira mais papéis e gravetos e os joga na chama, que momentaneamente cresce. Mas dura pouco. Alguém diz que vá procurar refúgio em outra parte porque a noite vai ser brava, sim, muito brava, e vários se vão. O fogo de papéis e gravetos dura pouco. Adeus, não vem conosco, a noite está ruim aqui debaixo da ponte, não, eu fico, estou cansada, e eles vão sem se despedir e a deixam só. Tosse, se embuça no xale. Aproxima-se mais do rescaldo porque o vento está crescendo e a cachorra também vai embora. Chama-a:

— Psssttt, psssttt...

Mas a cachorra não volta. A velha se põe em pé, agarra o saco e, abrindo-o, sacode-o sobre o fogo, esvazia-o nas chamas, gravetos, papelão, meias, trapos, jornais, papéis, porcarias, o que importa que seja contanto que a chama se avive um pouco para não sentir frio, que importa o cheiro a chamuscado, a panos queimando-se com dificuldade, a papéis. O vento dispersa a fumaça e os cheiros e a velha se encolhe sobre as pedras para dormir. O fogo arde um pouco junto à figura abandonada como se fosse um outro pacote de farrapos, logo começa a se apagar, o rescaldo a se atenuar, até que se esgota, cobrindo-se de uma cinza muito leve que o vento dispersa. Em alguns minutos não há mais nada sob a ponte. Só a mancha negra que o fogo deixou nas pedras e uma cuia enegrecida com asa de arame. O vento derruba-a, ela rola pelas pedras e cai no rio.

Santa Ana e Los Dominicos, Chile, 1962-1963.

Pollença, Mallorca, 1968.

Juenga, Santander, 1969.

Vallvidrera, Barcelona, 1969.

JOSÉ DONOSO nasceu em Santiago do Chile em 1924, numa família de médicos e advogados. Estudou na Universidade do Chile e em Princeton. Foi professor de literatura inglesa na Universidade Católica do Chile, redator da revista *Ercilla* durante quatro anos e dois anos professor no Writers' Workshop da Universidade de Iowa. Lecionou ainda nas Universidades de Princeton e Dartmouth. Obteve por duas vezes a bolsa Guggenheim. Reside na Espanha desde 1967.

[1] *Polissoir*, polidor de unhas. O autor emprega, a partir desta palavra, inúmeras expressões e até frases em francês e inglês, apenas grifando-as. (N. do T.)

[2] Roosevelt, ex-presidente dos Estados Unidos, e seu Scotch Terrier, Fala, que era visto e fotografado sempre deitado a seus pés. (N. do T.)

[3] Cacique, pessoa importante em antigos povoados de Espanha e América; chefe. (N. do T.)

[4] Maule, Rio da região central do Chile; desce dos Andes para o Pacífico e forma uma das principais bacias do País. (N. do T.)

[5] Paico, o mesmo que pazote, planta cheirosa da família das quenopodiáceas com a qual se faz chá, e que nasce espontaneamente. (N. do T.)

[6] Aji, pimentão da Índia, molho picante feito à base desse pimentão. (N. do T.)

[7] Loica, pássaro chileno, cinza-escuro, manchado de branco, com exceção da garganta e peito, que são vermelhos. Doméstico, de canto doce e melodioso. (N. do T.)

[8] Queltehues, ave pernalta do Chile que habita campos úmidos e pode ser domesticada. (N. do T.)

[9] Milodonte, Paleont. Gênero de desdentados fósseis, família dos gravígrados. (N. do T.)

[10] Atacamenhas, de *atacameña*, de Atacama, grande deserto da antiga costa da Bolívia, conquistado pelo Chile em 1870. (N. do T.)

[11] Teatinas — erva da família das leguminosas; planta gramínea, espécie de aveia, com cuja palha se faz chapéus no Chile. (N. do T.)

[12] Canto, pedra. (N. do T.)

[13] Hotel Crillon, tradicional hotel de Santiago do Chile, localizado na Rua Agostinas. (N. do T.)

[14] Fiat, ações da fábrica Fiat de automóveis e equipamento pesado. (N. do T.)

[15] Queltehue, pássaro pernalta que vive à beira dos lagos. (N. do T.)

[16] Pantruca, massa de farinha e ovos, cozida aos pedacinhos na sopa ou canja. (N. do T.)

[17] Picarones, bolinhos fritos com abóbora, farinha e açúcar. (N. do T.)

[18] Marraqueta, certo tipo de pão chileno. (N. do T.)

Digitalização e revisão
Virgínia Vendramini